

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Literários

Sara Meynard Begname

**Os anos de formação de Drummond e a experiência de uma modernidade
periférica**

Belo Horizonte

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Literários

Sara Meynard Begname

**Os anos de formação de Drummond e a experiência de uma modernidade
periférica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Alcides Pereira do Amaral

Belo Horizonte

2023

A553.Yb-a Begname, Sara Meynard.
Os anos de formação de Drummond e a experiência de uma modernidade periférica [manuscrito] / Sara Meynard Begname. – 2023.
1 recurso online (480 f. : il., fots., tabs. (algumas color.)) : pdf.

Orientador: Sérgio Alcides Pereira do Amaral.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 178-195.

Anexos: f. 196-480.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Poesia brasileira – História e crítica – Teses. 3. Modernismo (Literatura) – Minas Gerais – Teses. 4. Melancolia na literatura – Teses. I. Alcides, Sérgio, 1967-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.33



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *Os anos de formação de Drummond e a experiência de uma modernidade periférica*, de autoria da Mestranda SARA MEYNARD BEGNAME, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Sérgio Alcides Pereira do Amaral - FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dr. Daniel Reizinger Bonomo - FALE/UFMG

Prof. Dr. Eucanaã de Nazareno Ferraz - UFRJ

Belo Horizonte, 14 de julho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Reizinger Bonomo, Professor do Magistério Superior**, em 19/07/2023, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sergio Alcides Pereira do Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 19/07/2023, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Rogerio Cordeiro Fernandes, Professor do Magistério Superior**, em 23/07/2023, às 06:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes, Coordenador(a)**, em 10/08/2023, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2420223** e o código CRC **344AA0B2**.

*A meu pai,
um dos muitos Josés que fazem este Brasil.*

AGRADECIMENTOS

Das pessoas diretamente envolvidas neste trabalho, agradeço primeiramente a Sérgio Alcides, pelo que com ele aprendi nas aulas, nesta orientação e especialmente nas leituras de poesia, este modo de atenção a que sempre nos convidou. O agradecimento se estende a outros professores presentes nestas páginas e em minha formação: Ana Maria Chiarini, Daniel Bonomo, Eduardo Sterzi, Marcos Rogério Cordeiro, Maria Cecília Boechat, Maria Zilda Cury, Matheus Trevizam, Roberto Said, Silvana Pessoa e Vera Casa Nova. Também a Antonio Orlando e Fabrício Palla, pelo atendimento atencioso do Pós-Lit, e a Rosaly Senra, por todo o incentivo na UFMG.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de pesquisa.

À equipe do Arquivo Público e da Hemeroteca Histórica de Minas Gerais, especialmente a Renan; à da Associação Comercial de Juiz de Fora e à do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, especialmente a Bete, pela cuidadosa recepção, imprescindível à elaboração deste trabalho.

A meus pais, José, Maura e Lisette, por terem sempre incentivado a leitura, a escrita e a criatividade.

A João Begnami, pela carta enviada a meu pai, que o levou a conhecer a universidade pública e me permitiu, por extensão, chegar aqui; e, junto a Nalva, Gabriel e Débora Begnami, pela acolhida em Belo Horizonte.

À família estendida, Márcio Rimet e Rômulo Avelar, pelo carinho.

A Érica do Espírito Santo, pela escuta cuidadosa.

À leitura atenta e à amizade infinda de Olga Penna e Juan Silveira.

A Daniella Milagres, por ter me ensinado sobre o amor.

Aos amigos conquistados nos anos de formação: Fernanda Teixeira, Filipe de Freitas, Marina Mattos, Iara Magalhães, Joana Andrade, Laura Gabino, Luan Oliveira, Ludmilla Luchini, Helena Reis, Paola Resende, Thais Duarte e especialmente Nathalia Valentini, pelo apoio na etapa final deste trabalho.

Aos meus, com amor: Ana Luísa Câmara, Ana Carolina Bicalho, Bruna Botelho, Dayane Barretos, Walmir Gois, Janaína Oliveira, Lorena Justino, Michelle Campos, Mayra Marques e Ricardo Alves.

A todos os alunos das disciplinas ministradas na graduação e também àqueles que diariamente me ensinam na educação básica.

A Juliana Andrade, que tem enchido minha vida de beleza e esperança.

Por fim, à memória de Marcio Mattos, sempre comigo.

RESUMO

Esta dissertação propõe uma análise da produção literária de Carlos Drummond de Andrade durante a década de 1920 a fim de investigar o processo formativo do escritor antes da publicação de seu primeiro livro, *Alguma poesia* (1930). A partir de um cotejo entre crítica literária, crônica, poesia e epistolografia, busca-se compreender as principais inquietações enfrentadas pelo escritor, que empreendeu esforços para se inserir na cena pública, tendo publicado numerosos textos em jornais e revistas do período. Diante da difícil realidade da tradição literária no Brasil, nota-se que Drummond elaborou uma saída crítica ao problema da formulação de uma literatura nacional, que, longe de ser uma adesão às ideias em voga, evidencia uma especificidade de sua obra e do modernismo em Minas Gerais. Os textos do período, tomados em conjunto, revelam que a formulação de uma *persona* poética, assim como da primeira obra, foi um processo não-linear, marcado por rupturas e continuidades. Nessa poética, investiga-se como a melancolia está na constituição ambígua do sujeito moderno que se formula diante de um processo profundamente contraditório de modernização, posto como centro de sua própria história pessoal, à qual o sujeito se volta de forma muitas vezes corrosiva.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; melancolia; modernismo mineiro; poesia moderna.

ABSTRACT

This master's thesis aims to analyze the literary production of Carlos Drummond de Andrade during the 1920s to investigate the formative process of the writer before the publication of his first book, *Alguma poesia* (1930). Through a comparison between literary criticism, chronicle, poetry and epistolography, the goal is to understand the main concerns confronted by the writer, who made efforts to establish himself in the public sphere by publishing numerous texts in newspapers and magazines of the period. Confronted with the difficult reality of literary tradition in Brazil, it is noteworthy that Drummond elaborated a critical solution to the challenge of formulating a national literature, which, far from conforming to the ideas in vogue, highlights a specificity of his work and of modernism in Minas Gerais. The texts from that period, when examined collectively, reveal that the development of a poetic persona, as well as the first work, was a non-linear process characterized by ruptures and continuities. In this poetics, the investigation focuses on how melancholy resides within the ambiguous constitution of the modern subject, which is formulated in the face of a profoundly contradictory process of modernization, placed as the center of its own personal history, to which the subject turns in an often corrosive way.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade; melancholy; mineiro modernism; modern poetry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pensamentos no bonde, <i>Diário de Minas</i> , Belo Horizonte, 20 de out. de 1924. ...	110
Figura 2 – <i>Os 25 poemas da triste alegria</i> – Prefácio (Cosac Naify, 2012)	158
Figura 3 – <i>Diário de Minas</i> , Belo Horizonte, 20 de mar. de 1927.....	170

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: NAÇÃO E TRADIÇÃO	22
1.1 Primeira crítica.....	22
1.2 Tradição revista.....	69
CAPÍTULO 2: MELANCOLIA	81
2.1 Metáforas do lugar	81
2.2 Passagens de bonde.....	103
2.3 Sertão melancólico.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS	177
ANEXOS	195
Transcrição do caderno <i>Minha terra tem palmeiras</i>	196
Tabela de anexos – periódicos.....	305
Publicações <i>Diário de Minas</i>	310
Publicações em <i>Novela mineira</i>	461
Publicação na <i>Revista Raça</i>	471
Publicações em <i>Gazeta Comercial</i>	472

INTRODUÇÃO

Primeiros escritos

Quando se começa a analisar a carreira de Carlos Drummond de Andrade como escritor, é usual que a publicação de *Alguma poesia*, em 1930, seja tomada como o marco inicial de sua obra. Esse movimento crítico se relaciona à tendência de ler o escritor *em livro*, ou seja, considerar sua obra completa como o conjunto de seus livros publicados – no caso de Drummond, especialmente os de poesia e crônica. De fato, a publicação de um livro de poesia era parte importante do processo de afirmação de um poeta (e ainda é, embora tenha de se considerar o impacto gerado pela internet nos modos de leitura, criação e recepção de uma obra). Apesar da relevância do livro, é certo que, no início do século XX, especialmente em Minas Gerais, as condições de produção e de circulação desse objeto eram precárias; afinal, apesar de Belo Horizonte ter certos meios para a vida intelectual, como a Imprensa Oficial, a sede da Academia de Letras e várias escolas superiores que atraíam jovens do interior do estado para a capital, havia um círculo ainda reduzido de leitores e os custos de editoração eram altos. Em cartas a Mário de Andrade, Drummond ironizou, mais de uma vez, o meio literário belo-horizontino:

Fui também à Livraria Alves (rua da Bahia, 1055), onde me informaram que seu livro poderá ser-lhe remetido em consignação, ganhando a casa 20%. Mande só dez exemplares; vendidos, a livraria (que é a maior de Minas) pedirá mais. (Não imagina como é o nosso divertido comércio de livros e o nosso divertidíssimo meio literário!).¹

A Livraria Alves era o principal local de acesso à literatura estrangeira, sobretudo francesa, por Drummond e outros escritores mineiros que foram seus contemporâneos, como descreve Arthur Versiani Veloso em “Os caixotes da Alves”:

Lá estavam, na hora do certa, o Capanema, o Gabriel Passos, o Francisco Negrão, o Casassanta, o Abgar Renault, o Carlos Drummond, o Emílio Moura, o Ciro dos Anjos, o Flavinho de Melo Santos, o Guilhermino César, o João Alphonsus, o Teixeira, o Martins de Almeida, o Luís Camilo, o Xico Magalhães e o atual governador [Milton Campos]. Eram os tais que abriam os enormes caixotes de livros que vinham da França.²

¹ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade, 6 de fev. de 1925. Cf. SANTIAGO, Silviano (Org.). *Carlos & Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002, p. 94.

² VELOSO, Arthur Versiani. “Os caixotes da Alves”. Revista *Panorama* (Belo Horizonte), n. 6, fevereiro-março de 1948.

Na seção “Imagens mineiras”, do *Correio da Manhã*, CDA dedica uma crônica à memória do fundador da Livraria Alves, Francisco Alves de Oliveira. Com o título de “O velho Alves”, descreve a Livraria como o centro da vida cotidiana dos escritores mineiros:

Grande editora de livros escolares, e grande fornecedora do estado, a livraria, contudo, podia permitir-se o luxo de cultivar um jardim de infância de que saíam prosadores, poetas, governadores e ministros. Iam à cata de novidades francesas, porque francês era o meridiano na época, e tinham o privilégio de assistir à abertura de certos caixotes de novidades, de onde as edições Calmann Lévy, Plon, Grasset e N.R.F. saltavam ainda recendendo esse cheiro misto de papel novo e tinta de impressão, que todo escritor conserva no fundo da memória sensorial.³

Alguma poesia, o livro de estreia de Drummond, acaba sendo publicado apenas em 1930 pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, com uma modesta tiragem de 500 exemplares, em edição não comercial. Houve um acordo de parcelamento do valor, já que Drummond era, à época, redator do jornal *Minas Gerais*, o que lhe possibilitou driblar sua “terrível e incurável incapacidade de agir”, como se refere à própria demora para concretizar o primeiro livro em carta direcionada a Mário de Andrade – a quem a obra é dedicada:

Eis aí, Mário amigo, a história da impressão de minha obrinha primeira. Ela aí vai. [...] A sensação que experimento, ao ver esse livro concluído, é de alívio. Sim senhor! Que coisinha difícil de parir. Sinto que me libertei de alguma coisa incômoda, que me aporinhava silenciosamente. Estou purgado de dez anos de lirismo desenfreado. Agora posso fazer outra coisa ou não fazer coisa nenhuma; de qualquer maneira, sou um cidadão impresso.⁴

Como se nota no trecho, a publicação de um livro é de relevância para a afirmação de um cidadão como escritor em seu meio. Por outro lado, a carta também esclarece como a obra de Drummond não se iniciou com essa primeira publicação, mas envolveu um trabalho poético intenso durante os “dez anos de lirismo desenfreado”. A passagem dá título a uma pesquisa desenvolvida por Thaís de Castro em 2004⁵, na Universidade Federal de Minas Gerais, que localizou um corpus notável de 149 poemas espaçadamente publicados em jornais e revistas entre 1918 e 1930, ou mesmo nunca publicados, encontrados em arquivos da Fundação Casa Rui Barbosa, Biblioteca Nacional Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e Arquivo Público Mineiro.

³ ANDRADE, Carlos Drummond. “Imagens Mineiras”, *Correio da Manhã*, 11 de agosto de 1954, p. 4.

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond. Carta a Mário de Andrade, 27 de abr. de 1930. Cf. SANTIAGO, Silvano., *Op. cit.*, p. 368-369.

⁵ CASTRO, Thaís Isabel. *Dez anos de lirismo desenfreado: poesia inédita de Carlos Drummond de Andrade nos anos 20*. 2004. 278 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

Por muito tempo, as interpretações críticas sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade começaram por seu primeiro livro. Disso resultou uma tese de que Drummond, ao contrário de outros poetas de sua época, como Manuel Bandeira e Mário de Andrade, já teria encontrado “estabilizada a revolução” do Modernismo⁶, sem que tivesse de lidar com dilemas e tensões próprias do período. Uma grave consequência dessa ideia é o ofuscamento de uma produção crítica e literária juvenil muito reveladora, que pode iluminar a compreensão sobre a obra do poeta e também sobre o modernismo mineiro.

Especialmente a partir dos anos 1980, ganha força uma linha de pesquisa que tende a investigar as publicações anteriores a *Alguma Poesia*, a qual será responsável por evidenciar um intenso trabalho do poeta já nos anos 1920. A *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade (1918-1930)*, de Fernando Py, foi um estudo pioneiro por registrar essa intensa atividade literária, que se deu em variadas frentes – poesia, crônica e, inclusive, crítica literária. Mais tarde, em 2002, Py lançaria a mais abrangente *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade (1918-1934)*. Essa produção veio a público em periódicos de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, principalmente, mas também de São Paulo, o que mostra como Drummond estava inserido em uma articulação com diferentes intelectuais, ainda que a cena literária brasileira (e especialmente a mineira), àquela época, lhe impusesse inúmeras restrições.

Em 1981, John Gledson publica *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*; o capítulo de abertura é um estudo original sobre o desenvolvimento intelectual de Drummond durante os anos 1920. Dessa mesma década de 1980, data *A lição do amigo* (1982), que trouxe a público as cartas enviadas por Mário de Andrade a Drummond. A correspondência, embora ainda unilateral nesta edição, também contribuiu para uma ampliação da compreensão da obra de Drummond. Nessas cartas, trocadas a partir de 1924, encontramos não apenas o debate de ideias acerca da produção literária dos escritores, mas a circulação de manuscritos e de publicações modernistas, a menção a projetos de publicação e, como fica evidente, a articulação dos poetas na atividade literária que a muito custo se realiza.

De lá pra cá, outros livros apontaram para o trabalho de Drummond nos anos 1920. Um dos mais importantes foi a publicação da correspondência completa com o escritor Mário de Andrade, *Carlos & Mário* (2002), em que o leitor pôde ter acesso também às cartas enviadas por Drummond a Mário. Outra fonte preciosa foi o *Inventário do Arquivo de Carlos Drummond de Andrade* (2002). Ainda sobre esse primeiríssimo Drummond, as pesquisas de Maria Zilda

⁶ MARTINS *apud* TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. São Paulo: Editora José Olympio, 2022, p. 270.

Cury, *Horizontes modernistas: O jovem Drummond em seu grupo em papel jornal* (1998), e de Roberto Said (2007), *Quase biografia: poesia e pensamento em Drummond* (2007), foram fundamentais para a reflexão sobre a poesia e a crônica drummondiana e sobre a relação da produção literária com o contexto de Belo Horizonte. Outro importante norteador deste trabalho foi o mais recente *Cenas de um modernismo de província* (2012), de Ivan Marques.

Nossa pesquisa às fontes primárias evidenciou um constante trabalho literário de Drummond, para o qual o jornal foi o principal suporte de produção e veiculação. O “estudo lento”⁷ da atividade jornalística foi um caminho indispensável para compreensão do processo formativo de Drummond, dando a ver marcas de seu aperfeiçoamento, além de auxiliar na compreensão de seu tempo. Para esta dissertação, que procurou investigar esses textos produzidos nos anos 1920 por Drummond, as principais fontes foram os arquivos encontrados na *Associação Comercial e Empresarial de Juiz de Fora*, no Arquivo Público Mineiro, na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, no Arquivo do Instituto dos Estudos Brasileiros da USP e no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa.

A estreia tipográfica de Drummond ocorreu em 14 de abril de 1918, com a publicação de “Vida Nova”, que comentava o início do ano letivo no *Aurora Colegial*, órgão dos alunos do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, onde Drummond estudou até 1919, quando foi expulso sob a justificativa de “insubordinação mental”⁸. Ainda em 1918, foram publicados os textos “Maio”⁹ e “O Centenário” (nº 187, 7/6/1918) e, em 1919, seus textos foram selecionados para praticamente todos os números da revista mensal: “História do pinto pelado” (nº 195, 25/5/1919), “Extraordinária visita”, (nº 196, 10/6/1919), “Uma noite na Senegâmbia” (nº 199, 31/7/1919), “Uma data” (nº 200, 17/8/1919), “X é um rapaz” (nº 201, 31/8/1919), “Primavera” (nº 202, 18/9/1919), “Calor, exames e o nariz de Cleópatra” (nº 203, 30/9/1919) e “Conversa fiada” (nº 204, 19/10/1919).

Essas publicações foram, mais tarde, alvo de queixa do autor, que relembra as intervenções feitas em seus escritos:

Desde antes de Homero
a aurora de dedos róseos
pousava todas as manhãs

⁷ A expressão é de Maria Zilda Cury. Cf. CURY, Maria Zilda. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

⁸ WERNECK, Humberto. *Op. cit.*, 1992, p. 13.

⁹ “É Outono. As folhas vão caindo, sacudidas pelo vento frio das tardes cinzentas. À beira dos lagos amortecidos, as cegonhas, imersas na tristeza profunda do ambiente, cismadoramente ficam a remirar-se no vasto espelho das águas” (ANDRADE, Carlos Drummond. “Maio”, *Aurora Colegial*, 30 de abr. de 1918).

por obrigação.
 Não assim tão róseos.
 Nossa aurora particular baixa num vapor
 de frio do alto da serra, e mal nos vemos,
 errantes, no recreio, em meio a rolos
 de névoa.
 Outra aurora eu namoro: a *Colegial*.
 Quatro páginas. Quinzenal. 300 réis.

“Periódico da Divisão dos Maiores”.
 Quero escrever, quero emitir clarões
 de astro-rei literário em suas edições.
 Dão-me, que esplendor, primeira página,
 primeira, soberbíssima coluna.
 É a glória, entre muros, mas a glória.
 Contemplo, extasiado,
 o meu próprio talento em letras públicas.
 Ler? Não leio não.
 Quero é sentir meu nome, com a notinha:
 “Aluno do segundo colegial”.

Já são quatro da tarde.
 Até agora ninguém
 veio gabar-me a nobre criação.
 Ninguém gastou 300 réis para me ler?
 Será que meu escrito
 não é lá uma peça tão sublime?
 Decido-me a encará-lo mais a fundo.
 Vou me ler a mim mesmo. Decepção.
 O padre-redator introduziu
 certas mimosas flores estilísticas
 no meu jardim de verbos e adjetivos.
 Aquilo não é meu. Antes assim,
 ninguém me admirar.¹⁰

A referência a essas primeiras publicações, feita bem mais tarde, em *Contos de Aprendiz* (1951) e em *Boitempo* (1979), em textos que se propõem a retomar o início da carreira do escritor, é significativa, porque o próprio poeta inclui as páginas do jornal escolar no amplo arco que compreende sua carreira. Nos versos de “Estreia literária”, a referência à aurora de Homero não é gratuita, mas contrasta com as neblinosas manhãs frias da região serrana do Rio, que, bem diferentes do rosado homérico, são o contexto do início não apenas do dia, mas da própria carreira drummondiana. No poema, vemos a preocupação do jovem enquanto poeta: o ânimo de testemunhar a obra tornar-se pública e a vaidade que isso suscita, o desejo por leitores, a decepção pela perda de autoridade sobre o próprio escrito (alterado) e pela falta de público. É curioso como Drummond ironiza uma determinada imagem do poeta, como alguém que se pretende sublime e público: “Quero é sentir meu nome, com a notinha”, “nobre criação”,

¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. “Estreia literária”, *Boitempo*. In: *Carlos Drummond de Andrade: Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 1101.

“esplendor”, “soberbíssima”. O alvo da ironia feita pelo poeta já maduro é ele mesmo quando jovem, em um movimento que desmonta qualquer expectativa alta acerca da “estreia literária” de um poeta de seu alcance, malfadada pelos muros e pelo padre-relator.

As intervenções do padre são também descritas em “Um escritor nasce e morre”, de *Contos de aprendiz* (1951): “No internato, fui redator da *Aurora Ginásial*, onde um padre introduziu criminosamente, em minha descrição da primavera, a expressão ‘tímidas cecéns’, que me indignou”¹¹. No conto, escrito em primeira pessoa em uma clara intenção autobiográfica, Drummond descreve seu nascimento como sendo a gênese do próprio escritor, que, antes “analfabeto e desprezioso”¹², tem um pequeno texto reconhecido pela professora e pelos pais, o que lhe dá incentivo ao início do ofício.

Em maio de 1918, seria publicado, ainda, o texto “Onda”, em jornal de única edição, criado pelo poeta itabirano Astolfo Franklin e por Altivo Drummond de Andrade, irmão de CDA, que fez a publicação por iniciativa própria. Isso torna mais curioso o fato de o poema ter sido posteriormente publicado três vezes, todas no mesmo ano, por Carlos Drummond de Andrade: na *Revista Mineira*, em fevereiro de 1923; na *Para todos*, em 24 de março de 1923; e no *Diário de Minas*, em 5 de maio de 1923. No caso dessas últimas, os poemas são idênticos, mudando apenas a assinatura: “C.” na publicação carioca e “Carlos Drummond” na mineira. Segundo Py¹³, a reprodução do texto em *Revista Mineira*, que não conseguimos encontrar em arquivo, apresenta alterações significativas em relação ao texto de 1918, além de ter sido republicada junto com os poemas em prosa “Música”, “Bem-aventurados” e “Mãos”, em um dos primeiros projetos de livro de CDA, intitulado “Teia de Aranha”. Todos esses textos foram reproduzidos separadamente, também em maio de 1923, no *Diário de Minas*, quando o escritor já escrevia com frequência para o periódico.

Essa é uma das várias e curiosas republicações realizadas por Drummond no período, que, a despeito de um argumento pautado na ideia de maturação e progresso do escritor, mostra como as experimentações de CDA na década de 1920 não conduzem a uma linearidade evolutiva. Ao focalizar o percurso formativo do início da carreira de Drummond, quando o jovem estudante testava estratégias para se afirmar como escritor, vemos um processo

¹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de [1951]. “Um escritor nasce e morre”. In: *Contos de aprendiz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 119.

¹² *Ibidem*, p. 118.

¹³ PY, Fernando. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade - 1918-1934*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002, p. 20-21.

descontínuo, marcado por idas e vindas de uma “obra-em-processo”¹⁴, contradições teóricas e, sobretudo, uma busca pela experiência da escrita. Se, para a crítica dominante, sua carreira começou pela publicação de textos penumbristas e imaturos, o estudo das fontes primárias não demonstra uma gradação de etapas. Um poema subversivo como “No meio do caminho”, por exemplo, foi escrito ainda em 1924, apesar de ter sido publicado apenas em 1928, na *Revista de Antropofagia*; “Igreja” e “Coração numeroso”, que também representam importantes rupturas em relação tanto à linguagem quanto à temática abordada, foram publicados ainda em 1925. Esses poemas foram escolhidos para *Alguma poesia*, embora outros que também apresentam inovações importantes, como “Nacionalismo” e “Raízes e caramujos”, não apareceram no livro de 1930. Ao mesmo tempo que esses textos saíam, continuavam a ser publicados poemas e prosa e aforismos típicos dos primeiros anos da atividade literária de Drummond, especialmente na revista *Para todos*, na qual eram impressos ao lado de propagandas de xaropes e elixires. Nesses textos, percebe-se clara influência de Anatole France, escritor visto, naquele momento, como um passadista a ser superado. Outro exemplo disso é uma série de poemas encontrados em 2015 por Mayra Fontebasso, uma pesquisadora da UFSCar, publicados na revista *Raça* em junho de 1929. Intitulados como “Poemas perdidos”¹⁵, parecem poemas que foram escritos no início da década, mas, de toda forma, foram publicados sob assinatura de Carlos Drummond em um período muito próximo a *Alguma poesia*.

No *Aurora Colegial* seriam publicados ainda outros textos, em prosa e em verso. Alguns deles revelam referências essenciais ao processo formativo do escritor e que seriam importantes para seu trabalho até o fim da vida, como Edgar Allan Poe¹⁶ e Machado de Assis¹⁷.

Se formos além da simples classificação dos textos desse período como penumbristas ou não, é possível notar dilemas e experimentações que serão importantes para a obra do escritor, considerada em uma totalidade, que envolve diferentes gêneros e oferece múltiplas facetas. Há quem, por exemplo, classifique a estreia do poeta mineiro como “tardia”. É importante, no entanto, notar que o lançamento de *Alguma poesia* (1930), ao contrário da despreensão que o título do livro possa sugerir, foi precedido de um intenso trabalho poético, o que foi notado por Manuel Bandeira:

¹⁴ A expressão é de Haroldo de Campos. Cf. CAMPOS, Haroldo de. “Drummond, mestre de coisas”. In: *Metalinguagem & outras metas*, 2006, p. 501.

¹⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Poemas perdidos”. *Revista Raça*, São Carlos, n. 13, jun. de 1929, p. 32.

¹⁶ “Extraordinária visita” (*Aurora Colegial*, Nova Friburgo, ano XV, nº 195, 25-5-1919) é uma adaptação em prosa do poema “The raven” (“O corvo”), de Edgar Allan Poe. Cf. PY, 2002, p. 20.

¹⁷ “Conversa Fiada” (*Aurora Colegial*, Nova Friburgo, ano XV, nº 204, 19-10-1919). Cf. PY, 2002, p. 21.

Alguma poesia. O título assim à primeira vista parecerá modesto. Não é modesto nem imodesto. É justo, é preciso como toda a coleção de poemas que ele capeia. A poesia inunda a vida inteira de Carlos Drummond de Andrade, não só a daquele momento da página 83. Só é verdadeiramente grande o poeta que não pode pôr toda a poesia nos seus poemas. A gente sente que ele está dando ‘alguma poesia’, a que a outra, a restante, a que ficou dentro dele comunica não sei que entranhas e profundas ressonâncias.¹⁸

Esse intenso trabalho pode ser notado pela participação expressiva de Drummond na imprensa, especialmente no *Diário de Minas*, como pontuou Maria Zilda Cury (1998), com poemas, crônicas e textos, inclusive, de crítica literária, além de publicações em revistas modernistas, como *A Revista*, *Estética*, *Terra roxa e outras terras*, *Verde* e *Revista de Antropofagia*. Assim, em oposição à tese de que Drummond já encontrou “estabilizada a revolução” do Modernismo¹⁹, esta pesquisa procura defender que os anos vinte foram, para o poeta, um importante período de formação, sobre o qual este trabalho se debruçou.

Em pesquisa relativamente recente, Thaís de Castro (2004) revelou mais de 100 poemas publicados por Drummond na década de 1920. Constam também ensaios de livros que não vieram a público: *Cabra cega*, *Teia de aranha*, *Preguiça*, *Piripau* e *Minha terra tem palmeiras*, este disponível no Instituto de Estudos Brasileiros da USP e comentado por Mário de Andrade em carta enviada a Drummond²⁰. Integram este caderno, ainda, *Os 25 poemas da triste alegria* – editado em fac-símile pela Cosac Naify apenas em 2012 e também comentado por Mário de Andrade – livro sobre o qual ainda há pouco debate crítico, muitas vezes ligado à questão do penumbrismo²¹. Embora seja muito relevante a tendência penumbrista das primeiras publicações de Drummond, esta pesquisa procura enfatizar o modo como alguns aspectos formais e temáticos muito explícitos em *Alguma poesia* (1930) já estão presentes em publicações e esboços anteriores, análise ainda pouco explorada, mas que dá pistas sobre o processo de amadurecimento do projeto poético drummondiano junto à construção de uma subjetividade de dicção melancólica muito própria.

¹⁸ “Alguma poesia: Carlos Drummond de Andrade” foi publicado em 24 de maio de 1930 no *Diário Nacional* e reproduzido em *Crônicas da Província do Brasil* (1937) como “Carlos Drummond de Andrade”. Cf. BANDEIRA, Manuel. “Carlos Drummond de Andrade”. In: *Crônicas da Província do Brasil*. Organização, posfácio e notas: Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

¹⁹ MARTINS, Wilson. In: TELLES, *Op. cit.*, 2022, p.270.

²⁰ ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond de Andrade. São Paulo, 1º de ago. de 1926. Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 226-235.

²¹ Ver, por exemplo: GOMES, Urânia Karim. *Carlos Drummond de Andrade: a poesia de penumbra em seus 25 poemas da triste alegria*. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

A questão da oposição entre ambiente urbano e provinciano é expressiva em *Alguma poesia* (1930), seja no contraste entre poemas de tom urbano, como “Sinal de apito”, e os poemas de interior, como “Cidadezinha qualquer”, seja na ambivalência explorada dentro do corpo de um mesmo poema, como em “Coração numeroso” e “A rua diferente”. Mas ela já aparece, antes, em *Os 25 poemas da triste alegria*, quando, “Longe do asfalto”, “os muros têm sono. /E têm histórias de amor para contar/às pedras, numa conversa silenciosa, /sob a paz verde das árvores”²². No mesmo texto, surge um elemento novo, o lampião, que se contrapõe à lentidão desse ambiente, tão típica do interior, mas já com algo de urbanizado: “Meninos atiram pedras nos lampiões, /E, nos lampiões, /Sorri o olho tímido do gás”²³. Chama ainda mais a atenção, para o poema, o comentário do próprio Drummond, feito em 1937:

A esse tempo, eu já compreendia que não era honesto falar nos canais de Bruges. Entretanto, introduzi neste poema a iluminação a gás, que jamais foi me dado conhecer [...]. A fixação de um quadro urbano, popular, como o deste poema, parecendo ser uma coisa de familiar ao poeta, quando na verdade lhe é absolutamente estranho – me parece, agora, um tanto indecente.²⁴

O reconhecimento da abordagem de uma ambientação urbanizada, embora lida como “indecente” pelo poeta, se associa à própria questão local, em contraste à enunciação, por exemplo, de uma paisagem europeia, o que é uma reflexão muito cara aos movimentos modernistas, especialmente o paulista. De 1937, Drummond olha para esses poemas enviados a Mário de Andrade já em 1925 e reconhece: “A esse tempo, eu já compreendia que não era honesto falar nos canais de Bruges”. A mudança de postura sugerida pode ser compreendida se observamos os eventos que a antecedem. No início de 1924, após a viagem empreendida pelo grupo de São Paulo a Minas Gerais, Drummond inicia a longa correspondência que terá com Mário de Andrade. Logo nas primeiras cartas, o poeta reclama de seu meio provinciano, que o obrigaria estar à margem da cultura letrada e implicaria um transtorno em relação à própria origem: “É que nasci em Minas, quando devera nascer [...] em Paris. [...] O meio em que vivo me é estranho: sou um exilado. Eu sou um exilado, tu és um exilado, ele é um exilado”²⁵. Na mesma carta, ainda, se insere na “velha tragédia de Nabuco”, incitando o debate em torno da problemática relação entre os intelectuais brasileiros e o seu próprio país, que muito interessava a Mário. A “tragédia de Nabuco”, para o paulista, não foi criada em *Minha formação*

²² ANDRADE, Carlos Drummond de. Longe do asfalto. In: *Os 25 poemas da triste alegria*: Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 85.

²³ *Ibidem*, p. 85.

²⁴ *Ibidem*, p.87.

²⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta enviada a Mário de Andrade. Cf. SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, p.386.

(1900), mas seria uma doença tipicamente tropical, responsável por abater uma intelectualidade que ainda tomava como referência superior as letras europeias. A resposta de Mário ao suposto desterro é severa: “Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase da criação”²⁶. A lição dada a Drummond²⁷ faz parte do projeto cultural, literário e político de “abrasileiramento do Brasil”²⁸, empenhado com muito afinco por Mário, especialmente a partir de 1924²⁹. Suas consequências não se limitam à correspondência dos poetas, mas irão afetar, a fundo, a produção poética de Drummond. Explorar como Drummond empenha, na poesia, o drama do exílio na própria pátria, relacionado à dicção melancólica dos textos, e como o diálogo com Mário de Andrade influencia essas formulações foi um objetivo fundamental desta pesquisa.

Entre os 25 *poemas*, “Longe do asfalto” não anda só: outros, como “A mulher no elevador”, antecipam o entrecruzamento entre urbano x rural que marcam as imagens da terra natal em *Alguma poesia*, problema explorado também em prosa. Sobre essa dupla condição de modernização, este projeto de pesquisa busca, então, ler a crônica drummondiana produzida entre as décadas de 1920 e 1930, no *Diário de Minas* e no *Estado de Minas*, como fonte de investigação de expressão de uma modernidade singular. Interessa, inclusive, a consciência do escritor sobre sua apresentação pública, nesse período percebida a partir dos pseudônimos como Manoel Fernandes da Rocha e Antônio Crispim. Especialmente relacionada ao crescimento de Belo Horizonte, resultado de um planejamento que respondia à necessidade de uma capital ícone do projeto republicano e da modernidade – embora a cidade ocupasse a periferia de um sistema econômico –, a produção cronística desse período representará a cidade de formas ambivalentes. Em alguns textos, a urbe aparece como referência de centro urbano: “O barulho da rua é uma sinfonia. A rua está cheia de Wagner, há Wagner nas buzinas dos automóveis e das carroças”³⁰. Em outros, é a “Cidade do tédio”, como é nomeada por Drummond em crônica de 1921, sendo também ressaltado um aspecto antiquado: “agora que o golfinho tomou conta de Belo Horizonte, ninguém joga mais golfinho no Rio. [...] Estamos sempre seis meses atrasados”³¹.

²⁶ ANDRADE, Mário de. Carta enviada a CDA. SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, p.70.

²⁷ Ver texto de abertura de *A lição do amigo* e “Suas cartas”, publicado em *Confissões de Minas*.

²⁸ ANDRADE, Mário de. Carta enviada a CDA. SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, p.70.

²⁹ Ano em que escreve *A escrava que não é Isaura* e parte dos poemas que compõem *Clã do Jabuti*. Importante observar que “O poeta come amendoim”, em que se vê o projeto de Mário de ligar sua produção poética à cultura popular foi dedicado, justamente, a Drummond.

³⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Notícia elétrica. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 de mai. de 1923.

³¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. A cidade do tédio. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 de maio de 1921.

Como o provincianismo da “vida besta”, cuja presença em *Alguma poesia* (1930) foi destacada por Mário de Andrade (1930) e por José Guilherme Merquior (2012), já revela prenúncios nesses poemas e nessas crônicas? Como os comentários feitos por Mário, em carta endereçada a Drummond em 1926 e pelo próprio Drummond, em 1937, podem ajudar a compreender o papel desses textos no processo formativo de Drummond? Além de os 25 *poemas* iluminarem o percurso da investigação desses questionamentos, após o contato com os modernistas de São Paulo, a riquíssima correspondência entre Mário e Drummond contribuiu para investigar a problematização da questão nacional.

Logo, centramos este estudo em três eixos que observamos terem sido muito importantes no processo formativo do escritor, optando por não separar a análise dos textos em prosa e em poesia. Afinal, interessa pensar a obra drummondiana de forma integral, a fim de que não apenas a leitura de um texto possa contribuir para a ampliação do jogo de significações estabelecido em outro, mas de modo que também seja possível compreender como o prosaico e o poético se interpenetram nessas produções. Sobre isso, Antonio Candido disse que “[...] talvez só haja um Drummond, nem poeta, nem ficcionista, nem cronista, instalado na posição-chave de sua competência soberana [...] é claro que na sua poesia há ficção e crônica; na sua crônica, poesia e ficção; na sua ficção, crônica e poesia – tudo formando que para ele decerto são tentativas, mas para nós são realizações completas e exemplares”³².

O primeiro eixo deste trabalho, correspondente ao Capítulo 1, dá enfoque à relação entre as ideias de “nação” e “tradição”, pontos de discussão muito importantes no meio literário do Brasil nos anos 1920. Investigamos, assim, como Drummond se posicionou, por exemplo, sobre a demanda pela libertação dos escritores em relação a referências estrangeiras e pela construção de uma arte nacional e o que pensava sobre o artista moderno e a relação com o passado. A “nação”, portanto, é um termo que abrange tanto a ascensão de um projeto literário orientado pelo nacionalismo – e as estratégias que Drummond empreendeu para se aproximar ou se distanciar desse movimento – quanto as figurações da terra natal que aparecem em sua produção literária, ora como Brasil, ora como Minas, ora simplesmente como ambiente rural, o que envolve uma relação ambígua do sujeito poético com o ambiente rural e provinciano: “no elevador penso na roça, na roça penso no elevador”³³.

³² CANDIDO, Antonio. Drummond prosador. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 22.

³³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Transcrição de *Minha terra tem palmeiras* com atualização da ortografia. Ver anexo.

Drummond inventa – entre a influência do grupo modernista paulista sobre a necessidade de uma arte engajada e nacional e um meio político conservador, que cada vez mais unia o discurso modernizador ao nacionalismo – uma saída muito interessante para sua própria figuração de país. A ironia corrosiva, a dicção melancólica e o ceticismo em relação a qualquer solução totalizante marcam essa poética e integram o segundo eixo que organiza este trabalho. Assim, o Capítulo 2 dedica-se ao estudo da presença da melancolia nos trabalhos iniciais do escritor, buscando perceber sua relação com o lugar onde está o sujeito poético, com o qual nunca há plena identificação, seja ele a roça, a cidade pequena ou a metrópole. Diante de uma condição controversa de modernização, em que se chocam condições urbanas e rurais, CDA elabora uma expressão estética moderna própria, que tem como fator estruturante a dicção melancólica e que se relaciona a esse entrecruzamento de diversas perspectivas de representação urbana. Ainda nesse capítulo, observa-se como essa produção literária recebeu influências tanto da literatura francesa, sobretudo da obra de Baudelaire, quanto de tendências literárias locais, especialmente o penumbrismo.

Outra preocupação insistente de Drummond durante a década de 1920 foi o problema da formulação de sua obra de estreia. Além de rastros de coletâneas idealizadas, mas não lançadas, mencionadas em algumas publicações em jornal, investigamos os conjuntos *25 poemas da triste alegria*, de 1924, e *Minha terra tem palmeiras*, organizado em 1926, e suas relações com o livro que seria efetivamente publicado, *Alguma poesia* (1930). Pela publicação de *Os 25 poemas da alegria* pela Cosac Naify, tivemos acesso a textos inéditos, comentados pelo próprio Drummond em 1937. Para isso, além da consulta à edição fac-similar, consultamos o exemplar do caderno enviado a Mário de Andrade em 1926, no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Com intenção de que o público leitor e pesquisador pudesse acompanhar nossa análise e também tivesse acesso ao material, realizamos a transcrição do documento na íntegra, a qual se encontra no final desta dissertação. Para a transcrição, seguimos as “Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos” da Casa Civil (2010)³⁴. Foi muito importante, também, a edição crítica organizada por Júlio Castañon Guimarães³⁵, que sistematizou as modificações feitas nos poemas de *Alguma poesia*. O retorno ao percurso da primeira publicação de Drummond não intenta, contudo, refazer um progresso da obra, segundo

³⁴ Disponível em: https://labefil.letras.ufjf.br/wp-content/uploads/2020/05/NORMAS_TRANSCRI%C3%87%C3%83O_Casa-Civil.pdf. Acesso em 10 de dez. de 2022.

³⁵ Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas*. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

o qual *Alguma poesia* seria o livro mais maduro e *25 poemas* o mais imaturo, por exemplo. Como veremos, essa concepção é limitada por não abranger as contradições e as demandas específicas de cada período em que Drummond pensa essas publicações, além de forçar uma redução de sua obra ao livro, o que é inviável em face desses “dez anos de lirismo desenfreado”.

O terceiro eixo do trabalho volta-se ao próprio poeta, especialmente à investigação do uso de pseudônimos por CDA já na década de 1920 e da testagem de diferentes assinaturas. Interessa também a análise de um conjunto de textos que abordam a própria atividade poética, seja na forma de crítica a outros poetas, seja na forma de uma reflexão metalinguística do escritor sobre o próprio ofício. Muitos textos do período destacam-se ainda pela busca de construção de uma autoimagem, em que o *eu* é apresentado de uma forma múltipla e contraditória. De modos mais explícitos isso está presente, é claro, no “Poema de sete faces”, que abre o volume *Alguma poesia*, mas pretendeu-se investigar a atuação do primeiro Drummond antes da publicação de *Alguma Poesia*, em 1930. Embora essa questão perpassasse o Capítulo 2, nas Considerações finais buscou-se desenvolver melhor o argumento a partir da análise dos diferentes pseudônimos e heterônimos que assinaram produções desse período, buscando também investigar a preocupação de CDA com a estabilização de seu nome no meio literário.

De modo geral, neste trabalho foram enfocados os poemas que vieram a público, por jornais e revistas, na década de 1920, assim como textos nunca publicados pelo autor e livros de poesia que ele esboçou e remeteu em privado a amigos. A fim de situar esses experimentos iniciais no contexto da ainda “jovem” Belo Horizonte, a vasta produção cronística do autor, às vezes publicada sob pseudônimo na imprensa da capital mineira, foi incluída no âmbito da pesquisa. Portanto, as fontes primárias foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, especialmente as coleções de jornais de Belo Horizonte para os quais Drummond escreveu durante os anos 1920. Alguns dos textos aqui reproduzidos já foram comentados por Maria Zilda Cury (1998), por John Gledson (1981 e 2003) e por Roberto Said (2007). Outros estavam à mercê a da crítica das traças, de modo que pedimos a generosidade ao leitor nas ocasiões em que o tato escorregar em alguma arapuca armada por nosso querido poeta.

CAPÍTULO 1: NAÇÃO E TRADIÇÃO

“Embora quase nada tupis, todos nós tangemos nosso alaúde”
Carlos Drummond de Andrade¹

1.1 Primeira crítica

Em 1920, Drummond mudou-se para Belo Horizonte, onde procurou a redação de um pequeno jornal de curta existência, o *Jornal de Minas*, localizado em uma das lojas do prédio onde o jovem escritor morava com sua família. Como informa Humberto Werneck (1992), a estreia literária de Drummond no jornal deu-se com o artigo “Diana, a moral e o cinema...”, publicado a 15 de abril de 1920. Trata-se de uma crítica ao filme *Diana, a Caçadora*, que agitava a pacata Belo Horizonte por conter nudez feminina e havia sido condenado pela Liga da Moralidade. A crítica de Drummond foge à perspectiva moralista que condenava o filme² e o critica por outras razões, como a má representação do mito e a baixa qualidade artística geral: “a película tanto tinha de imoral quanto de artístico – nada”³. Ainda no *Jornal de Minas* serão publicados mais cinco artigos⁴, todos em prosa, sem exemplares encontrados nos arquivos mineiros.

Em 1921, Drummond decide mostrar um artigo a José Oswaldo de Araújo, diretor do *Diário de Minas*, um pequeno jornal, mas de maior alcance que o *Jornal de Minas*. Tratava-se do curto texto crítico “Tântalos”, sobre o livro de contos homônimo de Romeu de Avellar, pseudônimo de Luís de Araújo Morais (1893-1972). José Oswaldo de Araújo aprovou o artigo, publicado em 13 de março de 1921, e fez uma generosa apresentação sobre Carlos Drummond, inaugurando a seção “Crônica social”⁵, onde poemas e textos curtos de diferentes escritores serão publicados ao longo da década de 1920. Além do próprio Drummond, publicaram textos no *Diário de Minas* nomes como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Menotti del Picchia, Raul Bopp, Cecília Meireles, Julinda Alvim, João Alphonsus, Henriqueta Lisboa, Emílio Moura, Cyro dos Anjos, Ribeiro Couto, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Gilka Machado e mesmo poetas de gerações anteriores, como Alphonsus de Guimarães, Castro Alves, Cruz e

¹ ANDRADE, Carlos Drummond. “As ideias do sr. Graça Aranha”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 29 de jun. de 1924.

² Ver GALDINO, Márcio da Rocha. *O cinéfilo anarquista: Carlos Drummond de Andrade e o cinema*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1991, p. 26-28.

³ ANDRADE *apud* WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 16.

⁴ Cf. WERNECK, *Op. cit.*, 1992, p. 24-25.

⁵ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 19 de março de 1921, p. 3.

Souza e Auta de Souza. Nesse período, também foram publicadas algumas traduções de Emily Dickinson, Oscar Wilde e Walt Whitman⁶.

Mais tarde, em 1926, Drummond se muda com sua esposa para Itabira do Mato Dentro, evento que o impactou bastante por ter limitado sua participação na cena intelectual, especialmente afastando-o das publicações em periódicos. Em novembro do mesmo ano, recebeu um convite de Alberto Campos (1905-1933) para assumir um posto na redação do *Diário de Minas*, quando, então, volta a morar em Belo Horizonte. Alberto Campos era amigo do Grupo do Estrela, do qual faziam parte outros contribuintes do *Diário* e fundadores de *A Revista*, nosso breve periódico literário modernista, fundada em 1925:

Desde 1921 constituiu-se em Belo Horizonte numeroso grupo de moços integrado pelos nomes de Abgar Renault, Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, Gabriel de Rezende Passos, Gustavo Capanema Filho, Hamilton de Paula, Heitor Augusto de Souza, João Alphonsus de Guimarães, João Guimarães Alves, João Pinheiro Filho, Mário Álvares da Silva Campos, Mário Casassanta e Milton Campos. Era o chamado Grupo do Estrela – nome do café em que se reuniam. Dele fiz parte desde os primeiros momentos, assim como vieram a completa-lo mais tarde, Ascânio Lopes, Cyro dos Anjos, Dario de Almeida Magalhães, Guilhermino César e Luíz Camilo de Oliveira Neto.⁷

Pouco depois, Afonso Arinos, filho de Afrânio de Melo Franco, seria nomeado como redator-chefe para o jornal, cargo acumulado com sua nomeação como promotor público, antes mesmo de estar formado em Direito. A nomeação da promotoria, junto a outros eventos, leva o jornalista Augusto de Lima Júnior a publicar um artigo em seu jornal, o *Diário da Manhã*, criticando membros da família Melo Franco⁸. A questão gera um problema político que leva à demissão do diretor do *Diário*, e, diante da vacância do cargo e do clima político, Drummond torna-se redator-chefe do jornal⁹. Em carta a Mário de Andrade de 2 de outubro de 1927 relata:

A minha situação no *Diário*? Já foi melhor do que é hoje, se bem que eu prefira como é hoje. Você perdeu dois números interessantíssimos do jornal. Primeiro, uma nota da redação em resposta a qualquer coisa aparecida noutro jornal daqui. Segundo umas ‘Palavras peremptórias’ da lavra do ilustre mestre de direito e diretor do *Diário*, doutor José de Magalhães, desautorizando fortemente a nota da redação. Terceiro, umas ‘Palavras não menos peremptórias’ pondo na rua o supradito mestre e diretor. Foi um escândalo e lembraram-se de mim para tomar conta do lugar do diretor até se arranjar uma terceira pessoa. Fui assim diretor do *Diário de Minas* um mês. Justo o tempo de levar as descomposturas com que os amigos do Magalhães entenderam de brindar justamente quem não tinha nada com o pato. Porque a nota determinante do barulho era de origem governamental. Eu não fiz mais que publicá-la na ausência do Magalhães, que, juro por Deus, nunca se interessou pelo jornal. O Magalhães,

⁶ Ver a relação de todas essas publicações no Anexo 1.

⁷ “Recado de uma geração”. Prefácio à edição fac-símile de *A Revista*, São Paulo, Metal Leve, 1978.

⁸ Toda a querela foi relatada por *O jornal* na edição de 24 de jul. de 1927. Ver também entrevista concedida a Maria Zilda Cury. Cf. 1998, p. 163 e 164).

⁹ Como informa nota do *Diário de Minas* em 20 de jun. de 1927.

supondo minha essa nota, sapecou as famosas “palavras” que fizeram o governo pô-lo no olho da rua. [...] O fato é que o novo diretor gentilmente quis conservar o meu nome no cabeçalho.¹⁰

Seja como for, Drummond, de fato, exerceu um papel de liderança da redação do *Diário*, um “jornal da roça”, mas “mesmo da roça ele teve uma beiradinha pra aconchegar este seu amigo”, diz Drummond a Mário em carta de novembro de 1926¹¹. Apesar das limitações do jornal, Drummond organizava uma coluna literária e, em alguns números, a discussão literária e a publicação de textos de literatura ganham pequenos espaços, especialmente em 1928 e 1929, indo além da “Nota social”. Entre 1928 e 1929, por exemplo, Drummond e João Alphonsus dividem uma coluna de crônicas assinada sob o pseudônimo “I.”. De novembro de 1928 a março de 1929, na seção “Sociedade” (que, na segunda metade de 1920, substituiu a “Nota social”), é publicada uma “Antologia modernista”. Trata-se de um espaço destinado a poemas que se relacionem à nova estética, geralmente curtos, com uso de versos brancos e livres, linguagem popular e temas cotidianos ou que remetam a certa noção de brasilidade. Tem início com “Manhã”, de Mário de Andrade¹², depois “Palinódia”, de Manuel Bandeira¹³, depois “Meus sete anos”, de Oswald de Andrade¹⁴, seguido de “O pampa”, de Jorge de Lima¹⁵. Os poemas, que ao todo somam mais de 70, são sempre acompanhados por duas informações: autoria e local de origem do poeta. Nota-se que a ideia é fazer uma amostragem abrangente dessa nova literatura, que possa contemplar poetas provenientes de todo o Brasil, de maior ou menor sucesso. Foram publicados, por exemplo, “Noturno nas Antilhas”, de Ronald de Carvalho¹⁶, “República”, de Murilo Mendes¹⁷, “Modinha do pernilongo”¹⁸, Guilherme de Almeida, “Música”¹⁹, de Pedro Nava, “Tradição”²⁰, Ascenso Ferreira, “Galpão”²¹, de Augusto Meyer, “Sonho”²², de João Alphonsus, “A seriema”²³, de Sérgio Milliet, “Não gosto de sertão verde”²⁴,

¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade, 2 de out. de 1927. Cf. SANTIAGO, Silvano (org.), *op. cit.*, p. 294-95.

¹¹ *Ibidem*, p. 252.

¹² *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de nov. de 1928.

¹³ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 10 de nov. de 1928.

¹⁴ “Antologia modernista – V – Meus sete anos”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 14 de nov. de 1928.

¹⁵ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 13 de nov. de 1928.

¹⁶ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 16 de nov. de 1928.

¹⁷ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 17 de nov. de 1928.

¹⁸ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 18 de nov. de 1928.

¹⁹ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 21 de nov. de 1928.

²⁰ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 22 de nov. de 1928.

²¹ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 24 de nov. de 1928.

²² *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de nov. de 1928.

²³ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 de nov. de 1928.

²⁴ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 28 de nov. de 1928.

de Luiz da Câmara Cascudo, “Festa cívica”²⁵, de João Dornas Filho, “História de Chopin (do caderno de um menino de 9 anos)”²⁶, de Prudente de Moraes Neto, “Canção”²⁷, de Joaquim Cardoso, “Paz universal”²⁸, de Carlos Alberto de Araújo, “Fazenda”²⁹, de Rosário Fusco, “Negro”³⁰, de Raul Bopp, “Crepúsculo”³¹, de Luiz Aranha, “Homisto”³², de Wellington Brandão e muitos outros.

Drummond permaneceu como redator-chefe do *Diário* até 1929, quando deixou de trabalhar para o jornal após conciliar a atividade com um cargo na Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais. Essa é uma fase de muito trabalho para Drummond, que conciliava a carreira jornalística com sua atuação política. Mário Casassanta, diretor da Imprensa Oficial, convida-o a ser ajudante de redação do *Minas Gerais*, órgão oficial do governo, onde CDA dirigiria a campanha da Aliança Liberal³³.

O *Diário de Minas* surgiu em 1899 como um periódico de oposição a Silviano Brandão, então governador de Minas Gerais. No mesmo ano, o Partido Republicano Mineiro (RPM) comprou o jornal, que passou a ser seu meio de publicação oficial. Com modestas quatro páginas e fatura em anúncios de todos os tipos, tinha um público leitor limitado e sua relevância para esse público era essencialmente política: “ninguém, ou quase ninguém, o lia e tinha, contudo, inegável influência política”³⁴. Fundamentalmente partidário, era um jornal simples, com baixo financiamento e o governo estadual controlava o noticiário político. Por isso, o restante do periódico não tinha importância para o RPM, o que explica o fato de o *Diário*, ainda que conservador, ter tido uma página de literatura – da qual fazia parte a “Crônica social” – que serviu para veiculação de textos e ideias ligadas ao modernismo mineiro: “a razão principal da coexistência de dois espíritos – um revolucionário, em sentido literário e um conservador e mesmo reacionário – é porque era um jornal praticamente inexistente e o governo não ligava”³⁵.

Ao longo da década de 1920, a atividade de Drummond no jornal foi significativa. No *Diário de Minas* foram feitas, em 1921, 11 publicações; em 1922, 14; em 1923, 21; em 1924,

²⁵ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 29 de nov. de 1928.

²⁶ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de nov. de 1928.

²⁷ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 1 de dez. de 1928.

²⁸ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de dez. de 1928.

²⁹ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 4 de dez. de 1928.

³⁰ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 5 de dez. de 1928.

³¹ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 de dez. de 1928.

³² *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 7 de dez. de 1928.

³³ Ver entrevista concedida a Maria da Zilda Cury. *Op.cit.* 1998, p. 152.

³⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 425.

³⁵ Entrevista de Drummond a Maria Zilda Cury. Cf. CURY, Maria Zilda. *Horizontes modernistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p.150-52.

18; em 1925, 8; em 1926, 11; em 1927, 27; em 1928, também 27 publicações; em 1929, 15; em 1930, apenas “Cantiga de viúvo”, que, já publicado em 3/3/1929 na “Antologia modernista”, foi reproduzido em 9/3/1930. Contabilizam-se, ao todo, 153 publicações no *Diário de Minas* entre 1921 e 1930, considerando as republicações. No mesmo período, Drummond também publicou nos jornais *A noite* (RJ), *Careta* (RJ), *Para todos* (RJ), *Fon-fon* (RJ), *Ilustração brasileira* (RJ), *Gazeta Comercial* (Juiz de Fora, MG), *Jornal de Minas* (Belo Horizonte, MG) e, no *Estado de Minas* (Belo Horizonte, MG), um texto, não encontrado³⁶. As revistas cariocas *Para todos* e *Civilização brasileira*, vale a lembrança, eram dirigidas por Álvaro Moreyra, uma de suas grandes influências literárias desse período formador.

A *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade (1918-1934)*, de Fernando Py (2002), orientou nossa pesquisa. Os arquivos do *Diário de Minas* estão disponíveis no acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Já as publicações na *Gazeta Comercial* foram consultadas na Associação Comercial de Juiz de Fora (MG). Os textos encontrados foram fotografados, lidos e analisados; as datas foram conferidas e a reprodução dos arquivos encontra-se na parte de Anexos desta dissertação. As publicações nos jornais cariocas foram consultados na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Diante disso, ressaltamos algumas divergências em relação ao rico levantamento feito por Py (2002): O texto “História simples que recomeça...” foi publicado no nº 18 na *Ilustração brasileira*, Rio, em 24 de dez. de 1922, não no nº 18, em 24 de dez. de 1922, como informa Py³⁷; “Cavalo morto” foi publicado no *Diário de Minas* em 16 de agosto de 1922, não em 12 de agosto, conforme Py³⁸; foi encontrado, ainda, o texto “Etapa I”, publicado no *Diário de Minas* e assinado por Antônio Crispim, em 8 de janeiro de 1929, que não consta na pesquisa de Py.

Os textos desse período compreendem principalmente críticas a livros recentemente publicados, notas de leitura, crônicas sobre a nova capital de Minas Gerais, pequenas narrativas, poemas em prosa e em verso. Esses textos revelam as fontes da formação de Drummond, jovem que, embora tivesse notável influência francesa, empreendia amplo esforço em dar notícia sobre as principais publicações de escritores de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e de outros cantos do país. Apesar do modesto público e da disputa da página de jornal com informes gerais sobre fatos que movimentavam a tímida vida social e cultural de Belo Horizonte, Drummond

³⁶ Fernando Correia Dias (1971) informa que “Arinos e o modernismo” foi publicado em 1 de ago. de 1929 no *Estado de Minas*.

³⁷ PY, *Op. cit.*, 2002, p.29.

³⁸ PY, *Op. cit.*, 2002, p.29.

era assíduo leitor e comentador³⁹. Em “Fome de leitura”, defende haver, em Minas, uma notável procura por livros e uma produção literária, a despeito da falta de incentivo: “grandes talentos entisicam por essa Minas fora, sem o alimento e o devido apoio de uma larga e sólida cultura.”⁴⁰. Essa leitura, para o autor, não deveria ser filtrada por critérios pré-estabelecidos, sob risco de limitá-la:

V. lê Forjaz. Não faça tal, um pessimista em pleno século do otimismo. Leia os construtores, os criadores...
Isto me dizia um sujeito qualquer, há tempos. E, pela sua boca, falava o espírito de dez mil sujeitos [*ilegível*]... Não lhe respondi coisa alguma. E continuei a ler o meu Forjaz. Porque é preciso ler Forjaz, Nietzsche, Santo Agostinho, Luciano de Samosata, Goethe, Camillo, Austregesilo... Em literatura, só pode haver um critério estético: a ausência de critérios estéticos.⁴¹

Escritor de *Palavras cínicas* (1905), livro popular no início do século XX, Albino Forjaz é criticado por uma visão pessimista em relação ao homem e à sociedade. Diante da fala do sujeito, Drummond coloca, em uma só enumeração, autores muito diferentes em relação a conteúdo, estilo, tempo e nacionalidade, compondo uma pequena, mas impactante lista, que se destaca pela pluralidade. A liberdade de pensamento e de criação é muito importante para Drummond e norteará a variedade da sua formação como leitor e escritor. A defesa da “ausência de critérios estéticos” como único critério para formação do artista é um gesto moderno, uma vez que compreende qualquer imposição como uma regra externa à vontade individual e como limitadora de um processo amplo e universal.

A reivindicação da imaginação e da liberdade criadoras já estavam presentes em Baudelaire, para quem a arte e o artista modernos seriam, justamente, aqueles capazes de extrair a singularidade da experiência de seu tempo, dotados de curiosidade e de novidade, que considera “ponto de partida”⁴² do trabalho de Sr. G em “O pintor da vida moderna”. Baudelaire, aliás, é citado naquele mesmo texto por Drummond: “tremendo e [memorável] *tedium vitae*, de que nos [*ilegível*], creio, o nosso amigo Baudelaire...”⁴³. O tédio seria, nas pacatas terras mineiras (e não na Paris que se transforma), o incentivador da “fome de leitura” que Drummond observava em si e em seus pares.

Note-se como, ao defender a liberdade para escolher o que lê, Drummond valoriza a experiência em detrimento do “belo” ou do “moral”, propondo a passagem do fechamento

³⁹ Os trabalhos de Cury (*Op. cit.*, 1998, p.77) e Said (*Op. cit.*, 2007, p.77) evidenciam como Drummond mantinha-se bem informado sobre as publicações no país.

⁴⁰ ANDRADE, “Fome de leitura”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 18 de mar. de 1921.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

⁴³ ANDRADE, “Fome de leitura”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 18 de mar. de 1921.

tradicional para uma abertura estética. A experiência, como sabemos, será fundamental para o modernismo da década de 1920, como as viagens dos paulistas a Minas em 1924, as expedições de Mário de Andrade, registradas em *O turista aprendiz* (1926), e mesmo o percurso que é mote de *Macunaíma* em 1928.

Em texto escrito posteriormente para o *DM*, um comentário ao livro *A morte do imaginário*, do escritor português João Barreira (1866-1961), Drummond reflete sobre o belo, aderindo à ideia moderna de que arte e beleza são categorias distintas e independentes:

[...] eu não creio que a concepção de beleza dos gregos tenha um caráter de eternidade. A bem dizer, nós temos da Grécia uma noção puramente lendária, confundindo na mesma bruma os seus tempos heroicos e os seus tempos históricos. Atenas e Alexandria estão muito distantes de nós e do nosso efêmero cotidiano. [...] A vida moderna tem outras exigências que não a contemplação de uma idade morta. O ideal estético dos gregos foi destruído. Ai de nós! – e vamos para adiante, resignados. Certamente, não há coisa mais frágil e passageira do que a beleza. Era, até bem pouco, uma ideia arrimada à ideia de arte. Vivem hoje dissociadas, graças à visão mais penetrante do espírito moderno: arte e beleza são, afinal, categorias independentes. [...] Cada civilização tem uma concepção do belo, e essa concepção varia de povo a povo, e de um indivíduo ao outro.⁴⁴

O ensaio não se limita à constatação da perda de um referencial estético clássico, mas identifica um problema no próprio modo como os artistas do século XX concebem a Grécia, compreendendo como a beleza grega não é eterna ou absoluta (como não poderia ser, afinal, qualquer noção de belo). Isso se explica não apenas por haver mudanças do paradigma estético, mas também porque o ideal grego é suscetível a modificações de acordo com a circunstância em que é percebido⁴⁵. Assim, CDA nota como há um aspecto contingencial na categoria da beleza, o que, como vimos, é um dos principais argumentos levantados por Baudelaire em “O pintor da vida moderna”, em que define a composição dupla do belo, composto por um elemento invariável e outro relativo⁴⁶. No texto de Drummond, também a busca pelo belo abandona os modelos antigos e se volta para a atualidade, sabendo o autor que o escritor corre o risco de a beleza por ele encontrada, em seu tempo, ser também efêmera.

⁴⁴ ANDRADE, Carlos Drummond. “Literatura portuguesa: ‘A morte do imaginário’ – João Barreira – Lisboa, 1923”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 de jul. de 1924.

⁴⁵ Outro exemplo dessa discussão é “Amplius!”, de Lima Barreto, escrito em 1916 e publicado em 1920. Nele, Lima Barreto ironiza ideias equivocadas sobre a Grécia: “Implico solenemente com a Grécia, ou melhor: implico solenemente com os nossos cloróticos gregos da Barra da Corda e pançudos helenos da praia do Flamengo (vide banhos e mar) [...]” (BARRETO, Lima. Prefácio a *Histórias e Sonhos*, 1920, p. 9-10).

⁴⁶ BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Um texto publicado anteriormente no *Diário de Minas* sobre a obra de Ibsen, dramaturgo norueguês, deixaria ainda mais clara a posição de Drummond acerca da tendência da arte à pluralidade, esta que advém da mutabilidade e da incoerência:

Ibsen compreendeu, assim, o irrecusável dualismo dos seres humanos. Não precisamos recorrer ao De Maistre: o fenômeno físico é flagrante. Qual de nós não é duplo? Qual de nós não se desvia, chamado por duas forças opostas, e não se desorienta, à visão de dois caminhos diversos? Erra o artista que, modelando um tipo, procura emprestar-lhe um feito espiritual uno e imutável. Arte é, afinal, incoerência, porque é vida.⁴⁷

Muito precocemente (ainda em 1921), Drummond destaca, da dramaturgia de Ibsen, a complexidade dos personagens, que constituem uma “galeria de figuras” cujos traços, contraditórios, não se encontram em um perfil único. Sua obra será referida diretamente em um poema, nunca publicado, do início dos anos 1920:

A noite! Pálidos fantasmas
ondulam ibsenianamente.
Os cenógrafos, imaginosos,
pintaram o céu de escuro,
e sobre os plátanos puseram
uma lua de papelão.

E nos cinemas e nos cafés,
Há portas abertas, gritando
Como bocas, iluminadas.
Automóveis brincam nas ruas,
numa festa de rumores
– crianças de pés de roda

Ó meus queridos bonecos, representando,
sob uma lua de papelão
e sob as estrelas cenográficas,
a comédia confusa da noite...⁴⁸

O poema faz alusão ao drama *Espectros* (1881), peça de Ibsen sobre uma família assombrada pelos segredos do passado e que gerou polêmica pela abordagem conflituosa de temas como sexualidade, culpa e o confronto entre a moralidade individual e os padrões sociais. No poema, Drummond expõe uma noturna paisagem urbana, que está transfigurada em uma espécie de teatro. A lua, de forma um tanto precária, é feita de “papelão”, as estrelas são objetos de cena e os automóveis e as crianças têm seus papéis invertidos: são eles que “brincam nas ruas”, enquanto elas têm “pés de roda”.

⁴⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. “Impressões: Ibsen”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 23 de mar. de 1921.

⁴⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. “A noite como uma lua que não é séria”. *Op. cit.*, 2012, p. 94-5.

Aproveitando-se da atmosfera fantasmagórica da peça, cujo nome alude às presenças ou influências que assombram os personagens, Drummond cria sua “comédia confusa”, em que a noite urbana é ridicularizada. Nesse enredo em que as personagens são “bonecos”, CDA cria máscaras que revelam a falibilidade e o ridículo do jogo social na urbe.

De certo modo, isso também será explorado no clássico “Poema de sete faces”, publicado pela primeira vez alguns anos mais tarde, em 1928, também no Diário de Minas. No entanto, neste poema o eu sofre uma desordem que lhe é interna, o que, indo além da ironia feita ao enredo social, sugere uma impossibilidade da administração das contradições humanas. A metáfora do caminho será muito presente na obra posterior de Drummond, caminho que, de diferentes formas, é sempre problemático:

Detendo-nos de saída na ação básica do *caminhar* e no que ela inclui de sugestivo, podemos lembrar ocorrências outras em que o poeta se punha em viagem, fosse para se deter diante de um obstáculo (“No meio do caminho”), fosse para envergar sua condição distintiva de classe e de artista (“A flor e a náusea”), fosse travestido no símbolo de seu *gauchismo* (“O elefante”), fosse ainda para ocupar ele próprio o centro da estrada e se oferecer como obstáculo (“O enigma”).⁴⁹

A observação é feita por Villaça em uma crítica ao poema “A Máquina do Mundo”, em que a ação do *caminhar* é também central. Na crítica a Ibsen, Drummond usa da pergunta retórica. Esse artifício, comum à crônica, veiculada em jornal, busca proximidade ao leitor ordinário: “Qual de nós não se desvaria [...]?”. Interessante provocação de Drummond, que, ao constatar a dificuldade de identificação do eu consigo, identifica os homens entre si. É preciso ainda chamar atenção para o uso do verbo “desvariar”, em sentido parecido com o que Mário de Andrade usará para caracterizar a miscelânea da pauliceia e a multiplicidade do próprio eu lírico em *Pauliceia desvairada* (1922).

Uma das principais motivações para a renovação da arte a que Drummond assistia nos anos 1920 foi a Primeira Guerra Mundial. O primeiro texto de Drummond especificamente voltado à discussão sobre a arte moderna, publicado no periódico carioca *Para todos* em 1923, discute isso:

Desaparece o trabalho dos precursores, de sorte que, na realidade, somos nós, os homens do após-guerra, os renovadores da arte. E essa arte é cheia de angústia, de sofrimento e de desesperação. Consciente ou inconscientemente, todos nos sentimos presa do terrível desejo de reformar. Há um prazer magoado em lançar à poeira os ídolos a quem ontem votávamos oferendas, e que hoje nos aparecem mudos e frios, inexpressivos e ingratos...[...] O Brasil, que sempre se postou à margem dos

⁴⁹ Cf. VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 90.

acontecimentos, como um espectador aborrecido, já sofreu o choque do pensamento novo. [...] Da pele de parnasianos arcaicos andam a florir brotoejas modernistas.⁵⁰

No artigo, Drummond relaciona a arte moderna à tragédia da guerra, responsável pelas tensões às quais ficaram sujeitos os artistas, que as refletem em suas criações. Evidencia-se uma consciência sobre como novas circunstâncias históricas implicam convenções artísticas próprias. A rejeição do passado é, nesse sentido, inevitável. No trecho citado, embora ela não seja vista sob olhares conservadores, que desejam frear o movimento de mudança da arte, também não é celebrada com o entusiasmo a que Drummond se referirá, no mesmo texto, como “ingênuo”. O desejo de mudança, ainda que exista, é “terrível”. A libertação da tradição é um “prazer magoado” justamente porque pressupõe que o artista renegue sua própria formação. Essa libertação, portanto, é paradoxal: “Libertação! Libertação! Mais do que nunca é impossível libertar-se. Entreguemos ao destino, senhor de mão indiferentes, o conto indeciso do nosso futuro... A terra continuará a rolar, com igual indiferença...”⁵¹, conclui, consciente de que qualquer ideia de libertação absoluta seria ilusória.

Uma quantidade significativa dos textos de crítica literária produzidos por Drummond na década de 1920 perseguia a relação do artista moderno, especialmente do escritor, com seu passado, o que, afinal, é um dos dilemas mais importantes da literatura produzida no século XX. A força da tradição romântica no Brasil e o problema da formação da classe intelectual no ambiente colonial e pós-colonial tornavam ainda mais complexo o problema. Como observa Cury (1998), em meados de 1922 já começava, no *Diário de Minas*, um maior debate sobre as tendências renovadoras, que se intensifica em 1923. Drummond ocupa papel central na divulgação de textos críticos sobre obras recém-lançadas e discussões cada vez mais frequentes sobre a “nova literatura”.

Mais tarde, em 19 de junho de 1924, Graça Aranha realizou uma conferência na Academia Brasileira de Letras, com a qual anunciou sua ruptura com a instituição. Em “O espírito moderno”, complementar à fala que abriu a Semana em 1922, desenvolve o conceito de “objetivismo dinâmico”, que deveria sobrepor-se ao “subjetivismo dinâmico”, mencionado no texto de 1921 como resultado de um processo de libertação estética. Nas palavras de Graça, em 1924 “a evolução se completara”⁵². Pode-se dizer que o “espírito moderno” por ele proposto, dinâmico e construtor, aproxima-se do que se concebe como uma vertente construtiva da vanguarda. Graça Aranha afirma a necessidade de uma “criação brasileira”, contraposta tanto a

⁵⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. “Sobre a arte moderna”. *Para todos*, 27 de outubro de 1923.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² ARANHA, Graça. *Op. cit.*, 1925, p. 8.

uma tendência à “cópia servil” da literatura europeia, especialmente a portuguesa, quanto ao “primitivismo” proposto por alguns intelectuais⁵³. Afinal, a sugestão de uma arte “selvagem”, que se pretendia ingênua e inculta, seria tão artificial quanto o academicismo. O escritor ataca a formação da Academia Brasileira e suas raízes francesas e critica a tendência à imitação da natureza dentro de um espírito romântico que deve ser deixado no passado para dar lugar a uma arte emancipada dessa relação mimética. Essa nova arte pressupõe a integração a um “Todo infinito”, um princípio integrativo que orienta todo o seu argumento. Para Graça Aranha, a cultura deveria, portanto, vencer a natureza, estando, para isso, o homem dela emancipado.

Pouco tempo após a conferência, Drummond escreve um artigo sobre “As ideias do sr. Graça Aranha”. Na primeira página do *Diário de Minas*, disputando espaço com as notícias do RPM, Drummond demonstra uma fecunda percepção sobre a situação literária no Brasil e sobre o valor político da conferência de Graça. Drummond ironiza a postura de Graça Aranha na medida em que reconhece nela um desejo de autoafirmação. Para o mineiro, Graça Aranha força um problema para afirmar-se como um “Messias redentor [...], tendo apenas ele mesmo expurgado de seu espírito o passado academicista”⁵⁴. Há muito, por exemplo, estaríamos livres da influência literária portuguesa. Além disso, no Brasil a Academia de Letras seria inofensiva, o que torna o ataque a seu papel exagerado, em um tempo em que a proposta de que ela se integrasse ao novo movimento parece absurda. Anos mais tarde, Drummond lembrou esse momento em “Bomba em 1924”, um artigo escrito em 1964 para o *Correio da Manhã*:

Vejo-me anarcojuvenil no *Diário de Minas*, quatro dias depois da conferência do mestre, rabiscando artigo petulante e ao mesmo tempo indeciso contra ele. Graça não pôs em rebuliço apenas os velhos da Academia, ao querer integrá-la ao Modernismo. Irritou o próprio modernismo, que nasceu dividido e dialético por natureza.⁵⁵

Para o Drummond de 1924, a renovação literária no Brasil iria, de uma forma ou de outra, acontecer, “sendo impossível continuarmos distanciados do jogo universal das ideias”⁵⁶. O “objetivismo dinâmico” aparece como uma explicação forçosa para explicar esse movimento, o que, para Drummond, subordina a expansão intelectual do Brasil a uma fórmula metafísica e simplifica a dimensão humana da arte. Em 1924, então, diz:

⁵³ Sabe-se que o primitivismo “rousseauísta” de Oswald de Andrade, mais tarde elaborado no Manifesto Antropófago, se opôs ao nacional-primitivismo da parte direita do modernismo paulista, composta pelos grupos conservadores Verdumarelo (1925) e Anta (1927).

⁵⁴ ANDRADE, Carlos Drummond. “As ideias do sr. Graça Aranha”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 29 de jun. de 1924.

⁵⁵ ANDRADE, Carlos Drummond. “Bomba em 1924”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de jun. de 1964.

⁵⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. “As ideias do sr. Graça Aranha”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 29 de jun. de 1924.

O autor [Graça Aranha] chegou à ‘unidade infinita do cosmos’ e ao ‘objetivismo acadêmico’, base de toda a construção literária ou artística moderna, mas não corrigiu os seus tropos, o seu entusiasmo, a sua retórica, o seu lirismo – o seu infinito romantismo das ideias e dos sentimentos... [...] A essência da arte não pode ser a transmissão d’esses vaguismos sentimentos oriundos de uma fusão metafísica. Nós temos da essência da arte uma concepção mais humana e, por isso, infinitamente mais livre.⁵⁷

Seria difícil, portanto, crer na universalidade da unidade infinita do cosmos, visto que não se vê isso como uma “soma de tendências coletivas”⁵⁸. Nesse momento, embora reconheça um contraste entre uma força conservadora e outra renovadora na produção literária brasileira, Drummond mostra-se cético sobre uma transformação literária ocasionada pelo chamado “futurismo”:

De um lado está o elemento conservador de nossas letras, ciosamente de guarda aos tesouros de tradição divertida e mesquinha, e apegado a dogmas e preconceitos que morreram no século XIX. Do outro lado está, por assim dizer, a parte mais fina da nossa juventude, que educou o seu espírito e a sua sensibilidade com formas novas de pensar e de sentir, e que nos impele a acompanhar o ritmo da marcha intelectual dos outros povos. Há passadismo, porém não há futurismo. [...] E não há futurismo porque não é com uma escola que se combatem escolas, nem curvado ao jugo dos mestres que se repele a tradição inferior de discípulo.⁵⁹

Mais do que uma oposição ao futurismo, o que se nota é um ceticismo em relação à possibilidade da formação repentina de uma tradição literária no Brasil, realizada por imposição da vontade de alguns. A volta do parafuso é Drummond conseguir identificar, nessa retórica entusiasmada, um resquício do romantismo que Graça almejava combater. Mais tarde, em 1930, em crítica à publicação de *A viagem maravilhosa* (1929) por Graça Aranha, Drummond mais uma vez ironizou a possibilidade de conciliação no campo cultural no Brasil:

Aí está o que conseguiu o Sr. Graça Aranha, com a sua “Viagem maravilhosa”: aproximar os mais diversos espíritos do Brasil, na condenação a uma obra que todos afirmam empolada, artificial, massuda, mentirosa, sectária, difícil, incongruente e outros qualitativos pouco amenos. É uma grande coisa, mas está se vendo que o autor de “Canaã” fez, aí, o papel do caçador que caçou um coelho por engano, ou de general, que, sem querer, ganhou uma batalha.⁶⁰

Interessa a esse debate um artigo publicado por Drummond alguns dias depois do texto sobre Graça Aranha que analisávamos anteriormente, na *Gazeta Comercial*, em Juiz de Fora

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ CRISPIM, Antônio. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 15 de mar. de 1930. Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Crônicas 1930-1934*. Belo Horizonte, Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais: Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1987.

(MG). O texto procura traçar um panorama da poesia brasileira, que, segundo Drummond, teria se renovado mais que o romance, por a poesia ser “mais plástica” e assim suscetível às transformações do tempo. Na parte inicial do texto, publicada em 20 de junho de 1924, o poeta localiza uma primeira vertente da poesia brasileira, a “nacionalista”, visível nos *Epigramas irônicos e sentimentais* (1922) de Ronald de Carvalho, mas principalmente nas obras mais recentes de Oswald de Andrade. Afinal, é possível ver no livro de Ronald um pouco de cultura clássica grega e um tipo de ironia que interessa a CDA: “Em frente a nossas paisagens, o sr. Ronald de Carvalho tem um sorriso de terna melancolia, mas nas dobras desse sorriso há o que quer que seja de irônico (ou seja ilusão de um leitor mal avisado)”.⁶¹ Afinal, essa melancolia ambígua, a um só tempo terna e irônica, será traço fundamental da própria poesia de Drummond. Vale notar que a crítica do poeta aos *Epigramas* é bem diferente da de Graça Aranha. Segundo Graça, Ronald de Carvalho mostrava-se como um poeta “liberto da natureza”, cujo livro testemunha “a vitória da Cultura sobre a Matéria para atingir a Unidade com o Todo infinito”⁶², em um artigo que repete muitas ideias já desenvolvidas em “O espírito moderno” e pouco comenta especificamente a publicação de Ronald. O livro, inclusive, foi dedicado, justamente, a Graça Aranha e Heitor Villa Lobos.

A “fusão metafísica” proposta por Graça Aranha pressupõe, como vimos, “a suprema vitória do espírito humano”⁶³ sobre a natureza, entendida como “tudo que se apresenta aos nossos sentidos como exterior a nós”, ideia oposta ao primitivismo de Oswald de Andrade. Drummond, por sua vez, afasta-se tanto de uma quanto de outra posição. Por um lado, compreende a existência de uma retórica metafísica de integração do eu ao cosmos que não se cumpre na realidade; por outro, observa que o retorno aos instintos é falido:

Antes de tudo, não se pode dizer que ele habite o mundo das ideias por isso que frequenta mais habitualmente o mundo das formas. Será talvez o milésimo escritor, depois de Theophile Gautier, para quem o ‘mundo exterior existe’. Ainda bem. Felicito-o por isso. Temos abusado escandalosamente do mundo interior. [...] A necessidade de regressar às formas claras, primitivas, e a primitiva alegria de viver! Dir-se-ia que as bibliotecas escurecem o mundo, e destruíram a pureza dos nossos sentidos. Mas, não nos iludamos: esse desejo de retorno às forças virgens do instinto e aos imperativos do mundo exterior é puramente superficial. Não voltaremos à natureza, o que seria um absurdo proselitismo às ideias do romântico Jean Jacques, no século da arte e do artifício. Já penetrou a consciência do homem moderno a

⁶¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “As condições atuais da poesia no Brasil”. *Gazeta Comercial*, Juiz de Fora, 20 de julho de 1924, p.3.

⁶² ARANHA, Graça. “‘Epigramas irônicos e sentimentais’, de Ronald de Carvalho”, *Para Todos*, Rio de Janeiro, 30 de set. de 1922 (texto datado com 04 de set. de 1922).

⁶³ Cf. ARANHA, Graça. *Op. cit.*, 1925, p.34.

desolante certeza de que a natureza é indiferente, para não dizer inimiga. A natureza não nos acolherá. Somos filhos pródigos sem esperança de reconciliação.⁶⁴

É muito interessante como Drummond vê qualquer possibilidade de reconciliação entre homem e natureza como problemática na modernidade, tempo de uma literatura ambígua e vertiginosa:

Os únicos escritores verdadeiramente contemporâneos são os escritores dinâmicos, que não adormeceram à sombra de velhas concepções nem de carunchosos postulados estéticos, num lamentável faquirismo intelectual. São os escritores-forças, eternamente inquietos e inquietantes, tornando a literatura um desdobramento da vida com toda a vertigem dos seus ritmos, e animando figuras e símbolos com o desembaraço de deuses criadores. Os outros, românticos de um falso romantismo, estilizadores de uma falsa tristeza, inadaptados, frustes ou vencidos, merecem a nossa piedade, porém jamais a nossa admiração.⁶⁵

Os “escritores dinâmicos” são aqueles que compreendem a criação literária como dotada de ambiguidades similares às da vida humana; são “escritores-forças” porque, diante de tradições e modismos, impulsionam a literatura com uma criação que também movimentava a própria vida.

Oswald de Andrade, mais tarde, irá contrapor-se à conferência de Graça quando desenvolve as ideias de antropofagia, opondo-se à relação entre o homem e a natureza ali defendida. No “Manifesto Antropófago” (1928), Oswald valoriza o animismo, vendo uma integração entre homem e natureza, não uma separação, e muito menos uma superação desta pelo humano. No 22º aforismo do texto, diz Oswald:

Morte e vida das hipóteses. Da equação *eu* parte do Cosmos ao axioma *Cosmos* parte do *eu*. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.⁶⁶

Em *Palimpsesto selvagem*, Ana Beatriz Azevedo (2018), em uma leitura minuciosa do Manifesto, argumenta sobre como Oswald vê, em 1928, a Antropofagia como o conhecimento e forma de subsistência de uma relação integrativa entre homem e natureza. Oswald realiza uma passagem das ideias Pau-Brasil para o conceito de Antropofagia, centrado no primitivismo, mas também na valorização da experiência humana e na transformação possibilitada pelo acesso a outras culturas e formas de apreender o mundo. Como se sabe, Drummond, apesar de ter publicado alguns trabalhos na *Revista de Antropofagia*, não adere ao programa oswaldiano, o

⁶⁴ ANDRADE, Carlos Drummond. “Literatura portuguesa: ‘A morte do imaginário’ – João Barreira – Lisboa, 1923”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 de jul. de 1924.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. In: *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, nº 1, maio de 1928.

que se explica tanto por uma posição crítica ao movimento quanto por uma posição intelectual e favorável ao amigo Mário de Andrade, que havia rompido com Oswald:

Para mim toda a literatura não vale uma boa amizade. Mas aqui não se trata de amizade, é pura literatura. Quando apareceu a 1ª denteção da Revista eu já implicara com o título [...]. E só me senti à vontade para colaborar nela quando verifiquei que o título não tinha nada a ver com a direção liberal que davam à Revista. Não posso colaborar na descida antropofágica. Não participo do estado de espírito índio e considero acadêmicas as discussões sobre os jesuítas.⁶⁷

Sobre essa linhagem de poesia nacionalista, Drummond a distingue do que chama de “falso nacionalismo”, que “nos manda cantar o boi, o café, a cana-de-açúcar e o caboclo dessorado”, muito próximo aos preceitos estéticos de uma literatura sertanista desenvolvida no século XIX, à qual se opôs um grupo urbanista, cujo ponto alto foi Machado de Assis. Diferente dessa compreensão equivocada sobre o nacionalismo, haveria uma noção mais ampla do princípio, ainda assim, para Drummond, “antipático”:

Mas acontece que o nacionalismo, mesmo em suas modalidades mais amplas, é um princípio antipático. [...] E é um doce engano esse de que temos uma literatura genuinamente brasileira apenas com a utilização de motivos brasileiros... Assim, fazer poesia tropical à *outrance* é um ingênuo delírio. Os temas da poesia são universais. As palmeiras de Gonçalves Dias não nos farão esquecer as paisagens ‘civilizadas’ da Europa (e vice-versa). É a esse desvirtuamento da campanha modernista no Brasil que brilhantemente responde o sr. Guilherme de Almeida, publicando as suas vivas e saborosas *Canções gregas*. Este poeta malicioso e ágil nos ensina que, sob o céu azul, a alma dos homens tem mil e uma vivendas, e ama transportar-se às mais diversas regiões.⁶⁸

Apesar de sermos “filhos do trópico” e estarmos sob a “luz reta do sol”, a alma dos homens podem frequentar as mais diversas realidades, o que constitui, para Drummond, a força da literatura. Interessante imagem do “céu azul”, que faz lembrar o céu citado por Graça Aranha em “O espírito moderno”:

O céu não é leve nem sutil para alimentar ideias de débil e fria beleza. Não é um eco clássico para cobrir acadêmicos. É um céu ardente, escandecido, longínquo e implacável, que aspira as forças da natureza, homens e cousas, os eleva, os engrandece e os dissolve na imensidade da luz. Sob este céu, encerrados neste quadro da energia tropical, debatem-se os espíritos dos homens.⁶⁹

⁶⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Cartas na mesa: os andrades se dividem”. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, nº 11, 19 de jun. de 1929. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel. *Revistas do modernismo: 1922-1929*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2015.

⁶⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. “As condições atuais da poesia no Brasil”. *Gazeta Comercial*, Juiz de Fora, 20 de julho de 1924, p.3.

⁶⁹ ARANHA, Graça. *Op. cit.*, 1925, p.45-6.

Longe de estarem “encerrados neste quadro da energia tropical”, os espíritos dos homens, segundo Drummond, transportam-se a infinitas paisagens. Embora possamos aproximar o texto da crítica anteriormente feita a Graça Aranha no *DM*, a principal intenção de Drummond na *Gazeta* parece ser responder às ideias modernistas de Oswald de Andrade, que havia lançado “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” em 18 de março de 1924, alvo também de crítica do próprio Graça Aranha, quando cita as tendências primitivistas em literatura. Na segunda parte do ensaio, publicada em 22 de julho de 1924, também na *Gazeta Comercial*, o mineiro comenta especificamente a ideia de poesia defendida no Manifesto:

Falta a essa poesia o caráter de universalidade, sobrando-lhe os dotes de cor local e pitoresco. Insisto nessa ideia de que não podemos restringir ao panorama brasileiro a faculdade de nos oferecer sugestões intelectuais, visto como ele não nos satisfaz, inteiramente. O feitiço da terra, que forma tão amáveis cadeias, não saberia vedar-nos ao olhar inquieto as insuficiências e imperfeições que nos rodeiam.⁷⁰

Além de restringir a poesia, que perde o valor de universalidade, o “primitivismo” de Oswald é falso, porque cria uma sistematização poética que, ao se autoafirmar bárbara, apenas disfarça a formação de um intelectual também forjado em contato com a cultura europeia:

Tendo viajado muito o sr. Oswald de Andrade cansou-se da Europa. Daí o sabor selvagem de suas ideias que ele faz questão de chamar de ideias de bárbaro. [...] Assim para justificar um plano de sistematização poética firmada em valores emocionais (sentimento da terra, do passado, da raça etc.) teve o sr. Oswald de Andrade que recorrer à sua imaginação, não de bárbaro, mas de europeu exilado na América.⁷¹

No trecho, o *tópos* do exílio se inverte, de modo que o próprio esforço de construir uma tradição cultural resulta, paradoxalmente, em uma cultura novamente artificial, a ponto de esse projeto poético parecer, no limite, estrangeiro. A proposta aparenta ainda ser ingênua, sobretudo porque acredita na possibilidade de regredirmos a um estado *tupi*, selvagem, inocente, ignorando o papel da cultura no campo da literatura:

Esse estado de inocência, que o sr. Oswald de Andrade encontra em nossa condição de raça virgem, não poderá caracterizar a nossa poesia. Ainda uma vez somos forçados a reconhecer que a poesia é uma flor de cultura e requinte, e que, enfim, matéria poética nada representa em relação ao espírito que a modela. A nossa poesia terá que receber ainda por muito tempo o influxo de correntes estrangeiras, sem que por isso ela se faça menos nossa.⁷²

⁷⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. As condições atuais da poesia no Brasil (conclusão). *Gazeta Comercial*, Juiz de Fora, 22 de julho de 1924, p.3.

⁷¹ *Ibidem*.

⁷² *Ibidem*.

A armadilha de Oswald está em não perceber que, se a poesia é um produto da cultura, sua negação significaria seu próprio aniquilamento. A ideia mais interessante do Manifesto para Drummond estaria na afirmação de liberdade vista em “Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. *Ver com olhos livres.*”⁷³, valor que defende, como vemos, em inúmeras ocasiões. Mas é preciso chamar a atenção para como CDA refere-se, nesse ensaio, às publicações de Oswald de 1924. Anteriormente, também no *Diário de Minas*, Drummond já havia tecido elogios ao romance de estreia do escritor, especialmente pela capacidade de, a partir de um enredo banal, conseguir extrair um “drama sufocante”⁷⁴, comparável aos autores russos. Assim, o mineiro coloca *Os condenados* (1921), primeiro volume da *Trilogia do exílio*, ao lado das obras de Mário de Andrade e de Menotti del Picchia como representantes do chamado “futurismo”. Demonstra, contudo, ressalvas em relação à tendência futurista que começava a se delinear no Brasil:

Depois de ler ‘Os condenados’, eu não ousaria chamar o sr. Oswald de Andrade de futurista. O que ele fez, salvo melhor julgamento, foi um romance atual, muito quente, muito febril, que destoa das obras até aqui aparecidas, em vista do estilo e da emoção, dois *contingentes pessoais*. Diferenciá-lo de nossos escritores pelo *artifício* de uma denominação como a de futurista seria inútil e falso. Ele é diverso do sr. Afrânio Peixoto e o sr. Lima Barreto, como Bugrinha é diversa de Alma, e João do Carmo, de Policarpo Quaresma. Oposição de pessoas, e não de escolas.⁷⁵

Já em 1921, desde os primeiros debates sobre as novas tendências em literatura no Brasil, Drummond ressalta como “estilo” e “emoção” são fatores muito mais ligados à pessoa que à linhagem estética. Um empecilho ao futurismo no Brasil seria, justamente, a falta de uma tradição própria: “Uma escola só pode vingar num meio em que profundas e sucessivas camadas intelectuais tornaram possível a sua implantação.” Além disso, note-se como o fator particular – os “contingentes pessoais” – é uma grande preocupação do poeta, para quem o futurismo “é, ou pelo menos, deve ser ânsia de liberdade”, o que retorna no ensaio de 1924 como o elogio aos “olhos livres” do Manifesto de Oswald de Andrade.

Assim, a mera utilização de temas tropicais ou um retorno ao estado selvagem e primitivo de linguagem seriam insuficientes para realizar uma poesia brasileira. O argumento, recorrente em alguns ensaios desse período, remete à crítica feita por Machado de Assis à ideia, dominante no século XIX, de que a nacionalidade em literatura estaria restrita às “obras que tratam do

⁷³ ANDRADE *apud* A ANDRADE, Carlos Drummond de. As condições atuais da poesia no Brasil (conclusão). *Gazeta Comercial*, Juiz de Fora, 22 de julho de 1924, p.4.

⁷⁴ ANDRADE, Carlos Drummond. “Os condenados de Oswald de Andrade”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de set. de 1922.

⁷⁵ *Ibidem* (grifo nosso).

assunto local”⁷⁶, valor ao qual opôs “certo sentimento íntimo”, que o escritor apenas poderia alcançar se estivesse livre de restrições identitaristas; na leitura de Sérgio Alcides, essa verdade interior é “um lugar em aberto, dinâmico, que não se reduz a nenhum determinismo, nenhuma teleologia, nenhuma filosofia da história”.⁷⁷ A desconfiança dos nacionalismos pós-românticos e modernistas que Drummond via ganhar força em sua geração guarda familiaridade com o ceticismo de Machado, em uma reação “aos resíduos de uma forte cultura romântica, cujas ilusões são sistematicamente expostas e desmitificadas por ambos”⁷⁸.

Ainda na parte conclusiva desse mesmo ensaio, Drummond avalia uma segunda linhagem da literatura brasileira, a neorromântica, à qual associa, ainda que com ressalvas, Ribeiro Couto e da qual toma como melhor exemplo Olegário Mariano. Diferente do discurso nacionalista, essa linhagem teria tendência “espiritualista”, com um exagero de expressão sentimental, para Drummond também prejudicial à poesia.

Importante observar que o poeta destaca como destoantes dessas duas vertentes as obras *Pauliceia desvairada* (1922), de Mário de Andrade, a poesia de Manuel Bandeira, que reivindicava sua independência das correntes nacionalistas, e a de Cecília Meireles. Mário de Andrade é caracterizado como um “regionalista paulista”, o que, como notou Gledson⁷⁹, é uma compreensão muito insuficiente da *Pauliceia*. Cecília Meireles é lembrada por seu segundo livro de poesia, *Nunca mais... e Poema dos poemas* (1923). A primeira preocupação de Drummond é afastar a obra ceciliana dessa dita “família espiritual”, dominada por certa comoção desmedida. Para o poeta, esse espiritualismo neorromântico seria fundado em um tipo de emoção individual, incapaz de alcançar uma reflexividade metafísica, de cunho universalizante. A universalidade da poesia feita por Cecília era, então, o que Drummond elegia como valor em sua produção poética, afastando-a tanto da emoção neorromântica, muitas vezes mundana, quanto do “sentimento da terra”:

Sua alma atormentada pede as consolações do extremo misticismo, atingindo regiões hiperbóreas a que, até agora, ninguém havia chegado em nossas letras. E não será a mais admirável das nossas poetisas, essa que é, simultaneamente, a menos brasileira de todas?⁸⁰

⁷⁶ ASSIS, Machado de. “Notícia da atual literatura brasileira”, 1873, p.805.

⁷⁷ ALCIDES, Sérgio. “Um pouco de Grécia na literatura nacional”. *Revista Brasileira*, ano III, nº103, abr./mai./jun., 2020.

⁷⁸ GUIMARÃES, Hélio Seix. *Amor nenhum dispensa uma gota de ácido: escritos de Carlos Drummond de Andrade sobre Machado de Assis*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2019, p.19.

⁷⁹ GLEDSON, John. *Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos*. Trad.: Fraderico Dentello. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 60.

⁸⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. “As condições atuais da poesia no Brasil”. *Gazeta Comercial*, Juiz de Fora, 20 de julho de 1924, p.3.

Resguardar a liberdade da poesia de quaisquer imposições do meio seria fundamental para garantir seu princípio de universalidade – o que também era preocupação de Machado. É verdade que Cecília logo ficaria conhecida como uma poeta vinculada ao grupo “espiritualista” do Rio, que editou a revista *Festa* (1927- 1929). Drummond notou, ainda na obra considerada “imatura” de Cecília, uma tendência metafísica particular, o que contribui para especificar o que seria o espiritualismo da autora de um ensaio como *O espírito vitorioso* de 1929.

Chama atenção que tão precocemente Drummond tenha percebido, nessa poesia que se faz em “oposição às influências do meio”, duas referências fundamentais para a obra ceciliana. A primeira influência percebida por Drummond é de Maurice Maeterlinck (1862-1949), importante dramaturgo belga ligado ao teatro simbolista, de quem, anos depois, Cecília traduziria as peças *Pelléas e Mélisande*⁸¹ e *Les aveugles*. A segunda referência é a ainda mais curiosa: trata-se de Rabindranath Tagore (1861-1941), um importante escritor indiano que, após ter ganhado o Prêmio Nobel em 1913, alcançou fama na década de 1910, período de formação de Cecília. A constatação é arguta: parece-me que Drummond foi um dos primeiros a perceberem a importância da literatura oriental já para a primeira produção poética de Cecília Meireles⁸².

Como se vê, as questões literárias de seu tempo, sobretudo o problema em torno da literatura nacional, foram preocupação insistente do jovem Drummond. Em 1924, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral organizaram uma viagem às Minas Gerais, acompanhados por René Thiollier, Blaise Cendrars, Goffredo da Silva Teles, Olívia Guedes Penteado e Oswald de Andrade Filho. A passagem do grupo paulista por Belo Horizonte irá estreitar laços entre os modernistas mineiros e Mário de Andrade, a quem Drummond será apresentado. Alguns meses após esse encontro, considerado por Drummond muito importante para sua vida pessoal e intelectual, o poeta enviou uma primeira (e breve) carta a Mário de Andrade. Desejando prolongar o convívio com o escritor, junto à carta Drummond mandou um artigo que publicara por ocasião da morte de Anatole France e provocou Mário à discussão sobre o nacionalismo:

Estou convencido de que a questão da literatura no Brasil é uma questão de coragem intelectual. Ou por outra: é preciso convencer-se de que a gente é brasileiro! E ser

⁸¹A tradução da peça de Maurice Maeterlinck foi encenada em 1943. Diz Cecília: “Quando traduzi para esse grupo [*Os Comediantes*] uma peça de Maeterlinck [*Pelléas e Mélisande*] e outra de Ibsen [*Peer Gynt*], foi movida simplesmente pelo desejo de manifestar a minha solidariedade artística com os seus componentes” (MEIRELES, Cecília. Entrevista a Paulo Mendes Campos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1947, p.13.).

⁸² Para mais informações sobre a relação entre Cecília e Tagore, ver o trabalho de Ana Amélia Batista dos Reis, “Cecília Meireles e a Índia: uma experiência de tradução” (2015), especialmente o Capítulo 2.

brasileiro é uma coisa única no mundo; é de uma originalidade delirante. Não confundir com nacionalismo. Aliás, você sabe disso melhor do que eu.⁸³

O artigo sobre Anatole France havia sido publicado dois dias antes da escrita da carta, em outubro de 1924, no *Diário de Minas* e esta é sua primeira frase: “A morte de Anatole France, que o telégrafo só agora nos anuncia, é um acontecimento de vinte anos atrás”⁸⁴. Diferente de honrosas exéquias, o texto faz da ironia e da malícia – os recursos mais admirados por Drummond na prosa de Anatole France – os instrumentos para criticar o escritor, considerando sua popularidade no Brasil um “acidente de juventude”⁸⁵. O trecho zomba, a um só tempo, do atraso dos mineiros em relação à informação e do atraso da própria obra de Anatole, inadaptada ao século XX. Como argumenta Gledson⁸⁶, ainda que não se possa dizer que a postura de Drummond antes do encontro com Mário seja “modernista”, a preocupação da crítica é moderna e é particularmente brasileira, já que o escritor foi referência para muitos intelectuais do país, inclusive o próprio Drummond. Chama a atenção, também, como o poeta ri da própria condição periférica, que impõe limites a qualquer declaração que pretenda ser moderníssima – afinal, a notícia chegara tarde, e o artigo é publicado de quinze dias depois do falecimento de Anatole.

Em um artigo um pouco anterior, de 1922, escrito também para o *Diário*, Drummond já havia defendido a presença de Anatole France na formação intelectual de seu meio:

Não vejo porque um admirador de Anatole France seja nocivo às nossas letras. Pelo contrário. Seria para desejar que as nossas letras dispusessem de dez mil Anatoles Frances, porque o que elas precisam é mesmo de Anatoles Frances, isto é, de criaturas finas, irônicas, inteligentes, *decadentes*, como como lhes chama o autor.⁸⁷

A postura de Drummond em relação a Anatole France havia mudado bastante em dois anos, ou seja, mesmo antes do diálogo epistolar com Mário de Andrade. No último artigo, a razão do “relógio atrasado”⁸⁸ do escritor francês foi ele não ter acompanhado as mudanças literárias de seu tempo. Para Drummond, faltava-lhe uma compreensão abrangente sobre o simbolismo e tudo que veio depois. O tom geral do texto, afinal, é desfazer certo fascínio nutrido

⁸³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade, 28 de out. de 1924. Cf. SANTIAGO, Silvano (Org.). *Op.cit.*, 2002, p.40.

⁸⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Anatole France”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 de out. de 1924.

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. Peixe Elétrico Ensaios. São Paulo: E-galáxia, 2018, p. 42. E-book.

⁸⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Notícias literárias”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 de ago. de 1922.

⁸⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Anatole France”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 de out. de 1924.

por Anatole France, um “vício dos brasileiros, e meu também” (confessa Drummond⁸⁹), o que em 1924 soava como um estrangeirismo passadista e acadêmico⁹⁰.

A estratégia de Drummond funciona: a partir dessa carta, ele e Mário mantiveram riquíssima comunicação postal, que durou até a morte de Mário em 1945 e constituíram, nas palavras de CDA, “o acontecimento mais formidável de nossa vida intelectual belo-horizontina”⁹¹. O assunto dessas primeiras cartas é, justamente, o debate em torno do nacionalismo:

Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa. [...] Carlos, devote-se ao Brasil, junto comigo. Apesar de todo o pessimismo e apesar de todo o século 19, seja ingênuo, seja bobo, mas acredite que um sacrifício é lindo. [...] Nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo o sacrifício é grandioso, é sublime. [...] é no Brasil que me acontece viver e agora só no Brasil eu penso e por ele tudo sacrifiquei. A língua que escrevo, as ilusões que prezo, os modernismos que faço não pro Brasil. [...] Escrevo língua imbecil, penso ingênuo, só pra chamar a atenção dos mais fortes do que eu para este monstro mole e indeciso ainda que é o Brasil. Os gênios nacionais não são de geração espontânea. Eles nascem porque um amontoado de sacrifícios humanos anteriores lhes preparou a atitude necessária de onde podem descortinar e revelar uma nação. Que me importa se minha obra não fique?⁹²

A afirmação de que sacrificava sua obra em prol de uma questão social mais ampla é constante na correspondência de Mário de Andrade. De forma geral, Mário concebeu sua obra como uma forma de *práxis* social, defendendo uma “arte interessada”, de forma que a cultura não apenas se aproximasse do povo brasileiro, mas servisse a ele:

Sempre fui contra a arte desinteressada. Para mim, a arte tem de servir. Posso dizer que desde o meu primeiro livro faço arte interessada. [...] A arte tem de servir. [...] Esta noção proletária da arte, da qual nunca me afastei, foi que me levou, desde o início, às pesquisas de uma maneira de exprimir-me em brasileiro. [...]. Às vezes, com sacrifício da própria obra de arte.⁹³

⁸⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade, 28 de out. de 1924. Cf. SANTIAGO, Silvano (Org.). *op. cit.*, 2002, p.40.

⁹⁰ Em entrevista, CDA comenta o tom do artigo: “Eu me lembro que, quando eu levei lá [*Diário de Minas*] um artigo sobre a morte de Anatole France, um artigo, aliás, muito idiota, pretensioso, o Chico Negrão [Francisco Negrão, redator-secretário] ficou escandalizado. Ele não queria publicar, não, achando que era um desrespeito à memória do falecido. Mas o Osvaldo publicou.” (Cf. CURY, Maria Zilda. *Op. cit.*, 1998, p.145).

⁹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Suas cartas”. In: *Confissões de Minas*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p.67.

⁹² ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond, 10 de nov. de 1924. Cf. SANTIAGO, Silvano (Org.). *Op. cit.*, 2002, p.50-51.

⁹³ “Acusa Mário de Andrade: ‘Todos são responsáveis!’”. Entrevista para Francisco de Assis Barbosa. *Diretrizes*, n. 184, p. 1, 6 jan. 1944. In: LOPEZ, Telê Porto Ancona (org.). *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. p. 104-108.

O “princípio da utilidade”⁹⁴ norteava a criação artística de Mário, vista como uma forma de *ação* central na revolução modernista. O dilema essencial dessa concepção é a oposição entre a função social da arte e sua qualidade estética, o que levaria o artista a deixar de lado a própria arte em prol da *práxis*:

Minha arte, se assim você quiser, tem uma função prática, é originada, inspirada dum interesse vital e pra ele se dirige. [...] Esta diferença essencial entre vocês todos os demais modernistas do Brasil explica os *sacrifícios* de minha arte. Sacrifícios que não o são porque formam a realidade mais comovente, palpável e desejada por mim da vida.⁹⁵

O lugar do sacrifício, nesse pensamento, é funcionar como “a mediação extrema que permitirá ao escritor realizar a passagem – tão necessária quanto impossível, no quadro conceitual de Mário –, do estético para o político”⁹⁶; trata-se de uma mediação entre indivíduo e sociedade. Para Fragelli, o sacrifício em Mário de Andrade relaciona-se à sua formação de base marxista e católica. Nesse sentido, o sacrifício como uma forma de ação social está ligado tanto a uma necessidade de engajamento quanto a uma noção de fraternidade. Botelho e Hoelz⁹⁷, em diálogo com Fragelli, sugerem que o catolicismo ganha contornos particulares para Mário de Andrade, sendo que sua empatia com a cultura popular mais relevante para essa noção. O sacrifício, portanto, não é apenas da própria obra, mas da forma de expressão da subjetividade e, no limite, de si⁹⁸.

Em resposta a Mário de Andrade, Drummond duvida da eficácia de semelhante sacrifício:

Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas, às vezes, me pergunto se vale a pena sê-lo. Pessoalmente, acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. Tenho uma estima bem medíocre pelo panorama brasileiro. Sou um mau cidadão, confesso. É que nasci em Minas, quando devera nascer (não veja cabotismo nesta confissão, peço-lhe!) em Paris. O meio em que vivo me é estranho: sou um exilado. E isto não acontece comigo, apenas: ‘Eu sou um

⁹⁴ ANDRADE, Mário de. *O banquete*. São Paulo: Duas Cidades, 1989. p. 68-130.

⁹⁵ ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond, 18 de fev. de 1925. Cf. SANTIAGO, Silviano, *op. cit.*, p.103-104. (grifo nosso).

⁹⁶ FRAGELLI, Pedro. “Engajamento e sacrifício: o pensamento estético de Mário de Andrade”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 57, 2013, p. 97.

⁹⁷ BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. O mundo é um moinho: sacrifício e cotidiano em Mário de Andrade. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 2016, p. 251-284.

⁹⁸ “Quando falei que houve um sacrifício de mim, e há, no que faço, creio que não me referi ao sacrifício da linguagem [...]. O sacrifício penoso é o das minhas liberdades morais cerceadas; o mais penoso ainda é o das minhas verdades intelectuais, independentes até de mim, e por mim mesmo rejeitadas no que escrevo e ajo, em proveito da normalização, da fixação, da permanência de outras verdades humanas, sociais que eu friamente sei que são mais importantes.” (ANDRADE, Mário. Carta a Manuel Bandeira, 16 de agosto de 1931. MORAES, Marcos Antônio (org.), *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, São Paulo: Edusp, 2001, p. 520).

exilado, tu és um exilado, ele é um exilado.’[...] O Brasil não tem atmosfera mental; não tem literatura; não tem arte. [...] Desculpe se vou estender-lhe ante os olhos os cenários da velha tragédia de Joaquim Nabuco, um pouco deteriorados... [...]. Agora, acho um indecente continuar a ser francês no Brasil, tenho que renunciar à única tradição verdadeiramente respeitável para mim, a tradição francesa. Tenho que resignar-me a ser indígena entre os indígenas, sem ilusões. Enorme sacrifício; ainda bem que você o reconhece! Aí o lado trágico do caso. [...] Não se renuncia impunemente às riquezas de todo um passado intelectual.⁹⁹

A dramática situação da cultura no Brasil leva CDA a reclamar de seu meio provinciano, que o obriga estar à margem da cultura letrada e implica um transtorno em relação à própria origem. A tópica do exílio na própria pátria, aqui reanimada, é velha no Brasil. No século XVIII, o contraste entre a tradição literária europeia e a situação da vida cultural e econômica na colônia foi o assunto central na poesia de Cláudio Manoel da Costa, na qual ocorre uma falha tópica, como analisou Sérgio Alcides¹⁰⁰. Além disso, em 1912, n’*Os doentes*, de Augusto dos Anjos, um indígena lamentava ser um “desterrado na sua própria terra”¹⁰¹; em 1936, na abertura de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda diz sermos “ainda uns desterrados em nossa terra”¹⁰². O motivo da sensação de desterro provém do contraste entre a situação da cultura no país e as aspirações de uma elite letrada, alimentada por valores culturais cujo centro era a Europa¹⁰³.

No caso de Drummond, a principal referência para essa situação é a biografia de Joaquim Nabuco, *Minha formação* (1900). Era conhecida entre sua geração a passagem do capítulo três, “Atração pelo mundo”, em que Nabuco descreve a ambígua situação da elite letrada brasileira: “A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; e que na Europa nos falta a pátria, isto é, a fôrma em que cada um de nós foi vazado ao nascer”¹⁰⁴. A citação se insere no contexto de questionamento de uma ideologia nacionalista defendida pelas novas forças de poder na República e que cooptava diversos intelectuais. A apropriação do pensamento de Nabuco pelos intelectuais no século XX – que Mário considera

⁹⁹ ANDRADE, Carlos Drummond. Carta a Mário de Andrade, 22 de nov. de 1924. Cf. SANTIAGO, Silviano, *Op. cit.*, p.56-60.

¹⁰⁰ ALCIDES, Sérgio. *Estes penhascos: Cláudio Manoel da Costa e a paisagem das Minas 1753 – 1773*. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

¹⁰¹ ANJOS, Augusto dos. *Toda poesia de Augusto dos Anjos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016, p.135.

¹⁰² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.35.

¹⁰³ Ver: ALCIDES, Sérgio. O lugar não-comum e a república das letras. *Revista do arquivo público mineiro*, v. 44, n. 2, 2008, p. 36-49.

¹⁰⁴ NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo: Editora 34, 2012, p.70.

totalmente indevida – ganha outro tom, agora relativo à descrença no ambiente intelectual brasileiro.

Além de questionar o projeto de Mário por perceber um terreno no mínimo infértil, a literatura pensada por Drummond orienta-se por uma abrangência universal, e não nacional; ou seja, para o poeta as categorias “universal” e “nacional” são opostas. Mário insiste que Drummond realize um “abrasileiramento” e argumenta contra a ideia de oposição entre nacional e universal, propondo, então, um “nacionalismo universalista”¹⁰⁵:

[...] não existe oposição entre nacionalismo e universalismo. O que há é mau nacionalismo: o Brasil pros brasileiros – ou regionalismo exótico. Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. [...] Nós, imitando ou repetindo a civilização francesa, ou alemã, somos uns primitivos, porque estamos ainda na fase do mimetismo. Nossos ideais não podem ser os da França porque as nossas necessidades são inteiramente outras, nosso povo outro, nossa terra outra etc. Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais.¹⁰⁶

A “fase da criação”, que supera a fase do “mimetismo” – esta sim primitiva – corresponderia, então, a um “pulo” universalizante. Na perspectiva de Mário, a criação de uma tradição nacional teria como maior consequência o abalo da própria tradição ocidental, cujo referente não deveria estar restrito à tradição europeia. Há uma crítica à influência francesa; na perspectiva de Mário, Anatole France é o símbolo da decadência, de um pessimismo que mascara desprezo e ensina uma dúvida passiva, um tipo de ironia inativa, que cruza os braços. Para Antonio Candido, a grande influência de Anatole France é um exemplo de “provincianismo cultural”, que leva à aceitação e difusão de influências duvidosas, o que se explica “devido à fraqueza dos públicos e à falta de senso dos valores, por parte deles e dos escritores”¹⁰⁷. Drummond compreende a importância da tarefa de desfazer-se dessa tradição, mas resiste em relação aos modos de cumpri-la:

[...] o nosso debate (será mesmo um debate?) gira em menos sobre a necessidade de ser brasileiro que sobre os meios de vir a sê-lo.[...] Voltemos à realidade brasileira, nua e crua (oh! Tão crua!) que você transfigura, e que eu ainda não posso aceitar. [...] Como obrigar as inteligências a situar sua atividade na paisagem mais ou menos restrita da sua pátria? [...] Como dizer a um escritor: escreva brasileiro se deseja *ser*? Há mil maneiras de *ser*. Uma delas, e não a menos confortável, é deixar de *ser*.[...] Há ocasiões em que eu me sinto enquadrado no meio natal. Sou um com a minha gente. Nessas ocasiões sou brasileiro como os que mais o sejam. Mas não chego a ser nacionalista. Entendo por ser nacionalista: ter princípios; fazer estatutos sobre o amor

¹⁰⁵ ANDRADE, Mário. Carta a Carlos Drummond. [Sem data]. Cf. SANTIAGO, Silvano, *op. cit.*, p.70.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 70-71.

¹⁰⁷ CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *Educação pela noite*. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017, p. 181.

da pátria etc. E como é bom ser brasileiro! Contudo, não é o único bem da vida. Daí amanhecer, outros dias, norueguês ou tchecoslovaco (mais frequentemente, francês). Isto é o que eu chamo de *liberdade espiritual*. Ser. Mas ser tudo. Não somente brasileiro. É tão pequeno o Brasil! [...] Repito: há mil maneiras de *ser*. A pior é *ser* nacionalista.¹⁰⁸

Sua preocupação central gira em torno das limitações que o motivo nacional pode implicar para a poesia. A necessidade de *ser* brasileiro soa como uma imposição restritiva, daí a oposição de Drummond: “Ser. Mas ser tudo”. A carta dialoga com uma questão muito cara a Mário de Andrade, mais vinculada a *ser* brasileiro, isto é, a conhecer e sentir o Brasil de modo íntimo, que a *ser* nacionalista, no sentido de amar a pátria a partir de elementos externos ao sujeito. Isso está próximo ao que Mário nomeou por “matavirginismo”: “Abandona Paris! Tarsila! Tarsila! Vem para a mata-virgem, onde não há arte negra, onde não há também arroios gentis. HÁ MATA VIRGEM. Criei o matavirginismo. Disso é que o mundo, a arte, o Brasil e minha queridíssima Tarsila precisam”.¹⁰⁹

Trata-se do período de uma “guinada provinciana”¹¹⁰ do modernismo, que se ligava à pesquisa da cultura popular e do passado do país e que se vê, por exemplo, na viagem dos modernistas a Minas Gerais. Justamente no poema “Noturno de Belo Horizonte” (1924), escrito a partir da estadia de Mário de Andrade na capital mineira, consta uma referência às “árvores do mato-virgem”¹¹¹, conforme publicação no *Clã do Jabuti* (1927), sendo que, na primeira publicação do poema na *Estética*, está “árvores da mata-virgem”¹¹², uma imagem usada para descrever o aspecto de uma “capital moderníssima” na verdade muito calma e provinciana.

Esse tema é elaborado no poema de abertura do mesmo livro de 1927, *Clã do Jabuti*. “O poeta come amendoim”, datado de 1924, é dedicado a Carlos Drummond de Andrade:

Brasil amado não porque seja minha pátria,
Pátria é acaso de imigrações e do pão-nosso onde Deus der...
Brasil que eu amo porque é o ritmo do meu braço aventureiro,
O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e danças.
Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,
Porque é o meu sentimento pachorrento,

¹⁰⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade, 30 de dez. de 1924. Cf. SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, p. 77-80 (grifo do autor).

¹⁰⁹ ANDRADE, Mário de. Carta a Tarsila do Amaral. 15 de novembro de 1923. In: AMARAL, Aracy. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001, p. 79. (Coleção de Correspondência de Mário de Andrade, 2).

¹¹⁰ MARQUES, Ivan. Modernismo de pés descalços: Mário de Andrade e a cultura caipira. *Revista ieb*, n. 55, mar./set, 2012, p. 39.

¹¹¹ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 241.

¹¹² ANDRADE, Mário de. “Noturno de Belo Horizonte”. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *Estética – edição fac-similar, ob. cit.*, 2014, p. 233.

Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.¹¹³

Na leitura de Ivan Marques¹¹⁴, a proposta de se relacionar com a nação é interiorizada, o que se explicita pela imagem do poeta devorando-a como se fosse amendoim. Há um descompasso político do Brasil, cujo histórico é revisado no poema pelas referências ao Império, à abolição da escravatura e à República: “A gente inda não sabia governar...”. O resultado dessa formação é um desastre, que, no poema, tem seu sentido negativo invertido: “Tenho desejo de desastres...”. Afinal, aponta-se para um caminho de superação dessas inferioridades, não por seu conserto ou solução, mas por sua inversão, o que só será possível em um projeto que envolva a coletividade. A dedicação do poema a CDA é significativa, porque reforça o diálogo sobre o nacionalismo que se vê na correspondência trocada no mesmo período de escrita do texto¹¹⁵. Além disso, trata-se de uma homenagem, já que Drummond havia ficado muito tocado pelo poema, como comenta a Mário de Andrade:

Sim senhor, gostei, principalmente de “O poeta come amendoim”. Tive o prazer em notar que aí você fez profissão de fé nacionalista muito a meu gosto, isto é, diferente daquela outra que está no pedaço final do “Noturno”, e a respeito da qual já discutimos. Por sinal que nessa discussão você me informou que o fim da sua arte era pregar, convencer. Pois nada mais convincente que “O poeta come amendoim”, onde o sentimento é puro e, por isso, comunicativo. Há nele a dolência, o abandono, o cheiro bom do ambiente brasileiro. É uma de suas melhores obras.¹¹⁶

O nacionalismo “ao gosto” de Drummond seria aquele do “sentimento puro”, em que a poesia alcança maior poder comunicativo do que em um poema como “Noturno de Belo Horizonte”. Um dos recursos que contribuem para o adensamento da expressão subjetiva em “O poeta come amendoim” é, como o próprio título enfatiza, a centralidade que o *eu* tem no poema, enunciado em primeira pessoa a partir do verso: “Estou pensando nos tempos de antes de eu nascer...”. Vejamos: a própria revisão da história do Brasil é referenciada pelo nascimento do *eu*. A dicção mais personalista é bem diferente da que encontramos em “Noturno de Belo Horizonte”, em que o uso predominante de terceira pessoa, a figura de um narrador viajante e

¹¹³ ANDRADE, Mário de. *Ob. cit.*, 2013, p. 209.

¹¹⁴ MARQUES, Ivan. Modernismo de pés descalços: Mário de Andrade e a cultura caipira. *Revista ieb*, n. 55, mar./set, 2012, p. 27-42.

¹¹⁵ Mário relata a Manuel Bandeira que está escrevendo “O poeta come amendoim” em carta de 29 de dezembro de 1924. In: MORAES, Marcos Antônio (org.), *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, São Paulo: Edusp, 2001, p. 172.

¹¹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade, 20 de mai. de 1925. Cf. SANTIAGO, Silviano, *Op. cit.*, 2002, p. 121.

a mistura de diferentes vozes em diálogo tornam o tom mais objetivo. A cidade, enfim, é apresentada “sob a forma de instantâneos fotográficos”¹¹⁷.

Apesar de elogiar o “Noturno”, o maior problema encontrado por Drummond é a exaltação nacionalista, como se nota em versos como “Nós somos os brasileiros auriverdes!”, “Nós somos na Terra o grande milagre do amor!”. A voz, aqui já na primeira pessoa do plural, proclama um tipo de nacionalismo universalista:

Ele (“O Noturno de Belo Horizonte”) me fez crer que você tem razão, por isso que suas ideias nacionalistas o conduziram de maneira lógica a um poema tão rico em expressão e intenção, em que o sentimento da terra se confunde com o mais puro e desinteressado lirismo. [...] Só não é poesia (pelo menos assim creio) o trecho em que você prega o nacionalismo universalista, e que podia figurar dignamente num discurso a 15 ou 19 de novembro. Mas o resto, quero dizer, quase todo o poema, é esplêndido. Quantas coisas você descobriu em Minas, numa viagem de poucos dias!¹¹⁸

“O noturno de Belo Horizonte”, para Mário de Andrade, seria exemplo de um tipo de arte interessada, de forma que o valor do poema estaria justamente no trecho criticado por CDA:

Eu cada vez me louvo mais daquele final do “Noturno” em que tive coragem realmente enorme de não ser artista pra ser homem, fiz a palavra servir. Talvez não sirva bem a espíritos como o de você de sensibilidade muito sutil e muito grande, pros outros vai servir muito mais do que “O poeta come amendoim”.¹¹⁹

Do que Drummond desconfia é de uma visão social da arte, que a coloque a serviço de determinado fim. Em sua concepção, a preocupação social não precisa se sobrepor à estética, sobretudo porque o artista não controla todos os efeitos de sua obra:

Falo no “Noturno de Belo Horizonte”, em que a preocupação estética dá vida à paisagem e anima as figuras de um modo que o só amor da pátria não saberia manter. Aqui eu o previno de que não vou com essa história de arte pragmática; penso, porém, que podem coexistir num poema a preocupação estética e a social. Uma obra, por mais desinteressada que seja, pretende alcançar vários objetivos, alguns imediatos, outros remotos, inconscientes talvez, mas facilmente visíveis.¹²⁰

Além disso, CDA mantém-se crítico à possibilidade de resolver o problema da tradição cultural nacional de modo programático (o grande objetivo da *práxis* de Mário de Andrade), devido à desproporção existente entre o desenvolvimento da cultura estrangeira (europeia) e o desenvolvimento da cultural no Brasil. Essa tarefa, para Drummond, só pode ser feita com o

¹¹⁷ MIRANDA, Wander Melo de. “A cidade, o poema, a nação”. In: *Revista de Estudos Literários*, Belo Horizonte, v.1, p.161 – 164, out. 1993.

¹¹⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade, 30 de dez. de 1924. Cf. SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, 2002, p. 80.

¹¹⁹ ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond de Andrade, 21 de mai. de 1925. *Ibidem*, p.127.

¹²⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade. Março de 1925. *Ibidem*, p.106.

trabalho de muitas gerações, sendo ilusória a crença de que só um grupo poderia solucioná-la¹²¹, como diz em um artigo publicado pouco antes do início da correspondência com Mário de Andrade:

Chegamos, é fato, à compreensão de uma dolorosa realidade: a necessidade de sermos brasileiros dentro do Brasil, na língua como no sangue, e na literatura como na língua. Mas, isso não se faz com um manifesto ou uma conferência. É a obra, nem sempre visível, muitas vezes irregular, e até mesmo inconsciente, de gerações sem conta. Com que ridícula sobrançeria pretendemos renunciar à cópia dos figurinos franceses, e reunir materiais para a criação de um autêntico ‘gênio brasileiro’ que possamos contrapor ao malsinado gênio francês!¹²²

A “dolorosa realidade” da tradição literária no Brasil e da situação de influência estrangeira sobre nossos escritores se aproxima significativamente da “realidade trágica” de subdesenvolvimento a que Antonio Candido se referiu para elaborar o problema da relação entre subdesenvolvimento e literatura na América Latina¹²³. A partir de Mário Vieira de Mello, que observou a predominância da noção de um “país novo” no Brasil até 1930, a qual seria suplantada pela noção de “país subdesenvolvido”, Antonio Candido propõe dois estágios de consciência sobre o subdesenvolvimento no campo da literatura. A “consciência catastrófica do atraso”¹²⁴, que corresponde à percepção do próprio subdesenvolvimento brasileiro, e a “consciência amena do atraso”, análoga à ideologia de “país novo”. Para Candido, a consciência do subdesenvolvimento trouxe uma mudança de perspectiva sobre o otimismo da literatura do século XIX, caracterizada pela supervalorização da terra, dos elementos naturais locais. Se a exaltação da terra natal era uma forma de compensação de nosso atraso material, a partir da consciência do subdesenvolvimento, a crença em uma possibilidade de progresso movimentará um amplo esforço intelectual para o alcance de um progresso possível – daí o esforço, por exemplo, de Mário e Oswald de Andrade em torno da criação de uma cultura nacional e independente.

Assim, prevaleceu até 1930 a noção de um país atrasado, que, contudo, poderia superar a condição de dependência econômica e cultural. Candido indica que a geração posterior à Segunda Guerra Mundial percebeu a condição de subalternidade como definitiva; os frutos dessa transição podem ser encontrados sobretudo na literatura produzida a partir de 1950,

¹²¹ “Parece que Drummond não apresenta solução para o problema da ausência de tradição cultural brasileira senão a longo prazo, e em termos de um esforço coletivo” (GLEDSON, John. *Op. cit.*, 1981, p. 39).

¹²² ANDRADE, Carlos Drummond. “Poesia brasileira”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 17 de out. de 1924.

¹²³ CANDIDO, Antonio. *In: A educação pela noite*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017, p.169-196.

¹²⁴ *Ibidem*, p.172.

embora já a partir de 1930 haja indícios desse movimento, por exemplo nas obras de Drummond e Murilo Mendes, mais jovens que Mário e Oswald.

Segundo Candido, o princípio da “causalidade interna”¹²⁵ seria primordial para a superação dessa dependência. Trata-se da ideia de tradição interna, ou seja, a produção de obras a partir de exemplos nacionais anteriores, e não sob influência de escritores estrangeiros. Essa concepção de tradição aproxima-se do motivo de hesitação por Drummond em relação ao projeto de construção de uma consciência nacional, agenciada principalmente pela via da cultura, proposta por Mário de Andrade. Drummond, além de perceber que esse seria um trabalho de muitas décadas – não havendo, para usar os termos de Candido, “causalidade interna” –, é cético porque desconfia que uma equação possa abranger os conflitos vivenciados por todos os artistas brasileiros: “Cada um de nós tem de resolver o seu caso, criado e mantido à sombra desse grande caso brasileiro”¹²⁶.

A oposição a Mário de Andrade não significa dizer que Drummond não tenha aderido parcialmente às suas ideias. Como se percebe na obra crítica e poética de CDA de 1924 e 1925, o contato com o projeto literário *interessado* de Mário de Andrade definirá uma mudança de rumos, tal como ele explicita em uma das muitas cartas em que tocam no assunto:

Quando penso que também eu andei a esmo pelos jardins passadistas, colhendo e cheirando flores gramaticais, e bancando atitudes de sabedoria! Pois veio o imprevisto e expulsou-me do jardim. Você, com duas ou três cartas valentes acabou o milagre. Converteu-me à terra.¹²⁷

É possível dizer de uma “adesão (sempre crítica)”¹²⁸ às concepções modernistas. Nos artigos de crítica literária, Drummond antecipa certa consciência crítica e trágica, mantendo uma posição mais lúcida – e também amarga – do que a de Mário de Andrade¹²⁹, o que se observa, inclusive, em um recorte temporal anterior à década de 1930 em que Candido¹³⁰ situa

¹²⁵ Como as obras desses poetas ainda ficaram restritas ao público leitor brasileiro, Candido vê a obra de Jorge Luís Borges como o primeiro caso do que chama de “influência original” (CANDIDO, Antonio. *Op. cit.*, p.184).

¹²⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. Carta a Mário de Andrade, 22 de nov. de 1924. Cf. SANTIAGO, Silviano, *Op. cit.*, p. 57.

¹²⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade, 6 de fev. de 1925. Cf. SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, 2002, p. 95.

¹²⁸ GLEDSON, John. *Op. cit.*, 2018, p.3.

¹²⁹ “O entusiasmo de Mário e seu otimismo obstinado (bem revelados em cartas dedicadas a assuntos pessoais) fizeram-no reagir negativamente à veia cética e pessimista de Drummond” (GLEDSON, John. *Op. cit.*, p.63.).

¹³⁰ CANDIDO, Antonio. “Literatura e Subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

o poeta. Isso, é claro, também se revela em sua produção poética, como no irônico “Convite ao suicídio”. Publicado na revista *Verde* em 1927, permaneceu inédito em livro:

Convite ao suicídio

a Mário de Andrade

Vamos dar um tiro no ouvido,
Vamos?
Largar essa vida
largar esse mundo
comprar o último bilhete
e desembarcar na estação central do Infinito perante
a comissão importante de arcanjos
bem-aventurados profetas - vivoooo!

Vamos acabar com isso,
dar o fora nas aporrinhações.
Adeus contrariedades.
Nunca mais desastres
nem calos
nem desejos
nem percevejos nem nada.

Só um gesto
PUM PUM
Acabou-se.

Já estou cansado da Metro, da Paramount,
de todas as marcas inclusive a barbante.
A fita pau.
Repetir é casar dobrado.
Me dá o braço,
vamos s'embora.

A vida foi feita pros trouxas
que esperdiçam as riquezas do coração
nessa lenga-lenga infindável
e depois vão dormir o sono abençoado dos burros
justos pra recomeçar no dia
seguinte cedinho.

Vida que não é vida...

(Suspirei
foi pra abrir o peito,
soltar o último desgosto.)

Estou pronto pra sair.
Vamos sair juntos?
É mais divertido
e enche mais os jornais: um suicídio duplo, hein?
que mina pros repórteres e pros
cidadãos que gostam de misturar
o café matinal com histórias
de Smith and Wess.

A noite está fria.

Noite indiferente.
 Vamos morrer daqui a um minuto
 (se você não roer a corda)
 e no entanto o Cruzeiro do Sul parece dizer: que m'importa,
 E astros águas e terras repetem maquinalmente: que m'importa.

Eles têm razão.
 Nós também temos,
 que perderá o Brasil com isso.
 No frio da noite os amorosos multiplicam a espécie.
 O Brasil é tão grande.
 Mais grande que o mundo inteiro.
 Estamos caceteados, vamos s'embora.

Adeus minha terra
 Terra bonita
 Pintada de ver
 Com bichos esquisitos e moleques treteiros,
 Abençoada pelo Deus brasileiro das felicidades e descarrilamentos
 me despeço de todos sem exceção.
 Apesar de ser inútil,
 lembrem de mim nas suas orações.

Está na hora.
 Agora vamos.
 Me acompanhe nesse passo
 tão complicado.
 Me ajude a morre,
 morre com a gente,
 irmãozinho.

Vamos fazer a grande besteira:
 rebentar os miolos
 e ir receber no céu o castigo de nossos amores
 e o prêmio de nossas devassidões.¹³¹

O poema, dedicado a Mário de Andrade, deixa entrever outros sinais de influência do poeta paulista. John Gledson observou, por exemplo, como o estilo declamatório do poema é muito próximo aos de *Pauliceia desvairada*, obra de Mário que mais exerceu influência sobre Drummond¹³². Podemos observar, ainda, o vocabulário que simula uma linguagem mais popular (“lenga-lenga”, “mais grande”, “caceteados”, “s'embora”), a falta de pontuação entre os elementos (“astros águas e terras”). Se geralmente no convite o outro é convocado a alguma ação, o poema de Drummond incita a segunda pessoa – que, pela dedicatória, pode ser compreendido como Mário de Andrade, embora a interpretação não se limite a esse dado – a uma ação negativa, porque é o próprio fim. Além das ações que remetem à morte – “dar o tiro no ouvido”, “largar essa vida”, “comprar último bilhete”, “desembarcar na estação central do

¹³¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Convite ao suicídio”. Verde – edição fac-similar, ano 1, n. 4, p. 17. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *Op. cit.*, 2014.

¹³² GLEDSON, John. *Op. cit.*, 2003.

Infinito” – outras ações do poema também são carregadas de negatividade: o suspiro do sujeito poético é dado para “soltar o último desgosto”; o pedido de que o povo se lembre do *eu* que se despede é “inútil”. O poema, afinal, é carregado de pessimismo: a vida se resume às “aporrinhações”, às “contrariedades”, aos “desastres” e “desejos” (subentende-se: não cumpridos), e é vivida por aqueles que são “trouxas” e “burros justos”, que só fazem repetir uma rotina mesquinha, expressa como “lenga-lenga infundável”. O que piora a situação é a indiferença absoluta da noite, da natureza, do próprio país em relação ao duplo suicídio, que só servirá para satisfazer às manchetes de jornal de cidadãos que têm por hábito de leitura histórias de “Smith and Wess”, ou seja, de violência armada.

A gravidade desse cenário, no entanto, “desaparece sob a presença consumada do humor, assim como o rebaixamento da cogitação trágica à simplicidade de uma farra de amigos empresta a tudo um tom de pilhéria”, como nota Eucanaã Ferraz¹³³, que identifica uma “alegria violenta”, contrastante com o cenário tedioso e o tom de desprezo do poema. Uma das formas de apresentação do tema da morte na poética de CDA, como nota o crítico literário, é o suicídio. O tema volta, por exemplo, em “Não se mate”, de *Brejo das Almas* (1934) e “Fraga e sombra”, de *Claro enigma* (1951).

No poema, facilmente dá-se adeus à “terra bonita”, que tem “bichos esquisitos”, “moleques treteiros”. A ambiguidade continua na imagem do Deus brasileiro, padroeiro das “felicidades”, mas também dos “descarrilamentos”; e na descrição do povo, os “amigos inimigos”, gente “canalha miúda”. Tudo, enfim, demonstra bem o ceticismo de Drummond perante a qualquer perspectiva de progresso na cultura nacional.

Situado em seu contexto de publicação, “Convite ao suicídio” ganha um caráter ainda mais insubordinado. No mesmo número da revista *Verde*, saiu o poema “Homenagem aos homens que agem”, assinado por “Marioswald”:

Homenagem aos homens que agem

Tarsila não pinta mais
Com verde de Paris
Pinta com Verde
Cataguazes

Os Andrades
Não escrevem mais
Com terra roxa
NÃO!
Escrevem com tinta Verde
Cataguazes

¹³³ FERRAZ, Eucanaã. “Modos de morrer”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Carlos Drummond de Andrade*, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 27, p. 116, out. de 2012.

[...]¹³⁴

O poema foi escrito a quatro mãos por Mário e Oswald de Andrade e vem acompanhado de uma observação: “(do livro inédito “Oswaldario dos Andrades”)”, projeto de publicação conjunta que nunca foi efetivado. O tom entusiasmado presta homenagem não apenas aos “Azes de Cataguases”, como os paulistas apelidaram o grupo modernista da cidade do interior de Minas, mas às *ações* programáticas de Tarsila, Mário, Oswald, Brecheret e Villa Lobos, que abandonam as referências europeias para se voltarem ao Brasil mais especialmente à província mineira. A cor verde, além de referir-se à revista, é um óbvio símbolo nacional. Em geral, a dicção heroica, que proclama os “homens de *ação*”, é justamente aquela ironizada pelo poema de Drummond.

Mais curioso é que, ainda no mesmo número da *Verde*, Affonso Arinos (sobrinho) publicou um poema dedicado a Carlos Drummond de Andrade.

Três estâncias otimistas pra Carlos Drummond de Andrade

Você disse que esta vida não presta.
Mas, pra firmar esse juízo,
Carlos Drummond de Andrade,
Com que outra vida você comparou esta vida?

Você disse que ninguém tem nada.
Mas você está enganado,
Carlos Drummond de Andrade.
Se eu não tenho nada, então de quem é o mundo?

Você disse que não se deve esperar nada.
Mas eu não sigo o seu conselho,
Carlos Drummond de Andrade.
Eu deito de costas na terra,
eu deito nu nesta terra nua
e olho pro céu e espero,
espero tudo que eu quero,
espero que desça a lua
pra me servir de travesseiro.¹³⁵

O ar de fantasia do fim do poema não é nada irônico: apesar de saber da impossibilidade de a lua descer à Terra para servir de travesseiro ao eu lírico, esse é um devaneio que apraz sua imaginação. Dividido em três estrofes, o poema apresenta três objeções a pensamentos atribuídos a CDA, os quais, contrapostos ao título, são negativas pessimistas (“esta vida *não*

¹³⁴ MARIOSWALD. Verde – edição fac-similar, ano 1, n. 4, p. 9. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *ob. cit.*, 2014.

¹³⁵ ARINOS, Affonso. In: Verde – edição fac-similar, ano 1, n. 4, p. 12. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *Op. cit.*, 2014.

presta”, “ninguém tem nada”, “não se deve esperar nada”) que o sujeito poético afirma não seguir, preservando um modo positivo não se de ver a vida, mas de fazer poesia.

Quando lembramos que o “convite ao suicídio” foi publicado junto a esses poemas, fica ainda mais evidente a posição de Drummond, divergente do discurso modernista dominante nesse período. A reação de Mário de Andrade ao texto é, como se espera, negativa, como vemos em carta enviada a Enrique de Resende:

Drummond – não sei o que pensar do poema dele. No fundo uma ironia desgraçada que me irrita. Vou comentar a coisa com ele porque fiquei triste dele dedicar aquilo pra mim. Só se não entendo a finalidade do poema.¹³⁶

E nesta direcionada ao próprio Drummond:

Aliás o “Convite ao suicídio” positivamente estou numa incapacidade completa de gostar desse poema, você deve bem imaginar. [...] Fique assim como quem comeu e não gostou, desiludido. [...] Você está tomando uma posição muito particular e muito abalizada entre os modernos. Aqui em São Paulo se respeita com muito interesse o nome de você.¹³⁷

Indo além do desagrado causado a Mário de Andrade, o trecho permite ver como Drummond, em 1928, já tem certo renome no meio literário de São Paulo, dois anos antes do lançamento de *Alguma poesia*. Chama ainda mais a atenção como o escritor conquista um lugar “particular”, isto é, diferente do que estava sendo feito até então, o que se deve à sua posição em relação à estética proposta tanto por Oswald quanto por Mário de Andrade, como o próprio CDA comenta em *A lição do amigo*, primeira edição da correspondência com Mário, que ele organizou: “Natural que MA não tenha gostado: exprimia o contrário do vitalismo apaixonado que ele praticava como norma existencial. Não me lembra mais se a dedicatória foi fruto de ingenuidade de minha parte, ou brincadeira de mau gosto”¹³⁸.

Em 1929, essa independência em relação a Mário já está bem concretizada. O documento mais interessante sobre os diferentes rumos tomados por Drummond e Mário de Andrade em suas obras é esta carta enviada a CDA em 19 de maio de 1929:

O que temos de diferente foi o meio de praticar nossa timidez diante da vida. Você como que se esquivou à jogatina. Eu joguei tudo numa cartada só. Estou desconfiando que perdi, não sei. [...] No princípio eu quis mudar você, fazer você que nem eu.

¹³⁶ Como informa Eucanã Ferraz, a carta foi reproduzida, sem data, na edição do “Suplemento literário” do jornal *Minas Gerais* de 08.06.1968. (Cf. FERRAZ, Eucanã. *Op. cit.*, p. 116, out. de 2012.)

¹³⁷ ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond, 21 d ejan. de 1928. Cf. SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, 2002, p.309.

¹³⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. *A lição do amigo*: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotadas pelo destinatário. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 178.

Porque, já falei, você me esfolava e eu queria ser amigo de você. Mas você foi discreto, me engabelou, me engabelou, continuou na mesma, deu tempo ao tempo. Foi bom porque hoje você já não me esfolava mais, não me contunde, eu já não quero mais mudar você. E vem a verdade surpreendente: E nós perseveramos amigos. Afinal das contas tudo foi principalmente muito lindo e estou pacífico, dizendo bom-dia pra você, sabendo como vai a gente de você, dizendo que sou sempre o mesmo. De você.¹³⁹

Note-se como, já bem próximo à data de publicação de *Alguma poesia*, a resistência de Drummond às suas lições ficariam ainda mais claros para Mário de Andrade, que se refere à sua estratégia de não aderir plenamente aos primeiros intentos modernistas. Muito mais tarde, nas entrevistas radiofônicas com Lya Cavalcanti, publicadas posteriormente sob o título de *Tempo, vida, poesia*, CDA relembrou sua posição sobre o que propunha Mário de Andrade:

O que Mário esperava de nós não era que o seguíssimos, mas que nos descobríssimos a nós mesmos, ao que pudesse haver de bom em nós, no sentido de inquietação, desejo de investigação e reflexão: queria (e foi explicitando isto nas cartas que passaria a nos escrever, paciente, pedagógico, obstinado) que adquiríssemos consciência social da arte e trabalhássemos utilitariamente nesse sentido, pela descoberta ou redescoberta gradativa do Brasil em nós, atualizados e responsáveis. Nunca segui a fundo a lição de Mário, mas o pouco de ordem (sob a desordem superficial) que passei a pôr no que escrevia é consequência da ação dele para me salvar do individualismo e do estetismo puro.¹⁴⁰

É interessante como, no caso de Drummond, a consciência sobre os limites desse projeto vai ao encontro de um constante conflito de sua obra, que são os modos de participação do poeta na vida pública. Como se sabe, a aproximação e o afastamento do poeta da esfera social e de um papel socializante de sua poesia irão repercutir ao longo de toda sua obra poética¹⁴¹.

Importa considerar, contudo, que, embora fosse resistente em relação à fundação de uma tradição literária independente da tradição europeia, formadora da classe intelectual do país, Drummond sempre defendeu as mudanças que via acontecer na literatura, celebrando diferentes obras que se propunham a inovar. “Poesia brasileira”, por exemplo, faz um balanço sobre o panorama literário, delimitando terreno entre novos e velhos escritores. Ao acatar os “experimentadores”, CDA rejeita os escritores que se apegam “aos fictícios valores do passado”¹⁴². Nesse mesmo artigo, defende “Os sapos”, de Manuel Bandeira, como um “pequenino quadro malicioso e humano”, superior à simples blague. A modernidade dos versos

¹³⁹ ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond, 19 de mai. de 1929. Cf. SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, 2002, p.350.

¹⁴⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Tempo vida poesia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.83.

¹⁴¹ Uma consequência desse conflito vista na crítica foi, por exemplo, a clássica periodização da obra de Drummond em “fases” ligadas à relação do sujeito poético com seu entorno, que estudos como o de Guilherme Merquior (1972) pretenderam superar.

¹⁴² *Ibidem*.

produzidos nesse contexto de renovação não estaria restrita a um “feitio desatado dos poemas” ou a um “desarticulamento dos ritmos” - embora esses recursos bem superassem uma retórica artificial e um “preconceito da forma” -, e sim estaria contida em uma “concepção mais ampla e mais generosa de poesia”¹⁴³, que se traduz em um refinamento estético.

No ano seguinte, 1925, Drummond publicou mais três ensaios sobre o debate em torno da tradição literária brasileira e a renovação proposta pelos modernistas. No primeiro deles, “Nacionalismo literário”, de 23 de janeiro de 1925, expõe como o problema do nacionalismo acompanha toda a tradição literária, em uma linha que vem desde Basílio da Gama a Oswald de Andrade e retoma, agora explicitamente, o célebre ensaio de Machado de Assis, preocupando-se em diferenciar o retorno atual de “motivos nacionais” à literatura da retórica nacionalista colonial ou republicana:

O seu nacionalismo não é, não pode ser o mesmo que os desses discursadores balofos de festa nacional, que envolvem num só amor o orçamento, a República e a memória dos antepassados. Este é o falso nacionalismo, o pior de todos e o menos inteligente. [...] Um traço apenas aproxima o atual esforço nacionalizante e a obra dos nossos antecessores; e é, não o respeito da tradição, aliás hipotética, mas o desejo de vitalizar essa tradição, utilizando os elementos populares do interesse real. Agora, nenhum falso amor às riquezas do solo e às virtualidades da raça. Temos o sentimento imediato da terra, fruto de contínuas experiências. Trabalhamos com mãos firmes a dolorosa e indisfarçável realidade brasileira. Seria interessante observar a evolução disso a que já o velho Machado de Assis chamava “Instinto de nacionalidade”. Que sinuosa e obscura linha vai desde Basílio da Gama até o sr. Graça Aranha, por exemplo! [...] Eu, por mim, reajo contra a possível dose de messianismo nas suas atitudes; mas, sou do meu tempo e amo os homens do meu tempo.¹⁴⁴

A discussão sobre a tradição ganha nesse ensaio outros contornos. Permanece a crítica ao “falso nacionalismo” e à afirmação de uma tradição literária no Brasil – “hipotética” –, mas entra o elemento popular, tão importante para Mário de Andrade, como força de revitalização dessa tradição. Essa seria uma evolução em relação ao pensamento que Machado de Assis chamou de “Instinto de nacionalidade”. Vejamos que, embora Drummond não retome o “sentimento íntimo” de Machado, ele usa o “sentimento da terra”. De modo geral, CDA recai no equívoco de assimilar “instinto de nacionalidade” e “sentimento íntimo”, que são pontos contrapostos, embora relacionados. O sentimento íntimo tem uma natureza mais individual, sendo irreduzível ao identitarismo do “instinto de nacionalidade”¹⁴⁵. Apesar disso, interessante conjugação entre elemento individual, pessoal, subjetivo, e elemento ligado à realidade

¹⁴³ *Ibidem*.

¹⁴⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Nacionalismo literário”, *O jornal*, Rio de Janeiro, 23 de jan. de 1925.

¹⁴⁵ Sobre isso, ver ALCIDES, Sérgio. “Um pouco de Grécia na literatura nacional”. *Revista Brasileira*, ano III, nº103, abr./mai./jun., 2020.

brasileira, ao trabalho – “trabalhamos com mãos firmes” –, à coletividade, em um uso bem diferente do “sentimento da natureza” da retórica romântica oitocentista e também distante da proposta mais universalista do futuro *Sentimento do mundo* de 1940.

De fato, ainda muito jovem, Drummond foi leitor de Machado de Assis: “[...] cheguei cedinho a Machado de Assis. Deste não me separaria nunca, embora vez por outra lhe tenha feito umas má-criações. É mesmo o sinal de menos que prova, pela insignificância e transitoriedade, a grandeza do sinal de mais.”¹⁴⁶. As “má-criações” se referem a textos publicados na década de 1920 em que Machado é mencionado como representante de um espírito convencional e acadêmico, que precisa ser abandonado em prol de uma renovação literária:

Amo tal escritor patricio do século XIX, pela magia irreprimível de seu estilo e pela genuína aristocracia de seu pensamento. Mas se considerar que este escritor é um desvio na orientação que deve seguir a mentalidade de meu país, para a qual um bom estilo é o mais vicioso dos dons, e a aristocracia um refinamento ainda impossível e indesejável, que devo fazer? A resposta é clara e reta: repudiá-lo. Chamemos este escritor pelo nome: é o grande Machado de Assis. Sua obra tem sido o cipoal em que se enredou e perdeu mais de uma poderosa individualidade, seduzida pela sutileza, pela perversidade profunda e ardilosa deste romancista tão curioso e, ao cabo, tão monótono.¹⁴⁷

A questão da tradição e a recusa de Machado de Assis são retomados em “Tá-í!”, em que o escritor é “doutor sutilíssimo”, que, no entanto, acabou “fazendo uma arte cocha, de reminiscências ultramarinas escandalosas, que não faz o coração da gente bater com mais força, não arrepia, não engasga”¹⁴⁸. As menções a Machado de Assis na década de 1920, tanto nesses textos quanto na correspondência com Mário de Andrade, aparecem sempre ligadas a uma preocupação sobre a tradição literária e o dilema da relação do escritor moderno com o passado. A sutileza e a perversidade de Machado de Assis elogiadas por CDA se encontram justamente no recurso da ironia, tão importante para a obra de Drummond, na qual Gledson encontra ecos de Machado de Assis.¹⁴⁹

Como nota Hélio Seixas Guimarães, que organizou um volume inteiramente dedicado às referências de Machado de Assis na obra de CDA, isso já é perceptível no primeiro livro do poeta:

¹⁴⁶ Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. “Uma gota de ácido”. In: GUIMARÃES, *Op. cit.*, 2019, p.152.

¹⁴⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. “Sobre a tradição em literatura”. In: A Revista – edição fac-similar, n. 1, ano., p. 32-33, julho de 1925. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *Op. cit.*, 2014.

¹⁴⁸ ANDRADE, Carlos Drummond. “Tá-í”, *A Noite*, Rio de Janeiro, 29 de dez. de 1925.

¹⁴⁹ “Drummond ou Machado de Assis, em que o humor e uma ironia profundamente enraizada escondem essas intenções” (GLEDSON, John. *Op. cit.*, 2003, p.18).

No livro de estreia, *Alguma poesia*, ela [a nota machadiana] se insinua no tom anedótico de alguns poemas, como ‘Política’ e ‘Sociedade’, no qual a hipocrisia das instituições, e dos homens-instituições, surge em nota humorística, mistura de galhofa e melancolia.¹⁵⁰

A diferença fundamental observada por Hélio Guimarães estaria no modo como Drummond e Machado vão destruir ilusões, ou seja, na forma de seu ceticismo. Em Machado, as instituições são arruinadas, em uma obra ausente de referências pessoais; em Drummond, o alvo é a mitologia pessoal, ou seja, o próprio sujeito é corroído pela ironia e pelo ceticismo.

De um modo diferente do observado por Hélio Guimarães, a presença de Machado de Assis pode ser vista de maneira ainda mais direta em uma curta narrativa escrita em 1922, “Joaquim do telhado”. O pequeno conto ganhou o prêmio organizado pela revista *Novela Mineira*, que o publicou. A narrativa conta a história do sapateiro Joaquim, morador de uma cidade interiorana, que desenvolve o hábito incomum de todos os dias subir ao telhado de sua casa e observar dali a cidade, desde a tarde até a noite. Isso chama a atenção dos moradores, que começam a especular sobre um provável enlouquecimento de Joaquim; os comentários levam o irmão a visitá-lo. Joaquim, então, explica o motivo de suas viagens às telhas:

Olhe, Afonso, eu estou com essa gente pela garganta. Qualquer dia a vomito, palavra! São insuportáveis, arre! Gritam-me que sou isto, sou aquilo... e sabem eles o que sou? Sabem? eu sou um filósofo. Mas um filósofo superior, que desdenha os livros e observa a humanidade. Eu me fiz, eu estudei comigo mesmo, que diabo! E, agora, já vitorioso, eles me julgam doido! Ah! Cretinos! Imbecis! [...] Resolvi subir no telhado. Era uma ideia natural, tenho certeza... Lá de cima, estaria num nível superior ao desses pobres diabos de juízo: um horizonte mais amplo, ideias mais claras... A ânsia que eu tinha de usar o cérebro! Pois subi. E gostei. E continuei. Ah, meu caro! O que se vê, o que se contempla dum telhado! Que lugar extraordinário! Devo a minha sabedoria às minhas telhas.¹⁵¹

A ânsia por conhecimento leva Joaquim ao estado contemplativo, inerte, postura comumente associada ao sábio, que historicamente está próximo ao louco. A sabedoria de Joaquim, contudo, tem origem mundana, não acadêmica, e o lugar que escolhe para pensar é incomum e simplório, apesar de fazer o personagem se sentir superior aos “pobres diabos de juízo”. Nesse sentido, Drummond retira de Joaquim qualquer aura de elevação ou elegância que poderiam ser associadas à figura do filósofo, aqui alvo de deboche. A situação é semelhante à de alguns personagens de Machado de Assis, que refletiam mais a partir da própria experiência do que dos livros, como Quincas Borba, cuja filosofia também evoluiu paralelamente à sua loucura e decadência. Tanto Joaquim – que, no conto, também é chamado de Quincas – quanto

¹⁵⁰ GUIMARÃES, *Op. cit.*, 2019, p.21.

¹⁵¹ ANDRADE, Carlos Drummond. “Joaquim do telhado”. *Novela Mineira*, fascículo IX e X, v. 1, 1922, p. 239.

Quincas Borba se autodenominam filósofos e criam um sistema filosófico, ironicamente absurdo. Quincas Borba inventou o Humanitismo; já Joaquim, uma teoria que explica o mundo a partir da comparação da humanidade a diferentes espécies de sapatos:

O mundo, meu caro, é uma enorme oficina de sapateiro... Duvida? Espanta-se? Ouça-me um pouco, tenha paciência. Uma enorme sapataria. O sapateiro é Deus. Todos os homens são sapatos. Há os de forma diversíssimas, homens borzeguins, mulheres botinas, gente de cano alto, criaturas de bico largo, seres de verniz... Você, meu pobre irmão, é uma bota de bico largo, sem dúvida alguma; eu sou uma bota fina, comprida...Ora aí está: Sapatos! Nada mais que sapatos!¹⁵²

A alegoria criada por Joaquim promove uma operação em que, na superfície do texto, os homens são transformados em sapatos de diferentes formatos. Mas não apenas os atributos físicos são comparados às características dos calçados; também as qualidades morais são visíveis sob a forma das propriedades típicas dos sapatos: a uma personalidade mais bronca e dada a falar da vida alheia parece ser atribuída a forma de “bico largo”, vista no próprio irmão de Joaquim, que, afinal, foi visitá-lo devido às fofocas que ouvira sobre ele. Já a superioridade é ligada às botas “finas e compridas”, formas a que Joaquim atribui sua própria personalidade. A comparação, no sentido mais profundo, é claramente irônica, pois as personalidades humanas são rebaixadas ao simples status de sapatos, e a complexidade do mundo pode ser reduzida a uma sapataria.

O uso da alegoria de forma irônica para questionar o mundo e criticar comportamentos é um dos procedimentos literários mais importantes na obra de Machado de Assis, que a experimenta desde as crônicas escritas para jornais¹⁵³ até chegar a uma forma alegórica mais complexa nos romances, como *Quincas Borba* (1891)¹⁵⁴. Em diversos momentos de sua obra, Machado de Assis atribuiu concretude a abstrações, criando uma configuração absurda que exagera um aspecto já contraditório da realidade, levando-a à surrealidade e evidenciando ainda mais uma crítica que o autor se recusa a explicitar. É o caso da alegoria do campo de batatas, em *Quincas Borba* (1891)¹⁵⁵, e também do frango assado, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), ambas usadas por Quincas Borba, também em uma situação de diálogo, para ilustrar sua teoria do Humanitismo. No primeiro caso, a historieta das tribos no campo de

¹⁵² ANDRADE, Carlos Drummond. *Ibidem*, p. 239.

¹⁵³ É o caso das camisas, na crônica de 18 de agosto de 1878, cuja cor seduziu o vigário e fê-lo mudar de posição no frigor das eleições, trocando de partido; ou dos contos que ganham vida e decidem não entrar no Tesouro, em crônica de 21 de julho de 1878. (ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas: John Gledson e Lúcia Granja. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008, p. 215 e 169, respectivamente.)

¹⁵⁴ Sobre o uso da alegoria em Machado de Assis, ver: SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. *Realismo e alegoria em Machado de Assis*. Porto Alegre: Editora Polifonia, 2021.

¹⁵⁵ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, p. 56-57.

batatas denuncia uma disputa de classes, e, no segundo, a narrativa que remete à origem do frango que Quincas come em seu jantar na casa de Brás Cubas também perpassa uma cadeia produtiva desigual. No conto de Drummond, é também a diferença de classe – apoiada nas diversas ocupações trabalhistas possíveis na pequena cidade de Joaquim – que impacta a forma como cada pessoa vê e experiencia o mundo:

Isto para mim, que, infelizmente, cá embaixo sou sapateiro. Para você, já o mundo é outro: uma vasta fazenda, cheia de bois e vacas...[...] Por aí você vê o quão divertido e pitoresco é o meu sistema. Note a pasmosa variedade de formas: a gente mudando de profissão, muda de existência. E não há ciência que possa ofender-se comigo: eu não ataco nenhuma, ignorando honestamente a todas... a minha teoria é um fato! Ela explica os mais tenebrosos mistérios da humanidade.¹⁵⁶

No trecho, a posição de ignorância sobre a ciência a partir da crença em uma teoria absoluta, que pode explicar todos os mistérios da humanidade, é muito similar à postura esnobe de Quincas Borba, quando explica o Humanitismo, “sistema de filosofia destinado a arruinar todos os demais sistemas”¹⁵⁷. O fim de Joaquim é trágico: em uma tarde que passa sobre ao telhado, ele tem uma longa divagação, uma visão fantástica de sapatos de todos os tipos; na rua, um dos meninos, que já zombavam do homem no telhado, atira uma botina velha que acerta a testa do sapateiro e o faz cair na rua, queda que lhe foi fatal. A ironia é arguta: o homem morre pelo objeto que ele próprio fabrica, como sapateiro, e pelo objeto alvo de suas fantasias e símbolo de toda a humanidade. Nesse mundo de expressão alegórica¹⁵⁸, as abstrações são entificadas e as ações deslocadas de seu contexto, a alegoria faz com que os objetos percam, “[...] sua densidade costumeira e se dispersam numa multiplicidade semântica infinita.”, como, em outro contexto, Jeanne Marie Gagnebin bem definiu o efeito desse recurso¹⁵⁹. No fim, há uma materialização de conflitos muito abstratos, como a perversidade dos homens, a vigilância de uns sobre os outros (típica da cidade de interior), a perda do personagem em seu próprio delírio e o questionamento entre os limites da loucura e da normalidade. Esse último ponto, por exemplo, é o que orienta a narrativa em torno de Simão Bacamarte em *O alienista*. Um dos presos da Casa Verde foi justamente Mateus, que passava as manhãs a admirar a própria casa e perdia as tardes à janela, vendo a rua, de onde os moradores também o zombavam.

¹⁵⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. *Ibidem*, p. 240.

¹⁵⁷ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014, p. 163.

¹⁵⁸ “[...] técnica metafórica de representar e personificar abstrações”. Cf. HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: a construção e a interpretação da metáfora*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p.7.

¹⁵⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Alegoria, morte, modernidade”. In: *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994, p.47.

Nesse sentido, desde o tema até o uso conjugado de alegoria e ironia, a narrativa faz ecoar Machado de Assis, também rastreado por referências mais óbvias, como as coincidências de enredo e o nome do personagem principal, que, além de ter o primeiro nome do próprio Machado de Assis, recebe o apelido de um de seus personagens mais emblemáticos. Após a década de 1920, com essa narrativa e os artigos que vimos, Drummond por muito tempo não falou sobre Machado de Assis. Na década de 1940 volta a mencioná-lo aqui e ali, mas é a partir de 1950 que Drummond assume uma postura de defender Machado de Assis como uma referência importante na literatura, afastando-o, inclusive, de uma visão academicista. Mais à frente, nos textos de 1960, Machado passa a ocupar a posição de grande mestre, “[...] é um demônio de mil artes, zombarias, negações e imprevistos”¹⁶⁰. Trata-se, é certo, de uma influência difícil de apagar:

Fui marcado pelo bruxo, indelevelmente. Quando me dou conta, procuro disfarçar, mas às vezes até gosto de confessar a filiação. Que hei de fazer? É o escritor brasileiro que eu mais respeito, amo e admiro. De outros cronistas não me lembro de ter sofrido influência, salvo de Álvaro Moreira, mas este foi mais uma questão de estilo, em época de formação intelectual, e não de fundo. Em Machado, a influência é de forma e fundo, hélas!¹⁶¹

Outro elemento que mostra a influência de Mário de Andrade no pensamento de Drummond é a defesa de uma filosofia da ação sobre o papel do escritor na sociedade:

Não nos esqueçamos de que os escritores são ainda os maiores homens de ação, e que as realidades sociais só se desenvolvem na atmosfera intelectual que eles preparam ou de alguma sorte ajudam a fixar. [...] Não, os tempos não estão próximos; estão mesmo infinitamente longe, e os nossos intelectuais sabem disso. Mas, é preciso ter coragem de pular no meio da multidão inquieta, e cooperar – entre cético e entusiástico – na obra de formação da consciência nacional.¹⁶²

A relação entre o escritor e a sociedade, que neste texto chega a ser a base da realidade social, é colocada sob um imperativo – “é preciso”. A finalidade desse vínculo é, justamente, a “formação da consciência nacional”, em uma atitude de dissolução do individualismo do poeta, que deve pular na multidão, ainda que oscilante entre o ceticismo e o entusiasmo.

Outro ponto importante do artigo é o elogio a *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade:

¹⁶⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Machado de Assis vivo”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1968.

¹⁶¹ Entrevista concedida a Rita de Cássia Barbosa. Cf. BARBOSA, Rita de Cássia. *O cotidiano e as máscaras: a crônica de Carlos Drummond de Andrade 1930-1934*. São Paulo, 1984.5v. Tese [Doutorado em Literatura Brasileira]. FFLCH-USP, 1984, v.1, p.421.

¹⁶² ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade, 22 de nov. de 1924. Cf. SANTIAGO, Silviano. *Op.cit.*, 2002, p.57.

Considero o sr. Oswald de Andrade um dos felizes dominadores do nosso momento. O interesse de sua obra é visível. Todos os livros que apareçam no futuro, terão que contar, como o seu, uma interpretação do problema literário que nos preocupa. Ser ou não ser brasileiro; viver ou não, com plenitude e consciência, neste cenário particularíssimo, o nosso formidável momento: eis o dilema.¹⁶³

O trecho é uma espécie de antecipação do lema *tupi or not tupi* do Manifesto Antropófago de 1928, que coloca a questão como central à sua atualidade literária.

Como se lê, há muitos elementos nesse ensaio que retomam o debate das cartas trocadas com Mário de Andrade. Também aparece o tema do sacrifício da formação acadêmica europeia, necessário para realizar o projeto de uma literatura nacional:

Nem todos se resolvem ao consciente *sacrifício* de um passado intelectual com raízes na macia conveniência das letras francesas. [...] Aquilo que o Sr. Mário de Andrade chamou, com indiscutível pitoresco, de “moléstia de Nabuco”, ataca as inteligências com a mesma intensidade com que a moléstia de Chagas ataca os caboclos. [...] No autor de “Minha formação”, figura das mais sedutoras do Brasil, acompanhamos com simpatia a evolução do mal, a que votava a própria universalidade de seu espírito. [...] Foi um fenômeno na cultura sob os trópicos.¹⁶⁴

A “moléstia de Nabuco”, que vimos nas primeiras cartas trocadas entre os escritores, é assumida como um mal que acometeu uma geração, e do qual é preciso se libertar. É nítida, portanto, certa aproximação de Drummond às propostas nacionalistas de Mário, sem, no entanto, assimilação ou conversão.

Nesse artigo de 1925, percebe-se, inclusive, certo tom convocatório, que reflete sobre as diretrizes da “nova literatura” e as apoia. No entanto, embora a adesão de Drummond seja muito mais evidente que nos ensaios de 1924, não nos esqueçamos de que sua posição sobre o problema é “entre cética e entusiástica”. Essa ambiguidade, no que tange ao nacionalismo literário, repete-se ao final do artigo: “Eu, por mim, reajo contra a possível dose de messianismo que haja nas suas atitudes; mas, sou do meu tempo e dos homens do meu tempo”. Assim, embora o poeta se aproxime da proposta modernista, fica clara a ambivalente posição de Drummond frente a essas questões.

No fim deste mesmo ano, a 14 de dezembro de 1925, Drummond escreve outro artigo para *A Noite*, “O homem do ‘Pau Brasil’”¹⁶⁵. O texto faz parte da coluna “Mês Modernista”, para a qual o poeta contribui a convite de Mário de Andrade, que a organiza. Comenta, então, o livro de poemas recentemente lançado por Oswald de Andrade e sua relação com o *Manifesto* de 1924:

¹⁶³ *Ibidem*.

¹⁶⁴ *Ibidem*.

¹⁶⁵ Para o texto completo, ver Anexo 2.

Leram o Pau Brasil? Andam dizendo por aí que há incoerência entre o livro e o manifesto... Palavra que não achei. E que tivesse: sem importância. Já disse que manifesto não prova nada. As teorias mais diversas têm isso em comum: são de borracha. Daí, não se pode obrigar Oswald a dar a suas ideias a objetivação que nos convém. O que ele prega, procura ser: crédulo, bárbaro, pitoresco, ingênuo, lírico, primitivo. Dizer que sua ingenuidade é falsa, porque ele é civilizado, me parece injusta. Ele tenta uma crise de primitivismo, porém não pode ficar burro de repente (?) nem esquecer o que aprendeu nas Europas. (Aprendeu, por exemplo, a ser livre). Não acredito é nas vantagens de seu primitivismo. Penso que o problema da poesia brasileira – e num sentido geral, de toda a nossa literatura – tem de ser atacado de outro modo.¹⁶⁶

No que tange à posição geral de Drummond sobre a significação da obra de Oswald, as ideias anteriormente publicadas por ocasião do lançamento do *Manifesto*, na *Gazeta Comercial*, se mantêm: a impossibilidade de apagamento geral da tradição literária europeia – condição para a própria obra que o poeta realiza – e a crítica à saída engendrada por Oswald para o problema da necessidade de uma tradição literária nacional. Novamente, Drummond se opõe à possibilidade de retorno a um estado pré-cabralino, primitivo; para ele, além de ingênuo, isso seria ineficaz:

A grande tolice do meu amigo Osvaldo de Andrade é imaginar que descobriu o Brasil. Absolutamente não descobriu tal. O que ele fez foi descobrir a si mesmo. Verificou que era brasileiro, achou graça na história e acabou levando a sério a ideia de pátria. Hoje é um dos nossos bons poetas, se bem que não entenda uma palavra de anatomia do verso. Não passou pelo serviço militar da métrica. Ora, eu acho isso quase indispensável. A gente só se liberta daquilo que não prende. Ninguém nasce livre. O artista precisa fazer experiências, medir suas forças, corrigir-se, educar-se. A metrificação emoldura a fisionomia indecisa do poeta em sua primeira infância. Depois este dá um tiro na moldura e fica sendo somente o quadro. Osvaldo não gosta de aprender.¹⁶⁷

Chama a atenção, ainda, o contexto dessa publicação. O texto de Drummond, apresentado pelo jornal como “um dos generais do futurismo em Minas”, dá início ao “Mês modernista” por um ataque a um dos poetas mais importantes de seu tempo e um dos nomes mais reconhecidamente modernistas. A coluna é inaugurada, portanto, com uma visão crítica (que parte de Minas) sobre as ideias do poeta paulista, o que direciona as atenções para a necessidade de outras saídas para o movimento. É notável que a coluna que se propunha a falar sobre o modernismo, como um movimento uníssono, tenha sido inaugurada com um embate público em que um poeta mineiro expressava a necessidade de que se buscassem outros arranjos para construir uma tradição literária nacional, sem recorrer ao nacionalismo ingênuo. Importa, no entanto, fazer a ressalva de que a crítica não foi feita com intuito agressivo, como o próprio

¹⁶⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. “O homem do Pau Brasil”, *A Noite*, Rio de Janeiro, 14 de dez. de 1925.

¹⁶⁷ *Ibidem*.

Drummond comenta em carta: “Brinquei um pouco com o Osvaldo; diga se fui injusto. Não quis sê-lo, isso não. O povo talvez não compreenda, mas ele, você, alguns compreenderão”¹⁶⁸.

Mais curiosa ainda é a escolha por inaugurar uma coluna modernista pregando a necessidade de que todo poeta passe pelo “serviço militar da métrica”, como se a forma tradicional fosse imprescindível ao domínio das variadas possibilidades de sua ruptura. Esses textos revelam uma série de contradições do poeta, em que CDA ora se aproxima de tendências literárias mais renovadoras e ora distancia-se delas, às vezes por um caminho crítico muito arguto, capaz de driblar os aspectos limitantes de modismos da época, e outras vezes por um discurso que se enviesa para uma posição mais conservadora.

Quinze dias depois, Drummond escreveria outro texto, para essa mesma coluna, sob o título “Tá-í!”. Dos artigos críticos publicados pelo poeta até então, este é mais antitradicionalista:

Vou dizer porque: evidentemente não posso negar o passado; um enforcado não pode negar a corda que lhe aperta o pescoço. Mas tenho direito de declarar que a corda está apertando demais, puxa! E que o melhor é cortá-la de uma vez. Ao princípio dissolvente da tradição devemos opor o princípio construtivo de evolução.¹⁶⁹

A influência de Mário de Andrade é clara, não só pelas ideias que Drummond agora apresenta sobre a necessidade extrema de se desvencilhar da tradição – uma corda que sufoca o gênio artístico – mas pela própria linguagem utilizada, que se aproxima da proposição da “língua brasileira”. O título chama a atenção por reduzir a escrita dos termos às formas essenciais, de modo a reproduzir, na escrita, os sons da fala popular; o “melhor” era marca típica da escrita de Mário de Andrade, que buscou incorporar elementos linguísticos populares em toda sua produção, privada ou pública. O artigo conclui:

Duas ou três dúzias de cantigas correndo a boca do povo, eis toda a expressão da psiquê brasileira, herdada do tempo colonial. O mais, a literatura dos letrados é perfeitamente catalogável entre as conservas de exportação europeia, coisas que o nativo engole a murros e estragam o estômago que eu nunca vi. [...] Por isso tudo é que eu protesto. Posso ficar sozinho mas protesto. Tradição brasileira é bobagem. Nas “Feuilles de température” de Paul Morand encontro este versinho: “*Pretez votre concours à une oeuvre de charité: le monde est à recommencer*”. O qual, traduzido pro brasileiro, diz isto: Venham todos ajudar uma obra de coração: o Brasil está por começar.¹⁷⁰

¹⁶⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário de Andrade. [Sem data]. Cf. SANTIAGO, Silviano (Org.). *Op. cit.*, 2002, p. 165.

¹⁶⁹ ANDRADE, Carlos Drummond. “Tá-í”, *A Noite*, 29 de dez. de 1925. (grifo nosso).

¹⁷⁰ *Ibidem*.

O tom é mais radical e o próprio Mário, que não gosta muito do artigo, diz discordar do modo como Drummond emprega o conceito de tradição, em carta enviada pouco depois do jornal ser publicado. Muito perspicaz, Mário nota, inclusive, que essa postura não condiz com o próprio entendimento de Drummond sobre tradição: “Você leu a minha entrevista n’*A Noite*? Lá estabeleci a maneira de tradição pra qual sou favorável. Que emprego e que aliás você também emprega e nem que não queira há de sentir fatalmente, como prova o ‘Sabará’”.¹⁷¹

Como bem mostra Gledson¹⁷², embora Drummond se mostrasse consciente dos problemas em torno da proposta dessa nova poesia, foi também atraído por esse interesse. Leiamos este poema em prosa, publicado antes mesmo do livro *Pau-Brasil*:

Caixote de cerveja Antártica, sem tampa. Num dos ângulos há um prego enferrujado, e nesse prego está enrolado um barbante que o dono do armazém emprestou. Um menino de dois anos, vestido de camisola, está sentado no caixote, que funciona como carrinho. Outro menino, já de calças, puxa o barbante e corre. O caixote vai aos trambolhões, pela rua cheia de cascas de laranja. Brinquedos Nacionalistas.¹⁷³

Sob o título “Nacionalismo”, o texto foi dedicado, justamente, a Oswald [*sic*] de Andrade. Há, no poema, técnicas e procedimentos importantes que remetem àqueles utilizados por Oswald. Observa-se, por exemplo, o predomínio da visualidade, de modo que se destacam os substantivos, que abrem as frases, em detrimento dos verbos, que expressam ações; o poema se dispõe a pôr em evidência os diferentes “ângulos” da curiosa cena, introduzida e encerrada por frase nominal. Outro procedimento comum à poesia oswaldiana é o recurso cinematográfico de montagem, para o qual contribui a parataxe. Quanto ao tema, está explicitada a atenção à situação cotidiana e pitoresca, tipicamente tropical: o caixote de cerveja Antártica, a rua cheia de cascas de laranjas, a brincadeira feita de poucos recursos. O nacional está pintado ao gosto modernista: não pelos elementos românticos de flora e fauna estonteantes, mas por outros, que convocam o ambiente simples, a gambiarra, a camaradagem. O fato cotidiano, banal, entra na poesia como elemento estético¹⁷⁴. Tudo isso em torno da cena que retrata uma brincadeira de rua, o que constitui um último elemento de conexão com a proposta de Oswald, a infância. A poesia “ágil e cândida”, feita pelo poeta que pode “Ver com olhos livres”¹⁷⁵, volta-se à situação infantil, sobre a qual se projeta uma nova perspectiva que monta a cena no poema e a coloca

¹⁷¹ ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond, 1926. Cf. SANTIAGO, Silviano (org.). *Op. cit.*, 2002, p. 180.

¹⁷² GLEDSON, John. *Op. cit.*, 1981.

¹⁷³ ANDRADE, Carlos Drummond. “Nacionalismo”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de jun. de 1924.

¹⁷⁴ “A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos”. Cf. ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Op. cit.*, 2022.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

em um patamar artístico, tornando-a símbolo de determinada estética: “Brinquedos nacionalistas”. Além do carrinho feito de improviso, pode-se pensar que a própria poesia é um brinquedo com que joga o poeta, que experimenta as novas proposições estéticas.

O poema, publicado apenas a um mês de distância do ácido artigo crítico sobre Oswald, parece uma experimentação da literatura modernista proposta no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, antes do lançamento do livro de poemas *Pau-Brasil*. Vale observar, contudo, que, ainda quando Drummond recorre aos mesmos processos que Oswald de Andrade, sua poética guarda uma especificidade. Mesmo em “Nacionalismo”, o destaque dado à ferrugem do prego e ao barbante que o prende, por exemplo, conferem familiaridade à cena, de uma forma muito diferente do ponto de vista mais exteriorizado (e bem menos íntimo) comum na poética oswaldiana. Essa e muitas outras especificidades, que distanciam a poesia de CDA da produzida por Oswald de Andrade, relativizam a tese crítica de que tenha havido uma influência fundamental de Oswald sobre o Drummond de *Alguma poesia e Brejo das almas*.¹⁷⁶

Mais tarde, “Nacionalismo” seria publicado na revista *Para Todos*, em 9 de maio de 1925. A última frase do texto é alterada para “A vida é p’ras crianças”, o que retira o teor explicitamente modernista e principalmente a relação com Oswald de Andrade, de quem Drummond manterá, como vimos nos artigos dos jornais, maior distância crítica. Outra mudança importante, de mesmo efeito, foi a alteração do título “Nacionalismo” para “Veículo nº1”¹⁷⁷. Essas modificações se mantêm na publicação do texto em *Terra roxa e outras terras*, em 6 de julho de 1926, com uma pequena modificação no título: “Primeiro veículo”¹⁷⁸.

Ao observar as publicações de Drummond desse período, é comum que parte da crítica literária seja atraída por uma noção de progresso da estética drummondiana em direção a uma modernização de sua dicção e de um maior alinhamento à poesia produzida em São Paulo. Contudo, o cotejo das versões de “Nacionalismo” oferece dois dados fundamentais: o primeiro deles é que a publicação de 1924 foi feita antes do encontro com Mário de Andrade, portanto, antes de qualquer “lição” transmitida a CDA, o que reforça o argumento de que a preocupação com a questão nacional na literatura é anterior a esse encontro; o segundo é que a versão de 1926 recua em relação a uma temática nacionalista mais explícita, o que mostra como a relação

¹⁷⁶ Exemplo clássico desse pensamento é afirmação de Oliveira Bastos de que haveria um *continuum* entre a poesia de Oswald, Drummond e João Cabral. Essa alegação se baseia em uma visão teleológica da poesia, e ao mesmo tempo provinciana, porque ignora que os processos usados por Oswald não foram por ele inventados, mas estavam presentes em outros poetas também lidos por CDA, como Blaise Cendrars e Jean Cocteau. Cf. BASTOS, Oliveira. “Esquema, poesia e processo”. *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1956.

¹⁷⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. “Veículo nº1”, *Para todos*, 9 de maio de 1925.

¹⁷⁸ Cf. PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel. *Op. cit.*, 2015.

da produção literária de Drummond com essa estética é bastante ambígua e não se enquadra em uma perceptiva de *continuum*.

A posição de Drummond em relação às proposições de Oswald não pode, portanto, ser reduzida à simples “adesão” ou “recusa” absoluta. Deve-se considerar, por exemplo, o meio de publicação e os interesses em torno do periódico: em mais de um momento Drummond comentou sobre a necessidade de ser cauteloso nos jornais mineiros, devido ao tradicionalismo local. Dessa forma, não se pode atribuir a perspectiva mais renovadora dos artigos publicados em *A noite* e *O jornal* apenas ao período da publicação, embora tenhamos observado como a postura pública de Drummond quanto ao nacionalismo vai passar de um afastamento curioso para uma aproximação cautelosa, que em algumas linhas chega a um tom quase entusiasmado. De todo modo, não se pode perder de vista como Drummond realiza um esforço de diálogo com os artistas de seu tempo, ainda que deles discorde.

Na aproximação entre os textos críticos e as cartas trocadas com Mário, percebe-se que questões debatidas na correspondência são elaboradas nos artigos publicados em jornal. O debate sobre literatura e arte moderna, a troca de textos literários e de comentários sobre as obras eram constantes na ampla correspondência que Mário de Andrade mantinha com escritores de Norte a Sul do Brasil¹⁷⁹: “Manuel Bandeira, eu, o Drummond sempre trocamos os nossos inéditos e opiniões e censuras sobre eles”¹⁸⁰. Em *O modernismo dá as cartas*, Marcia Jaschke Machado desenvolve o conceito de “crítica informal”¹⁸¹ para designar os comentários feitos por Mário a manuscritos que lhe eram enviados por outros escritores em cartas privadas. É possível estender o conceito para fazer referência, também, ao debate crítico estabelecido nas cartas sobre problemas literários gerais, espécie de laboratório de pesquisa constituído sobre o debate de hipóteses e a troca de impressões anteriores à publicidade de ideias estéticas ou de obras literárias. As cartas trocadas entre Drummond e Mário permitem acompanhar, como veremos mais adiante, diversos momentos da elaboração da obra literária e de suas

¹⁷⁹ Antonio Candido diz que a correspondência de Mário de Andrade “encherá volumes e será porventura o maior monumento do gênero, em língua portuguesa; terá devotos fervorosos e apenas ela permitirá uma vista completa da sua obra e do seu espírito” (CANDIDO, Antonio. “Mário de Andrade”. Coluna “Notas de Crítica Literária”. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 21 fev. 1946. Artigo reproduzido em *O observador literário* (1ª ed., 1959)).

¹⁸⁰ ANDRADE, Mário de. Carta a Henriqueta Lisboa. 12 de setembro de 1943. In: SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Correspondência: Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa*. São Paulo: Editora Peirópolis: Edusp, 2010, p.266.

¹⁸¹ Ver: MACHADO, Marcia Regina Jaschke. *O Modernismo dá as cartas: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), 2012, p. 40-60.

reformulações, o que se observa como ponto comum no estudo da correspondência entre escritores, sobretudo desenvolvido na área de Crítica genética¹⁸².

1.2 Tradição revista

O programa desta revista não pode necessariamente afastar-se da linha estrutural de todos os programas. Resume-se numa palavra: Ação. Ação quer dizer vibração, luta, esforço construtor, vida. [...] Ação intensiva em todos os campos: na literatura, na arte, na política. Somos pela renovação intelectual do Brasil, renovação que se tornou um imperativo categórico. Pugnamos pelo saneamento da tradição, que não pode continuar a ser o túmulo de nossas ideias, mas antes a fonte generosa que ela dimanem. [...] Será preciso dizer que temos um ideal? Ele se apoia no mais franco e decidido nacionalismo. A confissão desse nacionalismo constitui o maior orgulho da nossa geração, que pratica xenofobia nem chauvinismo, e que, longe de repudiar as correntes civilizadoras da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra da nossa originalidade nacional. Na ordem interna, é forçoso lançar ainda uma afirmação.¹⁸³

O ensaio “Para os céticos”, escrito por Carlos Drummond de Andrade, abre a primeira publicação de *A Revista*, que circulou em Belo Horizonte em julho e agosto de 1925 e em janeiro de 1926. O ceticismo mencionado no título do artigo refere-se à crença generalizada do meio belo-horizontino de que um periódico literário, de cunho modernista, não poderia vingar na capital, que tinha à época cerca de 80 mil habitantes e um círculo restrito e majoritariamente conservador de leitores. Frente às dificuldades, que iam da “falta desde a tipografia até o leitor”¹⁸⁴, *A Revista* abria seu primeiro volume definindo um programa de *ação*, especialmente ligado à defesa de uma produção literária renovadora, orientada por um espírito nacionalista que não negava a referência estrangeira, mas recusava uma tradição literária arbitrária.

A partir da experiência com as publicações literárias no *Diário de Minas* e após o encontro com os paulistas, em 1924, que contribuiu para firmar o grupo de escritores mineiros, ligados por interesses comuns¹⁸⁵, *A Revista* foi fundada por Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Gregoriano Canedo e Martins de Almeida¹⁸⁶, que usavam o próprio maquinário gráfico do *Diário*. Apesar da curta duração (apenas três volumes), o periódico foi um grande

¹⁸² Ver: DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?”. Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. *Manuscrita: revista de Crítica Genética*, 15. São Paulo: Associação de Pesquisadores de Crítica Genética /Humanitas, 2007, p. 119-162.

¹⁸³ ANDRADE, Carlos Drummond. “Para os céticos”. In: *A Revista* – edição fac-similar, n. 1, ano.1, p. 11-13, julho de 1925. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *ob. cit.*, 2014. Quem informa a autoria do editorial é Plínio Doyle (PY, Fernando. *ob. cit.*, 2002, p. 68 – 69).

¹⁸⁴ *Ibidem*, p.11.

¹⁸⁵ DIAS, Fernando Correia. *O movimento modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971.

¹⁸⁶ Drummond e Martins de Almeida eram diretores; Emílio e Gregoriano, redatores. Também participaram ativamente de *A Revista* Pedro Nava, João Alphonsus e demais companheiros do grupo mineiro.

feito do grupo mineiro, que de alguma forma deu voz a jovens escritores ainda inéditos em livros, como o próprio CDA.

Certa política conciliatória orientou a formação de *A Revista*, que conjugava tradição e renovação não apenas na escolha dos textos literários publicados, mas também nos textos de crítica literária. Como informa Ivan Marques¹⁸⁷, a própria escolha do título teve intenção de não sugerir um conteúdo programático modernista. O grupo também fugiu de possibilidades como “Queijo de Minas”, evitando uma retórica regionalista já que havia intenção de que o periódico fosse um órgão nacional do modernismo, como diz uma nota ao terceiro volume, de janeiro de 1926: “Parecia difícil, senão impossível dotar Minas com uma publicação que, conservando o máximo de cor local, refletisse nitidamente as aspirações coletivas da nova intelectualidade brasileira”¹⁸⁸. Além disso, a tipografia discreta do título e dos textos, o restrito uso de cor e o formato retangular tradicional conferiram sobriedade ao periódico.

O grupo de escritores de Minas estava, afinal, consciente de que não seria possível fazer uma revista exclusivamente modernista, dadas as limitações da política e do público locais. Drummond comenta sobre esses problemas com Mário, que o tranquiliza:

Você parece ter vergonha da *Revista*. Meu Deus! Quanto temor e quanta dúvida. Quem dá o que tem não fica devendo. Vocês não podem e nem o Rio nem São Paulo podem fazer uma revista moderna às direitas sem ficar igrejinha como a Klaxon. E isso é contraproducente, Carlos. Façam uma revista como *A Revista* botem misturado o modernismo bonito de vocês com o passadismo dos outros.¹⁸⁹

Reflexo dessas dificuldades é a curta duração do periódico, que sobreviveu por apenas três volumes. Embora também em São Paulo e no Rio os escritores modernistas tenham empreendido manobras a fim de conquistar espaço e financiamento para suas publicações, o cenário em Minas era nitidamente mais complicado. O *Diário de Minas*, por exemplo, era um jornal do Partido Republicano, que veiculava ideias e textos literários conservadores, e, ao mesmo tempo, foi o primeiro periódico a publicar as agitações do modernismo mineiro, que se formava:

A gente tinha uma tendência liberal e gostava de literatura, mas não havia uma pretensão de estar fazendo um movimento, assim uma escola. Não digo uma escola, mas um movimento coeso, organizado, com ideias próprias. [...] não tínhamos consciência plena de que estávamos fazendo um movimento de renovação literária. A

¹⁸⁷ MARQUES, Ivan. “Modernismo à mineira”. In: *A Revista* – edição fac-similar, p. 11-26. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *ob. cit.*, 2014.

¹⁸⁸ A REVISTA. In: *A Revista* – edição fac-similar, n. 3, ano., p. 53-54, janeiro de 1926. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *ob. cit.*, 2014.

¹⁸⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário, 31 de ago. de 1926. Cf. SANTIAGO, Silviano (org.). *Op. cit.*, p. 242.

nossa tendência era renovadora, nós fugíamos aos cânones clássicos, mas também não tínhamos um programa.¹⁹⁰

Ainda que em 1925, com um grupo mais consciente, a posição equilibrada de *A Revista* se insere nessa negociação com a política tradicional que pouco a pouco tem interesse em se modernizar. A posição equilibrada dessa produção literária configura, na expressão de Antonio Candido, uma “curiosa modernidade mineira, feita com o sumo dos clássicos, temperada na leitura atenta mas divertida de velhos livros, que eles sabem transformar em adubo da prosa mais atual”¹⁹¹. Fernando Correia Dias diz como “[...] seria difícil julgar esses números da modesta revista. Ao gosto de hoje parecerá eclética. A escolha dos colaboradores é conciliatória”¹⁹². Muitos notaram um dos traços mais importantes do Modernismo mineiro, o prolongamento de tendências tradicionais ao lado de outras inovadoras. A recepção do periódico pelo público mineiro e pela imprensa local confirma a resistência do meio:

Depois dos elogios que temos recebido, fiquei convencido de que *A Revista* vale alguma coisa. Aqui em Belo Horizonte, começamos a ser esculhambados. Que coisa gostosa! Um jornal, infelizmente pequeno, nos chamou de cretinos! Houve um outro que declarou que nós imitamos o “Pau-Brasil de Mário de Andrade” ... Você não acha graça nisso tudo?¹⁹³

Um artigo muito irônico foi escrito por Eduardo Frieiro, que comparou o movimento do grupo mineiro a uma “brotoeja”¹⁹⁴, um tipo de moléstia inconsequente e sem razão, uma “incomensurável petulância dos moços”. As críticas foram dirigidas principalmente a Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade, “aquele mocinho esgrouviado, que tem cara de infusório”, e que teria espremido o cérebro, saindo apenas “a borra das últimas, apressadas leituras de revistas francesas”. Como informa Laís Côrrea de Araújo, no entanto, a reação de Frieiro é irônica e superficial, assim como a de outros intelectuais; no geral, embora a primeira publicação de *A Revista* oferecesse um editorial mais contestador, os poemas ali publicados não tinham uma “demonstração da força e da rebeldia construtiva de uma nova linguagem”¹⁹⁵.

Já no primeiro número da revista, nota-se uma coerência sobretudo entre os artigos, que elegem como ponto central de discussão a necessidade de renovação e o nacionalismo. Ao ler

¹⁹⁰ Entrevista a Maria Zilda Cury. Cf. CURY, *Op. cit.*, 1998, p.153.

¹⁹¹ CANDIDO, Antonio. Drummond prosador. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.13.

¹⁹² DIAS, Fernando Correia. *O movimento modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971, p.41.

¹⁹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Mário, 6 de out. de 1925. Cf. SANTIAGO, Silvano. *Op. cit.*, 2002, p. 145.

¹⁹⁴ FRIEIRO, Eduardo. “Brotoeja literária”. *Avante!*, Belo Horizonte, 20 de agosto de 1925, p.3.

¹⁹⁵ ARAÚJO, Laís Côrrea de. “A poesia modernista em Minas”. In: ÁVILA, Affonso (org.). *O modernismo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.183.

o primeiro volume na íntegra, fica clara a coesão de pensamento de que fala Affonso Ávila, quando discorda de Fernando Correia Dias em relação à homogeneidade de *A Revista* ter sido alcançada apenas em seu terceiro número¹⁹⁶. A exemplo, os textos de Magalhães Drummond, “Momento brasileiro”, e de Emílio Moura, “Renascença do nacionalismo”, além da discussão sobre a relação dos novos escritores com a tradição no texto de Drummond, “Sobre a tradição em literatura”:

Os escritores que falam em nome de uma tradição são justamente aqueles que mais fazem por destruí-la e contribuem para a sua corrupção. Ao contrário, aqueles que não se preocupam com os fantasmas e os fantoches do passado mantêm inalterável a linha de independência intelectual que condiciona toda a criação de natureza clássica. São estes últimos os verdadeiros tradicionalistas, que por isso que o próprio da tradição é renovar-se a cada época e não permanecer unificada e catalogada. Romper com os preconceitos do passado não é o mesmo que repudiá-lo.¹⁹⁷

Drummond desenvolve uma noção de tradição não orientada pela subordinação do escritor a um conjunto de obras pré-definido e inalterável, mas pela independência intelectual do artista, que deve questionar o passado e assim renová-lo. O tempo, conforme o poeta, age sobre a obra modificando-a, porque a significação que se atribui a uma mesma obra e a um mesmo autor se altera ao longo da história: “um livro de 1500, lido em 1925, não é o mesmo livro de então; morreu um pouco e tornou a nascer outro pouco. É um outro livro, de um outro autor. O que chamamos de tradição propriamente não existe”. A ideia de uma linha sucessiva de obras é, assim, artificial, uma “falsa tradição”. Não se trata, portanto, de uma ruptura radical com o passado, mas uma apropriação de forma crítica e ativa, o que Fernando Correia Dias chamou de “tradição repensada”¹⁹⁸.

Os nossos avós inteligentes não desejariam de nós outra coisa. Copiá-los é o mesmo que injuriá-los. Recolhamos o seu espólio, sem excesso de veneração; temos que proceder a um grave inventário de suas pretendidas riquezas. [...] Que cada um de nós faça o íntimo e ignorado sacrifício de suas predileções, e queime silenciosamente os seus ídolos, quando perceber que estes ídolos e essas predileções são um entrave à obra de renovação da cultura geral.¹⁹⁹

¹⁹⁶ Affonso Ávila lembra que Fernando Correia Dias não teve acesso ao primeiro número de *A Revista* quando escreveu *O modernismo mineiro*, o que poderia explicar o argumento. Para Ávila, “o número de estreia já evidenciava [...] uma inquestionável coesão de pensamento, perfeitamente afinada com a posição crítico-ideológica do movimento iniciado em São Paulo” (ÁVILA, Affonso. “Nas vertentes da semana de 22: o grupo mineiro de *A Revista*”. In *Revista de Cultura Vozes*, v.63, nº 1, jan./fev. 1972.).

¹⁹⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. “Sobre a tradição em literatura”. In: *A Revista* – edição fac-similar, n. 1, ano., p. 32-33, julho de 1925. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *ob. cit.*, 2014.

¹⁹⁸ DIAS, Fernando Correia. “Gênese e expressão grupal do modernismo em Minas”. In: ÁVILA, Affonso (org.). *O modernismo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

¹⁹⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sobre a tradição em literatura”. In: *A Revista* – edição fac-similar, n. 1, ano.1, p. 32-33, julho de 1925. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *ob. cit.*, 2014.

O texto traz, como exemplo de expurgo, o esquecimento de Anatole France e a mais dura crítica feita por CDA a Machado de Assis, cuja alma “hiper-civilizada” havia se mostrado distante da realidade brasileira.

A tendência à nacionalização segue no próximo número de *A Revista*, aberta pelo texto “Para os espíritos criadores”, que continua o discurso construtivo e renovador, apontando aqui mais para o futuro que para a relação com o passado: “Procuramos concentrar todos os esforços para construir o Brasil dentro do Brasil ou, se possível, Minas dentro de Minas. O texto defende uma “aproximação mais íntima” da pátria, que, inclusive, considere as particularidades de Minas Gerais, sendo o conhecimento o regional necessário para a afirmação nacional. Em resposta a um perigoso “cosmopolitismo”, o editorial propõe a adesão ao primitivismo: “Temos de recompor a nossa faculdade de assimilação para transformar em substância própria o que nos vem de fora. Aí está outro movimento nacionalista que traz também os seus frutos: o primitivismo”. O pensamento expresso no trecho aproxima-se do que posteriormente seria defendido pelo movimento antropofágico, especialmente pela transformação da influência cultural estrangeira em algo próprio e pela valorização do primitivismo cultural brasileiro.

O texto de *A Revista* vai se mostrando mais conservador e deixa clara a posição política do periódico. Afirma-se a necessidade de uma centralização ordenada do poder, única forma de impedir “perigosíssimos elementos de dissolução”, encontrados tanto na política quanto nas letras:

Se o poder for se tornando periférico em vez de centralizar-se, teremos a dispersão das forças latentes do país. No momento atual, o Brasil não comporta a socialização das massas populares. Só uma personalidade inflexível dirigida por uma boa compreensão das nossas necessidades pode resolver os problemas máximos da nacionalidade.²⁰⁰

As principais propostas para isso são uma reforma da Constituição, que nascera de um “romantismo político do Segundo Império” e deveria estar mais voltada à realidade nacional, além de uma “organização” da mestiçagem a partir da criação de núcleos de colonização para a imigração, impedindo o “caldeamento irregular dos tipos”²⁰¹, o que fazia coro a uma preocupação comum no Brasil anterior a 1930, quando se começou a repensar a mestiçagem, deslocando a perspectiva negativa sobre nossa formação. No editorial, por um lado, a influência estrangeira é vista como um elemento negativo para a construção de uma originalidade estética

²⁰⁰ A REVISTA. “Para os espíritos criadores”. In: *A Revista* – edição fac-similar, ano 1, nº2, agosto de 1925, p. 11-13. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *ob. cit.*, 2014.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 12-13.

e para a afirmação de uma independência política; por outro, o elemento estrangeiro que chega pela imigração, especialmente para o trabalho nas lavouras de café e na indústria, é negativo para nossa constituição racial. A proposta do nacionalismo está aqui, ligada a um autoritarismo excludente. No texto, de autoria de Martins de Almeida, fica claro um posicionamento político conservador, que relaciona uma defesa nacionalista no âmbito estético a um fortalecimento do Estado e uma política imigratória de cunho eugenista, o que são as bases da modernização conservadora que se observa no Brasil.

Esse ataque ao ceticismo, a Machado de Assis, e a adesão ao primitivismo, contudo, aparecem mais como uma assimilação momentânea às ideias que estão no ar, em uma tentativa de esse grupo mineiro se juntar a um movimento que pretende ser nacional, do que um princípio que norteia a criação dos escritores envolvidos em *A Revista*. Como vimos, a outra produção crítica de Drummond levanta muitas objeções à tese de uma assimilação completa a essas ideias. É importante notar que essa crítica, cujos melhores exemplos são os textos publicados em o “Mês modernista”, não se relaciona a uma tentativa conservadora de retomada da tradição ou mesmo de adequação ao público (preocupação importante no contexto de *A Revista*), mas de questionamento dos limites de um projeto modernista que, propondo-se renovador, às vezes recapitulava o romantismo, no que tange ao identitarismo nacional. Não nos esqueçamos de que nesses textos, publicados justamente nesses mesmos anos de 1924 e 1925, CDA criticava o primitivismo de Oswald de Andrade, dizendo que era preciso “reagir contra o sentimentalismo e o romantismo, pela cultura cada vez mais intensa”²⁰².

Nesse momento, a crise da política de Café com Leite e do federalismo da República Velha, junto ao crescimento de reivindicação das massas populares sobre melhores condições de trabalho e participação política, era disseminada como uma crise moral, que ameaçava a destruição de tradições ou falta de direcionamento da sociedade. A defesa de centralização do poder será acompanhada por um importante processo de apropriação do nacionalismo por tendências autoritárias ou mesmo fascistas na década de 1930, cujo resultado no país foi a ditadura estadonovista. Muito mais tarde, no fim dos anos 1970, após ter vivido o Estado Novo e passando por outro contexto ditatorial, Drummond lembraria esses textos de *A Revista*:

Aí que me dói o editorial “Para os cétricos”, no primeiro número, tão vazio de ideias quanto farfalhante de palavras: é de minha bisonha lavra. No n.02, o coeditor Martins de Almeida, escrevendo “para os espíritos criadores”, foi mais objetivo. Creio que ele não defenderia hoje a “centralização do poder”, que a prática demonstrou ser tão nociva, e a ideia de que o “governo deve ser a função de uma vontade forte” precisa ser entendida em termos. Os “perigosíssimos elementos de dissolução” que nos

²⁰² ANDRADE, Carlos Drummond. “O homem do Pau Brasil”, *A Noite*, Rio de Janeiro, 14 de dez. de 1925.

ameaçavam “tanto na política como nas letras” revelaram-se mais saudáveis do que nefastos. Quem cortou a evolução política e social do país nos últimos tempos foi precisamente o uso e abuso de poder centralizado.²⁰³

Se, por um lado, em 1925 nota-se certa proximidade de Drummond ao discurso renovador de orientação nacionalista, por outro, vemos como esse discurso também aparece ligado a uma modernização conservadora. Nesse ano é publicado um artigo muito importante, que desenvolve explicitamente um tema político-econômico, o processo de industrialização de Itabira do Mato Dentro, que estará presente em toda a obra de Drummond. Publicado no *Diário de Minas*, o artigo defende o presidente do estado de Minas Gerais, Fernando Mello Viana, como só poderia ser no jornal do Partido Republicano, que havia proposto uma “quimera siderúrgica”:

As cidades históricas de Minas têm que se transformar em grandes empórios comerciais ou industriais. [...] Será vitalizando as chamadas ‘cidades mortais’ que praticaremos o verdadeiro tradicionalismo, cujo princípio fecundo nos ensina a renovar a tradição, e não a estratificá-la. Seremos uma tradição amanhã: importa que reflitamos o espírito da nossa época, essencialmente construtora.²⁰⁴

Em um discurso progressista, que classifica as cidades do interior de Minas como “cidades mortas” (fazendo lembrar a representação do Vale do Paraíba por Monteiro Lobato²⁰⁵), Drummond defende a “renovação da tradição”, em nome de um “verdadeiro tradicionalismo” em um viés construtor. A noção de certo cultivo de tradição, com intenção de revitalizá-la, não se faz, portanto, apenas no campo das ideias, da literatura: trata-se de uma perspectiva política, ligada à defesa de um projeto oligárquico, ainda que em sua defesa modernizante:

Cidade tradicional, Itabira é também uma cidade morta. O progresso fez até lá duas ou três excursões esquivas e apressadas. O povo continuou bocejando, bocejando e dormindo, à sombra da imensa muralha de ferro. Entretanto, o povo sabe (e nós também sabemos) que essa muralha constitui o maior e o mais prodigioso dos tesouros, e repete (como nós todos repetimos) a frase espantosa, segundo a qual “o pico de Itabira tem ferro suficiente para abastecer quinhentos mundos durante quinhentos séculos...”²⁰⁶

O nacionalismo, então, aparece como justificativa do progresso, campo de *ação* que, novamente, não se restringe à cultura, mas à própria industrialização do Brasil e à faceta mais moderna da oligarquia:

²⁰³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “A Revista, de novo. Interessa?”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set. 1978.

²⁰⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “A cidade de ferro”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 de abr. de 1925.

²⁰⁵ LOBATO, Monteiro [1919]. *Cidades mortas*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2008.

²⁰⁶ *Ibidem*.

Orgulho-me de pertencer a uma geração sadiamente nacionalista, que já se não compraz com os estéreis jogos literários, e que em todos os campos de ação coopera na formação de um Brasil mais forte e mais belo. [...]é uma geração sem compromissos políticos de qualquer espécie; não milita nas esquerdas nem nas direitas. Contudo, o ceticismo é uma palavra que ela desconhece, ou melhor: uma atitude que ela despreza.²⁰⁷

Maria Zilda Cury evidencia como houve, a partir da década de 1920, uma tendência à renovação das oligarquias, sendo que os velhos coronéis começaram a se transformar em bacharéis; isso explicaria bem o fato de um jornal de cunho conservador como o *Diário de Minas* ter sido usado como veículo de divulgação de uma proposta renovadora no campo das ideias. Esse discurso estava presente na fala dos modernistas de *A Revista*:

são “as paixões ocupando o lugar das ideias”, do editorial escrito por Drummond; é a falta de idealismo na análise de Martins de Almeida. Drummond fala em “crise de autoridade” causada pelas “desordens intestinas”, numa alusão às movimentações das camadas emergentes que sacudiram o período. Assim, a “modernização conservando a tradição” – lema estético tão frequente dos modernistas de Belo Horizonte – também tem conotação de estratégia política.²⁰⁸

Um pouco mais tarde, Drummond publicou o primeiro poema em que faz referência explícita à sua cidade natal, “Itabira”, na revista *Para todos*:

Itabira

Cada um de nós tem seu pedaço de serra.
Na cidade toda de pedra
as ferraduras batem como sinos.
Os meninos seguem prá escola.
Os homens olham para o chão.
Os ingleses compram a mina.

Só na porta da venda um velho cisma na derrota incomparável.²⁰⁹

O poema estava no caderno *Minha terra tem palmeiras*, que foi enviado a Mário de Andrade em 3 de junho do mesmo ano, já integrando, inclusive, a sequência “Lanterna mágica”²¹⁰, mais tarde publicada em *Alguma poesia*. O amigo paulista elogiou a força do poema, que considerou “cutubíssimo”²¹¹. O poema só seria publicado novamente no livro de estreia de Drummond, com algumas alterações:

Itabira

²⁰⁷ *Ibidem*.

²⁰⁸ Ver CURY, Maria Zilda. *Op. cit.*, 1992, p.133.

²⁰⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Itabira”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 5 de jan. de 1926.

²¹⁰ Ver transcrição do caderno no fim desta dissertação.

²¹¹ ANDRADE, Mário de. Carta a Carlos Drummond, 1º de ago. de 1926. Cf. SANTIAGO, Silviano (org.), *op. cit.*, p.232.

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.
 Na cidade toda de ferro
 as ferraduras batem como sinos.
 Os meninos seguem para a escola.
 Os homens olham para o chão.
 Os ingleses compram a mina.

Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.²¹²

As substituições de “serra” por “pico do Cauê” e de “um velho” por “Tutu Caramujo” conferem ao poema maior pessoalidade, na medida em que particularizam as referências: a “serra” genérica é substituída pelo local que era o pano de fundo de Itabira do Mato Dentro; a menção a “Tutu Caramujo” contribui para construção de uma mitologia pessoal, gerando um efeito lírico que independe do conhecimento do leitor sobre a personagem ou mesmo da sua existência factual. A pontuação do último verso é significativa: a colocação do adjunto adverbial de lugar (“na porta da venda”) entre vírgulas desfaz a ambiguidade sobre a palavra “só”, que passa a se referir exclusivamente à solidão de Tutu Caramujo, tornando inviável sua leitura com o significado de “somente” em referência à toda a oração. As outras mudanças são mais sutis: as trocas de “prá” por “para a” e de “pro” por “para o” afastam a linguagem do poema de um tom muito popular. Na época, após as cartas trocadas com Mário de Andrade, Drummond começava a experimentar uma oralização da língua, tentando abandonar influências do português europeu e se aproximar do português popular. Em 1930, esse tipo de experimentalismo já não geraria o mesmo efeito, o que explica o afastamento do poeta desses recursos e de uma retórica nacionalista, como Drummond escreve a Ribeiro Couto em 1927:

Segundo: a falsidade da linguagem brasileira proposta pelo Mário. Considero atualmente essa linguagem brasileira do Mário como tudo que há de mais errado como fórmula para uso geral. Aquilo é ótimo no Mário; nos outros é chato. Também cai no erro de imitá-lo nisso, mas felizmente vou abandonando a mania [...]. O nosso erro foi julgar essa linguagem brasileira uma das verdades universais que o Mário nos vinha e vem ensinando com uma admirável lucidez; trata-se apenas de uma verdade pessoal, para uso dele, Mário, uma solução particular a esse tormentoso caso da prosa nacional.²¹³

Drummond reafirma como a solução encontrada por Mário diz respeito à sua obra e ao estilo que forjou para responder a dilemas relacionados ao projeto de uma literatura nacional. A partir da consciência da abrangência particular – e não universal – dessa solução, Drummond

²¹² ANDRADE, Carlos Drummond de. *Op. cit.*, 2002, p. 12.

²¹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta 33, de 18 de set. de 1927. In: *Correspondência: Carlos Drummond de Andrade e Ribeiro Couto*, p. 112-113.

fará, como vemos, outras escolhas. Isso se evidencia, inclusive, no próprio abandono da ideia de estreitar em livro com *Minha terra tem palmeiras*, o que veremos em detalhes mais adiante.

Voltando ao poema, o verso que registra a compra da mina pelos ingleses aponta o progresso da indústria que teria Itabira como um dos maiores polos da mineração brasileira, enquanto a vida pacata, interiorana, continua seu ritmo habitual. Há uma oposição entre os “ingleses” que agem na direção desse progresso e a postura cabisbaixa dos cidadãos de Itabira, a qual tem como ápice a percepção, solitária e impotente, da “derrota incomparável” por Tutu Caramujo. O dono da pequena venda antecipa o tipo de efeito que a compra das jazidas do Cauê, Conceição, Sant’Ana e Girau por uma empresa como a Itabira Iron Ore Company – à qual havia sido concedida, em 1920, uma série de autorizações para exploração do minério de ferro²¹⁴ – poderia promover no comércio e na vida local. Mais tarde, Drummond relembriaria esse fato em poemas de *Boitempo*, como em “Desfile”:

As terras foram vendidas,
as terras abandonadas
onde o ferro cochilava
e o mato-dentro adentrava.
Foram muito bem (?) vendidas
aos amáveis emissários
de Rothchild, Barry & Brothers
e compadres Iron Ore.²¹⁵

Outros poemas de *Boitempo* fazem menção a essa compra, como bem mapeou o estudo de José Miguel Wisnik²¹⁶.

O contrato com a empresa Iron Ore arma-se em meio a um conflito. De um lado, há grupos liberais adeptos ao projeto extrativista em Itabira, voltado especialmente à exportação; de outro, estão grupos alinhados à posição de Artur Bernardes, então presidente do Brasil, que propunha um projeto de siderurgia nacional voltado ao desenvolvimento nacional, que tentasse colocar limites à exportação do ferro. Como informa Wisnik²¹⁷, a discussão ganhou dimensão nacional e seguiu inconclusiva em meio a recursos de um de outro lado.

O contexto ajuda a compreender a estranheza que a comparação entre os posicionamentos de CDA no artigo “A cidade de ferro” e no poema podem causar, ambos os

²¹⁴ Pela lei 33.391, de 5 de janeiro de 1920, o governador Artur Bernardes concedeu à Itabira Iron Company várias autorizações para explorar o minério de ferro. Cf. OLIVEIRA, Clodomiro de [1934]. *A concessão Itabira Iron: a origem da Vale e os primórdios da indústria e da mineração no Brasil*. Edição fac-similar. Belo Horizonte: AMIG, 2022.

²¹⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Op. cit.*, 2002, p. 1020-1021.

²¹⁶ “Velhaco”, “Mrs. Cawley”, “O negócio bem sortido” e “O inglês da mina”. Cf. WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.77 – 89.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 90-93.

textos contemporâneos ao impasse. O artigo, de 1925, foi publicado na primeira página do *DM*, ligado ao Partido Republicano. O texto é um sinal de apoio a Fernando Melo Vianna, governador de Minas Gerais, que, por sua vez, está alinhado ao projeto político-econômico de Artur Bernardes, presidente da República e principal líder do RPM. Nesse contexto, a posição de Drummond não é contrária à exploração do minério, que poderia modernizar Itabira, e sim à sua exportação direta, como *commodity*.

Com a Revolução de 1930, o projeto de desenvolvimento da siderurgia nacional ocupará lugar central na política desenvolvimentista de Getúlio Vargas, que prega a nacionalização das reservas. Em 1937, pouco antes do Estado Novo, a disputa encaminhava-se para o fim do contrato. Nesse período, Drummond emite outras opiniões públicas sobre o caso. Além da “Confidência do Itabirano”, chama a atenção o texto “Sorriso crispado ou O depoimento do homem de Itabira”, publicado em 1938 na *Revista acadêmica*, um importante periódico antifascista veiculado entre 1933 e 1945. O artigo chama atenção para o perigo do imperialismo internacional e para a necessidade de evitar a transformação de Itabira em um “burgo colonial”.

Comparando os textos da década de 1920 com os de 1930, vemos que o discurso destes – de tom muito crítico, muito grave – é bem diferente de “A cidade de ferro”, em que Drummond fazia coro ao projeto de desenvolvimento das cidades mineiras pela exploração do minério de ferro. Em 1938, já em pleno Estado Novo, Drummond estava mais consciente das limitações desse projeto:

O governo sabia que éramos uns latifundiários sem dinheiro, tendo recebido como herança dos nossos avós apenas o desajuste econômico da Abolição; e nos deixou vender os morros. O governo assinou um contrato para abrir a passagem dos morros até o mar. O governo prometeu um porto bastante largo para que os morros pudessem entrar no navio sem emoção para o inglês. O governo sabia. Ou não sabia, e então, nesse negócio, o governo não enxergava mais do que os fazendeiros arrebatados e de poucas letras.²¹⁸

O acordo com a Itabira Iron Company foi rompido no ano seguinte, 1939; em 1942, foi criada a Companhia Vale do Rio Doce, empresa controlada pelo Estado, que tinha por finalidade extrair e exportar o minério de Itabira. Como se sabe, o final é desastroso: o projeto de siderurgia nacional dá lugar à exportação de hematita bruta, sem compromisso algum com o desenvolvimento nacional e tampouco com a preservação da cidade e por intermédio da própria estatal brasileira.

²¹⁸ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sorriso crispado ou O depoimento do homem de Itabira”, *Revista acadêmica*, Rio de Janeiro, agosto de 1938. Cf. WISNIK, *op. cit.*, 2018, p.103.

A comparação entre os textos revela bastante sobre a posição de Drummond em relação à mineração em Minas Gerais. Diferente do que comumente se pensa, sua consciência, embora muito perspicaz, amadurecia com o desenrolar dos eventos históricos, o que o levará a abandonar aquela crença inicial no progresso de Itabira. No fim da década de 1920, em “Viagem a Sabará”, texto de 1928 incluído em *Confissões de Minas*²¹⁹, Drummond inverteria o sentido de “cidade morta” para designar as cidades de Minas: “Duas vezes operou em mim o sortilégio das cidades mortas de Minas, que são as cidades mais vivas de Minas [...]”²²⁰. Assim, entre o artigo de 1925 e “A montanha pulverizada”, que retrata a exportação do minério e a destruição do pico do Cauê, a crítica de Drummond se apura e recai, sobretudo, na exploração imperialista da riqueza nacional.

²¹⁹ “Viagem de Sabará” foi publicado pela primeira vez em *O jornal*, Rio de Janeiro, número especial, 24 de junho de 1929. A partir de sua inclusão em *Confissões de Minas*, a crônica traz uma nota de CDA que diz ter sido escrita em 1928. Cf. PY, *Op. cit.*, 2002, p.111.

²²⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Viagem de Sabará”. In: *Confissões de Minas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1 ed., 2020, p. 113.

CAPÍTULO 2: MELANCOLIA

2.1 Metáforas do lugar

A saída de Itabira do Mato Dentro para o Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, e a posterior mudança para Belo Horizonte e, mais tarde, para o Rio de Janeiro impactaram significativamente a produção poética de Carlos Drummond de Andrade. Como bem observou Merquior, a significação sociológica da primeira poesia de Drummond (1925-1940) explicita uma passagem do mundo rural ao ambiente urbano: “o conteúdo sociológico do lirismo drummondiano é tanto mais rico pelo fato de sua aventura pessoal – o filho do fazendeiro tornado burocrata na cidade grande – coincidir com a evolução social do Brasil”¹. Para Candido², posição que se relaciona à defendida por Santiago³, *Alguma poesia* (1930) gira em torno do reconhecimento da condição provinciana. Isto como se Drummond a representasse a partir de um olhar externo que permite, como analisa Santiago, uma perspectiva global sobre os acontecimentos e que, muitas vezes, ironiza o passado interiorano, degradando o próprio lugar de onde vem o poeta. Mário de Andrade, ao analisar *Alguma poesia*, chamou o recurso de “sequestro da vida besta”⁴, em que se vê um conflito entre um ser de pouca ação, interiorano, familiar, e um ser socializado, mais público que íntimo. Para Mário, o resultado é uma “consciência penosa da inutilidade pessoal e humana da ‘vida besta’”⁵.

Ao observar o conjunto da produção literária drummondiana ao longo da década de 1920, antes do livro de 1930, chama a atenção a importância do lugar em numerosos textos, o que se percebe em representações ambíguas da província, da cidade e do próprio país. Um dos primeiros textos publicados por Drummond no *Diário de Minas*, “A cidade do tédio”, tem como tema a chegada de um visitante a uma cidade peculiar, caracterizada sobretudo pela estaticidade e monotonia:

Foi andando, foi andando. A estrada se lhe abria diante dos olhos fatigados como um risco infundável, incessante... Muito sol. Muito calor. Sob o céu, o verde aborrecido

¹ Cf. MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*, 2012, p. 84.

² Cf. CANDIDO, Antonio. *Inquietudes na poesia de Drummond*. In: *Vários Escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

³ Cf. SANTIAGO, Silviano. “Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade”. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. v. 7. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 3-41.

⁴ ANDRADE, Mário de. “A poesia em 1930”. *Aspectos da literatura brasileira*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002, p. 37-58.

⁵ *Ibidem*, p. 46-47.

da savana intérmina. Súbito, um desenho imprevisto encheu o horizonte, pontecendo flechas e torres a monotonia do céu vermelho. [...] Seria uma cidade?⁶

A ironia da pergunta recai sobre a realidade de Belo Horizonte, onde o urbanismo central das avenidas largas contrastava com os arredores provincianos, bem como com uma população pequena, de costumes conservadores e rurais. A cidade encontrada pelo viajante fugia a qualquer referência estrangeira de urbe; afinal, não era uma cidade “como as de legenda medieval”, tampouco uma “cidade-luz” ou uma “cidade-*yankee*, porejante do mercantilismo”. Distante de qualquer semelhança com “Pequim, Cairo ou Bruxelas”, o viajante

Viu uma rua muito larga, onde dormiam quatro fileiras de árvores. As árvores pareciam ter sono, e escondiam sua roupa verde num manto de pó. [...] Jardins melancólicos abraçavam casas fechadas. Nem viv'alma. Ninguém, absolutamente ninguém. Era estranho!⁷

Finalmente, o estrangeiro encontrou uma larga praça, onde criaturas semelhantes a ele, encostadas às árvores, bocejavam. A representação da cidade combina o calor e a inércia dos habitantes, que vivem sob a “monotonia do céu vermelho”, em um desenho que ironiza a simbologia tropical. Trata-se de uma “cidade morta”, cujos moradores dedicam todo o seu tempo a bocejar. Por fim, um “tipo spleenético” fala sobre a cidade ao viajante: “Somos quarenta mil ‘spleenéticos’”. O termo *spleen* – “baço”, em inglês – nomeia a parte do corpo que era considerada pelos médicos da tradição hipocrática como a sede da bile negra ou melancolia. Ele está muito presente na obra de Baudelaire, tanto nos *Pequenos poemas em prosa (O spleen de Paris)* quanto em *As flores do mal*. Nesta obra, que é rigorosamente arquitetada como um conjunto orgânico, o poema inicial, “Ao leitor”, funciona como uma espécie de prefácio. Nas estrofes finais do poema, Baudelaire elege justamente o tédio como o maior vício humano:

*Mais parmi les chacals, les panthères, les lices,
Les singes, les scorpions, les vautours, les serpents,
Les monstres glapissants, hurlants, grognants, rampants,
Dans la ménagerie infâme de nos vices,*

*Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde!
Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grands cris,
Il ferait volontiers de la terre un débris
Et dans un bâillement avalerait le monde;*

*C'est l'Ennui! — L'œil chargé d'un pleur involontaire,
Il rêve d'échafauds en fumant son houka.
Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat,
— Hypocrite lecteur, — mon semblable, — mon frère!*

⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. “A cidade do tédio”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 de maio de 1921.

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “A cidade do tédio”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 de maio de 1921.

Entre chacais, panteras, cadelas de caça,
Escorpiões, macacos, abutres, serpentes,
Chiantes e guinchantes, monstros estridentes
Na jaula vil de nossos vícios em devassa,

Há um mais feio, mais maligno, mais imundo!
Mesmo sem grandes gestos e sem grandes gritos,
De bom grado da terra fatia detritos
E com um só bocejo engoliria o mundo;

É o Tédio! – com o olhar de pranto vacilante,
Fumando um narguilé, sonha um enforcamento.
Tu conheces, leitor, esse monstro incruento,
– Leitor irmão – hipócrita meu semelhante!⁸

O gesto que simboliza a experiência do tédio é justamente o bocejo, característica dos moradores da Cidade do tédio drummondiana. Como observa Eduardo Veras⁹, o tédio de Baudelaire se caracteriza por ser involuntário e passivo (*L'oeil chargé d'un pleur involontaire/* o olho carregado de um pranto involuntário¹⁰) e por implicar falta de vivacidade e de interesse pelo mundo. No texto de Drummond, o viajante deseja “ver, observar e indagar”, deixando clara sua curiosidade pela cidade estranha, em contraste com os tipos *spleenéticos*, que bocejam, esticam os braços e são caracterizados pela lentidão e pela apatia. Esses são traços típicos do *spleen*, a melancolia originalmente associada ao cidadão inglês, que, no século XVIII, enfrentava a angústia nas cidades que cresciam. Produto da cultura, o *spleen* não é só uma neurose, mas uma “pose social”¹¹ que virou moda entre habitantes endinheirados das maiores cidades europeias.

O tédio, no texto de Drummond, também é uma espécie de mal que abate os habitantes da cidade identificada como Belo Horizonte, mas há algumas diferenças fundamentais. Em *As flores do mal*, ele é associado à lama, aos animais rastejantes e à sujeira, em um contexto medonho, pois, mais do que causar repugnância, o *spleen* pode destruir o mundo; é, afinal, um monstro que habita o homem moderno. Já o universo entediado de Drummond é fruto do provincianismo de uma cidade que, ironicamente, é a capital do estado – “somos os urbanos do enfado”. Esse provincianismo é somado ao calor dos trópicos e a uma languidez que não é pavorosa, mas, antes, quase cativante:

⁸ BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. e org. de Júlio Castañon Guimarães. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019, p. 29.

⁹ VERAS, Eduardo Horta Nassif. “A encenação tediosa do imortal pecado”: Baudelaire e o mito da queda, 2013, p. 170.

¹⁰ Tradução nossa.

¹¹ STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 90.

– De sorte que somos os urbanos do enfado. E esta é a Cidade do Tédio. Chamaram-na de Belo Horizonte, devido a uns poentes cor-de-tudo que incendeiam nosso céu, mas qual! não pegou. Nem podia pegar. Que quer dizer Belo Horizonte? Nada. Agora, meu amigo, com licença. Vou-me embora. Adeus.
E saiu, bocejando... O outro acompanhou, com os olhos, a sua sombra que desaparecia, e, quatro anos depois, garatujava estas linhas.¹²

Se, nos últimos versos do poema de Baudelaire, o leitor conhece bem o tédio e é acusado de ser semelhante ao próprio poeta, ou seja, igualmente passível de ser tentado pelo tédio, no final do texto de Drummond a identificação ocorre entre os moradores da pequena cidade e o narrador viajante, contagiado pelo tédio. O tédio não é, aqui, a expressão de um mundo decadente e transformado pela modernização, como a cidade de Paris baudelairiana, mas de um desacordo entre a promessa de uma capital metropolitana, ícone do projeto republicano e da modernidade, e o ritmo lento da província, assolada pelo calor e pela imobilidade. Assim, aos choques culturais, CDA responde com uma expressão estética moderna própria, relacionada ao entrecruzamento de diversas perspectivas de representação urbana que têm como ponto central uma condição controversa de modernização¹³. Conforme Roberto Said,

A narrativa demonstra uma consciência crítica dos paradoxos que se efetivam na Belo Horizonte planejada, primeira utopia urbanística da modernidade nacional. Mas não se trata nem de uma alegoria da cidade nem de uma tentativa de trazer à tona sua “cor local”. O ponto mais significativo encontra-se, talvez, no jogo de *personae* esboçado no texto, uma vez que o jovem escritor aparece representado biograficamente tanto no andarilho-viajante de “olhos fatigados”, que ao final do texto anuncia-se como autor daquelas linhas, quanto no “magro spleenético” participante do diálogo. Descrita na terceira pessoa, falando de si como se falasse de um outro – recurso que se aplica aos dois papéis encenados – a curta narrativa parece registrar a incômoda posição de Drummond em seu contexto local, seu modo de estar ao mesmo tempo dentro e fora daquele mundo.¹⁴

A ambiguidade entre estar “dentro e fora” do mundo é dada na própria condição de viajante – uma espécie de *outsider* que acaba se incorporando a Belo Horizonte, embora preserve a possibilidade de vê-la de longe, no jogo estabelecido entre aproximação e

¹² ANDRADE, Carlos Drummond de. “A cidade do tédio”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 de maio de 1921.

¹³ Partindo da leitura benjaminiana, mas objetivando criar uma análise própria para interpretar a modernização de Buenos Aires, Sarlo identificou, no trabalho de poetas argentinos, perspectivas subjetivas que se mesclam à percepção da paisagem transformada. Considerando uma perspectiva comparatista, é essencial perceber como a conexão entre a construção lírica e a percepção da modernização se nota também na poesia brasileira, como apontado por Sérgio Miceli e Roberto Schwarz (textos críticos da edição brasileira de *Modernidade Periférica*, que marcam um interessante campo de pesquisa entre a análise de Sarlo e o caso do modernismo brasileiro). Cf. SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930* (1988). Trad. Júlio Pimentel Pinto. Prólogo: Sergio Miceli. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

¹⁴ SAID, Roberto Alexandre do Carmo. *Quase biografia: poesia e pensamento em Drummond*. 282 f. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007, p. 84-85.

diferenciação do narrador em relação aos habitantes locais. E, por extensão, entre o próprio escritor e os belo-horizontinos – no fim do texto, quase indiferenciáveis. Isso é sugerido pela menção ao gesto desse narrador/escritor de acompanhar a saída do morador da cidade do tédio apenas “com os olhos” e pela menção ao tempo transcorrido desde a cena até o texto publicado, diga-se de passagem, em um jornal da própria capital, o que sugere a permanência do viajante na cidade. Também é interessante o uso do verbo “garatujar” para referir-se à atividade da escrita. “Garatuja” é uma letra ruim, desajeitada, malfeita; a escolha lexical para referir-se à narrativa a rebaixa ao nível do tosco, do malfeito, possível fruto de um trabalho contaminado pelo tédio.

O *tópos* da viagem também está presente em outros textos do período, como “Uma viagem quase triste”, publicado no *DM*, em abril de 1921. A curta narrativa encena o diálogo entre dois homens que discutem o ato de viajar; um vê na peregrinação o encanto e o prazer, enquanto, para o outro, “o encanto das viagens é uma ilusão, entre mil outras ilusões”:

Meu amigo, v. não conhece o triste prazer de viajar. É que, de certo, só lhe vêm à mente as paisagens novas, os novos aspectos e os costumes curiosos. É que não imagina a tristeza de ver essas paisagens com olhos apressados. [...] A retina povoa-se d’imagens fantásticas, que se confundem, e se esmigalham. Sentimos a impressão do infinito. No fundo, ficamos atordoados.¹⁵

Ao contrário de um pensamento positivo sobre a viagem, que vê nela a conquista de novas paisagens e de um alargamento da experiência subjetiva, para o sujeito a graça provocada pelas novas miragens ao viajante é passageira. Assim, gera-se a sensação de que “o mundo lhe está a fugir”. O atordoamento do viajante logo se transmuta em tédio:

Viajar é entediar-se, acredite.
– O tédio é a doença dos inadaptáveis.
– Seja. E a terra toda é um manicômio de inadaptáveis. Meta-se num vapor, e verá. Eu não invento. Acho imbecil fantasiar a vida, que, já de si, é uma fantasia idiota. E regresso à minha primitiva afirmação. O omnambulismo não faz milagres, faz melancólicos.¹⁶

Na história da cura da melancolia – esse temperamento atrabiliário, associado ao tédio e à prostração – a viagem ocupa um papel central. O enciclopedista romano Celso foi o primeiro a recomendar uma viagem anual para os espíritos melancólicos. Posteriormente, toda a literatura que se desenvolve a partir do século XVII sobre a nostalgia, espécie variante da melancolia, encontra a cura no regresso do doente ao país natal. A palavra “nostalgia” designava

¹⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. Um prazer quase triste. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de abril de 1921.

¹⁶ *Ibidem*.

Heimweh, desiderium patriae, e foi criada pelo médico Johannes Hofer a partir da junção dos termos gregos para “retorno” (*nóstos*) e “dor” (*álgos*); logo o termo perdeu a especificidade médica e difundiu-se na cultura comum¹⁷. Já durante o século XVIII, foi famoso o *Grand tour*, uma onda de jovens ingleses abastados, os *splenetic travellers*, que visitaram o mundo clássico greco-latino para afastar o *spleen*. Por um lado, a cura para a melancolia encontra-se justamente na viagem, mas, se olharmos para outro aspecto da história da melancolia, os viajantes são justamente os mais abatidos pelo mal de Saturno¹⁸. Na cultura grega, por exemplo, vagar é o grande mal de Belerofonte, a forma como passa o fim de sua vida após o castigo pela tentativa de alcançar o Monte Olimpo. Na cultura medieval, o peregrino é o que mais sofre do temperamento melancólico, geralmente associado a uma árdua busca por redenção espiritual. Retomando o texto de Drummond, a viagem parece reforçar uma condição do melancólico na medida em que confirma sua incapacidade de se adaptar a qualquer lugar; o sujeito, então, é vítima de um perpétuo desajuste, que convive com o tédio. No fim do diálogo, o viajante cita o famoso poema “A viagem”, que encerra *As flores do mal*:

“Amer savoir, celui qu'on tire du voyage”.

Eis o que exclamava o satanista de “*Les fleurs du mal*”, após haver perguntado ao viajadores: “*Dites, qu'avez vous vu?*” Os viajadores responderam, pensamente:

“Nous avons vu des astres

Et des flots ; nous avons vu des sables aussi ;

Et, malgré bien des chocs et d'imprévus désastres,

*Nous nous sommes souvent ennuyés, comme ici.*¹⁹

O tema central do poema de Baudelaire é a necessidade de viajar, que persiste em meio à consciência dos limites da experiência humana. Diante de um grupo de viajantes, a voz poética pede para que os peregrinos espantem o tédio daqueles que viram as paisagens. A resposta dos viajadores é o trecho citado por Drummond e a seguir traduzido:

Vimos astros

E ilhéus; vimos areias por aqui e ali;

E apesar dos desastres, choques e seus rastros,

Com frequência entediamos-nos, tal como aqui.²⁰

A conclusão do viajante drummondiano é a mesma do poema francês: o tédio (*l'Ennui*), afinal, não está condicionado às interferências externas, mas é condição humana, da qual não

¹⁷ STAROBINSKI, Jean. *Op.cit.*, 2016, p. 207-208.

¹⁸ *Ibidem*, p. 89-93.

¹⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Um prazer quase triste”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de abril de 1921.

²⁰ BAUDELAIRE, Charles. *Op. cit.*, 2019, p. 419.

facilmente se desvencilha. Em outra estrofe – da qual CDA retira o primeiro verso – o sujeito poético expõe o verdadeiro conhecimento trazido pela viagem:

*Amer savoir, celui qu'on tire du voyage!
Le monde, monotone et petit, aujourd'hui,
Hier, demain, toujours, nous fait voir notre image
Une oasis d'horreur dans un désert d'ennui!*

Amargo saber, este que nos dá a viagem!
Hoje, ontem, amanhã, o mundo, sensabor
E pequeno, nos faz ver a nossa imagem:
Num deserto de tédio, um oásis de horror!²¹

O encontro propiciado pela viagem é do homem consigo mesmo – uma experiência que não ameniza o temperamento melancólico, mas, antes, o intensifica. A conclusão do poema de *As flores do mal*, paradoxalmente, é alçar âncora e partir para mais uma viagem, em outra tentativa de mitigar o tédio e de encontrar o novo:

*Ô Mort, vieux capitaine, il est temps! levons l'ancre!
Ce pays nous ennuie, ô Mort! Appareillons!
Si le ciel et la mer sont noirs comme de l'encre,
Nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons!*

Ó morte, é hora, velho capitão! de alçar
Âncora! Aparelhemos! Aqui é entediante!
Se como tinta negra são o céu e o mar,
Nossos corações – tu saber – são irradiantes!²²

A narrativa de Drummond se encerra de forma semelhante. O homem que reclamava dos males causados pela viagem faz a seguinte proposta ao outro, com quem conversava: “Olhe, a propósito: estou hoje farto da rua da Bahia. V. não me faz companhia numa viagemzita até Sabará?”²³. O convite, contudo, não é para que se aventurem no além-mar, mas para que tomem o trem que parte de Belo Horizonte e vai até a pequena cidade. Em Sabará, “tudo é inexoravelmente colonial”, como Drummond escreveria em poema publicado em 1925, na seção “Mês modernista” do jornal *A noite*²⁴. A menção a Sabará não parece, contudo, ter o propósito de adaptar o *tópos* da melancolia (que acompanha a história da literatura e das artes em geral) à realidade local. De forma irônica, o fim do texto de Drummond retira qualquer altivez contida na saída dos viajantes de Baudelaire para a viagem transatlântica. Diante das

²¹ *Ibidem*, p. 419.

²² *Ibidem*, p. 419.

²³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Um prazer quase triste”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de abril de 1921.

²⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sabará”, *A noite*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1925.

condições impostas no ambiente mineiro, o texto de CDA sugere uma nova forma de melancolia, deslocada para outra modernidade que não a causadora do *spleen* europeu.

Também nos *Pequenos poemas em prosa* de Baudelaire a viagem aparece como uma espécie de necessidade humana que beira ao patológico:

Tu connais cette maladie fiévreuse qui s'empare de nous dans les froides misères, cette nostalgie du pays qu'on ignore, cette angoisse de la curiosité?

Você conhece essa doença febril que toma conta de nós nas frias misérias, essa nostalgia da terra que ignoramos, essa angústia de curiosidade?²⁵

Trata-se de uma angústia constante, cuja causa é certa saudade de uma terra que o sujeito, paradoxalmente, ainda não conhece. No ensaio que se dedica a distinguir o luto da melancolia, Freud²⁶ esclarece que, na melancolia, o sujeito apresenta um sofrimento intenso ligado à sensação de perda, mas sem saber o que perdeu. A causa do sofrimento é, portanto, subtraída da consciência. O objeto perdido pode, inclusive, ser uma abstração, como a própria ideia de pátria ou de tempo passado. A psicanalista Urania Peres evidencia como o melancólico constantemente se indaga sobre a origem do próprio mal: “‘Por que soffro?’. Pátria eterna, seio maternal e uma suspiração pelo que foi sem nunca ter sido: a inexistente completude, o encontro com a verdade enganosa da existência”²⁷. De modo geral, observa-se uma permanente desidentificação do sujeito com o que lhe é externo, um traço atribiliário que também foi elaborado por Baudelaire:

Cette vie est un hôpital où chaque malade est possédé du désir de changer de lit. Celui-ci voudrait souffrir en face du poele, et celui-là croit qu'il guérirait à côté de la fenêtre.

Il me semble que je serais toujours bien là où je ne suis pas, et cette question de déménagement en est une que je discute sans cesse avec mon âme.

Esta vida é um hospital em que cada doente está possuído pelo desejo de mudar de leito. Esse queria sofrer diante da estufa e aquele acredita que iria se curar do lado da janela.

Parece-me que eu sempre estaria bem onde não estou, e essa questão da mudança é uma das que discuto sem cessar com minha alma.²⁸

Diante da impossibilidade de estabelecer um laço com o mundo, o sujeito encontra-se em estado de instabilidade e de angústia, caracterizada pela repetição de um conflito que é

²⁵ BAUDELAIRE, Charles. “Convite à viagem”. *Pequenos poemas em prosa [O spleen de Paris]*. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2011, p. 92-93.

²⁶ FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*, 2013, p.31.

²⁷ PERES, Urania Tourinho. “Uma ferida a sangrar-lhe a alma”. In: FREUD, *Op. cit.*, 2013, p. 53.

²⁸ BAUDELAIRE, Charles. “Anywhere out of the world, qualquer lugar fora do mundo”. *Op. cit.*, 2011, p. 224-225.

direcionado ao próprio eu. Como observou Freud²⁹, a melancolia é, justamente, um estado narcísico, em que o melancólico se identifica com o objeto perdido, o que explicaria a tendência de que ele volte o ataque contra si mesmo, degradando-se: “discuto sem cessar com minha alma”, escreveu Baudelaire.

Quanto a Drummond, interessa notar como a origem do estado melancólico comumente é a impossibilidade de laço do sujeito com o lugar e com o tempo. Em muitos textos da década de 1920 e do início de 1930, essa desidentificação ocorre junto a um estranhamento visto na própria pátria, que parece comportar realidades inconciliáveis. Em “Viagem de Sabará” – outro texto dedicado ao percurso entre Belo Horizonte e Sabará –, o narrador descreve a viagem como uma experiência reveladora, capaz de sobrepor diferentes tempos. Ao sair de Belo Horizonte e chegar a Sabará, a sensação seria a de uma

[...] queda no abismo, talvez o abismo dos séculos, quem sabe? Em todo caso um abismo e a sensação brusca de queda. A mudança inesperada de planos produz isso. A nostalgia das origens, inconsciente mas ativa, faz o resto. A 24 quilômetros da incaracterística e fácil capital de Minas, a velha cidade do Borba nos espreita como uma cilada colonial.³⁰

Note-se o uso dos termos “nostalgia” e “inconsciente”, que coadunam a ideia de perda e subtração da consciência anteriormente analisadas. Esse profundo contato com o passado promove sensações ambivalentes – para mencionar mais um traço do quadro melancólico³¹ –, que promove dor e prazer:

O passado dói fisicamente quando nos aproximamos dele com os olhos ainda cheios de presente. As linhas, cores e volumes de outrora, tão brutalmente distintos dos de hoje, ofendem, machucam a nossa sensibilidade. Sair de uma avenida perfeitamente arborizada, aerada, iluminada, policiada e de repente plaft! cair de chofre na ladeira do Kakende... (Estes dois Ks não são já duas pedras pontudas?) Enfim, depois de algum tempo o espanto, o susto, a dor (falo das sensibilidades alertas, é claro) se confundem e se misturam num sentimento vasto e bom, numa euforia demorada, envolvente, cândida; beatitude do corpo em paz com a alma, da alma que se espreguiça sorrindo dentro do corpo; e o espírito da gente se dissolve no passado.³²

O cenário de Belo Horizonte, cidade mais modernizada, arborizada e vigiada, contrasta com o ambiente rural de Sabará, onde o encontro com a arquitetura colonial e o modo de vida remetem a um Brasil pré-republicano. Embora essa pareça uma viagem no tempo, o texto deixa

²⁹ Ver a interessante relação que Maria Rita Kehl faz entre *Luto e melancolia* e *Introdução ao narcisismo*, obra anterior de Freud. Cf. KEHL, Maria Rita. “Melancolia e criação”. In: FREUD, *Op. cit.*, 2013, p. 7-23.

³⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Viagem de Sabará”, *Op. cit.*, 2020, p. 113.

³¹ FREUD, Sigmund. *Op. cit.*, 2013, p.39.

³² *Ibidem*, p. 113.

ver como a realidade rural está mais próxima do que se pensa, o que põe em xeque a própria ideia de modernidade associada à própria capital. A modernidade artificialmente traçada em Belo Horizonte (“a incharacterística capital de Minas”) convive, lado a lado, com características de um mundo rural ainda presente. Está armada a “cilada colonial”, que, apesar de dolorosa, é envolvente, e a dor convive com uma espécie de preguiça prazerosa, ambas intimamente ligadas à historicidade do quadro. Mais tarde, em uma crônica de 1930, Drummond (sob o pseudônimo de Antônio Crispim) ironizava sobre o ritmo da cidade no Dia do trabalhador: “A doce alma patriarcal de Belo Horizonte espreguiça-se, satisfeita”³³.

Anterior a “Viagem a Sabará”, o poema “Sabará” foi publicado em *A noite*, em 1925. Nele, vemos como a menção à proximidade física entre Belo Horizonte e Sabará é mais uma vez usada como estratégia para ressaltar a diferença entre as duas cidades:

Sabará

A dois passos da cidade importante
está a cidadezinha parada calada entrevada
(atrás daquele morro, com vergonha do trem...)

Só as igrejas
só as torres pontudas das igrejas
não brincam de esconder.

O rio das Velhas lambe as casas velhas
essas escondidas onde há velhas nas janelas.
Ruas em pé
pé de moleque
PENSÃO DE JUAQUINA AGULHA
Quem não subir direito o povo dá uma vaia nele...
Bem feito!

Eu fico cá embaixo
maginando na ponte do Borba Gato.

Ai tempo!
Nem é bom pensar nas coisas mortas, muito mortas.
Os séculos cheiram a mofo
e a história é cheia de teias de aranha.
Na água suja barrenta a canoa deixa um sulco logo apagado.
Quéde os bandeirantes?
O Borba fugiu,
D. Maria Pimenta morreu...

Mas tudo é inexoravelmente colonial!
bancos janelas fechaduras lampiões.

O casario alastra na cacunda dos morros,
rebando dócil pastoreado pelas igrejas:
a do Carmo – que é toda de pedra!
a Matriz – que é toda de ouro!

³³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Ficar em casa”. In: *Crônicas 1930-1934*, 1987, p. 70.

Sabará veste com orgulho seus andrajos...
 Faz muito bem! Cidade teimosa!
 Nem siderúrgica nem Central nem a roda manhosa do Ford
 sacode a modorra de Sabarabuçu.

Pernas morenas de lavadeiras
 tão musculosas que parece que foi Aleijadinho que as esculpiu
 palpitam na água cansada.

O presente vem de mansinho
 de repente dá um pulo:
 cartaz de cinema com fita americana.

E o trem bufando na ponte preta
 é um bicho comendo as casas velhas.³⁴

O recurso básico do poema é a personificação, por meio da qual características típicas de um modo de vida interiorano são deslocadas para apresentar Sabará, que está “parada calada entrevada”, “com vergonha do trem”. Como uma pessoa pouco adaptada aos índices de modernização, Sabará tem vergonha do trem e teima contra a industrialização: “Nem siderúrgica nem Central nem a roda manhosa do Ford/sacode a modorra de Sabarabuçu”. O nome é antigo e também remete à colonização. Desde o século XVI, cronistas portugueses e indígenas relatavam a existência de uma serra brilhante, cravejada em prata. No período das bandeiradas ao sertão, os bandeirantes chegaram à região da atual Sabará e, diante de uma serra que resplandecia, associaram-na ao mito. O brilho, na verdade, era proveniente do minério, que só muito mais tarde seria explorado. A descoberta de ouro na região foi oficializada por Borba Gato, sertanista mencionado nos dois textos de Drummond, e, a partir do desenvolvimento local, criou-se o arraial de Sabará, em 1711 elevado à vila³⁵. Ao que tudo indica, o nome pegou: a serra ficou sendo Serra de Sabarabuçu e a cidade, Sabará.

Também o rio é personificado: “O rio das Velhas lambe as casas velhas/essas escondidas onde há velhas nas janelas”. A repetição do termo velhas, primeiro como adjunto adnominal, depois como adjetivo e, por fim, como substantivo, reforça a imagem de uma cidade que parece esconder-se da modernização. Mesmo os bandeirantes não estando mais presentes, tudo ainda é “inexoravelmente colonial”. A prosopopeia também aparece na “rua de pé” e na obstinação de Sabará, que “veste com orgulho seus andrajos...”. Apesar de serem lânguidos, o poema sugere muitos movimentos. Por meio deles, percebe-se o ritmo arrastado que domina a pequena

³⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sabará”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1925.

³⁵ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico e geográfico de Minas Gerais*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995, p. 291-292.

cidade: está na “modorra”, na “água cansada” e mesmo na imagem árcade dos morros “pastoreados” pelas igrejas. Esse mundo velho, que cheira a mofo, é um mundo de “coisas mortas”, que, no entanto, se arrastam no presente. Essa calma é alterada pelo progresso, que chega devagar, mas logo impõe seu ritmo acelerado, visto sobretudo na novidade do cinema e na velocidade do trem. A prosopopeia, na estrofe final, não serve mais à criação de um ritmo lento, e sim à sugestão da velocidade e da violência com que a modernização se impõe sobre esse mundo, agora inevitavelmente abalado: “E o trem bufando na ponte preta/é um bicho comendo as casas velhas”.

Diante desse universo, a postura do sujeito poético é contemplativa. O poema só seria publicado novamente em 1930, em *Alguma Poesia*. Das alterações feitas, a que mais chama a atenção é a inserção dos seguintes versos na quarta estrofe:

Eu fico cá embaixo
 imaginando na ponte moderna – moderna por quê?
 A água que corre
 já viu o Borba.
 Não a que corre,
 mas a que não para nunca
 de correr.³⁶

A mudança da “ponte do Borba Gato” para a “ponte moderna” é significativa. A referência deixa de ser o bandeirante, o personagem do passado, para vestir a construção de modernidade. Além disso, o ponto de vista do sujeito poético ser a “ponte moderna” indica que sua perspectiva sobre Sabará vem de um lugar considerado moderno – é de lá que ele fica “imaginando”. Por fim, o contraste entre a ponte “moderna” e o rio que “já viu o Borba” coloca em maior tensão o presente e o passado colonial. O visitante, afinal, parte desse mundo “presente”, que lhe é contemporâneo, mas no qual o passado colonial parece não parar de correr. A modernidade passa a abranger Sabará de forma mais ostensiva apenas no fim do poema, quando, em um salto, começa a transformar a cidade. A própria imagem da ponte, como uma construção feita para ligar extremidades, contribui para a dicotomia entre presente e passado. Essa ambivalência se complexifica na pergunta feita pelo sujeito poético sobre a construção onde está – “moderna por quê?”. Sem resposta, a questão põe em xeque o próprio conceito de modernidade, ironizando-o.

³⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sabará”. In: *Poesia 1930-62*, 2012, p. 69.

Sabará aparece novamente em outro poema da década de 1920, que, também de modo muito irônico, reflete sobre as transformações do período moderno. Trata-se de “Confissão”, publicado no *Diário de Minas* em 1928 e assinado por Antônio Crispim:

Confissão

Meus olhos coloniais
namoram as velhas casas caindo.
Minhas mãos coloniais
acariciam os móveis pretos carunchados.
E as velhas mulheres?
Meu coração colonial palpita de ternura diante das velhas mulheres de xale preto.

Porém minha roupa moderna
colarinho, bengala, sapatos,
fazem de mim um boneco muito século 20
dinâmico, frívolo, cínico.

É preciso...

Pus antenas de rádio em meu Sabará.³⁷

No poema, a condição colonial não está apenas no ambiente externo, mas é parte do eu: “meus olhos coloniais”, “mãos coloniais” e o “coração colonial”, que ecoa o “coração arlequinal”³⁸ de *Pauliceia desvairada* (ao mesmo tempo que com ele contrasta, afinal, em “Confissão” não estamos diante de um sujeito identificado à urbe). Os versos que abrem o poema, “Meus olhos coloniais/namoram as velhas casas caindo” parece a segunda versão dos versos de um poema em homenagem ao presépio Pipiripau de Belo Horizonte, publicado em 1927 sob assinatura de Antonio C(h)rispim:

Meus olhos mineiros
namoram o presepe
e dizem alegres: Mas que bonito!³⁹

Em “Confissão” não há, contudo, esse êxtase. Mais do que um processo histórico e cultural, a colonização constitui o sujeito poético, que se vê apegado a um passado em decomposição: “velhas casas caindo”, “móveis pretos carunchados”, “velhas mulheres”. A cor preta, repetida no quarto e sexto versos da primeira estrofe, é símbolo da perda e do luto.

A segunda estrofe desloca o ponto de vista do sujeito poético sobre seu corpo e o ambiente em que está para sua apresentação: “minha roupa moderna”, “colarinho, bengala, sapatos”. Trata-se dos elementos da cultura moderna, que transformam o sujeito, antes

³⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de outubro de 1928.

³⁸ ANDRADE, Mário de. O trovador. *Poesias completas*, 2013, p. 78.

³⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Pipiripau”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de jan. de 1927.

apresentado a partir de sua subjetividade, em um “boneco”. A escolha do termo explicita o caráter artificial do sujeito poético e, na opinião de Mário de Andrade, é uma expressão datada⁴⁰. Esse eu, em oposição à ternura das mulheres da primeira estrofe e à palpitação de seu coração colonial, confessa-se agora “frívolo” e “cínico”. Em pequena crônica publicada em 1930, sob pseudônimo de Antônio Crispim, a “frivolidade” aparece como característica das moças e dos rapazes modernos, uma geração quase toda tomada pelo hábito de frequentar o circo, o cinema e outras formas de entretenimento que parecem artificiais:

Os nossos rapazes são de circo, as nossas garotas são de cinema. [...] Por exemplo: estádio, flerte, footing, chá dançante, discurso, baratinha, concurso de “misses”. Todos são disfarces ou do cinema ou do circo, ou dos dois ao mesmo tempo. Há uma palavra geral para tudo isso, tirada do vocabulário de nossos avós: frivolidade. Frivolidade o que vem a ser? O moço que dá remadas amplas na Lagoa Santa não é frívolo. A moça que corta o cabelo à ventania e transporta o corpo moreno em um vestido exíguo, com missangas violentas em volta do pescoço, não é uma moça frívola. Há uma seriedade no cinema como no circo.⁴¹

Voltando ao poema, o leitor assiste a uma tentativa desajeitada do sujeito de vestir um personagem que soa falso; a imposição do terceiro verso (“É preciso...”) confirma que a operação é motivada por uma tentativa de adequação aos novos tempos, que não advém de um processo gradual de transformação da cultura, mas que implica um abandono do que, embora considerado “colonial”, permanece no século XX. Assim, apesar de impositiva, a frase adquire mais um tom de lamento que de euforia pelas reticências que a encerram. Afinal, esse mundo em dissolução, ao qual o sujeito se apegava, faz parte do próprio sujeito poético, que também parece ruir. Essa identificação do sujeito com o objeto perdido, espécie de amor pela perda, é o fundamento da melancolia, que, na análise de Freud, é também um modo de amor narcísico⁴².

No comentário que fez sobre o poema em carta a CDA, Mário de Andrade elogiou o verso “É preciso!”, chamando a atenção para sua acentuação⁴³, o que evidencia a mudança da exclamação para as reticências entre a primeira versão e a publicada no *DM*. Elas têm ainda a função de prolongar o verso, aproximando-o do verso final: “Pus antenas de rádio no meu Sabará”. Neste, o uso do pronome possessivo diante do topônimo repete a pessoalização realizada no início do poema, de forma que não só a questão histórica é introduzida na mitologia

⁴⁰ Esse poema também foi enviado a Mário de Andrade em 1926, apesar de ter sido publicado apenas em 1928. Não foi incluído em *AP*. Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 234.

⁴¹ CRISPIM, Antônio. “De circo de cinema”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 de nov. de 1930, p. 8. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Crônicas 1930-1934*. Belo Horizonte, Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais: Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1987.

⁴² Cf. FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

⁴³ Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 234.

peçoal, mas a própria cidade, que, como vimos, funciona nos poemas do período como um símbolo rural nessa ambivalente modernidade. A ironia apenas acentua a crítica ao processo histórico que o sujeito poético experiencia no início do século, pois colocar antenas de rádio, marco da cultura do século XX, na cidade símbolo de um mundo arcaico parece tão inútil quanto usar o moderno colarinho sobre o coração colonial. Dessa forma, na, constrói-se a crítica a uma modernização superficial, que pouco ultrapassa a roupagem.

A crítica à modernização então em curso no Brasil, tema caro ao modernismo de primeira ordem, é central no poema “Praça da liberdade”, publicado no periódico paulista *Terra roxa e outras terras* em 1926:

Jardim da Praça da Liberdade

Verdes bolindo.
Sonata cariciosa da água
fugindo entre rosas geométricas.
Ventos elísios.
Macio.
Jardim tão pouco brasileiro... mas tão lindo.

Paisagem sem fundo.
A terra não sofreu para dar essas flores,
Sem ressonância.
O minuto que passa
desabrochando em floração inconsciente.
Bonito de mais. Sem humanidade.
Literário de mais.

Pobres jardins do meu sertão
Atrás da serra do Curral!
Nem repuxos frios nem tanques langues
nem bombas nem jardineiros oficiais
Só o mato crescendo entre sempre-vivas debotadas
e o olhar desditoso da moça desfolhando malmiqueres.

Jardim da Praça da Liberdade,
Versalhes entre bondes.

Na moldura de secretarias compenetradas,
a graça inteligente da relva
compõe o sonho dos verdes.
PROIBIDO PISAR NO GRAMADO.
Talvez fosse melhor dizer:
PROIBIDO COMER O GRAMADO...
A Prefeitura vigilante
Vela a soneca das ervinhas.
E o grande capote preto do guarda é uma bandeira na noite estrelada de funcionários.

De repente uma banda preta
vermelha retinta suando
bate um dobrado batuta
na doçura do jardim.

Repuxos apavorados surgindo.⁴⁴

Desde a primeira estrofe, a apresentação da Praça da Liberdade, um dos ícones do projeto arquitetônico da capital mineira, ressalta sua inspiração europeia, especialmente na escolha do adjetivo “elísios”, que faz um trocadilho com os ventos “alísios”. O termo designa um local de prazeres e bem-aventurança, em alusão ao Elísio ou Eliseu, lugar do mundo dos mortos reservado aos heróis e homens virtuosos. Também inevitável lembrar, para o leitor de 1930, da famosa avenida dos Champs Élysées em Paris. A conclusão da estrofe, “Lugar tão pouco brasileiro... mas tão lindo”, soa como referência a um discurso socialmente difundido, segundo o qual a importação de um modelo urbanístico da moda francesa poderia ser justificada em nome da estética. Nessa praça muito artificial, as flores, geometricamente planejadas, parecem de mentira (“A terra não sofreu para dar essas flores”), o movimento é o dos “repuxos”, jatos de água ornamentais, e a paisagem é esvaziada da presença humana, tanto em sentido literal como metafórico (“Sem humanidade”), a ponto de não fazer sentido a placa que proíbe pisar no gramado. Opostos a esse lugar, os “pobres jardins do meu sertão” têm flores simples e mato crescendo de forma descontrolada, mas se vê a presença humana e romântica da moça que desfolha o malmequer. O esvaziamento desse jardim, que, apesar de muito bonito, é deserto, tem como ponto de tensão a crítica a um controle excessivo sobre o lugar em que a vigilância só pode ter como função velar a “soneca das ervinhas”. A Praça, afinal, é o reduto institucional da cidade, o que se vê nas secretarias, na Prefeitura, nos guardas, na banda.

A Praça da Liberdade parece deslocada nessa cidade provinciana cercada pela Serra do Curral. Em outro poema dedicado a Belo Horizonte, que, como o anterior, também foi publicado em *Alguma* poesia, a cidade é o espaço da repetição, da monotonia:

Belo Horizonte

Meus olhos têm melancolias,
minhas bocas têm rugas.
Velha cidade!
As árvores tão repetidas.⁴⁵

E as praças de inspiração parisiense convivem, lado a lado, com construções rústicas e antigas:

Lirismo:
pelos jardins versalhes
ingenuidades de velocípedes.

⁴⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *Terra roxa e outras terras*, ano 1, n. 7, 17 de set. de 1926.

⁴⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 20 de mar. de 1927.

E o velho fraque
na casinha de alpendre com duas janelas dolorosas.⁴⁶

A menção aos automóveis, tão comum nas literaturas de vanguarda do início do século, aqui é subvertida na imagem lúdica dos “velocípedes”, cujo movimento, ingênuo, ironiza uma urbanização provinciana. Em uma crônica publicada em 1931, Drummond relembra a Belo Horizonte dos anos 1920:

O mundo era pequeno e limitava-se ao norte pelo Café Estrela, na rua da Bahia, e a leste pela casa Oscar Mendes, na Avenida Afonso Pena. Podia-se correr no Parque Municipal sobre essa coisa ingênua e primitiva, uma bicicleta. Passeava-se pela cidade como se ia para o cemitério, depois de morto: de carro puxado a burros. [...] A Praça da Liberdade era um assombro [...]⁴⁷

A imagem da “Versalhes entre bondes” expõe, portanto, as ambiguidades de um projeto civilizatório em que as ideias estavam enviesadas, “fora de centro em relação à exigência que elas mesmas propunham”, como disse Schwarcz⁴⁸. Como vemos, essas modificações, superficiais, entram no Brasil sem serem geradas por transformações sociais profundas e sem tampouco as provocarem. Diante disso, Drummond faz das contradições dessa modernização conservadora o cerne de sua poesia, “trazendo-as para o centro do palco e dramatizando-as a fundo”⁴⁹. O ponto alto dessa produção é quando elas são incorporadas à criação de sua *persona*, como no mais famoso “Explicação”, enviado a Mário de Andrade em 1926 como parte do caderno *Minha terra tem palmeiras*:

Explicação

Meu verso é minha consolação.
Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça.
Pra beber, copo de cristal, canequinha de folha de flandres,
folha de taioba, pouco importa!
tudo serve! Pra louvar a Deus como para aliviar o peito,
queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e
trabalhos
é que faço meu verso. E meu verso me agrada.

Meu verso me agrada sempre...
Ele às vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar uma cambalhota
mas não é pro público, é pra mim mesmo essa cambalhota.
Eu bem me entendo.
Não sou alegre. Sou até muito triste.
A culpa é da sombra das bananeiras de meu pai, esta sombra mole preguiçosa.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Da velha cidade”. In: *Crônicas 1930-1934*, 1987, p. 124. Assinada por Antônio Crispim.

⁴⁸ SCHWARCZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas*, 2012a, p. 21.

⁴⁹ CAMILO, Wagner. *A modernidade entre tapumes*, 2020, p. 33.

Tem dias que ando na rua de olhos baixos
 pra que ninguém desconfie, ninguém perceba
 que passei a noite inteira chorando.
 Tou no cinema vendo fita de Tom Mix
 e de repente ouço a voz duma viola...
 Saio desanimado.

Ah ser filho de fazendeiro!
 À beira do S. Francisco, do Paraíba ou de qualquer córrego vagabundo
 é sempre a mesma sensibilidade.
 E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.
 Aquela casa de 9 andares comerciais
 é muito interessante.
 A casa colonial da fazenda também era...
 No elevador penso na roça
 na roça penso no elevador.

Quem me fez assim foi minha gente e minha terra,
 e gosto bem de ter nascido com essa tara.
 Pra mim de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.

A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso
 do dinheiro
 e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a
 perna na gente.

O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de farrapos.
 Sei lá o que é isso! Em Portugal a gente ainda se entende,
 mas diz que os portugueses são todos muito burros.
 É sina deles, meu Deus.
 Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma
 canalha só,
 lê o seu jornal, mete a sua língua no governo,
 queixa da vida (a vida está tão cara!)
 e no fim dá certo.

Si meu verso não deu certo foi teu ouvido que entortou.⁵⁰

Segundo Mário de Andrade, “Explicação” era um “peso-pesado” que deveria abrir o primeiro livro de CDA, tal como seu “Prefácio interessantíssimo” abrisse *Pauliceia desvairada*. De fato, o poema tem caráter programático. Além de revisitar, de forma crítica, motivos do nacionalismo – como a viola, o luar, a cachaça, a bananeira e a própria terra –, concentra algumas questões importantes para a poética drummondiana do período, especialmente a ambivalência entre o ambiente rural e o urbano. O tema da mudança de um mundo agrário para um contexto urbanizado é muito presente nas primeiras obras do modernismo brasileiro, assim como a contiguidade entre elementos de tempos, apenas a princípio, opostos: o edifício, a casa

⁵⁰ANDRADE, Carlos Drummond de. Transcrição de *Minha terra tem palmeiras* com atualização da ortografia. Ver anexo.

colonial, o cinema, a viola⁵¹. A transição que ocorre no poema, entretanto, parece um pouco distinta disso: estando na cidade, o sujeito se lembra, em um relampejo, de suas raízes interioranas, motivadoras de um lamento de fundo melancólico, e não otimista ou entusiástico, como em *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade. O tom desanimado se explica pela denúncia, nos versos seguintes, de uma sensibilidade diferencial que aflige o filho de fazendeiro e impossibilita o entretenimento comum do cinema americano, que alcança papel muito relevante na vida cultural da cidade que se moderniza. O fazendeiro do poema opõe-se ao *cowboy* representado na tela. Nessa primeira versão do texto, trata-se de Tom Mix, que foi substituído por Hoot Gibson na publicação do poema em *Alguma poesia* (além de este ser um ator mais atual em relação ao contexto de 1930, note-se como o nome mantém as letras t, o e i do nome escolhido anteriormente, o que demonstra o cuidado com a dimensão sonora do texto). De uma forma ou de outra, o *cowboy* simboliza um tipo de cinema americano dedicado ao mero entretenimento.

Tom Mix é aludido ainda em um dos poemas que integram uma pequena sequência denominada “Hai-kais urbanos”, presente no caderno enviado a Mário de Andrade em 1926:

Na escuridão da sala
Tom Mix apareceu
e meus braços fortes te prenderam.⁵²

Na série, publicada em 1925 no periódico *Para todos*⁵³ e reproduzida no jornal *Minas Gerais* em 1931⁵⁴, o cenário natural característico dos poemas japoneses cede lugar a eventos tipicamente modernos e urbanos. Se, em geral, o segundo verso de um haikai apresenta uma ação ligada ao mundo natural, no poema citado essa ação é substituída pela aparição do astro hollywoodiano.

O tema do cinema, embora apareça, como vemos, em alguns textos dos anos 1920, estará mais presente nas crônicas da década de 1930, publicadas ora sob a assinatura de Carlos Drummond de Andrade, ora sob os pseudônimos Antônio Crispim, Barba Azul, Borba Gato.

⁵¹ Cf. MARQUES, Ivan. O País dos Andrades: Drummond e o Brasil Profundo. *Revista Cerrados*, v. 17, n. 26, 2008, p. 93-110. Ver também: MARQUES, Ivan. Modernismo de pés descalços: Mário de Andrade e a cultura caipira. *revista ieb*, n. 55 2012 mar./set. p. 27-42.

⁵² ANDRADE, Carlos Drummond de. “Hai-kais urbanos”. O poema não integra a parte do caderno intitulada *Minha terra tem palmeiras*, mas a anterior a ela. Ver transcrição completa do arquivo no fim desta dissertação.

⁵³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Hai-kais urbanos”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1925.

⁵⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Hai-kais urbanos”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 de julho de 1931. Foi assinado pelo pseudônimo Manoel R. Garcia.

Em uma das crônicas do período, Crispim mostra como o público do cinema não é especializado em arte, mas em atores:

Nós vamos ao cinema passar hora e meia vendo figuras animadas e ouvindo música sem responsabilidades, música “sem ser de concerto”. Intenções de burguesia dispéptica. Nem mesmo se vai mais ao cinema para namorar: já não há intervalos como antigamente [...] Hoje, repito, vai-se ao cinema com propósitos muito limitados. Quando não é pra matar o tempo bem simplesmente, é para ver o astro ou a estrela mais atual ou para escutar o último *fox-trot*. [...] São membros de uma mesma família, a família dos frequentadores especializados neste ou naquele “astro” glorioso da tela. Mas não são fãs. Não entendem do riscado.⁵⁵

Nota-se a profunda influência do cinema e da música americana sobre as formas de entretenimento da capital mineira no fim dos anos 1920 e nos anos 1930, cujo resultado é a importação de hábitos por uma burguesia que frequenta o cinema como quem faz uma digestão – daí o uso de “dispéptica”, que conserva uma ambiguidade: a burguesia pode tanto ter sofrido uma indigestão quanto ser, ela própria, indigesta. Denuncia-se uma perda de subjetividade, que, como vimos, foi tema de outra crônica (dessa mesma série) sobre a “frivolidade” presente nesses hábitos culturais do início do século XX. Segundo Friedrich Kittler⁵⁶, a perda da subjetividade é uma das consequências mais preocupantes da evolução das mídias na sociedade, organizadas pelo teórico em uma grande tríade de gravação de som, texto e imagem definidora da modernidade: gramofone, máquina de escrever e cinema. Para Kittler, uma das principais influências do cinema na sociedade do século XX foi a sua capacidade de criar uma nova forma de entretenimento de massa. Assim, se antes o entretenimento, como a ópera e o teatro, era geralmente reservado para as classes mais altas, o cinema era mais acessível. Não restrita às telas, a influência do cinema sobre a cultura, de modo geral, seria imensa; criou-se uma cultura de entretenimento que, especialmente no caso do cinema hollywoodiano, tinha pouca relação com a realidade, contribuindo para uma alienação da população.

No poema anteriormente citado de CDA, a fruição do filme pelo sujeito poético é interrompida pelo som de uma viola, essa sim capaz de causar a comoção do sujeito poético, assim como a própria poesia, identificada à música. Ainda que o resultado seja uma expressão desanimada, é interessante como a “sensibilidade” do filho de fazendeiro encontra-se relacionada sobretudo à expressão de uma cultura popular e local, o que revela a temática nacional que dá suporte a uma condição melancólica motivada pelo contexto localista. Assim,

⁵⁵ ANDRADE, Carlos Drummond. “Ir ao cinema”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 22 de mai. de 1930. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Crônicas 1930-1934*, 1987.

⁵⁶ KITTLER, Friedrich A. *Gramofone, filme e typewriter*. Trad. de Guilherme Gontijo Flores, Daniel Martineschen. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

a perda que leva o sujeito ao estado melancólico é relacionada à impossibilidade de identificação com a pátria, ainda que ele esteja nela: “E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria”. Mais tarde, em *Brejo das almas*, esse conflito será acentuado, quando a menção a um tipo de exílio dentro da própria terra dá lugar a uma negação da pátria nos versos finais de “Hino Nacional”: “Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?”⁵⁷.

Voltando a “Explicação”, a sensibilidade está associada, ainda, à cor local; não aquela extasiante, mas a do “córrego vagabundo”, que justamente a subverte. A atividade poética aparece, então, como “uma espécie de desabafo que se justifica pelo prazer, o alívio ou a atividade que proporciona”⁵⁸, uma espécie de produto a contrapelo do aburguesamento dos costumes que àquele tempo transformava o Brasil. Essa sensibilidade, que não encontra expressão na história de faroeste, ganha maior destaque na versão do poema publicada em 1930:

Estou no cinema vendo fita de Hoot Gibson,
de repente ouço a voz de uma viola...
saio desanimado.
Ah, ser filho de fazendeiro!
À beira do São Francisco, do Paraíba ou de qualquer outro córrego vagabundo
é sempre a mesma sen-si-bi-li-da-de.⁵⁹

A separação silábica imita a languidez associada à origem provinciana, que se opõe ao ritmo acelerado da imposição moderna. O sujeito poético também rejeita a admiração pela Europa, reduzida à condição de “cidade velha”; além disso, os portugueses, colonizadores do Brasil, são “todos burros”. Como vemos, a rejeição do estrangeiro – por um lado, a influência hollywoodiana e, por outro, a tradição europeia – possui uma ligação temática com a obra de Mário de Andrade e com a discussão sobre o problema da literatura nacional na correspondência entre os escritores, como a própria nota de Mário ao poema, sugerindo seu posicionamento no início de um possível livro de poemas, evidencia.

Na publicação do poema em 1930, “a sombra das bananeiras do meu pai” dará lugar a “sombra das bananeiras do meu país”, reforçando essa leitura. Outro índice da influência de Mário de Andrade é a aproximação da linguagem escrita com a oral, como em “tu” e “duma”; a ausência de vírgulas entre as orações associada o uso do gerúndio, como em “a gente viajando na pátria”; além do uso repetido dos pronomes possessivos: “meu pai”, “minha terra”, “meu

⁵⁷ Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas*. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 173.

⁵⁸ CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. *Op. cit.*, 1977, p. 88.

⁵⁹ Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Op. cit.*, 2012, p. 144.

país”, notado por Gledson⁶⁰. Vale comentar que, na publicação de 1930, as formas foram substituídas por “Estou” e “de uma” e a pontuação foi reestabelecida conforme a norma-padrão, o que se relaciona a um afastamento do estilo mais coloquial característico das publicações modernistas de 1920, como já explicitamos anteriormente.

Outra importante modificação entre a versão enviada a Mário de Andrade e a publicação de 1930 foi a inclusão de um verso final, uma afirmação da identificação do sujeito como um poeta, ainda que diante do *gauchismo*:

Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.
Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?⁶¹

Para Gledson⁶², a influência de Mário mostra-se muito profícua em “Explicação”, por exemplo pela relação entre os versos finais e alguns trechos do “Prefácio interessantíssimo”, como:

Canto da minha maneira. Que me importa se não me entendem? Não tenho forças
bastantes para me universalizar? Paciência!

A compreensão de todo o público, em um contexto de experimentação poética do início do século, deixa de ser um valor para a poesia; ele, antes, encontra-se na afirmação de uma dicção própria.

O ponto mais importante dessa influência está no uso de uma *persona* contraditória: “Não sou alegre. Sou até muito triste”. Trata-se da figura do palhaço, aquele feliz e triste, que dá “cambalhota” e, mais especificamente, da figura do arlequim, central em *Pauliceia desvairada*, obra extremamente influente na poética de Drummond. A diferença essencial entre o sujeito poético que Drummond está moldando nesse período e o de *Pauliceia* é, contudo, a ênfase ao detalhe autobiográfico, responsável por neutralizar qualquer tipo de identificação entre esse eu e a cidade, a roça, a nação e até mesmo uma identidade que, embora ambígua, seja representativa. Essa dimensão irônica distancia Drummond de Mário de Andrade, pois, como diz Gledson, “o poema não é uma ‘exposição’ daquela personalidade, mas justamente uma afirmação de sua incomunicabilidade, de sua distância em relação ao público.”⁶³

Nesse sentido, não há uma identificação plena com a pátria, mas a afirmação de uma contradição permanente. A ambivalência do tempo, que se dilata entre a experiência do cinema

⁶⁰ GLEDSON, John. “Drummond e Mário de Andrade”. In: GLEDSON, John. *Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos*. Trad.: Fraderico Dentello. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁶¹ ANDRADE, Carlos Drummond de., *Op. cit.*, 2012, p. 145.

⁶² Cf. GLEDSON, John, *Op. cit.*, 2003, p. 58-91.

⁶³ *Ibidem*, p. 82.

e a reminiscência rural, e entre o espaço, dividido entre a roça e o elevador, não é apenas uma reflexão sobre a história da modernização, mas motivo e reflexo de uma cisão do eu, contradição que é a base do conjunto *Alguma poesia*, desde o seu inaugural “Poema de sete faces”⁶⁴.

2.2 Passagens de bonde

Como vimos, ao longo da década de 1920, Belo Horizonte transforma-se. A “‘urbs’ construída de um dia para outro, como a um toque de vara mágica”⁶⁵ recebe mais moradores; os bairros operários crescem e a vida cultural é modificada especialmente pelo cinema:

Belo Horizonte modifica-se. Belo Horizonte transforma-se. É outra cidade comparada àquela que há cinco anos passados, modorrava por aí, no esplendor de sua beleza, com as repartições cheias e as ruas desertas. O comércio desenvolveu-se surpreendentemente. A indústria surgiu e floresceu, como por encanto. A vida social, em suma, tomou novo aspecto.⁶⁶

O texto, assinado apenas por “Y” – sem que se possa, portanto, determinar com precisão sua autoria – faz uma alusão paródica ao “Cisne” de Baudelaire: “Paris muda! Mas não minha melancolia!” (“*Paris change! mais rien dans ma mélancolie/ N’a bougé!*”)⁶⁷. Nas ruas, os automóveis convivem com as carroças, como escreve Drummond em um texto para o *Diário de Minas*: “O barulho da rua é uma sinfonia. A rua está cheia de Wagner, há Wagner nas buzinas dos automóveis e das carroças”⁶⁸. Mais tarde, em *Pau-Brasil*, Oswald de Andrade colocou lado a lado as figuras do bonde e da carroça: “O cavalo e a carroça/ Estavam atravancados no trilho”. Ao analisar o poema, Roberto Schwarz⁶⁹ mostrou como o procedimento aproxima dados separados por uma interpretação histórica que vê na modernização do Brasil uma superação do passado colonial, dando a tudo um ar de piada. Embora Drummond também se valha, em diversos textos do período, do recurso de aproximação entre elementos rurais e urbanos, a contradição é frequentemente ironizada, como na comparação absurda do som da cidade com a

⁶⁴ “Mais do que um poeta-cronista, trata-se de um poeta-crônico, ‘que concerce ao tempo’, com ele se mistura – e é ‘com história’ de um jeito não-imaginado por Tsvetáieva, mesmo quando parece ser ‘sem’”, disse Sérgio Alcides, partindo do ensaio “Poetas com história e sem história da crítica russa”. Cf. ALCIDES, Sérgio. “Belo Horizonte de expectativas: a despedida de Drummond”. In: BOSCHI, Caio C.; DUTRA, Eliana de Freitas (Orgs.). *Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2018, p. 109.

⁶⁵ X. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 22 de out. de 1922.

⁶⁶ Y. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 15 de fev. de 1924.

⁶⁷ BAUDELAIRE, Charles. *Op. cit.*, 2019, p. 274-275.

⁶⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Notícia elétrica. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 de mai. de 1923.

⁶⁹ SCHWARTZ, Jorge. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 11-28.

música de Wagner, já estranhada por Gledson⁷⁰. O resultado final não é um esvaziamento do antagonismo, mas uma acentuação da contradição.

Os veículos também são tema de um poema publicado no *Diário de Minas* em 1926, sob assinatura de Antônio Crispim. Em “Paisagem burgueza”, a estranha escolha do “z” em vez de “s” é do próprio CDA, inclusive comentada por Mário⁷¹:

Paisagem burgueza

Domingo. Automóveis correm nas alamedas
com famílias que se divertem
num sonho de gasolina, fugitivo,
entregando os destinos burgueses e contentes
ao chofer, pelas avenidas arborizadas.

(O 931
atropela um menor.)

Os pais têm um ar solene e patriarcal,
as meninas põem meias de seda,
os meninos vestem o terno dominical.

Automóveis de todas as cores
rolam nas avenidas arborizadas,
e no fim de 60 minutos
descem os meninos de terno dominical,
as meninas de meia de seda
e os pais de ar solene e patriarcal.

2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, sábado...
domingo!
Automóveis rolam nas avenidas.⁷²

Embora não seja publicado em *Alguma poesia*, o poema desenvolve um dos temas mais importantes do livro⁷³, a sátira ao modo de vida e aos valores burgueses, que reificam até mesmo os sonhos – “sonho de gasolina” – e os destinos “burgueses e contentes” entregues ao chofer. A “vida besta”, muito associada aos poemas de temática interiorana, como “Sesta” e “Cidadezinha qualquer”, encontra-se, aqui, em meio à zona urbana e alia-se ao tema da família patriarcal, com os papéis de gênero bem demarcados pelas roupas que imitam uma moda

⁷⁰ “Sem dúvida, fala verdade ao dizer (em 1927) que nessa época tinha uma ‘larga simpatia’ pelo modernismo, mas que não o compreendia realmente. Evidências disso podem ser encontradas no extraordinário artigo sobre Aníbal Matos, publicado no *Diário de Minas* em 27 de maio desse mesmo ano, 1923, no qual a paixão modernista pela cidade e gostos mais simbolistas se mostram inextricável e comicamente confusos, de modo a forçar-nos a nos perguntar (i) se o artigo era um blague e (ii) se Drummond alguma vez tinha ouvido a música de Wagner”. Cf. GLEDSON, John. *Op. cit.*, 2003, p. 60.

⁷¹ Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 232.

⁷² CRISPIM, Antônio. In: *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 20 de nov. de 1926.

⁷³ “A gama temática da primeira poesia de Drummond compreende, sobretudo, a figuração humorístico-realista da vida cotidiana, as recordações da vida de província e os quadros críticos (tão devastadores como tácitos) dos valores estabelecidos, dos clichês morais do *establishment* burguês e brasileiro”. Cf. MERQUIOR, José Guilherme. *Op. cit.*, 2011, p. 83.

estrangeira ao clima tropical. Na superfície, a cena apresentada pelo poema é agradável: o passeio da família bem-vestida combina com as árvores arborizadas nas avenidas em que desfilam os automóveis coloridos, sugerindo um exterior alheio às contradições sociais. Um acontecimento, no entanto, interrompe o idílio: um menino é atropelado. Os parênteses que isolam o verso parecem imitar a própria distância entre a cena violenta e a indiferença com a qual o resto do passeio transcorre, revelando a violência que se esconde na aparente pacificidade do domingo urbano. Há claramente um conflito de classes: enquanto a família se diverte, o chofer trabalha e um menino qualquer, descrito generalizadamente como “menor”, é atropelado justamente por um desses veículos. Assim, embora repleta de figuras humanas, a paisagem burguesa caracteriza-se mais pelo movimento das máquinas, e, quando as pessoas aparecem, representam classes opostas. Contribui para uma visão mecanizada do cotidiano a repetição de versos, que, embora sugira movimento, revela uma rotina monótona, que se confirma no fim do poema: “2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, sábado.../ domingo!”, uma menção à sequência ordinária dos dias.

Os pormenores indicam, assim, uma sociedade contraditória. A estratégia de esconder um evento revelador de violência nos detalhes da descrição de uma cena pacífica é comum no livro de 1930. É assim que aparece “o sinal de bala” da dançarina de Montes Claros em “Cabaré mineiro”, a “senzala” e a “preta velha” vistas em “Infância”. O recurso reproduz, nos poemas, o modo escamoteado como as relações patriarcais e a divisão racial e de classe permanecem na estrutura social brasileira. Esse é o procedimento central no poema “Família”, que integra o caderno *Minha terra tem palmeiras* e foi incluído em *Alguma poesia*. O poema recebeu importante atenção de CDA não apenas pela inclusão no volume, mas por ter sido publicado no final de 1926 no *Diário de Minas* e reproduzido na *Para todos* em 1927.

Família

Três meninos e duas meninas
sendo uma ainda de colo
a cozinheira preta a copeira mulata
o papagaio o gato o cachorro
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.

A espreguiçadeira a cama a gangorra
o cigarro o trabalho a reza
a goiabada na sobremesa de domingo
o palito nos dentes contentes
o gramofone rouco toda a noite
e a mulher que trata de tudo.

O agiota o leiteiro o turco
o médico uma vez por mês
o bilhete todas as semanas

branco! mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.⁷⁴

A versão citada foi retirada do *DM*, onde foi assinada por El caballero sentimental. O contraste entre o pseudônimo usado e a crítica ao *establishment* burguês, sobretudo em forma de ataque à instituição familiar – o grande motivo do poema⁷⁵ –, endossa o contraste do texto. Nele, Drummond experimenta alguns recursos que caracterizam as vanguardas do início do século: o uso predominante de substantivos, a redução do verso à comunicação mais direta, a sobreposição com redução de conjunções e de pontuação, que gera o efeito de simultaneidade e velocidade, e a ênfase ao estímulo visual, a partir do predomínio da referência a coisas⁷⁶. Trata-se de uma forma de enquadramento do mundo, apresentado a partir de um olhar mais objetivo e impessoal e do que Haroldo de Campos chamou de uma “verdadeira ‘concreção’ linguística”⁷⁷. Por meio dessa listagem de coisas, conhecemos as posses da família e os seus costumes, entre os quais contrastam os hábitos mais rurais – as galinhas, o palmo de horta, o leiteiro – e os urbanos – o gramofone, as idas ao cinema no “bilhete todas as semanas” (duas daquelas mídias, aliás, que integram o tripé da sociedade modernizada de Kittler, aqui já mencionado⁷⁸). Nessa modernização, contudo, a dicotomia não está apenas na antítese entre os costumes provincianos e urbanos, mas na persistência de uma estrutura patriarcal, segundo a qual a “mulher trata de tudo” (mas não é dona de nada), e na herança escravocrata nas relações servis: “a cozinheira preta a copeira mulata”.

A menção final à felicidade é altamente irônica. Elencada entre todas as outras coisas, a felicidade é também reificada, como mais um elemento que, se não artificial, é privilégio do patriarca que detém todas essas posses, mas aparece no poema apenas de relance no gesto de satisfação da sesta: “o palito nos dentes contentes”.

Sobre a pontuação do poema, importante observar que, na versão reproduzida em *Para Todos* em 1927, há uma inserção de vírgulas entre as enumerações, como em: “o papagaio, o

⁷⁴ ANDRADE, Carlos Drummond. “Família”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 4 de dezembro de 1926.

⁷⁵ Cf. MERQUIOR, José Guilherme. *Op. cit.*, 2012, p. 51.

⁷⁶ Isso também se nota em outros textos do período, como “Sinal de apito”, publicado na revista *Verde*. Ver: *Verde*, Cataguases, ano 1, n. 1, set. de 1927, p. 15. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel. *Op. cit.*, 2015. O poema também foi publicado em *Alguma poesia*.

⁷⁷ Cf. CAMPOS, Haroldo de. Drummond, mestre de coisas. In: *Metalinguagem & outras metas*, 2006, p. 50. Haroldo de Campos argumenta que a linguagem reduzida é programática de uma linha dominante na poética drummondiana, cujo símbolo, no período em questão, é “No meio do caminho”, mas que será reinventada muito mais tarde em *Lição de coisas* (1962).

⁷⁸ KITTLER, *Op. cit.*, 2019.

gato, o cachorro”⁷⁹ e assim por diante. Isso se mantém na versão que vai a público em *Alguma poesia*, o que ameniza o aspecto mais vanguardista da sobreposição de imagens, embora não desfaça o efeito.

A modernização aparece, em outros poemas, associada ao movimento causado pela locomoção na urbe. Chama a atenção, em diferentes poemas e crônicas da década de 1920, a repetição da figura do bonde. Nesses textos, o bonde, uma “ponte entre dois tédios cotidianos: a casa e o trabalho”⁸⁰, é o local em que o poeta observa a cidade, o outro, e tem o pensamento suscitado pela experiência da locomoção coletiva, de onde capta matéria para a própria escrita:

Aquele que tiver olhos de ver e ouvidos de escutar aprenderá mais coisas sobre a natureza humana fazendo uma curta viagem de bonde que manuseando cacetíssimos “in-fólios” e trefegas brochurinhas. Digo isso por experiência pessoal. Nunca me aconteceu de dar uma “volta Ceará” sem aprender, se não uma verdade filosófica, pelo menos um traço psicológico qualquer. O bonde é um grande armazém da vida. E nada como ele dá essa impressão quente e gostosa da vida em movimento.⁸¹

Trata-se, sobretudo, de um exercício de visão e de escuta, que não é apenas o fundamento da crônica, mas o seu próprio efeito sobre o leitor, já que o cronista sugere que ele esteja atento ao que pode aprender pela observação. A relação entre a visão e a crônica lembra o que disse Antonio Candido, para quem o valor do gênero estaria, justamente, em “amadurecer a nossa visão das coisas”⁸², que têm sua dimensão estabelecida ou reestabelecida quando são vistas “com retidão”⁸³. Muito mais tarde, em um texto sobre *Janela mágica* (1964), livro de crônicas de Cecília Meireles, Drummond chamaria atenção, justamente, para a capacidade da escritora de lançar uma nova perspectiva sobre as coisas, cunhando-a como “exímia professora de ver”⁸⁴.

No bonde, entre a entrada e a saída dos passageiros, o observador atento pode ver alguma cena que valha a crônica do dia, como a dinâmica de uma família com seu filho agitado:

Aqueles que, solteirões como eu, não têm o coração ressequido pelo escasso funcionamento, pois, à falta de “casos” próprios, se interessam pelos dos outros,

⁷⁹ ANDRADE, Carlos Drummond. “Família”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1927, p. 22. Apenas nessa edição o poema é dedicado a João Alphonsus.

⁸⁰ I. “Efêmeros no bonde”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de abr. de 1927.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² CANDIDO. “A vida ao rés-do-chão”. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, 2003, p. 19.

⁸³ *Ibidem*, p. 14.

⁸⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Imagens em livro. Janela Mágica. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1964, p. 6.

olharão sempre com ternura para uma família no bonde. Falo de uma família decomposta em seus membros essenciais: pai, mãe e filho.⁸⁵

Há, nesse sentido, um tipo de atualização da *flânerie* parisiense vista na obra de Baudelaire, já que o escritor pode observar a vida de um veículo em movimento, o que inclui o que ocorre tanto dentro quanto fora do bonde.

O veículo funciona ainda como um termômetro da opinião pública, pois ele é palco para uma espécie de “crise de sinceridade”⁸⁶, e o cronista pode ouvir o que pensa a população sobre assuntos nacionais, como a inflação, e assuntos da cidade, como a opinião sobre o carnaval, evento censurado no “Diálogo de burgueses no bonde”, assinado por Antônio Crispim⁸⁷. Também se pode saber trivialidades, “que a filha de d. Gertrudes ia casar com o dr. Zizi mas acabou casando com o seu Guedes. Isso quanto ao noticiário puro. Mas o bonde nos fornece ainda a crítica literária, artística, científica, filosófica e esportiva.”⁸⁸.

Durante o início do século XX, outros escritores usaram a imagem do bonde, que, como observa Marlene de Castro Correia⁸⁹, pode mesmo ser considerado um *topos* modernista. Talvez o caso mais emblemático seja o de Mário de Andrade, que fez várias referências ao bonde, contrapondo-o, enquanto espaço coletivo e multicultural, ao automóvel, meio de transporte mais caro, símbolo distintivo da alta burguesia e de uma ideologia individualista. Em alguns poemas de Mário, nota-se, ainda, como a própria estrutura do poema imita a dinamicidade do sujeito que viaja pela cidade:

Fumaça bandeirinha.
Torres.
Cheiros.
Barulhos.
E fábricas...
Naquela casa mora,
Mora, ponhamos: Guaraciaba...
A dos cabelos fogaréu!...
Os bondes meus amigos íntimos
Que diariamente me acompanham pro trabalho...⁹⁰

⁸⁵ CRISPIM, Antônio. “Família no bonde”, *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 10 de mai. de 1930. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Crônicas 1930-1934*. Belo Horizonte, Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais: Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1987, p. 84.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ CRISPIM, Antônio. In: *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 10 de fev. de 1929.

⁸⁸ *Ibidem*.

⁸⁹ CORREIA, Marlene de Castro. “O *topos* bonde na poesia de Mário de Andrade”. In: *Poesia de dois Andrades (e outros temas)*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010, p.207-224.

⁹⁰ ANDRADE, Mário de. XVII. In: *Losango Cáqui*. Cf. ANDRADE, 2013, *Op. cit.*, p. 158-9.

Segundo Marlene de Castro Correia, os principais paradigmas da metrópole moderna estariam no passageiro do bonde e no espectador de cinema, este aqui já comentado.

Além do aspecto dinâmico inerente ao *topos* do bonde, Correia observa, na poesia marioandradiana, como o bonde se configura como um lugar de viagem para dentro e fora de si, definindo-se como “*topos* do conhecimento do mundo e de conhecimento do eu”⁹¹, duplicidade que também encontramos em CDA, quando o bonde funciona tanto como janela para o mundo quanto como estímulo à reflexão subjetiva.

Nos textos de Drummond, o bonde tem um sentido público semelhante. Desde o início das publicações do escritor nos jornais mineiros, fica clara uma ativa produção literária na esfera pública do jornal. Nessas crônicas, porém, há um valor encontrado pelo cronista no contato com o público e com a vida ordinária da cidade, o que é defendido, justamente, no jornal, que poderia ser lido por um leitor durante a sua própria viagem de bonde. Para Arriguci Jr., devido à relação com o cotidiano, a crônica funciona como “um registro de vida escoada”⁹².

Diferentemente desses textos produzidos no fim da década de 1920 e em 1930, a presença do bonde nesta publicação de 1924 é mais discreta e menos estrutural:

⁹¹ CORREIA, *Op. cit.*, 2010, p.221.

⁹² ARRIGUCCI. “Fragmentos sobre a crônica”. *In: Enigma e comentário*, p. 51.

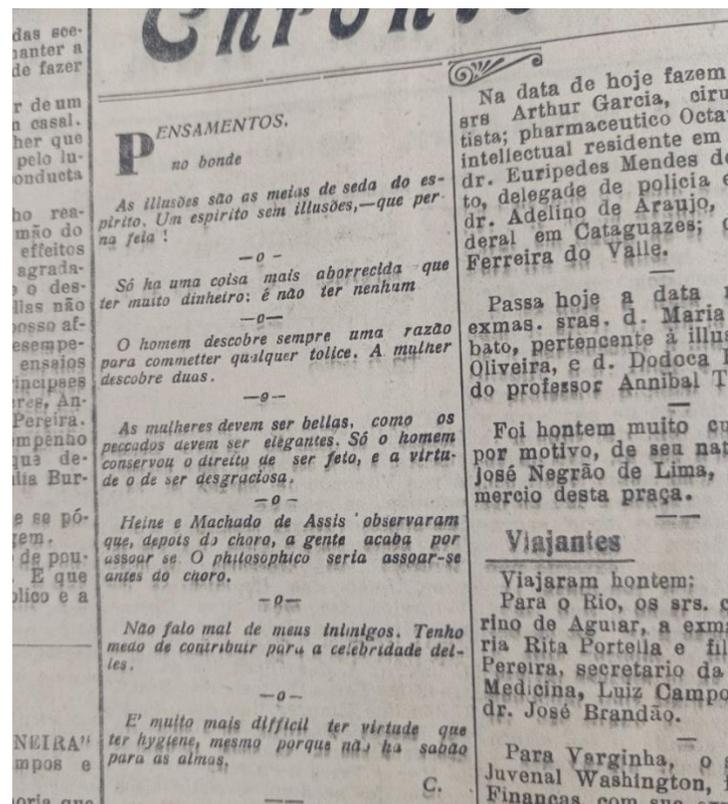


Figura 1 – “Pensamentos no bonde”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 20 de out. de 1924.

No caso, o bonde é apenas o local onde se dão os pensamentos. O caráter fragmentário do texto, recurso comum ao estilo de outros textos do escritor publicados principalmente entre 1922 e 1924, sugere a ocorrência de ideias desconexas, como *flashs* ao longo da viagem, sem preocupação com uma articulação entre elas. Nota-se estilo semelhante em “Enquanto passam os automóveis”⁹³, que, publicado na *Para todos* em 1923, também reúne reflexões esparsas, cujo título também sugere estarem associadas ao fluxo urbano⁹⁴.

Apesar de a viagem favorecer o fluxo de ideias, não há qualquer reflexão sobre o bonde, a paisagem ou os passageiros. O vínculo entre o texto e a realidade pública a que alude é enfraquecido, enquanto nos textos posteriores o bonde representa uma experiência da cidade, de observação do outro e de inclusão do escritor na cena pública. Em uma apresentação autobiográfica de Carlos Drummond de Andrade, fica clara a intenção de construir uma imagem

⁹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. (Carlos Drummond). *Para todos*, Rio de Janeiro, 4 de fev. de 1922, p. 12.

⁹⁴ O estilo aforístico é influência de Anatole France e caracteriza um bom número dos textos publicados por Drummond na revista *Para todos*, à época dirigida pelo próprio Anatole.

do escritor como alguém afim à vida comum: “O sr. Carlos Drummond, apesar de sua alta prosápia, é um camarada inofensivo e democrata, que anda de bonde como toda gente”⁹⁵.

No famoso “Poema de sete faces”, publicado pela primeira vez no *DM* em 25 de dezembro de 1928, o bonde está presente como o local da coletividade. De forma mais particular, a diversa multidão de pernas leva à inquietação íntima do sujeito poético:

O bonde passa cheio de pernas
 penas brancas pretas amarelas.
 Para que tanta perna, meu Deus?
 pergunta meu coração
 porém meus olhos não pergunta [*sic*]
 nada.⁹⁶

Embora sejam usos distintos da imagem do bonde, a cena da reflexão urbana do sujeito em viagem se repete tanto na prosa quanto na poesia. Com o desenvolvimento das cidades brasileiras, o bonde será substituído pelo ônibus, que, com um ritmo mais veloz do que o do bonde, também suscita a reflexão do escritor, ritmada pelo balanço do veículo: “O ônibus corria, o sorriso pairava ainda depois de desvanecido, e prosseguia a entrecortada meditação poética sobre curvas – o ônibus nos jogava ora para direita ora para a esquerda – e o cristal dos versos se trincava entre o hiato de molas rangentes”⁹⁷. Nessa crônica dos anos 1950, a experiência urbana é mais acelerada, o que produz uma modificação na estrutura do pensamento do passageiro – identificado como o próprio escritor –, agora mais intervalado e descontínuo. Os solavancos do veículo chegam a interferir na crônica – entrecortada pelo uso dos travessões – e nos versos “trincados” sobre os quais o poeta medita. A intervenção direta da vida cotidiana no texto reforça a relação entre a experiência urbana e a atividade literária, aqui muito associada à esfera pública da vida, inclusive pela própria veiculação da crônica em jornal.

Na primeira poesia de Drummond, a cidade representante do ideal de urbe não é Belo Horizonte, uma “provinciana saudável”⁹⁸, mas a *prafrentex* Rio de Janeiro. O elemento do “bonde” será mencionado também em “Coração numeroso”, publicado pela primeira vez em 1925. Como informa o próprio CDA no *Jornal de Letras*, em 1955, o poema teria sido escrito

⁹⁵ ANDRADE *apud* SAID, Roberto. *Quase biografia e pensamento em Carlos Drummond de Andrade*, p. 43.

⁹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Poema de sete faces”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de dez. de 1928.

⁹⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Extraordinária conversa com uma senhora de minhas relações”. *In: Contos de aprendiz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 116.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 118.

⁹⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Triste horizonte”. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 787-89. O poema foi originalmente publicado no *Estado de Minas* em 1976.

ainda em 1923⁹⁹. Note-se como o tema da passagem, do trânsito, ganha contornos mais velozes em relação aos textos do período anteriormente mencionados:

Coração numeroso

Foi no Rio
eu passeava na Avenida quase meia noite
bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis
havia a promessa do mar
e bondes tilintavam
abafando o calor
que soprava do vento
e o vento vinha de Minas

Meus paráliticos sonhos desgosto de viver
a vida para mim é vontade de morrer
faziam de mim homem realejo imperturbavelmente
na Galeria Cruzeiro quente quente
e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento
nenhuma vontade de beber eu disse acabemos com isto

Mas tremia na cidade fascinação casas compridas
autos abertos correndo caminho do mar
voluptuosidade errante do calor
mil presentes da vida aos homens indiferente
que meu coração bateu forte meus olhos inúteis choraram

O mar batia em meu peito já não batia no cais
a rua acabou quéde as árvores a cidade sou eu
a cidade sou eu
sou eu a cidade
meu amor¹⁰⁰

No poema, a vasta cidade caracteriza-se pela verticalização urbana (“casas compridas”), pela velocidade dos automóveis e pelo barulho dos bondes, pelo tráfego de pessoas e máquinas já tarde da noite. No Rio, misturam-se a sensualidade das mulheres desnudas, a iluminação urbana e a natureza: “bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis”. Esse poema, para Gledson¹⁰¹, é o caso mais substancial de influência de Mário de Andrade em *Alguma poesia*, livro em que será editado. A influência de Mário se nota nas rimas, internas e finais, e no uso de substantivos abstratos com a intenção de expressar sensações, como em “voluptuosidade errante do calor”. O resultado, junto à supressão da pontuação característica dessa primeira versão, é um efeito de “velocidade caleidoscópica da metrópole”¹⁰². Mais tarde,

⁹⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Confissões de Carlos Drummond de Andrade – o autor de *Fazendeiro do ar* revela a gênese de sua atividade criadora”. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, ano VII, edição 69, março de 1955, p. 16.

¹⁰⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. (Carlos DRUMMOND). In: *A Revista*, Belo Horizonte, ano 1, n. 2, ago. de 1925, p. 23.

¹⁰¹ GLEDSON, *Op. cit.*, 2003, p. 85.

¹⁰² *Ibidem*.

em 1926, o poema foi enviado a Mário de Andrade, já com diversas inserções de diferentes sinais de pontuação, como pontos finais para marcar o fim do verso (“Foi no Rio./ Eu passeava na Avenida quase meia-noite”), os parênteses em “(a vida para mim é vontade de morrer)”, a interrogação (“A rua acabou, quede as árvores?”), dois pontos (“nenhuma vontade de beber, eu disse: acabemos com isto.”)¹⁰³.

Ainda com essas alterações, que desaceleram o verso, Mário de Andrade criticou certa dureza no ritmo e uma realização “apressada”. Nesse período, Mário já localizava certos vícios da poesia moderna no Brasil e procurava atentar Drummond para eles: “Lindo poema que o modernismo técnico exterior escangalhou”. Apesar desse comentário, Drummond realiza poucas alterações entre a versão enviada ao amigo e a publicada em *Alguma poesia*, o que contraria a hipótese de Gledson¹⁰⁴, segundo quem as modificações de pontuação provavelmente teriam vindo do próprio Mário.

Sem alterações significativas no plano do conteúdo¹⁰⁵, no poema se enuncia um sujeito poético que, ao menos inicialmente, se diferencia da cidade: ele passeia pela avenida, enquanto os carros correm; seus sonhos, “paralíticos”, contrastam com a velocidade da urbe, assim como o desgosto pela vida reforça a dicção melancólica, que soa estranha na cidade quente, movimentada, voluptuosa – plena de vida¹⁰⁶. Para Gledson¹⁰⁷, os principais recursos de afirmação de uma separação do eu dessa cidade é a evocação de Minas, através do vento por ele percebido, e a identificação do sujeito com uma máquina em “homem realejo”, que, a partir da segunda versão do texto, justapõe-se em um só nome: “homem-realejo”. Essa identificação aparece, no poema, como uma força contrária à emoção do sujeito poético, que se deixa ver na “fascinação” da terceira estrofe, e nos versos “que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram./ O mar batia em meu peito, já não batia no cais”.

Os versos finais surpreendem o leitor: acontece, afinal, a identificação entre o sujeito poético e a cidade. No entanto, essa união é ambígua: note-se que a saída não é um enlace coletivo, mas uma identificação solitária, centrada no eu.

¹⁰³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Manuscrito Minha terra tem palmeiras*. Ver anexo.

¹⁰⁴ “[...] Drummond lança mão dos métodos de Mário para conseguir o mesmo efeito da velocidade caleidoscópica da metrópole. Na primeira versão publicada do poema, ele tentou acentuá-lo por meio de uma completa supressão da pontuação, mas posteriormente abandonou esse recurso, seguindo nisso, com muita probabilidade, as sugestões do próprio Mário”. Cf. GLEDSON, *Op. cit.*, 2003, p. 85.

¹⁰⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas*. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 102-103.

¹⁰⁶ Eucanaã Ferraz comenta o ímpeto de morte do sujeito poético de “Coração numeroso” no ensaio “Modos de morrer”. Cf. FERRAZ, Eucanaã. “Modos de morrer”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Carlos Drummond de Andrade*, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 27, p. 116, out. de 2012.

¹⁰⁷ Cf. GLEDSON, *Op. cit.*, 2003, p. 85.

É curioso como o contraste entre a melancolia do sujeito poético e a euforia da cidade aparece em um haikai, também enviado a Mário de Andrade no mesmo caderno, em 1926:

No automóvel aberto
riem mascarados
só minha tristeza não se diverte.

Nesse curto poema (nunca publicado), a cena do automóvel aberto é muito similar aos “autos abertos correndo caminho do mar”, apesar de, aqui, não haver qualquer referência ao ambiente praiano. Em relação a “Coração numeroso”, o *tópos* da artificialidade urbana é mais acentuado pelo uso de “mascarados”, adjetivo, que, substantivado, define os próprios habitantes da urbe. Outro índice de aproximação dos textos é o contraste entre a aparente alegria e o estado mais melancólico do sujeito poético.

No poema “Rio de Janeiro”, também enviado a Mário de Andrade em 1926, a grande cidade é paradoxalmente monótona e violenta:

Meus amigos todos estão satisfeitos
com a vida dos outros.
Monotonia das livrarias,
Futilidade das sorveterias.

Pão-de-açúcar eu te perdo.

Os ruídos ingênuos
adultérios assassinos.¹⁰⁸

No início do poema, alguns recursos vistos em “Coração numeroso” se repetem, como a pergunta retórica extremamente coloquial (“Quêde meu vermelho? Virou cinza”) e a parataxe que caracteriza o verso de abertura (“Fios nervos riscos faíscas”). O principal ponto de contato dos textos, todavia, é justamente a relação entre o sujeito poético e a cidade. Diante dela, novamente o eu aparece sob certo sentimentalismo melancólico, que contrasta tanto com a satisfação observada nos seus amigos quanto com a malícia culturalmente associada aos cariocas:

(Este povo quer me passar a perna.)
Meu coração vai molemente dentro dum táxi.

Interessa comentar como a referência a essa representação do Rio de Janeiro é mais explícita na segunda versão do poema, publicada em *Alguma poesia*:

¹⁰⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Caderno *Minha terra tem palmeiras*. Ver anexo.

Mas tantos assassinatos, meu Deus.
E tantos adultérios também.
E tantos, tantíssimos contos do vigário...
(Este povo quer me passar a perna).¹⁰⁹

Além da repetição do advérbio “tanto”, a menção aos “contos do vigário” reforça essa representação, fazendo lembrar, ainda, a importância do gênero para Machado de Assis.¹¹⁰ Também nessa versão publicada de “Rio de Janeiro”, há mais uma referência ao coração, órgão central nos dois poemas do período que abordam o Rio:

Fútil nas sorveterias.
Pedante nas livrarias...
Nas praias nu nu nu nu nu nu.
Tu tu tu tu tu no meu coração.¹¹¹

No caso, a batida acelerada do coração, símbolo do sentimentalismo, é provocada pela nudez dos corpos nas praias, o que suscita uma dimensão erótica à cena, ainda que esse erotismo esteja quase infantilizado pelo balbúcio produzido pela repetição de “nu” e “tu”. A estrofe é outro exemplo de um recurso muito vanguardista, em que a onomatopeia concretiza, no poema, a repetição da nudez observada na praia e a da contração do órgão.

Também muito presente nos textos do período é a ideia de efemeridade da experiência na cidade, que se vê sobretudo em cenas de passagem – dos bondes, dos automóveis, das pessoas. Um dos primeiros textos que registra a fugacidade do encontro urbano é “Quando ela passou por mim”, de 1924:

Quando ela passou por mim

Um esquivo minuto de perfeição... Eu vivi esse minuto, quando ela passou por mim, no tumulto da rua confusa. Ela passou por mim. Homens corriam, homens voltavam; tudo era breve e ruidoso, tudo era humano e vulgar... Bruscamente ela passou por mim, roçando o seu corpo aos meus sentidos... Senti um estremecimento na rua; mas o meu ser permaneceu íntegro – a rua convulsionou-se, homens rolaram uns por cima dos outros –, permaneceu íntegro, quando ela passou por mim... Ela passou tão bela e tão perfeita – harmonia palpitante, carne cheia de ritmos, saudade viva do Olimpo! Tão gloriosa e tão serena, que eu vivi um minuto de perfeição... Um esquivo minuto. Perto, um “frac marron” dizia para o meu êxtase: – Porque você sabe, como é ali! É no duro!¹¹²

¹⁰⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Op.cit.*, 2012, p. 76.

¹¹⁰ “O conto-do-vigário é o mais antigo gênero de ficção que se conhece. A rigor, pode-se crer que o discurso da serpente, induzindo Eva a comer o fruto proibido, foi o texto primitivo do conto.”, diz Machado de Assis na crônica “Conto do vigário”, publicada em *A Semana* em 31 de março de 1898. Vale também a referência ao conto “O enfermeiro”. Cf. ASSIS, Machado de. *Várias histórias*, 2009, p. 161-176. De modo geral, a faculdade astuciosa do engano é base do estilo machadiano.

¹¹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Op.cit.*, 2012, p. 76.

¹¹² ANDRADE, Carlos Drummond de. (Carlos DRUMMOND). *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 23 de jan. de 1924.

O que mais chama a atenção nesse texto é o deslocamento da reação do sujeito, diante da passagem da mulher, para a própria rua. É ela, afinal, que “estremece” e se “convulsiona” a ponto de os homens caírem uns por cima dos outros, enquanto o eu, ainda que tenha sido roçado em seus “sentidos” pela passagem, permanece inteiriço. Essa estratégia tem um efeito ambíguo: por um lado, potencializa o distanciamento entre o sujeito e a cena urbana, enfatizando um traço comum na poética de Drummond, identificada por Candido como uma “paralisia”¹¹³ diante do “mundo caduco”, mal feito, caótico. Por outro lado, a projeção das sensações humanas na rua e nos outros homens – que se trombam sem que o eu se movimente – parece justamente fazer um elo entre o sujeito e a cidade.

O texto evidentemente lembra o famoso poema de Baudelaire “A uma passante”, não só pelo tema do encontro amoroso abrupto e fugidio, mas principalmente pela reação do sujeito diante da experiência. Em Baudelaire vemos uma espécie de petrificação do poeta diante dela:

*La rue assourdissante autour de moi hurlait.
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,
Une femme passa, d'une main fastueuse
Soulevant, balançant le feston et l'ourlet;*

*Agile et noble, avec sa jambe de statue.
Moi, je buvais, crispé comme un extravagant,
Dans son oeil, ciel livide où germe l'ouragan,
La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.*

De ensurdecer, a rua em torno a mim urrava.
Magra, esguia, de luto, na dor majestosa,
Uma mulher passou, e com uma mão faustosa
A barra do vestido erguia e balançava;

Com pernas de estátua, ágil, aristocrata.
Crispado como um louco, eu bebia, histrião,
Em seu olho, céu lívido onde o furacão
Nasce, o afeto que encanta e o prazer que mata.¹¹⁴

A paradoxal figuração das “pernas de estátua” da passante revela a contraditória experiência de encontro e perda tipicamente moderna. A descrição deixa ver, também, um eco tradicional da representação da amada, que lembra uma estátua grega. Ao analisar outros poemas de Baudelaire, Auerbach¹¹⁵ vê como o tema da celebração da amada enquanto “Musa” e uma certa ternura íntima aparecem, mas ganham uma figuração estranha ao idílio romântico. Em “A uma passante”, por exemplo, a beleza clássica da mulher está desfigurada pelo luto. A

¹¹³ CANDIDO, *Vários escritos*, 1977, p. 77.

¹¹⁴ BAUDELAIRE, Charles. “A uma passante”. *Op. cit.*, 2019, p. 294-5. (grifo nosso).

¹¹⁵ AUERBACH, Erich. As flores do mal e o sublime. In: *Ensaio de literatura ocidental*, p. 316.

imagem estática chama também a atenção de Starobinski, que nota a proximidade entre os termos “*statue*” e “*moi*”, os quais, respectivamente, encerram o primeiro verso da segunda estrofe e abrem o segundo verso. Essa aproximação das palavras reforçaria a estaticidade do próprio eu, fazendo dele “uma outra estátua, momentânea”¹¹⁶. O crítico defende que nesse poema ocorre um “retorno da aura”, que paralisa o sujeito poético, posto contra um “fundo de banalidade caótica”, visto no primeiro verso: “De ensurdecer, a rua em torno de mim urrava”¹¹⁷. O verso lembra o “tumulto da rua confusa” do texto de Drummond, acentuado na imagem de sua “convulsão”. A pintura classicizante da mulher é também mais aguda no texto do mineiro, em que a mulher é descrita como um ser perfeito, uma “saudade viva do Olimpo”, como uma deusa que se baixou aos homens e lhes faz lembrar de uma realidade espiritual anterior à vida comum e urbana, esta que parece estranha à mulher e ao eu que a vê. No poema de Baudelaire, a menção a esse mundo, mais sutil, está nos olhos da mulher, pelos quais o sujeito poético vê “o céu lívido”.

Walter Benjamin refere-se a essa experiência entre o cidadão e a transeunte como um “choque” que leva à desestabilização do sujeito poético. A multidão não se resume, portanto, a uma rival da subjetividade, mas permite ao sujeito poético a experiência fugaz. Nela, o momento do êxtase provocado pela visão da mulher coincide com sua perda:

O seu encantamento é o de um amor, não tanto à primeira como à última vista. É uma despedida para sempre, aquela que no poema coincide com o momento de êxtase. É desse modo que o soneto apresenta a figura do choque, e mesmo de uma catástrofe. Mas, ao se apoderar do sujeito, ela atinge também o cerne de sua emoção. [...] tem a ver com o choque sexual que pode acometer um solitário.¹¹⁸

Onde Benjamin localiza instabilidade, Starobinski vê petrificação, opondo-se à tese benjaminiana de “perda da aura”, identificando haver na verdade, uma reconfiguração da aura, principal responsável pela reação do sujeito. Diante da fascinação perigosa provocada por essa mulher, espécie de figura clássica no centro urbano, Starobinski diz de uma conversão do estado amoroso em estado melancólico, de forma que o eu se fixa em uma imagem já desaparecida. A perda, característica central do estado melancólico, também se observa no poema de Drummond, por exemplo, pelo uso recorrente do pretérito perfeito, “eu *vivi*”, e pela característica efêmera do episódio de curta duração, “esquivo minuto”.

¹¹⁶ STAROBINSKI, *Op. cit.*, 2016, p. 392.

¹¹⁷ *Ibidem.*

¹¹⁸ BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*, p. 121.

O arremate fantasioso do texto drummondiano encerra a cena com uma blague: “Perto, um ‘frac marron’ dizia para o meu êxtase: – Porque você sabe, como é ali! É no duro!”¹¹⁹. Ao emprestar a voz à vestimenta, elegante e burguesa, o escritor faz a única comunicação explicitamente dirigida ao eu. Certa “capacidade de introjetar fantasia nas coisas banais”¹²⁰ chamou a atenção de Candido, para quem a poesia de Drummond difere da de outros modernistas, como o próprio Mário de Andrade, que tentam fixar o cotidiano para extraírem dele um “momento poético”. De outro modo, CDA concentra-se em uma extensão do fato no texto “para chegar a uma espécie de epopeia da vida contemporânea”. Candido, no entanto, nota isso em *Alguma poesia* e outros livros de poemas posteriores, mas aqui destacamos como parte desses recursos já estavam em processo de uso e criação por Drummond nos anos 1920.

O tema da passagem está presente em muitos outros textos do período. Vejamos “A mulher do elevador”, que integra a coletânea *25 poemas da triste alegria*, nunca publicada:

A mulher do elevador

(a Emílio Moura)

A que ficou longe, na grande cidade...

A que eu vi apenas um minuto, um minuto somente,

No elevador que subia...

Com que saudade inédita eu me lembro

da que não foi nem uma sombra, uma sombra fugaz,

no meu destino...

Do que ficou, sorrindo, com um pouco de mim,

com um pouco de meu ser anônimo e vulgar

a milhares de quilômetros, na grande cidade... ¹²¹

Nesse poema, a fugacidade está tanto na imagem da cidade, grande e distante, quanto na do elevador, local de encontros rápidos entre pessoas que estão se deslocando. Enquanto em “Quando ela passou por mim” tudo na rua era “humano e vulgar”, em “A mulher no elevador” a vulgaridade (aqui sinônimo de banalidade) está no sujeito poético. O rebaixamento do amador em relação à mulher admirada é lugar comum na poesia amorosa. No poema, esse rebaixamento ganha contornos modernos: de forma mais explícita isso se dá no jogo de hierárquico possibilitado pelo elevador e, de forma mais implícita, por a vulgaridade do sujeito ser reforçada no seu anonimado em meio à multidão da grande cidade.

¹¹⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. (Carlos DRUMMOND). *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 23 de jan. de 1924.

¹²⁰ CANDIDO, *Vários escritos*, 1977, p.82.

¹²¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. (Carlos Drummond). *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 10 de jul. de 1924.

De modo geral, o comentário de Mário de Andrade ao poema é favorável, descrevendo-o como “uma gostosura ingênua de tão simples”; Drummond, contudo, não dá importância ao texto, que será publicado apenas uma vez, no *Diário de Minas*, em 1924. Apesar disso, vale ressaltar as alterações feitas no poema na versão enviada a Mário de Andrade, em 1926. A retirada das reticências e da maior parte das vírgulas e a substituição de “fugaz” por “veloz” reforçam a tese, já defendida nesta dissertação, de que Drummond tenta afastar-se do estilo associado a Álvaro Moreyra, adaptando o vocabulário e, por vezes, criando uma pontuação simplificada, aproximando-se da parataxe típica dos poemas modernistas da década de 1920¹²². O elemento “elevador”, que possibilita tantos jogos de sentido, ainda reaparecerá como índice da urbanidade em outros textos desse e de outros períodos, como na já mencionada oposição “no elevador penso na roça,/ na roça penso no elevador” (“Explicação”), no prédio do poeta de “Nota social” (“O poeta entra no elevador/ o poeta sobe/ o poeta fecha-se no quarto”) e, mais tarde, no “elevador sem ternura” do “Edifício esplendor” (*José*, 1942).

Nesse período, uma importante referência literária dessa temática circunstancial, sobretudo associada à experiência urbana, foi o livro *O homem na multidão* (1926), de Ribeiro Couto. Como nota Nicolau Sevcenko¹²³, o livro não se dedica à intensa experiência de movimentação nas cidades. O ponto de vista é, na verdade, o de observação da massa, e o poeta se volta a fatos e personagens banais. Um dos poemas mais emblemáticos é “O vagabundo”, que acompanha a visão de um transeunte do anoitecer na grande cidade:

Sugestões do escurecer nas ruas barulhentas,
Quando, pelas calçadas, a multidão vai à pressa,
Quando os automóveis passam à disparada,
Quando um começo de lua desmaia no céu [...] ¹²⁴

A edição da correspondência entre Ribeiro Couto e Carlos Drummond de Andrade, organizada por Marcelo Bortoloti em 2019, incluiu alguns poemas inéditos, encontrados no Acervo de Ribeiro Couto na Fundação Casa Rui Barbosa. Entre eles, consta o curioso “Choque”, enviado por CDA a Ribeiro Couto em 1927:

Choque
Tomei o bonde.
Sentei.
Abri o jornal.
Cacete.
Olhei à toa.

¹²² Ver “Transcrição do caderno *Minha terra tem palmeiras*”, na seção “Anexos” no fim deste arquivo.

¹²³ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*, 1992, p. 264-267.

¹²⁴ COUTO, Ribeiro. “O vagabundo”. *O homem na multidão*, 1926, p. 21.

Anúncios ilustrados
 Apregoavam utilidades.
 Foi então que a encontrei
 nos vimos
 e intimamente nos amamos.
 Me olhou só.
 Não foi mais do que isso
 Nem lhe pedi mais.
 Não a bolinei.
 Não nos despedimos.
 Até hoje não tornei a vê-la
 não sei se a verei nunca.
 Não foi mais do que isso.
 Foi muito pouco
 e foi tudo.¹²⁵

No poema, há muitos elementos que buscam caracterizar o ambiente moderno: o bonde, o jornal, a futilidade dos anúncios. A cotidianidade se manifesta na própria linguagem escolhida, como o uso de “cacete”, a repetição e as frases simples e curtas. Transitório por excelência, o bonde é o espaço onde acontece o “choque”, ou seja, o encontro amoroso, que, embora circunscrito em um momento breve, constitui uma experiência importante ao sujeito poético: “Foi muito pouco/ e foi tudo”. Além disso, a troca de olhares entre o eu e a mulher permite um enlace amoroso “íntimo”, de forma que a repetição do verso “Não foi mais do que isso” soa artificial, uma mentira (logo desfeita) de que o sujeito poético tenta se convencer para amenizar a finitude da aventura.

Outros textos do período parecem dedicar-se a reter a experiência, já perdida, do choque na cidade:

Uma feia na multidão

A que passou (não era bela) e sorriu sem malícia nem desejo
 na rua tumultuosa entre autos e homens
 não era bela a que passou mas sua lembrança ficou em mim
 como um longo arrepio.

Ficou sozinha entre tantas
 que amei um dia e não possuí.
 Porque sorriu sem malícia, sorriu sem desejo,
 Sorriu mansamente um sorriso generoso
 ao anônimo indiferente.

Como era bela a que passou!¹²⁶

O poema foi assinado por Antônio “Chrispim” e publicado no fim da década, em 1928. Nesse caso, a mulher não é pintada como um ser olímpico, e sim desfaz esse ideal – “não era

¹²⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *Correspondência: Carlos Drummond de Andrade e Ribeiro Couto*, 2019, p. 50.

¹²⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. (Antônio Chrispim). *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 1º de mar. de 1928.

bela”. Apesar disso, vemos como, no fim do poema, devido ao sorriso concedido ao sujeito poético e a tê-lo enxergado em meio ao anonimato da multidão, a mulher torna-se “bela”. O poema, novamente, aparece como um registro do momento fugidio, retido apenas na memória desse eu anônimo, mas menos indiferente ao choque que nos outros poemas, como se vê na expressão do “longo arrepio” nele despertado. Na verdade, apesar de o tema do encontro passageiro e a destituição da mulher desse lugar tradicional de beleza serem importantes recursos modernos de que se vale o poeta, há no poema uma dicção romântica, vista, por exemplo, na impossibilidade da relação amorosa, na solidão associada ao poeta (Ficou sozinha entre tantas/que amei um dia e não possuí”) e em certa indiferença associada à figura feminina (“sorriu sem desejo”). Esses recursos estão mais próximos aos textos produzidos do início da década, embora o poema tenha sido publicado em 1928, o que mais uma vez indica como o percurso da obra de Drummond não é progressivo, retilíneo.

Em outros momentos, a mulher que faz o papel da transeunte é ainda mais desfigurada, distanciando-se do ideal da Musa, como Auerbach notou no poema baudelairiano¹²⁷. O desarranjo dessa figura é explícito em “Passa uma aleijadinha”, também publicado no *Diário de Minas* em 1924 e assinado por Constantino Serpa:

Passa uma aleijadinha

Passa uma aleijadinha,
toda curvada no seu vestido de chita
(uma coisa nas mãos do destino).
Vai apoiada às muletas, que batem na calçada,
vai apoiada, vai coxeando.

E ninguém a vê na sua tortura muito real,
ninguém a vê fugindo dos autos,
recuando, tropeçando,
insistindo.
Todo mundo tem pressa,
todo mundo tem negócios, amores, aperitivos a tomar.
A aleijadinha vai coxeando.

Súbito, um bonde dispara.
A aleijadinha corre. As muletas caem.
Ela torce o corpo, desamparada,
e rola nos paralelepípedos.
Mas logo se levanta (foi apenas um susto!)
acha uma muleta aqui, outra mais adiante,
e lá vai toda curvada, coxeando,
coxeando pela rua Goiás.¹²⁸

¹²⁷ AUERBACH, *Op. cit.*, 2012, p. 316.

¹²⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. (Constantino Serpa). *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 10 de nov. de 1926. Datado de 1924.

O tema da passagem está, aqui, em uma espécie de drible que a mulher precisa empreender nessa cidade veloz, onde “todo mundo tem pressa” e a ignora. Apesar da insistência nesse movimento desajeitado, a mulher não tem sucesso e, na tentativa de apanhar o bonde, cai; nem mesmo sua queda chama a atenção dos transeuntes. Diferentemente dos outros poemas, “Passa uma aleijadinha” não representa um encontro amoroso, mas uma cena vista pelo sujeito poético, espécie de observador da cidade que faz lembrar um *flâneur*. Vários elementos relacionados a essa figura, por sua dissonância com o ambiente insensível ao redor dela, chamam a atenção do eu poético: o fato de ela ser coxa (é uma “aleijadinha”), o barulho incômodo das muletas na calçada, o vestido feito de tecido barato. A queda da mulher, invisível aos outros transeuntes, é o ponto máximo desse desamparo.

Em outros poemas do período, especialmente naqueles de temática erótica, o elemento grotesco aparece. Passemos a eles, a começar por “Cabaré mineiro”:

Cabaré mineiro

A dançarina espanhola de Montes Claros
dança e redança na sala mestiça.
Cem olhos morenos estão despindo
seu corpo gordo picado de mosquito.
Tem um sinal de bala na coxa direita,
o riso postiço de um dente de ouro,
mas é linda, linda, gorda e satisfeita.
Como rebola as nádegas amarelas!
Cem olhos brasileiros estão seguindo
o balanço doce e mole de suas tetas...¹²⁹

A dançarina de Montes Claros não carrega a euforia contida nas imagens da mulher comumente aludidas por poetas modernistas, como o próprio Mário de Andrade¹³⁰. No poema de Drummond, a dança é lânguida e acompanhada por um público também mole, em uma cena que suscita mais angústia que êxtase erótico. O poema reproduz a dança no ritmo construído pelas assonâncias, rimas e repetições, como em: “dança e redança na sala mestiça”. O corpo que balança carrega cicatrizes: as marcas das picadas de mosquito funcionam como um índice de cor local que não tem efeito entusiástico, mas grotesco. De forma mais sutil, isso também ocorre em “Sesta” (*Alguma poesia*): “A filha mais velha/ coça uma pereba/ bem acima do joelho”¹³¹. O hematoma na coxa direita da dançarina remete à violência armada, forma de imposição do poder no interior do Brasil; mesmo quando ri, a mulher revela a falta de um dente,

¹²⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas*. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 130.

¹³⁰ Em “Carnaval carioca”, a “mulata” dança “tão sublime, tão África”. Cf. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, 2013, p. 210.

¹³¹ ANDRADE, *Op. cit.*, 2012, p. 137.

substituído por uma peça de ouro, que, longe de representar qualquer riqueza, é índice de uma carência mal compensada pela prótese. A hipálage em “riso postiço” reforça a ambiguidade desse gesto: no verso, o dente deixa de ser postiço para o próprio riso caracterizar-se como máscara.

Nesse ambiente humilde, como bem nota Ivan Marques, a dança no cabaré não soa como desordem: “Na perspectiva drummondiana, esses folguedos brasileiros são festas que, além de efêmeras, não afastam as regras sociais, as opressões de poder, as privações da realidade”¹³². A força do poema em *Alguma poesia* foi notada por Mário de Andrade, que identifica no livro o que chama de “sequestro sexual”:

[...] o sequestro sexual, que é muito mais curioso, você não conseguiu propriamente sublimar, você rompeu violentamente com suas lutas interiores, seus temores, suas dúvidas e preferiu mentir à humanidade, se escondendo dela. Virou grosseiro, virou realista, você, o suavíssimo, e encheu o livro de detalhes pornográficos à (ponhamos) francesa, como a pele picada pelos mosquitos, o dente de ouro da bailarina; ou à portuguesa com as tetas; ou, à você, e nisso está o melhor do sequestro, enchendo o livro de coxas e pernas femininas.¹³³

Como o crítico nota, não há sublimação sexual, no sentido psicanalítico do termo, mas uma exposição mais explícita de nudez e traços grotescos. Essa exposição, contudo, se dá por meio de “detalhes pornográficos”, algo muito próximo do que dizemos sobre a estratégia, aplicável a outros poemas, de inserção de um elemento que, de modo discreto, denuncia uma violência em meio a uma cena aparentemente monótona ou idílica, irrompendo-a.

Curiosamente, a imagem do cabaré aparece em um texto muito anterior ao “Cabaré mineiro”. Em 1924, CDA publica, na revista *Para Todos*, um curto texto datado de 1922:

Maria da rua

Fora do *cabaret*, a noite tinha uma doçura muito azul, e no céu as estrelas brilhavam como olhos puríssimos. Cá em baixo, o vício parecia-me terrivelmente melancólico, cheio de mulheres tristonhas e homens enfastiados. Um automóvel cortou a rua, sangrando a penumbra com dois círculos vermelhos.¹³⁴

O texto faz uma relação entre o ambiente externo ao cabaré – doce, puro, azul – e o espaço terreno, onde o vício é “terrivelmente melancólico” e a atmosfera de penumbra pode ser aberta em sangue – formando “dois círculos vermelhos”. A menção ao azul lembra os versos de “Poema de sete faces”: “a tarde talvez fosse azul/ não houvesse tantos desejos”, em que se subentende a cor vermelha tanto pela tradicional oposição ao azul quanto pela sua aproximação

¹³² MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província*, 2011, p. 111.

¹³³ SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, 2002, p. 389-90.

¹³⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Maria da rua”, *Para todos*, Rio de Janeiro, 22 de mar. de 1924.

ao campo erótico. Nesse pequeno texto, não há qualquer traço grotesco, o que é comum à estética drummondiana do início dos anos 1920, ainda muito afim à atmosfera penumbriada herdada de escritores como Álvaro Moreyra. O tema erótico desvia para o abatimento, a tristeza e a melancolia, mas não a melancolia do exagero, do estranho ou mesmo do tropical e colonial. Embora a violência esteja presente na frase final do texto, ela é muito mais dramática que grotesca. O uso afrancesado da palavra *cabaret*, um estrangeirismo, também desapareceria anos mais tarde, como vimos. Para Roberto Said¹³⁵, esse texto, como outros do período, caracteriza um tipo de produção cuja temática já é moderna, mas a dicção e o léxico são antigos; esses poemas seriam deixados de lado na reunião de 1930.

Seria difícil sustentar, contudo, que a abordagem da violência nos textos de temática erótica fosse mais branda no início dos anos 1920. Fugindo a uma linearidade ou a uma supostamente contínua modernização da obra, a produção literária de Drummond mostra-se irregular, caracterizada por idas e vindas que não constituem uma evolução que culminaria no arranjo de *Alguma poesia*. O ambiente do prostíbulo, por exemplo, é o espaço de uma das primeiras narrativas escritas pelo jovem Drummond, o conto “Rosarita”, publicado na revista *Radium*, da Faculdade de Medicina, em 1921. Na narrativa, o bordel é o lugar onde o personagem Jayme de Castro conta a um grupo de homens a trajetória da dona do local. Segundo ele, Rosarita havia ascendido a partir do trabalho como prostituta, mas ele a conhecera anos antes. Aos doze anos, Rosarita havia se mudado para sua casa, acompanhada da mãe, que ali trabalharia como empregada doméstica. O malfadado destino da garota teria começado por um estupro ocorrido no quintal da casa. O crime foi cometido por outro criado, o “negrinho” Crispim, que teria se aproveitado da ausência dos patrões durante um feriado. Mãe e filha, então desassistidas de qualquer justiça pela violência, decidem deixar a casa. A partir disso, a vida de Rosarita seria marcada por trabalhos precários e pelo contato com a prostituição, os “vícios” e a conseqüente frequência às delegacias da cidade.

Para Roberto Said, a narrativa revela a hipocrisia que dominava a classe média e a elite mineira, revelando problemas graves dessa sociedade:

Ao tratar de negros no papel de estupradores, de empregadas pobres e sem direitos, “gente que se coiraa com um fatalismo consolante”, neutralizando “as piores desgraças”, ao abordar a impunidade, além de viciados em cocaína e absinto, o jovem contista cutucava com prazer e atrevimento as feridas de sua comunidade. E o modo como o fazia torna-se ainda mais significativo se considerarmos que Crispim, nome

¹³⁵ SAID, Roberto. *Quase biografia e pensamento em Carlos Drummond de Andrade*, p. 115.

do personagem canalha, estuprador e cafetão, será também o pseudônimo mais utilizado por Drummond durante os anos belo-horizontinos.¹³⁶

Como se nota, a relação entre violência e sexualidade aparece muito cedo na obra de Drummond. Em outros textos posteriores, presentes em *Alguma poesia*, a experiência erótica ou amorosa é marcada pela violência de uma sociedade profundamente desigual, como o marido que mata a mulher em “Poema do jornal”, ou a primeira experiência sexual do sujeito poético de “Iniciação amorosa”, que alude à normatização de relações sexuais estabelecidas com mulheres negras empregadas em serviços domésticos –

E como eu não tinha nada que fazer vivia namorando as pernas morenas da lavadeira.
Um dia ela veio para a rede,
se enroscou nos meus braços,
me deu um abraço,
me deu as maminhas
que eram só minhas.
A rede virou,
o mundo afundou.

– e à sua sexualização, vista no exagero com que o sujeito poético descreve a mulher:

Uma lavadeira imensa, com duas tetas imensas, girava no espaço verde.

O resultado desse encontro sexual é um abatimento do sujeito:

Depois fui para a cama
febre 40 graus febre.¹³⁷

O exagero do estado do amante combina com a descrição da mulher, como se o poema se aproveitasse de lugares-comuns da história brasileira para realizar um tipo de blague. No poema “Outubro 1930”, os “seios enormes” reaparecem para caracterizar outra personagem negra:

Olha a negra, olha a negra,
a negra fugindo
com a trouxa de roupa,
olha a bala na negra,
olha a negra no chão
e o cadáver com os seios enormes, expostos, inúteis.¹³⁸

¹³⁶ SAID, Roberto Alexandre do Carmo. “Rebeldia vertiginosa: as primeiras narrativas ficcionais de Carlos Drummond de Andrade”. *Palimpsesto*, v. 27, ano 17, 2018, p. 325.

¹³⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Outubro 1930”. *Op. cit.*, 2012, p. 126-27.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 140.

A repetição da palavra “negra”, que apresenta a personagem reduzida à sua identidade racial, reforça como a perseguição dessa mulher e a violência a ela destinada são motivadas, justamente, pela hierarquia racial. Nesse caso, a violência é explícita: a estrofe, extremamente visual, vale-se sobretudo de substantivos e adjetivos para sobrepor imagens. Os únicos verbos são a forma coloquial do imperativo “olha”, que, ao mesmo tempo em que descreve o olhar de um espectador comum, alheio a qualquer intervenção e engajamento, também convida o leitor a assistir à cena, conduzindo-o. Além disso, o caráter processual do gerúndio “fugindo”, que descreve a tentativa da mulher de escapar do destino fatal, indica um movimento contínuo, que será interrompido pela bala. O uso desse termo conecta a cena, observada no século XX, à realidade da população escravizada no período colonial, quando as fugas de escravizados eram comuns, assim como fazia parte do cotidiano o ofício de sua captura. A fuga, agora, se dá no contexto turbulento da Revolução de 1930, e o resultado é o abatimento desse corpo, que, mesmo já morto, é sexualizado. A exposição erótica dos “seios enormes” – que também não deixa de exotizá-los – alia a exposição sexual da mulher negra à denúncia de sua fragilidade nessa sociedade, em que é constantemente reificada para o trabalho ou para a atividade sexual. A escolha do adjetivo “inúteis”, tradicionalmente associado a coisas, descreve os seios, que, mortos, já não podem mais servir, assim como caracterizam a própria morte da mulher, que ocorre em vão¹³⁹. A estrofe faz parte desse importante poema, “Outubro 1930”, publicado no *Estado de Minas* em maio de 1931, republicado em *O jornal* em dezembro de 1934 e incluído da segunda edição de *Alguma poesia*, de 1942, cujo tema central são os conflitos da Revolução de 1930, da qual Drummond participou como funcionário das Forças Revolucionárias Mineiras.

A relação entre o erotismo e a violência tem algo em comum com o poeta de *As flores do mal*. Segundo Sérgio Alcides, uma das características da atmosfera baudelairiana em *Alguma poesia* é, justamente, o que chama de uma “decadente fagulha erótica”¹⁴⁰. Quando Auerbach analisou *As flores do mal*, identificou uma espécie de mescla de estilos, em que o tom elevado se misturava a um tratamento grotesco da experiência amorosa:

O ritmo, a forma e a postura de quase todos eles remetem ao estilo elevado. Mas os temas tradicionais da poesia amorosa sublime estão quase ausentes; a ênfase está na sexualidade exposta, particularmente em seus aspectos terríveis, abissais.¹⁴¹

¹³⁹ No poema “Negra”, de *Boitempo*, é feita uma crítica à exploração da mulher negra, cujo fim é também a morte, “único trabalho para seu proveito exclusivo”. Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Op. cit.*, 2002, p. 887.

¹⁴⁰ Cf. ALCIDES, Sérgio. *Melancolia Gauche*, 2014, p. 13.

¹⁴¹ AUERBACH, *Op. cit.*, 2012, p. 315.

Nesse sentido, Auerbach localiza em Baudelaire certa beleza amarga, cujas origens remetem ao tema da degradação da carne, comum no fim do período medieval; assim, o objeto de desejo é frequentemente representado como desprovido de humanidade e dignidade. Certo rebaixamento também pode ser encontrado, como vemos, nos textos escritos por Drummond ao longo da década de 1920, o que fica mais explícito na reunião feita em *Alguma poesia*, em que a maior parte dos poemas de cunho erótico-amoroso estão, inclusive, postos em sequência. É claro que, embora Baudelaire seja uma referência essencial à produção do jovem Drummond¹⁴², a degradação erótica na obra do mineiro não provém da cultura medieval, mas de um conjunto de aspectos culturais comumente associados ao povo brasileiro, como a tendência à sexualização, ao comportamento desregrado e ao rebaixamento moral. Assim, o “entorpecimento dos sentidos” que Auerbach¹⁴³ localiza em *As flores do mal* também está presente em *Alguma poesia*, embora inserido no contexto de um país colonial, como pode ser visto no estado febril do eu lírico de “Iniciação amorosa”. Aqui, esse entorpecimento mimetiza o exagero do traço sexual associado ao brasileiro, caricaturizando-o.

Partindo da discussão feita por Auerbach, José Guilherme Merquior¹⁴⁴ aplica o argumento da mescla de gêneros à análise que faz do primeiro lirismo de Drummond, cujo ponto de partida é a publicação de *Alguma poesia*. Para Merquior, o grotesco e a mescla de gêneros vistos em *Alguma poesia* inserem a poesia drummondiana em uma tendência observada na poesia moderna universal. Recuando para outros textos da década de 1920, vemos como o estilo grotesco já estava presente. A marca desse estilo, conforme Merquior, é o uso da comicidade como uma arma antitrágica, que, embora rompa com a dramatização da cena, não elimina uma consideração problemática e séria do mundo. Nesse sentido, a blague foge à ridicularização do objeto a partir de uma visão superior e estável. Em “Iniciação amorosa”, por exemplo, o exagero, embora tenha algum traço cômico, é direcionado também ao próprio sujeito poético, que participa do enlace erótico carregado de vestígios coloniais.

Essa inclusão do sujeito poético como alvo da crítica que ele próprio realiza é uma diferença fundamental entre a poesia de Drummond e de outros poetas do mesmo período. Na década de 1920, a cena erótica, sobretudo envolvendo personagens pretas e mestiças, é comum

¹⁴² Influência que não se restringe à produção inicial. Em um artigo publicado em 1942, Drummond escolheu quatro livros franceses para levar a uma suposta ilha deserta: *Confissões* de Rousseau, o *Adolphe* de Constant, as *Flores do mal* de Baudelaire e o *Journal* de Jules Renard. (ANDRADE, Carlos Drummond de. São Paulo: Folha da Manhã, 8/10/1942, p. 6).

¹⁴³ AUERBACH, *Op. cit.*, 2012, p. 332.

¹⁴⁴ “O humor de Drummond consegue de saída a metamorfose do *pathos* tragicizante da literatura do século XIX em perspectiva grotesca”. Cf. MERQUIOR, José Guilherme. *Op. cit.*, 2012, p. 36.

entre os modernistas de primeira ordem. Na maior parte das vezes, contudo, ou o negro é representado de maneira eufórica, como no já citado “Carnaval carioca”, de Mário de Andrade; ou se enfatiza a brutalidade da escravidão a partir de um ponto de vista externo à cena, como nos poemas da colonização de *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade; ou ainda há uma espécie de sadismo que permeia as referências à escravidão, como neste poema assinado por Fidelis Florêncio, pseudônimo de Wellington Brandão:

Mãe Preta, caiu um cisco no meu leite,
E porque não há mais trondo,
Si houvesse, Mãe Preta,
era hora de você ver
[...]
Chega sinhô!
Não che não, negra atôa!
e lépo e lépo e lépo!
E tu pelada no tronco
como um morcego de maminha.¹⁴⁵

O poema foi publicado no periódico *Leite Criôlo*, que circulou em Belo Horizonte no ano de 1929 e foi dirigido por João Dornas Filho, Guilhermino César e Achilles Vivacqua, grupo que constitui um segundo núcleo de escritores modernistas em Belo Horizonte, posterior ao grupo de *A Revista*. O centro do programa da publicação é o “criolismo”, que se refere tanto ao movimento literário quanto a uma espécie de mal nacional que atrasaria o país e estaria ligado à herança africana, o qual o movimento pretende combater. Entre os males nacionais estariam a preguiça, o banzo – espécie de melancolia tipicamente africana, oriunda da diáspora e da nostalgia da terra natal por ela provocada –, o saudosismo, a luxúria, a burrice e a ignorância.

A identificação dos “males do Brasil” é claramente influenciada pela obra de Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, que rastreou os problemas centrais de nossa formação, a saber, a luxúria, a cobiça e a tristeza, que dão título às três partes do livro e são herança do processo de miscigenação, visto como forma de degeneração moral. A obra enxerga a escravidão como fator de deturpação moral e social, uma espécie de “praga”: “o negro perturbou e envenenou a formação da nacionalidade, não tanto pela mescla de seu sangue como pelo relaxamento dos costumes e pela dissolução do caráter social”¹⁴⁶. Para Miguel Duarte, o ideário “criolista”, próximo às ideias de Paulo Prado, contradiz a definição que Candido faz do modernismo de 1920 como um “desrecalque localista”¹⁴⁷, ou seja, uma forma de valorização otimista dos traços

¹⁴⁵ FLORÊNCIO, Fidelis. “mãe preta”, *Leite Criôlo*, 21 de julho de 1929, p. 1.

¹⁴⁶ PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*: ensaio sobre a tristeza brasileira, 2012, p. 103.

¹⁴⁷ CANDIDO *apud* DUARTE, Miguel de Ávila. “Estudo crítico”, 1929: *Leite Criôlo*, 2012, p. 39.

culturais oriundos da miscigenação. Em *Leite Criôlo*, Duarte mostra como “a defesa ostensiva e de matriz modernista de uma cultura autenticamente modernista coexiste com a não menos explícita atribuição dos chamados ‘males do Brasil’ às heranças africana, e, em menor grau, portuguesa”¹⁴⁸.

A figura da “mãe preta”, tema do poema de Wellington Brandão, é uma representação da ama de leite, um símbolo que se torna uma das chaves de uma leitura amena da escravidão no Brasil. Suas características seriam, fundamentalmente, a disposição ao sacrifício para cuidar de uma criança branca – que também é o seu senhor – e a certo sentimentalismo. Nesse período, esse sentimentalismo, ligado à nostalgia africana, o banzo¹⁴⁹, é comumente elegido como causa de uma formação demasiadamente sentimental do brasileiro. No texto de abertura de *Leite Criôlo*, por exemplo, Guilhermino César diz: “Nós todos mamamos naqueles peitos fartos de vida e estragados de sensibilidade. Em vez da alegria nos pegou mas foi a tristeza banzativa que não cuida de melhorar.”¹⁵⁰. No próprio *Diário de Minas*, por exemplo, são publicados textos com essa temática, como o poema “Mãe negra”, de José Guimarães Alves, em que se diz: “Mãe negra que estás no céu/ volte minha mãe negra”¹⁵¹, e o texto “Mãe Preta” de Aníbal Vaz de Melo¹⁵².

A imagem da ama de leite, oriunda da história colonial, aparece no segundo poema de *Alguma poesia*, “Infância”:

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.¹⁵³

¹⁴⁸ DUARTE, Miguel de Ávila. *Op. cit.*, 2012, p. 39.

¹⁴⁹ De etimologia ainda controversa, a palavra denota um processo psicopatológico que acometeu negros escravizados durante a diáspora africana e cujos sintomas foram tristeza profunda, imobilidade, mutismo, abatimento físico e psicológico, recusa ao trabalho, anorexia e geofagia, que levavam à inanição, à loucura e à morte ou ao suicídio por enforcamento ou envenenamento. Segundo o dicionário de frei Domingos Vieira (1871), o processo poderia, ainda, desencadear um estado inicial de forte excitação, seguido de prostração absoluta. Nesse sentido, Gilberto Freyre (1933) comenta, em *Casa Grande & Senzala*, que as consequências da falta de interesse pela vida decorrentes do banzo por vezes se refletiam em um comportamento excessivo, com abuso de álcool, maconha e exagerada excitação sexual.

¹⁵⁰ Cf. 1929: *Leite Criôlo*, 2012, p. 75.

¹⁵¹ ALVES, José Guimarães. “Mãe Negra”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de abr. de 1928.

¹⁵² MELO, Aníbal de Vaz. “Mãe Preta”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 18 de mar. de 1927.

¹⁵³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Infância”. *Op. cit.*, 2012, p. 55.

No poema, a rememoração do passado é idílica apenas na superfície; se olhada com atenção, a fazenda é caracterizada pela persistência da estrutura patriarcal e de resquícios do período escravocrata. Apesar de a senzala ter deixado de existir, a “preta velha” nunca se esqueceu de seu ofício: ninar o filho do fazendeiro – uma extensão de seu senhorio – e cuidar de funções domésticas, como a preparação das refeições. A cena, contudo, não aparece de maneira caricatural ou externa: antes, é incorporada à narrativa pessoal do sujeito poético, claramente associada à história de Drummond, de modo que a crítica sobre o passado colonial tem efeito ambivalente. Por um lado, o procedimento faz com que esse passado não pareça tão distante, por compor, afinal, a história do poeta que escreve; por outro, a crítica do poema recai, novamente, sobre o próprio sujeito poético, que também participa da cena e é servido por essa mulher. A força dessa poética – e sua clara distância em relação ao “criolismo” – está, justamente, na incorporação do problema colonial na história pessoal do sujeito: como se tomasse o problema por dentro, a reflexão ganha capacidade crítica¹⁵⁴.

Drummond contribuiu com três textos para *Leite Criôlo*. O primeiro foi publicado na primeira página do periódico, em maio de 1929. “Quadrinha sobre o regresso de Pedro Nava” é um poema de ocasião assinado por Antônio Crispim: “Meu amigo Pedro Nava/ regressou de Juiz de Fora./ Parabéns a Juiz de Fora./ Parabéns a Pedro Nava”. O segundo texto, “Conheço um país”, foi publicado no mesmo número e é um trecho de *Viagem de Constantino*, assinado por Carlos Drummond de Andrade. Trata-se de um projeto de romance regionalista, com muitas referências à natureza e de caráter memorialista, que nunca vingou. Posteriormente, em agosto de 1929, sob assinatura de Antônio Crispim, Drummond publicou outro trecho do mesmo livro no *Diário de Minas*¹⁵⁵, o que leva a crer que a escolha do trecho para integrar *Leite Criôlo* se deva mais ao fato de Drummond estar trabalhando no romance nesse período do que a uma relação específica do livro ou do trecho com o periódico em questão. No mesmo número do periódico, por exemplo, *Viagem de Constantino* é anunciado como próximo lançamento na seção “Promessas”¹⁵⁶. O romance nunca foi publicado, provavelmente pelo mesmo motivo que levou Drummond a não editar o caderno *Minha terra tem palmeiras*, uma espécie de abandono de textos muito ligados ao programa modernista, que pareciam responder mais a uma experimentação estética comum ao período que à elaboração de obra motivada por questões

¹⁵⁴ Como observou Merquior, “A poética do jovem Drummond repousa na equação poesia = vivência.” Cf. MERQUIOR, José Guilherme. *Op. cit.*, 2012, p. 85.

¹⁵⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Da ‘Viagem de Constantino’”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 28 de agosto de 1929.

¹⁵⁶ *Leite Criôlo*, *Op. cit.*, 2012, p. 78.

próprias. Além disso, Drummond havia publicado no *Diário de Minas*, em 1926, um trecho de outro romance, assinado por Januário Bueno, outro pseudônimo da época. Provavelmente referindo-se a isso, em uma carta enviada a Ribeiro Couto nesse mesmo ano, diz: “Não tenho romance sobre minha meninice, tenho só aquele trecho saído no *Diário*, com a nota embaixo para tapear... Sou incapaz de escrever um romance”¹⁵⁷.

O último texto publicado em *Leite Criôlo* saiu em junho de 1929 sob assinatura de Carlos Drummond de Andrade:

Artistas bonitas de cinema

Greta Garbo
Norma Shearer
Billie Dove
Dolores del Rio
Olive Borden
Madge Bellamy
Florence Vidor
Clara Bow
Clara Boa
e você
brasileirinha até debaixo d’água.¹⁵⁸

Abordando o cinema, o poema imita uma lista pessoal de atrizes que, no julgamento do sujeito poético, são bonitas. Os versos finais rompem a estrutura dirigindo-se diretamente a uma segunda pessoa, anônima para o leitor, como se imitasse uma anotação pessoal, direcionada a uma pessoa específica. Embora o leitor não tenha acesso à identidade dessa última mulher, ela rompe a predominância estadunidense da lista, pois seu traço característico é ser “brasileirinha até debaixo d’água”, ou seja, enfaticamente brasileira. O diminutivo ainda traz à mulher uma conotação erótica, claramente associada à sua nacionalidade. Diferente dos outros textos, pode-se dizer que esse poema dialoga com o caráter nacional de *Leite Criôlo*, bem como com o erotismo presente em alguns textos nele publicados. Vale a nota, porém, que o assunto moderno do cinema foge do escopo temático dos poemas do periódico.

Apesar dessas publicações, é importante pontuar que a relação de Drummond com o grupo de Guilhermino César é ambígua. Sua contribuição ao periódico parece ter mais relação com um estímulo à produção literária local e com uma postura diplomática do que com um apoio ao movimento “criolista”. Vale lembrar, por exemplo, que entre 1928 e 1929 Guilhermino César e João Dornas Filho contribuíram para a “Antologia modernista” organizada por Drummond no *Diário de Minas*. Em carta dirigida a Oswald de Andrade em maio de 1929,

¹⁵⁷ BORTOLOTTI, *Op. cit.*, 2019, p. 86.

¹⁵⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Leite Criôlo*, *Op. cit.*, 2012, p. 89.

CDA rompe com o grupo paulista devido aos atritos entre Mário e Oswald e também a questões literárias:

A antropofagia não é mais um movimento decente. Nem é uma blague. Sinto muito, mas não posso aderir. [...] Não posso, pois, colaborar na decida antropofágica. Não participo do estado de espírito índio e considero acadêmicas as discussões sobre os jesuítas. Quanto aos outros “meninos” de Minas, cada um decidirá por si. O João Alphonsus concorda comigo e o João Dornas fundou o criolismo, cujo órgão oficial sairá no dia 13 deste.¹⁵⁹

Como o grupo de *Leite Criôlo* era afim ao grupo antropófago de São Paulo¹⁶⁰, a situação era delicada¹⁶¹. No início de 1929, realiza-se uma enquete com os escritores mineiros no *Diário de Minas*, à época dirigido por CDA. Na introdução à resposta de Achilles Vivacqua e Guilhermino Cesar, por exemplo, são feitas observações reticentes; sobre o primeiro, diz ser ainda “bem moço”, o que lhe permitia “afirmar com convicção coisas que mais tarde não lhe pareçam absolutamente certas”¹⁶². Já sobre Guilhermino, afirma-se que está se buscando “inquieto neste mundo que é o Brasil [...] se buscando ou se perdendo”¹⁶³. Apesar de não estarem assinados, provavelmente os textos ou foram escritos por Drummond ou por ele revisados. Outros artigos do *DM* atacarão o movimento, dizendo ser uma “revolta contra escritores paulistas de mais fama”¹⁶⁴, um jornal de ocasião. Em outro artigo, a crítica chega a contestar os princípios do “criolismo”:

Um dos colaboradores chega a aconselhar o negro a “deixar suas danças bárbaras, seus cantos de cativeiros, de saudade, de melancolia”. Ora, precisamente, o que o negro nunca deve deixar, porque teria de adotar, como aliás já acontece, outras danças e cantos deploráveis, porque sem sinceridade. Querem também acabar com as credices, como se isso fosse herança do negro cativo deixada no Brasil e o branco europeu, sem “criolismo”, não tenha as suas superstições.¹⁶⁵

O texto subverte o argumento do “criolismo” ao evidenciar que a superstição é comum também ao branco, mostrando como essa hierarquização cultural parece falaciosa. Nesse mesmo ano, em meio ao acirramento do conflito entre Mário de Andrade e Oswald de Andrade, Drummond escreve a Mário:

¹⁵⁹ Como se sabe, Oswald de Andrade publicou a carta na *Revista de Antropofagia*.

¹⁶⁰ “A finalidade do criolismo é mais ou menos a mesma da antropofagia. É a mesma de todos os movimentos nacionalizadores.” Cf. FILHO, João Dornas. *Revista de Antropofagia*, Segunda Dentição, nº 5, 14 de abril de 1929.

¹⁶¹ Ver DUARTE, Miguel de Ávila. *Leite Criôlo: da rede modernista à memória monumental do modernismo*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2021.

¹⁶² *Diário de Minas*, 14 de fevereiro de 1929.

¹⁶³ *Diário de Minas*, 7 de abril de 1929.

¹⁶⁴ *Diário de Minas*, 12 de julho de 1929.

¹⁶⁵ *Diário de Minas*, 14 de maio de 1929.

À proporção que cresce o meu nojo por esses filhos-da-puta que descobriram um rótulo novo para mascarar uma coisa tão antiga como o mundo, que é a falta de caráter, dando-lhe apenas uma nova aplicação: a literária – cresce também essa confiança lúcida e alta em você, no ser moral e mental que você é. Estou farto de modernismo, de antropofagismo, de *crioulismo*, de burrismo, de tudo que enodoa a nossa época e dá aos espectadores insuspeitos uma triste impressão de canalhice ou de burrice, quando não das duas coisas ao mesmo tempo.¹⁶⁶

Como se vê, Drummond, junto ao grupo de *A Revista*, tem sérias ponderações em relação ao movimento em torno do periódico *Leite Criôlo*, o que mais se liga a um contexto geral de questionamento à antropofagia do que propriamente indica uma crítica a ideias racistas reproduzidas no periódico.

Embora CDA tenha forjado um modo próprio de crítica ao regime patriarcal no Brasil, muito relacionado à incorporação desses problemas estruturais a uma mitologia pessoal, é interessante notar como, em outros textos, a figura do negro aparece de forma mais ilustrativa. O poema a seguir, por exemplo, foi enviado a Mário de Andrade em 1926, como parte do *Minha terra tem palmeiras*, e a segunda versão, aqui reproduzida, foi remetida a Ribeiro Couto em 1927:

Orozimbo

Este mulato é sem vergonha como ninguém.
Ele vende bala num tabuleiro coberto com toalha de renda
mas furta nas contas e chupa metade das balas.

No fundo do baú tem um livro velho de modinhas
e na mesa de pau tosco escovas e pomadas cheirosas.
No prego, ao lado duma mulher de cinema o violão é o agente lírico.
Na alma do mulato a música verte nostalgias enormes.

Ele enrabichou a mulata mais dengosa do arrabalde.
Sua voz constipada tem audácias e eloquências românticas.
Seu punho nervoso nocaute os padeiros atrevidos
Seu cabelo é todo encarapinhado.

Este mulato já teve cinco vezes na cadeia,
tanto se mete em freges e gosta de beber o seu trago.
Se bebe é insuportável, se não bebe é como se bebesse.
Todos os senhores graves reclamam contra Orozimbo.

Orozimbo
é a pessoa mais importante do arrabalde.
E eu gosto profundamente do Orozimbo.¹⁶⁷

O poema apresenta Orozimbo, personagem que concentra uma série de arquétipos associados à figura do mulato na cultura brasileira: a malandragem, que aparece como forma

¹⁶⁶ SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, 2002, p. 351. (grifo nosso).

¹⁶⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Orozimbo”. In: BORTOLOTTI, *Op. Cit.*, 2019, p. 115.

de sobrevivência a condições precárias de subsistência; a força física; o gosto pelo álcool e a proeminência no campo erótico-amoroso. Um dos traços mais enfatizados pelo poema é a relação de Orozimbo com a música. Como um amuleto, Orozimbo guarda no baú um livro velho de modinhas; em sua casa, ao lado do pôster da atriz de cinema há um violão. A imagem reúne três aspectos importantes para a composição de uma cena tipicamente brasileira: o erotismo, a música popular, uma forma de lirismo (o violão, afinal, é o “agente lírico”) e o cinema. Lado a lado, o elemento nacional e o estrangeiro fazem conviver a cultura moderna importada e aquela que se desenvolve localmente. Outro dado importante é a relação entre essa música marginal e o romantismo – “sua voz constipada tem audácias e eloquências românticas” – e entre a música e a nostalgia – “Na alma do mulato a música verte nostalgias enormes”. Aqui, a identidade racial remete a todo um contexto cultural em que a tristeza do negro e do mestiço está associada, como já vimos, a uma espécie de saudade da terra, o que em outros poetas será explicitado pela referência mais direta ao banzo.

As consequências dessa prostração tipicamente tropical são, por um lado, o abatimento, que pode se manifestar pela música, e, por outro, um comportamento excessivo, com abuso de álcool e exagerada atividade sexual. A ambivalência entre prostração e êxtase relaciona-se à dicotomia identificada nos sintomas da melancolia descritos por Freud¹⁶⁸; no *Tratado das queixas endêmicas e mais fatais nesta conquista*, aliás, o médico português Damião Cosme (1770) diz que “banzar” significa “sofrer de melancolia”¹⁶⁹. Embora o termo “banzo” nunca tenha sido diretamente usado por Drummond, é importante frisar a força desse conjunto de arquétipos no contexto cultural do início do século XX. Com o interesse pela cultura africana, o termo “banzo” aparece com maior frequência no debate público e será usado no campo literário por escritores como Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Cecília Meireles e Menotti del Picchia, embora o conjunto de ideias a que faz referência ultrapasse sua menção textual explícita. A ambivalência entre prostração e excesso é, por exemplo, o fundamento do preguiçoso Macunaíma, personagem central do romance dedicado por Mário de Andrade a Paulo Prado e de identidade racial variada. O herói “esperto” e “muito safado” é também “capenga” e, “de tanto *penar* na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e *banza* solitário no campo vasto do céu”¹⁷⁰. O uso do verbo “banzar”, no fim de

¹⁶⁸ Cf. FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

¹⁶⁹ COSME, Francisco Damião. “Tratado das queixas endêmicas, e mais fataes nesta Conquista”, edited with an introduction by Luís de Pina. *Studia*, 1967, p. 119-268.

¹⁷⁰ ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 181. (grifo nosso).

Macunaíma (1928), é especialmente interessante, porque significa “perambular”, “vagar” (também atributos do melancólico), mas também “sofrer”, indicando tanto a aflição do corpo quanto da alma.

Já encontramos motivos semelhantes a esses no mais famoso “Explicação”, em que a nostalgia, o sentimentalismo de fundo romântico, a música popular e a cachaça convivem com a referência ao cinema e ao ambiente urbano. No entanto, essas questões, em “Orozimbo”, estão associadas a um tom confessional do próprio sujeito poético, e não figuradas em uma personagem. A própria linguagem denuncia o artifício: o poema é repleto de coloquialismos como “sem-vergonha”, “teve”, “se mete”, “enrabichou”. Contraditoriamente, na mesma carta em que envia o poema a Ribeiro Couto, Drummond acusa a “falsidade da linguagem brasileira proposta pelo Mário”¹⁷¹, crítica já analisada no Capítulo 1.

Para amenizar esse aspecto mais documental e figurativo do poema “Orozimbo”, o verso final inclui a primeira pessoa no poema e tenta aproximar o sujeito poético do personagem: “E eu gosto profundamente do Orozimbo”. A saída, no entanto, parece muito artificial: claramente Orozimbo e o sujeito do poema não compartilham a mesma realidade. Talvez esse tenha sido um motivo preponderante na decisão pela inclusão de um poema como “Explicação” em *Alguma poesia* e pela exclusão de “Orozimbo” da coletânea; o qual, inclusive, nunca foi publicado.

Vale a nota de que a estrofe final é resultado de uma modificação feita por Drummond em março de 1925 a partir de uma crítica de Mário de Andrade¹⁷²; não temos acesso, contudo, à versão do poema anterior a isso. Nas versões posteriores, tanto a do caderno quanto a enviada para Ribeiro Couto, o conteúdo permanece o mesmo; no primeiro caso, a diferença é que o verso final forma uma nova estrofe.

2.3 Sertão melancólico

No primeiro Drummond, a menção direta à palavra “melancolia” é frequente. Geralmente, está associada a uma ambientação fúnebre, soturna, e a um período de transição do dia, seja a aurora ou o crepúsculo:

Quase-noturno em voz baixa

Tuas mãos envelhecem,
na prata fosca do silêncio.

O silêncio, pelo crepúsculo,

¹⁷¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta 33, de 18 de set. de 1927. In: BORTOLOTTI, *Op. cit.*, 2019, p. 112.

¹⁷² SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 107-108.

é um arminho
onde as mãos repousam com doçura.

Tuas mãos, no silêncio,
pelo crepúsculo, são mais finas
e mais leves.

O silêncio, o doce silêncio,
vestiu de cinza transparente
as tuas mãos, pelo crepúsculo.¹⁷³

O tema do envelhecimento, correlato ao tema da morte, também presente em vários textos desse período, está junto a outras expressões da melancolia, como a cor cinza, o silêncio e o murmúrio (incutido no título), além de uma concepção repetitiva da experiência, sugerida pela própria estrutura do poema. Outro recurso usado no texto é a menção às mãos, que constituíam uma espécie de lugar comum à época para fazer referência à mulher amada, seja de forma metonímica, como no poema mencionado e em “A história de duas mãos”¹⁷⁴, seja de forma personificada, como em “O poema das mãos soluçantes, que se erguem num desejo e numa súplica” e em “O poema das mãos que não terão outras mãos numa tarde fria de junho”, publicados como “Poemas perdidos” na revista *Raça* em 1928¹⁷⁵. Abordagens semelhantes das mãos são facilmente encontradas em poemas de outros escritores da década de 1920, inclusive em textos publicados no *Diário de Minas*, como “Mãos” de Cesar Burnier¹⁷⁶, outro poema de mesmo título de Hermenegildo Chaves¹⁷⁷ e “Mãos de Santa” de José Quintella¹⁷⁸. Elas também são muito frequentes na obra de Ronald de Carvalho, como se vê neste poema de *Luz gloriosa* (1913):

Longas *mãos* que teceram meu Destino
[...]
Longas *mãos* com que todo me ilumino,
[...]
Benditas *mãos* que me fizeram monge
[...]¹⁷⁹

¹⁷³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Quase-noturno, em voz baixa”. *Ilustração brasileira*, ano IV, nº 31, março de 1923.

¹⁷⁴ *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 12 de fev. de 1925. Também está na primeira parte do caderno enviado a Mário de Andrade em 1926.

¹⁷⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Poemas perdidos”. *Raça*, São Carlos/SP, nº 13, jun. de 1929, p. 32. Ver também “O suave final” publicado no *Diário de Minas* em 22 de ago. de 1923.

¹⁷⁶ BURNIER, Cesar. “Mãos”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de nov. de 1923.

¹⁷⁷ CHAVES, Hermenegildo. “Mãos”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de out. de 1923.

¹⁷⁸ QUINTELLA, José. “Mãos de santa”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de nov. de 1923.

¹⁷⁹ CARVALHO, Ronald de. “Longas mãos que teceram meu destino”. *Luz gloriosa*, 1913, p. 92.

Na década de 1920, a influência de Ronald de Carvalho sobre Drummond é muito expressiva, especialmente a partir da leitura de *Epigramas irônicos e sentimentais* (1922), livro que se afasta da forma fixa do soneto e elege paisagens cotidianas como motivo de poesia. Nesse período, a obra foi citada como “livro de bolso” do sujeito poético de “Bucólica a caminho do Pontal”, poema que faz referência autobiográfica à fazenda da família de CDA:

Trago uma garrafinha de café
cigarros
e os Epigramas de Ronald de Carvalho.¹⁸⁰

O livro também foi tema comum nos primeiros textos críticos de Drummond, como o já citado artigo “Poeta”, publicado no *Diário de Minas* em 1922¹⁸¹; um comentário de 1924 a respeito do sucesso da vendagem do livro; o ensaio “As condições atuais da poesia no Brasil” de 1924¹⁸²; o artigo “Nacionalismo literário” de 1925¹⁸³ e uma resenha sobre os *Epigramas* publicada em *A Revista* também em 1925¹⁸⁴, por ocasião da segunda edição do livro, muito similar à abordagem do artigo de 1922. Nesses textos, predomina um tom elogioso ao poeta, reconhecido pela capacidade de aludir a paisagens naturais e fantasiosas, pela “graça triste”, pela simplicidade e especialmente pela ironia, que, segundo CDA, funciona como um “véu discreto a defender os pudores do sentimento”¹⁸⁵.

O poema que abre esta seção, “Quase-noturno em voz baixa”, foi publicado na *Ilustração brasileira* em 1923 e também incluído no projeto de livro *25 poemas da triste alegria* de 1924. A coletânea foi datilografada e encadernada por Dolores, esposa de Drummond, e enviada ao amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade, que a emprestou e não mais a viu. Mário de Andrade, em carta a CDA de 1926, comentou boa parte dos 25 poemas, mas tinha em mãos um lote de textos que antecedia o volume intitulado por *Minha terra tem palmeiras*, não um objeto-livro separado e nomeado, como pode ser visto na transcrição do arquivo anexada a este trabalho. Na carta junto a qual envia o caderno a Mário de Andrade, Drummond faz uma ressalva a esse material, naquele ano já considera ultrapassada pelo poeta: “Devo observar a

¹⁸⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. (Carlos Drummond). “Bucólica a caminho do Pontal”. *A noite*, Rio de Janeiro, 5 de jan. de 1926, p. 1.

¹⁸¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Poeta”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 22 de out. de 1922.

¹⁸² ANDRADE, Carlos Drummond de. “As condições atuais da poesia no Brasil”. *Gazeta Comercial*, Juiz de Fora, 20 de julho de 1924, p. 3.

¹⁸³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Nacionalismo literário”, *O jornal*, 23 de jan. de 1925.

¹⁸⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Os epigramas irônicos e sentimentais – Ronald de Carvalho – 2ª edição – Anuário do Brasil – 1925”. *A Revista*, ano 1, nº 2, agosto de 1925, p. 49.

¹⁸⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Poeta”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 22 de out. de 1922.

você que toda a primeira parte do caderno [o que contém grande parte dos 25 *poemas*] não se destina a publicação; mande só pra você ler, ninguém mais lerá isso”¹⁸⁶.

A história torna-se mais complexa porque o documento, encontrado apenas no início dos anos 2000 no acervo de um bibliógrafo carioca, continha anotações feitas pelo próprio CDA em 1937. Por isso não se sabe, por exemplo, quando o poeta enviou o arquivo a Rodrigo de Melo Franco – ainda nos anos 1920 ou depois, quando já havia feito as anotações, hipótese mais plausível. O livro seguiu inédito até 2012, quando foi publicado pela Cosac Naify em uma edição fac-similar organizada e comentada por Antonio Carlos Secchin. Por essa edição acessamos, por exemplo, o comentário de CDA a seu poema anteriormente citado:

Instrumental poético da época: Silêncio, crepúsculo, humildade, malícia, repuxo, doçura da hora, quintal, arrabalde, noturno. Influência: Ronald de Carvalho (“Quase-noturno, em voz baixa”, “Biblioteca”, “Vê como a água sussurra”, “Doçura da hora”, “Longe do asfalto”: isto é, todo o livro).¹⁸⁷

O comentário reforça a influência de Ronald de Carvalho sobre o mineiro e alude a uma série de características muito presentes na poesia de Drummond desse período. Sobretudo nos poemas publicados na primeira metade da década de 1920, encontramos uma dicção melancólica, por exemplo, em textos ambientados no “arrabalde” citado, que, além de constituir um lugar comum na poesia do período, era também uma consequência da urbanização das cidades brasileiras. Um artigo publicado no *Diário de Minas* informa sobre o crescimento dessas zonas periféricas em Belo Horizonte:

O surto de progresso que vem tendo ultimamente a Capital, tornando-a um centro de primeira ordem, não só social como materialmente falando, irradia pelas vizinhanças, como belo sintoma de que a cidade se estende, se propaga. É assim que, a exemplo do que se dá no centro urbano, onde as construções se multiplicam dia a dia, [...] nos arrabaldes e subúrbios se nota a mesma febre de edificações [...]¹⁸⁸

Em 1920, quando Drummond se mudou para a capital mineira, a cidade tinha apenas 23 anos e 55 mil habitantes. Projetada para ser a nova capital de Minas Gerais, Belo Horizonte era também um símbolo do projeto de modernização ligado à República. Sob responsabilidade de Aarão Reis, o projeto da cidade tinha ruas e avenidas largas para facilitar a circulação de veículos. Esse traçado geométrico teve como modelo a reforma urbana realizada em Paris, no século XIX, e opunha-se à arquitetura colonial da antiga capital, Ouro Preto. O efeito da projeção de uma avenida como a do Contorno foi delimitar uma área central da cidade, acessível

¹⁸⁶ SANTIAGO, Silvano, org. *Op. cit.*, p. 240.

¹⁸⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os 25 poemas da triste alegria*, 2012, p. 35.

¹⁸⁸ F. M. “A vida na cidade: Arrabaldes e subúrbios”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 de abril de 1924.

às classes mais abastadas, e marginalizar as classes populares, especialmente nos bairros operários. Trata-se da “cidade modelo”, como diz este artigo do *Diário de Minas*:

B. Horizonte tem em suas mãos todas as armas para vir a ser uma cidade-modelo, como nunca se construiu. E como não existe ainda em parte alguma. Ela teve a felicidade de ser traçada em um plano onde não havia ainda construções que embaraçassem seus projetos. Pode idealizar, assim, um traçado perfeito, e adaptar-se a todas as exigências modernas, com ruas largas e com amplas avenidas.¹⁸⁹

Em oposição a esse centro modelar, o arrabalde, o bairro pobre e humilde estão presentes sobretudo entre os textos reunidos n’*Os 25 poemas*. Em “Uma lâmpada brilha”, a pobreza se soma à solidão e à languidez novamente associada aos elementos da paisagem:

Uma lâmpada brilha, como um olho triste, na rua pobre.
Destinos humildes
Destino da lâmpada solitária,
a um canto da rua, entre árvores cansadas
e pedras sonolentas.

Pelos muros onde não há cartazes,
tapeçarias de aranhas pacientes
cobrem velhos desenhos
de corações acorrentados.¹⁹⁰

Apesar de o ambiente ser urbano, o esvaziamento da paisagem é característica central desses poemas. No lugar de cartazes comerciais ou informativos, os muros têm desenhos melancólicos, caráter que se acentua por estarem cobertos pelas teias de aranha. Essa imagem, que reúne tanto a lentidão quanto a ideia de abandono, se repete em alguns textos publicados entre 1922 e 1923 na revista *Para Todos*. Em março de 1923, CDA publica o texto “Ao longo das ruas ermas”, dedicado a Ronald de Carvalho:

Velhos e longos portões de ferro, fechando jardins melancólicos de convento, velhos e altos portões, entre muros vestidos de eras e trepadeiras...¹⁹¹

O texto em prosa se enquadra nos *tópoi* da época: a melancolia, a solidão, a ambientação sombria e obscura de um jardim isolado, todos muito praticados por Ronald de Carvalho. Ao final da publicação, consta a nota “Teia de Aranha”. No *Diário de Minas*, em 25 de agosto de 1923, sob assinatura de Carlos Drummond, “Ao longo das ruas ermas” foi republicado sob o título “A rua solitária”; mantendo-se a nota final (“Teia de Aranha”) suprimindo-se a

¹⁸⁹ Z. “A cidade modelo”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 de out. de 1926.

¹⁹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Uma lâmpada brilha...”. *Op. cit.*, 2012, p. 26-27.

¹⁹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Ao longo das ruas ermas...”. *Para todos*, Rio de Janeiro, p. 16.

dedicatória¹⁹². Os outros (poucos) ajustes são menos significativos. Há também dois conjuntos de aforismos desse período, que saem em abril de 1923 na *Para todos*, sob o título “Teia de aranha”¹⁹³. Nesse ano, Drummond planejava sua primeira reunião de escritos, *Teia de aranha*, que chegou a ser enviado à Livraria Leite Ribeiro – que futuramente editaria *Espectros* de Cecília Meireles – pelo próprio Ronald de Carvalho. Said (2004) informa que Lincoln de Souza tentou uma publicação do livro no Rio, mas o projeto não foi consumado e o material se perdeu. Ao que tudo indica, trata-se de uma coletânea de textos muito influenciados sobretudo por Ronald de Carvalho e Álvaro Moreyra. Em 1980 CDA relembrou o assunto:

Quando os poeminhas em prosa encheram um caderno grosso, mandei copiá-los à máquina. [...] A livraria prometeu editá-los. Passou-se o tempo e nada. Escrevi delicadamente, pedindo notícias. A livraria me respondeu, com absoluta calma, que os originais haviam se perdido. Há um anjo protetor dos literatos novos. Esse anjo me salvou.¹⁹⁴

Outro projeto de coletânea do período, provavelmente ligado a esse mesmo conjunto de *tópoi* seria intitulado como *Preguiça*. Outro projeto de livro seria *Cabra-cega*¹⁹⁵. De toda forma, o manuscrito mais antigo que chega até o leitor contemporâneo é d’*Os 25 poemas da triste alegria*, que, como o próprio título sugere, tem como recurso expressivo central uma dicção melancólica suave, sentimental, muitas vezes associada ao ambiente humilde e recluso do arrabalde. O título também lembra um texto em prosa publicado em 1924, “Máscaras da alegria e da tristeza”, cujo mote é a impossibilidade da felicidade:

[...] Alegria, será que não existes senão para o encantamento dos outros homens e o anseio irremediável do meu coração? Sonhando contigo, sinto-me triste, ó alegria, alegria...
Como é divertida a minha tristeza, que cheia de risos é a minha tristeza louca! Ela casquina gargalhadas nervosas na solidude do quarto abandonado.¹⁹⁶

O texto, contudo, é muito mais ácido e cético do que os textos de *Os 25 poemas*, mais próximos da melancolia caracteristicamente suave, tipicamente penumbriada, do que de uma melancolia angustiada, insana, “irremediável”. “Longe do Asfalto”, dedicado ao escritor mineiro Mario Matos e publicado no *Diário de Minas* em 1924, é exemplo dessa dicção mais branda:

¹⁹² ANDRADE, Carlos Drummond de. “A rua solitária”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, p. 4.

¹⁹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Teia de Aranha”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 21 e 28 de abr. de 1923.

¹⁹⁴ *Apud* SARAIVA, Arnaldo. Os livros de Drummond que não foram publicados. Lisboa: Diário Popular, 24 de abr. de 1980.

¹⁹⁵ Cf. SAID, Roberto Alexandre do Carmo. “Borges e Drummond: anos 1920 e 1930”. *Revista eletrônica Araticum*, v. 16, 2017, p. 159.

¹⁹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Máscaras da alegria e da tristeza”. *Para Todos*, Rio de Janeiro, 8 de nov. 1924.

Longe do asfalto

Poesia dos arrabaldes humildes,
das ruas pobres,
das ruas velhas e solitárias...
Os muros têm sono...
E têm histórias de anos para contar
às pedras, numa conversa silenciosa,
sob a paz verde das árvores...

Papagaios.

Minha vizinha convalescente
contempla a vida, pela janela
com olhos de uma doçura transparente.

Vermelho – azul – amarelo – cor-de-rosa.

Há uma festa de trepadeiras subindo
cercando as hortas e os jardins
e confusamente se emaranhando.

Meninos atiram pedras nos lampiões
e, nos lampiões,
sorri o olho tímido do gás...

A tarde murchou como uma trepadeira.
E o gás sorri, timidamente...¹⁹⁷

A monotonia do arrabalde está no vazio das ruas, no silêncio e na atribuição predominante do movimento às plantas (“Há uma festa de trepadeiras subindo”) e às coisas (“os muros têm sono... e têm histórias para contar”), elementos que são somados à condição de pobreza e simplicidade da zona mais afastada do centro urbano. A presença humana se concentra na brincadeira das crianças (os “papagaios” e a brincadeira de atirar pedras aos lampiões), além da presença quase imperceptível da vizinha à janela. Mário de Andrade, muito crítico a esses primeiros poemas, identificou nesse texto certo artificialismo, mais tarde confessado pelo próprio CDA. Em 1937, Drummond comentou os poemas do caderno e, sobre esse, deu destaque à menção aos lampiões a gás:

A esse tempo, eu já compreendia que não era honesto falar nos canais de Bruges. Entretanto, introduzi neste poema a iluminação a gás, que jamais me foi dado a conhecer, - salvo uma tímida e remota experiência no teatro de Itabira, antes da introdução da luz elétrica. Considero essa falta mais grave do que pode parecer. [...] A fixação de um quadro urbano, popular, como o deste poema, parecendo ser uma coisa de familiar ao poeta, quando na verdade lhe é absolutamente estranho – me parece, agora, um tanto indecente.¹⁹⁸

¹⁹⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Longe do asfalto”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 de janeiro de 1924.

¹⁹⁸ *Ibidem*, 2012, p.87. (grifo nosso).

Os “canais de Bruges” são, mais do que uma referência à paisagem belga, uma alusão a um tipo de poesia, dominante no Brasil no início do século XX, que elegia a paisagem europeia como ambientação poética por excelência. Essa geração está muito ligada à revista *Fon-fon*, que foi fundada no Rio de Janeiro, em 1907, por Gonzaga Duque, Lima Campos e Mário Pederneiras. Mais tarde, outros poetas, mais influentes para CDA, juntaram-se ao grupo, como o próprio Ronald de Carvalho e Ribeiro Couto. Álvaro Moreyra destaca como essa geração, apesar de ter sido responsável pela propagação do verso livre no Brasil, estava presa a uma estética importada:

Cada um dos iniciadores e dos incorporados, sem nenhuma combinação, adorava o Outono, o Poente, o Incenso, Polaire, Napierkowska, Monna Delza, os “Pierrots” de Willette, a “Boêmia” de Puccini, os “Noturnos” de Chopin, *Bruges com todos os canais*, Paris com todas as canções... Geração estrangeira. Estávamos exilados no Brasil. Achávamos tudo ruim aqui. Vivíamos de cor. Da geração do *Fon-Fon* partiu, curado dos sentimentos fixos, Raul de Leoni, que foi o continuador, como Marcello Gama fora o antecessor. Dois fenômenos. Gerações espontâneas. Foi a geração do *Fon-Fon* que espalhou o verso livre pelo Rio e pelos estados.¹⁹⁹

Assim, quando Drummond diz que, à época dos *25 poemas*, já compreendia a desonestidade de falar sobre os “canais de Bruges”, refere-se à ruptura com certa estética, ponto central para o abasileiramento da literatura proposto, por exemplo, por Mário de Andrade. O Drummond dos *25 poemas*, portanto, embora já não considere o “Brasil infecto”²⁰⁰, como confessava na correspondência inicial com o amigo paulista, estava ainda muito influenciado por toda uma atmosfera penumbrista característica da poesia dessa geração. Não apenas os poemas reunidos no caderno enviado a Rodrigo Mello Franco de Andrade, mas outros textos, publicados no início da década de 1920, têm uma ambientação sombria, de penumbra. Isso fica evidente, por exemplo, a) pela fixação pelo crepúsculo e pela noite:

Vê como somos pequenos dentro da noite imensa,
debruçados à janela que dá para o quintal!²⁰¹

b) pelo silêncio e pelo murmúrio:

Ninguém sabe
o que virá fazer o Lutador:
desejado e temido,
tão misterioso,
tão silencioso

¹⁹⁹ MOREYRA, Alvaro. *As amargas, não... (lembranças)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 66.

²⁰⁰ SANTIAGO, Silviano. *Op. cit.*, 2002, p.56.

²⁰¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Ainda um noturno”. *Os 25 poemas da triste alegria*, 2012, p. 37.

que o seu nome causa arrepios,
e ninguém o murmura...²⁰²

c) pela névoa e pelas sombras, que geram um efeito misterioso:

O Lutador vem coberto de sombra.²⁰³

d) pela solidão e por espaços esvaziados de presença humana, em especial os jardins:

Pelos jardins pela paisagem esvaziada,
Vê como a água sussurra no fundo dos tanques ermos,
como a água, intimamente, chora.
[...]
Nos jardins,
a ironia da vida é feita de beleza.²⁰⁴

Nesse trecho, o descritivismo da paisagem desemboca no verso alegórico final. Como observa Antonio Carlos Secchin²⁰⁵, a intenção de extrair de cenas da natureza uma reflexão filosófica é um recurso predominante em *Epigramas irônicos e sentimentais* (1922) de Ronald de Carvalho, que, junto a Álvaro Moreyra e Ribeiro Couto, são as grandes referências da coletânea *25 poemas*, como o próprio CDA registra nos comentários feitos em 1937²⁰⁶. Outro poeta importante para o período é Mario Pederneiras, fundador da *Fon-fon*, lembrado nesse “Soneto” assinado por Constantino Serpa, pseudônimo de CDA, e publicado no *Diário de Minas* em 1926:

Mas, que mundo insuportável! Poetas como Cesário Verde,
Marcelo Gama, Batista Cepellos, Antonio Nobre e Mario Pederneiras
Morrem antes do tempo... e que faço eu, eu que não morro nos teus braços?²⁰⁷

Assim, nos poemas desse período fica claro um estilo de versos marcado por “uma certa atitude reticente, vaga, imprecisa”, como Ribeiro Couto define o estilo penumbriista em carta a Rodrigo Octavio Filho²⁰⁸. Nessa mesma correspondência, Couto elabora aquilo que, para ele, seria o aspecto mais inovador de seu livro *O jardim das confidências*, publicado pela editora Monteiro Lobato & Cia em 1919:

²⁰² ANDRADE, Carlos Drummond de. “Ninguém sabe”. *Ibidem*, 2012, p. 41-42.

²⁰³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Ninguém sabe”. *Ibidem*, 2012, p. 41-42.

²⁰⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Vê como a água sussurra”. *Ibidem*, 2012, p. 57.

²⁰⁵ SECCHIN, Antonio Carlos. *Ibidem*, p. 57.

²⁰⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Ibidem*, p. 61-62.

²⁰⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Soneto”. “Nós dois”. *Diários de Minas*, Belo Horizonte, 26 de nov. de 1928. Publicado sob assinatura de Constantino Serpa.

²⁰⁸ COUTO, Ribeiro. Carta a Rodrigo Octavio Filho. Belgrado, 10 de março de 1957. Disponível em: <https://correio.ims.com.br/carta/o-que-e-o-penumbriismo/>. Acesso em 20 de mar. de 2023.

O que eu trouxe de novo, se alguma coisa de novo quiserem reconhecer-me, foi uma série de “temas humildes” do “humilde cotidiano”. [...] Eu trazia ao canto natural do poeta os temas da rua e da estrada – a moça da estaçãozinha pobre, a chuva na velha praça, o serão em família, os meninos de roupa nova que vão ao cemitério com as mães no dia de finados, o enterro do afilhadinho do senhor vigário no arraial, a menina gorda que se olha no espelho, o bar (em que Milonguita não apareceu em certa noite), enfim, uma porção de coisas que já existiam mas que ainda não eram temas “nobres”²⁰⁹.

Em seu estudo, Goldstein²¹⁰ localiza esse interesse pelo tema banal em alguns poetas relacionados ao penumbrismo, dando destaque a Manuel Bandeira dentro do escopo dos poetas “crepusculares”. Mais tarde, a pesquisa de Arrigucci Jr.²¹¹ dedicou-se justamente ao estudo do “humilde cotidiano” na obra inicial de Bandeira. Para o crítico, essa poética, apesar de ter como fundamento uma espécie de “alumbramento”, evita todo tipo de elevação, “como se o sublime, cravado na realidade pedestre do cotidiano, ficasse ao alcance do toque da expressão humilde”²¹².

Para Norma Goldstein, a introdução do “humilde cotidiano”, observada nos poetas penumbristas, está muitas vezes associada a um sentimentalismo melancólico, que a crítica nomeia como “melancolia agridoce”²¹³. Esse tipo de melancolia não é acompanhado por angústia ou inquietação, nem é direcionado pelo sujeito poético ao ataque do outro ou de si mesmo, como acontecerá nas obras posteriores de Drummond. Em “Na tarde cheia de doçura”, publicado no *Diário de Minas* em 1923, por exemplo, o tema do poema é o luto, tradicionalmente relacionado à melancolia, mas sua expressão é delicada, como o próprio título sugere:

A menina que perdeu o pai,
A pobre menina que perdeu o pai,
debruçada à janela de sua vivenda triste,
de sua vivenda abandonada,
acompanha o voo calmo e longo de uma andorinha
que vai
fugindo na doçura da tarde abandonada.

[...]

Nas mesas ricas, faulhantes de cristais,

²⁰⁹ *Ibidem*.

²¹⁰ GOLDSTEIN, Norma. *Do Penumbrismo ao Modernismo: o Primeiro Bandeira e Outros Poetas Significativos*. São Paulo: Ática, 1983.

²¹¹ Cf. ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Ver também: ARRIGUCCI JR., Davi. O humilde cotidiano de Manuel Bandeira. In: ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 9 -27.

²¹² Cf. ARRIGUCCI JR., Davi. *Op. cit.*, 1990, p. 130.

²¹³ GOLDSTEIN, Norma. *Op. cit.*, 1983, p. 5.

outras meninas, de corpos em seda,
comem frutas geladas, maçãs muito vermelhas,
sob o sorriso doce dos pães.

Aquela
teve um magro jantar, e agora, pobrememente,
perfilando a sua magra sombra na janela,
fita a primeira estrela, que cintila,
piscando o olho aos namorados das esquinas.

Rua de arrabalde,
com vultos secos de árvores
com bichanos vazios de pelo negro,
com lampiões luzindo quietamente.
desconsoladamente.²¹⁴

Na tarde “doce”, a menina enlutada acompanha o voo de um pássaro, elementos que abrandam a tragicidade da cena. Mesmo a diferença de classe social entre a menina e as outras de sua idade, que desfrutavam da felicidade e da fartura, é abrandada pela cena romântica de admiração das estrelas e pela menção aos namorados. De modo semelhante, o arrabalde, apesar de pobre, conserva certa tranquilidade e graça. Sobre o poema, diz Drummond em 1937:

Eu supunha haver chegado, com esse poema, a um alto grau de condensação lírica. Trabalhava matéria cotidiana e aplicava o gosto “penumbriista” da época a valores que me pareciam de uma originalidade incontrastável.²¹⁵

O uso da cena cotidiana como tema nesse período é fundamental para que se compreenda uma atitude mais inovadora dos poetas penumbriistas, sobretudo no que se refere à mudança de temas e versificação. Ela se mostra não apenas em *O jardim das confidências* (1919) de Ribeiro Couto, mas também no posterior *O homem na multidão* (1926), que reúne poemas produzidos entre 1921 e 1922. O segundo poema desse livro, “Cinema de arrabalde”, aborda um dos símbolos da modernidade em uma perspectiva mais marginal, diferente da ambientação do cinema burguês. *Epigramas* (1922) de Ronald de Carvalho, como vemos, também foi muito significativo para Drummond. O poema de abertura desta obra, por exemplo, dirige-se a um “Estrangeiro” e afirma a identidade de um “poeta dos trópicos”²¹⁶:

Nasci junto ao mar, Estrangeiro!
entre palmeiras e montanhas,
debaixo de um céu claro, puro, luminoso.
Viram meus olhos as coisas mais belas do mundo:
as mulheres, as ondas e as árvores do meu país natal!

Põe na estela de um poeta amável e melancólico

²¹⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 14 de jan. de 1923. Publicado sob o pseudônimo Manuel Fernandes da Rocha. Incluído em *Os 25 poemas da triste alegria*.

²¹⁵ *Ibidem*, 2012, p. 62.

²¹⁶ CARVALHO, Ronald de. *Epigramas irônicos e sentimentais*, 1922, p. 25.

a coroa de louros que trazes na mão.²¹⁷

Como é tradicional em livros de poesia, o primeiro poema pode definir uma identidade para o sujeito poético e também uma poética. Os poemas de *Epigramas*, embora conservem certa dicção melancólica e por vezes sombria, penumbrista, trazem um cotidiano humilde, pobre e às vezes ensolarado, tropical, como temática importante. Assim, um poema como “Canção da vida cotidiana” –

O sol brilha nas pedras da rua pobre e pequenina,
entre as pedras da rua humilde o mato cresce.²¹⁸

– é seguido por “Noturno sentimental”:

A lua sobe na alameda.

Sons d’água, entre-tons de penumbra, luxo
das folhagens de pérola e de seda.²¹⁹

O livro é repleto de cenas tropicais, como “Écloga tropical”, “Interior”, “Elegia”, “Noite de junho”, “Monotonia da tarde tropical” e muitos outros. Predomina, pois, um intimismo ligado à cena cotidiana, embora tudo sirva à exaltação patriótica. Assim, além de um uso suave da ironia, chama a atenção de Drummond a capacidade de Ronald de Carvalho conciliar um modo clássico de pensar e de dizer com uma certa “sensibilidade brasileira”, o que teve como efeito a “fusão da terra com a arte, purificando a primeira e universalizando a segunda”²²⁰. A ironia, como esclarece Nicolau Sevchenko, é muitas vezes criada justamente nessa justaposição entre um tom épico e a descrição de um cotidiano banal²²¹.

Segundo Norma Goldstein, o penumbrismo foi marcado justamente por uma atenuação em diversos níveis da poesia, inclusive no âmbito temático, a partir da centralidade dada à cena banal e cotidiana e à lembrança de pequenos fatos e momentos. Além disso, há uma atenuação dos sentimentos e das atitudes, a partir do esvaimento, da languidez e da indecisão (atenuação psicológica); da captação sensorial, a partir da meia-luz, do meio-tom e da lentidão dos

²¹⁷ CARVALHO, Ronald de. *Ibidem*, p. 9.

²¹⁸ *Ibidem*, p.11.

²¹⁹ *Ibidem*, p.13.

²²⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. “*Os epigramas irônicos e sentimentais – Ronald de Carvalho – 2ª edição – Anuário do Brasil – 1925*”. *A Revista*, ano 1, nº 2, agosto de 1925, p. 49.

²²¹ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes dos anos 1920, 1992*, p. 265.

movimentos; do ritmo, com uso de versos polimétricos, pela irregularidade da estrofação e pelo uso de *enjambements*.²²²

À época, essas mudanças serão motivo de sátira no meio literário. Uma série de poemas no jornal carioca *O Imparcial*, por exemplo, exagerava a referência à cor local e a dicção poética mais prosaica. Os textos eram assinados sob pseudonímia de Paulo Geraldino²²³ e dedicavam-se a zombar da poesia penumbrista. O poema a seguir foi maliciosamente dedicado a Ronald de Carvalho:

Este cheiro de tinhorão e massambê é toda a infância!
(Soluçam os riachos em que atolávamos as canelas,
as mãos ágeis livrando-nos das sanguessugas cor-de-lama:
enxameiam abelhas, zumbam tanajuras, embolam besouros!

Este cheiro...
(Estalam as carrapateiras, ecoa o grito das galinhas chocas,
traz o vento das moitas de bananeiras um cheiro inconfundível...²²⁴

A dicção melancólica também será alvo de paródia, como nestes versos:

E chove “spleen”...
Minha alma triste irradiante está
[...]
Ah! Sinto-me gripado
Ah! ah! ah! tchim!!!...²²⁵

O penumbrismo – nome, aliás, originado de um artigo de Ronald de Carvalho sobre a obra de Ribeiro Couto²²⁶ – era atacado dentro de um contexto de resistência a novas formas que a poesia brasileira tomava. Assim, diz-se no *Imparcial* sobre o suposto lançamento do livro de Paulo Geraldino, ora apresentado como “penumbrista”, ora como “futurista”: “Dentro de oito a dez dias, aparecerá o ‘Badalo inocente’, livro do ‘pastiche’ e da ‘blague’, em que Paulo Geraldino escarpela o ‘penumbrismo’, o ‘futurismo’, o ‘dadaísmo’ e tantos outros gêneros da

²²² GOLDSTEIN, Norma. *Op. cit.*, 1983, p. 10-11.

²²³ Como informa Brito Broca, o pseudônimo faz referência a Paul Gerald, poeta francês a que Tristão de Ataíde comparou Ronald de Carvalho, o que levou Graça Aranha a classificá-lo como “Casimiro de Abreu dos novos”. Há, contudo, certa indefinição sobre quem seria Paulo Geraldino. Brito Broca diz que era José Augusto de Lima. Ver BROCA, Brito. Ribeiro Couto, Paulo Geraldino e a “blague” penumbrista. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de mar. de 1960, p. 8. Já Augusto de Lima Júnior diz que era Pedro Mota Lima, sendo Paulo Moreno o pseudônimo de José Augusto de Lima. Cf. “Paulo Geraldino não era Augusto de Lima”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano LIX, n. 20.545, 26 de mar. de 1960, p. 9.

²²⁴ GERALDINO, Paulo. “Este cheiro...”. Dedicado a Ronald de Carvalho. Joias do penumbrismo. *O imparcial*, Rio de Janeiro, 2 de jul. de 1922, p. 4.

²²⁵ *Apud* BROCA, Brito. “Ribeiro Couto, Paulo Geraldino e a ‘blague’ penumbrista”. *Op. cit.*, 1960, p. 8.

²²⁶ CARVALHO, Ronald de. “Poesia de penumbra”. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 28 de set. de 1921.

poesia que empolgam a nova geração”²²⁷. Um artigo publicado no *Diário de Minas* alude a esse contexto de ataques:

O penumbrismo, futurismo ou que outro nome tenha essa poesia toda frivolidades e tons apagados de tintas leves, que anda agora enchendo os glóbulos brancos o sangue já bastante anemiado de nossa arte, vai resistindo à campanha de ridículo que lhe tem feito a imprensa. E vai resistindo porque, indiscutivelmente, há entre aqueles que se alistaram na fileira dos cultores da tal arte, verdadeiros talentos que, mesmo algemados a escolas de extravagâncias inúteis, cintilam com brilho à parte. Basta lembrar Ronald, Ribeiro Couto, Paulo Moreno.²²⁸

Apesar de ter saído sob a assinatura genérica de “X.”, o texto é de provável autoria de CDA, se considerarmos o período, o estilo de escrita e especialmente um elogio feito à obra de Ribeiro Couto a partir da análise de um poema. No mesmo período, Drummond cria o heterônimo Manoel Fernandes da Rocha:

Inicia sua colaboração nesta coluna o sr. Manoel Fernandes da Rocha, poeta a que sorriram os moldes francos e lagos da nova poesia. Ele desdenha os processos que caracterizam a técnica vulgar; nada de sílabas medidas, nem de rimas, ricas ou pobres. Não raro, foge mesmo os ritmos mais comuns, produzindo versos de um sabor absolutamente selvagem.

Sob essa assinatura, são publicados alguns poemas de estilo penumbrista, como “Na tarde cheia de doçura” antes analisado. Como vemos, a relação de CDA com o penumbrismo é próxima e há muitos elementos caracterizados como penumbristas que são marcantes nos textos reunidos em *25 poemas*. Wilson Martins, por exemplo, insere Drummond em uma “inspiração que, vinda de Mário Pederneiras, encontraria cultores do porte de Raul de Leoni, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, o próprio Manuel Bandeira, o próprio Carlos Drummond de Andrade”²²⁹.

Essa mudança de temática, acompanhada por uma cadência mais ligada a uma musicalidade oral – resultado da retirada da métrica mencionada por Manoel Fernandes da Rocha, por exemplo – foi muitas vezes interpretada na crítica literária como uma inovação importante que teria contribuído para as mudanças posteriormente identificadas ao Modernismo no Brasil. Esse é o argumento central da pesquisa de Goldstein, mas já presente no estudo de Rodrigo Otávio Filho sobre o penumbrismo, por ele compreendido como um exemplo de “literatura de transição ou intermediária”²³⁰ cuja origem é também identificada na obra de Mário Pederneiras.

²²⁷ “Badalo Inocente”. *O imparcial*. Rio de Janeiro, 6 de março de 1923, p. 2.

²²⁸ X. [Sem título]. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 18 de out. de 1922.

²²⁹ MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira: o Modernismo, 1916-1945*, 1967, p. 224.

²³⁰ OTÁVIO FILHO, Rodrigo. “Sincretismo e transição: Penumbrismo”. In: COUTINHO, Afrânio *et al.* *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana. 1969, p. 219. Ver também OTÁVIO FILHO, Rodrigo. *Simbolismo e Penumbrismo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

O ritmo, por exemplo, é mais próximo da prosa e da oralidade, efeito da metrficação irregular, da ausência de rimas e do prolongamento do verso a partir de *enjambements* e do uso de reticências. Muitas vezes a música é também o tema do poema:

Serenata

E as estrelas e os vagabundos...

Liricamente, pelas esquinas
os violões choram... Velho tema!
E sobre o casario adormecido,
lentamente,
vai ondulando a angústia dos violões.

Cigarras noturnas, homens tristes...

Uma janela aberta, um quadrado amarelo
na noite muito azul... Os violões românticos
têm mais desejo e mais saudade
e mais amor.

Um auto passa: Fon-fon! Fon-fon!

E cada vez mais tristes, os violões...

A referência musical aos violões, símbolos da cultura popular, sugere um lirismo não acadêmico, típico do lamento angustiado geralmente associado a uma experiência amorosa malfadada. Essa sonoridade triste, de fundo romântico, é cortada pelo barulho do carro que, no penúltimo verso, é uma clara menção ao grupo da revista carioca, cujo título – *Fon-fon* – é a reprodução da buzina dos automóveis.

Nos textos desse período, é característico que a melancolia apareça associada à música sentimental da viola e do violão. Curioso penumbrismo sem sombras, em que está mobilizado todo um conjunto de traços tropicais, como o calor, a moleza e, principalmente, a lentidão provinciana. Um dos poemas mais expressivos dessa temática é “Sertão melancólico”:

Sertão melancólico

Pelas estradas desertas,
pelas estradas infindáveis,
erra uma grave melancolia..

Melancolia das coisas paradas,
do céu muito azul e da terra muito verde,
na tortura do sol a pino!

Melancolia do canto das cigarras,
num rechino dolente e desesperançado,
do voo dos pássaros aflitos,
da saudade das sombras humanas...

Melancolia das árvores que sofrem,
sofrem letárgica e mudamente,
ao longo dos riachos vagorosos,
onde a água tem preguiça de correr...

Melancolia do viandante que passa,
que alonga o olhar pela distância,
e entoia uma canção arrastada e saudosa...²³¹

O poema, que foi publicado apenas uma vez, ainda em 1924 no *Diário de Minas*, constitui uma “enumeração de coisas melancólicas”²³². O leitor é posto diante de uma descrição da paisagem do sertão, para a qual são transferidos atributos que, na história médica e cultural da melancolia, caracterizaram o sujeito melancólico. O esvaziamento do mundo e a experiência da solidão, aqui já citados, reaparecem nessa espécie de “melancolia ao meio-dia”²³³, em que as estradas vazias chegam a provocar uma “saudade das sombras humanas”. Esse esvaziamento intensifica a sensação de que as vias são “infindáveis”. No poema, a deserção é acompanhada de certo prolongamento espacial, cuja consequência se volta ao próprio personagem, o viandante “que alonga o olhar pela distância”. Conforme o médico neurologista Jules Cotard (1840 – 1889), um dos delírios psicossensoriais comuns no episódio melancólico é a sensação de agigantamento do corpo, que parece maior do que é, o que pode ser transferido ao próprio espaço²³⁴.

A angústia, embora apareça no canto arrastado entoado pelo sujeito poético no verso final, é também transferida às coisas e aos animais: está na aflição dos pássaros, na desesperança das cigarras, nas árvores emudecidas “que sofrem”. A projeção de sentimentos sobre o mundo dos objetos, externos ao eu, chamou a atenção de Starobinski ao analisar a dicção melancólica na obra de Baudelaire. Em sua leitura, essa é uma consequência do empobrecimento afetivo do sujeito: “O inventário das *coisas* ultrapassa numericamente o que poderíamos fazer dos indícios *afetivos* atribuídos ao próprio poeta”, de forma que os sintomas melancólicos são representados como “atributos de objetos que cercam o sujeito, à *distância* de sua interioridade desabitada”²³⁵.

Além disso, a desesperança e a perda da voz são outros traços da vivência melancólica, assim como a imobilidade, a sensação de um tempo desacelerado ou quase imobilizado. São

²³¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sertão melancólico”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 31 de julho de 1924.

²³² Comentário de Mário de Andrade. In: SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 231.

²³³ O termo dá título a uma passagem do estudo de Starobinski sobre Baudelaire. Ver: STAROBINSKI, Jean. *A melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*. 1ª ed. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 17.

²³⁴ Cf. COTARD, Jules. *Études sur les maladies cérébrales et mentales*. Paris, 1891, p. 376-7.

²³⁵ STAROBINSKI, *Op. cit.*, 2016, p. 357. (grifo do autor).

várias as marcações da lentidão: as “coisas *paradas*”, o rechino “*dolente*”, a *letargia* das árvores, os “riachos *vagarosos*”, a “*preguiça*” da água, do próprio viandante e de sua “canção *arrastada*”. Se, na tradição da história cultural da melancolia, o meio-dia é a hora da *acedia*, afinal, sonolência e lentidão são sintomas do melancólico²³⁶, aqui, esses atributos são intensificados pelo calor.

O tema dos trópicos, como já mencionado, foi abordado por Ribeiro Couto, inclusive de modo irônico, como no poema “Livraria”, em que o sol é o culpado pela letargia dos homens e pelo desgaste dos livros, como se fosse oposto à vida intelectual:

Ó sol do Trópico, ó sol do Trópico,
abrasando a rua em que passam suarentos,
os honestos e apressados rapazes do comércio!
E a vitrine exposta, com as brochuras a se descolorirem.. .

Ó sol do Trópico, desânimo dos fracos!
Ó sol do Trópico, sarcasmo dos caídos!
Ó sol do Trópico, apoteose dos que levam a força dentro de si!²³⁷

Em Drummond, como vemos, o abatimento tropical desenvolve-se junto a uma monotonia tipicamente sertaneja, provinciana, muitas vezes ambientada na roça. Ela aparece em muitos outros textos do período, como “Carro de boi”, publicado em 1926:

Carro de boi

O chiar do carro de boi é a única melodia no desânimo verde da paisagem. Nem córregos, nem passarinhos, nem nada...
Os bois avançam pesados, e nítidos sobre a terra chata, onde a insídia molenga dos carrapatos espreita os pés incautos e descalços. A única melodia é o chiar das rodas rodando...
Desamparo do sol poderoso lá em cima, inerte, luzindo: nem uma sombra! O mato ralo espia no mormaço. O carreiro lustroso de suor crava a guiada implacável no boi desanimado. E grita. E o grito se perde na melodia monótona – nheeeem... – das rodas que avançam. Que avançam dolorosamente.
A única melodia da terra...²³⁸

Como outras publicações de CDA no periódico *Para todos*, trata-se de um texto em prosa marcado por um tom melancólico, reforçado pelo uso insistente das reticências. Esse recurso, bastante afim ao estilo de Álvaro Moreyra, é justamente mais frequente nos textos publicados na revista carioca, editada sob comando de Moreyra. A melodia central no texto, que o abre e o encerra, não é a do canto humano, mas do chiar repetitivo emitido pelo carro de

²³⁶ STAROBINSKI, Jean. *Op. cit.*, 2014, p.17.

²³⁷ COUTO, Ribeiro. *O homem na multidão*, 1926, p. 22.

²³⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Carro de boi”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 3 de abril de 1926. Integra uma sequência denominada “Caminhos da serra”.

boi. Nessa paisagem, também esvaziada, a lentidão é vista em seu “desânimo”, no andar pesado dos bois, no avançar doloroso das rodas e na moleza que aflige até mesmo os carrapatos – detalhe interiorano e tropical.

A única figura humana é o condutor do carro, que sua diante do trabalho pesado executado debaixo do sol escaldante. O calor, também presente no texto anterior (“na tortura do sol a pino”), é um elemento sempre associado à lentidão e à apatia. No cenário tropical, a imobilidade ganha ainda outra forma: aqui, o mito da melancolia se associa ao calor dos tropos, que funciona como um fator de abatimento. Como vimos, esse conjunto de motivos tropicais era frequente nas obras de outros poetas, de forma às vezes bastante explícita, como nos *Epigramas* de Ribeiro Couto.

Em outros poemas de Drummond, a monotonia incita uma sensação tediosa, que pode ser disfarçada de idílio. O leitor de *Alguma poesia* poderá facilmente localizar essa questão na pintura da vida besta em “Cidadezinha qualquer” ou “Infância”. A temática da vida besta, contudo, aparece em outros poemas do período. Um exemplo é “Cromolitografia”, que integra os *25 poemas da triste alegria*:

Cromolitografia

Na verde monotonia
do quintal
uma borboleta lépida veio
brincar.
[...]
E brincou entre folhas e frutos
sobre o burburinho da humilde água corrente.
Num pequenino poço
à sombra duma laranjeira adolescente
viu um peixinho vermelho
vermelho
sorrindo ao sol um sorriso de escamas.²³⁹

Nessa “lírica bem graciosa”²⁴⁰, para usar as palavras de Mário de Andrade, a “vida besta” está distanciada da angústia melancólica. A paisagem do poema é amena e harmônica, e o sol não é incômodo. A “sombra da laranjeira” é um eco da infância de “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu, e a “verde monotonia” não é incômoda, mas está mais próxima à ambientação idílica do poema romântico. Essa referência às laranjeiras e às bananeiras do poema casimiriano se soma às palmeiras de Gonçalves Dias em outro poema, intitulado “Casa em Itabira” e enviado a Ribeiro Couto em 1926:

²³⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os 25 poemas da triste alegria*, 2012, p.16-17. Ver também anexo X.

²⁴⁰ SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 229.

Casa em Itabira

Minha casa é cercada de árvores.
 Tem uma casuarina fina que canta de noite
 e sua voz é uma voz de águas distantes.
 Tem um pé de ameixa trançado de erva de passarinhos.
 Tem laranjeiras tem palmeiras tem bananeiras.
 E teu céu largo nas janelas do fundo,
 céu virgem de aeroplanos,
 onde nem Santos Dumont
 nem Sacadura
 nem Fouck
 nunca deram pirueta.
 Céu que Deus fabricou especialmente pras andorinhas
 e pros papagaios de papel de seda dos meninos que fogem da escola.²⁴¹

Nesse mundo vegetal, o som que se escuta é o da árvore (“uma casuarina fina que canta de noite” e a única presença humana é a de crianças que brincam. As máquinas são mencionadas por sua ausência, de modo que o poema funciona como retrato de um interior alheio às inovações técnicas dos grandes aviadores. Mas essa distância, aqui, não é incômoda ou problemática; pelo contrário, a ausência dos aeroplanos, por exemplo, permite a livre circulação das andorinhas e dos papagaios.

Esse poema foi publicado três anos mais tarde, sob o título “Poema sobre uma casa”, no *Diário de Minas*, e assinatura de Antonio Chrispim. Além de o novo título retirar a menção autobiográfica e generalizar a casa, com o uso do artigo indefinido, outra mudança significativa é a supressão dos nomes dos aviadores. O único mantido é o já consagrado Santos Dumont:

céu virgem de aeroplanos,
 onde nem Santos Dumont
 nem este
 nem aquele (1)
 nunca deram uma pirueta.
 [...]
 (1) Colocar, aqui, os nomes dos aviadores famosos do dia.²⁴²

A nota adicionada ao poema pode levar o leitor a interpretá-la como um descuido do poeta, que não teria completado o texto. No entanto, há, como vemos pela comparação das versões, uma retirada proposital dos nomes, o que abre espaço à intervenção metalinguística. A nota, além de expor uma etapa do processo de escrita do poema na versão já publicada em jornal – recurso bastante moderno –, tem um tom irônico. Ao abrir margem para colocar qualquer nome de um avião famoso naquele dia, as lacunas tornam o poema adaptável a diferentes tempos, ao passo que a observação final também ironiza a efemeridade dos acontecimentos

²⁴¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Casa em Itabira”. In: BORTOLOTTI, *Op. cit.*, 2019, p. 61-62.

²⁴² ANDRADE, Carlos Drummond de. (Antonio CHRISPIM). *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 de outubro de 1929.

nessa sociedade mecanizada. Assim, até mesmo a poesia, e não apenas a notícia de jornal, corre o risco de ficar ultrapassada. Longe de tentar driblar esse problema, a nota adicionada ao rodapé parece zombar desse contexto, que, aliás, muito destoa do cenário monótono e interiorano aludido no poema.

Em “Bucólica no caminho do Pontal”, também é desenvolvido um cenário interiorano, natural e monótono. Nesse poema, contudo, CDA testa outros recursos, como o verso muito curto, a onomatopeia, a caixa alta e o uso de uma linguagem mais coloquial:

Bucólica no caminho do pontal

O arvoredado bole bole
estala
fala.
Que ventinho sem vergonha.

Abro a porteira. O vento bate
PÁ!...
O vento foge.
Moitas de capim gordura,
o veludoso, o grato capim:2x
A estrada corre, não morre.
Eu corro
tropeço
e caio
e torno a correr.
A VIDA É BELA! A VIDA É BELA”
[...]
“Observem a doçura destes campos,
examinem os bigodes da paisagem.
Eis porque me ufano de meu país”

(Como é boba, meu Deus! a gente da Academia falando do campo...) ²⁴³

A referência à obra *Por que me ufano de meu país* (1900), de Afonso Celso, membro da Academia Brasileira de Letras, ironiza a forma romantizada como o campo é representado na literatura romântica do século XIX. De fato, o poema se afasta tanto desse tipo de descrição como da pintura idílica de “Casa de Itabira” ao introduzir elementos estranhos a um lirismo dito bucólico, como o uso dos coloquialismos “mija”, “sem vergonha”, “hein”, “comeria um boi”:

A aguinha mijá, satisfeita.
Quem tem sede bebe,
quem tem fome come.
Eu andei tanto a pé
que comeria um boi. ²⁴⁴

²⁴³ ANDRADE, Carlos Drummond de. (Carlos Drummond). “Bucólica a caminho do Pontal”. *A noite*, Rio de Janeiro, 5 de jan. de 1926, p. 1.

²⁴⁴ *Ibidem*.

Além disso, a cena do tropeço e queda do sujeito poético é uma situação em que o poeta se faz de tolo e, rindo de si mesmo, perde qualquer aura altiva. Outro recurso interessante é o modo de registro do verbo “alargam”, que reproduz, na forma, o movimento da água:

Jogo uma pedra: tpooff!
Círculos se alargam
a l a r g a m²⁴⁵

Para compreender a intenção do uso de tantos recursos, é importante considerar o contexto de publicação do poema, que saiu na seção “O mês modernista”, do jornal *A noite*, em 1926. Tratava-se, justamente, de uma parte dedicada à amostragem da produção de poetas de todo o país, interessada em expor um panorama da dita poesia modernista. Na mesma coluna, junto a esse poema, são publicados o irônico “Política” e “Itabira”, poema que, de forma muito distanciada do cenário ameno de “Casa em Itabira”, ataca a ideologia do progresso a partir da crítica à mineração.

Como se observa, a referência aos poetas românticos, inicialmente usada para compor a paisagem idílica de “Casa em Itabira”, passa a um jogo crítico em “Bucólica a caminho do Pontal”, o que é reforçado pelos outros textos com os quais o poema foi publicado. Esse tipo de menção, aliás, está presente no próprio título do projeto de livro mais consistente de Drummond desse período – e também o mais próximo à publicação de 1930 –, *Minha terra tem palmeiras*. No caderno, há outras menções irônicas ao romantismo, como no já citado “Explicação”, em que as bananeiras são um elemento negativo à formação do sujeito poético, responsáveis por seu sentimentalismo melancólico (“a culpa é da sombra das bananeiras de meu país,/esta sombra mole, preguiçosa”²⁴⁶) e o “Europa, França e Bahia”, em que o poeta se esquece da famosa “Canção do exílio” e a terra é mais motivo de lamento que de êxtase:

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.
Minha boca procura a “Canção do Exílio”.
Como era mesmo a “Canção do Exílio”?
Eu ando tão esquecido de minha terra...
Ai terra que tem palmeiras
onde canta o sabiá!

Nesse poema, o motivo do exílio é torcido. O poeta não está em exílio, e sim estranha a pátria: não por desconhecê-la, mas por esquecê-la. Esquece a imagem positiva da terra, e o resultado é um esvaziamento da identidade nacional. Tanto “Explicação” quanto “Europa,

²⁴⁵ *Ibidem*.

²⁴⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Explicação”. *Op. cit.*, 2012, p. 143.

França e Bahia” foram publicados em *Alguma poesia*, enquanto o mais experimental e menos crítico dos três, “Bucólica a caminho do Pontal”, ficou de fora do livro de estreia de Drummond.

Em outros momentos, o sujeito poético mostra-se distante da cena e o desejo parece abafado por uma relação mecânica e repetitiva. É o caso de poemas como “Cabaré mineiro”, em que a decadência recai sobre o próprio desejo, que, diferentemente de boa parte da tradição de representação da cena erótica, não provoca furor aos “cem olhos brasileiros” que assistem à dançarina. Isso também se nota em textos como “Maria da rua”, em que o *cabaret* é o local de “mulheres tristonhas e homens enfasiados”.

Em outros casos, a experiência amorosa é desencontrada: vemos isso no desarranjo amoroso de “Quadrilha”; na descrição feita em “Toada de amor”: “E o amor sempre nessa toada:/ briga perdoa perdoa briga”; na tentativa frustrada de escrever o nome da amada com letras de macarrão, “romântico trabalho” rapidamente desfeito em “Sentimental”; no sujeito que deseja tornar-se brinquedo nas mãos da mulher amada, nas quais sonha que “apanharia, sorriria” (“Esperteza”); no sujeito poético que passa o dia observando as “pernas” das mulheres e no final confessa: “Só eu que não namoro” (“Moça e soldado”); no “desprezo da morena” de que se queixa o sujeito poético de “Explicação”. O desejo pela experiência amorosa, sempre distante, problemática ou impossível, se explicita em “Quero me casar”: “Depressa, que o amor/não pode esperar!”. Em “Cantiga de viúvo”, o tema é o amor perdido para sempre: “Uma sombra veio vindo, / veio vindo, me abraçou. / Era a sombra de meu bem/ que morreu há tanto tempo.”, sendo que até mesmo o encontro com a sombra da amada, já morta, tem um fim:

Depois riu devagarinho,
me disse adeus com a cabeça
e saiu. Fechou a porta.
Ouvi seus passos na escada.
Depois mais nada... acabou.²⁴⁷

O poema foi publicado como contribuição de Drummond para a “Antologia modernista”, pequena coluna que organizou no *Diário de Minas*. Na reprodução em *Alguma poesia*, o poeta isola “Acabou” no último verso e o desloca à direita²⁴⁸.

A identificação do sujeito poético com o objeto perdido, muitas vezes visto na forma de amor pela perda, é o fundamento da melancolia, que atravessa toda a obra de Carlos Drummond de Andrade. A princípio, a dicção melancólica estava muito influenciada pela estética

²⁴⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Cantiga de viúvo”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 de março de 1929.

²⁴⁸ Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas*. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 80.

penumbriata e era abrandada por uma expressão doce, não fixada na perda, mas pendente entre a tristeza e a alegria. Aos poucos, sobretudo na segunda metade dos anos 1920, o tema começa a ser deslocado para uma paisagem sertaneja, às vezes mineira, e expresso em imagens de fixidez e mobilidade que estão também presentes em outros poetas mineiros, como Emílio Moura. Em Drummond, o ponto alto dessa poética é um processo de interiorização da questão, cujo principal resultado é a melancolia ser o princípio da própria constituição ambígua do sujeito moderno, aquele que está em conflito diante de um processo profundamente contraditório de modernização, posto como centro de sua própria história pessoal, à qual o sujeito se volta muitas vezes de forma corrosiva²⁴⁹. Se essa melancolia irônica é evidente em *Alguma poesia*, a leitura dos poemas e das crônicas produzidos ao longo dos anos 1920 permite ver como houve um trabalho intenso de elaboração literária que permitiu uma virada crucial na obra de Drummond, já que, a partir disso, ironia e melancolia serão estruturais na relação do sujeito com o mundo e consigo²⁵⁰.

²⁴⁹ Cf. COSTA LIMA, Luiz. “Drummond: as metamorfoses da corrosão”. In: *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

²⁵⁰ Sérgio Alcides fez essa análise em *Melancolia gauche na vida*, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

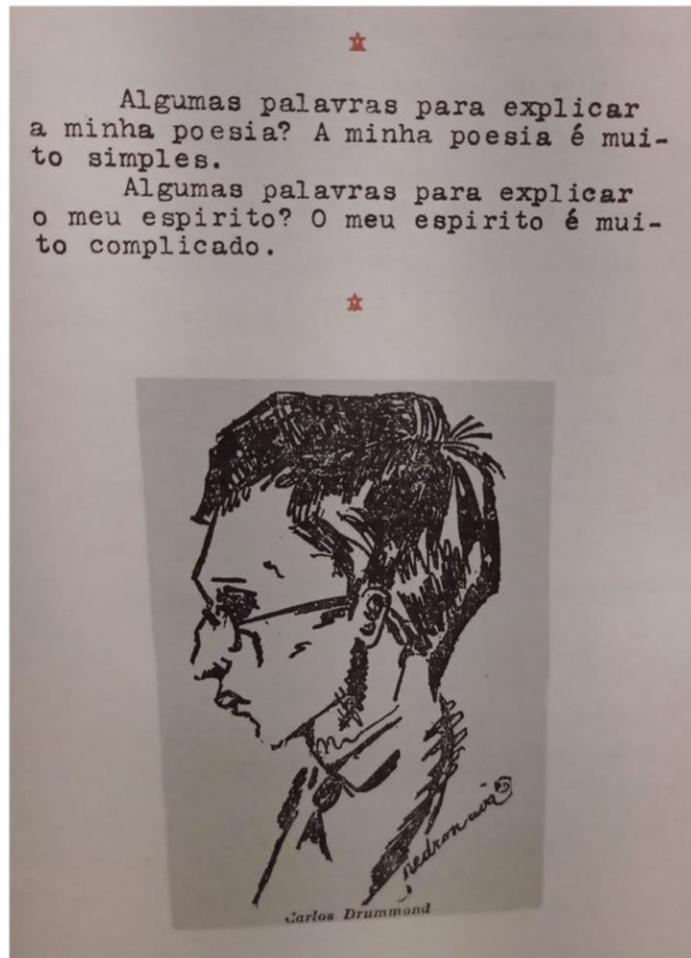


Figura 2 – *Os 25 poemas da triste alegria* – Prefácio (Cosac Naify, 2012)

A imagem que inicia esta seção é a reprodução de *Os 25 poemas da triste alegria* (prefácio). O leitor de Drummond pode facilmente estabelecer uma conexão entre “algumas palavras”, que abre esse primeiro projeto de livro que lhe chega às mãos, e o título *Alguma poesia*. O desenho, feito por Pedro Nava, mostra uma imagem difundida de CDA: o perfil magro, sério e um pouco melancólico, além dos óculos que lhe eram característicos, foram também os traços do Carlos enunciado no “Poema de sete faces”: “o homem atrás dos óculos e do bigode”, que “é sério, simples e forte”⁵⁰⁶. A mesma gravura foi publicada, por exemplo, para apresentar o mineiro no primeiro texto que publica na coluna “O mês modernista” do jornal *A noite*⁵⁰⁷. Já o texto do prefácio contrasta uma suposta simplicidade da poesia – o que, em 1924,

⁵⁰⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia 1930-62*, 2012, p. 54.

⁵⁰⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. O homem do Pau Brasil. *A Noite*, Rio de Janeiro, 14 de dez. de 1925.

se relacionava à tendência penumbrista, como vimos, muito influente sobre *Os 25 poemas* – à complexidade do espírito desse sujeito.

O efeito do texto junto à imagem é a atribuição de um caráter enigmático a esse “eu”, que, embora dê a entender que é complexo demais para ser expresso ou explicado pela linguagem, não deixa de se colocar em cena, sugerindo uma relação entre a obra e a vida do autor. Está armado um jogo que confunde o eu biográfico, ou seja, o próprio Carlos Drummond de Andrade, e o eu que assina a obra e nela se enuncia. Isso, junto à alusão à complexidade desse espírito, seduz o leitor para uma tentativa de desvendar o sujeito a partir do livro. Em *Os 25 poemas*, o retrato é, assim, um elemento que reforça a imagem do autor e sua conexão com a obra, como se estabelecer essa relação fornecesse uma espécie de preparo do leitor para o livro. Embora *Alguma poesia* não tenha esse aparato editorial, o poema do *gauche* cumpre uma função semelhante a esse retrato ao apresentar uma *persona* a partir de referências biográficas. Na verdade, o faz de modo muito mais orgânico, porque já integrado à própria poesia e não mais como preâmbulo.

Assim, ao organizar o conjunto *Alguma poesia*, é significativo que Drummond tenha escolhido o “Poema de sete faces” para iniciar sua estreia em livro. O verso “Vai, Carlos, ser *gauche* na vida!” – a um só tempo uma alusão à queda do albatroz de Baudelaire (*comme il est gauche et veule!*)⁵⁰⁸ como ele é *gauche* e frouxo!⁵⁰⁸) e uma remissão autobiográfica – ficariam eternizados como uma espécie de gesto inaugural, nascimento⁵⁰⁹ de um autorretrato obsessivamente perseguido ao longo de toda sua obra. Eucanaã Ferraz definiu o texto como “certidão de nascimento do poeta e de sua *persona* lírica”, uma vez que dá lume ao poeta publicado em livro e a essa *persona* poética que a todo tempo remete à biografia do autor.

O poema, como se sabe, tornou-se símbolo da abertura da obra poética de CDA como um todo. Isso não se deve apenas ao impacto do texto, que já foi rechaçado⁵¹⁰ e elogiado pela crítica e está presente na consciência coletiva do leitor brasileiro⁵¹¹, mas também a um projeto do próprio poeta. Afinal, como observou Sérgio Alcides⁵¹², o poema não ocupou apenas a página inicial do primeiro livro de Drummond, mas das várias coletâneas de sua obra, desde

⁵⁰⁸ BAUDELAIRE, *Op. cit.*, 2019, p. 38. (Tradução nossa).

⁵⁰⁹ Cf. FERRAZ, Eucanaã. “Apresentação”. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia: o livro em seu tempo*. Org. de Eucanaã Ferraz. São Paulo: IMS, 2010, p.9.

⁵¹⁰ “Por que isso se chama ‘Poema de sete faces’ e não ‘Carneiro com batatas’ ou qualquer outra coisa, à vontade do freguês?”. Cf. ALBUQUERQUE, Medeiros e. “Notas literárias”. *Jornal do Commercio*, 8 de jun. de 1930. Reproduzido em: ANDRADE, *Op. cit.*, 2010.

⁵¹¹ Cf. HOUAISS, Antônio. *Drummond mais seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.61.

⁵¹² ALCIDES, Sérgio. “Gauche”. In: CONSENTINO, Bruno; FERRAZ, Eucanaã (Orgs.). *Dicionário Drummond*. São Paulo: IMS, 2022, p. 273.

Poesias, de 1942, até a *Poesia completa*, de 2002. Mesmo na *Antologia poética*, de 1962, em que os poemas tiveram sua ordem alterada em relação às publicações originais, o “Poema de sete faces” continuou à frente. A importância do poema parece, então, estar na função de introduzir o leitor a uma poética que tem como centro o próprio poeta, a invenção de si.

Na segunda metade da década de 1920, Drummond estava consciente de que a elaboração de um livro – especialmente o que o inauguraria como poeta publicado – não era tarefa fácil. Em 1929, preocupavam-no o título da obra, a seleção dos poemas e mesmo a posição e sequência dos textos, como relata a Mário de Andrade:

Estou indeciso quanto a meu livro. Não sei se publico já a *Minha terra tem palmeiras*, com meus poemas mais caracteristicamente brasileiros, ou se publico um livrinho meio fantasista, meio caprichoso chamado (só para intranquilizar) *Pipiripau*. Este é o nome de um notável presepe que descobri na Floresta e sobre o qual tenho escrito alguma coisa no *Diário*. O plano é este: para justificar o título, sapeco logo de entrada um poeminha sobre o tal presepe. Seguem dois poemas sobre o Natal, o do Antônio Crispim e um que saiu no *Jornal*. Depois “A lagoa”, “Festa no brejo”, “Poema que aconteceu”, “O procurador do amor”, “Balada do amor através das idades”, “Hai-kais urbanos”, “Sweet home”, “Fuga”, “Vermicida Lux”, “Elegia do rei do Sião”, “Fantasia”, “Convite ao suicídio” e mais alguma coisa que ainda não escolhi.⁵¹³

Pipiripau é o nome de um presépio criado em Belo Horizonte, no século XX, pelo artesão Raimundo Machado⁵¹⁴, hoje pertencente ao museu da Universidade Federal de Minas Gerais e disponível à visitação pública. À época, o que chamou a atenção de Drummond foi o caráter inovador da obra, composta por 586 figuras móveis que misturam personagens bíblicas a elementos da cultura popular brasileira e do cotidiano da cidade, retratando, por exemplo, os diferentes ofícios nela empreendidos. A obra transcende o tradicional presépio estático e se configura como dinâmica e múltipla, articulando a tradição de Belo Horizonte com o processo de modernização da cidade⁵¹⁵. O poema “Pipiripau”, que daria início à obra de CDA, recriava esse caráter múltiplo. Cada estrofe descreve uma cena do presépio, acumulando diferentes ângulos sobre a obra:

Olha a calma do pescador
pescando sempre o mesmo peixe
com o mesmo anzol

Olha o barqueiro que não é Pedro...⁵¹⁶

⁵¹³ Carta de Drummond a Mário de Andrade. Belo Horizonte, [sem data], 1928. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 315-317.

⁵¹⁴ Sobre as representações literárias da obra, ver: PARAIZO, Mariângela de Andrade. Muita história com poucas letras: um olhar literário ao Presépio do Pipiripau. *Aletria*, Belo Horizonte, jul.-dez., 2006, p. 211-222.

⁵¹⁵ CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). *Raimundo Machado*. Belo Horizonte: C/Arte, 2003, p. 89-90.

⁵¹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Pipiripau”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de jan. de 1927.

O poema foi publicado duas vezes no *Diário de Minas*⁵¹⁷, sob assinatura de Antônio C(h)rispim. A princípio, pode ser considerado muito distinto de “O poema de sete faces”, que tomaria seu lugar de abertura em *Alguma poesia*, a começar pelo fato de que o tema do poema é o presépio, e não o próprio sujeito poético. Contudo, curiosamente alguns aspectos podem ser aproximados do poema escrito em 1928. O ponto de aproximação mais óbvio é a temática do nascimento de Cristo, presente tanto no presépio quanto na aparição do anjo no “Poema de sete faces”, que recria ironicamente o episódio bíblico de anunciação do nascimento de Jesus pelo anjo Gabriel. Não se deve esquecer, inclusive, que o poema foi publicado no *Diário de Minas* por ocasião da celebração do Natal⁵¹⁸. Há, ainda, outros pontos de aproximação entre os textos: a primeira versão do poema, por exemplo, tem sete estrofes que constituem cenas fragmentadas, um recurso radicalizado no poema de 1928, em que se ressalta uma “estética simultaneísta”⁵¹⁹. Se em “Pipiripau” o sujeito poético enuncia que as imagens são vistas por “meus olhos mineiros”⁵²⁰, no “Poema de sete faces” o olhar, ainda que esquivo, se apresenta: “meus olhos/não perguntam nada”⁵²¹. A estrofe iniciada por “Meus olhos mineiros”, como já mencionamos, foi, inclusive, recriada no poema “Confissão” e, de forma menos semelhante, reaparece no verso “meus olhos brasileiros sonhando exotismos” de “Europa, França e Bahia”. Além disso, vale mencionar que a anáfora que inicia a segunda e a terceira estrofe (“Olha [...] / Olha... [...]”) é o mesmo recurso utilizado em “Outubro 1930”: “Olha a negra, / olha a negra, [...] Olha a negra no chão”⁵²². O jornal torna-se, portanto, um espaço de experimentação: nele, CDA publicou poemas que foram posteriormente reelaborados em livro, testou recursos posteriormente reaproveitados em outros textos ou abandonados à esfera mais efêmera dos periódicos.

Mais tarde, em *Boitempo*, o poema “Presépio Mecânico do Pipiripau” relembriaria a obra, caracterizada como “presépio modernista”:

Seu Raimundo, criador do presépio,
revela Deus-motor.
Pipiripau, presépio modernista 1927.⁵²³

⁵¹⁷ Em 30 de janeiro e também em 6 de fevereiro. Ver: ANDRADE, Carlos Drummond de. “Pipiripau”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 de fev. de 1927.

⁵¹⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema de sete faces. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de dez. de 1928.

⁵¹⁹ MERQUIOR, José Guilherme. *Op. cit.*, 2012, p. 39.

⁵²⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Pipiripau. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de jan. de 1927.

⁵²¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema de sete faces. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de dezembro de 1928.

⁵²² ANDRADE, Carlos Drummond de. Outubro 1930. *Op. cit.*, 2012, p. 126-27.

⁵²³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Presépio mecânico do Pipiripau. *In: Op. cit.*, 2002, p. 1138.

Fica claro, portanto, que a intenção de dar título ao livro de poemas com o nome do presépio e de iniciar a obra pelo poema homônimo tem uma motivação ligada a uma visão mais ampla do modernismo, que considera como princípios fundamentais a sobreposição de cenas, a multiplicidade de formas e a mistura entre elementos urbanos e rurais que caracterizavam essa modernização ambivalente, periférica⁵²⁴. Esses elementos poderiam, como mostra CDA, ser encontrados no artesanato regional. Conforme relata Nava, o impacto da obra sobre CDA foi grande a ponto de ele levar alguns amigos para conhecê-la:

Toda essa Floresta era dos meus itinerários de menino e depois o foi outra vez, dos de rapaz, quando ia visitar Carlos Drummond ou quando com ele, Emílio Moura e Martins de Almeida subimos os detrás do Colégio Santa Maria e fomos, dentro do mato grosso das Minas e sua noite preta adentro, descobrir o Brasil no Presépio do Pipiripau.⁵²⁵

O presépio possibilitava, portanto, uma visão do Brasil. Muito diferente do movimento dos paulistas, a “descoberta” do Brasil não estava em uma viagem ao interior de Minas Gerais, mas em uma visita da obra religiosa, contemporânea aos escritores, exposta no bairro Floresta. Curiosamente, o criador do presépio chama-se Raimundo, que, não mencionado em “Pipiripau”, só aparece nominalmente no poema de *Boitempo*. Contudo, o nome Raimundo teria aparecido muito antes, justamente no “Poema de sete faces”: “Se eu me chamasse Raimundo/ seria uma rima, não seria uma solução”.

Quase todos os poemas que comporiam esse livro, mencionados por CDA em carta a MA⁵²⁶, foram de fato publicados em *Alguma poesia*, inclusive os poemas sobre o Natal, provavelmente “O que fizeram do Natal”⁵²⁷ e “Papai Noel às avessas”⁵²⁸, embora não tenham sido mantidos na sequência comentada na carta. “O procurador do amor” saiu apenas no livro seguinte, *Brejo das almas* (1934); “Fantasia”⁵²⁹ sofreu algumas alterações importantes na publicação, inclusive a mudança de título para “Casamento do céu e do inferno”; “A lagoa”,

⁵²⁴ O termo é uma apropriação, no contexto do modernismo mineiro, de uma expressão usada por Beatriz Sarlo na análise do modernismo em Buenos Aires no mesmo período. Cf. SARLO, Beatriz. *Op. cit.*, 2010.

⁵²⁵ NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 258.

⁵²⁶ Carta de Drummond a Mário de Andrade. Belo Horizonte, [sem data], 1928. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 315-317.

⁵²⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “O que fizeram do Natal”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de dez. de 1927.

⁵²⁸ A questão é incerta, afinal, o poema só foi publicado em 1929, então seria impossível ter sido aludido em uma carta de 1928. Apesar disso, é o único poema sobre Natal publicado em *O Jornal* por CDA. ANDRADE, Carlos Drummond de. “Papai Noel às avessas”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 de jun. de 1929.

⁵²⁹ O título é circunstancial. O poema foi publicado no período do carnaval em um número da *Para todos* em que havia muitos textos dedicados ao tema. Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. “Fantasia”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 15 de jan. de 1925, p.40.

antes inédito, saiu sob o título de “Lagoa”; “Hai-kais urbanos”⁵³⁰ e “Convite ao suicídio”⁵³¹, apesar de terem sido publicados em periódicos, não integram o livro; “Vermicida Lux”, também não publicado, nunca foi encontrado no arquivo de CDA nem consta no levantamento organizado por Py⁵³².

A substituição do projeto *Minha terra tem palmeiras* por *Pipiripau* resolvia em partes o problema com que Drummond se confrontava. O caderno de 1926 já não tinha o mesmo efeito em 1928, especialmente porque muitos poetas já haviam tomado como questão central de suas obras a busca pela identidade nacional e o abasileiramento da poesia:

Aliás será um problema danado, o de reunir os poemas. Como você disse muito bem, seria besta que eu aparecesse dizendo o que mil sujeitos já disseram antes de mim, e de que infelizmente as minhas coisas estão cheias no período *Minha terra tem palmeiras*. Meus versos guardados demais na gaveta ficaram velhos. Paciência. Também eu já estou aporrinhando de brasileirismo confessado. Meu brasileirismo agora já está assimilado, já faz parte de mim, não me preocupa mais.⁵³³

Como vimos ao longo deste trabalho, Drummond manteve, ao longo da década de 1920, certa distância crítica em relação às ideias de identificação nacional, assim como sempre esteve cético quanto à possibilidade de construção de uma tradição literária brasileira. Diante das ideias à época difundidas, uma importante linha de fuga criada pelo poeta foi, justamente, a interiorização da questão nacional: o passado colonial, por exemplo, foi tomado como parte constitutiva do sujeito poético e de sua história pessoal, e a identificação com a nação foi posta mais como impossibilidade do que como assimilação. Em 1928, mesmo Mário de Andrade, que havia achado o título *Minha terra tem palmeiras* “admirabilíssimo”⁵³⁴, recomendava a CDA outra estratégia:

Poemas de interesse imediatamente brasileiro estão em moda positivamente. Estão em moda até por demais. *Minha terra tem palmeiras* viria reforçar esse ritmo tomado [...]. Talvez convenha abandonar pra revistas ou pra morte alguns dos poemas já feitos... Porque está se tornando tarde para você publicá-los agora. Nas revistas nada morre de todo. As revistas ficam e que, fica mesmo célebre sempre topará depois de morto com quem reúna ou edite em artigos as coisas esparsas. [...] Minha opinião creio que é esta mesmo: uma seleção severa escolhendo o que você já fez de mais *forte* e de mais *original*.⁵³⁵

⁵³⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Hai-kais urbanos”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1925. Republicado em: *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 de julho de 1931. Foi assinado pelo pseudônimo Manoel R. Garcia.

⁵³¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Convite ao suicídio”. Verde – edição fac-similar, ano 1, n. 4, p. 17. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *Ob. cit.*, 2014.

⁵³² PY, Fernando. *Op. cit.*, 2002.

⁵³³ Carta de Drummond a Mário de Andrade. Belo Horizonte, 10 de jul. de 1928. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 326-327.

⁵³⁴ Carta de Mário de Andrade a CDA. São Paulo. [Sem data], 1924. Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 72.

⁵³⁵ Carta de Mário de Andrade a CDA. São Paulo, 28 de fev. de 1928. Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 320-321. (Grifo do autor).

A ideia de uma reunião dos poemas mais originais passava, por exemplo, pela escolha de “No meio do caminho” e de textos publicados na revista *Verde* – “Sinal de apito” e “Quadrilha” –, com a exceção de “Convite ao suicídio”, que, como já comentamos, não agradava a Mário⁵³⁶. Os textos apontados por MA são, de fato, inovadores: dois deles, “No meio do caminho” e “Quadrilha”, hoje figuram entre os poemas mais conhecidos de CDA. Sua modernidade concentra-se tanto na estrutura dos textos, constituídos a partir de recursos muito como a repetição, o predomínio de substantivos e a linguagem prosaica, quanto nos temas: a urbanização, o desencontro amoroso e, no limite, a banalidade enigmática da pedra, aquela que no Brasil dividiu “as pessoas em duas categorias mentais”⁵³⁷.

Na elaboração de *Alguma poesia*, Drummond acatou a orientação do amigo, o que se nota tanto na inclusão dos poemas “No meio do caminho”, “Sinal de apito” e “Quadrilha”, anteriormente publicados no periódico modernista de Cataguases, quanto pela ideia de uma coletânea, sugerida pelo próprio título da obra. Contudo, importa pontuar que, a despeito do que o título da obra possa sugerir, o livro não é uma reunião descriteriosa ou uma amostragem modesta do trabalho de CDA, mas uma “arrumação”⁵³⁸ que pressupõe a inclusão e exclusão de títulos, sua ordenação e a reescrita de muitos deles.

Como vemos, a publicação de um livro, além da “impressão de consistência”⁵³⁹ que poderia atribuir ao trabalho literário de Carlos Drummond, consolidando-o como poeta, envolve muitas outras questões. Uma das mais importantes é a diferença entre a publicação em livro, nas revistas modernistas e nos jornais. Ao longo desta pesquisa, notamos um maior cuidado de Drummond com a seleção de textos para as revistas em comparação aos publicados em jornal. Aqueles poemas, além de serem bastante inovadores, às vezes eram reelaborações de textos já publicados em jornal. Isso se explica pelo fato de esses periódicos modernistas serem suportes dedicados à veiculação de literatura e que, por isso, tinham um público mais específico, além

⁵³⁶ Carta de Mário de Andrade a CDA. São Paulo, 21 de janeiro de 1928. Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 309.

⁵³⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Autobiografia para uma revista”. *Confissões de Minas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 65. Em entrevista a Lya Cavalcanti na Rádio Ministério da Educação e Cultura, disse CDA: “Como podia eu imaginar que um texto insignificante, um jogo monótono, deliberadamente monótono, de palavras causasse tanta irritação, não só nos meios literários como ainda na esfera da administração, envolvendo seu autor numa atmosfera de escárnio?” (Cf. ANDRADE, Carlos Drummond. *Tempo vida poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.48.). De fato, “No meio do caminho” foi muitas vezes usado como “mau exemplo” da literatura modernista, em um contexto de difamação do modernismo. Como se sabe, Drummond reuniu trechos dos textos críticos sobre o poema em um livro publicado em 1967, por ocasião do aniversário de 40 anos da pedra, o que também gerou novos debates sobre o poema. Ver: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Uma pedra no meio do caminho*: biografia de um poema. São Paulo: IMS, 2010.

⁵³⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Primeira arrumação do meu livro *Alguma poesia*, que só seria editado em 1930”. In: *A lição do amigo*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 87, nota I.

⁵³⁹ “Um livro de você é pra mim, não pra dentro de mim, mas pro meu modo de ver as coisas que é tão social e pragmático, um livro de você vem dar a impressão de consistência que a verdade me dá.”. Carta de Mário de Andrade a CDA. São Paulo, 19 de nov. de 1929. Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 362.

de darem maior visibilidade ao escritor como poeta. Esses meios são, portanto, mais definitivos que os jornais, o que leva Mário a dizer que “nas revistas nada morre de todo”⁵⁴⁰.

Também é preciso que se considere o desprestígio da literatura nos jornais, muitas vezes rebaixada a uma função de adorno ou preenchimento gráfico. Baudelaire, em 1846, dizia aos novos escritores que “a literatura, que é a matéria mais inapreciável, – é acima de tudo um preenchimento de colunas”⁵⁴¹. Na década de 1920, em Belo Horizonte, a literatura cumpria mais ou menos o mesmo papel, como disse CDA: “Mas no *Diário de Minas*, então, era o seguinte: o governo não ligava absolutamente para o Modernismo. A gente praticava as maiores bobagens ou as maiores molecagens...”⁵⁴². Para Drummond, assim como para muitos outros escritores do fim do século XIX e do século XX, o jornal foi um espaço de experimentação, que não era o meio por excelência da poesia e, justamente por isso, poderia disfarçá-la em meio à indiferença e à fugacidade.

Muito diferente disso era o livro, que não se resume a um mero suporte para os textos. Tomado como um conjunto, o livro pode ser entendido como um “organismo *poiético*”⁵⁴³, de forma que sua composição – o título, a seleção dos poemas, sua ordenação e outros elementos editoriais – implica sobre a significação da obra. Sua organização, portanto, envolve uma ficção própria e também constitui um trabalho de criação literária, assim como a concepção dos poemas.

Ao aconselhar Drummond na concepção da primeira obra, Mário de Andrade, além de considerar o momento importuno para fazer coro às temáticas brasileiras, já tão exploradas na década de 1920, observava que Drummond deveria conservar aquilo que por tanto tempo defendeu e cultivou: o individualismo e a liberdade de criação. O mais importante, assim, era que seu livro de estreia fosse capaz de capturar esses princípios, que nortearam os primeiros anos de produção crítica e literária de CDA:

Mas tudo isto vem aqui em função de você. Me parece um pouco tardio pra você ir na onda. Tanto mais que o espírito individualistamente contemplativo e observador de você, bem livre, não combina com isso. Mais liberdade de inspiração, mais variedade *déroutante* é que é você. O *Minha terra tem palmeiras* não parece mesmo pra você

⁵⁴⁰ Carta de Mário de Andrade a CDA. São Paulo, 28 de fev. de 1928. Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 320-321. (Grifo do autor).

⁵⁴¹ “[...] *la littérature, qui est la matière plus inappréciable, – est avant tout un remplissage de colonnes [...]*”. Cf. BAUDELAIRE, Charles. *Conseils aux jeunes littérateurs* [1846]. In: *Œuvres complètes*, II, Paris, Gallimard, 1976, p. 385. (Tradução nossa).

⁵⁴² Entrevista a Maria Zilda Cury. Cf. CURY, *Op. cit.*, 1998, p.152.

⁵⁴³ ALCIDES, Sérgio; VERAS, Eduardo. Apresentação. O livro como organismo poiético. *Remate de Males*, Campinas, v. 37, n. 1, 2017, p. 5 – 7.

também que vinha agora meio cambulhada? Talvez fosse melhor sacrificar a unidade do livro em prol duma maior unidade de você...⁵⁴⁴

No comentário de Mário de Andrade, chama a atenção o uso do termo *déroutante* – desorientadora, desconcertante. O adjetivo francês caracteriza um estado de desvio de rota, algo próximo ao desajuste e à tortuosidade da *gaucherie* (outro termo francês) que seria o fundamento da *persona* poética inventada por CDA. Os outros atributos associados ao escritor mineiro – a liberdade e o individualismo – seriam parte central da crítica que Mário de Andrade fez à publicação de *Alguma poesia*. No famoso ensaio “A poesia em 1930”, Mário de Andrade falou sobre a existência de um “individualismo exacerbado”, um “detalhamento individual”, “psicologicamente, quase desnordeante”⁵⁴⁵ – para não dizer *déroutante*.

Muitos outros críticos, depois de Mário de Andrade, perceberam que um dos principais eixos da poesia drummondiana é o próprio indivíduo, de forma que o biográfico constitui uma importante matéria de poesia. Para Merquior⁵⁴⁶, por exemplo, a voz lírica de *Alguma poesia*, muito individualista, está ligada a uma visão idealista de subjetividade, embasada na ideia romântica de que a poesia residiria na vida. Já Antonio Candido observou uma “exposição mitológica da personalidade”, um “egotismo profundo” e a pesquisa dos vários rumos de uma “personalidade tirânica”⁵⁴⁷. Affonso Romano de Sant’Anna⁵⁴⁸ tomou o “eu” e sua relação com o “mundo” como princípios de categorização da poesia de CDA em três atos: “Eu maior que o mundo”, “Eu menor que o mundo” e “Eu igual ao mundo”. Essa linhagem existencialista comporia uma espécie de “périplo em torno de si mesmo”⁵⁴⁹. Silviano Santiago ressaltou a capacidade da poética drummondiana de realizar uma “transferência da experiência pessoal e original para o(s) outro(s)”⁵⁵⁰. Afrânio Coutinho⁵⁵¹ caracterizou CDA como um “poeta extremamente individual”; Otto Maria Carpeaux falou sobre a existência de uma “alma muito

⁵⁴⁴ Carta de Mário de Andrade a CDA. São Paulo, 28 de fev. de 1928. Cf. SANTIAGO, *Op. cit.*, 2002, p. 320-321.

⁵⁴⁵ ANDRADE, Mário de. A poesia em 1930. In: *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002, p. 42 -45.

⁵⁴⁶ MERQUIOR, José Guilherme. *Op. cit.*, 2012, p. 59-60.

⁵⁴⁷ CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. *Op. cit.*, 1977, p. 68.

⁵⁴⁸ SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Drummond, o “gauche” no tempo*. Rio de Janeiro: LIA, INL, 1972, p. 15-17.

⁵⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁵⁰ SANTIAGO, Silviano. Introdução à leitura dos poemas de CDA. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Op. cit.*, 2002, p. 8.

⁵⁵¹ COUTINHO, Afrânio. Nota editorial à obra completa. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964, p.11-12.

peçoal”⁵⁵²; Luiz Costa Lima⁵⁵³ notou um “indisfarçável e inarredável núcleo individualista” a reger a obra; Davi Arrigucci apontou uma “flexibilidade e subjetividade problemática”.

Um dos principais efeitos dessa poética, que incorpora elementos biográficos à obra, é uma aproximação com o leitor, que tende a ter uma sensação de que a experiência de leitura o levaria, de fato, a conhecer uma pessoa ou a se reconhecer em uma história pessoal – é o “ar de família” para o qual Antonio Candido chamou a atenção⁵⁵⁴. Após a morte do poeta, quando os jornais foram tomados por homenagens ao mineiro, Flora Süssekind⁵⁵⁵ atribuiu o alcance da obra de Drummond a um tipo de dissolução da fronteira entre a poesia e a crônica. Parte dos recursos da poesia de CDA seriam, para a crítica, justamente retirados da experiência com a prosa, como o aproveitamento do circunstancial⁵⁵⁶. Em um caminho que procura explicar o poético pelo que ele tem de prosaico, a crítica mostra como uma das forças da poesia de Drummond essa cumplicidade capaz de restaurar o laço com o leitor moderno.

Além de todos os elementos autobiográficos encontrados na obra de Drummond, algo que certamente contribuiu para essa chave de leitura da crítica literária foram as declarações públicas que o poeta fez em vida sobre si e seu trabalho. Em muitos momentos, CDA descreveu sua obra como confessional, uma espécie de registro da própria experiência em vida:

Sinto-me um pouco sem assunto todas as vezes que alguém me pede para contar minha vida. Por dois motivos: primeiro, porque minha vida é realmente pobre de acontecimentos, do ponto de vista da história de quadrinhos, da biografia política ou pitoresca; segundo, porque o que há nela de assunto já está contado tão claramente em meus livros, que não sobra nada para a conversa. Se sobrasse, não deixaria de aproveitá-lo para mais alguns versinhos... Minha poesia é autobiográfica.⁵⁵⁷

Para o crítico literário Lawrence Lipking⁵⁵⁸, a presença de referências ao próprio poeta em uma obra não é exceção, mas regra quando se observa a história da poesia. Em oposição à perspectiva neocrítica do fechamento exclusivo no texto, Lipking desenvolveu o conceito de “vida de poeta”. A intenção não foi voltar ao estudo da biografia segundo uma lógica causal entre fato biográfico e obra literária, mas investigar a vida do poeta “como um poeta”, compreendendo não apenas os impactos do que o autor diz sobre a própria obra na recepção literária, mas também considerando os efeitos do que o poeta diz sobre si. Uma das

⁵⁵² CARPEAUX, Otto Maria. *In: História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1981, p. 493-495.

⁵⁵³ COSTA LIMA, Luiz. *Lira e antilira (Mário, Drummond e Cabral)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p.41.

⁵⁵⁴ CANDIDO, Antonio. Drummond prosador. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p.13.

⁵⁵⁵ SÜSSEKIND, Flora. “Um poeta invade a crônica”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 de ago. de 1987, p.11.

⁵⁵⁶ Costa Lima falou sobre o “domínio do coloquialismo” (*apud SÜSSEKIND, Op. cit.*, 1987, p.11).

⁵⁵⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. CDA por ele mesmo - reportagem literária de Eneida. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de jan. de 1955.

⁵⁵⁸ LIPKING, Lawrence. *The life of the poet – Beginning and Ending Poetic Careers*, 1981.

consequências fundamentais desse pensamento foi a ideia de que a produção de um escritor deve ser tomada em sua totalidade, de modo que as declarações que faz de si e de sua obra também constituem atos de criação literária. Para usar as palavras de Lipking, “não existe *fora* da obra do poeta”⁵⁵⁹.

O argumento de que poetas podem, a partir disso, “criar seu próprio destino”⁵⁶⁰ inspirou a crítica de carreira, que tem como ponto de partida “a totalidade da produção textual de um autor e pergunta como essa obra, como um todo, se molda, tanto nas relações intratextuais quanto nas reivindicações que faz para refletir ou moldar condições de produção extratextuais”⁵⁶¹. Logo, mais interessante do que o estudo da biografia dos poetas seria a investigação da biografia contida nos poemas. Partindo da ideia de que uma obra poética pode constituir uma experiência de vida, Lipking ainda estabeleceu a existência de três momentos da construção dessa história: “*initiation*, “*harmonium*” e “*tombeau*”⁵⁶². O primeiro deles seria, justamente, a fase comparável àquela que é objeto de estudo desta pesquisa, quando o poeta está investigando a própria imagem, o início da automodelagem de sua imagem e de sua carreira.

Tomada em seu conjunto, a poesia de Drummond fornece a história de um eu (ainda que multifacetado), de modo que essa narrativa subjetiva parece uni-la de ponta a ponta. Muito antes de publicar “Poema de sete faces” e consolidar sua imagem *gauche*, Drummond se deparou com a questão da definição de uma autoimagem e com a problemática da autoria. O próprio poema citado, por exemplo, foi primeiro publicado sob o pseudônimo Carlos Alberto⁵⁶³, em nenhum outro momento usado. A brincadeira aproximava, no ambiente público do jornal, a relação entre vida e obra: se o poema enunciava “Carlos” e trazia a descrição física de um sujeito próxima ao semblante do autor, a assinatura – um jogo de aproximação e distanciamento com o nome do poeta – ironiza a possibilidade de uma assimilação completa entre sujeito poético e escritor.

⁵⁵⁹ “*It does not exist outside the work of the poet*”. *Ibidem*, p. 9. (Tradução nossa).

⁵⁶⁰ *Ibidem*, p.9.

⁵⁶¹ “*Career criticism takes as its starting point the totality of an author’s textual output and ask how that oeuvre as a whole shapes itself, both in its intratextual relationships (...), and in the claims it makes to reflect or mould extratextual conditions of production (...)*”. Cf. HARDIE, P.; MOORE, H. (Ed.). *Classical Literary Careers and their Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p.1. (Tradução nossa).

⁵⁶² LIPKING, Lawrence. *Op. cit.*, 1981, p.11.

⁵⁶³ Sob a assinatura de Carlos Alberto Drummond também publicou o poema em prosa “São sete horas da noite” no *Diário de Minas* em 25 de dez. de 1928. A primeira publicação desse texto está no *Pata todos*, Rio de Janeiro, 23 de jan, de 1926, assinada sob Carlos Drummond.

Já nos primeiros escritos, Drummond testava a pseudonímia e a heteronímia. Uma de suas primeiras produções éditas, o texto “Onda”, foi assinado pelo curioso nome Wimpl⁵⁶⁴. Mais tarde, durante sua contribuição nos periódicos de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro, publicou sob assinaturas como Artur Cajazeiras, Borba Gato, Constantino Serpa, Manoel R. Garcia, Raulino Feijó, Rodrigo Tostes, Januário Bueno e outros, chegando mesmo a utilizar a expressão *El caballero sentimental* como assinatura do poema “Família”⁵⁶⁵. Algumas dessas assinaturas constituíam *personas*, pois tinham um estilo próprio e eram associadas a textos em um determinado período. Um bom exemplo é Manoel Fernandes da Rocha, que assinou quatro poemas no *Diário de Minas*⁵⁶⁶. Os textos tinham uma clara inspiração penumbriada e se pareciam com poemas em prosa assinados por Carlos Drummond no *Para todos*, distanciando-se mais de sua produção poética.

Drummond chegou a estabelecer relações entre essas *personas* no ambiente público do jornal: “Belo Horizonte”, publicado no *Diário de Minas*, por exemplo, foi assinado por Constantino Serpa e dedicado a Antônio Crispim. Na mesma página, lado a lado com o poema, há um texto em prosa assinado por Rodrigo Tostes:

⁵⁶⁴ Cf. PY, *Op. cit.*, 2002, p. 20.

⁵⁶⁵ “Família”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 4 de dez. de 1926.

⁵⁶⁶ “Sê como as torres longas e finas” (1 de dez. de 1922), “E ela não volta...” (7 de dez. de 1922), “A beleza da vida na alegria da manhã” (28 de dez. de 1922) e “Na tarde cheia de doçura...” (14 de jan. de 1923).

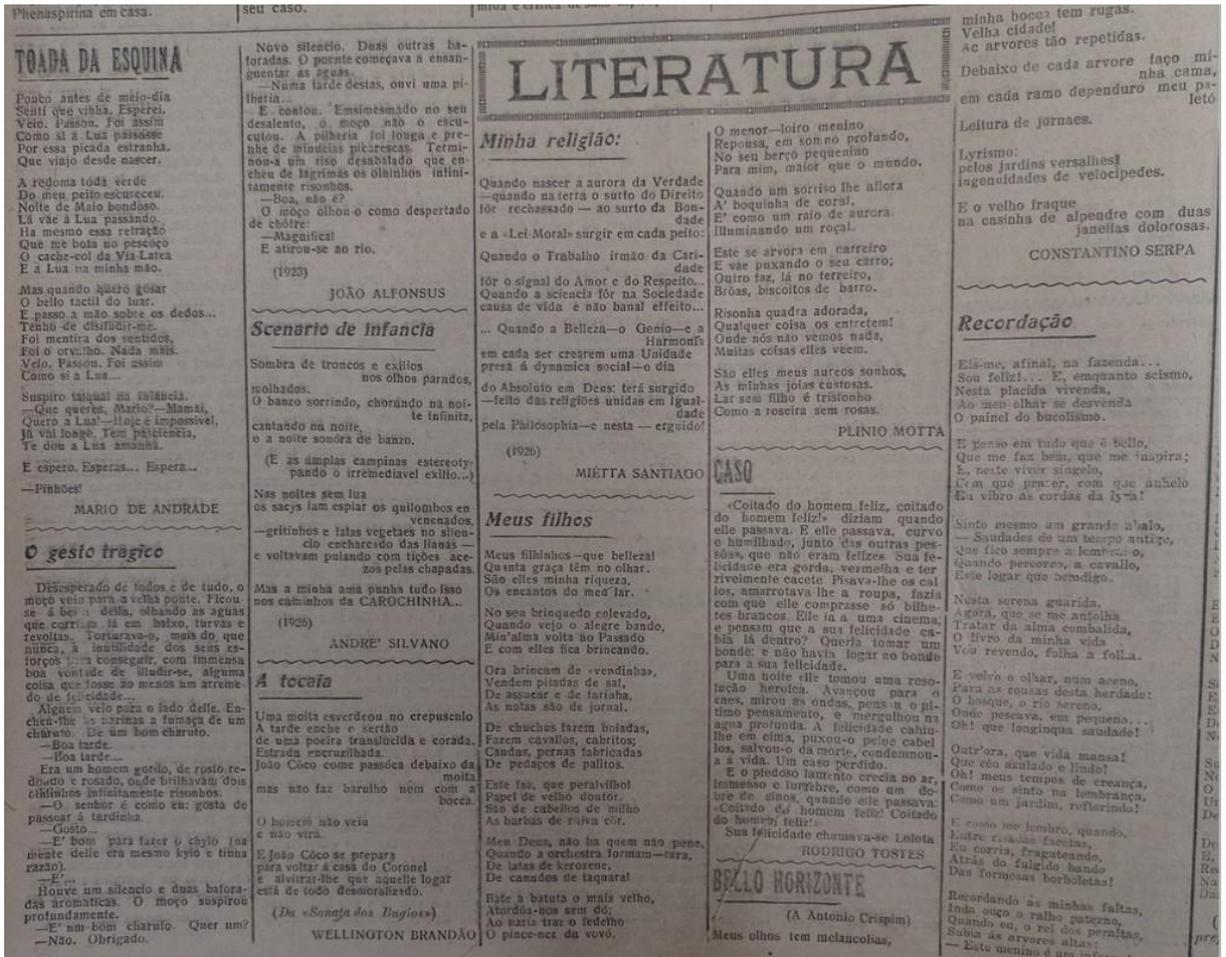


Figura 3 – Diário de Minas, Belo Horizonte, 20 de mar. de 1927.

Note-se que, além do fato de uma publicação ser em prosa e outra em verso, os textos têm pouco em comum. O primeiro, mais reflexivo e amargurado, volta-se às inquietações advindas de uma desilusão amorosa e se afasta de questões caras aos primeiros anos do modernismo no Brasil, como a tensão entre estrutura colonial e modernização, central no poema “Belo Horizonte”, inclusive mais tarde integrado a *Alguma poesia*. A dicção melancólica, embora fundamental em ambos os textos, no primeiro é mais ácida e, bem-humorada, ironiza o próprio personagem; já no segundo, a melancolia é mais próxima a um tom de lamento.

Analisando a produção literária do período, faz sentido que “Belo Horizonte” tenha sido dedicado a Antônio Crispim. Afinal, sob essa assinatura, durante os anos 1920, saíram poemas que testavam as inovações literárias do período, como o já comentado “Poema sobre uma casa”⁵⁶⁷, publicado com uma nota metapoética, o “Pipiripau”⁵⁶⁸, ou o irônico “1 de janeiro”⁵⁶⁹, que, de forma bem-humorada, reflete sobre o início do ano e a convenção dos calendários. Mas

⁵⁶⁷ C(H)RISPIM, Antônio. Poema sobre uma casa. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 de out. de 1929.
⁵⁶⁸ CRISPIM, Antônio. Pipiripau. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 de fev. de 1927.
⁵⁶⁹ CRISPIM, Antônio. 1 de janeiro. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 1 de jan. de 1929.

o que chama mais a atenção é que, no ano seguinte, o poema “Confissão” (também inserido em *Alguma poesia*) foi publicado sob a assinatura de Crispim. O início do texto é muito similar aos primeiros versos de “Belo Horizonte”:

Meus olhos coloniais
namoraram as velhas casas caindo.
Minhas mãos coloniais
acariciam os móveis pretos carunchados.⁵⁷⁰

Além do uso do pronome possessivo, que funciona como uma espécie de estrutura anafórica nos dois poemas, a menção aos olhos abre os textos (“Meus olhos têm melancolias”; “Meus olhos coloniais”). Os sujeitos poéticos também têm em comum certo apego a um passado em ruínas, sintoma, como já notado, caracteristicamente melancólico. Assim, se no poema de Constantino Serpa os olhos carregam “melancolias”, no de Crispim eles são “coloniais”; se a boca do primeiro sujeito poético tem “rugos” e a cidade é “velha”, no segundo poema também o passado constitui o sujeito e seu entorno de “casas velhas” e “móveis carunchados”. Como se o poema de Serpa tivesse inspirado o de Crispim, Drummond arma, no próprio jornal, uma relação de influência entre eles. Outro ponto alto desse jogo é uma nota que sai no *Diário de Minas* de 1929⁵⁷¹. Assinada por Raulino Feijó, ela precede a transcrição de um poema, “Meu pobre amigo”, de autoria atribuída a Constantino Serpa, e anuncia a morte deste.

O jogo dramático entre essas diferentes *personas* lembra as encenações que Fernando Pessoa realizava, em Portugal, no mesmo período histórico. Como se sabe, o poeta português não só levou às últimas consequências a questão da heteronímia, como teorizou sobre ela, diferenciando os pseudônimos dos heterônimos:

A obra pseudônima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina; a heterônima é do autor fora da sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como o seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu. [...] Estas individualidades devem ser consideradas como distintas da do autor delas. Forma cada uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama. [...] As obras destes três poetas formam, como se disse, um conjunto dramático; e está devidamente estudada a entreação intelectual das personalidades, assim como as suas próprias relações pessoais. [...] É um drama em gente, em vez de em atos.⁵⁷²

O trecho foi retirado da “Tábua Bibliográfica de Fernando Pessoa”, originalmente publicada no número 17 da revista portuguesa *presença*, em 1928. Nesse momento, o poeta referia-se às obras de Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. O sentido do termo

⁵⁷⁰ CRISPIM, Antônio. Confissão. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de out. de 1928.

⁵⁷¹ Cf. PY, *Op. cit.*, 2002, p. 224-225.

⁵⁷² PESSOA, Fernando. *Teoria da Heteronímia*. Porto: Assírio & Alvim, 2012, p.227-228.

“drama” atribuído por Pessoa é de um “um todo organicamente concebido”⁵⁷³, para o qual era fundamental não apenas a gênese das *personas*, mas à sua “entreação”. Muitas vezes isso ocorreu no espaço público dos periódicos portugueses, nos quais um texto assinado por um heterônimo era endereçado a outro, ou quando um criticava a obra de outro ou mesmo prefaciava a produção atribuída a outro⁵⁷⁴. Nesse “drama em gente”, o escritor não é responsável por criar atos, mas *personas* com estilos e biografias bem definidas.

Considerando a diferenciação estabelecida por Pessoa, as diferentes *personas* que Drummond cria nos anos 1920 estão mais próximas à categoria de heterônimos que de pseudônimos. Entre os pseudônimos, podemos citar as diferentes assinaturas testadas pelo mineiro nesses anos, como Carlos Drummond, Carlos Drummond de Andrade, C., C.D. e CÊDÊA, como informa Py⁵⁷⁵. Mesmo Carlos Alberto, que assina o “Poema de sete faces” e brinca com o nome do autor, pode ser considerado um pseudônimo, principalmente por não constituir um estilo próprio. Quanto às *personas*, apesar de Drummond não ter desenvolvido cada uma delas em profundidade, nem se embrenhado intensamente na interação entre elas, notamos como algumas têm estilos bem-definidos, além de ser importante observar toda a encenação que CDA cria nos jornais. De fato, esse jogo pode também ser considerado como “dramático” e constitui parte significativa da maturação da obra literária de Drummond nesse período, sendo fundamental à sua investigação sobre autoria e subjetividade.

Sob a identidade de Antônio Crispim, por exemplo, CDA não publicou apenas poemas, mas também crônicas e textos de crítica literária, como a homenagem a Ascânio Lopes em razão de sua morte⁵⁷⁶. Além disso, em uma das publicações de “Pipiripau”, Crispim chega a ser apresentado no *Diário de Minas* como um “colaborador”⁵⁷⁷. A nota, provavelmente escrita pelo próprio Drummond, levava o leitor a crer que Crispim seria, de fato, uma pessoa. Na seção de correspondência com o leitor da *Fon-fon*, por exemplo, há uma resposta da revista dirigida a Antônio Crispim. Na ocasião, o editor havia criticado Crispim pelos “exageros e arrojados de imagens”⁵⁷⁸ presentes em seus poemas, aproximando-os do futurismo de Guilherme Appolinaire e Jean Cocteau, o que reforça o argumento de que esse heterônimo era mais próximo às tendências modernistas dos anos 20. Outro indício dessa modernidade é o fato de

⁵⁷³ *Ibidem*.

⁵⁷⁴ Cf. URIBE, Jorge. *Um drama da crítica: Oscar Wilde, Walter Pater e Matthew Arnold, lidos por Fernando Pessoa*. 2014. 381 f. Tese (Doutorado) – Programa em Teoria da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

⁵⁷⁵ PY, *Op. cit.* 2002, p. 22.

⁵⁷⁶ Ascânio Lopes. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 13 de jan. de 1929.

⁵⁷⁷ C(H)RISPIM, Antônio. Confissão. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de jan. de 1927.

⁵⁷⁸ *Fon-fon*, Rio de Janeiro, 13 de set. de 1924.

que CDA deu continuidade a essa *persona*. Antônio Crispim assinou muitas crônicas publicadas na década de 1930 e tornou-se um dos heterônimos mais conhecidos do escritor.

Já sob a assinatura de Rodrigo Tostes foram publicados textos muito diferentes tanto dos de Crispim quanto dos de Serpa. Trata-se de produções em verso e prosa que refletem sobretudo sobre a passagem do tempo, a impossibilidade da felicidade e a morte:

Este relógio está doído.
Enche de luto a minha vida
e de fantasmas o meu luto.⁵⁷⁹

O poema se vale da repetição do verso “Este relógio está doído”, que o estrutura, e da inversão de termos, como vemos na estrofe citada. As sombras, a noite e os fantasmas são elementos recorrentes nos textos publicados sob essa assinatura. É importante salientar que, apesar disso, são textos que distanciam da tendência penumbriada, justamente por uma ironia característica de Serpa. Em um texto muito interessante, chamado “Retrato”, o tema é a vida de um personagem multifacetado, dividido entre as diferentes linhas de sua personalidade, que, no fim, acaba vitimado por uma ironia corrosiva:

À força de divertir-se com os outros, acabou por divertir-se consigo mesmo, experimentando na intimidade de seu espírito o punhal de dois gumes de sua dialética. E morrendo, já não distinguia a própria sombra que o rodeava. Sorriu de si próprio, fez pilhérias com as suas ideias mais sinceras e as suas emoções mais generosas. Refletindo-se em todas as posições, na face de todos os espelhos avivando, apagando e torcendo as linhas de sua personalidade. Assim, tendo possuído por tantos anos o demônio da ironia, acabou entre as suas garras, machucado e vencido. Uma lamentável verdade, esta: os jogos do espírito são mortais.⁵⁸⁰

A ideia de que a personalidade pode ser torcida, enviesada, é ponto fulcral para compreensão da obra de Drummond – o próprio Drummond, ao organizar sua *Antologia poética* (1962), denominou a primeira parte de poemas como “Um eu todo retorcido”, que Haroldo de Campos identifica como o eixo temático relativo ao indivíduo⁵⁸¹. “Apagar” e “torcer” a personalidade constituem exercícios que podem ser vistos não apenas na criação das diferentes *personas*, mas também são temas de muitos textos do período. Um elemento frequente para representar essa multiplicação do sujeito é o espelho, que reaparece em outras obras do período. Em “Diálogo em frente aos espelhos”, de 1922, o personagem conversa com uma voz misteriosa, que parece se originar de sua própria imaginação:

⁵⁷⁹ TOSTES, Rodrigo. Relógio. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de jun. de 1928. Datado de 1922.

⁵⁸⁰ TOSTES, Rodrigo. Retrato. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de jan. de 1927. O texto já havia sido publicado antes, em 1925, no *Para todos*, sob assinatura de Carlos Drummond. Ver: ANDRADE, Carlos Drummond de. Retrato. *Para todos*, Rio de Janeiro, 24 de jan. de 1925.

⁵⁸¹ CAMPOS, Haroldo de. Drummond, mestre de coisas. In: *Op. cit.*, 2006, p.53.

Eis-me só diante de mim mesmo, interrogando os meus mais íntimos pensamentos e as minhas ânsias mais profundas. Em torno de mim, só há espelhos, grandes espelhos calados, refletindo a minha solidão. Ouço uma voz que pergunta...

– “De onde vistes, meu amigo? Trazes n’alma o cansaço de caminhadas inúteis por caminhos estéreis. Sentiste muito, e, agora, bocejas muito. Há em ti qualquer coisa de vagamente perdido e angustiosamente procurado. Dir-se-ia que tens saudade do teu ser primitivo...

De onde vistes, meu amigo?”

– “Ah! Eu vim de não sei onde, por caminhos deslumbrantes, de olhos arregalados para as coisas! Havia pedras por esses caminhos, e farpas e empecilhos cruéis.”⁵⁸²

Como vemos, no texto publicado dois anos antes de “No meio do caminho”, Drummond já atribuía ao tema do caminho um caráter problemático que Villaça identificou em outros momentos de sua obra⁵⁸³. No caso, o cansaço do personagem está ligado à metáfora da pedra, uma forma de empecilho responsável pelo abatimento. Se no poema da pedra as retinas do sujeito poético são “tão fatigadas”, nesse texto a prostração da alma se manifesta pelo bocejo, que, a essa época, era símbolo do tédio, como já vimos, gesto recriado de Baudelaire.

A razão dessa busca infecunda é, como a voz sugere, uma saudade do ser primitivo. Apesar de estar diante de diferentes espelhos, ao olhá-los, o sujeito não encontra identificação. A imagem do espelho é frequente nesse período da produção literária de CDA. Em “Os três espelhos da sala abandonada”⁵⁸⁴, por exemplo, há um diálogo entre espelhos que pressupõe a encenação, na verdade, de um monólogo daquele que neles se reflete. Em outro caso, a falta de reconhecimento entre sujeito e imagem projetada chega ao ponto de essa imagem não mais existir:

Nos jardins vestidos de névoa, anda vagando um vulto misterioso de mulher magra...
Seus passos não acordam nenhum rumor, seu corpo não gera nenhuma sombra [...].
Foge dos espelhos, que já lhe não refletem as formas longas e finas, foge de si mesma,
foge de tudo, nos jardins vestidos de névoa...⁵⁸⁵

Também a sombra – outro reflexo do indivíduo – desaparece. Ela é mencionada em outros textos do período cujo tema é essa perseguição identitária, frequentemente angustiada:

No meu leito vazio, as rugas das cobertas são melancólicas, e parecem chorar a ausência de um corpo de seda, eleito entre os mais. Vagam pelas paredes os últimos fantasmas da minha noite de inquérito ao desconhecido. E na sombra, eu percebo ainda a face zombeteira dos enigmas, – e no espelho, percebo a minha face

⁵⁸² ANDRADE, Carlos Drummond de. Diálogo em frente dos espelhos. *Para todos*, Rio de Janeiro, 5 de ago. de 1922.

⁵⁸³ Cf. VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 90.

⁵⁸⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. Os três espelhos na sala abandonada. *Para todos*, Rio de Janeiro, 14 de abr. de 1923.

⁵⁸⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. O poema da mulher que não mais se refletia no espelho. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de dez. de 1921.

desesperadamente pálida, pálida como a face dos mortos, e presa às correntes de sua desesperação!⁵⁸⁶

Novamente, a menção à vacância, tema, como vemos, repetido em outros momentos, se soma à busca angustiada do indivíduo pela própria face. No trecho, por meio da hipálage, a melancolia é deslocada do sujeito para as rugas das cobertas. De fato, a obsessão pela própria imagem, em um gesto narcísico, é característico do sujeito melancólico. Starobinski, ao analisar a obra de Baudelaire, mostra que “O olhar do melancólico fixa o insubstancial e o perecível: sua própria imagem refletida”⁵⁸⁷.

Outro elemento que se relaciona a esse conflito identitário e é frequentemente aludido no período são as máscaras. Em muitos momentos, o leitor é posto diante de um sujeito mascarado, às vezes mais de um⁵⁸⁸. As máscaras, por serem múltiplas, têm em alguns textos o efeito de uma expressão humana ambígua⁵⁸⁹ e, por isso, não confiável. Em outros momentos, a máscara funciona como um semblante inviolável, que esconde as emoções do sujeito e o comprime, atuando como mais um elemento de sua solidão:

Súbito, uma mulher roça por mim. Sinto cá dentro uma coisa subindo: talvez uma palavra de amor. A mulher se distancia, e nada perturba a minha máscara. Mas dentro de mim, a alma chora em silêncio.⁵⁹⁰

A incessante busca do sujeito por si é sempre desconstruída. Apesar disso, Drummond faz da vacância e da despersonalização um dos eixos de uma poética que parece se estruturar em torno dessa investigação. Nesse período, em um curto texto sobre a relação entre as crianças, os loucos e os poetas, CDA mostra que os últimos voltam de suas viagens pelo mundo dos espelhos cheios de versos:

Percorrem-no todo, adormecendo os passos na volúpia macia dos tapetes. Vagueiam pelos grandes salões maravilhosos, onde faísca o silêncio dos espelhos.
E o louco volta mais divinamente perturbado, rico de mundos interiores...A criança vem mais criança. E o poeta regressa com um punhado de versos...⁵⁹¹

⁵⁸⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. A noite entre os enigmas. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 10 de fev. de 1925.

⁵⁸⁷ STAROBISNKI, Jean. *Op. cit.*, 2014, p. 47.

⁵⁸⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. O poema dos amantes que envelheceram no último beijo. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 02 de dez. de 1921.

⁵⁸⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Máscaras da alegria e da tristeza. *Para Todos*, Rio de Janeiro, 08 de nov. de 1924.

⁵⁹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Viver. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de agosto de 1924. É republicado no *Para todos* em 3 de abril de 1926 e no *Diário de Minas* em 17 de dezembro de 1926, assinado por T.

⁵⁹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Bem-aventurados. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de maio de 1923.

Como observado por Wander Melo Miranda, a poesia drummondiana “expressa a instabilidade dos regimes de identificação que permeiam tanto a experiência particular, quanto a experiência coletiva, a rigor indissociáveis”⁵⁹² do sujeito moderno. A divisão do sujeito e, vários “eus”, assim como a tematização de sua fragmentação como motivo dos poemas, já foram identificadas como recurso para assinalar a fragmentação ontológica do sujeito moderno⁵⁹³. De modo semelhante à “busca pela identidade perdida”⁵⁹⁴ na obra de Fernando Pessoa, é importante pontuar como, atrás das diferentes faces desse sujeito que se enuncia, não há um rosto que se esconde, apesar de haver uma consciência de fundo que tudo orchestra e que, como se nota, é crítica de si mesma.

Propomos, assim, que a formação de Drummond abrange, além do processo de criação consciente de um projeto poético, procedimentos de autoconstrução de uma identidade periférica, na medida em que o poeta dá forma à sua história e também à imagem literária de si. São, pois, as relações entre textos que podem funcionar como um rastro do caminho empreendido, pelo poeta, até a elaboração de seu lançamento em 1930, o qual esta pesquisa tentou percorrer.

⁵⁹² MIRANDA, Wander de Melo. Drummond no país do mato-fundo. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, vol. 55. Jan./ dez.1997. p.134.

⁵⁹³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000, p.149.

⁵⁹⁴ PAZ, Octavio. *Fernando Pessoa: o desconhecido de si mesmo*. Trad. de Luís Aves da Costa. Lisboa: Vega, 1988, p.219.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

ANDRADE, Carlos Drummond de [1944]. *Confissões de Minas*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ANDRADE, Carlos Drummond de [1951]. *Contos de aprendiz*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de [1982]. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotadas pelo destinatário*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond de. (Carlos Drummond). *Para todos*, Rio de Janeiro, 4 de fev. de 1922, p. 12.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “A cidade de ferro”. *Diário de Minas*, 26 de abril de 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “A cidade do tédio”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 de maio de 1921.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “A história de duas mãos”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 12 de fev. de 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Anatole France”, *Diário de Minas*, 26 de out. de 1924.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Bucólica a caminho do Pontal”. *A noite*, Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1926, p. 1.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Cantiga de viúvo”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 de março de 1929.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Cartas na mesa: os andrades se dividem”. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, nº 11, 19 de jun. de 1929. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel. *Revistas do modernismo: 1922-1929*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Confissões de Carlos Drummond de Andrade – o autor de *Fazendeiro do ar* revela a gênese de sua atividade criadora”. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, ano VII, edição 69, março de 1955, p.16.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Fantasia”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 15 de jan. de 1925, p.40.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Fome de leitura”, *Diário de Minas*, 18/03/1921.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Hai-kais urbanos”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 de julho de 1931. Foi assinado pelo pseudônimo Manoel R. Garcia.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Hai-kais urbanos”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Imagens em livro”. Janela Mágica. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1964, p.6.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Impressões: Ibsen”, *Diário de Minas*, 23/03/1921.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Itabira”. *A noite*, Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1926, p. 1.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Itabira”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 5 de jan. de 1926.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Machado de Assis vivo”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1968.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Máscaras da alegria e da tristeza”. *Para Todos*, Rio de Janeiro, 8 de nov. 1924.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Na tarde cheia de doçura...”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 14 de jan. de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Nacionalismo literário”, *O jornal*, 23 de jan. de 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “O suave final”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 22 de agosto de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Pipiripau”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de jan. de 1927.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Pipiripau”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 de fev. de 1927.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Poema de sete faces”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de dezembro de 1928.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Poemas perdidos”. *Revista Raça*, São Carlos, n.13, jun. de 1929, p. 32.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Poeta”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 22 de out. de 1922.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Política”. *A noite*, Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1926, p. 1.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Quase-noturno, em voz baixa”. *Ilustração brasileira*, ano IV, nº 31, março de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sabará”, *A noite*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1925_05060.pdf. Acesso em 3 de jan. de 2023.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sertão melancólico”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 31 de julho de 1924.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sobre a tradição em literatura”. In: A Revista – edição fac-similar, n. 1, ano.1, p. 32-33, julho de 1925. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *ob. cit.*, 2014.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Teia de Aranha”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 21 de abr de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Teia de Aranha”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 28 de abr de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Um prazer quase triste”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de abril de 1921.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A noite entre os enigmas. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 10 de fev. de 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Bem-aventurados. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de maio de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Crônicas 1930-1934*. Belo Horizonte, Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais: Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1987.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Diálogo em frente dos espelhos. *Para todos*, Rio de Janeiro, 5 de ago. de 1922.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Folha da Manhã*, São Paulo, 8 de outubro de 1942.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Máscaras da alegria e da tristeza. *Para Todos*, Rio de Janeiro, 08 de nov. de 1924.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O poema da mulher que não mais se refletia no espelho. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de dez. de 1921.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O poema dos amantes que envelheceram no último beijo. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de dez. de 1921.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O que fizeram do Natal. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de dez. de 1927.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Os três espelhos na sala abandonada. *Para todos*, Rio de Janeiro, 14 de abr. de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Papai Noel às avessas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 de jun. de 1929.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas*. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Retrato. *Para todos*, Rio de Janeiro, 24 de jan. de 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Rosarita, *Radium*, Belo Horizonte, 1921. Coleção Linhares, Biblioteca Central, UFMG.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Uma pedra no meio do caminho*: biografia de um poema. São Paulo: IMS, 2010.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Viver. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de ago. de 1924.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Viver. *Para todos*, 3 de abr. de 1926.

ANDRADE, Carlos Drummond. “A rua solitária”. *Diário de Minas*. 25 de ago. de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Ao longo das ruas ermas”. *Para todos*. 17 de mar. de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Bomba em 1924”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1964.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Família”. *Para todos*, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1927, p.22.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Imagens Mineiras”, *Correio da Manhã*, 11 de agosto de 1954, p.4.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Joaquim do telhado”. *Novela Mineira*, fascículo IX e X, v. 1, 1922, p. 236-241.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Literatura portuguesa: ‘A morte do imaginário’ – João Barreira – Lisboa, 1923”. *Diário de Minas*, 6 de jul. de 1924.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Maio”, *Aurora Colegial*, 30 de abril de 1918.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Nacionalismo”, *Diário de Minas*, 25 de jun. de 1924.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Nós dois”. *Fon-fon*. Rio de Janeiro, 31 de ago. de 1935, p. 42.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Notícias literárias”, *Diário de Minas*, 3 de ago. de 1922.

ANDRADE, Carlos Drummond. “O homem do Pau Brasil”, *A Noite*, 14 de dez. de 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Onda”. *Diário de Minas*, em 5 de mai. de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Onda”. *Para todos*, em 24 de mar. de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Sertão melancólico”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 31 jul. 1924.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Suas cartas”. In: *Confissões de Minas*: Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2. ed., 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Tá-í”. *A Noite*, 29 de dez. de 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Teia de aranha”. *Para todos*, 21 de abr. de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Teia de aranha”. *Para todos*, 28 de abr. de 1923.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Veículo nº1”. *Para todos*, 9 de maio de 1925.

ANDRADE, Carlos Drummond. CDA por ele mesmo - reportagem literária de Eneida. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de jan. de 1955.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Crônicas 1930 - 1934*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais/Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1987.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Minha terra tem palmeiras*. 1926. Caderno. Manuscrito de vários autores. Acervo Mário de Andrade. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros (USP).

ANDRADE, Carlos Drummond. *Os 25 poemas da triste alegria: Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia completa*. v. 7. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Tempo vida poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ANDRADE. Carlos Drummond de. “A Revista, de novo. Interessada?”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set. 1978.

ANDRADE. Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade: Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

C(H)RISPIM, Antônio. Confissão. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de jan. de 1927.

C(H)RISPIM, Antônio. Poema sobre uma casa. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 de out. de 1929.

CIRSPIM, Antônio. Confissão. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de out. de 1928.

CRISPIM, Antônio. 1 de janeiro. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 1 de jan. de 1929.

CRISPIM, Antônio. Ascânio Lopes. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 13 de jan. de 1929.

CRISPIM, Antônio. Pipiripau. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 de fev. de 1927.

I. “Efêmeros no bonde”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de abr. de 1927.

T. Viver. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 17 de ago. de 1926.

TOSTES, Rodrigo. Relógio. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de jun. de 1928.

TOSTES, Rodrigo. Retrato. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de jan. de 1927.

OUTRAS FONTES PRIMÁRIAS

ALMEIDA, Guilherme de. “Modinha do pernilongo”. *Diário de Minas*, 18 de nov. de 1928.

ALPHONSUS, João. “Sonho”. *Diário de Minas*, 25 de nov. de 1928.

ALVES, José Guimarães. “Mãe Negra”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25 de abr. de 1928.

ARANHA, Graça. “‘Epigramas irônicos e sentimentais’, de Ronald de Carvalho”. *Para Todos*, Rio de Janeiro, 30 de set. de 1922. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124451&pesq=khayyam&pagfis=7090>. Acesso em 5 de out. de 2022.

ARANHA, Luiz. “Crepúsculo”. *Diário de Minas*, 6 de dez. de 1928.

ARAÚJO, Carlos Alberto de. “Paz universal”. *Diário de Minas*, 2 de dez. de 1928.

BOPP, Raul. “Negro”. *Diário de Minas*, 5 de dez. de 1928.

BRANDÃO, Wellington. “Homisto”. *Diário de Minas*, 7 de dez. de 1928.

BURNIER, Cesar. “Mãos”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 2 de nov. de 1923.

CABRAL, Cleber Araújo; FILHO, Amílcar Vianna Martins (org.). 1929: *Leite Criôlo*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2012.

CARDOSO, Joaquim. “Canção”. *Diário de Minas*, 1 de dez. de 1928.

CARVALHO, Ronald de. “Noturno nas Antilhas”. *Diário de Minas*, 16 de nov. de 1928.

CARVALHO, Ronald de. “Poesia de penumbra”. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 28 de set. de 1921.

CASCUDO, Luiz da Câmara. “Não gosto de sertão verde”. *Diário de Minas*, 28 de nov. de 1928.

CÉSAR, Guilhermino. “Armarinho”. *Leite Criôlo*, 13 de maio de 1929, p.8.

CHAVES, Hermenegildo. “Mãos”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 30 de out. de 1923.

CORREIO DA MANHÃ. “Paulo Geraldino não era Augusto de Lima”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano LIX, n. 20.545, 26 de mar. de 1960, p. 9.

COSME, Francisco Damião. *Tratado das queixas endêmicas, e mais fatais nesta Conquista*. Organização e introdução de Luís de Pina. Studia, 1967, p. 119– 268.

COUTO, Ribeiro. Carta a Rodrigo Octavio Filho. Belgrado, 10 de março de 1957. Disponível em: <https://correio.ims.com.br/carta/o-que-e-o-penumbriismo/>. Acesso em 20 de mar. de 2023.

DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte: Coleções Especiais da Biblioteca Pública Estadual de *Minas Gerais*, 1920- 1925.

F.M. “A vida na cidade: Arrabaldes e subúrbios”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 de abril de 1924.

FERREIRA, Ascenso. “Tradição”. *Diário de Minas*, 22 de nov. de 1928.

FILHO, João Dornas. “Festa cívica”. *Diário de Minas*, 29 de nov. de 1928.

FLORÊNCIO, Fidelis. “mãe preta”, *Leite Criôlo*, 21 de julho de 1929, p.1. *Fon-fon*, Rio de Janeiro, 13 de set. de 1924.

- FRIEIRO, Eduardo. “Brotoeja literária”. *Avante!*, Belo Horizonte, 20 de agosto de 1925, p.3.
- FUSCO, Rosário. “Fazenda”. *Diário de Minas*, 4 de dez. de 1928.
- GERALDINO, Paulo. “Este cheiro...”. Dedicado a Ronald de Carvalho. Joias do penumbrismo. *O imparcial*, Rio de Janeiro, 2 de jul. de 1922, p.4.
- LIMA, Jorge de. “O pampa”, *Diário de Minas*, 13 de nov. de 1928.
- MEIRELES, Cecília. Entrevista a Paulo Mendes Campos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1947, p.13.
- MELO, Aníbal de Vaz. “Mãe Preta”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 18 de mar. de 1927.
- MENDES, Murilo. “República”. *Diário de Minas*, 17 de nov. de 1928.
- MEYER, Augusto. “Galpão”. *Diário de Minas*, 24 de nov. de 1928.
- MILLIET, Sérgio. “A siriema”. *Diário de Minas*, 27 de nov. de 1928.
- NAVA, Pedro. “Música”. *Diário de Minas*, 21 de nov. de 1928.
- O IMPARCIAL. “Badalo Inocente”. *O imparcial*. Rio de Janeiro, 6 de março de 1923, p.2. *O jornal*. Edição de 24 de jul. de 1927.
- PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel. *Revistas do modernismo: 1922-1929*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2015.
- QUINTELLA, José. “Mãos de santa”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 de nov. de 1923.
- SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS. Drummond: 50 anos de poesia (edição especial), Belo Horizonte, 3/5/1980.
- SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS. Drummond: 70 anos (edição especial), Belo Horizonte, 28/10/1972.
- VELOSO, Arthur Versiani. “Os caixotes da Alves”. Revista *Panorama* (Belo Horizonte), n.6, fevereiro-março de 1948.
- X. [Sem título]. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 18 de out. de 1922.
- X. [Sem título]. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 22 de out. de 1922.
- Y. [Sem título]. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 15 de fev. de 1924.
- Z. “A cidade modelo”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 de out. de 1926.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALBUQUERQUE, Medeiros. “Notas literárias”. *Jornal do Commercio*, 8 de jun. De 1930. Reproduzido em: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia: o livro em seu tempo*. Organização de Eucanaã Ferraz. São Paulo: IMS, 2010.

ALCIDES, Sérgio. “Belo Horizonte de expectativas: a despedida de Drummond”. In: BOSCHI, Caio C.; DUTRA, Eliana de Freitas (Orgs.). *Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2018, p.99 – 112.

ALCIDES, Sérgio. “Gauche”. In: CONSENTINO, Bruno; FERRAZ, Eucanaã (Orgs.). *Dicionário Drummond*. São Paulo: IMS, 2022.

ALCIDES, Sérgio. “Melancolia ‘gauche’ na vida”. In: Reynaldo Damazio. (Org.). *Drummond Revisitado*. 1ed.São Paulo: Unimarco Editora, v. 1, p. 29-48, 2002.

ALCIDES, Sérgio. “O lugar não-comum e a república das letras”. *Revista do arquivo público mineiro*, v. 44, n. 2, 2008, p. 36-49.

ALCIDES, Sérgio. “Sob o signo da iconologia: uma exploração do livro Saturno e a melancolia, de R. Klibansky, E. Panofsky e F. Saxl”. *Topoi-* Revista de História, Rio de Janeiro, v.3, pp 131 – 173, 2001.

ALCIDES, Sérgio. “Um pouco de Grécia na literatura nacional”. *Revista Brasileira*, ano III, nº103, abr./mai./jun., 2020.

ALCIDES, Sérgio. *Estes penhascos: Cláudio Manoel da Costa e a paisagem das Minas (1753-1773)*. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

ALCIDES, Sérgio; VERAS, Eduardo. Apresentação. O livro como organismo poiético. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 37, n. 1, 2017, p. 5 – 7.

AMARAL, Aracy. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001, p. 79. (Coleção de Correspondência de Mário de Andrade, 2).

ANDRADE, Luciana Teixeira de. *Representações ambivalentes da cidade moderna: a Belo Horizonte dos modernistas*. 1996. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1996.

ANDRADE, Mário de (1930). “A poesia em 1930”. In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ANDRADE, Mário de. *O banquete*. São Paulo: Duas Cidades, 1989. p. 68, 130.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ANDRADE, Oswald de. “Antologia modernista – V – Meus sete anos”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 14 de nov. de 1928.

ANDRADE, Oswald. “Manifesto Antropófago”. In: *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, nº 1, maio 1928.

ANJOS, Augusto dos. *Toda poesia de Augusto dos Anjos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

ARANHA, Graça. *Espírito Moderno*. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3929>; Acesso em 03 de out. de 2022.

ARAÚJO, Laís Côrrea de. “A poesia modernista em Minas”. In: ÁVILA, Affonso (org.). *O modernismo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. “Um grão de sal: autenticidade, felicidade e relações de amizade na correspondência de Mário de Andrade com Carlos Drummond”. In: *Zigue-Zague*. Seleção e organização: Carmen Felgueiras, Marcelo Jasmin e Marcos Veneu. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Unifesp, 2019. p. 409-423.

ARRIGUCCI JR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

ARRIGUCCI JR., Davi. “O humilde cotidiano de Manuel Bandeira”. In: ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 9 -27.

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Coração partido*. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

ASSIS, Machado de [1873]. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: *Obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. v. 3, p. 801- 809.

ASSIS, Machado de. “O enfermeiro”. In: *Várias histórias*. Apresentação e notas de José de Paula Ramos Jr. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 161-176.

ASSIS, Machado de. *A semana*. Apresentação e notas de John Gledson. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000255.pdf>. Acesso em 18 de fev. de 2023.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas: John Gledson e Lúcia Granja. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008,

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

AUERBACH, Erich. “As flores do mal e o sublime”. In: *Ensaio de literatura ocidental*. Organização de Davi Arrigucci Jr. E Samuel Titan Jr. Trad. De Samuel Titan Jr. E José Marcos Mariani de Macedo. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2012.

ÁVILA, Affonso. “Nas vertentes da Semana de 22: o grupo mineiro de *A Revista*”. *Revista de Cultura Vozes*, v. 63, n. 1, jan./fev. 1972.

ÁVILA, Affonso. *O modernismo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

AZEVEDO, Ana Beatriz *Antropofagia: palimpsesto selvagem*. São Paulo: SESI-SP, 2018.

BANDEIRA, Manuel. “Carlos Drummond de Andrade”. In: *Crônicas da Província do Brasil*. Organização, posfácio e notas: Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BARBOSA, Rita de Cássia. *O cotidiano e as máscaras: a crônica de Carlos Drummond de Andrade 1930-1934*. São Paulo, 1984.5v. Tese [Doutorado em Literatura Brasileira]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1984, v.1.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico e geográfico de Minas Gerais*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995, p.291-292.

BARRETO, Lima. *Histórias e Sonhos*. Livraria Editora: Rio de Janeiro, 1920. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4786>. Acesso em 3 de jan. de 2023.

BASTOS, Oliveira. “Esquema, poesia e processo”. *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1956.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução e Organização de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*. Texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois. Paris : Gallimard, 1975-1976 , 2v. (Coll. Bibliothèque de la Pléiade)

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa [O spleen de Paris]*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2011.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire (1940). In: *Baudelaire e a Modernidade*. Ed. e Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BORTOLOTTI, Marcelo. *Carlos Drummond de Andrade e Ribeiro Couto: Correspondência*. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.

BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. “O mundo é um moinho: sacrifício e cotidiano em Mário de Andrade”. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 2016, p. 251-284.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

BROCA, Brito. “Ribeiro Couto, Paulo Geraldino e a ‘blague’ penumbriista”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano LIX, n. 20.545, 19 de mar. de 1960, p.8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=2837&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 27 jan. 2023.

BUENO, Antonio Sérgio. *O modernismo em Belo Horizonte: década de 20*. Belo Horizonte: UFMG/ Proed, 1982.

CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). *Raimundo Machado*. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.

CAMPOS, Haroldo de. Drummond, mestre de coisas. *In: Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 49-55.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *In: Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antonio. Drummond prosador. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p.13 – 22.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. *In: Vários Escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. *In: A educação pela noite*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CANDIDO, Antonio. Mário de Andrade. Coluna “Notas de Crítica Literária”. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 21 fev. 1946. *In: “Lembrança de Mário de Andrade”*. 2. Ed. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

CARPEAUX, Otto Maria. *In: História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

CARVALHO, Ronald de. *Epigramas irônicos e sentimentais*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Lisboa: Seara Nova; Porto: Renascença Portuguesa, 1922. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4364>. Acesso em 15 de fev. de 2023.

CARVALHO, Ronald de. *Luz gloriosa*. Paris: Crés et cie, 1913. Disponível em: <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-93>. Acesso em 23 de jan. de 2023.

CARVALHO, Ronald. *Poemas e Sonetos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Murilo, 1919. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4371>. Acesso em 22 de fev. de 2023.

CASTRO, Thaís Isabel. *Dez anos de lirismo desenfreado: poesia inédita de Carlos Drummond de Andrade nos anos 20*. 2004. 278 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CONSENTINO, Bruno; FERRAZ, Eucanaã (Orgs.). *Dicionário Drummond*. São Paulo: IMS, 2022.

CORREIA, Marlene de Castro. *Poesia de dois Andrades (e outros temas)*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

COSTA LIMA, Luiz. “Drummond: as metamorfoses da corrosão”. *In: A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COSTA LIMA, Luiz. *Lira e antilira (Mário, Drummond e Cabral)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

COSTA, Iná Camargo. A herança modernista nas mãos do primeiro Drummond. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo/Campinas: Memorial da América Latina/Unicamp, 1995.

COTARD, Jules. *Études sur les maladies cérébrales et mentales*. Paris: Librairie J.B. Bailliére et fils, 1891, p. 376-7. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76711f/f7.item>. Acesso em 15 de fev. de 2023.

COUTINHO, Afrânio. Nota editorial à obra completa. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964.

COUTINHO, Afrânio. Nota editorial à obra completa. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

CURY, Maria Zilda. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos literários da Faculdade de Letras da UFMG, 1995

DANZIGNER, Leila. Banzo e Preguiça: notas sobre a melancolia tropical. *Anais do XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte 1808 – 2008: Mudanças de paradigmas para a História da Arte no Brasil* Museu Nacional de Belas Artes, outubro de 2008.

DIAS, Fernando Correia. “Gênese e expressão grupal do modernismo em Minas”. In: ÁVILA, Affonso (org.). *O modernismo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DIAS, Fernando Correia. *O movimento modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Brasília: Ebrasa, 1971.

DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?”. Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. Ianni Barsalini). *Manuscrita: revista de Crítica Genética*, 15. São Paulo: Associação de Pesquisadores de Crítica Genética /Humanitas, 2007, p. 119-162.

DUARTE, Miguel de Ávila. “Estudo crítico”. In: CABRAL, Cleber Araújo; FILHO, Amílcar Vianna Martins (org.). *1929: Leite Criôlo*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2012, p. 35 – 67.

DUARTE, Miguel de Ávila. *Leite Criôlo: da rede modernista à memória monumental do modernismo*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2021.

FERRAZ, Eucanaã. “Apresentação”. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia: o livro em seu tempo*. Organização de Eucanaã Ferraz. São Paulo: IMS, 2010.

FERRAZ, Eucanaã. “Modos de morrer”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Carlos Drummond de Andrade*, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 27, p. 116, out. de 2012.

FILHO, Alphonsus de Guimaraes. O sentimento mineiro em Drummond. In: CRUZ, Domingo Gonzalez. *A presença de Itabira da obra de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

FRAGELLI, Pedro. “Engajamento e sacrifício: o pensamento estético de Mário de Andrade”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 57, 2013, pp. 83-110.

FRAGELLI, Pedro. 2012. *A paixão segundo Mário de Andrade*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH-USP.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Alegoria, morte, modernidade”. In: *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GALDINO, Márcio da Rocha. *O cinéfilo anarquista: Carlos Drummond de Andrade e o cinema*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1991.

GLEDSON, John [1981]. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. Peixe Elétrico Ensaios. São Paulo: E-galáxia, 2018. E-book.

GLEDSON, John. *Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos*. Trad.: Fraderico Dentello. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOLDSTEIN, Norma. *Do Penumbriismo ao Modernismo: o Primeiro Bandeira e Outros Poetas Significativos*. São Paulo: Ática, 1983.

GOMES, Urânia Karim. *Carlos Drummond de Andrade: a poesia de penumbra em seus 25 poemas da triste alegria*. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Amor nenhum dispensa uma gota de ácido: escritos de Carlos Drummond de Andrade sobre Machado de Assis*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2019.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: a construção e a interpretação da metáfora*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

HARDIE, P.; MOORE, H. (Ed.). *Classical Literary Careers and their Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HOUAISS, Antônio. *Drummond mais seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KEHL, Maria Rita. “Melancolia e criação”. In: FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

KITTLER, Friedrich A. *Gramofone, filme e typewriter*. Trad. de Guilherme Gontijo Flores, Daniel Martineschen. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

KLIBANSKY, Raymond; SAXL, Fritz; PANOFSKY, Erwin (1964). *Saturn and Melancholy: Studies in the History of Natural Philosophy Religion and Art*. Nendeln/Liechtenstein: Kraus Reprint, 1979.

LIMA, Luiz Costa. Carlos Drummond de Andrade: memória e ficção. In: *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

LIMA, Luiz Costa. O Pai e o Trickster. In: *Terra Ignota: A construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.

LOBATO, Monteiro [1919]. *Cidades mortas*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2008.

LOPEZ, Telê Porto Ancona (org.). *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

MACHADO, Marcia Regina Jaschke. “Lirismo no debate epistolar modernista”. *O eixo e a roda*, v. 23, nº 1, Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 15-36. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5902. Acesso em 05 de jun. de 2021.

MACHADO, Marcia Regina Jaschke. *O Modernismo dá as cartas: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde22102012-122149/pt-br.php>. Acesso em 05 de jun. de 2021.

MARQUES, Ivan. “Modernismo à mineira”. In: A Revista – edição fac-similar, p. 11-26. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JÚNIOR, Samuel., *ob. cit.*, 2014.

MARQUES, Ivan. “Modernismo de pés descalços: Mário de Andrade e a cultura caipira”. *Revista ieb*, n. 55, mar./set, 2012, p. 27-42.

MARQUES, Ivan. “O País dos Andrades: Drummond e o Brasil Profundo”. *Revista Cerrados*, v. 17, n. 26, 2008, p. 93-110.

MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Editora 34, 2011.

MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira: o Modernismo, 1916-1945*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

MERQUIOR, José Guilherme [1972]. *Verso universo em Drummond*. Trad. Marly Oliveira. 3. ed. São Paulo: É Realizações Editora Livraria e Distribuidora LTDA, 2016.

MERQUIOR, José Guilherme. “A estética do Modernismo do ponto de vista da história da cultura”. In: *Formalismo & tradição moderna: o problema da arte na crise da cultura*. São Paulo: É Realizações Editora Livraria e Distribuidora LTDA, 2016. p. 77-102.

MINAS GERAIS. Belo Horizonte: Coleções Especiais da Biblioteca Pública Estadual de *Minas Gerais*, jun.1931.

MIRANDA, Wander Melo de. A cidade, o poema, a nação” In: *Revista de Estudos Literários*, Belo Horizonte, v.1, p.161 – 164, out. 1993.

MIRANDA, Wander Melo. Drummond no país do mato-fundo. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, vol. 55. Jan./ dez.1997. p.131-143.

MIRANDA, Wander Melo de. Milhares de brilhos vidrilhos – Mário, Drummond e Nava na Belo Horizonte dos anos 1920. In: BOSCHI, Caio C.; DUTRA, Eliana de Freitas (Orgs.). *Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2018, p.41-52.

MIRANDA, Wander Melo de; SAID, Roberto (Orgs.). *Cyro e Drummond: correspondência de Cyro dos Anjos & Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2012.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. “Urbanização mineira: precocidades e modernidades”. In: BOSCHI, Caio C.; DUTRA, Eliana de Freitas (Orgs.). *Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2018, p.293-308.

MORAES, Marcos Antonio. *O orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2007.

MORAES, Prudente de. “História de Chopin (do caderno de um menino de 9 anos)”. *Diário de Minas*, 30 de nov. de 1928.

MOREYRA, Alvaro. *As amargas, não... (lembranças)*. Apresentação: Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo: Editora 34, 2012.

NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias*. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OLIVEIRA, Clodomiro de [1934]. *A concessão Itabira Iron: a origem da Vale e os primórdios da indústria e da mineração no Brasil*. Edição fac-similar. Belo Horizonte: AMIG, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/15VnmTZR0eBE7dHBp83XaKSZWfmy28pYP/view>. Acesso em 05 de jan. de 2023.

OTÁVIO FILHO, Rodrigo. “Sincretismo e transição: Penumbrismo”. In: COUTINHO, Afrânio et al. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana. 1969,

OTÁVIO FILHO, Rodrigo. *Simbolismo e Penumbrismo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

PARAIZO, Mariângela de Andrade. Muita história com poucas letras: um olhar literário ao Presépio do Pípiripau. *Aletria*, Belo Horizonte, jul.-dez., 2006, p. 211-222.

PAZ, Octavio. *Fernando Pessoa: o desconhecido de si mesmo*. Trad. de Luís Aves da Costa. Lisboa: Vega, 1988.

PERES, Urania Tourinho. “Uma ferida a sangrar-lhe a alma”. In: FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.
- PESSOA, Fernando. *Teoria da Heteronímia*. Porto: Assírio & Alvim, 2012, p.227-228.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Organização: Carlos Augusto Calil. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PY, Fernando. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade - 1918-1930*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- PY, Fernando. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade - 1918-1934*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002.
- REIS, Ana Amélia Neubern Batista dos. Cecília Meireles e a Índia: uma experiência de tradução. 137f. 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- SAID, Roberto Alexandre do Carmo. “Borges e Drummond: anos 1920 e 1930”. *Revista eletrônica Araticum*, v. 16, p. 156-171, jun. 2017.
- SAID, Roberto Alexandre do Carmo. “Poeta em chamas: as primeiras letras e rebeldias do jovem Drummond em Belo Horizonte”. *Revista de História*, v. 1, p. 58-61, 2007.
- SAID, Roberto Alexandre do Carmo. “Rebeldia vertiginosa: as primeiras narrativas ficcionais de Carlos Drummond de Andrade”. *Palimpsesto*, v. 27, ano 17, p. 322-335, 2018.
- SAID, Roberto Alexandre do Carmo. “Teia de aranha: O jovem Drummond na cidade do tédio”. In: SAID, Roberto Alexandre do Carmo (org.), NUNES, S. (org.) *Margens Teóricas: Memória e acervos literários*. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2010.
- SAID, Roberto Alexandre do Carmo. *Quase biografia: poesia e pensamento em Drummond*. 282 f. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. *Realismo e alegoria em Machado de Assis*. Porto Alegre: Editora Polifonia, 2021
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Drummond, o “gauche” no tempo*. Rio de Janeiro: LIA, INL, 1972.
- SANTIAGO, Silviano (Org.). *Carlos & Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade. In: La literatura brasileña desde una perspectiva poscolonial - un relato. *Chuy* - Revista de Estudos Latinoamericanos, Buenos Aires, Universidad Nacional de Tres de Febrero, ano 1, n.1, p. 139-160, jul. 2014.
- SANTIAGO, Silviano. Introdução à leitura dos poemas de CDA. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Op. cit.*, 2002, p. 3-41.

SARAIVA, Arnaldo. *Os livros de Drummond que não foram publicados*. Lisboa: Diário Popular, 24 de abril de 1980.

SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930* (1988). Trad. Júlio Pimentel Pinto. Prólogo: Sergio Miceli. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCHWARCZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

SCHWARTZ, Jorge. “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In: *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 11 – 28.

SCHWARTZ, Jorge. “Um Brasil em tom menor: pau-brasil e antropofagia”. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, ano 24, n. 47, p. 53-65, jun. 1998.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes dos anos 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Gabriel Provinzano Gonçalves da. *Os anos de aprendizado modernista de Carlos Drummond de Andrade*. 2018. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SONTAG, Susan. Prosa de Poeta. In: *Questão de ênfase*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Correspondência: Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa*. São Paulo: Editora Peirópolis: Edusp, 2010.

STAROBINSKI, Jean. *A melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*. 1ª ed. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Editora 34, 2014.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SÜSSEKIND, Flora. “Um poeta invade a crônica”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 de ago. de 1987, p.11.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: Apresentação dos principais poemas metalinguísticos, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972*. Edição ampliada. São Paulo: Editora José Olympio, 2022

URIBE, Jorge. *Um drama da crítica: Oscar Wilde, Walter Pater e Matthew Arnold, lidos por Fernando Pessoa*. 2014. 381 f. Tese (Doutorado) – Programa em Teoria da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

VASCONCELLOS, Eliane; SANTOS, Matildes Demétruo dos. *Descendo a rua da Bahia: a correspondência entre Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2017.

VERAS, Eduardo Horta Nassif. “*A encenação tediosa do imortal pecado*”: *Baudelaire e o mito da queda*. 249 f. 2013. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

VIEIRA, Frei Domingos. *Grande dicionário português ou Tesouro da língua portuguesa*. Porto: Em casa dos editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/b969bec8-75ba-40d7-b1be-6bf8ae2de65c>. Acesso em 26 de mar. de 2022.

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: Jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ANEXOS APRESENTAÇÃO

A seguir, encontram-se os anexos da dissertação “Os anos de formação de Drummond e a experiência de uma modernidade periférica”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG em 2023. Os arquivos foram consultados, catalogados e aqui transcritos ou reproduzidos. Em “Transcrição do caderno – Minha terra tem palmeiras”, o caderno enviado a Mário de Andrade em 1926 (disponível para consulta no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP) foi integralmente transcrito, respeitando a paginação e versificação do documento original, assim como as anotações feitas por Drummond e Mário de Andrade. Em “Tabela de anexos – periódicos”, as publicações em periódicos foram indexadas para facilitação da consulta. Esses textos foram reproduzidos e agrupados por periódicos, divididos em blocos subsequentes. Os anexos correspondentes ao *Diário de Minas* estão disponíveis na Hemeroteca Histórica de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Já as reproduções de *Novela mineira* foram feitas no Arquivo Público de Minas Gerais, também em Belo Horizonte. A reprodução de *Revista Raça* foi retirada de uma pesquisa da UFSCar e as da *Gazeta Comercial*, do arquivo da Associação Comercial de Juiz de Fora em Minas Gerais. A escolha pela reprodução dos documentos tem a intenção de facilitar e mesmo incentivar o trabalho de futuros pesquisadores. Afinal, esses arquivos ainda não estão disponíveis para consulta pública fora das instituições onde se encontram, tendo em vista que a maior parte ainda não foi digitalizada, o que pode impor limitações à pesquisa, especialmente diante de experiências como o *lockdown* vivenciado durante a pandemia de Covid-19.

Transcrição do caderno *Minha terra tem palmeiras*

MA-MOE 39 [fl.3]

1

Ao querido Mario

esta lembrança do

Carlos

Itabira, 926

Convite

Vem comigo, meu amigo.

Vem até a minha casa

que é pintada de branco

e ri nos vidros das janelas abertas

5

e no pequeno jardim

que lhe descansa em frente.

em ver a minha casa nova.

Descobre-te, chegando á porta

e olha com ternura

10

estas paredes limpas.

Ali é a minha mesa

de trabalho espiritual;

é ali que escrevo

os poemas que vou sentindo

15

e as minhas cartas de amor.

Sobre ~~esta~~ essa mesa tranquila

ha um ramo de rosas frescas

[fl.4v]

que ainda guardam nas pétalas
 o sorriso húmido da manhã.
 Os meus poucos livros
 na sua beleza humilde nos contemplam.
 5 Olha, aqui é o leito
 dos meus sonos sem cuidado
 e ali, pequena e simples,
 a mesa de jantar.

 Quando o relógio der a hora,
 10 naquele banco nos sentaremos
 para meu repasto frugal¹
 com um pouco de vinho velho²
 regando uma vianda tenra,³
 alguns frutos maduros⁴
 15 e a nossa discreta alegria
 de poetas.

<Publicado>

1 Destaque MA: repasto fulgral
 Comentário MA: (horrível).
 2 Destaque MA: vinho velho
 Comentário MA: (mentira).
 3 Destaque MA: vianda tenra
 Comentário MA: (horrível).
 4 Destaque MA: frutos
 Comentário MA: (frutas).

MA-MOE 39 [fl.5]

A beleza da vida na alegria da manhã⁵

Eu corria sobre a areia com os pés nús.

A areia faiscava.

Na claridade da manhã

as arvores eram mais verdes e felizes.

5

Eu corria sobre a areia com os pés nús.

Penetrava-me as veias a beleza da vida.

O sol ria no alto.

Dentro e fóra de mim

floriam ritmos desconhecidos.

10

Penetrava-me as veias a beleza da vida.

Era como si eu nascesse naquele dia.

A luz embriagava-me.

Tudo parecia novo

e feitos pelas mãos dum deus risonho.

15

Era como si eu nascesse naquele dia.

<Publicado>

Sensual

Nosso primeiro beijo foi tão leve
e tão delicioso, nosso primeiro beijo...

A meninice ria nos teus olhos
entre as rosas.

5 E eu fiz o gesto inquieto de quem vai
colher uma rosa estranha.

Tuas pernas desnudas me fugiam.⁶

10 E havia nos teus seios escondidos
eu bem que percebia!
o desejo duns lábios... e duns dentes.

Sob o velho carvalho
meus braços fortes te prenderam.

E foi tão leve aquele beijo...

15 Mas pequeninos dentro do vestido
os teus seios nervosos suplicavam

6 Comentário MA: (horrível).

MA-MOE 39 [fl.6]

1

qualquer coisa mais forte... e mais cruel.

Quasi-noturno em voz baixa⁷

Tuas mãos envelhecem
na prata fôska do silencio.

O silencio pelo crepúsculo
é um arminho

5 onde as mãos pousam com doçura.

Tuas mãos no silencio
pelo crepúsculo são mais finas
e mais leves.

10 O silencio o doce silencio
vestiu de cinza transparente
as tuas mãos pelo crepúsculo.

<Publicado>

7 Comentário MA: lindissimo.

MA-MOE 39 [fl.7]

Ainda um noturno⁸

Uma estrela brilha no alto, indiferente.

Os grilos cantam na relva, maliciosos.

Vê como somos pequenos dentro da noite imensa
debruçados á janela que dá para o quintal!

5

Vê como somos pequenos...

E abraça-me com mais força. Calados. Nenhum

[verso entre nós.

Longe o veneno da poesia. Vê como somos pequenos.

10

Como nos despreza aquela estrela no alto, indiferente,
única estrela no céu de verão!

E como somos humildes e como os grilos são mali-

[ciosos.

Ninguem sabe...

Ninguem sabe quais sejam

as vestes do Lutador:

si a armadura de aço

ou a túnica de linho.

5

E ninguem conhece ainda

as armas com que ha de vir

de muito longe o Lutador:

si a fina espada

o malicioso punhal

10

ou a ternura de dois olhos mansos.

Ninguem sabe quando o Lutador

virá á nossa presença:

talvez pela noite

com passos macios de ladrão⁹

15

ou como um rei

com seu cortejo pela aurora.

Ninguem sabe

o que virá fazer o Lutador:

desejado e temido

MA-MOE 39 [fl.8]

tão misterioso

tão silencioso

que o seu nome causa arrepio

e ninguém o murmúra.

5

O Lutador vem coberto de sombra.

Biblioteca

Biblioteca de professor pobre
 com tratados de sciencia na estante humilde,
 gramáticas antologia e compendios
 que a poeira cobre
 5 e livros de aritmética cheios de números vãos.==

Livros em que as traças vagueiam silenciosamente
 roendo ironicamente
 monumentos de confusa sabedoria.

Que alegria
 10 para os olhos pretos que vos contemplam!

Biblioteca onde uma lâmpada acêsa
 emarelece as vigílias de estudo
 e derrama
 sobre as barbas do sabio uma suave tristeza
 15 feita de veludo.

Biblioteca da poesia e do silencio.==

MA-MOE 39 [fl.9]

A mulher do elevador

A que ficou lá longe na grande cidade.

A que eu vi apenas um minuto um minuto somente
no elevador que subia.

Com que saudade inédita me lembro

5 da que não foi nem uma sombra, uma sombra
[veloz
no meu destino.

Da que ficou sorrindo com um pouco de mim

10 com um pouco do meu sêr anónimo e vulgar
a milhares de kilómetros na grande cidade.

MA-MOE 39 [fl.9v]

Primavera nas folhinhas e nos jardins

O perfume das rosas entra-me no quarto
numa lufada de primavera.

E eu fico desvairado a sentir o perfume
o perfume das rosas pelo quarto.

5

Numa lufada de primavera!

Que bom ler os poetas sadios
e não saber da lua, das estrelas
e não saber do amor! e não saber de ti!

(de ti que és palida e feia

10

palidamente feia e melancólica)
mas apenas sentir alucinante e forte
o perfume das rosas pelo quarto
numa lufada de primavera!

Cromo-litografia

Na verde monotonia
do quintal
uma borboleta lépida veio
brincar.

5

Era amarela como um anel
que tivesse vida para voar.
Era esquiva era leve e fugidia
na verde monotonia
do quintal.

10

E brincou entre folhas e frutos
sobre o borborinho da humilde agua corrente.
Num pequenino pôço
á sombra duma laranjeira adolescente
viu um peixinho vermelho

15

vermelho
sorrindo ao sol um sorriso de escamas.
E gostou tanto dele
e tanto o amou com um amor de borboleta

MA-MOE 39 [fl.10v]

1

que se faz a dansar leviana e contente
sobre a agua em que o peixe sorria
na verde monotonia
do quintal.

Vê como a água sussurra

Vê como a água sussurra no fundo dos tanques ermos,
como a água intimamente chora.

E na face dos tanques ermos

boiam flores azuis, grandes flores indiferentes.

5

A água espadana no ar em florido repuxo.

Alegria da água subindo

sobre a indiferença azul das grandes flores!

- Vê o repuxo caindo

novamente sobre os tanques ermos.

10

Nos jardins

a ironia da vida é feita de beleza.

(Que ridículo pensamento.)

MA-MOE 39 [fl.11v]

Na tarde cheia de doçura

A menina que perdeu o pai

a pobre menina que perdeu o pai

debruçada á janela de sua casinha triste

de sua casinha abandonada

5

acompanha o vôo calmo e longo duma andorinha

que vai

fugindo na doçura da tarde abandonada.

Pobresinha

da menina que perdeu o pai num desastre de trem

10

[e]¹⁰que vestiu o corpinho tenro com um lutotriste,¹¹

que vive sonhando com fadas alegrias e bens

que vive sonhando, com ~~um~~ o semblante triste,

as míseras alegrias

duma felicidade que não virá.

15

O vôo longo duma andorinha.

O dia em breve morrerá.

10 Inserção MA: [e] que

11 Comentário MA: que em vez de e porque assim as outras frases seguintes se relacionam com a menina e não com o pai perdido como se tem a impressão do geito que está.

Nas mesas ricas faulhantes de cristais¹²

12 Comentário MA: prefiro fagulhantes.

MA-MOE 39 [fl.12]

outras meninas de corpos em¹³ seda¹⁴
comem frutas geladas, maçãs muito vermelhas
sob o sorriso doce dos pais.

Aquela

5 teve um magro jantar e agora pobrementemente
perfilando a sua magra sombra na janela
fita a primeira estrela que scintila
piscando o olho aos namorados das esquinas.

Rua de arrabalde

10 com vultos sêcos de arvores
com bichanos vadios de pêlo negro
com lampiões luzindo quietamente
desconsoladamente.

A menina que perdeu o pai

15 desfaz-se na tarde-noite.

13 Destaque MA: em

14 Comentário MA: de.

MA-MOE 39 [fl.12v]

Como si eu fosse um poeta resignado

Ainda sorris? Eu não sorrio mais.

Pra que?

Tua ironia e meu devotamento,
minha submissão e teu desdém!

5

Ah! Nem sequer eu me lamento.

(Pra que?)¹⁵

Tu ficaste longe... longe, além.

De que me serviria procurar-te?

Pra que?

10

Eu murmúro baixinho: Nunca mais.

Estou resignado, estou.

Estou resignadissimo afinal.

Indiferente á vida ao sonho á arte.

ás duas faces do bem e do mal.

15

Fugi de mim mesmo, abandonei todo o passado.

15 Comentário MA: Tira este praquê. Muita repetição monotoniza e cheira a processo.

MA-MOE 39 [fl.13]

1

Deixei a minha sombra não sei onde.

(Mas como estou resignado!

Pra que?)

Boneca de pano

A boneca de pano
que fizeste hontem de noite
na quentura do quarto abafado
sob a lâmpada benevolente
5 é o meu maior amor.

Eu quero tanto a essa entesinho de pano
que o ponho sobre a mesa
ao lado do meu Schopenhauer.

10 Ás vezes páro de ler e olho a boneca de pano
ou vou da boneca de pano ao livro sombrio.

Tu não sabes como eu gósto dessa boneca.

Ela me diz uma porção de coisas
com o traço preto de sua bôca
e me olha profundamente
15 com os dois pingos encarvoados de seus olhos.

Apenas o seu ventre é demasiado opulento.
Estará inchado o seu ventre?
E eu me inquieto pela tua boneca de pano.

MA-MOE 39 [fl.14]

1

É curioso!

como essa boneca de pano me faz sofrer.

Uma lâmpada brilha

Uma lâmpada brilha como um olho triste na rua pobre
Destinos humildes.

Destino de lâmpada solitaria.

num canto de rua entre arvores cansadas
e pedras sonolentas.

5

Pelos muros onde não tem cartazes
tapeçarias de aranhas pacientes
cobrem velhos desenhos
de corações acorrentados.

10

Um homem que passa dentro dum capote
(faz frio na noite lenta)
olha a rua e murmúra:
- É curioso...

Aquela casa como envelheceu!

15

(A casa onde morava Carolina.)

E a lâmpada olha tudo, indiferente.

MA-MOE 39 [fl.15]

O abandono dessa lâmpada!

O abandono desse olho [*ilegível*] amarelo

brilhando seu desejo

sosinho

no alto do poste fino e lirico!

MA-MOE 39 [fl.15v]

Matinal

Seios aromados do meu amor
na manhã cheirando a lírios.

Volupia das flores, volupia das almas.

Vento leve nas folhas
céo de porcelana muito fino
e a manhã cheirando a lírios.

A vida é bela porque sois belos
e sorri ante a vossa beleza
ó brancos e redondos
seios aromados do meu amor.

5

10

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.16]

Doçura da hora

Doçura da hora decima oitava

quando o sol morre

quando a sombra desce

quando a noite vem.

5

(A noite vem, acenedora de luzes,
a sombra desce pesada de tons tristes
o sol se fana, louro principe fatigado.)

Doçura da hora decima oitava

Doçura da luz que se fana

10

Silencio

chega a hora decima nona.

MA-MOE 39 [fl.16v]

Gravado numa parede

Saber que tu não virás nunca encher de rosas o meu

[apartamento

encher de beleza a minha vida

E continuar á espera de tuda graça dolente e sobrenatural.

5

Continuar á espera de mãos vazias.

Saber que não partirás o meu pão, que não beberemos juntos

ao jantar um pouco daquele amavel e grato vinho velho,

que não acenderás a minha lâmpada,

que o piano não possuirá os teus dedos.

10

Saber tudo isso o impossível e o irremediável

de tudo isso... e continuar sonhando inultamente.

Ah! Por que não virás encher de rosas o meu apartamento?

Ao menos

vem encher-me de lágrimas os olhos.

Longe do asfalto

Poesia dos arrabaldes humildes

ruas pobres

ruas velhas e solitárias.

5

Os muros tem sono.

e têm histórias de amor para contar

às pedras numa conversa silenciosa

sob a paz verde das árvores.

Papagaios.

10

Minha vizinha convalescente

espia a vida pela janela

com olhos duma doçura transparente.

Festa de trepadeiras subindo

cercando as hortas e os jardins

e confusamente se emaranhando.

15

Vermelho - azul- amarelo - côr de rosa

MA-MOE 39 [fl.17v]

Meninos atiram pedras nos lampiões

e nos lampiões

sorri o olho tímido de gaz.

A tarde murchou como uma trepadeira.

E o gaz sorri timidamente.

MA-MOE 39 [fl.18]

O momento feliz

Era qualquer coisa¹⁶¹⁷ de triste subindo
da terra.

Era qualquer coisa de alegre descendo
do céu.

5 E entre o céu e a terra nós dois unidos abraçados
ternamente como dois irmãos.

O momento melhor de toda a nossa vida

Como eu fiquei diferente e mais/casto,

Como tu ficaste mais arcanjo e menos mulher!¹⁸¹⁹

10 Duas pobres criaturas

feitas do mesmo barro perecível²⁰²¹

Éramos duas almas!

16 Destaque MA: qualquer coisa

17 Comentário MA: Você faz mesmo muita questão deste galicismo desagradável?

18 Destaque MA: mais arcanjo e menos mulher

19 Comentário MA: Horrível! Parece modinha de seresteiro besta sem a besteira perfumada que ele possui.

20 Destaque MA: barro perecível

21 Comentário MA: Pavoroso!

E o momento passou!

O melhor momento da nossa vida.

MA-MOE 39 [fl.18v]

A noite com uma lua que não é séria

A noite subiu á scena
encheu o tablado brilhou
nos olhos dos astros nos olhos
das lâmpadas pela cidade.

5 A noite é uma peça estranha
uma comedia, quasi um drama
onde ha sombras e reflexos
exquesitos.

10 É Bataille ou Caillaet
vaudeville ou reuette?

A noite. Palidos fantasmas
ondulam ibsenianamente.
Os Scenógrafos imaginosos
pintaram o céu de escuro
15 e sobre os plátanos puzeram
uma lua de papelão.

E nos cinemas e nos cafés

MA-MOE 39 [fl.19]

portas abertas gritando
como bôcas iluminadas.
Automoveis brincam na rua
numa festa de rumores
5 crianças de pés de roda.
E vendedores de jornais
mulheres posando o vicio
enchem a noite, fazem da noite
uma comedia dramática e confusa.

10 Ó meus queridos bonecos^{22 23} representando
sob a lua de papelão
e sob as estrelas scenográficas
a comedia confusa da noite...

22 Destaque MA: bonecos

23 Comentário MA: Já é muito lugar-comum.

MA-MOE 39 [fl.19v]

Canção do grego desencantado²⁴

Ó tocadores de flauta nos doces nos apagados

festins de Alexandria... Vós que tínheis o corpo branco

[como um lírio

E vos perfumáveis de nardo sândalo e verbena!

5

Ha muito que vos não ouço ha muito tempo

que reclinado no meu leito de rosas aguardo o vosso

[regresso.

E não vindes. E canta nos meus ouvidos a saudade

[de vossas flautas

10

Que ha tento tempo me perturbaram... as vossas

[flautas harmoniosas

E si tento esquecer, fugir ao vosso fino sortilegio

vem e revém aos meus ouvidos a eterna música

[misteriosa.

Tocadoras de flauta núas entre cochises de púrpura

sob o véo dos incensarios!

15

Onde os vossos corpos de ionia espuma? e os vossos

[frágeis instrumentos?

MA-MOE 39 [fl.20]

Onde a corôa de violetas? Ha muito que me fugistes e

[ouço ainda a vossa música

e ha nos meus olhos a saudade inifita de vossas fór-

[mas.

5

Vinde em teoria cercar o meu leito desencantado

de grego triste. E modulai as mais puras canções

e embalai o meu sono o grande sono em que

[vou mergulhar.

ó tocarores de flauta leves e perfumadas.

25

Oferenda

Na tarde maravilhosa
minhas mãos vão tecendo
uma corôa de violetas
pra tua cabeça.

5

No azul muito puro
da tarde maravilhosa
um rumor de frutas anda chorando
a nostalgia dos céos gregos.

10

Ponho na tua cabeça
esta corôa de violetas.

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.21]

Sentimental

5

Me ponho a escrever teu nome
com letras de macarrão.
No prato a sopa esfria cheia de escamas
e debruçadas na mesa todos contemplam
esse romantico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra
uma letra só
pra acabar teu nome!

- Está sonhando? Olha que a sopa esfria!

10

Eu estava sonhando...
E ha em todas as consciencias este cartaz amarelo:
NESTE PAIZ É PROIBIDO SONHAR

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.21v]

Hai-kais urbanos

No automóvel aberto

riem mascarados.

Só minha tristeza não se diverte.

x

5

Não tenho dinheiro no banco

porém

meu jardim está cheio de rosas.

x

10

Na escuridão da sala

Tom Mix apareceu

e meus braços fortes te prenderam.

x

Quiz dizer-te o que é a vida

mas sacudiste a cabeça.

15

Eras uma mulher da vida.

x

No jardim onde pulam crianças

~~um~~ o homem imprudente

esqueceu a Vie Parisienne.

20

x

MA-MOE 39 [fl.22]

1

Junto a um vaso de avencas
tu me falaste de Beethoven
E eu sorri sem convicção.

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.22v]

Espelho túnica e agua <(I)>

Esta noite sonhei tres sonhos esplendidos.

Sonhei que era o espelho em que te refletas

e minh'alma

ficou iluminada de alegria.

5

Sonhei que era a tunica com que te vestes

e minh'alma

ficou vestida de prazer.

Sonhei que era a agua em que te banhas

e minh'alma

10

ficou úmida de felicidade.

Esta noite sonhei tres sonhos esplendidos

e acordei com saudade de teu corpo.

< (I) Depois li Anacreonte e vi que era dele. Pois seja! >

<Publicado>

Historia de duas mãos

Em minha mão
tal uma abelha sobre a corola
tua mão pousou.

5

Em minha mão
tal uma espada sobre a ferida
tua mão pousou.

A flor tingiu-se da côr do sangue,
a ferida cicatrizou.

10

E agora sem tua mão
na minha, pobre mão viuva,
a corola não tem mais côr,
volta a ferida a sangrar.

MA-MOE 39 [fl.23v]

Sertão melancólico²⁶

Pelas estradas desertas
 pelas estradas infindáveis
 erra uma grave melancolia.

5

Melancolia das coisas paradas
 do céu azul e da terra verde
 na tortura do sol a pino.

10

Melancolia do canto das cigarras
 num reclino dolente desesperançado,
 do vôo dos pássaros aflitos,
 da saudade das sombras humanas.

15

Melancolia das árvores que sofrem
 sofrem letárgica e mudamente
 á beira de riachos vagorosos
 onde a água tem preguiça de correr.

Melancolia do tropeiro que passa
 que alonga o olhar pela distancia

26 Há um X vermelho que marca o poema e não foi feito pelo mesmo lápis usado nos comentários de Mário de Andrade ou de Carlos Drummond de Andrade (comentário nosso).

MA-MOE 39 [fl.24]

1

e entôa uma canção arrastada e saudosa.

Destino só

Vesti de lírios meu pensamento
coroei de rosas minha imaginação
e num gesto de encantamento
adornei de pedras raras meu coração.

5

Imaterializei-me!

E imaterializado fiquei a esperar
a graça de tua figura e teu amor.

Purifiquei-me!

10

Purifiquei-me todo para gosar
dessa felicidade o infinito amargor.

E eternamente ficarei á tua espera.

Tu não vieste. Tu não vens. Tu não virás.

MA-MOE 39 [fl.25]

1

Minha terra

tem palmeiras

a Mario de Andrade

oferece

5

Carlos Drummond

Itabira, Maio 926

MA-MOE 39 [fl.25v]

Lanterna mágicaI – Belo Horizonte

Meus olhos tem melancolias

minha boca tem rugas.

Velha cidade!

As arvores tão repetidas.

5

Debaixo de cada arvore faço minha cama

em casa ramo dependuro meu paletó.

Leitura de jornais.

Lirismo:

pelos jardins de hontem

10

ingenuidades de velocípedes.

E o velho fraque

na casinha de alpendre com duas janelas dolorosas.

2- S. João del Rei

Quem foi que apitou?

Deixa dormir o Aleijadinho coitadinho.

Almas antigas como pedras.

Melancolia das legendas.

5

As ruas cheias de mula sem cabeça

correndo pro Rio das Mortes.

É a cidade paralítica

no sol

espiando a sombra dos emboabas

10

no encantamento das igrejas.

Os sinos começaram a dobrar.

E todo me envolve

uma sensação fina e grossa.

3 – Caeté

Chaminé romantica. Arabescos.

Um lápis e meu braço na janelinha do trem.

Tuas nuvens são cabeças de santos.

Casas torcidas.

5

Passa um pano nas vidraças.

A longa voz que sobe

que sobe do morro

que sobre...

4 – Itabira

Cada um de nós tem seu pedaço de serra.

Na cidade toda de pedra

10

as ferraduras batem como sinos.

Os meninos seguem prá escola

os homens olham pro chão

os ingleses compram a mina.

Só na porta da venda um velho sisma na derrota incom-

15

[parável.

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.27]

5 – Ouro Preto

Procuro na valise os Alpes tiritando.

Escadinhas saudosas levando pro céu.

Esse frio que vem do passado

Esse ar de môfo

5

(longe a coréa dos funcionários)

E era uma vez numa cidade que foi rainha.

Entrou pelo cú do pato

saiu pelo cú do pinto.

Quem quizer que conte cinco.

6 – Nova Friburgo (I)

10

Esqueci um ramo de flores no sobretudo.

Ser padre.

< (I) Reminiscencia do Colegio Anchieta >

MA-MOE 39 [fl.27v]

7 – Rio de Janeiro

Fios nervos riscos faiscas.

As côrem morrem.

Quéde meu vermelho? Virou cinza.

Passore a bôa! Peço a palavra!

5

Meus amigos todos estão satisfeitos

com a vida dos outros.

Monotonia das livrarias

futilidade das sorveterias.

Pão de Ascucar eu te perdô.

10

Os ruidos ingenuos

adulterios assassinos.

Banho de mar sem ondinas.

O cinema fute-bola.

(Este povo quer me passar a perna.)

15

Meu coração violentamente dentro dum táxi.

MA-MOE 39 [fl.28]

8 – S. Salvador <(I)>

Tróco uma laranja por um sorvete

Preto no branco

tranco

barranco.

5

Meus pintores e minhas aquarelas tão longe!

Perspectivas entre meus dedos.

E eu atrás de tudo sem me encontrar

Baía dos bombardeios

acorretada pelo olandezes

10

suando sangue mestiço

mamando leite preto de força!

Te amo com sensualidade.

- Fim da lanterna mágica –

<(I) Cinismo! Nunca fui lá.>

MA-MOE 39 [fl.28v]

Sisma das secretarias²⁷

Secretarias de Estado ao luar!

Sois humanas.

Pareceis meditar

nos graves destinos da Pátria.

5 (Os guardas rondam com sono ao longo das secretarias.)

Dentro de vós a essa hora noturna

dormem os papéis burocráticos nas prateleiras

os tinteiros e canetas sobre as mesas

os tapetes no chão humilde

10 e os grandes retratos humorísticos na parede.

(As secretarias ‘tão cansadas de trabalhar.)

Retratos de ministros com bigodes brancos,

de chefes de seção, de beneméritos da Pátria.

Secretarias de Estado ao luar!

15 meditando solitariamente

27 Há um X vermelho que marca o poema e não foi feito pelo mesmo lápis usado nos comentários de Mário de Andrade ou de Carlos Drummond de Andrade (comentário nosso).

MA-MOE 39 [fl.29]

1

coisas de alta metafísica

(doce metafísica das secretarias).

<Publicado>

Nota social

O poeta chega na estação
Do trem de ferro.
O poeta desembarca.
O poeta toma um auto.
5 O poeta vai pro hotel.
E enquanto realiza
esses feitos de todo dia
uma oração o persegue
como vaia.
10 Bandas de música foguetes
discursos povo de chapéu de palha
máquinas fotográficas assestadas
ruído de gente, fonfon de automóveis
bravos...
15 O poeta está melancólico.

Numa árvore do passeio público
melhoramento da última administração
árvore gorda prisioneira
de grades

MA-MOE 39 [fl.30]

árvore banal árvore ninguém

canta uma cigarra.

Canta uma cigarra que ninguém ouve

um livro que ninguém aplaude.

Canta, numa glória silenciosa.

5

O poeta entra no elevador

o poeta sobre

o poeta se fecha no quarto

o poeta está melancólico.

<Publicado>

Política

Vivia sosinho na casa.

Os amigos o abandonaram

quando rompeu com o chefe político.

O jornal governista ridicularizava seus versos,

5 os versos que ele sabia bons.

Sentia-se diminuído na sua glória

enquanto crescia a dos rivais

que apoiavam a câmara em exercício.

Entrou a beber licor brabo

10 Desleixou os versos.

Já não tinha discípulos.

Só os outros poetas eram imitados.

Uma ocasião em que não tinha dinheiro

pra comprar o seu cognac

15 saiu a esmo pelas ruas mal frequentadas.

Parou na ponte em cima do rio nervoso

o rio que lá em baixo pouco se importava com ele

Eeno entanto o chamava

MA-MOE 39 [fl.31]

pra misteriosos carnavais.

E teve vontade de se atirar.

Não se atirou

Mas foi como si tivesse atirado seu abandono.

5

E depois voltou prá casa

livre sem correntes

muito livre infinitamente

livre livre livre.

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.31v]

Construção

Um grito pula no ar como um foguete.

Vem da paisagem de bairro úmido calça e andaimes

[hirtos

O sol cai sobre as coisas como placa fervendo.

5

Um sorveteiro risca a rua.

E o vento brinca nos bigodes do construtor.

<Publicado>

Capital do Estado

Cidade bonita

jogada no sertão

sem nem um forde, sem nem um apito.

10

Só as ruas de bôca aberta

suspirando

e uma lua **DESTE TAMANHO**

dependurada na serra do Curral

tentando os violeiros

15

da cidade sem violas.

Raizes e caramujos

Raizes garras dolorosas

dentro da terra vermelha

num grande banquete inútil.

Raizes garras que não podem agarrar.

5

Os caramujos entre as pedras sonham indolentemente,

numa curva enroscante moleza.

Raizes garras muito dolorosas

crispadas

no coração parado da terra.

10

E fora os caramujos

filhos e pais dentro caramujos indolentes

formam uma vasta família espiritual.

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.32v]

Daguerreotipo

Tinha no canto da sala um álbum de fotografias

[intoleráveis

alto de 15 metros e velho de infinitos minutos,

em que todos se debruçavam

5

na alegre alegria de zombar dos mortos de so-

[brecasaca.

Um verme começou a roer as sobrecasacas

[indiferentes

e roeu as páginas as dedicatorias e mesmo a

10

[poeira dos retratos.

Só não roeu o imortal soluço de vida que rebentava

que rebentava daquelas páginas.

Paizagem burguesa

5 Domingo. Automoveis correm nas alamedas
com famílias que se divertem
num sonho de gasolina fugitivo
entregando os destinos burgueses e contentes
ao chofér pelas avenidas arborizadas.

(O 931

Atropela um menor.)

10 Os pais têm um ar solene e patriarcal
as meninas poem meias de seda
os meninos vestem o terno dominical.

15 Automóveis de todas as côres
rolam nas avenidas arborizadas
e no fim de 60 minutos
descem os meninos de termo dominical
as meninas de meia de seda
e os pais de ar solene e patriarcal.

MA-MOE 39 [fl.33v]

1

2^a 3^a 4^a 5^a 6^a sabado...

domingo!

Automoveis rolam nas avenidas.

MA-MOE 39 [fl.34]

Cromo

Tem um gôsto de coisas boas nesta noite que

[acaba:

gôsto de frutas que não chegaram a amadurecer pros

[dentes ávidos

5 gôsto de comidas picantes preparadas por mulheres da

Baía

gôsto de me machuca e me exaspera.

Esta janela aberta emoldura todo o Brasil:

a linha do pomar sob o céu recortada e caprichosa,

10 a linha do quintal rasteira e bonacheirona

e a linha do curral, donde furam a noite os bois

[esculpidos e vermelhos.

Longe atrás da serra invencível e imperturbável

eu sinto que a cidade vive!

15 Sinto que ela trepa nos morros, contórna os rios em-

[vereda pelos atalhos

e corre para o mar.

<Publicado>

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

5

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

10

MA-MOE 39 [fl.35]

Orozimbo

Este mulato é sem-vergonha como ninguém.

Ele vende ^{balas num} taboleiro coberto com toalha de

[renda

mas furta nas contas e chupa metade das balas.

5

No fundo do baú tem um livro velho de modinhas

e na mesa de pão tósco escovas e pomadas cheirosas.

No prego, ao lado duma mulher de cinema, o violão é

[um agente lírico.

E na alma do mulato a música verte nostalgias e-

10

[normes

Ele apaixonou a mulata mais dengosa do arrabalde.

Sua voz constipada tem audacias e eloquências román-

[ticas

Seu punho nervoso esmurra os padeiros atrevidos.

15

Seu cabelo é todo encarapinhado.

Este mulato já teve cinco vezes na cadeia

tanto se mete em freges e gosta de tomar o seu trago.

MA-MOE 39 [fl.35v]

Si bebe é insuportável, si não bebe é como si bebesse.

Todos os senhores graves reclamavam contra Orozimbo.

Orozimbo

é a pessoa mais importante do arrabalde.

5

E eu gósto profundamente de Orozimbo.

Bucólica no caminho do Pontal <(I)>

O arvoredado bole bole

estala

fala.

Que ventinho sem-vergonha!

5

Abro a porteira. O vento bate

PÁ...

o vento foge.

Moitas de capim gordura

o veludoso o grato capim.

10

A estrada corre, não morre.

Eu corro

tropéço

e cáio

e tórno a correr.

15

A VIDA É BÔA! A VIDA É BELA!

Passarinhos inocentes no céu azul.

Sol das 12 horas.

< (I) Fazenda deste seu criado >

Jogo uma pedra: tpooff!
Círculos que se alargam
a l a r g a m
e a paisagem que treme
5 na quietude do açude...
Sai daí, mosquito!
O vento...
Como é bom viver.
Chego À fazenda satifeitíssimo. Galinhas ao
10 sol. Na casa do empregado roupas brancas
branquejando. O ar zumba. O sol cai diretamente
sobre as coisas. Garanto que
SOU FELIZ.

MA-MOE 39 [fl.37]

Uma aguinha esperta mija entre barrancos.

“Observem a doçura destes campos,
examinem os bigodes da paisagem.

Eis porque me ufano de meu paiz!”

5 (Como é boba, meu Deus! a gente da Academia falando
[do campo...])

A aguinha mija satisfeita.

Quem tem sêde bebe,

Quem tem fome come.

10 Eu andei tanto a pé

Que comeria um boi.

A amizade encher o bolso de quitanda.

Trago uma garrafinha de café

cigarros

15 e os Epigramas de Ronald de Carvalho.

O açude quietude palude alaude.

E os peixinhos lá dentro, hein?

E o longo largo silencio...

MA-MOE 39 [fl.37v]

Música

A Pedro Nava

Uma coisa triste no fundo da sala.

Me disseram que era Chopim.

A mulher de braços redondos como pernas

5 martelava na dentadura dura

sob o lustre respeitavel.

E considerei nas contas que era preciso pagar

nos passos que era preciso dar

nas dificuldades...

10 Enquadrei o Chopim na minha tristeza

e na dentadura amarela e preta

meus cuidados avoaram que nem borboletas.

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.38]

Coração numeroso

Foi no Rio.

Eu passava na Avenida quasi meia-noite.

Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inume-

[raveis.

5

Havia a promessa do mar

e bondes tilintavam

abafando o calor

que soprava no vento

e o vento vinha de Minas.

10

Meus paraliticos sonhos desgosto de viver

(a vida para mim é vontade de morrer)

faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente

na Galeria Cruzeiro quente quente

e como não conhecia ninguem a não ser o doce vento,

15

nenhuma vontade de beber, eu disse: acabemos com

[isto.

Mas tremia na cidade uma fascinação casas

[compridas

MA-MOE 39 [fl.38v]

autos abertos correndo caminho do mar

voluptuosidade errante do calor

mil presentes da vida aos homens indiferentes,

que meu coração bateu forte, meus olhos inuteis

5

[choravam.

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.

A rua acabou, quéde as arvores? a cidade sou eu

a cidade sou eu

sou eu a cidade

10

meu amor.

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.39]

Igreja

Tijolo

andaimes

agua

tijolo.

5 O canto dos homens trabalhando trabalhando

mais perto de ceu

cada vez mais perto

mais

mais perto

10 mais...

A torre.

E pelos domingos a litania dos perdões, o murmúrio

[das invocações.

Tem um padre que fala do inferno

15 sem nunca ter ido lá.

Pernas de seda ajoelham mostrando gióelhos.

Um sino canta a saudade de qualquer coisa

[sabida e já esquecida.

A manhã pintou-se de azul.

MA-MOE 39 [fl.39v]

1

No adro ficou o ateu

no alto fica Deus.

Domingo...

Bem bão! Bem bão!

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.40]

Tennis

Sol

jardim

gira-sol.

A bola

5

resvala

rola

no macio.

A agua

treme

10

e o tritão

ri.

Cantiga de viuvo

A noite caiu na minh'alma,
fiquei triste sem querer.

Uma sombra veio vindo
veio vindo, me abraçou.

5

Era a sombra de meu bem
que morreu ha tanto tempo.

Me abraçou com tanto amor
me apertou com tanto fogo
me beijou, me consolou.

10

Depois riu devagarinho,
me disse adeus com a cabeça
e saiu. Fechou a porta.
Ouvi seus passos na escada.
Depois mais nada... acabou.

MA-MOE 39 [fl.41]

Dentista

Cadeira elastica eletrica

os olhos postos no infinito

eu grito

enquanto o emerito

5

com minuciosa crueldade

extrai

todos os nervos raizes dentes.

E seu riso de fera doméstica

tem a vibração duma faísca elétrica.

10

(Protestos energicos frenéticos)

Ai!

Vá rebentá a boca de teu pai!

MA-MOE 39 [fl.41v]

Eu protesto

Monotonia de viver:

catálogos discursos e prospectos

e depois mais catálogos.

Meu almoço das 10 às 11 horas

5 meu passeio de bonde

meus negocios meu armazém de sensações.

Às vezes a gente inicia um protesto...

E riem da gente.

- Más funcionário da vida!

10 Pois monotonia da vida e seus catálogos.

Eu queria deitar debaixo dum coqueiro

e enrolar as botinas num infinito Jornal do Comercio.

Mas minha terra não tem coqueiros!

Minha terra não tem palmeiras!

15 Ela é nua e triste

como uma mulher que tirasse a roupa e entristecesse.

MA-MOE 39 [fl.42]

Dizem que é uma cidade civilizada...

Merda!

Eu sei de caminhos onde meus patricios não vão
e sei de terras que fazem parar o sangue da gente.

5

Nessas terras é que eu queria ir:

prefeitura não deixa!

Estado não deixa!

literatura não consente!

A literatura em minha terra é oficial como as pal-

10

[meiras.

Eu protesto!

Levanto o meu alegre berro de protesto!

Vocês me aborrecem com seus talentos coroados de

louros

suas placas nas portas e seus catálogos.

15

Vocês são os responsáveis pelo meu tédio,

pela monotonia de viver que feriu os meus olhos

e pelos meus arredondados bocejos.

Vocês são umas bestas muito grandes

MA-MOE 39 [fl.42v]

mas eu gósto de vocês.

Sou brasileiro, que diacho!

É preciso tirar as teias de aranha do Brasil.

E do bestunto de cada um de nós

5 varrer os agudos palimpsestos.

Queimar a parte dos in-folios.

Si perguntarem por Machado de Assis digam que

[ele morreu.

Prefiro ser macaco a ser super-homem!

10 Ser macacamente macaco!

sem sabedoria nem ironia!

fazer caretas e pular!

Que importa minha cauda? Minha cauda pula

comigo! < * >

Reparem na minha terra:

15 em verdade já não tem palmeiras, tem desertos,

<*Confesso que aí tem uma contradição: o macaco é bicho imitador por excelencia, e eu procuro condenar a imitação...>

MA-MOE 39 [fl.43]

nem tem coqueiros, tem destruições.

São os inteligentes das academias

os muitos sabios e suas bibliotecas

encafuadas nos bangalôs.

5

Vocês cortaram racharam machucaram

e fizeram babeis e publicaram livros sapientísimos,

seus canalhas!

Chegou o tempo de queimar tudo isso,

ver com olhos simples

10

pegar com dedos simples

dizer bobagens puras líricas.

Eu não preciso do aplauso de ninguém!

Si disserem que me perdi

(já fui como vocês um gaveteiro de símbolos)

15

si disserem que fui inteligente em 1922 e sou burro

[em 1925,

muito obrigado! mas vou prá frente.

Meus amigos do Rio, de S. Paulo e de Belo Horizonte

são muito mais inteligentes do que vocês!

MA-MOE 39 [fl.43v]

mais vivos! e são destemidos e não se zangam!

e não tem calor! e dão gargalhadas!

É preciso rir até chorar.

Ninguém constroi um paiz sinão rindo desaba-

[ladamente.

5

E nosso riso é nossa força!

Sabará

A Anibal Machado (I)

A dois passos da cidade importante
fica a cidadezinha parada calada entrevada
(atrz daquele morro, com vergonha do trem...)

5

Só as igrejas
só as torres pontudas das igrejas
não brincam de esconder.

O rio das Velhas lambe as casas velhas
casas encardidas onde ha velhas nas janelas.

10

Ruas em p
p de moleque
PENSÃO DE JUAQUINA AGULHA
Quem não subir direito o povo d uma vaia nele...
Bem feito!

15

Eu fico c embaixo
imaginando na ponte do Borba Gato.

< (I) A pessoa mais inteligente que nasceu em Sabará. >

MA-MOE 39 [fl.44v]

Ai tempo!

Nem é bom pensar nessas coisas mortas muito mortas.

Os séculos cheiram a môfo

e a historia tá cheia de teias de aranha!

5

Na agua suja barrenta a canôa deixa um sulco

[logo apagado.

Que dê os bandeirantes?

O Borba fugiu

d. Maria Pimenta morreu...

10

Mas tudo tudo é inexoravelmente colonial

brancas janelas fechadas lampiões.

O casario alastra na cacunda dos morros,

rebanho docil pastoriado pelas igrejas:

a do Carmo – que é toda de pedra;

15

a da Matriz – que é toda de ouro.

Sabará veste com orgulho seus andrajos...

Faz muito bem! Cidade teimosa!

Nem siderúrgica nem Central nem a roda manhosa do

[forde.

MA-MOE 39 [fl.45]

sacode a modôrra de Sabará-buçú.

Pernas morenas de lavadeiras,

tão musculosas que parece foi o Aleijadinho que as

[esculpiu,

5

palpitam na água cansada.

O repente vem de mansinho

de repente dá um salto:

cartaz de cinema com fita americana.

E o trem bufando na ponte preta

10

é um bicho comendo as casas velhas.

<Publicado>

MA-MOE 39 [fl.45v]

Explicação

Meu verso é minha consolação.

Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça.

Pra beber, copo de cristal, canequinha de folha de

[flandres,

5 folha de taioba, pouco importa!

tudo serve! Pra louvar a Deus como para aliviar o peito,

queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e

trabalhos

é que faço meu verso. E meu verso me agrada.

10 Meu verso me agrada sempre...

Ele ás vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar uma cam-

balhota

mas não é pro público, é pra mim mesmo essa cambalhota.

Eu bem me entendo.

Não sou alegre. Sou até muito triste.

15 A culpa é da sombra das bananeiras de meu pai, esta som-

[bra mole preguiçosa.

Tem dias que ando na rua de olhos baixos
 pra que ninguém desconfie, ninguém perceba
 que passei a noite inteira chorando.
 Tou no cinema vendo fita de Tom Mix
 5 e de repente ouço a voz duma viola...
 Sáio desanimado.

Ah ser filho de fazendeiro!
 Á beira do S. Francisco, do Paraíba ou de qualquer córrego
 [vagabundo
 10 é sempre a mesma sensibilidade.
 E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.
 Aquela casa de 9 andares comerciais
 é muito interessante.
 A casa colonial da fazenda também era...

15 No elevador penso na roça
 na roça penso no elevador.

Quem em fez assim foi minha gente e minha terra,
 e gosto bem de ter nascido com essa tara.
 Pra mim de todas as burrices a maior é suspirar pela
 20 Europa.

MA-MOE 39 [fl.46v]

A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso

do dinheiro

e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a

perna na gente.

5

O francez, o italiano, o judeu falam uma lingua de farrapos.

Sei lá o que é isso! Em Portugal a gente ainda se entende,

mas diz que os portugueses são todos muito burros.

É sina deles, meu Deus.

Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma

10

canalha só,

lê o seu jornal, mete a sua língua no governo,

queixa da vida (a vida está tão cara!)

e no fim dá certo.

Si meu verso não deu certo foi teu ouvido que

15

[entortou.

Infancia

Meu pai montava a cavalo, ia prá fazenda.

Minha mãe ficava em casa cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sosinho menino entre mangueiras

5 lia a história de Robison Crusoé,

comprida história que não acaba mais.

No meio dia branco de luz uma voz que aprendeu

a ninar nos longes da senzala

e nunca se esqueceu

10 chamava pro café.

Café preto que nem a preta velha.

Café gostoso.

Café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo

15 olhando pra mim:

_ Psiu... não acorda o menino...

pro berço onde pousou um mosquito.

MA-MOE 39 [fl.47v]

Dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campiava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha historia
era mais bonita que a do Robison Crusoe.

Familia²⁸

Tres meninos e duas meninas
 sendo uma ainda de colo,
 a cosinheira preta 7 a copeira mulata
 o papagaio o gato o cachorro
 5 as galinhas gordas no palmo de horta
 e a mulher que trata de tudo.

A espreguiçadeira a cama a gangorra
 o cigarro o trabalho a reza
 a goiabada na sobremesa de domingo
 10 o palito nos dentes contentes
 o gramofone rouco toda noite...
 E a mulher que trata de tudo.

O agiota o leiteiro o turco
 o medico uma vez por mez
 15 o bilhete todas as semanas
 branco! mas a esperança sempre verde.
 A mulher que trata de tudo
 e a felicidade...

28 Há um X vermelho que marca o poema e não foi feito pelo mesmo lápis usado nos comentários de Mário de Andrade ou de Carlos Drummond de Andrade (comentário nosso).

MA-MOE 39 [fl.48v]

Cidadesinha qualquer

As casas entre bananeiras
as mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

5

Um homem vai devagar
um cachorro vai devagar
um burro vai devagar

Devagar... as janelas olham
Êta vida besta, meu Deus.

Jardim da praça da Liberdade

Verdes bolindo.

Sonata cariciosa da agua

fugindo entre rosas geométricas.

Ventos elisios.

5

Macio.

Jardim tão pouco brasileiro... mas tão lindo.

Paizagem sem fundo.

A terra não sofreu para dar estas flores.

Sem resonancia

10

O minuto que passa

desabrochando em floração inconsciente.

Bonito de mais. Sem humanidade.

Literario de mais.

(Pobres jardins do meu sertão

15

atrás da serra do Curral!

Nem repuxos frios nem tanques languês

nem bombas nem jardineiros oficiais.

Só o mato crescendo indiferente entre sempre vivas des-

MA-MOE 39 [fl.49v]

[botadas

e o olhar desditoso da moça desfolhando malmiqueres.

Jardim da praça da Liberdade,

Versalhes entre bondes.

5 Na moldura de secretarias compenetradas

a graça inteligente da relva

compõe o sonho dos verdes.

PROIBIDO PISAR NO GRAMADO.

Talvez fôsse melhor dizer:

10 PROIBIDO COMER O GRAMADO...

A prefeitura vigilante

vêla a soneca das hervinhas.

E o grande capote preto do guarda é uma bandeira

[na noite estrelada de funcionarios.

15 De repente uma banda preta

vermelha retinta suando²⁹

bate um dobrado batuta

na doçura do jardim.

Repuxos apavorados fugindo.

29 Verso inserido posteriormente na mesma linha do verso abaixo, sobre ele.

Confissão

Meus olhos coloniais

namoram as velhas casas caindo.³⁰

Minhas mãos coloniais

acariciam os móveis pretos carunchosos.

5

E as velhas mulheres?

Meu coração colonial palpita de ternura diante

[das velhas mulheres de chale preto.

Porém minha roupa moderna

colarinho bengala sapatos

10

fazem de mim um boneco muito século vinte

dinâmico frívolo cínico

É preciso!³¹

Puz antenas de radio no meu Sabará.

30 Comentário de MA: x Parece o Losango: E meigamente espiou a casa colonial.

31 Versos sublinhados pelo autor no manuscrito.

Fim de
“Minha terra tem palmeiras”

Poesia do poeta³²

O verso de Manuel Bandeira às vezes é tão comprido

que a gente não pode chegar ao fim

da linha sem se deter pra tomar

5

folego.

Eu não sei como Manuel Bandeira que é tuber-

culoso póde fazer um verso tão comprido

assim.

Acho que ele deve tossir muito quando faz verso,

10

escarrar muito sangue e encher o pa-

pel de perdigôtos.

Por isso mesmo a sua poesia é tão dolorosa.

Eu me sinto tuberculoso quando leio Manuel Bandeira

32 Comentário de MA: x (O Manuel ainda não viu isso, é possível que ele não goste)

Epigrama pra Emílio Moura

Tristeza de ver a tarde cair
como cai uma folha.

(No Brasil não ha outono
mas as folhas caem.)

5

Tristeza de comprar um beijo
como quem compra um jornal.

Os que amam seu amor
não têm o reino dos céos.

10

Tristeza de saber um segredo
que todos sabem
e não contar a ninguem
(que este mundo não presta).

MA-MOE 39 [fl.51v]

1

Itabira

31 de Maio

1926

Tabela de anexos – periódicos

ANEXO	TEXTO	PERIÓDICO	DATA
1	“Tântalos”	<i>Diário de Minas</i>	13 de mar. de 1921
2	“Fome de leitura”	<i>Diário de Minas</i>	18 de mar. de 1921
3	“Impressões - IBSEN”	<i>Diário de Minas</i>	25 de mar. de 1921
4	“Um prazer quase triste...”	<i>Diário de Minas</i>	2 de abr. de 1921
5	“Os discípulos de Wilde” e “A um homem”	<i>Diário de Minas</i>	8 de abr. de 1921
6	Carta-bilhete – a Lincoln de Sousa”	<i>Diário de Minas</i>	10 de abr. de 1921
7	“Senhora do Engenho”	<i>Diário de Minas</i>	17 de abr. de 1921
8	A cidade do tédio”	<i>Diário de Minas</i>	27 de mai. de 1921
9	[Sem título] (17-11-1921)	<i>Diário de Minas</i>	17 de nov. de 1921
10	“O poema dos amantes que envelheceram com o último beijo” e “O poema da mulher que não mais se refletia no espelho”	<i>Diário de Minas</i>	2 de dez. de 1921
11	“O outro lado da vida”	<i>Diário de Minas</i>	14 de abr. de 1922
12	[Sem título] 7-7-1922	<i>Diário de Minas</i>	7 de jul. de 1922
13	“Notícias literárias: ‘Aparências e realidades’, por Gilberto Amado	<i>Diário de Minas</i>	3 de ago. de 1922
14	“‘Os condenados’ de Oswald de Andrade”	<i>Diário de Minas</i>	20 de out. de 1922
15	“Pensamentos/ no bonde”	<i>Diário de Minas,</i>	20 de out. de 1922.
16	“Poeta”	<i>Diário de Minas</i>	22 de out. de 1922.
17	“Sê como as torres longas e finas...”	<i>Diário de Minas</i>	1 de dez. De 1922
18	“Ao longo das ruas ermas”	<i>Diário de Minas</i>	12 de dez. de 1922
19	“À hora do café”	<i>Diário de Minas</i>	13 de dez. de 1922.
20	“Sem nenhuma convicção...”	<i>Diário de Minas</i>	22 de dez. de 1922
21	“A beleza da vida na alegria da manhã”	<i>Diário de Minas</i>	28 de dez. de 1922.
22	“Sem nenhuma convicção”,	<i>Diário de Minas</i>	3 de jan. de 1923.
23	[Sem título]	<i>Diário de Minas</i>	10 de jan. de 1923
24	“Na tarde cheia de doçura...”	<i>Diário de Minas</i>	14 de jan. de 1923
25	“Sobre a existência de Sócrates”	<i>Diário de Minas</i>	23 de jan. de 1923

26	“De Jeremias, poeta falho”	<i>Diário de Minas</i>	7 de fev. de 1923
27	“A Alma tumultuosa de Antonio Ferro”,	<i>Diário de Minas</i>	23 de jan. de 1923.
28	“Folhas que o vento leva...”	<i>Diário de Minas</i>	20 de abr. de 1923
29	“Onda”	<i>Diário de Minas</i>	5 de mai. de 1923
30	“Livros novos”	<i>Diário de Minas</i>	5 de mai. de 1923
31	“Bem-aventurados”	<i>Diário de Minas</i>	9 de mai. de 1923
32	“Notícia elétrica”	<i>Diário de Minas</i>	27 de mai. de 1923
33	“De um lápis vadio”	<i>Diário de Minas</i>	20 de jul. de 1923
34	[Sem título]	<i>Diário de Minas</i>	27 de jul. de 1923
35	“A ronda dos vícios”	<i>Diário de Minas</i>	3 de ago. de 1923
36	“O suave final”	<i>Diário de Minas</i>	20 de ago. de 1923
37	“A rua solitária”	<i>Diário de Minas</i>	25 de ago. De 1923
38	“Gonçalves Dias”	<i>Diário de Minas</i>	9 de set. de 1923
39	Visões de arte”	<i>Diário de Minas</i>	25 de nov. de 1923
40	“O livro de um desencantado”	<i>Diário de Minas</i>	13 de jan. de 1924
41	“Quando ela passou por mim”	<i>Diário de Minas</i>	23 de jan. 1924
42	“Longe do asfalto”	<i>Diário de Minas</i>	27 de jan. de 1924
43	[Sem título]	<i>Diário de Minas</i>	30 de jan. de 1924
44	“Cinco minutos em companhia de um poeta”	<i>Diário de Minas</i>	7 de fev. de 1924
45	“Perfume”	<i>Diário de Minas</i>	27 de abr. de 1924
46	Nacionalismo”	<i>Diário de Minas</i>	25 de jun. de 1924
47	“As ideias do Sr. Graça Aranha”	<i>Diário de Minas</i>	29 de jun. de 1924
48	“Literatura portuguesa: ‘A morte do imaginário’ – João Barreira – Lisboa, 1923”.	<i>Diário de Minas</i>	6 de jul. de 1924
49	“A mulher do elevador”	<i>Diário de Minas</i>	10 de jul. de 1924
50	“História elétrica”	<i>Diário de Minas</i>	25 de jul. de 1924
51	“Sertão melancólico”	<i>Diário de Minas</i>	31 de jul. de 1924
52	“Viver”	<i>Diário de Minas</i>	2 de ago. de 1924
53	“Cavalo Morto”	<i>Diário de Minas</i>	16 de ago. De 1924
54	“A voz de um destino solitário”	<i>Diário de Minas</i>	14 de out. de 1924

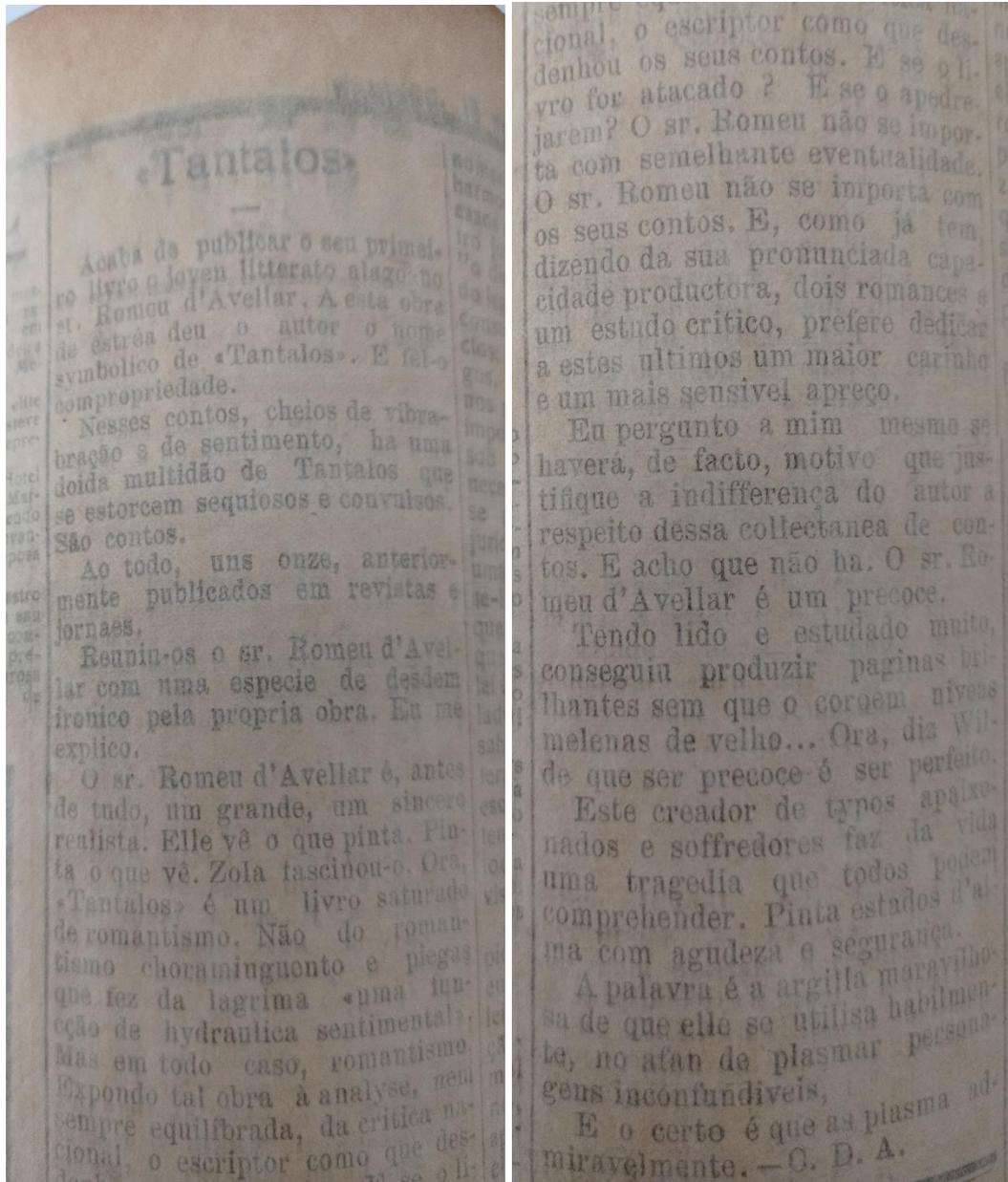
55	“Poesia brasileira”,	<i>Diário de Minas</i>	17 de out. de 1924
56	“Anatole France”	<i>Diário de Minas</i>	26 de out. de 1924
57	“Serenata”	<i>Diário de Minas</i>	18 de jan. de 1925
58	“Sem conseqüências”	<i>Diário de Minas</i>	24 de jan. de 1925
59	“A noite entre os enigmas”	<i>Diário de Minas</i>	10 de fev. de 1925
60	“A história de duas mãos”	<i>Diário de Minas</i>	12 de fev. de 1925
61	“Pierrô patológico”	<i>Diário de Minas</i>	20 de fev. de 1925
62	“Último Pierrot”	<i>Diário de Minas</i>	22 de fev. de 1925
63	“Ninguém sabe...”	<i>Diário de Minas</i>	5 de abr. de 1926
64	“A cidade de ferro”	<i>Diário de Minas</i>	26 de abr. de 1925
65	“Livros novos”	<i>Diário de Minas</i>	4 de ago. de 1925.
66	“Passa uma aleijadinha”	<i>Diário de Minas</i>	10 de nov. de 1926
67	“Paisagem burguesa”	<i>Diário de Minas</i>	20 de nov. de 1926
68	“Dentro do baú”	<i>Diário de Minas</i>	30 de out. de 1926
69	“Elegia do Rei Sião”	<i>Diário de Minas</i>	30 de out. de 1926
70	“Soneto”	<i>Diário de Minas</i>	28 de nov. de 1926
71	“O homem de preto”	<i>Diário de Minas</i>	3 de dez. de 1926
72	“Família”,	<i>Diário de Minas</i>	4 de dez. de 1926
73	“E o fim coroa a obra”	<i>Diário de Minas</i>	21 de dez. de 1926
74	“Voto em separado”	<i>Diário de Minas</i>	5 de jan. 1927
75	“Pipiripau”	<i>Diário de Minas</i>	30 de jan. de 1927
76	“Retrato”	<i>Diário de Minas</i>	30 de jan. de 1927
77	“Pipiripau”	<i>Diário de Minas</i>	6 de fev. de 1927
78	“Faleceu Osório Duque Estrada”	<i>Diário de Minas</i>	8 de fev. de 1927
79	“Tudo preto”	<i>Diário de Minas</i>	11 de fev. de 1927
80	“Belo Horizonte/ a Antonio Crispim” e “Caso”, <i>Diário de Minas</i>	<i>Diário de Minas</i>	20 de mar. de 1927
81	Um caso sério”	<i>Diário de Minas</i>	27 de mar. de 1927
82	“Sonho de um dia de calor”	<i>Diário de Minas</i>	30 de mar. de 1927
83	“Silhueta”	<i>Diário de Minas</i>	3 de abr. de 1927
84	“A parábola do pai pródigo”	<i>Diário de Minas</i>	7 de abr. de 1927

85	“Antologia de pedacinhos de ouro”	<i>Diário de Minas</i>	8 de abr. de 1927
86	“Efêmeros no bonde”	<i>Diário de Minas</i>	9 de abr. de 1927
87	“Casca de banana”	<i>Diário de Minas</i>	10 de abr. de 1927
88	“A verdade sobre as vitrolas”,	<i>Diário de Minas</i>	12 de abr. de 1927
89	“Só para os gordos? Só para os magros?”	<i>Diário de Minas</i>	13 de abr. de 1927
90	“Judas”	<i>Diário de Minas</i>	14 de abr. de 1927.
91	“Por que Judas se enforcou?”	<i>Diário de Minas</i>	17 de abr. de 1927
92	“A derrota de Mirandolino”	<i>Diário de Minas</i>	19 de abr. de 1927
93	“O amendoim no cinema”	<i>Diário de Minas</i>	24 de abr. de 1927
94	“Faites-les tomber du lit”,	<i>Diário de Minas</i>	26 de abr. de 1927
95	“O melhor dentifrício do mundo”	<i>Diário de Minas</i>	30 de abr. de 1927
96	“Circo”,	<i>Diário de Minas</i>	24 de fev. de 1928
97	“Uma feia na multidão”	<i>Diário de Minas</i>	1 de mar. de 1928
98	“A arte de viajar”	<i>Diário de Minas</i>	16 de mar. de 1928
99	“Desejo de glória”	<i>Diário de Minas</i>	17 de mar. de 1928
100	“O caso da calça”	<i>Diário de Minas</i>	21 de mar. de 1928
101	“História da carocinha”	<i>Diário de Minas</i>	22 de mar. de 1928
102	“Outra história”	<i>Diário de Minas</i>	24 de mar. de 1928
103	“Feminismo”	<i>Diário de Minas</i>	25 de mar. de 1928
104	“Uma história dolorosa”	<i>Diário de Minas</i>	29 de mar. de 1928
105	“Poeminha de Maria”	<i>Diário de Minas</i>	13 de abr. de 1928
106	“Poesia”	<i>Diário de Minas</i>	21 de abr. de 1928
107	“Cantiga da experiência”	<i>Diário de Minas</i>	8 de mai. de 1928
108	“Margarida”	<i>Diário de Minas</i>	20 de mai. de 1928
109	“Relógio”	<i>Diário de Minas</i>	2 de jun. de 1928
110	“Sociedade”	<i>Diário de Minas</i>	17 de jun. de 1928
111	“Miss Margaret Flynn”	<i>Diário de Minas</i>	28 de jun. de 1928
112	“Nós dois”	<i>Diário de Minas</i>	13 de jul. de 1928
113	“Canção do grego desencantado”	<i>Diário de Minas</i>	1 de ago. de 1928
114	“Esperteza”	<i>Diário de Minas</i>	19 de ago. de 1928
115	“Confissão”	<i>Diário de Minas</i>	9 de out. de 1928

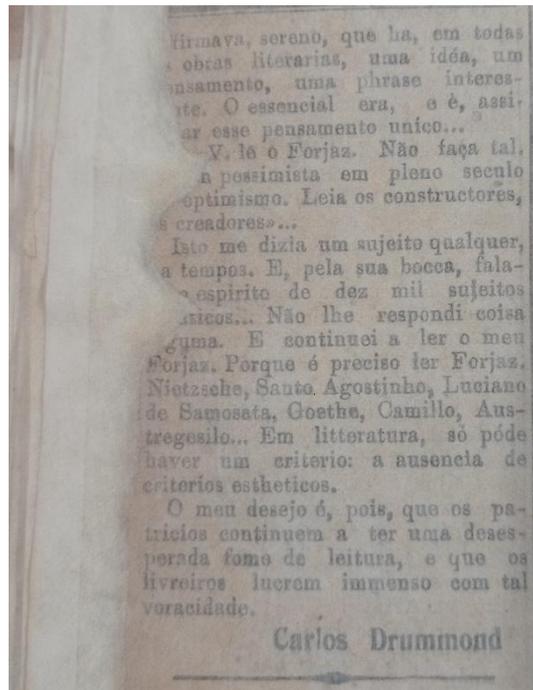
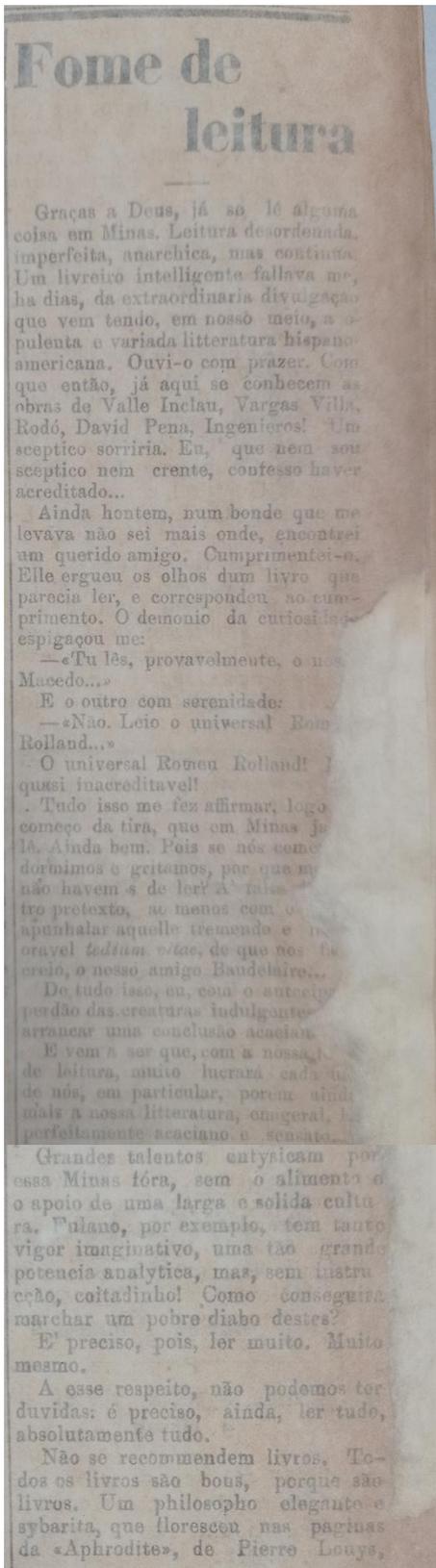
116	“A grande liquidação”	<i>Diário de Minas</i>	26 de out. de 1928
117	“Um anteprojeto da univerdade”	<i>Diário de Minas</i>	4 de nov. de 1928
118	“As sensibilidades se encontram”	<i>Diário de Minas</i>	21 de dez. De 1928
119	“Poema de sete faces”	<i>Diário de Minas</i>	25 de dez. de 1928
120	“1º de janeiro”	<i>Diário de Minas</i>	1 de jan. de 1929
121	“Etapa I/a Aníbal Machado”	<i>Diário de Minas</i>	8 de jan. de 1929
122	“Ascanio Lopes: a morte do fino poeta, e Cataguases”	<i>Diário de Minas</i>	13 de jan. de 1929
123	“Diálogo dos burgueses no bonde”	<i>Diário de Minas</i>	10 de fev. de 1929
124	“O crucifixo”	<i>Diário de Minas</i>	28 de mar. de 1929
125	“Considerações sobre o amor”	<i>Diário de Minas</i>	10 de mai. de 1929
126	“Escapou de ser célebre”	<i>Diário de Minas</i>	13 de jun. de 1929
127	“Da viagem de Constantino”	<i>Diário de Minas</i>	28 de ago. de 1929
128	“Vitrola”	<i>Diário de Minas</i>	13 de set. de 1929.
129	“Boca”	<i>Diário de Minas</i>	22 de set. de 1929
130	Poema sobre uma casa”	<i>Diário de Minas</i>	3 de out. de 1929
131	“Meu pobre amigo”	<i>Diário de Minas</i>	17 de out. de 1929
132	“Fala o pai de José/ a Ciro dos Anjos”	<i>Diário de Minas</i>	9 de nov. de 1929
133	“Cantiga de viúvo”	<i>Diário de Minas</i>	9 de mar. de 1930.
134	“A estátua do escultor cego” e “Joaquim do telhado”	<i>Novela Mineira</i>	Nov. 1921 1922
135	“Poemas pedidos”	<i>Revista Raça</i>	Jun. de 2019
136	“As condições atuais da poesia no Brasil”	<i>Gazeta Commercial</i>	20 de jul. de 1924.
137	“Condições atuais da poesia no Brasil (conclusão)”	<i>Gazeta Commercial</i>	22 de jul. de 1924.

**Publicações Diário de Minas
1921**

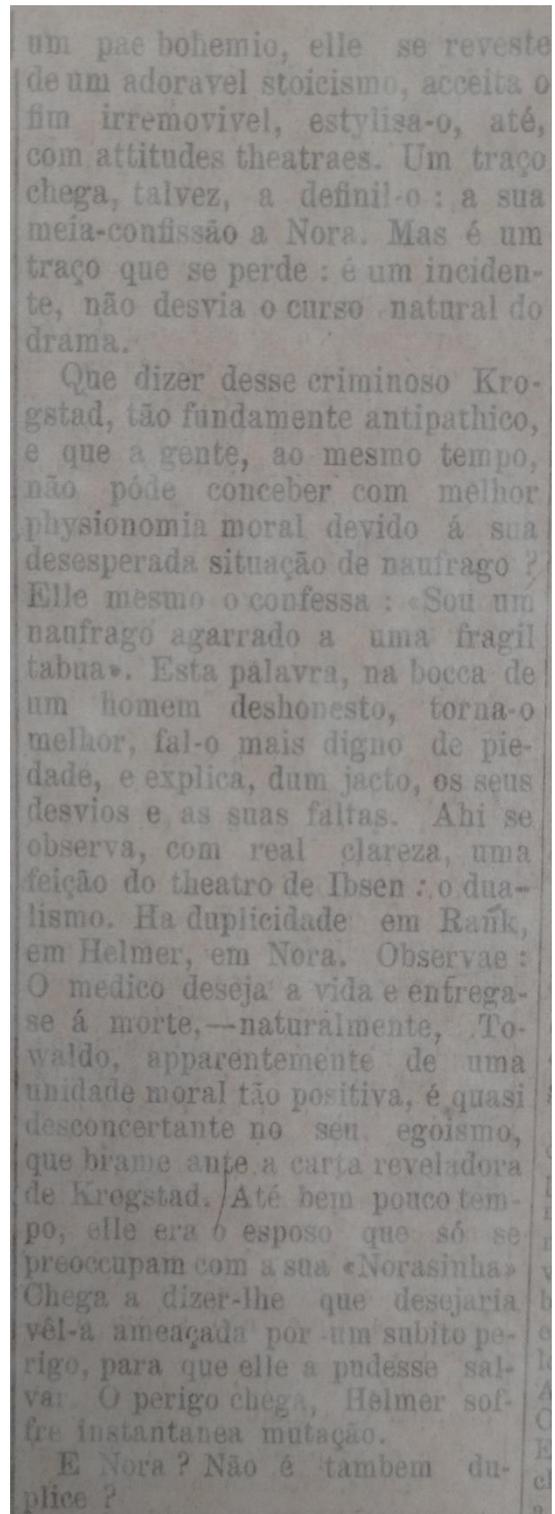
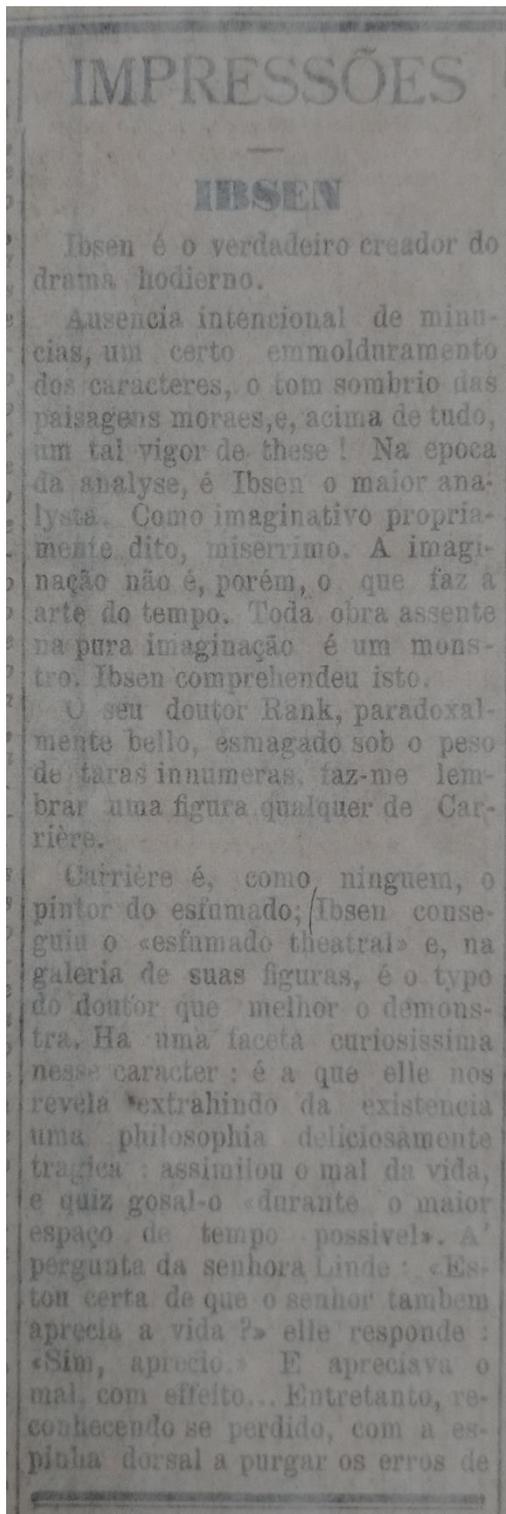
ANEXO 1 - "Tântalos" (13-3-1921)



ANEXO 2 - "Fome de leitura" (18-3-1921)



ANEXO 3 - "Impressões - IBSEN" (25-3-1921)



Ibsen comprehendem, assim, irrecusavel dualismo dos seres humanos. Não precisamos de recorrer a DeMaistre: o phenomeno psychico é flagrante. Qual de nós não é duplo? Qual de nós não se desvia, chamado por duas forças oppostas, e não se desocrenta, a visão de dois caminhos diversos?

Erra o artista que, modelando um typo, procura emprestar-lhe um feitiço espiritual uno e immutavel. Arte é, afinal, incoherencia, porque é vida. Ninguém se julgue bom, ninguém se julgue máo. Todos nós somos máos e bons a um só tempo.

Mas, o que, acima de tudo, me impressiona em Henrik Ibsen, é o seu gritante personalismo. Passando em revista o theatro europeu, chegamos a interessantes deducções. Aos dramaturgos russos, por exemplo, é applicavel, com acerto, a phrase de Jean Lorrain «Todos são slavos até ao fim das unhas»...

Sobre o allemão Gerard Hauptman, aquelle dos «Tecalões», actua, visiveis e laboriosas, as modernas correntes libertarias. Bataille, este, é «bien français»... E assim os mais. Temos consequentemente, que, até hoje, ninguém poudé ser Ibsen, senão o proprio Ibsen!

Suas cutiladas na sociedade e na

Suas cutiladas na sociedade e na moral da sociedade não são, em absoluto, as que atiram revoltados sem valor. Na «maneira» desse dramaturgo extraordinario ha inteira, uma acre «philosophia da revolta».

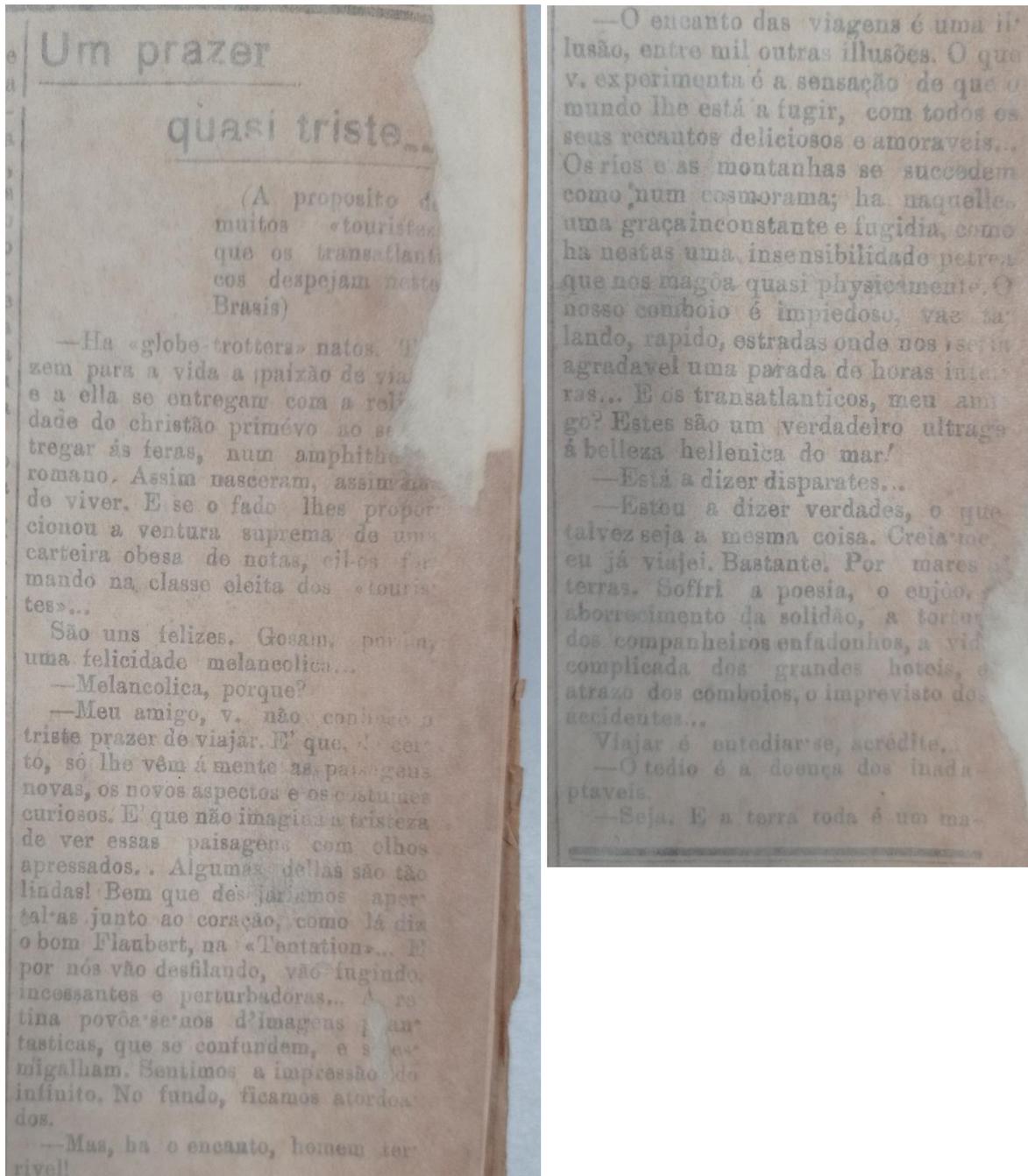
A «Casa de Boneca», drama que já alcançou a definitiva celebridade do «screen», deixa-nos ao espirito uma dolorosa impressão de desordem e aniquilamento. Seria tão melhor, para os nossos nervos e a nossa moral, que a esposa frivola e inconsciente, permanecesse, por todo o sempre, uma boneca! Vê-se que o lar de Helmer foi litteralmente destruido, — e tudo porque a esposa se compenetrára da sua inconsciencia!

Pois não é tão melhor o erro, a mentira de uma felicidade alicerçada em coisas vãs? Não terá uma boneca direito a ser feliz? a ser feliz, continuando a ser boneca?

Oh! Mas tudo isso são perguntas que ficarão, eternamente, sem resposta satisfatoria...

CARLOS DRUMMOND

ANEXO 4 - "Um prazer quase triste..." (2-4-1921)



nicomio de inadaptáveis. Metta-se
num vapor, é verê. Eu não invento.
Acho imbecil phantasiar a vida, que,
já de si, é uma phantasia idiota. E
regresso á minha primitiva afirma-
ção. O omnambulismo não faz ale-
gres, faz melancolicos. O que V.
aprende numa viagem é pouco, mui-
to pouco.

«Amer savoir, celui qu'on tire du
voyage».

Bis o que exclamava o satanista de
«Les fleurs du mal», apçs haver per-
guntado aos viajores: «Dites, qu'avez
vous vûs? Os viajores responderam,
penosamente:

«Nous avons vu des astres
Et des flots; nous avons vu des sables

Et, malgré bien des chocs et d'im-
prévus desastres,

Nous nous sommes souvent ennuyés,
comme, ici.

O poeta falava, é claro, visando um
symbolo. Mas os versos me servem.

Deixe lá dizer o severo e insup-
portavel Sainte-Beuve e que viajar
é bom, dilata as idéas, abate o
amor proprio. Qual nada!

Origina a magna de ver sem pos-
suir e de olhar sem comprehender, isto
sim.

—Que tolice!

—Diga o que lhe vier dos labios.
E'-me indifferente. Olhe: eu não
viajo mais. Sei que ha romarias
em Portugal, touros em Hespanha,
moínhos em Hollanda. Sei que Flo-
rença é um paraiso espiritual. E que
Bruges tem canções cantados pelo
susvissimo Rodenback. Também não
ignoro.

Tambem não ignoro o Rheno, tão
querido de Heine. Ora, si eu tenho
tudo isso, integral e perfeito, na
geographia, nas brochuras e nos pa-
peis publicos, porque, diabo, irei
vê-lo através de peregrinações lon-
gas e fastidiosas?

—Sim, mas...

—Nada disso. Creia nas minhas
palavras. Não vá á Europa nem á
Norte America. E não saude aquel-
les que de lá nos chegam. São uns
coitados.

Supportam uma tremenda traves-
sia de mares zangados e, aqui aper-
tando, esbarram com uma natureza
onde o João de Rio chegou a des-
cobrir «meetings» vegetaes...

Que horror! Olhe, a propósito:
Estou, hoje, farto da rua da Bahia.
V. não me fez companhia numa
viagemzita até Sabará?

Carlos Drummond

ANEXO 5 - "Os discípulos de Wilde" e "A um homem" (8-4-1921)

Os discípulos
de Wilde

Quem pretender fazer psychologia «d'après les masques», erra. E erra grosseiramente.

Vejam vocês ali esse menino Carlos Drummond - esguio, pallido, seraphico, um sorriso tímido de creança; um perfil suave, que se veste dandynescamente pelo Aquino; que toma sorvetes no «Estrella» — é uma alma perversissima de Satan ! Uma alma incomprehendida, que detesta «os outros», que anseia tão só os applausos interiores, quasi sempre silencioso, quasi sempre triste.

Pesar de muito moço — 18 annos, apenas — é dos poucos temperamentos que viçam nestas paragens burguezas.

Wilde, acima de todos, exercêu sobre o seu espirito uma fascinação funesta, e elle deixou-se arrastar, irreflectidamente, por esse envenenador de almas, berçado pela sonoridade e pelo lantejolar daquelle grande desgraçado. De hi as phrases cocainomanas do discipulo. Ha uma como volupia no escarneo, uma nevrose satanica de denegrir.

Algumas idéas de Carlos Drummond :

A UM HOMEM

«Queima todas as tuas illusões! Nada mais reste dellas senão cinzas... muitas cinzas, que tu, num gesto olympico, lançarás á dispersão do vento...

Desillude-te. Encerra-te no circulo de ferro da negação. Não creia em nada ! Não affirmes na-

altes estão homens disfarçados. Oha, a natureza é hypocrita. Bez tudo de lama e quer lantejouar a sua obra. Mas, tu sabes, um homem não vale mais que um macaco, e este não vale mais que um verme.

Ao fim de tudo -- não é? talvez inda te reste uma illusão: a de que os meus conselhos te fizeram feliz. Mas, desde já, cre que te enganás: serás, ao contrario, um pouco mais digno de lastima...>

E' ver, por ahí, uma nesga de alma desseñihilista--que só dá com o horrivel da vida. Mas a vida é mesmo assim? A vida é lama ou luz? Nem uma, nem outra, exclusivamente. Um pouco de lama, um pouco de luz.

No "Jardin d'Epicure", mestre Anatole escreveu:

"Quando se diz que a vida é boa e quando se diz que a vida é má, diz-se uma cousa que não tem sentido. A verdade é que a vida é deliciosa, horrivel, encantadora, medonha, doce, amarga, -- e que a vida é tudo."

Porque apenas a contemplação das luminosidades ou das sombras depressivas, que nos deixam na alma um vacuo immenso? Por que essa psychose de abafar sons e de esmaiar polychromias? E' aberrado quem fixa perennemente uma só face da vida. Nem optimismo, nem pessimismo: uma justa medida desses dois sentimentos, pensam muitos. Eu, não: a vida é teia? E' mister embellezal-a. Que

se plasmem bellezas impereciveis que se transforme--e só o artista é o iniciado das transformações. Fazer brilhos de diamantes em gotas de lagrimas, fazer de gotas de sangue pedras de rubis. Crear dentro da alma um jardim fechado e viver, como Platão, de divinas intimidades espirituaes. "O Pan chéri, et vous autres divinités, accordez moi la beauté interieure !..."

A Arte devia ser até mais, como sonhou o velho Hugo: "...o abrandamento dos costumes, a propria civilisação mesmo".

Mas isto são pontos de vista. E' possível que Carlos Drummond seja um grande illuminado, semear do esses venenos sonoros. Porque, afinal, para mim só ha duas coisas bellas na vida: a Arte e a Morte. A Arte, que nos leva da vida, que se faz musica dentro de nós; a Morte, que na dynamica sublime da renovação, enxuga prantos, apaga soluços e faz delirium um pouco de poeira as nossas mais desesperadas ambições.

LINCOLN DE SOUSA

adaptação de almas". Um não destrói o outro.

Chegando, agora, à sua concepção da vida, eu tenho a dizer-lhe, Lincoln de Sousa, que V. erra clamorosamente. A vida, como todos sabemos, não é "deliciosa, horrível, encantadora, medonha, doce, amarga". A vida é, apenas, deliciosa, encantadora e doce. Anatole usou com brutal impropriedade os objectivos "horrível", "medonha" e "amarga". V. é o autor de "Sur la pierre blanche" reunem Schopenhauer e Pangloss num composto híbrido e incaracterístico. Os dois são irreconciliáveis. A vida não é, como V. pensa, uma pouca de lama argamassada a uma pouca de luz. É muita luz, sem nenhuma lama.

Ainda bem que v., mais adiante, reduz tudo a uma simples questão de pontos de vista. São, afinal, pontos de vista que se chocam até nas últimas linhas do seu artigo... Para a sua esthesia, não ha, como expressões de belleza, senão a arte e a morte. Discordo. Em primeiro lugar, não só possuímos da arte definições absolutamente relativas. Ruskin quer que ella seja adoração. Zola julga-a como a propria natureza reflectida pelo personalismo de um temperamento. Sei de um allemão que a define, grave e synthetico, a uma equação: Arte = Natureza - X. Por mim, penso, apenas, que ella não passa de uma doença do espirito. Uma doença de que a humanidade algum dia se verá livre...

Não a julgo, pois, como v., uma das coisas bellas da vida. A arte está sempre, muito aquem ou além da belleza: aquem, se objectiva, além, se subjectiva. Não ha infinito na arte, que é toda feita de proporção e medida. Comparo uma obra d'arte a qualquer coisa de muito arranjadinha, muito direitinho, é mais nada.

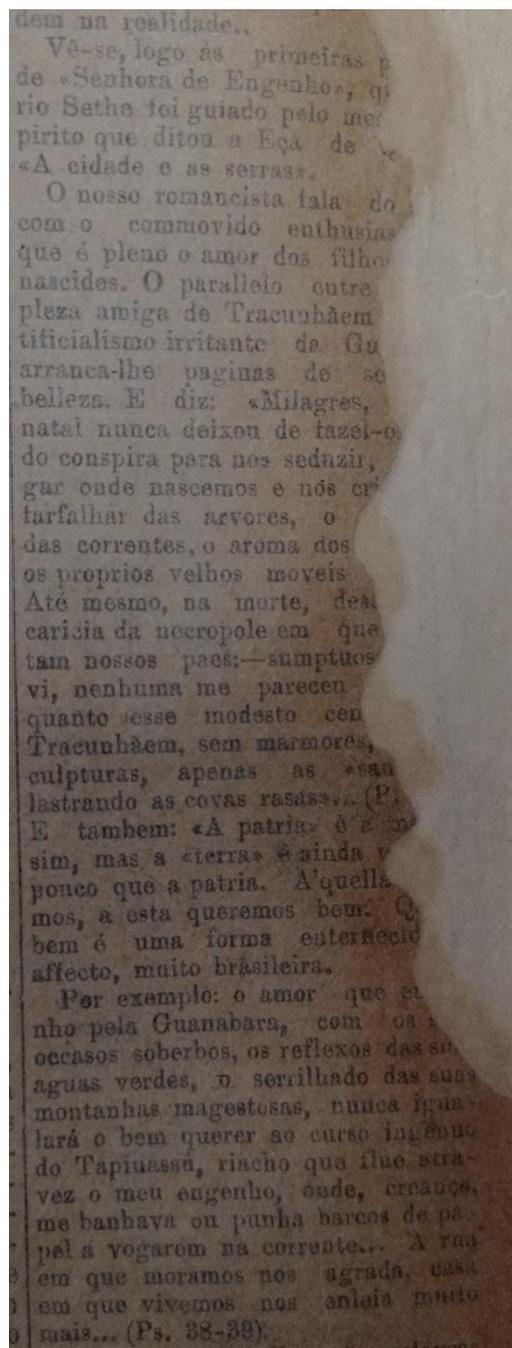
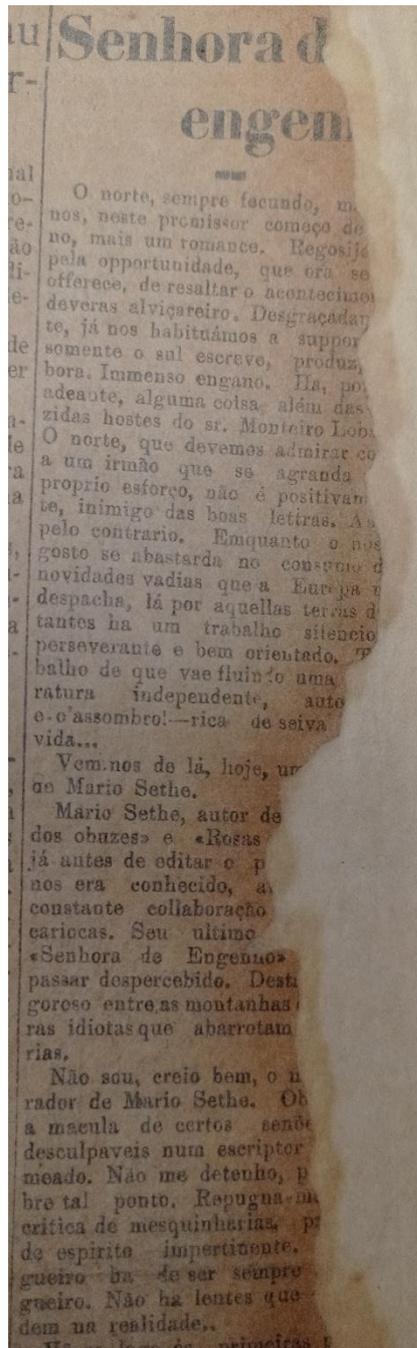
E a morte... Será bella, a morte? Com sinceridade: não.

O que ha, pois, de bello na vida é, meu caro Lincoln, — a vida.

O mais é ficção, desvario, loucura...

Affectuosamente
CARLOS DRUMMOND

ANEXO 7 - "Senhora do Engenho" (17-4-1921)



Estas, como aquellas, são palavras do engenheiro Luciano. Luciano é um typo que Mario Sethe delineou com traços de grande sympathia. Diga-se de passagem: Abusa um tanto de verbalismo.

O romance tem enredo simples, de muita delicadeza, e focalisa, veraz, o espirito nortista, que nós, envenenados de cosmopolitismo, devíamos procurar comprehender melhor. Mario Sethe mostra-nos a terra em toda a sua formosura agreste. Um scenario delirantemente verde, onde se movimentam figuras nobres, rectas e amáveis. Com a pericia que lhe dá a sua apreciavel technica de romancista moderno, aborda questões deveras palpitantes. Digo palpitantes por envolverem o futuro da nacionalidade. O separatismo, para exemplificar. Luciano, sempre sensato, assim se exprime, a respeito: «Longo de nos separar, carecemos nos conhecermos»

mande nos.» Não lateja, nos phrasas conselheiral, to-gramma de acção? Certo, variamos intensificando as anemicas relações com o que fazendo curvaturas, servia ao paiz estrangeiro se nos de-ollas moreceder... E' utilissi-urgentemente necessario esse ambio com os nossos irmãos de aa. Intercambio intellectual, e-lico, financeiro. Intercambio de as especies e sob todas as formas. Romance de Mario Sethe mere-ço e aprofundado pelos nossos tens de pensamento. «Senhora de renho» tem a limpidez de um es-bo onde se reflecte, magnifica, a ia fraterna do norte.

Je maestria nos dialogos, que são ntinos e encantam. Não digo que apolguem: mas encantam. Os capi-ulos transbordam de paisagem, — uma paisagem nitida, viva, alacre. Veem- os quadros assim: «As horas rodavam, e manbocer aquarellava a tela do-cente, a claridade da aurora ve-ava o vulto do official de quarto, o alto da ponte de commando, ve-ando o rumo. Por fim, dois pharões relampadejaram, á prôa: uma côr de opazio, proximo: outro, em pestane- ps trichomicos, distante ainda. San- o Agostinho e Recife. A sua terral

Elle que não chorara ao deixal-a, consentiu as lagrimas descerem pelas faces, no reavistal-a, com as suas costas planas, arenosas, risonhás, fo-adas pelo sol a subir. E correu, ra- diante, a acordar Hortencia, trouxe-a amurada, no desalinho dum roupão, ra que os seus bellos olhos vissem, orla do horizonte, franjada de e de ouro, num elance de bel- as agnas verdes do oceano affo- da branca dos arrecifes, os uios das egrejas, as nuan- as do casario, as planuras de arvores dos arrabal- 70) Mario Sethe excelle- o.

is falar acerca de «Senho- ho»? Não entro em mi- pueris: deixo-as aos honestos iros que fazem da critica um microscopio... Interessam-me amente, em qualquer obra, ctos geraes. E fico por aqui. Parabens a Mario Sethe, que ente falou do seu Pernam-

Carlos Drummond

ANEXO 8 - "A cidade do tédio" (27-5-1921)

A Cidade do Tédio

Foi andando, foi andando. A estrada se lhe abria deante dos olhos fatigados como um risco infindavel, incessante... Muito sol. Muito calor. Sob o céu vermelho, o verde aborrecido da savana intermina.

Subito, um desenho imprevisto encheu o horizonte, pontecendo de flechas e torres a monotonia do céu vermelho.

E o homem viu casas, muitas casas, que se erguiam desordenadamente, numa polychromia enervante e absurda. Espantou-se. O espanto é, ainda, a attitude mais natural deante do assombro. Mesmo porque o assombro não é, como a vida, uma coisa banal e quotidiana...

Seria uma cidade? Era, na certa. Não uma cidade como as da legenda medieval, toda em sombras e penumbras, tragica e silenciosa.

Nem tão pouco uma cidade—luz, copia daquella que inspirou a papá Victor Hugo o mais tremendo dos logares-communs... Eguamente não se assemelhava a uma cidade «yankee», porejante de mercantilismo, em que as casas, muito altas, muito esguias, têm uma caratonha, desolante, que nos fere o bom gosto.

Então? Como havia de ser?

Curioso como um bom filho de Eva, o homem estugou o passo. Não fosse alcançar aquella maravilha quando, já por demais densas, não lhe permitissem as sombras, uma esmiuçadora analyse! Queria ver, observar, indagar...

Chegou.

Viu uma rua muito larga, onde dormiam quatro fileiras d'arvores. As arvores pareciam ter somno, e escondiam a sua roupa verde num manto de pó. O homem seguiu, rua acima. Seguiu olhando. Jardins melancolicos abraçavam casas fechadas. Nem vi'd'alma. Ninguem, absolutamente ninguem.

Era estranho! E, a cada momento, a via era cortada por novas ruas, cheias de novas arvores, com novas casas dentro de novos hortos. Nem a sombra de um ser, em todas ellas. O homem achou interessante, aquillo. Não parou, não retrocedeu. Foi avante. Chegou afinal, a uma larga praça, que pelos goitos, era a praça central da cidade morta. Sorriu. Recostados em troncos d'arvores guedelurdas, estavam creaturaras semelhantes a elle, sim, homens autenticos! Que faziam? Bocejavam. Abriam muito a bocca, extendiam os braços, e deixavam escapar um ruído significativo... Curioso! Infinitamente curiosos. O viandante poz-se a contemplal-os. Era divertido, aquillo. O sol baqueava, ensanguentando o céu. Parecia que todo o horizonte se desmanchava numa chaga vermelha. Cores, diversas laivavam, pouco e pouco, aquella sanguelra.

O crepusculo era como o delirio de um pintor maluco. E, derepente, a luz brotou na cidade dos bocejadores. Vinha de inumeras lampadas. As arvores molham-se de claridade, o calçamento ficou lambido por um brancura tremula. Era noite. E os homens continuavam a bocejar, a bocejar...

Por fim, um delles se descollou do tronco, vigoroso. Lentamente, moveu as pernas, no movimento de quem se vae embora. E desapareceu. Houve quem o seguisse. Seguiram-no muitos. Todos, até. Ficou, apenas, um sujeito magro e anguloso, que bocejava com mais pertinacia. Adeantou-se para elle o recém-chegado.

—Meu senhor, eu vim de longe, de muito longe, e queria, ou antes, desejava que me dissesse o nome desta curiosa cidade...

—Ahn...

—Além disso, meu senhor, não desdenharia de saber por que motivo todos vos conservaes nessa displicencia e nesse tédio...

Houve um silencio de minutos. Um bocejava, outro aguardava. Eis se não quando começa o typo «spleenético»:

—Meu amigo, acho natural a sua curiosidade. O sr. é filho doutras terras: não conhece os nossos costumes, a nossa vida collectiva, não conhece nada...

Pois saiba que está numa cidade unica no planeta e mesmo em todo o kosmos. Somos muito pessoases, muito nós-mesmos. Isto aqui não cheira a Pekin, Cairo ou Bruxellas. E tem um nome original. E' a Cidade do Tédio...

—Hein?!

—Não se espante. Ouça mais. O

nome se justifica. Nós não temos nada que fazer, nem para onde ir, nem onde ficar. Abandonamos as ruas, que são muitas, e ajuntamo-nos aqui. Para que? Para o exercicio commum do bocejo...

—Serio?!

—Naturalmente. A humanidade é muito velha, o mundo, muito antigo. O sr. sabe. Não ha nada de novo por baixo ou por cima do sol.. Nada... Dahi o nesso aborrecimento.. Somos quarenta mil «spleeniticos». Chegamos a apreciar este viver e tiramos d'elle uma certa alegria. E dahi, creia, os aborrecimentos, como já disse não sei quem, são uma grande distracção. Quem os arranja nunca se aborrece..

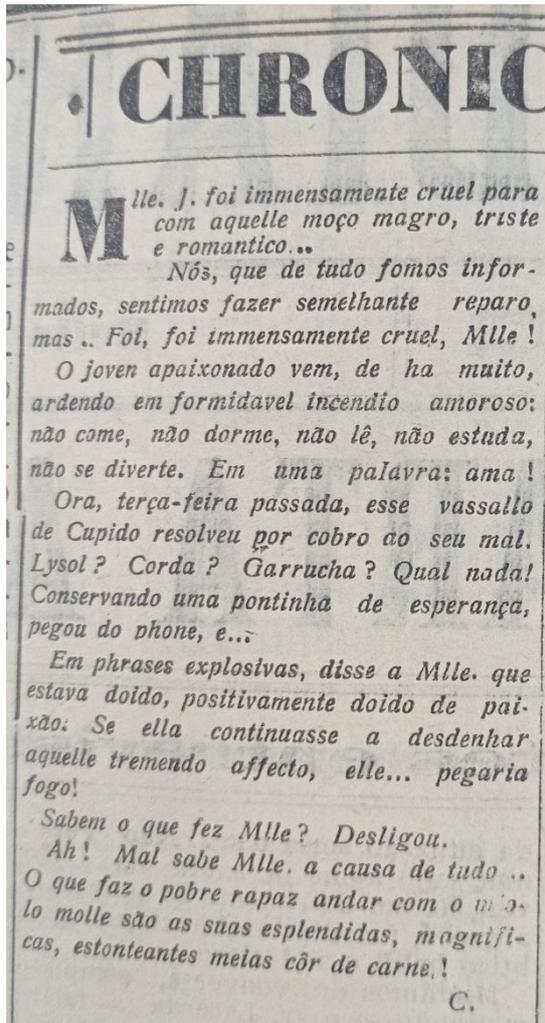
--De sorte que. .

—De sorte que somos os urbanos do enfado. E esta é a Cidade do Tédio. Chamaram-na de Bello Horizonte, devido a uns poentes cõr de tudo que incendeiam o nosso céu, mas qual não pegou. Nem podia pegar. Que quer dizer Bello Horizonte? Nada. Agora, meu amigo, com licença. Vou-me embora. Adeus. E sahiu, bocejando.. O outro acompanhou, com os olhos, a sua sombra que desaparecia, e, quatro annos depois, garatujava estas linhas.

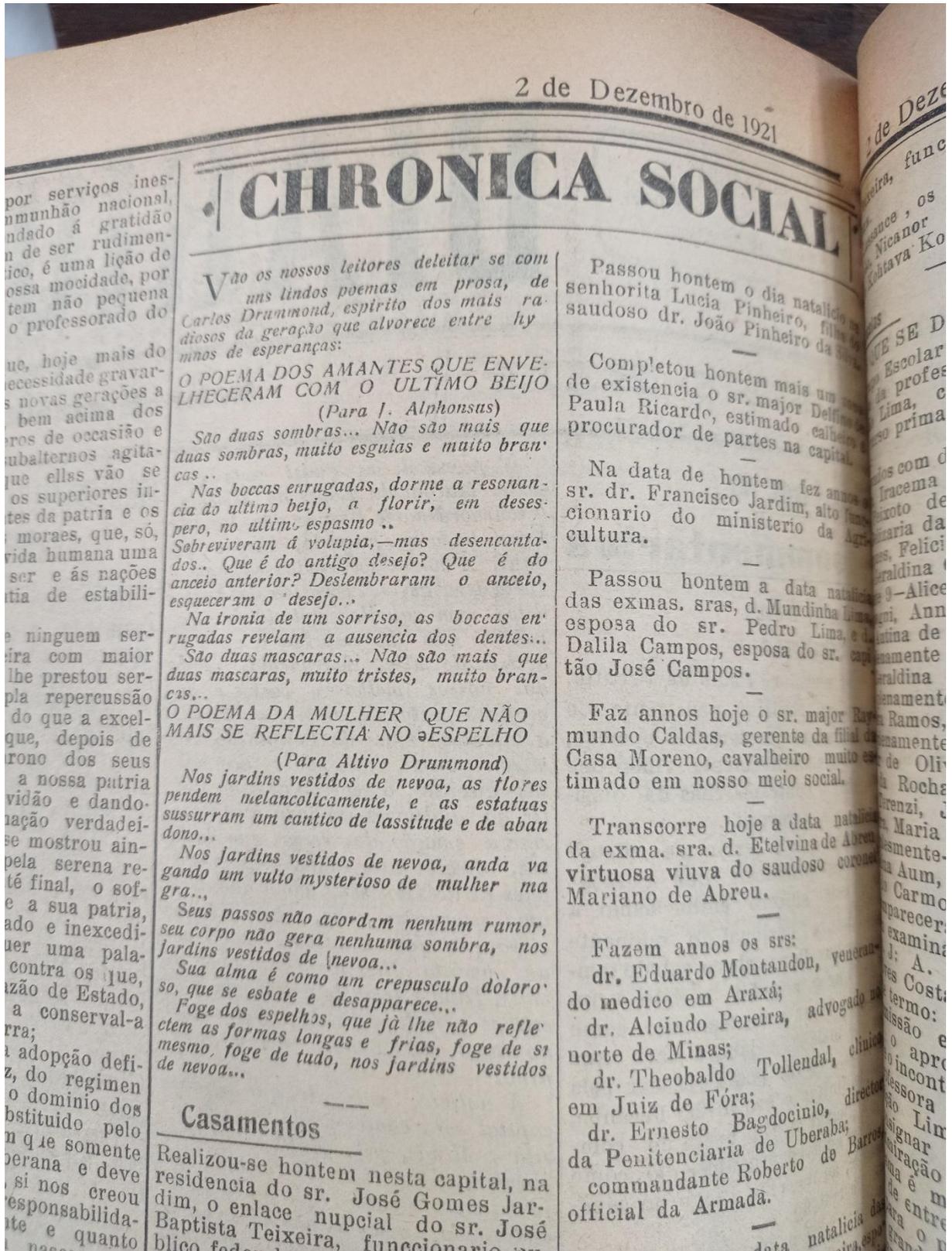
Inverno de 1921:

CARLOS DRUMMOND

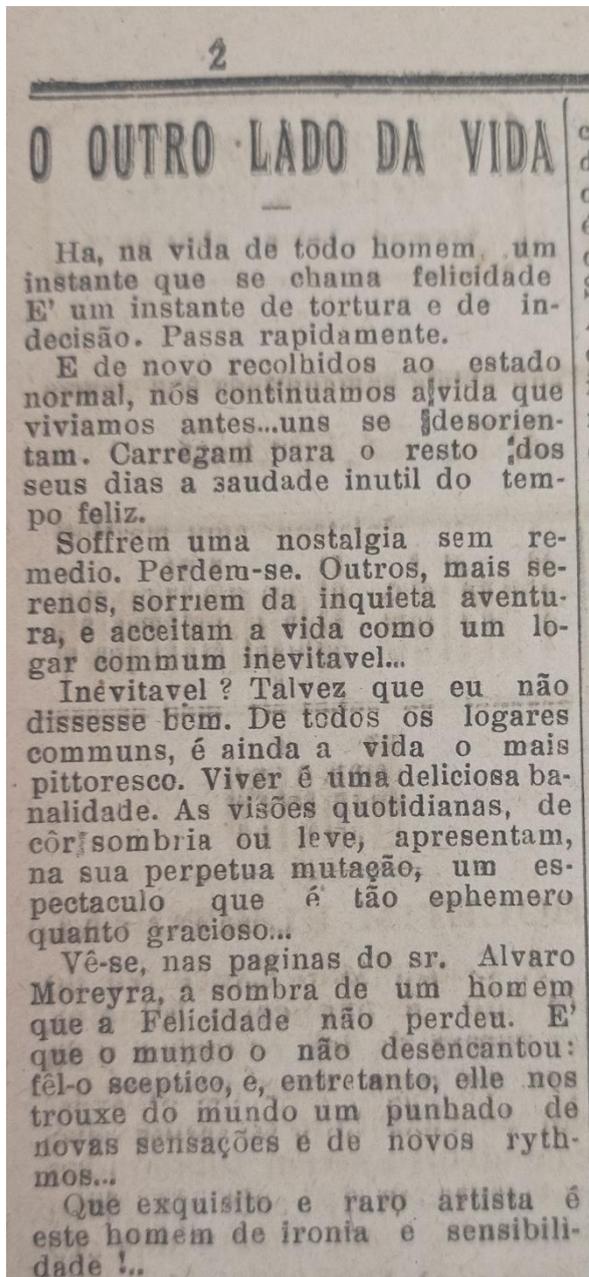
ANEXO 9 – [Sem título] (17-11-1921)



ANEXO 10 – “O poema dos amantes que envelheceram com o último beijo” e “O poema da mulher que não mais se refletia no espelho” (2-12-1921)



1922

ANEXO 11 — "O outro lado da vida", *Diário de Minas*, 14-4-1922

Numa terra em que todos os pensamentos se vestem com a mesma roupa, andrajosa e «demodée», ha de ser, por força, desconcertante a figura deste subtil annotador de almas. O sr. Alvaro Moreyra «vê differente». Para comprihendê-lo é imprescindível possuir um espirito irmão do seu, e estar vinculado á sua familia espiritual. Sua obra, authentica obra de arte, é uma criação para «os raros», apenas. Nella, como num jardim fechado, passeiam os espiritos melancolicos que amam a belleza e a graça. E, sobre esse jardim suave, a luz dos espaços cae numa renda de nevoa, luz imponderavel e discreta, memoria de luz, sombra, evocação de luz...

O sr. Alvaro Moreyra é o creador de um estylo unico, onde as palavras têm plastica, e os periodos uma fascinante ondulação rythmica. Aliás, foi elle mesmo quem disse: «Toda palavra é um corpo doloroso...»

Tenho, aberto sobre a mesa, o seu último livro, — «O outro lado da vida...» Desde os «Encontros» até «A sala dos incuraveis,» ha sempre a mascara commovida e ironica do poeta. «Um sorriso para tudo...» tem o seu desdobramento logico em «O outro lado da vida...» Ha, no primeiro livro, uma ternura mais envolvente, porque mais simples; no segundo, cresceu o sentimento da realidade. O actor que se apaixonára por uma onda, o pintor que amou a sua alma, os dois caminhantes do grande caminho, a «Folha Morta» são as creaturas do nosso sonho.

Teixeira, «o unico homem feliz», Lobato, o «incuravel» Nogueiras, João Faustino são as creaturas do nosso conhecimento. «A sala dos incuraveis» é, a esse respeito, um museu infinitamente humano.

Residirá na ironia o peccado do sr. Alvaro Moreyra? Esta pergunta, eu a fiz a mim mesmo, lendo o que, sobre o autor, escreveu um critico severo, o sr. José Oiticica... E pensó que não. A ironia é o que ficou de nossas decepções: cultive-mol-a... Sendo decentemente impossivel adorar a vida como uma bella coisa, devemos consolar-nos com a perfeição de nossa vida anterior... Isolemo-nos, sem egoismo. E, então, um travo de ironia não será inutil: quando a tolíca humana ameaça transbordar, só a ironia poderá defender-nos...

O sr. Alvaro Moreyra vive o seu momento fugaz com a maxima boa vontade: com indiferença, resignação, indulgencia... O sr. José Oiticica desconhece as vantagens dessa attitude moral: ignora que os heroes são tão incommodos como os discursadores, que os reformistas gritam de mais, e que os temperamentos de penumbra se arrepiam em face dos aspectos truculentos da vida...

E' preciso ter a risonha coragem de duvidar, e o heroismo difficil de sentir.

Eis o que nos ensina a sabedoria do sr. Alvaro Moreyra. Sejamos um pouco scepticos e um pouco commovidos... Hamlet e S. Francisco de Assis nos acompanharão.

Um sorriso eterno illuminará os nossos labios. Eis a felicidade,—«se a felicidade não for o contrario...»

Os pessimistas impenitentes hão de desdenhar essa philosophia. Para elles, o mundo continua torpe e

cruel, na fuga das horas, que vão dizimando os seres e augmentando o potencial do soffrimento. «Hoje é máu, e cada dia o será mais, até que chegue o dia peor de todos.» São delliciosos os pessimistas! O sr. Alvaro Moreyra sorri dolles, e exclama: «O prazer e a dôr continuam intactos, nas extremidades da chusma immensa de pseudonymos, que os alonga pelos entes e pelos dictionarios. Como no tempo do remoto Ecclesiaste, o sol cobre o mesmo bem e o mesmo mal...» Afinal, e é uma verdade consoladora, «tudo depende do ponto de vista». «A felicidade e a desgraça, a dôr e a alegria, os destinos bons e os máus destinos, tudo, neste planeta e nesta humanidade, só cresce e se multiplica pela influencia do ponto de vista». Esta palavra, mesmo na bocca de um conferencista funesto, explica a diversidade dos destinos terrenos...

«Footing», «O pianista daquelle bar», «Uma tarde de inverno», «Lembrança», «A um cantô da janella», são das paginas mais lindas dos «Encontros». Recuo, porém, a tempo de não citar quasi todo o volume, tal é a sua unidade. Na «Sala dos incuraveis», «O homem dos olhos humoristicos» é de uma tristeza perturbadora. O «Ultimo capitulo», valé a obra inteira.

Os olhos intelligentes que poisarem sobre este livro hão de querer bem á mão serena que o escreveu...

Carlos Drummond.

ANEXO 12 – [Sem título] 7-7-1922

DIÁRIO DE

Chronica So

A Sportiva

entação de Mi-
festas spor-
o centenario

pouco vae sendo
to em Bello Hori-
ximo campeonato
e desportos.

os, si assim não é,
Mas os dirigent-
tismo mineiro de-
mãos á obra com
e boa vontade e
ores escrupulos na
s elementos que
ader as nossas cô-
já, um elemento
apõe, pelo seu va-
deve de figurar
meros do vasto
desportivo a ser
centenario.

ão Moreira, que
presença de pes-
entativas, conse-
rida de resisten-
pa brilhantissima,
mendaria em qual-
desportivo.

attentar bem nes-
apparecer nas
ções, o Estado de-
dignamente repre-
contrario, é me-
casa...

Faculdade de
direito

no proximo do-

O acaso, flandreiro de surpresas, per-
mittiu-me, ha dias, ler uma pagina
de certo diario sentimental.
Sou curioso; os leitores tambem o
são. Ahi vae a pagina, cuidadosamente
transcripta, — para a curiosidade de tanta
gente...

«O que se deu conmigo hontem foi im-
previsto, e de tal modo o foi que se trans-
formou de delicioso em aborrecido. Na
agitação de uma rua, esbarrei com a per-
turbadora XXX, aquella XXX que por vezes
revôa no meu desejo, fazendo-o mais amar-
go e mais forte. Ia a um cinema. Acompa-
nhei-a. Estava claro que não me olhou.
Ella não me olha nunca... Na sala do
Pathé, começada a fita, cahiu qualquer
coisa de suas mãos.

Apanhei essa coisa, e as nossas mãos se
encontraram. A della estava exquiesitamente
fria, bôa, fria... Creio que me agradeceu.
E depois, na penumbra, muitas vezes me
perturbou com aquelles olhos do diabo,
aquelles olhos feitos não sei de que. O
poeta Olegario, se os visse, diria que ha
nelles «un inferno a arder dentro de um
paraíso». Pois aquelles olhos me pertence-
ram! Seria engano? Não foi engano,
certamente. E até agora estou a sentir a
vertigem daquella mão fria, daquelles olhos
extranhos e daquella cabelleira...

Quando ella se foi, não fiquei só. O
tedto fez me companhia, um tedto quas-
raivoso, incomprehensivel. O grande mal
do imprevisto! Isso pode ser miseravelmente
banal, mas é certo: Os prazeres imprevistos
torturam mais que uma colica. Muito
mais!»

C.

Natalicios

Fez annos hontem o sr. de

Fazem annos hoje :

coronel Antonio Castello Bran-
ex-presidente da camara municipal
Além Parahyba;
dr. Nisio Baptista de Oliveira, ad-
gado em Juiz de Fóra;
academico Caio Libano Soares;
joven Aloysio, filho do sr. dr.
fonso Penna Junior, secretario do
terior ;
joven Jefferson Junqueiro, filho
sr. capitão A. Junqueira Junior.

Passa hoje a data natalicia
exmas sra. d. Rita de Cassia
Lima Chaves, esposa do sr. dr.
dro Chaves, e d. Amelia Gomes
gueira, viuva do sr. Pedro Go
Nogueira.

Completa hoje mais um anno
existencia a gentil senhorita Ja
Baião, filha do sr. José Baião, e
ressado da firma Oliveira & Co
desta praça.

Viajantes

Partiu hontem de nocturno par
Rio o sr. dr. Francisco Prado, il-
tre deputado estadual no Ceará e
tincto advogado residente na Cap
da Republica.

Visitas

Está na capital, tendo nos da-
honra de sua visita, o sr. command
te Annibal Gama, brilhante escriv
e militar, que ainda hoje firma o
cellente artigo que illumina a
primeira columna.

Peios Cinemas

ANEXO 13 – “Notícias literárias: ‘Aparências e realidades’, por Gilberto Amado, *Diário de Minas*, 3 de ago. de 1922.

NOTÍCIAS LITERÁRIAS

«Aparências e realidades»,
por Gilberto Amado.

Confesso, logo de inicio, que não me agradou o titulo desse ultimo volume do sr. Gilberto Amado. A confissão carece de importancia; nem o autor necessita do meu juizo, nem o publico o exige, nem eu estou aqui a ditar preceitos literarios.

Comtudo, sinto não sei que desejo de, no tom mais amavel possivel, e assim com o ar de quem conversa com os leitores, declarar que não me agradou o referido titulo.

O sr. Gilberto Amado é, sem favor, um espirito profundamente artistico, não corrompido ainda com o trato diario das questões positivas. Jornalista e membro da Camara, elle tem sempre disposição para nos offerecer excellentes trabalhos sobre assumptos variados. Sua obra de pensador é uma obra de artista, aberta com aquella maravilhosa «Chave de Salomão», delicia dos espiritos bem nascidos. E é justamente por tudo isso que eu me pergunto o motivo desse nome de «Aparências e realidades», conferido ao seu ultimo livro.

O sr. Gilberto Amado não se deve preoccupar em distinguir as realidades das apparencias, trabalho muitas vezes inutil e quasi sempre inglorio. Elle deve aceitar a mentira e a verdade das coisas, que as coisas têm os dois attributos conjugados em amalgama profundo. Ainda se a obra gyrasse apenas e o tor no de assumptos politicos e sociaes, comprehenderiamos no autor essa preocupação dissociadora. Mas o facto é que no vasto e attrahente sumario do volume ha coisas de literatura e de arte, sim, de arte, boas coisas sobre «Um pouco de pintura», «O artista imperfeito», etc. Ha capitulos sobre livros nacionaes, sobre a Academia de Letras, paginas de commentario e de critica literaria. Ora, o sr. Gilberto Amado, como legitimo intellectual, sabe melhor do que eu quanto, em faes espheras, a apparencia se confunde na realidade, e vice-versa...

Feito o reparo, talvez impertinente, devo dizer ainda que, dos trez livros do autor, é esse, a meu juizo, o menos consistente, por isso que o mais variado. Muito artigo se lê ahí que não supporta confronto com outros da mesma obra. O sr. Gilberto Amado, vê-se, é homem de pouco tempo, escreve muito e não selecciona. Será um defeito, mas um lindo defeito, que nos offerece ensejo para o estudo de uma bella e tumultuosa personalidade, em toda a extensão irregular de sua obra.

Outros tentarão esse empreendimento, que não me seduz porque tambem eu, *hélas!* ando a correr com os instantes, ao longo das coisas fugitivas e vãs... «Cada um de

sas fugitivas e vãs... «Cada um de nós lê, commenta, discute um pouco, e passa.» E' o sr. Gilberto quem o diz. E eu acrescento que a sabedoria está em passar o mais depressa possível.

Paginas de soberano agrado são as de «Anthologia portugueza», «Psychologia brasileira do caracter», «Mysticismo contemporaneo», «O poeta e o cidadão», «A voz da natureza». Pois bem. Ha outras evidentemente fracas, como, para exemplo: «Assumpto serio», «O carnaval», «A mulher brasileira», «O imperio da alegria». Sente-se, ás vezes, no transito de um artigo para outro, que a differença é desconcertante. Em alguns passos, o que ha são enthusiasmos ingenuos sobre as possibilidades physicas e moraes do nosso paiz, em desacordo, aliás, com a discreta ironia que o autor consagra aos nossos habitos de adoradores perpetuos do Brasil.

O sr. Gilberto Amado detesta os classicos. E' uma bella e nobre attitude. Diz elle: «Todo individuo que se disfarçar em classico portuguez, arremedando phrases invertidas, na ordem indirecta, com vocabulos mortos escolhidos nos dictionarios a dedo, ou sahidos dos cadernos no momento para deslumbrar o leitor—deve ser esbordado, literariamente já se vê, com todo o vocabulario das descomposturas camilianas». Com todo o vocabulario das descomposturas de... um classico!

Mesmo assim, tenho por justo o espancamento. Lastimo, porém, as violencias com que o sr. Gilberto Amado quer destruir «todo individuo que apparecer no Brasil com ares de Anatole France». Alto lá! Taes violencias, levadas a serio, dariam uma idéa muito triste e muito falsa da mentalidade do sr. Gilberto Amado. Eu não vejo porque um admirador de Anatole France seja nocivo ás nossas letras. Pelo contrario. Seria para desejar que as nossas letras dispuzessem de

dez mil Anatoles Frances, porque o de que ellas precisam é mesmo de Anatoles Frances, isto é, de criaturas finas, ironicas, intelligentes, *decadentes*, como lhes chama o autor. Criaturas que nos pôdem a excessiva floração de enthusiasmo, que duvidem da existencia do Pão de Assucar e de Castro Alves, do titanismo, do caboclistimo e de outras ficções humoristicas...

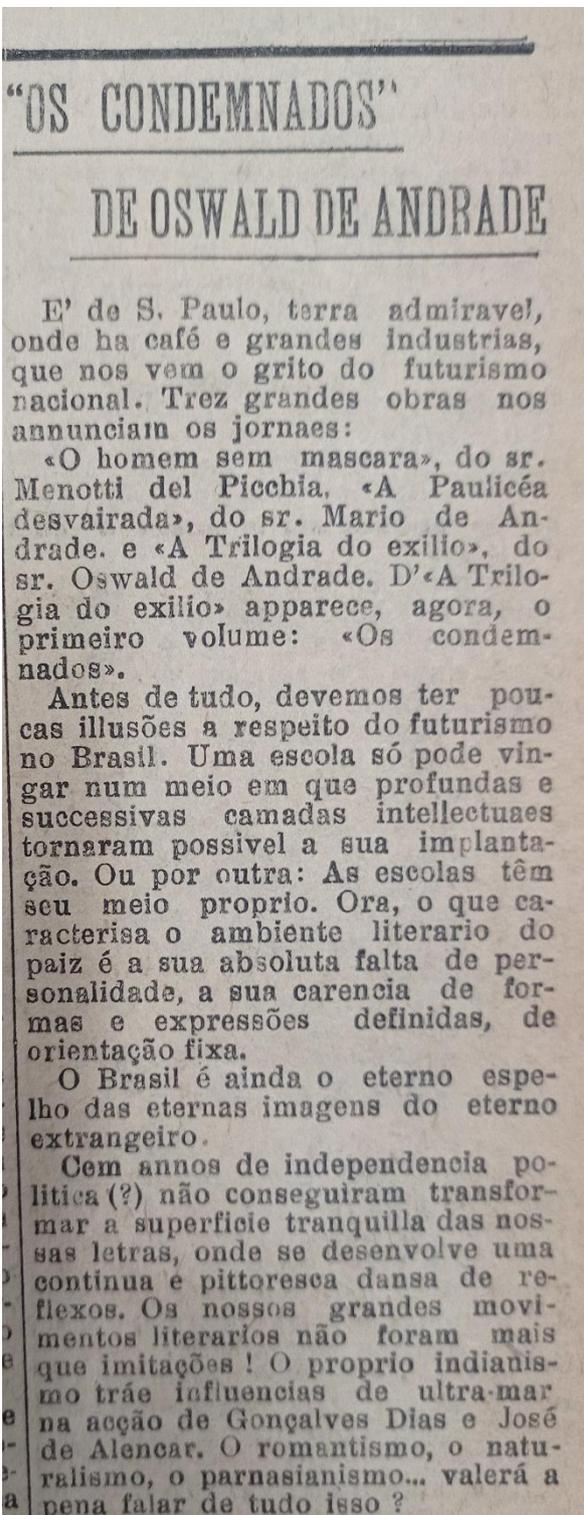
Ha no sr. Gilberto Amado um certo desleixo de fórma e um certo desgarre de maneiras. Tambem outro lindo defeito, se considerarmos que tem sua origem na ousadia intellectual do autor, que é notabilissima. Eis ahí, mesmo, a sua magna qualidade: uma independencia e uma coragem pouco communs. Mais ou menos com o feitio do seu amigo Antonio Torres, elle diz o que pensa,— e pensa com bravura. O seu livro está repleto de idéas, e de tal modo que é delicioso, ao leitor, o deparar a todo momento com essas boas amigas, numa peregrinação por esse livro de tão facil leitura. Algumas não nos agradam, não nos fazem bom semblante, sem que, comtudo, nos lembremos de reagir contra o escriptor. Elle tem o habito perversamente amavel de pensar, e, por isso, tudo se lhe perdôa. Na geração de que faz parte, o sr. Gilberto Amado é figura das mais vigorosas, e facilmente se destaca pela abundancia de suas idéas.

Creio que, se elle puzesse os olhos nesta pagina, concordaria commigo no que eu pretendo affirmar, citando um trecho de «Apparencias e realidades»: «Sendo obrigado, para ganhar a vida, a dividir o tempo nos misteres mais variados, inadequados ás vezes á sua vocação, acontece que o escriptor se realiza aqui, como já disse uma vez, aos fragmentos. Não pôde, pois, ser julgado pelo que realiza, mas pelo que deixa entrever do que poderia realizar».

E' esse, presumo, o caso do sr. Gilberto Amado. Consolemo-nos, pois, reflectindo que o seu cerebro vale ainda mais que a sua obra.

Carlos Drummond

ANEXO 14 – “‘Os condenados’ de Oswald de Andrade”, *Diário de Minas*, 20 de out. de 1922.



pena falar de tudo isso?

O problema da literatura no Brasil actual é de uma gravidade indisarçavel. Nós marchamos para traz, no culto ao regionalismo. Ainda se esse culto traduzisse o aneio do Brasil novo para a sua libertação intellectual, o grito de alarma das forças vivas da terra, uma revolta contra a passividade dos nossos habitos de imitação! Mas o que se observa não é isso: o regionalismo — nostalgia remota do indianismo — revela uma triste, alarmante vacuidade mental, põe a nú a covardia dos que receiam enredarse nos meandros da vida tumultuosa do seculo, a preguiça dos grandes commettimentos, o horror á civilização.

Ninguem pôde honestamente pensar em Jéca Tatú, symbolo da terra patricia, quando sabe que ha no Brasil cidades como Rio de Janeiro, S. Paulo, Recife, Juiz de Fóra, onde uma população convulsa esfervilha entre arsenaes, fabricas, dôcas e estações ferroviarias.

O symbolo deprimente deixa de existir quando reflectimos que o Brasil novo, encravado na America nova, é uma forja confusa, e não um pedaço de campina desolada, onde a casinha de sapé offerece ao vento a miseria de suas paredes mal seguras.

A alma dolorosa do nasso Brasil, onde as ambições se confundem com os desesperos, é um panorama tragico, e não uma tapéra; pôde ser fixada nas paginas de um creador ardente, como o sr. Oswald de Andrade, de quem falarei mais adeante, porém nunca pelas sensaborias desses amigos de Izé Picapáu, Mané Cara de Gato, Quinca Tabatinguêra e Juca Lubishome.

me. ...ingueira e Juca Lubishome.

Pela primeira vez deixamos de imitar, — e que belleza nos sahiu esse impeto innovador...

O futurismo, para vencer *de facto*

em semelhante meio, terá que lutar com dificuldades assombrosas.

Veio encontrar-nos em marcha decidida para a retaguarda; a soldadesca vai recuando, sob o comando do general Coelho Netto, do cel. Viriato Correia, do brigadeiro Catullo Cearense, e varios outros militares.

Quando o exercito chegar «á extrema curva do caminho extremo», estará morta a literatura nacional.

Isso arrancará lagrimas a muita gente piedosa e talvez dê braços á lavoura, que os nossos escriptores decantam mas abandonam de maneira tão injusta.

Que será, afinal, o futurismo de S. Paulo? A revista do grupo intitula-se: «mensario de arte moderna». Eis ahi uma sabia denominação. Arte moderna quer dizer uma porção de coisas; confio que queira dizer tambem futurismo. Até agora parece difficil analysar a significação desse movimento. Pelo motivo muito simples de serem poucos os fructos que elle nos tem offerecido.

O sr. Oswald de Andrade não se me afigura um moderno á outrance.

A concepção de sua «Trilogia» indica, mesmo, intuitos moralisadores. Faz do vicio uma pintura cruel, como a nos aconselhar que devemos fugir delle. E, ao mesmo tempo, parece dizer-nos: «Mas o vicio é dominador, elle baterá á nossa porta. Deveis fugir, sabendo que a fuga será inutil». E tudo isso é de um fatalismo irremediavel.

Esta submissão ás forças superiores está resumida, inteira, no laconismo de duas phrases que são dois capitulos:

«Plou! Plou! Um pedaço de pau na torrente da vida.»

«Um navio destaca-se do céas... a vida... Um navio destaca-se do céas.»

Este romancista sabe torturar e sabe emocionar como os russos. Ha nelle uma dor positiva, flagrante, uma dor nua. Sente-se que contemplou a vida face a face; beijou-a nos labios, passeou com ella pelas avenidas e pelos cabarets; ameu a vida, soffreu com a vida...

a vida, soureu com a vida...

Neste seu primeiro romance, o enredo vulgar, simples noticia de jornal, é como um drama suffocante.

Alma, uma rapariga fulva, sem paes, é seduzida e explorada por Mauro Glade. João do Carmo, doidamente apaixonado, protege-a e termina por suicidar-se. Apenas isso. E dentro disseo, gyra um mundo de torturas indefiniveis. Alma entrando em casa, deante do espelho, «pensava: «porque será que quando uma porta me machuca, me faz soffrer; quando bato a cabeça numa janella, choro de dor; e elle pôde me cortar a navalha, não dóe; é delicioso!»

Eis como soffre João do Carmo, ante as primeiras recusas de Alma: «Sentiu que qualquer coisa ria horrivelmente de si, da sua situação de telegraphista, do seu credulo romance, dos seus grossos musculos inuteis.

Chegou-se á janella, num confuso palavrório mental, onde havia muito destino, muita pesquisa do eterno coração das mulheres. Encostou a cabeça á vidraça fria. E, da rua, subiu-lhe ás temporas, pelos ouvidos, uma vaia infinita de grillos».

Mauro esbofeteia a pobre menina «Fôra um golpe teso no coração um abalo geral de todos os nervos de todas as revoltas, de todas as maldições... E as lagrimas pularam, pularam... Teve vontade de trepar pelas paredes de cal. Mas o corpo amolleceu-lhe nas escoras inuteis dos musculos, a cabeça tonteou-lhe».

E afinal, para não citar mais, a ultima scena, o suicidio de João do Carmo: «E na desvairada Paulicêa, as carroças rodando nos viaductos, silhuetados em aço pelos relampagos curtos... Silencio! Um homem vai morrer, voluntariamente, victoriosamente...

riosamente...

E as carroças nos viaductos... Lá em baixo, um gato humano miou esfrangalhado. Os embuçados que passam nas pontes a essas horas, espiaram. Um relampago silhueteou em aço o viaducto e o suicida estendido e calado».

Supponho o sr. Oswald um homem de transbordante emotividade. Suas palavras, por vezes, não conseguem exprimir o que elle nos procura dizer. Aliás, todo o livro é intencionalmente obscuro, velado e mysterioso.

Depois de ler «Os condemnados», eu não ousaria chamar o sr. Oswald de Andrade de futurista. O que elle fez, salvo melhor julgamento, foi um romance actual, muito quente, muito febril, que destoa das obras ate aqui apparecidas, em vista do estylo e da emoção, de dois contingentes pessoases. Diferencia-o de nossos escriptores pelo artificio de uma denominação como a de futurista seria inutil e falso. Elle é diverso do sr. Afranio Peixoto e do sr. Lima Barreto, como Bagrinha é diversa de Alma, e João do Carmo, de Polycarpo Quarema. Opposição de pessoas, e não de escolas.

Aliás, futurismo é, ou, pelo menos, deve ser ancia de liberdade, arrancada para o azul, guerra aos velhos processos, alma nova: — exaltação. Quem soffrer, viver e gritar muito é futurista, podendo, indifferentemente, achar o sr. Nicolas Beauduin um genio ou uma zebra, o sr. Blaise Cendrasy um deus ou um cavallo (Para mim, ambos são deuses e genios).

Livre das imperfeições que o maculam o romance do sr. Oswald de Andrade é um grito de novidade que devemos escutar.

CARLOS DRUMMOND

ANEXO 15 – “Pensamentos/ no bonde”, *Diário de Minas*, 20 de out. de 1922.

DIÁRIO DE

Chronica

am des.
das sce-
nantes a
de fazer

r de um
n casal.
her que
pelo lu-
conducta

ho rea-
mão do
efeitos
agrada-
o des-
llas não
posso af-
esempe-
ensaios
incipaes
res, An-
Pereira.
mpênho
quã de-
lia Bur-

e se pô-
tem.
de pou-
E que
blico e a

NEIRA'
mpos e
ria que

PENSAMENTOS.
no bonde

*As illusões são as meias de seda do es-
pirito. Um espirito sem illusões,—que per-
na feia!*

—o—

*Só ha uma coisa mais aborrecida que
ter muito dinheiro: é não ter nenhum*

—o—

*O homem descobre sempre uma razão
para commetter qualquer tolice. A mulher
descobre duas.*

—o—

*As mulheres devem ser bellas, como os
peccados devem ser elegantes. Só o homem
conservou o direito de ser feio, e a virtu-
de o de ser desgraçosa.*

—o—

*Heine e Machado de Assis observaram
que, depois do choro, a gente acaba por
assoar-se. O philosophico seria assoar-se
antes do choro.*

—o—

*Não falo mal de meus inimigos. Tenho
meo de contribuir para a celebridade del-
les.*

—o—

*E' muito mais difficil ter virtude que
ter hygiene, mesmo porque não ha sabão
para as almas.*

C.

Na data de hoje fazem
srs Arthur Garcia, ciru-
tista; pharmaceutico Octav
intellectual residente em
dr. Euripedes Mendes do
to, delegade de policia e
dr. Adelino de Araujo, g
deral em Cataguazes; d
Ferreira do Valle.

Passa hoje a data n
exmas. sras. d. Maria
bato, pertencente à illus
Oliveira, e d. Dodoca P
do professor Annibal T

Foi hontem muito cu
por motivo, de seu nat
José Negrão de Lima, c
mercio desta praça.

—o—

Viajantes

Viajaram hontem;
Para o Rio, os srs. e
rino de Aguiar, a exma
ria Rita Portella e filh
Pereira, secretario da
Medicina, Luiz Campo
dr. José Brandão.

Para Varginha, o s
Juvenal Washington, f
Finanças, com sua

ANEXO 16 – “Poeta”, *Diário de Minas*, 22 de out. de 1922.

Endereço Teleg. "DIARIO"

N. 4.001

POETA

ção
civil do
hontem
:
Aggra-
ta. Ag-
ira da
o juiz
etente,
ça de
le em
.
rgante,
barga-
ma e
t, con-
zado.
Embar-
os Reis
ancisco
t, con-
zado.
ellante,
ado, o
e con-
tas de
r seu
xupé).
Anoel.
lgar
ue o
ites.
jul-
e o
nfere-
iciou
e, d.
João
por-
fóra
appel-
ngelo
con-
llação
de, a
ção e

Ao sr. Ronald de Carvalho es- creveu o autor de «Chanaan»: «Tú sentes o Cosmos e te resignas fremente e sereno á idéa do perpetuo aniquilamento do teu ser, de todos os seres, e fazes do Universo o teu espectáculo». E' provavelmente exacta a apreciação que o sr. Graça Aranha faz dos «Epigrammas, ironicos e sentimentaes», livro apparecido não ha muito.

Nesse delicioso volume de versos, o espirito do sr. Ronald de Carvalho, derramou os accentos de uma penetrante sensibilidade, a que se casam os travores de uma sabedoria desilludida. O poeta vibra em meio aos esplendores da natureza amavel, identifica-se com os rythmos soberanos da vida, mas conhece, ai delle e ai de nós!—que toda essa chusma de imagens claras não é mais que sonho, phantasia, imaginação... Dahi resulta que seus poemas, de um sabor anacreontico pouco vulgar, têm, todos, uma graça triste. «O doce licor de Dyonisos» sabe-lhe um pouco a fel.

Nos «Epigrammas» o sentimento prolonga-se na ironia, e esta é como um véo discreto a defender os pudores do sentimento.

Não vereis ahí os excessos de uma penna desbordante, o desmedido enthusiasmo, a dor illimitada. O sr. Ronald de Carvalho é um viajor de olhos tranquillos; extasiase diante de uma bella paisagem, amando-a quietamente, sem coragem de fazer-lhe discursos encomiasticos.

Admirae a leveza das suas «manchas», das suas «impressões»: a chuva cahindo com «melancolia ironica», o matto crescendo nas pedras da «rua pequenina e humilde», o riso de uma bocca feminina, «riso de passaro ou de fonte»...

Isso não impede ao poeta a visão de outros scenarios e o goso de outras sensações, de mais amplitude e xhuberancia. Pode-se dizer, mesmo, que o sr. Ronald de Carvalho conseguiu realizar varios modelos de «poesia brasileira», no bom sentido da expressão.

Encontram-se no seu livro aspectos da natureza tropical, cheia de violenta magestade. Fino e educado, esse artista sabe transformar taes aspectos em fontes de belleza espiritual. Confundiou seu espirito com o da terra, ao contrario de muita gente que, tentando fazer, «arte brasileira», esquece os beneficios

Encontram-se no seu livro aspectos da natureza tropical, cheia de violenta magestade. Fino e educado, esse artista sabe transformar taes aspectos em fontes de belleza espiritual. Confundiou seu espirito com o da terra, ao contrario de muita gente que, tentando fazer, «arte brasileira» esquece os beneficios dessa confraternisação emocional e soffre as consequencias de um silencio-o conflicto entre os dois espiritos.

O exito do sr. Ronald de Carvalho nas suas tentativas de poesia nossa está em que o poeta se reflectiu na paisagem, sabendo sentil-a e comprehendel-a. Mas tudo isso é demasiadamente simples para que eu esteja a explical-o aqui. Basta-me, apenas, e isto é sobremaneira grato ao meu espirito, confessar o encanto que nelle deixou esse livro admiravel.

Nem me parece excessiva a qualificação; outros, é verdade, poderão achal-o «detestavel». Entre esses, estão naturalmente os que julgam que a belleza, a alegria, o soffrimento só podem ser expressos em oito, dez ou doze syllabas bem contadinhas ao dedo.

Eu acho que o soffrimento, a alegria e a belleza supportam trinta e quatro. A religião do metro conta com alguns proselytos suspeitos: são os que não tem imaginação bastante para comprehender a independencia e a immensidade da Arte. Mas tambem isso é demasiado simples. Tudo é simples, em se tratando de poesia, arte de pureza e limpidez.

C. D.

ANEXO 17 – “Sê como as torres longas e finas...”, *Diário de Minas*, 1 de dez. de 1922.

2

Chronica S

Jnicia sua collaboração nesta columna o sr. Manoel Fernandes da Rocha, poeta a que sorriram os moldes francos e largos da nova poesia. Elle desdenha os processos que caracterizam a technica vulgar; nada de syllabas medidas, nem de rimas, ricas ou pobres. Não raro, foge mesmo os rithmos mais communs, produzindo versos de um sabor absolutamente selvagem.

Não lhe faremos elogios, — mesmo porque é elle mesmo quem escreve esta nota... Mas ahi vae uma de suas poesias:

**SÊ COMO AS TORRES LONGAS
E FINAS...**

*As torres, longas e finas,
varando o ar,
parecem pensamentos ascendendo...*

*O azul envolve as torres longas,
e as torres, longas e finas,
parecem arvores subindo...*

As torres querem meditar...

*La — baixo, a gyrar e regyrar,
a vida tumultuosa e inutil,
a vida vertiginosa e anonyma
cobre-se toda de poeira...*

*As torres finas
ferem o céu, longas e indifferentes...*

Sê uma torre.

MANOEL FERNANDES DA ROCHA

Natalicios

Faz annos hoje o sr. dr. Armando

sras. d. Mundinha Lima, espos
sr. Pedro Lima, e d. Dalila Can
esposa do sr. José Campos,
dente em Oliveira.

E' hoje o dia natalicio da sen
ta Lucia Pinheiro, filha do sa
dr. João Pinheiro.

Festas

Commemorando o anniversari
sua gentilissima filha, senhorita
sina Doti, a exma. sra. d. Franc
Doti reuniu hontem em sua residen
á rua Paraizo, diversas familias e
valheiros das suas relações int
as quaes offereceu uma delicada
ta, que terminou com uma anim
soirée dansante.

A familia Doti foi inexcédível
gentilezas para com os seus co
dados, prolongando-se a festa
alta hora da noite.

Fallecimentos

Em Juiz de Fóra falleceu o sr.
pitão Carlos Augusto Gomes, ex
crivão da 2a. collectoria federal
e irmão de nosso confrade Lindo
Gomes.

O extincto era um cavalheiro m
to estimado pelas suas qualida
pessoaes em Juiz de Fóra, or
exerceu diversos cargos publicos,
quaes sempre deu o esforço de
operosidade, manifestando-se, al
disso, como um exemplar chefe
familia. Deixa viuva e filhos.

ANEXO 18 – “Ao longo das ruas ermas”, *Diário de Minas*, 12 de dez. de 1922.

s de Sciencia

entar deveras o in-
aba de abalar o
brasileiro: é dis-
ca surge entre os
Peixoto e Carlos
es amplamente co-
ntados como nota-
medica do paiz e
geiro, só pode ser
desagradavel para
espectadores, essa
ada por palavras
Peixoto em seu
o, na recepção do
Vasconcellos.
que a Academia
quem o sr. Carlos
o peremptorio en-
tão, encontre um
rio que venha por
cto dasagradavel,
por ser encarado
ilicto na sciencia
ra, e até explorado
pela imprensa.
penetrar a fundo
ciada temos espe-
xplicações intelli-
enham a tempo de
quencias desastro-

es

nicipaes

do Partido Repu-
o de Villa do Clau-
ao eleitorado do

CRONICA

A O LONGO DAS RUAS ERMAS

Velhos e altos portões de ferro, fechando jardins melancolicos de convento, velhos e altos portões, entre muros vestidos de heras e trepadeiras...

O que vós encerraes, piedosamente, silenciosamente, e o que vós escondéis, severamente, piedosamente! Velhos portões de ferro...

Quantos desejam transpor-vos, para colher, á beira de algum lago, a flor pallida de suas insomnias, ou para apertar nas suas as mãos immarsceavelmente brancas, de uma creatura triste...

Altos portões de ferro!

E no desenho de vossas grades ha circulos, ha curvas que se emmaranham, symbolisando perdidos anceios e fanadas esperanças ..

A campainha que do alto vos pede tem um som agudo, metallico vibrante, como a despertar a indolencia parada de vossos sonhos.

Altos e velhos portões, sois como guardas envelhecidos que adormeceram para sempre...

E ao ranger surdo de vossos gonzos, envolve uma procissão lenta de velhos jantasma, ensaiando vagamente gestos de uma tristezza calma...

E o luar projecta no meio fio a sombra alongada e confusa de vossas grades, com doçura, com infinita doçura...

Velhos e altos portões, altos e velhos portões dos jardins conventuaes!...

CARLOS DRUMMOND

Agradecime

Do sr. coronel Vi-
ficial de gabinete de
Bernardes, recebemo
ma de agradeciment
com que noticiámos
samento de sua s
nesta capital.

Viajantes

Regressou do Rio
sr dr. Pires e All
nheiro chefe da Con
tral.

Para o Rio de Ja
vieram ante-hontem,
mesmo dia as exmas
Lutz, a conheeida e
cia que aqui veio f
Mineira Pelo Prog
mrs. Abels e miss
cock.

Muitas familias e
nosso meio social e
pareceram ao emba
tres viajantes.

Seguiu ante honte
Janeiro o sr. Manoe
sor tecnico do C
“Barão do Rio Bran

Para a Capital Fe
ante-hontem os srs.
Loureiro, tenente B
cel. Mario Aurelio M
ros.

Viajaram hontem:
Para o Rio de J

ANEXO 19 – “À hora do café”, *Diário de Minas*, 13 de dez. de 1922.

Chronica So

A' HORA DO CAFE'

De um homem que se deitou á sombra da mancenilha, para morrer: — Ora, bolas! Fui immensamente lo-grado!

Deante da dor, os homens se transformam em heróes ou palhaços, alguns, em heróes; a maioria delles, em palhaços...

A roupa é um logar — commum da humanidade. Os homens de espirito independente deviam andar nús. Mas, se isto acontecesse, com a mania de imitação, tambem a nudez se trans-formaria em logar — commum...

Perdoar é facil; odiar é o que nem todos sabem...

Os futuristas, afinal, não passam de macacos que cahiram do galho... (Esta opinião é de outro macaco).

Que o teu vinho seja o dos deus, que a tua taça seja de ouro lavrado. Mas que não experimentes muito o sabor do teu vinho, nem exames muito o ouro de tua taça...

Creio no amor banal, porém nunca na felicidade banal.

A Historia é uma velha mestra rabiugenta, cujas lições não servem para coisa alguma. Se servissem, o nosso primeiro gesto seria eliminar a Historia. Felizmente que os homens são alumnos incorrigiveis..

C.

Natalicios

Uruguay junto ao governo da Ita-lia.

S. excia., que esteve nesta cidade durante poucos dias, foi alvo aqui das mais expressivas homenagens por parte do nosso elemento official e de muitos amigos e admiradores. O embarque do distincto diploma-ta uruguayo foi muito concorrido, fazendo-se representar o governo do Estado e estando tambem presentes grande numero de pessoas em destaque na nossa sociedade que foram levar pessoalmente os seus votos de feliz viagem ao ilus-tre viajante.

Para o Rio de Janeiro seguiu hontem o deputado José Gonçalves, representante do nosso Estado na Camara Federal.

Seguiu hontem para a capital Fe-deral o coronel Jorge Davis, agente geral da «Sul America» neste Esta-do.

Viajaram hontem:
Para o Rio de Janeiro, os srs.
dr. J. Avila Oliveira, coronel An-tonio Ribeiro de Abreu, membro do Conselho Deliberativo, com sua exma familia, dr. José da Silva Brandão, dr. Mario Guimarães, Gustavo Hor-ta e Deolindo Magalhães.

Para Cataguazes, o sr. Octaviano Davis, redactor secretario da «Re-vista Mineira».

Para Juiz de Fora, o dr. Thomé Brandão, prefeito municipal de Cam-buquira.

Para Deodoro, o tenente-coronel Candido Novaes Junior, da 7a. Cir-cumscripção de Recrutamento Mili-tar.

Para Barbacena, o dr. Antonio Mourthé.

sr. Leovigildo

ANEXO 20 – “Sem nenhuma convicção...”, *Diário de Minas*, 22 de dez. de 1922

DIÁRIO DE

da Diocese

do exmo. sr. d.
Cabral, bispo
se no dia 17 do
essão ordinária,
s seguintes srs.
dr. Bernardino
idente, em exer-
iz Pessanha, se-
Lucio José dos
Licas de Lima,
es, dr. Herculano
ousa, padre Adri-
nel Antonio Ba-
ílio Jorge Morei-
ra de Andrade.
im e major Luiz
e fez representar.
ovada a acta da

foram lidas as se-
cções: do exmo.
Estado, agrade-
o que lhe foi con-
cidente de Honra-

no. sr. dr. Flavio
antos, prefeito da
endo a escolha do
Vice-presidente de

nos. srs. dra. Mario
de Mello Vianna,
almente a sua esco-
ros de Honra des-
ciação, protestando
ncurso pessoal sem-
mo houver mister.
etario geral foram
relações das listas
brança que está sen-
termeio da directo-
cando assim os srs.
a do movimento so-

bispo diocesano, de-
as ponderações que
e o estado actual da
las medidas que tem
n pratica, para a pro-
mesma, encareceu a
e se dar ampla publi-
ndas da associação da
o fim de salientar que
não estão de modo
cionadas nos grandes
ta mesma associação.
do movimento econo-
ra realiado, a renda
estimada em trezentos

enfim, que, opportuna-
muitas outras informa-
es, sendo que,

Chronica Soc

SEM NENHUMA CONVICÇÃO...

A vulgaridade é amavel e consoladora; a originalidade é cruel, e ofende os espiritos equilibrados. Alids, num mundo de coisas tão pequenas, porque motivo deveria o pensamento subir a espaços quasi inatingiveis? Alegremo-nos com a vulgaridade, que é bôa e graciosa, facil e convidativa. Eu não sei de martyrio mais inutil que o da originalidade...

Manifestar, em palavras, gestos e attitudes, os nossos sentimentos, é um costume prejudicial. A força de sermos sinceros, acabaremos por forjar sentimentos que possamos continuamente manifestar aos outros. Quer dizer que nos tornaremos absolutamente insinceros e artificiaes.

A conversa é uma dissipação tão perigosa como as que mais o sejam. Faz com que esbanjemos as nossas idéas, e as idéas são esquivas e caras. E, em troco, recebemos as do nosso interlocutor, que nos não poderão agradar, por serem idéas alheias. Todo aquelle que tiver o egoismo de pensar deve catar-se.

Lembro-me, agora, de Heine—creio haver sido Heine—que se queixava, certa vez, de estar com o cerebro inutilizado: è que trocára idéas com um amigo...

CARLOS DRUMMOND

Natalicios

Faz annos hoje o sr. dr. Raul de Noronha Sá, illustre deputado ao Congresso Federal e uma das mais sympathicas figuras da bancada mineira.

Nesta data, muitas serão as homenagens que irá receber

Transcorre hoje a data natalicia da exma. senhora d. Lia Bressane de Lima, esposa do sr. major José Ramos de Lima.

Viajantes

Chegou hontem a esta capital, devendo partir hoje para o Rio de Janeiro, o dr. Ismael de Souza, director da Rêde Sul Mineira.

Viejou hontem para Coryntho o sr. cel. Pedro Jorge Brandão, commandante do 1. Batalhão da Força Publica.

Regressou a Bello Horizonte, após uma viagem de inspecção, o dr. Sebastião Cavalcante de Albuquerque, funcionario da Delegacia Fiscal.

Da Capital Federal veio hontem, pelo nocturno, o dr. Waldemar Loureiro, director da Casa de Correção.

Visjaram hontem: Para o Rio de Janeiro, os srs. dr. Henrique Marques Lisboa, director do Posto Experimental de Veterinaria, dr. Fernando Dias Paes Leme, Cesar Pereira Legey, Agostinho José de Castro e Diogo Magalhães.

Regressou hontem para o Rio, o sr. Matheus Martins Noronha, nosso preado confrade de imprensa.

Visjaram hontem: Para Pirapora, o dr. Antonio Afonso de Moraes, director da Secretaria da Policia.

Para Brumadinho, o dr. C. Pitanguy.

Para S. Paulo, o dr. Eduardo Neiva.

Para Juiz de Fôra, o sr. Lafayette Washington França.

nosso
Alma
tistica

Ag

O d
vicu
to ás
rimos
Cam

Pa

O
«O
«Ba
«Ad
maio

P
«Bo
actos
«Dr.
cha

Cl
«De
«Ga
mundi
No p
Prim
de pec
tincto
rato,
Voyô

FLO
Na t
«Sex
turas
«Uma
Italia
No p
Despe
quo Cav

AM
«Não
5 actos
«A to

ANEXO 21 – “A beleza da vida na alegria da manhã”, *Diário de Minas*, 28 de dez. de 1922.

DIARIO DE MINAS

do Rio Claro
—
de dezembro)
no dia 3 do corrente
a vereadores e juizes
o houvesse opposição,
concurrência de elat-
taram nos seguintes
lores geraes:
de Mello Carvalho,
o Corrêa, Venerando
Americo Ottoni de
raulio Pinto Villela.
lor especial do distri-
dr. Julio Barreto de
lor especial do distri-
ção d'Apparecida: Jo-
Oliveira.
de paz: Francisco
nio de Paiva Junior,
eo Macedo.
reu na melhor har-
el.
te municipio muito
tura administração
precisamos de muitos
urgentes. Desde já
om anciedade a actua-
dministração municí-
ouquiera, onde vae fa-
uas, viajou o sr. Ar-
Carvalho, importan-
este municipio.
vado com distincção,
deiras do 4.º anno
le Medicina do Rio
osso talentoso con-
Gabriel do O', que,
o, foi muito cumpri-

Chronica

**A BELLEZA DA VIDA NA
ALEGRIA DA MANHÃ**

«La vie est nne».
Henri de Regnier («La
vie» — “Odelettes”).

*Eu corria sobre a areia, com os pés
nús.*

*A areia faiscava...
Na claridade da manhã,
as arvores eram mais verdes e fe-
lizizes*

*Eu corria sobre a areia com os pés
nús.*

*Penetrava-me as veias a belleza da
vida.*

*O sol ria no alto...
Dentro e fóra de mim,
floriam rythmos desconhecidos.
Penetrava-me as veias a bellezada
vida.*

*Era como se eu nascesse naquelle dia
A luz embriagava-me...
Tudo parecia novo,
e feito pelas mãos de um deus risonho.
Era como se eu nascesse naquelle
dia...*

Manoel Fernandes da Rocha

Baptizados

Foi levada, no dia 25 do corren-
te, á pia baptismal a interessante
Celia, filha adoptiva do negociante
de nossa praça

talleio da senhorita Celia
filha do sr. Francisco
Miranda, residente nes

Na data de hontem
sr. Alcides Trancoso, a
agronomia.

Esponsaes

Acha-se contractado o
monial do sr. dr. Anto-
nes da Silva, promotor
comarca de Alto Rio D
senhorita Risoleta Mor-
filha do sr. coronel Jo-
Moreira Couto, fazende-
politico naquella comar

Acha-se contractado
pecial da distincta senho-
lha Castello Branco, ci-
tista, com o dr. Emy
Bethonico, tambem ciru-
ta, ambos aqui resident-
Os noivos, ambos m-
nados na nossa sociedad
muito felicitados.

Agradecimentos

Do sr. dr. Romulo Jo-
bemos uma carta de ag-
à noticia que demos de
versario natalicio.

Viajantes

Do correspondente)
ommandante da

ANEXO 22 – “Sem nenhuma convicção”, *Diário de Minas*, 3 de jan. de 1923.

DIÁRIO DE MINAS

Chronica S

DE TABEL-
ROS — por João
Araújo.

... de Araújo,
quarto do The-
a de prestar,
o seu valioso
de juros e Con-
tas correntes
enbado de ta-
e a juros se-
ável serviço
as em bancos
como a todos
essidade de
sem esforço
emp', os pro-
a.

... a sua lo-
ca, conseguia,
rea como nas
eadas com a
ficar o mais
contagem de
diários e se-
de 5% ao
contas cor-
econômicas, es-
dito e depo-
contagem de
a disse, é, sem
de melhor se
no genero,
de essencial

... de mereceram
edas pela se-
a para a Caixa
e contém coef-
cias de juros
ndo-se, entre-
tr, com a ma-
actidão, juros
elevadas, con-
selção do au-

SEM NENHUMA CONVICÇÃO

A mentira é o esplendor da verdade. Mais. A mentira é como a água do poço em que se escondeu a verdade...

De todos os nossos amores, inquietos, tranquilos ou banaes, fica sempre um pouco de cinza e um pouco de chamma. São, geralmente, despojos ignorados... Um dia, subito, essa pequenina chamma irrompe e ameaça desenvolver-se. Mas, logo depois, cae sobre ella o bocado de cinza, e nós vamos vivendo, e vamos amando, e vamos esquecendo...

Por que é que se fazem livros? E para que? Os livros ainda nos não tornaram nem mais bellos, nem mais generosos, nem mais resignados. Dahi se conclue a inutilidade da sabedoria. E dahi se tira que bem aventurados os ignorantes, bem-aventurados os pobres d'espírito...

... Mas, afinal, tudo isso já está nos livros, palavra por palavra...

CARLOS DRUMMOND

Natalicios

Festejou a sua data natalicio, no dia 1º do corrente, o sr. dr. Alvaro Pinto Monteiro, delegado de policia de Santa Luzia do Rio das Velhas.

Foi hontem grandemente felicitado, por motivo de seu anniversario natalicio, o sr. dr. Carlos Nogueira

Pelas escolas

Acaba de terminar o curso pharmacia na Escola de Minas desta capital o talentoso e apolado moço sr. Aloaso Marques, que se to se distinguia em todo o curso obtendo sempre as melhores notas.

Pelos Clabs

Consoante foi anunciado, realizou-se, com grande pompa, o tradicional baile do «Club Belle Horizonte», offercido ás familias das associadas, em commemoração da passagem do anno.

Uma festa de encanto se realizou nesse dia!

Apezar da chuva, grande foi a fluencia ao Club, naquele dia, tendo a directoria do mesmo realizado esforços para o tributo de que foi coroada a festa.

Viajantes

Está nesta capital, hospedado no Grande Hotel, desde ante-hontem, o dr. João de Souza Barros, neto do promotor da comarca de Passos.

Está na capital o dr. Julio Guilherme, juiz de direito de Coimbra do Rio Obre.

Vindo de Rio de Janeiro, chegou ante-hontem a esta capital o sr. dr. Nogueira, ex-deputado de Santa Luzia do Rio das Velhas, e neto do sr. dr. Nogueira do Rio Obre.

ANEXO 23 – [Sem título], *Diário de Minas*, 10 de jan. de 1923.

dos pobresinhos

há definitivamente que no Theatro Municipal, em beneficio das pobres, a que já vezes nos referimos, e o por circunstancias vemos já também a de alludir.

ido por illustres se-
nosso escol social,
que obedecerá a um
na interessante e va-
mette ser das mais
ras no nosso meio.

distincias organiza-
o realmente empe-
exito desse festival,
s tão sympathicos
rito eminentemente
humanitario que o
beneficiar as crean-
desta capital.

o programma, divi-
as partes, com cin-
s cada uma:

I

—a) Estudo; b) val-
de Castro.

de A. Napoleão
)— Targino Matta.
«A Estatueta», de
no— Senhorita Edel-
ellos.

«Papillons», pia-
de Castro.

os brinquedos de

II

— Debussy— Canto
Helena Barcellos.

e Goltermann (vio-
Targino Matta.

ortas (canto).— Se-
na Barcellos.

ivo— Romeu e Ju-
os.

riccioso— Mendels-
)— Pedro de Cas-

O poeta não deve exprimir a sua propria dor, e a sua melancolia, e o seu prazer, mas antes, e acima de tudo, o prazer, a melancolia e a dôr dos outros seres.

O seu espirito é universal e infinito; não se contém dentro de si mesmo: clama por um espaço mais dilatado que as estreitas paredes da carne... Em summa: o poeta deve apagar-se, e viver sómente a vida dos outros. Como é dolorosa, a poesia! Se ella não é mais do que um sacrificio...

Sê bom sem intenção; é esta a verdadeira bondade. A outra, a que visa abafar um soffrimento, absolver uma falta ou attingir um fim qualquer, è uma bondade grosseira e rudimentar. Em nenhum acto se deve guardar tanto pudor como no da caridade. Quando atirares uma esmola a um mendigo, considera que, no fundo, ella é absolutamente inutil, senão damninha aos interesses do coitado. Não tenhas, pois, a mentirosa illusão de que lhe permittiste gosar um momento de felicidade...

Só se vivem com plenitude os primeiros e os ultimos dias da vida; quero dizer com isto que o verdadeiro homem reside na creança e no velho. Aquella desperta para o mundo e as grandes revelações; este adormece para o mundo com a alma cheia das eternas revelações... E que coisa è viver, senão sentir a vida revelar-se em torno de nós? Ai do homem forte, que deixou o berço e ainda não tem cabellos brancos: è um illudido, um enganado!

CARLOS DRUMMOND

Natalicios

Cornelio Vaz de Mello é grandemente admirado e estimado de onde hoje receberá, no Rio de Janeiro, de se acha, numerosas felicitações.

Vae ter hoje muitas abraços e felicitações, por motivo de seu aniversário natalicio, o acadêmico Ivon Rodrigues Vieira, da Faculdade de Medicina.

Fazem annos hoje os srs.: dr. Thomaz Bauden, engenheiro em Uberaba; tenente Manoel José Fernandes residente em Dôres do Indaia; José Barros do Valle.

E' hoje o dia natalicio da exma. sra. d. Marietta Furst de Souza, esposa do deputado Heitor de Souza.

Passa hoje a data natalicia da senhorita Maria da Conceição, filha do sr. José Emilio Machado.

Passa hoje a data natalicia da exma. sra. d. Eliza Franco Belga, esposa do nosso confrade dr. Israel Franco Belga, engenheiro agrônomo e director da revista agricola «Minas Rural».

Visitas

A nossa redacção teve hontem a visita do pharmaceutico Faustino Teixeira de Assumpção, presidente da camara de Bom Despacho e influente politico ali.

Visitaram, hontem, a nossa redacção e percorreram, demorando-se, naturalmente, as nossas officinas, os srs. Julio Gorgulho e João de Castro Barros, juiz de direito do Rio Claro e promotor de justiça de Passos, respectivamente.

Viajantes

Para a cidade de Pimby regressou o sr. Manoel Herminio, promotor de justiça.

ANEXO 24 – “Na tarde cheia de doçura...”, *Diário de Minas*, 14 de jan. de 1923.

NA TARDE CHEIA DE DOÇURA...

*A menina que perdeu o pae,
a pobre menina que perdeu o pae,
debruçada á janella de sua vivenda
(triste,
de sua vivenda abandonada,
acompanha o vôo calmo e longo de
(uma andorinha
que vae
fugindo na doçura da tarde abando-
(nada*

*Pobresinha
da menina que perdeu o pae num de-
(sastre de trens
e vestiu o corpinho tenro com um lu-
(io triste,
que vive sonhando com fadas, ale-
(grias e bens,
que vive sonhando, com um semblan-
(te triste,
as miseras alegrias
de uma felicidade que não virá,
O vôo longo de uma andorinha.
O dia, em breve, morrerá.
Nas mesas ricas, faultantes de crys-
(taes,
outras meninas, de corpos em seda,
comem fructas geladas, maçãs muito
(vermelhas,
sob o sorriso doce dos paes.
Aquella
teve um magro jantar, e, agora, po-
(brentemente,
perfilando a sua magra sombra na
(janella,
jita a primeira estrella, que scintilla
piscando o olho aos namorados das
(esquinas.
Rua de arrabalde,
com vultos seccos de arvores,
com bichanos vadios de pêllo negro,
com meninos brincando ao longo dos
(lampeões
com lampeões brilhando quietamente,
desconsoladamente.
A menina que perdeu o pae
desfaz-se na tarde-noite.*

Manoel Fernandes da Rocha

Natalicios

Fazem annos hoje os srs. :
dr. Antonio Augusto Teixeira
advogado em Juiz de Fóra;
dr. Claudio de Lima, lente da Es-
cola de Pharmacia de Ouro Preto;
professor F. Lopes de Azeredo
nosso confrade de imprensa.

—

E' hoje a data natalicia da senho-
rta Maria Luiza, filha do sr. dr.
Simão Tamm.

—

Na data de amanhã faz annos
sr. dr. Zoroastro Alvarenga, depu-
tado ao Congresso Nacional e clini-
co de valor residente na villa d
Perdões.

Pela sua intelligencia e pela sua
capacidade de trabalho, revelada
em todos os postos por que tem
passado, entre os quaes o de dire-
tor da Hygiene do Estado, o dr.
Zoroastro Alvarenga soube fazer ad-
mirações sem numero em Minas,
das quaes hoje terá muitas home-
nagens.

—

Completa amanhã mais um anno
de existencia o deputado Landulpho
Magalhães, representante do 3º dis-
tricto de Minas na Camara Federal.
Politico e clinico em Ponte Nova,
é muito significativo o conceito de
que gosa nesse rico municipio da
Matta o venerando dr. Landulpho
Magalhães que, ainda amanhã, ha
de ali receber homenagens eloquen-
tes.

—

Fazem annos amanhã os srs. :
José de Oliveira Campos, do alto
commercio local;
academico Aniro da Costa Praze-
res;
dr. Eloy de Andrade, medico em
Juiz de Fóra;
dr. Raul Apocalypse, promotor de
justiça de Ouro Fino;
dr. Epaminondas Porto, advogado
em Muriahé;
Arthur Machado, commerciante
em Uberaba.

Visitas

ANEXO 25 – “Sobre a existência de Sócrates”, *Diário de Minas*, 23 de jan. de 1923.

SOBRE A EXISTENCIA DE SOCRATES..

Os papeis publicos, sempre interessantes, trouxeram, ha pouco, uma novidade sensacional. Vem a ser que o sr. Eugene Dupreel, cidadão belga, lente da Universidade de Bruxellas, acaba de escrever um livro para demonstrar que Socrates nunca existiu. Aquelle amavel diplomata de Eça de Queiroz acharia o facto «trés grave»; eu não vou tão longe, e admitto, em principio, que Socrates não haja existido. Admitto mesmo que nem o proprio sr. Eugene Dupreel existe. Chego a suppor que não existe a Associated Press, agencia transmissora da novidade, nem tão pouco o jornal que a publicou e ainda mesmo os olhos que sobre ella se detiveram. Eis ahí, meus queridos amigos: nós possivelmente não existimos! E' o que já nos ensinaram algumas philosophias inuteis, e è o que nos confirma, agora, o excellentes sr. Eugene Dupreel. Será uma conclusão melancolica? Todas as conclusões têm um pronunciado travo de melancolia,—o que, certamente, não deverá faltar a esta.

Voltemos a Socrates. Lá está elle, no museu de Napoles, com uma physionomia severa e bondosa, o rosto largo, a barba escorrendo em fios ondulados,—grave, sereno, philosophico. Será possível que se negue a existencia desse homem? Não è bastante saber que um museu conserva a sua imagem? As estatuas valem mais que as creaturas; estas podem ser desinteressantes, vulgares ou ridiculas; aquellas pompejam uma absoluta e divina impassibilidade, e isso as eleva sobre o commum dos mortaes. Os homens de marmore são maravilhosos! E como são pequenos os homens de carne! As estatuas amam, soffrem, gosam e morrem silenciosamente. O Lacoonte, que eu só conheço pelas noticias de Winckelmann, grita em silencio. E como tudo isso è diferente do modo por que os outros homens se dilaceram e se abraçam! Uma assembléa de homens communs faz discursos, artigos, manifestações, *chantages*, e outras coisas lamentaveis..

O busto de Socrates, pelo menos,

O busto de Socrates, pelo menos, existe, e isso è uma verdade consoladora. Não nos deve importunar muito, em consequencia, a idéa de que Socrates è um mytho. Outra consoladora verdade è que os mythos são sempre deliciosos.

Com effeito, uma das coisas que encham de doçura o nosso coração è justamente essa chusma de lendas, de historias e de imagens confusas que vieram da nossa infancia e tentam perpetuar-se ao longo da nossa vida sentimental. Eu, por mim, creio mais nas fadas, nas feitiçoiras e nas bruxas que nesses personagens de hoje, terrivelmente reaes, como o sr. Mussolini, o sr. Clemenceau ou o sr. Mustaphá Kemal..

O' meu querido Socrates! Foges agora do reino das sombras e penetras num outro, infinitamente mais mysterioso, o dos vãos fantasmas que vivem apenas na imaginação dos homens... E como isso te prestigia! Livram-te, assim, de feias compa-

...
 mãos e mãos encontros; Não te verás em frente a pessoas desagradáveis, que realmente existiram: sophistas anonymos, cynicos ignorantes, philosophos embusteiros.. Offerecem-te, ainda, risoshas possibilidades: no paiz dos mythos, ao lado de Shakespeare, teu companheiro de fabula, percorrerás caminhos encantados, onde ha santos, archanjos, genios bons e genios máos, fadas, princezas e deuses ! Ariel, a sombra subtil, e Minerva, a deusa serena, saberão acompanhar-te. E eu creio que dos labios da rainha Mab sahirão palavras que te serão gratas ao ouvido, de tão graciosas e doces...

(Entre parentheses, eu te advirto, meu querido Socrates, de que não deverás continuar na pratica daquelle feio vicio oscarwildeano.)

Depois de uma rapida meditação, não me parece monstruoso o trabalho demolidor do sr. Dupreel. Elle não procura attingir a obra do philosopho grego; apenas desloca a sua autoria para um desconhecido qual quer. Não é muito que se negue a vida de um philosopho; seria mais deploravel que se negasse a sua philosophia...

Comtudo, eu desejaria fazer um innocente reparo. Admittindo-se como exacta a affirmação do professor belga, devemos repudiar a existencia do gallo de Esculapio. Fica, pois, assente que o citado Esculapio não vendeu nenhum gallo a Socrates, e que este, na hora de sua morte, não rogou aos discipulos que lh'o pagassem. Desapparece uma ave historica, e, bem assim, um exemplo de probidade igualmente historica. E lá se vae tambem o exemplo de sublime estoicismo, e a taça de cicuta, e o resto...

Comtudo, eu desejaria fazer um innocente reparo. Admittindo-se como exacta a affirmação do professor belga, devemos repudiar a existencia do gallo de Esculapio. Fica, pois, assente que o citado Esculapio não vendeu nenhum gallo a Socrates, e que este, na hora de sua morte, não rogou aos discipulos que lh'o pagassem. Desapparece uma ave historica, e, bem assim, um exemplo de probidade igualmente historica. E lá se vae tambem o exemplo de sublime estoicismo, e a taça de cicuta, e o resto...

Decididamente, os homens, dentro ou fóra das universidades, procuram destruir as grandes e bellas sombras do passado. Extinguir-se-ão tambem as figuras de hoje, tão luminosas e vivas. Questão de tempo, de algum tempo, somente.. Cá estou eu para fornecer documentos que, no futuro, levem um sr. Eugene Dupreel a negar a indiscutível existencia de Anatole France... Já a palavra evangelica foi transformada nessa outra, ironica e dolorosa: «Homens de muita fé, por que acreditastes ?...»

CARLOS DRUMMOND

ANEXO 26 – “De Jeremias, poeta falho”, *Diário de Minas*, 7 de fev. de 1923.

DIARIO DE MINAS

mentos
da Relação

o da camara criminal da Relação foram julgados os seguintes:

as Corpus

Pouso Alto. Pa-
del Gonçalves Ri-
deram o habeas-

recursos

amantina. Recte.
e Justiça. Recdos,
to de Oliveira e

parte, provimen-

S. Francisco. Re-
ccdo, José Vea-

rovimento.

Amhy. Recte, Ara-
Pereira. Recdo, o

am conhecimento.

bellações

Aymorés. Appel-
ta. Appellado,
ins de Oliveira.

m o julgamento

Guanhães. Ad

Chronica

DE JEREMIAS, POETA FALHO

Sempre que choras, um demonio está dentro de ti; a rir-se da tua dor...

—

São infelizes os que param, com receio da vertigem.

São infelizes os que correm, com receio da estagnação. Mas, regra geral, todos os homens são felizes...

—

Alegrias da vida: a tristeza dos crepusculos, a maguada surdina das fontes, o doloroso silencio das coisas...

—

Que tarde linda! Que crepusculo triste... E quando a gente menos espera, surge um credor pelo crepusculo a dentro, extinguindo a purissima, a divina doçura da tarde. Não ha garantias neste paiz!...

C.

Natalicios

Nesta data faz annos o competente professor Luiz Pessanha, dedicado auxiliar da directoria da Escola Normal Modelo.

Funcionario operoso e irreprehen-sivel e chefe de familia exem-
plar, cavalhe

veira, ora em tour-
nosso Estado.

O espectáculo, qu-
classe academica,
berbo film Stella L-
diosos actos, seguiu
uma conferencia l-
thema *O ensino prim-*
fessor Raphael He-
acto de variedades.
cantora Alzira de O

Casamentos

Effectuou-se nesta
mento da gentil sen-
Mendonça, filha do
salvo de Mendonça,
rio dos Correios, e
nhora d. Emilia V-
donça, com o sr. dr.
Cavedagne, filho do
nario da Central da
Cavedagne e da ex-
d Maria Woods Cav-
Serviram de parte
parte da noiva, no e
Francisco Villela do
exma. sra. d. Annita
no religioso, o sr. d.
so e a exma. sra. d.
Velloso, representada
Aurea de Mendonça;
noivo, em ambos os a
Antonio Leite Soares
d. Annita Gonçalves.
Esteve presente gr-
de pessoas de nossa
de servi da fins

ANEXO 27 - "A Alma tumultuosa de Antonio Ferro", Diário de Minas, 23 de jan. de 1923.

Bello Horizonte, Quinta-feira 8 de Fevereiro de 1923

N. 4.088

NAS

solução que baste a assegurar a economia nacional uma das suas mais opulentas fontes de riqueza. Dependendo de variado clima e excelentes terras próprias para a pomologia indígena e exótica, Minas acha-se em condições de produzir quasi todas as fructas nacionaes e estrangeiras em quantidade inculável, garantindo somente com a sua exportação copiosos e permanentes recursos novos á fortuna abillia e particular do país.

Essa justa consideração levou o presidente Raul Soares a lançar os fundamentos da Invenção da Roticultura por meio de estações e experiencia e seleccionamento, sendo já designado Agnus Virtuosus para sede de uma dellas.

Parallelamente, a pecuaria e a lavoura, bases tradicionais da riqueza rural mineira, acham de merecer de s. excia. attenção particular, conforme ainda hontem constatavam em uma nota.

Cópia, com effeito, o illustre presidente de fundar algumas fazendas-modelo em regiões diversas, e modo a proporcionar com effecção aos criadores os ensinamentos da moderna zootecnia, e, no mesmo tempo, facultarem lloções ricas de amanho da terra aos agricultores, por isso que em Minas raramente deixam de coexistir criação e a lavoura.

Monte Santo, encravado em uma riquissima, será, ao que se sabe, contemplado desde logo com os desses importantes estabelecimentos rurais, enquanto que aos lucos os outros, em projecto, ligando aos cultivadores e peccunias, através do Estado, o estimulo a melhora da sua producção e a remuneração mais proficua do trabalho.

Essas tres iniciativas dizem com frequencia do zelo e da energia em que em cinco mezes de administração esse vigoroso estadista logo vai completando e ampliando grande governo que fez em Minas o dr. Arthur Bernardes, além de imprimir á sua projecto governamental um cubo de valor pessoal e de realizações fecundas, por si só, de justificar, com cura para Minas e orgulho para Brasil, a radical transformação politica operada no poderoso Estado.

Essa influxo de novas, sãs e solutas mentalidades.

Fulto das nossas praxos nos governos de quasi todos os Estados, prometter muito, para realizar concretamente, ou para não realizar a alguma.

Adida nesse particular, a conduda do dr. Raul Soares na presidencia de Minas é um exemplo e é a lição. As suas promessas, se não as fez soavelmente, para fazerem excepção. Resultaram, contrario do estudo meitado necessidades raras, das possibilidades illudividas, das possibilidades concretas, das exactas condições de meio, e tambem da plena eficiencia das responsabilidades s. excia. assumia ao tomar, cohomem de uma só palavra, tão rantes e onerosos compromissos, vai elle methodicamente usando o que promettera em programma, inspirando, desluzo o povo mineiro a solida convicção que é mister, como factor de primeira ordem, aos emendamentos propulivos com que laboriosa e energica raça sabe veitar as riquezas extraordinarias do seu solo.

Em governantes dessa tempera, vintades dessas intropexes e insencias oradoras desas vults á de da maloria dos Estados, o não tardaria em ganhar o rego que lhe dão direito, entre os povos ricos, prósperos e dinadados, os copiosos titulos de feza, opulencia e fartura com que exornou a prodigalidade da sua.

D' O PAIZ

Ligando pelos ares as duas Americas

Hoje deverá ser concluido o raid Nova York - Rio de Janeiro

A formosa Guanabara espera para hoje a chegada do «Sampaio Góes II», o hydro-aeroplano tripulado por Hinton e Martins, que partiu de Nova York, na caminha do Rio de Janeiro, na ancia de aproximar, pelo espaço, as duas Americas.

Mais algumas horas, e a alma sentirá pelo povo carioca, esta raclamando os dous valerosos aviadores, um dos quaes nosso patriota.

Este raid não é um acontecimento sem importancia. É uma das mais difficeis travessias que se têm tentado no dominio da aeronautia. É uma epopéa tão alta e tão brilhante como a de Sacadura e Gago.

O que é o hydro-avião

O hydro-avião em que os dous bravos pilotos fazem o seu vôo, o «Sampaio Góes II», que substituiu o primitivo aparelho, avariado por um desastre, é uma possante nave aerea, accionado por dois motores «Liberty», de 400 H. P., capazes de desenvolver uma velocidade maxima de 120 milhas a hora.

Além da sua tripulação, que se compõe, com os dous pilotos, de cinco pessoas, conduz o hydro-avião grande quantidade de mantimentos, bagagens e material de observação aerea, cinematographia, photographia, etc.

A sua tripulação

A tripulação se compõe do capitão da aviação policial norte-americana, Walter Hinton, seu primeiro piloto, já celebre por haver feito o vôo transatlantico entre Nova Escocia, no Canadá, até a ilha dos Açores, em 1920, tripulando o hydroplano «N. C. 4», além da famosa viagem ao serião canadense, onde se perdeu, permanecendo sem noticias por quatro dias; o engenheiro Eulcydes Pinto Martins, nosso patriota, natural do Estado do Ceará, segundo piloto; J. Thomas Voltzell, «cameraman» da Pathé New York; John Wilshtusen, mechanico do hydro-avião; e Grog Te Bye, redactor do «New York World», diario newyorkino.

A travessia e as distancias

O trajeto inteiro a realizar pelos pilotos, desde Nova York ao Rio de Janeiro é de cerca de 5.800 milhas.

Após haverem feito a parte mais perigosa da sua travessia que é o golpho do Mexico no mar das Antilhas, onde os ventos e as correntes aereas são violentas e muito difficeis de atravessar, acabam de chegar os aviadores, conforme dissemos acima, ao porto de Belém, tendo antes, feito varios e importantes estudos e observações aereas, mormente sobre o Delta do rio Amazonas, e as immensas florestas virgens da Amazonia phantastica e maravilhosa.

As distancias entre as etapas, segundo o que fóra anteriormente combinado, eram as seguintes:

Distancias: De Nova York a Charleston, 600 milhas.

De Charleston a Nassau (Ilhas Bahamas), 480 milhas.

De Nassau a San Juan (Porto Rico), 420 milhas.

De San Juan a Forte de França (Martinica), 270 milhas.

De Forte de França a Por of Spain (Trindade), 300 milhas.

De Port of Spain a Georgetown (Guyana Inglesa), 380 milhas.

De Georgetown a Paramaribo (Guyana Hollandeza), 225 milhas.

De Paramaribo a Cayenna (Guyana Franceza), 370 milhas.

De Cayenna a Belém do Pará, 380 milhas.

De Belém a São Luiz do Maranhão, 250 milhas.

De São Luiz a Aracaty (Ceará), 420 milhas.

De Aracaty a Natal, 200 milhas.

De Natal a Parahyba, 78 milhas.

De Parahyba a Recife, 70 milhas.

De Recife a Bahia, 390 milhas.

Da Bahia ao Rio de Janeiro, 734 milhas.

Total, 5.587 milhas.

As etapas foram alteradas varias vezes, devido ao máo estado em que se achia o «Sampaio Góes II». E assim que, ainda nestes ultimos dias, tiveram os arrojados *raidmen* de interromper a viagem de S. Salvador ao Rio, indo a Porto Seguro e dali a Victoria no Espirito Santo.

Rio 7 (A. A.)—Os aviadores Hinton e Martins partiram de Victoria para Cabo Frio ás 12 e 30.

Rio 7 (A. A.)—Os aviadores Hinton e Martins chegaram a Cabo Frio ás 15 e 5.

Na Secretaria do Interior

Com o sr. dr. Mello Vianna, secretario do Interior, conferenciaram hontem as seguintes pessoas:

Maurilio Peixoto, Antonio F. do Amaral, dr. Antonio Afonso de Moraes, dr. Euzebio de Brito, Isabel de Paula Xavier, Fanes Dias Maciel, dr. Francisco Mendonça, Luiz Ernesto Queirera, Ephigenia Campos, Aida Baptista Cintra, Olympio Magalhães, Raphaela Carvalho, Bemvinda Carvalho, coronel Joaquim Tiburcio de Carvalho, Evaristo Claves, dr. Gustavo Penna, Manoel Penna, dr. Agostinho Penido, José Juvenal Nogueira, Julio de Oliveira, Peregino de Paula Ferreira, Antonio Orsine.

Na Prefeitura

Com o sr. dr. Flavio Santos, prefeito da capital, conferenciaram hontem os srs. F. Brittault, dr. Fausto Ferraz e dr. Celso Machado.

Está noiva a princeza Yolanda, da Italia

A «Agencia Stefani» annuncia que a princeza Yolanda, a filha mais velha do rei Victor Manuel, foi, ante-hontem, oficialmente, declarada noiva do conde Galvi di Bergolo, capitão de cavallaria e condecorado com varias medalhas, por ferimentos e actos de bravura na grande guerra.

O noivo pertence a uma antiga familia fidalgua da provincia de Canino, no Piemonte.

Os jornaes de Roma, dando essa noticia, fazem observar que é este o primeiro exemplo que se verifica na familia reinante italiana, de uma princeza real casar com um modesto fidalgua, contrariamente á antiga rija praxe da corte.

A noticia do noivado principesco foi recebida com geral agrado pelo povo italiano, que vê na ella a confirmação dos sentimentos democraticos do rei Victor Manuel e triumphar um amor singelo sobre os preconceitos do castas.

A ALMA TUMULTUOSA DE ANTONIO FERRO

Na avenida Affonso Penna, ás doze e meia horas, uma chuva dramática desabellava as arvores. E havia nas arvores a saudade lyrica e infinita do sol. Os bondes guinchavam, repletos. Guardavam espaldas para os olhos circunscritos no dorso do zanzão da rua. E foi quando eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre, um grande desentão no conhecimento das pessoas notaveis. O resto que nos mostra não vale a obra que nos apresenta. É um desastavel sujeito com a autoria de livros fascinadores. E é comum ouvir-se algum marmurar: «O X escreveu um livro romanesco, mas que grandissimo patife!» Ou estava, pois, diante de um perigoso acontecimento. La eu enlei na livraria Moraes, onde se achava um cavalleiro morto, esparado sobre uma cadeira. Esse cavalleiro morto era um homem absolutamente sensacional: Antonio Ferro.

Ha, quasi sempre

«Theoria da Indifferença.» O poeta, sempre o poeta-clown, desdenhoso da natureza e apaixonado da arte, transformando a verdade na ultima das mentiras, e reintegrando a mentira no glorioso lugar que es mestres lhe concederam. Antonio Ferro, esse risonho artista, é uma intelligencia alarmante. Aliás não ha nada mais alarmante que uma intelligencia...

Na noite de terça-feira, qualquer coisa de grave me conduziu ao Municipal. E' eu que ia ouvir novamente esse escriptor perigoso, que traz sempre ao collete o punhal avisado de um paradoxo. Devia estar esparvorida a nossa policia literaria...

O velario subiu, desnudando o palco. Precedendo a conferencia do homem tumultuoso, falou o poeta Abgar Renault, uma das creaturas mais finas do nosso meio. E o que elle disse, gracioso e justo, revelou a mobilidade de um espirito, romantico por feição original, que sabe comprehender outros absolutamente diversos. Logo depois, Antonio Ferro e a sua conferencia. Antonio Ferro e a «Arte de bem morrer», arte ironica e subtil, que perturba o auditorio, e que o fascina...

A vida e a morte são simples brinquedos para esse caçador de emoções. A vida não é mais que um minuto artificial, o pretexto para um pouco de illusão e myaterio, a taça fragil que deverá conter o vinho da morte. A morte, um panno da bocca, uma phrase de effeito, e mais nada... Dita a phrase, cõe o panno, e o publico fica prohibido de pedir bis.

O artista correndo ao longo das edades, vae exhumando figuras que lindamente morreram, e que, por isso mesmo, fazem jús á nossa veneração. . A morte de Christo, o rosario de mortes na guilhotina, sob o Terror, a de D. Sebastião, e outras, e outras... Chegamos á Casa de Assassinos, montada pela engenhosa efficiencia de Landru, que Antonio Ferro qualifica de «proprietario de casa de moveis»...

—As mulheres são moveis. E ha mulheres estantes, mulheres-secretarias, *divans*, *abat-jours*, etc...

fragil que deverá conter o vinho da morte. A morte, um panno da bocca, uma phrase de effeito, e mais nada... Dita a phrase, cõe o panno, e o publico fica prohibido de pedir bis.

O artista correndo ao longo das edades, vae exhumando figuras que lindamente morreram, e que, por isso mesmo, fazem jús á nossa veneração. . A morte de Christo, o rosario de mortes na guilhotina, sob o Terror, a de D. Sebastião, e outras, e outras... Chegamos á Casa de Assassinos, montada pela engenhosa efficiencia de Landru, que Antonio Ferro qualifica de «proprietario de casa de moveis»...

—As mulheres são moveis. E ha mulheres estantes, mulheres-secretarias, *divans*, *abat-jours*, etc...

Em summa: Antonio Ferro, que tem um *jazz band* na alma, deixa fugir dos labios o eco da sua desvairada musica interior. Eu não posso imaginar o que vae dentro desse cavalheiro gordo, que vive em 1923 como no anno 2.000. Provavelmente haverá, além do *jazz-band*, e deliciando-se com elle, um ariequim, um fauno, uma creança, um *yankee* de Los Angeles, um bolchevista e um demónio. E que ruidosa festa realiza essa chusma de almas vertiginosas, dansando e sorrindo! Talvez que a arte de Antonio Ferro se ja apenas um longinquo e pallido reflexo do seu espirito perennemente agitado. Mas é uma arte franca, feliz, bem vestida e bem rapida. Antonio Ferro escreve dentro de um automovel delirante, entre milhares de automoveis allucinados...

CARLOS DRUMMOND.

SEGUNDO comunicação do correspondente da Associated Press, em Roma, depois da proposta do presiden-

DIÁRIO DE MINAS

Belo Horizonte, Sexta-Feira 20 de Abril de 1923 N. 4.145

dos armamentos

Bacharelandos de 1923

"Folhas que o vento leva..."

Boatos tendenciosos — Desmentido do «Jornal do Comercio»

O «Jornal do Comercio» se sabe, e sr. Felix Pacheco, publicamente offensivo, cujo tenacidade de informações, não quando serventes da America, ante-honrabilidade com a e inexacta e governo do Brachnamrine Boat York, a consp- preo de p. trazem to- intriga e oc- de columna. mente curso de Nova York para a circun- retransmitim- Santiago vao se XIII seja a intenção semeadores da nesses delicad- como dominado- ameaça- paz da Ame-

gencia uma excelente oportunidade para verificar, por si mesmo, como tratam lá fóra o nosso país e os fornecedores de telegrammas.

Estamos autorizados a desmentir do modo mais categorico o despacho a que nos referimos. E' totalmente inexacto que o governo haja entrado em negociações com quem quer que seja para a compra de submarinos. Não ha de ser por processos dessa ordem que os fomentadores de dissidms entre as nações legarão turvar a serenidade, a limpeza cristalina e a firmeza da nossa conducta na conferencia de Santiago aonde nos leva o mesmo vehemente desejo de aproximação que sempre manifestamos em relação aos nossos irmãos da America, sem excepção de nenhum, e de onde voltaremos com a consciencia tranquila, pela certeza de haver cumprido lealmente os nossos deveres para com todos e para com nosso mesmo.

A titulo de curiosidade, chamamos a atenção do publico para os despachos em questão como nos foram comunicados de Santiago, no excelente serviço da «Agencia Americana». A seguir são transcriptos os telegrammas que a Americana recebeu de Santiago dando na integra os telegrammas divulgados pela «United Press» e pela «Associated Press» no Chile, dizendo em resumo que o Brasil negocia nos Estados Unidos a compra de uma frota submarina, sendo o preço de dez milhões de dollars.

Entre os nomes dos bacharelandos, que hontem publicamos, ao noticiar a recente reunião da turma, deixou de sair o do bacharelado Mozart Meniconi, que é tambem aluno do 5.º anno da nossa Faculdade.

Centro dos Preparatórios

O Centro dos Preparatórios reuniu-se, domingo ultimo, para eleger a sua nova directoria e conselho fiscal a que ficaram assim constituídos:

Directoria:

Presidente, Manoel Franzen de Lima; vice-presidente, Floriano Marques; 1.º secretario, Cernelio Rosenberg; 2.º secretario, Americo de Castro; oradores, Edison Dutra e Fernando Collaço Vora; 1.º thesorero, Adeodato Silveira; 2.º thesorero, Antonio Viqueo Esteves e bibliotecario, João Albino de Moraes

Conselho Fiscal: Indiano Torres Costa, Sylpho Mesquita, José Harry Waldemar Andrade e Antonelli O'Valleira.

A posse da nova directoria realizou-se a 21 do corrente.

As igrejas são atalayas da Fé, erguidas nos montes e nas planícies, aprumando para o azul as suas flechas a guisa de para-raios da coroa divina, e pondo, sob o silencio e recolhimento das suas naveas, o homem em communhão com o infinito. Os bandeirantes, que escreveram com o seu herotismo e sellaram com seu sangue a epopéa dos nossos serões, ao fundarem os nucleos de uma cidade, tinham a idéa de um povoado, iniciavam sempre a sua cruzada do povoamento e de civilização chantando no solo apenas desbravando as capellas e as ermidas, cellula mater donde brotavam, irradiando pelas trilhas, a luz regeneradora da catechese. A' volta desses monumentos rusticos ta-se agrupando o casario como um bando de aves debaixo de tumbadas sob as suas tutelas, de uma mãe solitaria a coroa! A igreja, o elemento mais decorativo e prestigioso da paisagem, exerce um ascendente mysterioso e irresistivelmente fascinante sobre os seus habitantes. Nunca não se viu essas estajadas telephonicas donde sobem para Deus as mensagens das creaturas. O ideal para as almas mysticas, nos arroubos da sua fé ardente, seria que se erguesse em cada bairro, ou mesmo em cada rua, um templo—cathedral, ou capella, basilica ou oratorio. Nas nossas cidades antigas, e tradicionais—o Rio de Janeiro, Bahia, etc.—contam-se por centenas os sacratuários sob todos as invocações oraculares e de todas as dimensões e dos mais variados estilos architectonicos. Belo Horizonte, formosissima cidade, se enriquece e se alinda cada vez mais com a edificação de novos templos; estes, porém, não bastam ainda para sua população e para corresponder ao movimento cada dia mais afervorado do espirito religioso entre nós. Estão grandemente adiantados as trabalhos de construção de cathedral e da basilica de Lourdes, uma verdadeira maravilha artistica. Alguns dos nossos bairros já possuem bellas matricas e ainda agora anda em conceção e banimento accorrido o redemptorista angariando recursos pecuniaros e donativos de material, ofim de se levar a efeito a construção de uma grande igreja indispensavel para se atenderem as necessidades espirituas dos habitantes do populoso e aprazível bairro da Floresta. Deus ajude e prospere o plano e infatigável missionario do bom senso e do amor ao bem publico, mais carinhoso por parte de todos os corações bem formados. Querido e amado, como é, não se lhe deparar o obice para consecução do seu nobre e louvável desideratum.

A futura safra de café

A Banca Francaza e Italiana para a America do Sul acaba de divulgar uma estatística da futura safra de café, neste anno, em S. Paulo.

A estatística, conforme diz aquella casa bancaria, não pode ter, infelizmente, muita precisão. Os seus algarismos representam mesmo a produção maxima da safra, independentemente dos imprevistos de ordem climaterica que não raro sobrevêm.

No calculo final está computada a produção de alguns municípios sul-mineiros e outros do Paraná.

Eis esse calculo:

12.377.040 saccas em E. S. Paulo
160.000 saccas Norte Paraná
720.000 saccas Sul de Minas

13.257.040 saccas total.

O JURY

Sob a presidencia do sr. dr. Horacio Andrade e presentes o promotor de justiça, sr. dr. Arpigo Ribeiro, e o escrivão, José Ferreira de Carvalho Filho, proseguiram hontem os trabalhos do jury.

Foi julgado o réo Deodoro Benjamin de O'Veira, libellado no art. 294 § 2.º do Cod. Penal.

O conselho estava assim constituído: srs. João da Silva Carvalho, Lauro Pinheiro de Ulião Cintra, Arthur Pinto Pereira, João Caldeira Brant Diniz, Aurelio Pires e Antonio Gomes Hortá Junior.

A defesa esteve a cargo do sr. dr. Candido Naves.

O réo foi condemnado a 17 annos e 6 mezes de prisão, na Penitenciaria de Ouro Preto.

Hoje será julgado João Mariz incurso nas penas do art. 350, do Codigo.

A RENDA DA CENTRAL

A Central do Brasil rendeu hontem a importancia de 16:832800, sendo de fretes cobrados 74908500.

Sonho de Gigante

O escriptor argentino J. Torrendel publicou a revista «Atlantida» no numero de alio do corrente acerca do livro «Sonho de Gigante» do brilhante publicista dr. J. A. Nogueira.

São desse trabalho as seguintes passagens: «J. A. Nogueira juzga que sus compatriotas, e brasileiros nos atravessam um parlão de insubstancia espiritual, de donde ha de surgir a imagem ideal que habria de realzar através de los siglos. . . . El autor del gigante, bello titulo concebido en la siempre fecunda inspiración de Goethe, representa-se en el libro de Nogueira como la obsesión de un clinico que persigue simplemente el mejoramiento interior de su tierra. Su espíritu busca porvenir. Todo su esfuerzo tiende a obtener lo más sano de la vida que se anuncia. El autor insinúa en «Sonho de Gigante»

O TEMPO

Um magnifico dia, cheio de sol e...
Entramos no reinado da secca e do pó, este felizmente attenuado na grande area da cidade já dotada de calçamento.

Festa de aviação

Chega hoje a esta capital o sr. Reynaldo Gonçalves, 1.º tenente da Força Publica de S. Paulo, que aqui vem realizar uma festa de aviação, utilizando-se do aparelho da Força Publica deste Estado.

O distincto official paulista será auxiliado pelo sr. Honoré Simard, que montou o aparelho.

Centro Academico da Escola de Pharmacia

Os alumnos do 1.º anno da Escola de Pharmacia desta capital, reunidos hontem, fundaram o Centro Academico da Escola de Pharmacia.

Esta nova agremiação tem por objecto pugnar pe os interesses dos academicos, e, dados dos elementos de que dispõe, está destinada a exercer uma brilhante e fecunda actividade.

DE TUDO E DE TODA PARTE

O SANGUE PRIO DE GUTRY

Ultimamente—conta um jornal de Paris—o actor Gutry se preparava em seu camarim para entrar em um magnifico se apresentação a porta, convidando-o para abandonar no dia seguinte o actor não teve rumo de compromisso-se com o honrominho. Retirando-se este, voltou-se Gutry para seu secretario e ordena:

«Telephonarê ananhã cedo a desculpado por não comparecer ao teatro que tenho um negocio urgente.

O importante emquanto Gutry assim falava, era de volta no camarim esquecera a bengala. Ouvia tudo, e parou atupafado.

E Gutry, sem perceber a continuação a falar ao seu secretario:

Na Secretaria

Uma festa no Theatro

No proximo dia 21 o centro Theatral Brasileiro realizará no Theatro Municipal, ás 21 horas, um magnifico festival.

Será levada á scena a hilla-

Na Secretaria

ANEXO 29 – “Onda”, *Diário de Minas*, 5 de mai. de 1923.

...mello, ro
o, dirige nos at-
Arthur Bernar-
e Raul Soares,
vado a effeito a
Inhas de Goyaz,
Monte Carmello

de Jaguary, no-

paradas as diver-
cortam este mu-
do de Santa Rita
do já concluída,
essa principal via
que vai a Val-

...ano passajo,
ertos estão sendo
uidado, de modo
das estão ficando
ções de traf go.

te Barba-
numero de ante-
pello ao governo
entido de dotar
mais um grupo

al, de Poços de
do grande ben-
offerecido ao dr.
r, por motivo da
Senado Mineiro,
ifestação que to-
aê lhe fizeram e
sina.

... para a gent
da America!
ssim uma especie
taforma, já muito
em torneios o meu
inha expressão.
ynth se, o gene-
ventar a mocidade
que a intelligen-
radições lhe apou-

Chronica

O NDA

—Nunca lhe contaram a historia da onda ?

—Nunca.

—Pois eu lhe conto a historia da onda ..

Ella veio, muito mansa, esp egaçar-se na praia, numa caricia dolente. Parecia o corpo parecia a alma de uma mulher.

Era immensamente triste. E foi rolando sobre a areia, rolando...

Perto, subia uma arvore, onde folhas seccas punham olheiras de tysi.

ca A onda beijou a longamente, num beijo de gaze de espuma ..

A arvore, então derramou duas lagrimas verdes, que a onda levou ..

—Só ?

—Pois o sr. acha pouco, homem insaciavel ? !

CARLOS DRUMMOND

Natalicios

Fazem annos hoje os sr.s:

dr Renato Lacerda, residente em Ubá;

dr. Pio Ventania, medico em Cataguazes.

Damaso dos Santos, nosso ex-companheiro das officinas, actualmente residente no Rio de Janeiro.

zaga Pereira da Penca
lo S area de Vilhen
clinico estabelecido em
trada, de te de M. na-
A noiva é filha da
Virginia Cordeiro Va-
zaga, viuva do sr. Luiz
dr. Luiz G. zaga Per-
se e o meu filho d
Joé Bruno de V. h
rio da Secretaria des

Visitas

Por ter de seguir p
onde passa a servir
sua visita de desp d
ardo Guimarães, fu
Banco Hyp the a i e

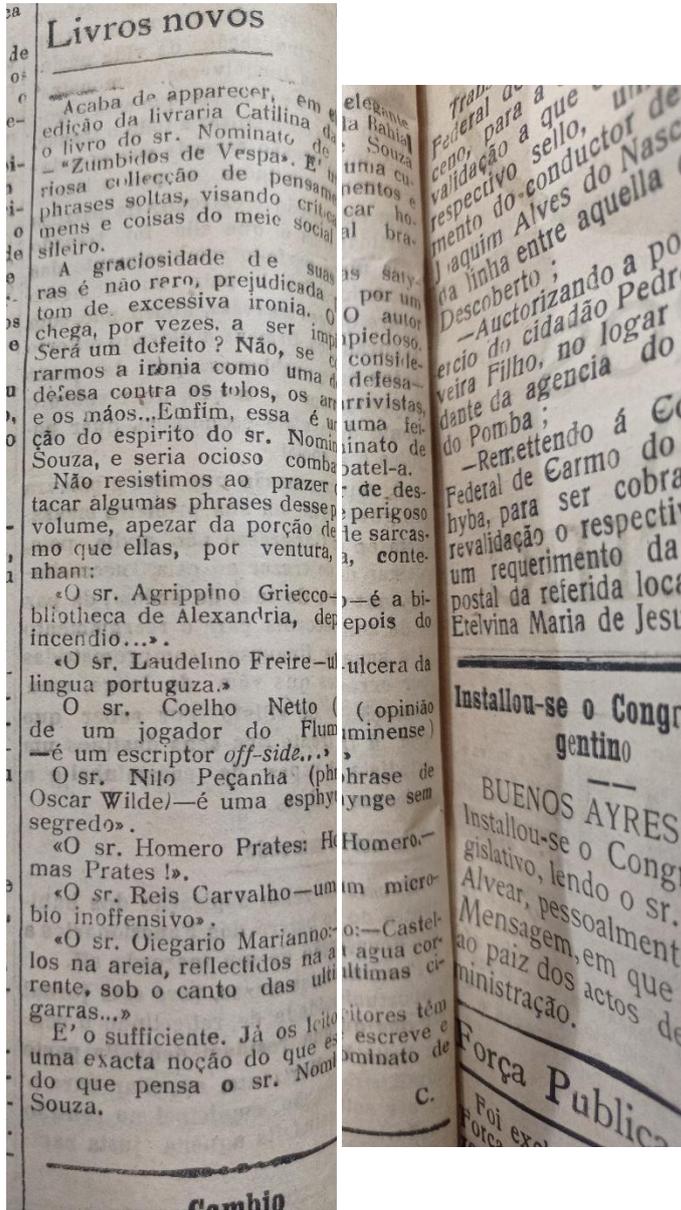
Agradecimento

Do professor H norte
recebemos agradecime
ticia que demos do n
seu filhiado Brenno.

Festas

A Republica Oswaldo
stituida por estudantes
soube, no dia 3 do corr
morar condignamente o
sario da sua fundação.
Aos amigos, offerecerá
fundadores um lauto jant
scorreu em meio de mu
dade
Em meio o «agape» to

ANEXO 30 – “Livros novos”, *Diário de Minas*, 5 de mai. de 1923.



ANEXO 31 – “Bem-aventurados”, *Diário de Minas*, 9 de mai. de 1923.

que vae funcionar em
no, recentemente con-
Carlos Otto, é de pro-
firma Gomes, Alves &
põe de avultados capi-

vida, a nova industria
nde elemento de pro-
Manchester Mineira.»

gresso, de S. Se-
ralzo, dá noticia da ho-
S. Thomaz de Aqui-
coronel José Hono-
nefe politico no muni-

ção festiva, mani-
lar, orando o pharma-
osardo Paolletto; ban-
culo de gala e baile.

Era, de S. Sebastião
liz o seguinte:

fundamento podemos
entre os homens de
de desta cidade, tem
to a ideia feliz de se
pital necessario para a
uma fabrica de tecidos

dias esteve nesta ci-
sagem para Passos, o
padre dr. J. Carva-
e Tatyby, que a con-
nigo, sr. dr. Joaquim
relles velu visitar esta
cer as probabilidades
algodão.

strado sacerdote que
maiores elogios á terra
e cidades mineiras por
e a promessa de re-
emente aqui, para tra-
pitalistas do assumpto
ocupa.»

reios

Administrador fo-
idos os seguintes

ndo novamente d.

DIÁRIO DE MINAS

Chronica

BEMAVENTURADOS

Bem aventurados os loucos, as creanças e os poetas .. Os loucos comprehendem a vida; as creanças vivem na; os poetas cantam na. E todos elles conhecem a felicidade... A felicidade é uma bôa amiga, meio-mulher, meio-anjo, prodiga de sorrisos e caricias bohemias. Està sempre perto de nós, numa attitude de sombra Apenas não lhe podemos tocar : esváde-se ..

Os poetas, as creanças e os loucos sabem disso; e, porque o sabem, são infinitamente felizes.. Anestesiaram a ambição A vida, para elles, é como um palácio de portas escancaradas. Percorrem-no todo, adormecendo os passos na volupia macia dos tapetes. Vagueiam pelos grandes salões maravilhosos, onde faísca o silencio dos espelhos.

E o louco volta mais divinamente perturbado, rico de mundos interiores... A creança vem mais creança. E o poeta regressa com um punhado de versos...

CARLOS DRUMMOND

Natalícios

Fazem annos hoje os srs:
professor Francisco Lins, reitor
do Gymnasio de Barbacena;
dr. Lamounier Godofredo, ex-de-
putado federal;

Vae ter hoje muito
motivo de seu annive-
o sr. João de Castro
commercio desta pra

Fez annos hontem o
co Odorico Celso, filh
mirio Celso da Trind
do Tribunal do Acre.

Viajantes

Depois de quinze d
cia, regressou ante-
capital o nosso cor
Arduino B. Iivar.

Estão na capital os
Cassiano Mesquita,
R'io Branco, e Luiz
do alto commercio da
de.

Acham-se na capital
no Augusto Felipe e
tão Vidigal, membros
politico de S. José da

Vindo de Rio Branco
fe do serviço de Prog
na capital o sr. dr. F.
ptista.

Segu'u hontem para a
deral, acompanhada de
uhorita Celia Neves, a e
Alice Neves.

Seguíram para o Rio
pelo nocturno, os srs.
Camillo Prates e José G

Viajaram hontem:

ANEXO 32 – “Notícia elétrica, *Diário de Minas*, 27 de mai. de 1923.

27 de Maio de 1923

N. 4,177

NOTICIA ELECTRICA

Sobre um livro de ANIBAL MATTOS

velho professor dr. Agostini, tendo esteve hontem em nossa facção, acompanhado de uma filha que, segundo nos informou, está ha poucos dias estudando seu methodo. O pequeno, na vista, escreveu varias passagens e leu com algum desembarado diversos periodos.

sr. dr. Octaviano de Almeida, completamente restabelecido da fermidade que, por dous meses, arredou da sua actividade profissional, já reassumiu desde hontem a sua clinica nesta cidade.

Centro Academico da Faculdade de Direito

O Centro Academico da Faculdade de Direito realiza hoje uma sessão, ás 13 horas. O sr. academico Affonso Teixeira fará uma conferencia, de onde será eleito hoje mais um membro do Conselho Fiscal.

Sessão de Moços Catholicos

A sessão ordinaria de hoje será eleita a nova directoria. Os membros poderão votar os socios.

Revista literaria

Uma hora de requintada escriptura a que o illustre escriptor dr. Eurico de Goes proporeio a fina e selecta assistencia que deu hontem ao salão nobre do Conselho Deliberativo para ouvir, dos pelo auctor, varios trechos da magnifica epopeia “Os Sertões”.

Impressão que deixou no auditório que ali foi ouvido o poeta brilhante investigador da historia, foi a de que o dr. Eurico de Goes...

7 e 25. A alegria do vento, na alegria das arvores. A cidade pula do leito, agitada e contente. Um sol novo, um ar novo, um azul absolutamente novo. Quem lavou a fachada dos predios, o calçamento das ruas? Quem lavou o ambiente? Oh! Mas a cidade nasce todas as manhãs. Todas as manhãs se realiza o milagre da criação. Um fiat generoso deixa cair sobre nós a chuva dos divinos prodigios. Agitação. A alma do rumor abre no ar os seus tentáculos. O barulho da rua é uma symphonia. A rua está cheia de Wagner, ha Wagner nas businas dos automoveis e das carroças, Wagner espirrando nas rodas dos bondes, Wagner berrando no grito dos padeiros, Wagner, sempre Wagner!

Decididamente, a vida é maravilhosa! A vida é espanto e maravilhosa. E que dizer da manhã? Na manhã, as creaturas são mais puras e mais felizes, e o céu se desmancha sobre as nossas cabeças. Sim! O céu se desmancha sobre as nossas cabeças. Gostaram da repetição? A repetição é um recurso literario. E é também um recurso commercial. Então, vejamos aquelles vendedores de jornaes, que lá estão gritando os seus papeis sujos. E tão gritando e repetindo: «Correio, Gazeta, Imparcial! Correio, Gazeta! Os jornaes são infinitamente divertidos. Que é um jornal? E' a chronica da vida dos outros. Registro, com pouca ou nenhuma grammatica, dos heroismos, das traficancias e das patifarias dos outros. Os crimes, os desastres, as cotações, os discursos, as poesias, os roubos... Tudo está lá dentro, gemendo e vibrando, entre duas paginas, com typos grandes, entrelinhas e clichés. Oh! Os jornaes...

Vejamos o que dizem essas linguas purulentas: A morte de lord Carnarvon e terrivel Zeca Netto, a greve em Dusseldorf, a procura dos valores-ouro, «como re enforcou Ritinha Piolho de Sapo», «um cavalheiro que soffria de asthma», as conferencias internacionaes, os films da Paramount, a exportação de legumes, espiritismo, fascismo, foot-ball,—o

bal Mattos. Eis ahi um homem que, vivendo numa epoca de actividade delirante, sabe pôr a sua sensibilidade ao alcance das multiplas e descontraidas suggestões do meio ambiente, transfiltrando-as, após, ao espirito avisado, que, com esses materiaes, realisa uma obra rapida e violenta. Ignoro os seus methodos de trabalho; supponho que não adopte nenhum. Deve produzir, como é razoavel imaginar-se, sob o imperio immediato das emoções, ao calor d'aquella «embriaguez conceptiva» de que nos informa Fialho, em «Litteratura gá-gá». Não lhe serão habituaes as laboriosas gestações, as vigílias sobre uma pagina incerta, os longos desvelos de Flaubert e dos Goncourt,—torturas que põem cabellos brancos. Produz depressa, e isso não é um defeito, senão uma virtude: a virtude de marchar alguém ao rythmo do seu tempo.

Mas, já aqui se perdem as linhas d'esse perfil tão indecisamente esboçado: O sr. Anibal Mattos emprega a sua actividade em varias provincias da litteratura e arte. Como acompanhá-lo, e extrahir de suas obras o traço unico, e signal peculiar e inconfundivel, que nos permita esquiassar-lhe a physionomia de escriptor e artista? Outro, com mais vagar e maiores recursos de subtilidade, saberá pôr em relevo o caracter geral de sua produção. Eu desejo fazer coisa bem simples...

Desejo, apenas—e aqui está o importante, nessa conversa de duas columnas—, localisar a personalidade litteraria do sr. Anibal Mattos no momento de ruidosa revolução de valores, que atravessamos. Como disse, elle é bem o homem de seu “minuto fugaz”. Objectar-me-ão: E a sua formação classica, e todo um passado de formulas academicas dominando os impulsos do seu espirito? Por acaso se alistou o sr. Anibal nas hostes da litteratura moderna?

O' creaturas incontentaveis, o auctor de “Um sonho ao luar” está longe de ser um futurista. Reconheço-lhe, mesmo, a formação classica, o academicismo das formulas, etc... Tudo isto, porém, são frivolas obje-

o escri-
porocio-
cia que
bre do
ouvir,
trechos
Serta-

o audi-
o poe-
ador da
o dr.
n escri-
fio es-
emoção
s, os fei-
esbrava-
ospitos e
do Bra

Acate
essão foi
assa ala
Neraldino
o vario

z, em ra-
a apre-
Goes, que
magnifico
ercaland -
agra leci-
ucidativas

a assisten-
rca de ho-
daquelles
o poeta
estivo tra-
oico, pror-
lva de pal-

o de intel-
ates á bri-
stre dr. Ma-
Finanças,
icial de ga-
da Agricul-
e senhoritas

ado Eurico
ussirat de

paginas, com typos grandes, entreli-
nhas e *clichés*. Oh! Os jornaes...

Vejamos o que dizem essas linguas
purulentas: A morte de lord Car-
arvon, o terrivel Zeca Netto, a gre-
ve em Dusseldorf, a procura dos va-
les-ouro, «como re enforcou Ritinha
Piolbo de Sapo», «um cavalheiro
que soffria de asthma», as conferen-
cias internacionaes, os *films* da Pa-
ramount, a exportação de legumes,
espiritismo, fascismo, *foot-ball*,—o
diabo! Positivamente, os jornaes
transbordam. Ha nelles demasiadas
informações. Para que acontecem
tantos factos? Nós não precisamos
de factos. Precisamos, isto sim, de
palavras *Words, words*, como lá
dizia o Hamlet... Sim, refugiemo-
nos entre as paredes discretas das
livrarias. O goso intellectual, todo
feito de abstracções é perversamente
convitativo. Abandonemos a acção.
De que vale gritar, subir em aero-
planos, matar, correr, trabalhar?
Abro no espirito inquieto um paré-
these desanimado...

E, cantudo, sou victima de uma
rapida illusão. Aqui dentro, na li-
vraria, formilha uma vida intensa e
trágica, silvante, encaracolante e en-
volvente. Os livros têm braços, per-
nas, buracos de olhos, unhas e den-
tes. Os livros mordem. Os livros
matam. E ha livros que atropelam,
outros que se suicidam, outros que
furtam o pão de cada dia... E que
formidavel e doloroso trabalho!

Uma livraria é uma cidade cheia
de transeuntos, vehiculos, arranha-
céos, exgottos, *magazines*, balnea-
rios, casinos...

... E nas montras, onde o olhar
causado procura repousar da vida,
ha o escandalo de um livro novo,
vestido de côres novas. E' a vida,
sempre a vida! E quem escreve es-
se livro é justamente um homem
agitado e febril, um homem-força:
o sr. Anibal Mattos.

O sr. Anibal Mattos desconhece o
7. peccado mortal. E, comquanto
seja esse um amavel peccado, eu
admiro no sr. Anibal a nobre atti-
tude de hostilidade. Adão de mãos

“minuto fugaz”. Objectar-me-ão: E
a sua formação classica, e todo um
passado de formulas academicas do-
minando os impulsos do seu espiri-
to? Por acaso se alistou o sr. Ani-
bal nas hostes da literatura moder-
na?

O' creaturas incontentaveis, o au-
tor de “Um sonho ao luar” está lon-
ge de ser um futurista. Reconheço-
lhe, mesmo, a formação classica, o
academicismo das formulas, etc...
Tudo isto, porém, são frivolas obje-
cções, e eu continuo a considerar o
sr. Anibal Mattos como plenamente
identificado á vertigem barulhenta
da epoca. Nem de certo fôra para
desejar que elle fizesse o sacrificio
do seu temperamento ás concepções
de uma literatura ultra-moderna,
quando estamos a vê-lo perfeitamen-
te bem na sua posição. Sentindo,
ao seu modo, a angustia entontece-
dora que nos avassalla, ha na sua
obra crispacões, uivos, lagrimas e
gargalhadas, como nas de qualquer
dadaista sincero, da ultima edição.
Quem escreveu o pequeno acto de
“O imprevisto” conhece bem a ter-
rivel grandeza do *grand guignol*
quotidiano.

Agora, creio bem que os leitores
me haverão perdoado a encenação
theatral de logo ao principio: gara-
tujando uma visão da rua, com os
seus alegres tumultos, eu quiz fa-
zer um pouco de ambiente para a es-
fervilhante personalidade do sr. Ani-
bal Mattos...

Elle nos vem de offerecer, já pen-
sando noutra coisa, os tres actos
historicos de “Barbara Hellodora”.
E' a reconstituição, no palco, da lu-
minosa figura que encheu de amargu-
rada belleza o drama lyrico da Incon-
fidencia. Dessa galeria de ingenuos
revoltados, irremediavelmente nos
separam sem annos de commercia-
lismo e vulgaridade. Tiradentes nos
apparece com as barbas de um
apostolo russo, e já o ridiculo o tran-
sforma num heroe odontologico.
Gonzaga, um innocente poeta, agar-

DE TUDO E DE
TODA PARTE

gnifico
aland -
ra leci-
dativas

ssisten
de ho-
quelles
poeta
vo tra-
pror-
de pal-

e intel-
s á bri-
dr. Ma-
anças,
de ga-
Agricul-
horitas

Eurico
rat de
de Al-
i.

a Sales,
onferen-
d. Ale-
srs. dr.
rico de
nes Pe-
ivar, dr.
to Mila-
de Oli-
o.

rapida illu-ao Aqu dentro, na li-
vrraria, formilha uma vida intensa e
tragica, silvante, encaracolaute e en-
volvante. Os livros têm braços, per-
nas, buracos de olhos, unhas e den-
tes. Os livros mordem. Os livros
matam. E ha livros que atropelam,
outros que se suicidam, outros que
furtam o pão de cada dia... E que
formidavel e doloroso trabalho!

Uma livraria é uma cidade cheia
de transeuntos, vehiculos, arranha-
cões, exgottos, *magazines*, balnea-
rios, casinos...

.. E nas montras, onde o olhar
cansado procura repousar da vida,
ha o escandalo de um livro novo,
vestido de côres novas. E' a vida,
sempre a vida! E quem escreve es-
se livro é justamente um homem
agitado e febril, um homem-força:
o sr. Anibal Mattos.

O sr. Anibal Mattos desconhece o
7.º peccado mortal. E, conquanto
seja esse um amavel peccado, eu
admiro no sr. Anibal a nobre atti-
tude de batalhader. Adôro de mãos
postas a preguiça. Mas, ha uma vo-
lupia igual á da preguiça: é a de
se contemplar o trabalho dos ou-
tros. Enquanto envelhecemos de-
ante de um eterno entediado sor-
vete no Trianon, o redactor do «Dia-
rio de Minas» vae ao escriptorio,
escreve um drama, pinta um quadro,
ensaia uma comedia, compõe um poe-
ma, produz um artigo! Aqui, dean-
te do meu sorvete (ai de mim!), fol-
heio este livro do sr. Anibal Mat-
tos—o decimo terceiro publicado!—
e fico a meditar que elle tem ainda
7 livros ineditos. Para um homem
de 35 annos, convenhamos, isto é
immenso. O sr. Tristão da Cunha,
com 45 annos, fez dois...

Cumpre fixar as linhas dominan-
tes no perfil intellectual do sr. Ani-

agora, creio bem que os leitores
me haverão perdoado a encenação
theatral de logo ao principio: gara-
tujando uma visão da rua, com os
seus alegres tumultos, eu quiz fa-
zer um pouco de ambiente para a es-
fervilhante personalidade do sr. Ani-
bal Mattos...

Elle nos vem de offerecer, já pen-
sando noutra coisa, os tres actos
historicos de "Barbara Hellodora".
E' a reconstituição, no palco, da lu-
minosa figura que encheu de amargu-
rada belleza o drama lyrico da Incon-
fidencia. Dessa galeria de ingenuos
revoltados, irremediavelmente nos
separam cem annos de commercia-
lismo e vulgaridade. Tiradentes nos
apparece com as barbas de um
apostolo russo, e já o ridiculo o tran-
sforma num heroe odontologico.
Gonzaga, um innocente poeta, agar-

DE TUDO E DE TODA PARTE

Queimando gelo

O dr. Oswaldo Serpa, numa sua
chronica, pergunta:

E' possivel queimar-se um pedaço
de gelo?

E responde:

Para isso colloque-se em um tubo
de ensaio uma pequena quantidade
de ether e agua. Agitando-se o tu-
bo consegue-se que a agua dissolva
parte do ether. Colloque-se em se-
guida o tubo numa mistura de gelo
ou neve e sal commum para que se
congele seu conteúdo. Si chegarmos
fogo á barra de gelo contida no tu-
bo ella queimará como se fôra uma
tocha.

Ureformina, precioso antiseptico desinfectante e diuretico de bom pa-

DROGARIA GIFFONI — Rua 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro

ANEXO 33 – “De um lápis vadio”, *Diário de Minas*, 20 de jul. de 1923.

Chronica S

a. auspicioso acontecimento importante melhora a Mata. Saudações.

18— O engenheiro Oliveira acaba de entregar a ponte desreconstruída por orçaria. Em nome do apelo ao governo, pelo alto interesse, os protestos profundos reconheceram Odilon Braga, premiara».

Club Leopoldense

coronel Antonio A. presidente do Jockey Leopoldense, recebeu um redactores o seguinte:

nuita honra em lechecimento de v. s. ectoria do Jockey Leopoldense, tendo em prestimaveis serviços ornaal prestados ao Minas e ao humilde que sou presidente, ar a um dos pareos a realizar-se em 22 e o nome de “Dias”.

i, convido-o, em sociedade, a assistir á esse pateo.

o a v. s. os proha muita estima sideração».

reios

Administrador fofidos os seguintes

DE UM LAPIS VADIO..

Mario Mattos—A ironia e a piedade, deslizando, em silencio, pela vida...

..

Nilo Bruzzi—Um jardim onde plantaram rosas e nasceram foguetes...

..

Baptista Santiago—Poeta que se enforcaria, feliz, numa trança de mulher.

..

Annibal Machado—Falar sobre elle? Um segundo... e já desapareceu!

..

Silva Guimarães—Um pouco de Adão, de Icaro e de Prometheu.

..

Abgar Renault—Cavalleiro esquecido de batalhar, derramando nos «Sonetos Antigos» a saudade do que não fez.

..

Arduino Bolivar—Uma estante. E, nessa estante, ha velhos poetas latinos, Homero, Stechetti, Catullo Cearense— e o eco de um jazz-band...

C.

Natalicios

D. Joaquim.

Faz annos hoje d. Joaquim Silveiro de Souza, arcebispo de Diamantina e uma das figuras representativas do clero brasileiro, pela intelligencia, pela cultura e pelas virtudes. Venerado pelos fieis da sua diocese, D. Joaquim terá hoje, como annualmente acontece, muitas e expressivas homenagens.

—

Nesta data fazem annos: dr. Auto de Sá, illustre mineiro,

tenente Affonso Elias Praes, cial da Força Publica; jovem José da Oliveira Lima; menino Helvedio, filho do sr. dr. Jorge Brandão Junior.

—

Passa hoje a data natalicia da nobre Olivia Lacerda, professora na capital, e das exmas, srzas. Marietta Renault, esposa do Henrique Renault Filho, e d. M. do Carmo, esposa do sr. Pedro ge Brandão Junior.

Concertos

Dentro de poucos dias Bello Horizonte hospedará o applaudido pianista J. Horta Devolder, que da aqui alguns concertos.

O notavel artista, muito moço e da, já possui, entretanto, nome feito no Brasil e mesmo no estrangeiro, tendo estudado a principio no nosso país com o grande Henrique Oswald e, depois, na Europa com o afamado professor Falippi, mettendo de ambos os mais cairosologios.

E' de esperar, portanto, que o publico de Bello Horizonte, tão amante da arte, saiba acceher carinhosamente o sr. Devolder, premiando assim, o seu incontestavel merito.

Viajantes

Vindo de Uberaba, já se acha na capital o sr. J. Y. Nogueira Penido, digno chefe de secção da Secretaria da Agricultura, que acaba de dar brilhante desempenho á missão de que fôra incumbido, de inspecionar varios estabelecimentos agricolas do Estado.

Pelos cinemas

ANEXO 34 – [Sem título]. *Diário de Minas*. 27 de jul. de 1923.

cerção ainda á cerimonia de homenagem aos sr. João Araujo, director e Jonas Bastos, dobras de nossa mu- e.

é á cerimonia de gráo um bello sa- ante de baile e da ilho, acto symboli- te, em que os mo- retiram para a vida despedem de seus ue ficam».

Carmello diz que ade, em muito bre- dotada de um ho- de seu progresso. já se acha em con-

Mercantil, de Ju- noticiando a reor- do Tiro 17, diz que, ira, principiou o no- e instrucção, acham- riculado na compa- terra, elevado nume- dores. E acrescenta: s igualmente infu- , em breve, vão ser grandes obras no reconstruindo se to- cheiras e elevando o divisorio nos ter- pados aos fundos do Mercado pelo Tiro.

diada a continuação da ussão, em globo, do pro- sobre reforma adminis- as emendas ao mesmo esten Pires, por parte da iza, offerece um substi-

Chronica

Ha, em Bello Horizonte, uma centena de espiritos que nasceram para a arte e que o tedio avassalou. Uma vez ou outra, porém, é permitido a esses homens amáveis o gozo de algumas horas de encantamento e de fina emoção. Depois do que regressam á vulgaridade quotidiana.

A taes pessoas deve interessar a seguinte noticia: rependem visitar esta cidade, em dias bem proximos, o poeta Francisco Galvão e o desenhista Angelus.

O primeiro publicou, em fins do anno passado, um livro de bellos poemas, «Victoria Regia»; do segundo andam por ahi, esparsos em nossas revistas, deliciosos trabalhos.

Francisco Galvão virá fazer duas conferencias sobre arte moderna Angelus, uma exposição. O poeta é uma das mais nobres e exaltadas figuras da novissima geração — essa geração que vae exterminando irremediavelmente as desoladas fileiras do passado.

Quanto ao desenhista julgam-no ao lado de Di Cavalcanti e alguns outros, dos mais extranhos e sensacionais illustradores do Brasil actual.

A visita dos dois encantadores artistas obriga nos a meditar sobre a crescente popularidade e o vertiginoso progresso que vêm conseguindo no paiz as modernas correntes estheticas. «Nós venceremos!» dizem os novos com entusiasmo. E nesse grito já se póde sentir a immensa voluptuosidade da victoria.

Sejam bemyndos os embaixadores da arte livre.

C.

Natalicios

Faz annos hoje o nosso illustrado

É' hoje o dia natalicio das ritas Aracy Flores, filha do sr. Benjamin Flores, e Marcia, filha do sr. Nicodemus.

Fez annos hontem a Annita Magalhães, filha do pitão Fortunato Magalhães.

Agradecimentos

Do sr. Adnerbal Ferreira valho recebemos agrada pela noticia que demos de aniversario natalicio.

Estiveram hontem em n- dação os srs. deputado Gomes e dr. Luiz Gomes, vieram agradecer as express que registrámos o fallecim seu saudoso paiz, coronel I mes Pereira.

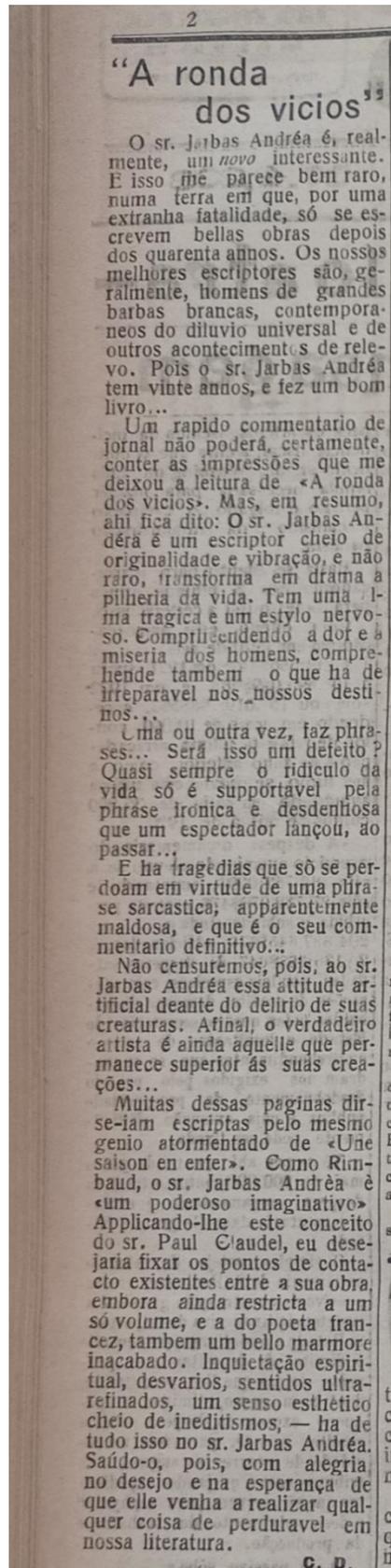
Do sr. Marcello Octavio gu s da Costa, 1º secretario cidade de Concertos Symp recebemos uma carta de ag- mento pelas elogiosas e jus- pressões com que nos re- áquella distincta agremiação cal.

Viajantes

Seguiram para Turvo, os s Gabriel Ribeiro Salgado, Fr Cyrillo de Rezende, João R Antonio Pereira da Silva, Y Ribeiro Salgado, Olympio S João Bougloux, cel José B de Azevedo, Alfredo Salgad pharmacolando Sebastião Zuq

hontem acha-se na Hotel

ANEXO 35 – “A ronda dos vícios”, *Diário de Minas*, 3 de ago. de 1923.



ANEXO 36 – “O suave final”, *Diário de Minas*, 20 de ago. de 1923.

DIÁRIO DE MINAS

Chronico

e fecunda harmo-
bella existencia.
ato lhe sou. meu
a, pelo auxilio que
i, enviando-me os
u pae e diversas
aphicas.

a enfermidade de
minha familia, creio
a o anno poderei to-
. Opportunamente
municar-lhe a data
que, com outros
confrades dahi, ve-
capital assistir á
quei immensamente
z de Fóra pela ines-
ova de consideração
u alliando o meu
e Eduardo de Me-
cedível glorificação
á sendo uma das
paginas de minha
da.

o affectuosamente o
igo e admirador—
eira.

uazas noticia que
oprietaria da fabrica
local acaba de con-
ontagem de mais 70
seu estabelecimento
já tendo sido feita a
encommenda
de Leopoldina pu-
el. Antonio Augusto

O SUAVE FINAL

*“Chante si doucement que j'entende,
à travers ta voix, d'autres voix...”*
Henri de Régnier (“Odelettes”)

*Uma tarde, eu pegarei nas tuas mãos,
bem de leve,
e beijando-as, num gesto de renuncia,
hei de afastar-me... afastar-me para
sempre.*

*Nessa tarde, terás os olhos enxutos
e a alma alegre de um passaro...
Tocarás ao piano qualquer coisa
que seja suave como a tua voz...*

E cantarás qualquer coisa de suave...

*E eu hei de perder me na noite,
com os ouvidos cheios d'essa musica,
e d'esse canto.*

*Hei de perder me, na distancia,
hei de perder-me, na distancia para
sempre...*

CARLOS DRUMMOND

Natalicios

Senador Azeredo.

Faz annos hoje o sr. senador An-
tonio Azeredo, illustre vice-presidente
do Senado Federal e uma das fi-
guras salientes da politica nacional.

Está contra
do distincto m
letta com a se
Mascarenhas.
A noiva é f
Pluto Mascare
do sr. Arohan
rio do Grande

Visitas

A nossa re
visita do sr.
Ribeiro, indus
do influenola

Viajante

Viajou hon
putado Mario

Chegou hor
familia, de J
do Pinheiro
Congresso M

Dr Navan
De regresso
taguases, terr
tóra com sua
alta á sua ex
alli residentes
anais carinhos
menagens de
acha-se desta

ANEXO 37 – “A rua solitária”, *Diário de Minas*, 25 de ago. de 1923.

a, de Uberabi-
reportagem so-
omeno de xipho-
te em Santa Rosa
, em um ponto
ações de Paiva e
io. Trata-se de
os, perfeitamente
recendo distincta-
pernas cruzadas,
e uma só distinc-
s-feminino. Si não
las perninhas, as-
-se, perfeitamente,
a de baralho—uma
xemplo.
lo phenomeno são
dores.
ta o jornalista:
uma dessas infeli-
a-se a outra deix-
ngar, o que faz
a se contenta com
da outra.
o, perfeitamente cu-
só. Dahi para ci-
r das duas é uma
feita e regular. Tu-
to: braços, peitos,
s, bocca, nariz, ca-
emfim de anormal.
rém, que morrerão
porque nunca as en-
a mammar. Estão
mentadas a leite de

bem aparelhado e
n torno rapido para
edias, uma machina
uma plaina limadora,
cionados pela electri-
que é produzida por
r de 40 HP e um trans-
de 50 kVA, ultima
smentados.

ndo a febre anitosa

Chronica S

A RUA SOLITARIA

O silencio da noite, nesta rua, è profundo e cheio de rythmos. È um silencio dentro do qual gyram todos os accordes abaçados, todas as melodias occultas, numa palpação que seconjunde com a das estrellas.

Na calçada liberta, emfim, dos passos quotidianos, a lua vem espar-ramar se preguiçosamente, estendendo um lençol branco e triste em que destilam os sombras incertas do arvoredo. Pobres arvores, as desta rua de erta—troncos que um soffrimento mudo torna mais hirtos, folhas que um vento frio sacóte como cabellos! Têm uma attitude melancolica de somno e cansaço, de mysterio e evocação.

Dir-se iam arvores que pensam na vida e outras fatalidades de mão gsto..

Mas, o silencio è tão profundo, tão divino e tão humano, que eu fêcho os olhos ao desconolo da rua solitaria. A terra confunde-se com o céu. A magia das coisas irrelavadas sóbe como um incenso, derrama-se como um perfume. E eu sinto que o silencio nocturno é como um passaro, um grande passaro de azas abertas ..

(Teia de aranha.)

CARLOS DRUMMOND

Natalicios

Faz annos hoje o sr. coronel Eugenio Thibau, uma das figuras estimadas do nosso alto commercio, até há poucos annos commandante da Guarda Nacional, em Minas, posto em que prestou bons serviços à Republica.

dr. Octavio Alves de Brito
sidente em Patrocinio;
academico José Soares Br
Junior, funcionario postal;
jovem Benjamin Jacob Filho

Passa hoje a data natalicia
exmas eras:

d Luizinha de Castro, espo-
sr. major Olympio de Castro.
Maria de Lourdes, esposa do
dr. Olavo Pires, e das senhoras
Glória, filha do prof. Fran-
Brant, e Zulma, filha do sr.
Francisco Motta.

Na data de hoje faz annos o
vem Rodolpho Valladares, acad-
co de agronomia.

Agradecimentos

Do sr. Eugeiao Guadagnin r-
bemos uma carta de agradecime-
as expressões com que registrã-
a sua promoção ao cargo de ch-
de secção da secretaria da Agric-
tura.

Visitas

Dr. José Rezende.

Trouxe-nos hontem a sua amav-
visita o sr. dr. José Rezende, illu-
tre director da Receita e uma d-
mais acatadas autoridades em a-
sumptos aduaneiros e fiscaes e-
geral. O dr. José Rezende já coll-
borou, por algum tempo, no «Diari-
de Minas», em cuja redacção cont-
sinceras admirações.

Acompanhou-o nessa visita o seu
secretario sr. dr. Romeu Gibson

Viajantes

Acompanhado de sua exma. fami-
lia, regressou hontem do Rio de Ja-
neiro, o sr. dr. Joaquim Francisco
de Paula, professor da Escola de
Engenharia e delegado de Minas

ANEXO 39 – “Visões de arte”, *Diário de Minas*, 25 de nov. de 1923.

tal cultura se vem fazendo ha annos, com reaes proveitos. Tratando-se de um producto de larga accettazione nos mercados, é devêras necessario que incrementemos o seu cultivo em varias partes do Estado, augmentando a area cultivada e aperfeçoando os methodos de manipulação.

O governo de Minas não tem sido, na verdade, indifferente a isso, tendo ha pouco installado um aprendizado agricola em Ouro Preto, onde existem cerca de 6 mil pés da preciosa thesaca, devendo ficar o mesmo estabelecimento apto para fornecer mudas e sementes daquella planta aos lavradores do Estado.

Fazendo-se a distribuição de mudas, bem como divulgação de instruções praticas para o seu cultivo é de esperar um bello futuro para a cultura do chá entre nós, attendendo-se que tal planta, pela sua rusticidade, resistencia a pragas e molestias, facil adaptação ás terras, garante, além de tudo, grande produção.

Telegrammas retidos

Na respectiva estação acham-se telegrammas retidos para:

Nicolau Carvalho, Concelção Paulista, João Guimarães, rua Bernardo Guimarães, 195.

Correios

Pelo sr. administrador foram expedidos actos:

Dispensando, por abandono do emprego, Francisco Xavier Lopes dos Santos, de conductor de malas da linha entre a Agencia e a Estação de Sto. Antonio dos Teixeiras;

nomeando a Sra. D. Bernardina Castellões agente do Correio de Villa Mercês;

pedindo ao Sr. dr. Juiz de Direito de Mercês o obs. quo de designar uma pessoa idonea que possa servir, interinamente de agente postal dessa localidade;

designando d. Evangelina Valente Barbosa para servir de agente de Lagoinha, interinamente, durante o periodo de licença de seis mezes concedida á respectiva serventaria.

N. 5108 Bento Horizonte Juven- tino Dias Teixeira e outros e Jorge Davies e outros. Adiaram

N 5324 Plumhy. João José de Oliveira e João Innocencio de Carvalho. Negaram provimento.

N 5236 Oliveira Domingos de Bastos Garcia e Sebastião Carlos do Nascimento e outro. Adiaram.

Visões de arte

O professor Anibal Mattos, que é uma intelligencia cheia de força e luminosidade, acaba de publicar dois livros realmente curtos. Quero referir-me a um estudo sobre «As artes do desenho no Brasil» e a uma serie de artigos sob o titulo generico de «Bellas Artes».

Em ambos se evidenciam as qualidades caracteristicas do autor, a quem fadas amavels entreteceram um bello destino de artista. Em toda a sua carreira tem o prof. Anibal Mattos se revelado um ardente cultor da Belleza, e, á maneira de Ruskin, procura atrahir as multidões apressadas ao gozo sempre novo e sempre subtil das sensações da arte. E, pois, tambem um divulgador, em que não escasseiam honestidade e cultura.

Estudando as artes do desenho no Brasil, o professor Anibal Mattos vae até as suas fontes mais remotas, analysa depois a arte dos indios no periodo colonial, para chegar, enfim, á «arte colonial» propriamente dita, «producto da félgica, transplanteda do velho mundo e aqui enraizada no seio da limitada cultura do tempo». Sguem-se dois interessantes trabalhos sobre as artes do desenho nas igrejas nacionaes e sobre essa encantadora figura de artista que é mestre Valentim, «precursor do nacionalismo na arte brasileira».

Sem querer entrar na critica a esse volume, o que certamente exigiria conhecimentos technicos de relevo, posso affirmar que se trata de um formoso e solido trabalho, feito sem preocupações litterarias, onde o autor realiza o duplo milagre de instruir sem fadiga e encantar sem artifício. O mesmo se deverá dizer quanto ao segundo livro, «Bellas Artes», em que o prof. Anibal Mattos aborda assumptos mais geraes, como sejam «a architectura, suas origens e esplendor na antiguidade», «as primeiras manifestações artisticas do homem», etc. Ha em todas as paginas o traço vivo de um mesmo espirito, avisado e perquiridor, minucioso e agil, e sempre cheio de sedução.

seus autores os distinctos escriptores [commandantes Veito Sobrinho e Victor Pujol, este, autor da «Lagarta Rosada» que aqui obteve boas referencias da critica.

Entretanto, não desmerecendo o valor daquella opereta, o que, inegavelmente está despertando grande curiosidade é

Taes os dois ultimos trabalhos desse fecundo engenho, cuja mobilidade é ainda um espectáculo de amavel contemplação. Enquanto vivemos plenamente identificados com a apathia do meio, causa e justificativa de todos os nossos desalimos, o escriptor de «Barbara He lodora» realiza prodigios de actividade mental. Não o esmorece a supra-mencionada apathia do meio. Antes pelo contrario! E com isso, offerecendo-nos os melhores fructos do seu talento amadurecido, o prof. Anibal se revela, como já disse, um apaixonado orate da Belleza, essa divindade que sabe tornar «l'univers moins hideux et les instants moins laurds». C. D.

DE TUDO E DE TODA PARTE

Uma instituição util

Uma instituição litteraria quasi desconhecida no Brasil, e, no entanto, das mais uteis á litteratura, é a «Academia du Fignier», de Paris.

Composta de doze membros, tem ella por fim auxiliar os estudantes, jovens ou velhos, que não tenham recursos para publicação de suas obras da merito.

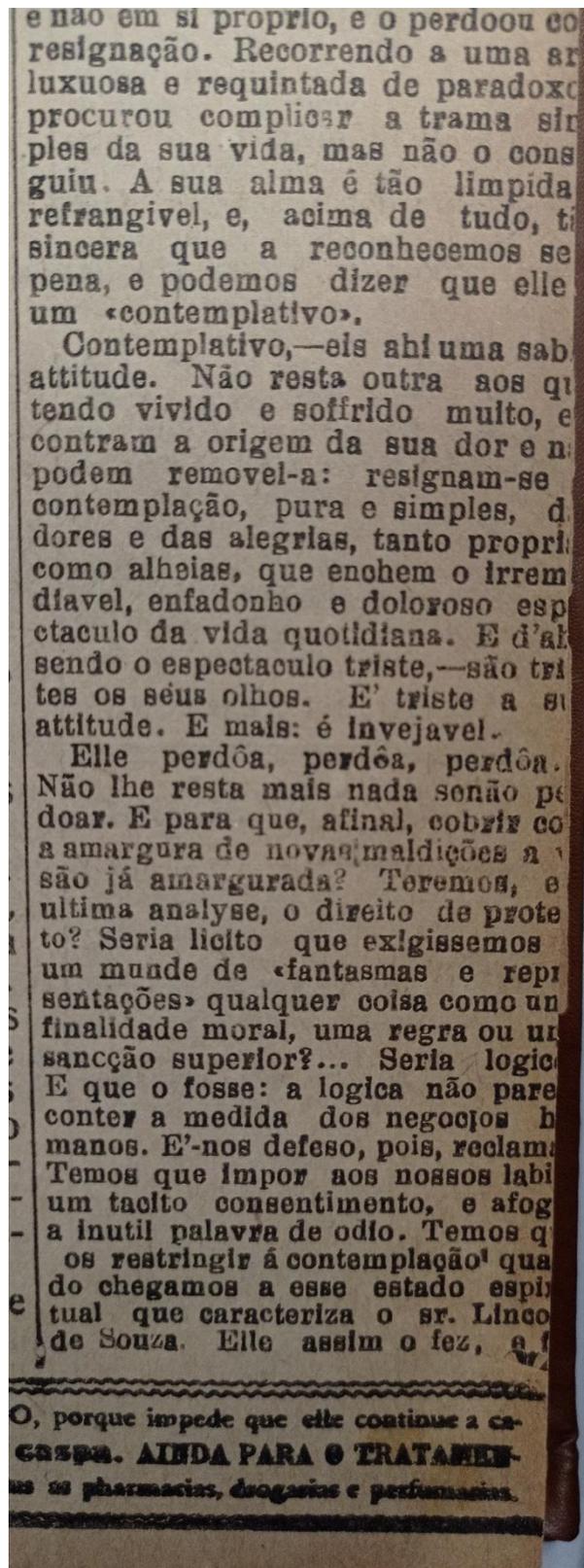
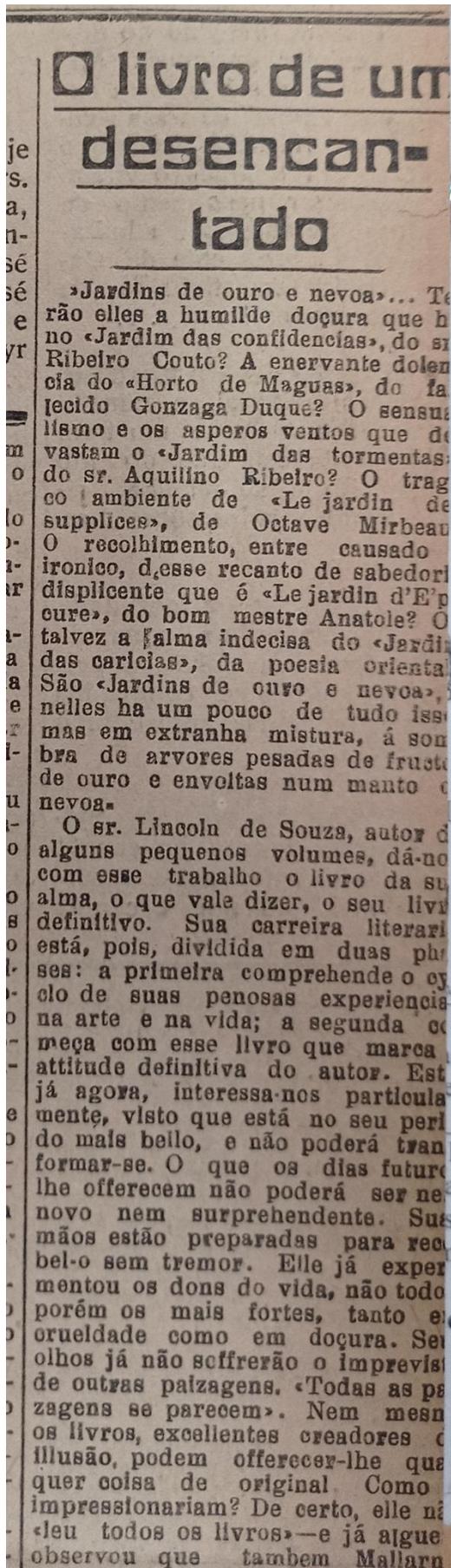
O seu processo consiste em editar por sua conta a obra sem editor, enviando immediatamente ao autor a somma de 1.000 francos, que é deduzida, depois, da venda do livro.

Estatistica macabra

Segundo uma estatistica recentemente publicada em Londres, 3.080 condemnações á morte foram pronunciadas durante a guerra, nas diversas frentes, pelos conselhos de guerra britannicos.

Comtudo, houve apenas 346 execuções...

ANEXO 40 – “O livro de um desencantado”, *Diário de Minas*, 13 de jan. de 1924.



Resignando-se a contemplar a
 recha, ou melhor, o «escôamento
 cu coisas», poderia utilizar-se da
 heralda pretenciosa de Nero; ao
 trario, preferiu a solidão e os
 sortilegios, e foi viver á som-
 eia d'esses magicos jardins da ima-
 gação. Taes jardins serão, neces-
 sariamente, bizarros, pois que as-
 o exige o espirito inquieto d'es-
 jardineiro a quem a imaginação
 a as feridas da realidade. E ahí
 os alguém que, havendo conhe-
 o a vaidade de tudo, plantou o
 horto, fechou-o com portas se-
 as, e nelle se entregou ao exer-
 o heroico de viver sem illusão.
 ireis que outra coisa, no fundo,
 fez Epicuro, cuja sombra, ao
 ncipio, com leviana ligeireza, evo-
 i na citação de Anatole. Mas,
 uma differença, e creio que ra-
 d: Epicuro dava-se ao luxo de
 discipulos, e o sr. Lincoln, al-
 e! ama demais o seu proprio ser
 a dispersalo com os outros. E'
 sabio egoista, a quem o menor
 tacto acarretaria um perda sen-
 al do patrimonio intimo, e que,
 tanto, foge desse perigoso com-
 cio intellectual. E' um egoista
 lo e sereno .. Longe de irradiar-
 concentra-se. Repelle mesmo a
 palavra de consolo, o gesto inu-
 te arrimo. Por que? «Ha saltea-
 es amaveis pelo caminho. . .»
 decerto meditou a lção desse
 epigramma do sr. Ronald de
 valho. E, dest'arte, prefere sof-
 scinho os dissabores da sua
 ição. Que digo? Na solidão, a
 a floresce e fructifica. O sr. Lin-
 deve os seus melhores pensa-
 tos ás suas horas mais intimas.
 o o ignorado monge normando,
 e murmurar sem orgulho a pa-
 a suave: «O beata solidudo, o
 beatitudo!» Mas, é com uma or-
 iosa «pose» de renuncia que elle
 iela pelos seus jardins .. Essa
 ez são destróe a sua sincerida-
 antes d'ella se origina. Já disse
 o sr. Lincoln é um tempera-
 to requintado Foge das turbas

o o ignorado monge normando,
 e murmurar sem orgulho a pa
 a suave: «O beata solidudo, o
 beatitudo!» Mas, é com uma or-
 iosa «pose» de renuncia que elle
 iela pelos seus jardins .. Essa
 ez são destróe a sua sincerida-
 antes d'ella se origina. Já disse
 o sr. Lincoln é um tempera-
 to requintado Foge das turbas,
 dos impuros contactos, ao gei-
 e um anachoreta sem fé. Aliás,
 horeta voluptuoso: em vez de
 ar-se, banha-se na agua das fon-
 aporosas do seu jardim, e con-
 pla no chão, como se assistisse
 a espectáculo humano, o jogo
 cto da sombra das folhas e dos
 os.. Foge dos supplicios, foge
 or. Não ama. Como tal persona-
 do luminoso sr. Graça Aranha,
 o amor «um desdobraimento do-
 io da personalidade». E é triste.
 a tristeza é o que ha de ma-
 no dentro da miseravel argilla
 ana, ao passo que a dor des-
 sem belleza essa mesma argilla.
 sr, em, pois, um philosopho triste, mas
 pingum philosopho desesperado. E
 RIE, apologo, o apologo desencan-
 no, tor do seu destino, tem para nós
 mais encanto suave, nas alamedas
 illi a ces «Jardins de ouro e nevoa».
 CARLOS DRUMMOND

ANEXO 41 – “Quando ella passou por mim”, *Diário de Minas*, 23 de jan. 1924.

Chronica

QUANDO ELLA PASSOU
POR MIM

Um esquivo minuto de perfeição... Eu vivi esse minuto, quando ella passou por mim, no tumulto da rua confusa. Ella passou por mim. Homens corriam, homens voltavam; tudo era breve e ruidoso, tudo era humano e vulgar... Bruscamente ella passou por mim, roçando o seu corpo dos meus sentidos... Senti um estremecimento na rua; mas o meu ser permaneceu integro - a rua convulsionou-se, homens rolaram rolaram uns por cima dos outros - permaneceu integro, quando ella passou por mim...

Ella passou tão bella e tão perfeita - harmonia palpitante, carne cheia de rythmos, saudade viva do Olympo! Tão gloriosa e tão serena, que eu vivi um minuto de perfeição...

Um esquivo minuto. Perto, um «frac marron» dizia para o meu extase:— Porque você sabe, commigo è alli! E' no duro!

Carlos DRUMMOND

Nascimentos

Acha-se enriquecido com o nascimento de uma criança, que receberá o nome de Zulma, o lar do sr. cel. João Baptista de Paula Teixeira.

Pelos cinemas

AVENIDA

Na tela:
«O preço da redempção» em 7 actos.
No palco:
Chico Bola Calptra com e canções.

ODEON

«Balsamo de amor». Drama em 7 actos.
«Um pedacinho do céu» documentario.

PATHE'

«Pode uma mulher amarelar?» Drama em 7 actos.
«Namoro Imperfeito». Comédia em 2 actos.

COMMERCIO

«O aviador mascarado» de aventuras sensacionaes em 4 partes da Patheum.
«Amor no escuro». Comédia em 6 actos.

FLORESTA

«As garras da agulha». Inimitavel serie de aventuras em 15 e ultimo episodio.

ANEXO 43 – [Sem título], *Diário de Minas*, 30 de jan. de 1924.

DIARIO DE MINAS

Chronica

to para o Senado e 140 municipios e o de Carvalho habido apenas por os.

na séde da com-ificado esse resul- s. Altino Arantes e io, scientes de que eral ia ser organi- nome do dr. La- o para o Senado clararam que não avam com essa in- em virtude disso, nejavam seus loga- mmissão directora, stiam da apresenta- us nomes que se cluidos na chapa a tada aos sufragios Republicano».

noticia sobre a po- ca paulista

29 A. A. O Partido e Jahú, chefiado pelo aral Carvalho, incorpo- rtido Republicano Pau-

o sr. Amaral Carva- to senador estadual, in- ua cadeira na Camara qual deputado estadual e.

e na Delegacia de rto Alegre

re, 29 A. A. Fot apu- talque de 32^{os} conios na scal, aqui, sendo res-

Aconteceu uma coisa muito cu- riosa com os «Epigrammas Iro- nicos e Sentimentaes», do sr Ronald de Carvalho: dezenas de cri- ticos leram essa obra e escreveram so- bre ella. E cada um encontrou no autor uma particularidade ou uma in- tencão. Cada um o interpretou de um modo, e julgou-o á luz do seu ponto de vista. O sr. Ronald de Carvalho deve sentir-se feliz. Longe de ser in- comprehendido, foi comprehendido de mais. Escandalosamente ..

Esse facto porém, interessa de um modo particular os leitores do paiz. Elles devem ter experimentado o mes- mo sentimento que o sr. Ronald, e devem tel o manifestado no mesmo sor- riso. Não è possivel obter-se uma «opinião» no seio da critica nacional. Se a primeira função da critica è orientar, a nossa, pelo contrario, è confusa e desorientadora. Somos obrigados à experienciã, nem sempre seductora de travar relações directas com um livro para saber se elle è de facto, digno de leitura.. E isso para os leitores apressados, não deixa de ser difficil Os que se atiraram aos «Epigrammas» não se arreponderam. Mas quasi sempre o que acontece è o seguinte: A gente começa a ler, e logo se arrepende dos minutos perdidos.

CARLOS

Natalicios

—Faz annos hoje o sr dr Home- ro Baptista, ex-ministro da Fazenda no governo Fritado Pessoa.

Moacyr Bracarense, for- nhas: por parte da noiv Arduino Bolivar e exm: por parte do noivo, o s so Dutro Nicacio e sua sa, representada pela e riqueta Dutra Lobo, es Arnulpho Lobo, proprie das Hotel.

Fiada a cerimonia matriz de S. José, diri nubentes e testemunhas Hotel, onde foi servida champagne, trocando muito cordiaes pelo fe nubentes.

Pelo rapldo de hoje, seguiram os recém-casate Alegre, onde passam

Visitas

A nossa redacção t visita do distincto inte maceutico José Maria tabelecido em Osajurú.

Viajantes

Dr. Olyntho Magalh Está na capital, t Grande Hotel, com su nhora, o dr. Olyntho deputado federal e n didato do P. R. M. na de fevereiro, pelo 2. ral.

O nosso illustre con larou o nome

ANEXO 44 – “Cinco minutos em companhia de um poeta”, *Diário de Minas*, 7 de fev. de 1924.

«Ficaram adiados para o próximo domingo os festejos que leviam realizar-se hoje em Mathias Barbosa, com a instalação e posse da nova câmara municipal da villa recém-creada, em consequencia do máo tempo e de estarem interrompidas as communicações. Esses festejos, que se effectuarão no dia 10 do corrente, serão honrados com a presença do elemento official do Estado, desta comarca e municipal, sendo abrihntados com as duas corporações musicas Lyra Mathiense e Primeiro de Março»

Cinco minutos em companhia de um poeta

Seria interessante fixar-se, numa pagina de informação e analyse, os novos valores literarios de Minas. Nessa pagina se estabelecerá a situação actual das letras no Estado, de certa que ficasse bem visível o que ellas nos promettem — e é pouco — e também o que deixam de prometter — e é infelizmente bastante.

Ficariam em relevo as características gerais dos últimos escriptores, que têm vinte annos e estudam displentemente nas academias. Falava que havia de ser um estudo interessante. Mas difficult para quem não dispõe de tempo, e possível somente com uma bôa dose de desassombro critico. Appato essa tarefa a algum espirito curioso e segraz, que tenha o «parti pris» da sympathia. E' a sympathia que torna efficiente esse genero de especulações. Nós só falamos bem dos nossos amigos, isto é, de nós mesmos.

Qual seria a conclusão desse observador intelligente? Imagino que não concluisse, nada, sabendo que toda conclusão é perigosa. Não creio que se entusiasmasse com esta geração de «novissimos», nem muito menos que a fôsse desancar em meia dúzia de linhas mordentes. Ha para taes situações o amavel recurso que nos offerece o scepticismo bem educado: podemos formular duvidas tanto a respeito do genio como do imbecil... O critico amigo ainda teria duvidas quanto á significação e á importancia das forças jovens que nos agitam, mas, descobrindo e desenhando algumas nobres perfis, não poria demasiado fel nas suas palavras. E com isso, teriamos um quadro, mais ou menos seguro, da nossa joven mentalidade.

Supponho que nesse quadro se reservaria um lugar bem distincto ao sr. Henrique de Resende, poeta que publicou agora a sua «Turris eburnea». Já esse facto de publicar um livro, em Minas, o torna diverso da maioria, que não estampa cousa alguma. E publicou-o em S. Paulo, numa graciosa edição. E os versos que ora nos apresenta são de um fino, deliado sentimentalismo:

«Nem ao menos presentiste, nessa tua ingenuidade, que és o symbolo mais triste da minha Felicidade.

Numa curva de caminho vi-te um dia, e tu me viste. E depois... ficou-me o espinho d'essa intermina saúde.

Mãos de Neve, olhos serenos, — sóis o symbolo mais triste da minha Felicidade.»

dr. Cicero Marques, advogado em Curvello; Didimo Augusto Saneho, do commercio; sargento Carlindo de Alencar, instructor militar pertencente ao Exercito; professor Oscar Peres, residente em Juiz de Fora;

Taes versos, de um tão recolhido encantamento, podem servir-nos de ponto de partida para uma ligeira incursão nesse livro. Trata-se do livro de um poeta que não se illude com a sua felicidade, e conhece bem o que ella encerra de melancolia, de magua subtil, e até mesmo de dor pura.

Considero, pois, o sr. Henrique de Resende um espirito moderno. Nada caracteriza mais a alma dos poetas modernos que este sentimento de alegria envenenada, de prazer artificial, onde erra a sombra de uma felicidade com lagrimas nos olhos. Antigamente possuia-se o dom da absoluta ventura, e tambem o da absoluta desgraça. O mundo era simples... O tempo se encarregou de misturar as duas noções, e hoje é possível o caso do sr. Henrique de Resende, cuja felicidade tem «um symbolo triste».

E ell-o a zombar dos innocentes ardis de uma alma feminina:

«Ella deu-me um fetiche,

e depois me falou com toda a ingenuidade:

«Traz-e contigo, assim como se fôsse

a joia de ouro da Felicidade. Ha de livrar-te sempre, meu amigo, dos máos olhados, dos teus revezes... multiplos escolhos»

E eu meditei, commigo: Ingenus! Inda acredita no fetiche! — Se foi esse fetiche que me trouxe o máo-olhado dos seus proprios olhos...»

Aqui penetramos na feição mais recente do poeta, a de quasi todos os ultimos versos de «Turris eburnea»; a par da mesma inspiração melancolica dos primeiros, ha o desdém das formulas rigidas de metrificaçáo, e, com isso, uma liberdade mais ampla e benéfica. O sr. Henrique de Resende torna-se quasi um poeta mundano, que sorri com velada ironia, e nos fala do «bar», que é um «centro de maledicencia», bem como do «segredo da estantezinha japoneza», e dos commentarios que vive a fazer toda gente na «ruazinha socegada» em que mora a sua doce musa.

«Aquella ruazinha socegada... Já toda gente me conhece naquella ruazinha socegada onde ella mora.

E toda gente, vendo-nos juntos, põe-se a a commentar...

Muita vez, mal aoutece, ella escuta os meus passos na calçada, e se alvoroga toda, quando chego. — Minha amiga...

— Tardaste tanto... Que desasocego... E estende-me a boquinha abandonada, com o seu sorriso de medalha antiga...»

Não é verdade que taes versos agradam por serem similes e, ao mesmo tempo, modernos? Sente-se que o autor já está bem longe do tempo em que o impressionava, com excessivo rigor, a musa dolorosa e funebre de Alphonse de Guimaraens. Elle regeitou as formulas de symbolismo que se afastava da sua sensibilidade. E' agora o poeta novo, fauleto, mas ironico, e sobretudo maledicoso, que nós admiramos porque é do nosso tempo. Não creio que as poesias dispostas sob o ti-

ministerio da familia; tenente Tito Lamego, da Região Militar; dr. Antonio Lopes Amaral, major Ramiro de Barros, do alto commercio desta praça; Honorio Ottoni, Sylvio Cintra, Antonio de Oliveira e José Tiburcio Henriques.

tulo familiar de «Maria Eugenia» pertencem a ultima attitude do sr. Henrique de Resende: assemelham-se demais aos duros e inexpressivos exercicios rimados do sr. Julio Cesar da Silva na sua «Arte de Amar». Em taes versos não ha nemphuma originalidade, e se nelleo o autor conseguiu evitar a dureza de forma do sr. Julio Cesar, o pensamento, por si, é destituido de interesse poetico.

Porém o que, acima de tudo, se observa nessas paginas é que o seu autor soffre uma evolução rapida, e que muito em breve nos apparecerá em plena força do seu talento, assignando versos de mais decidida modernidade! Elle é dos que se fazem alvo de esperanças seguras e não as desmentem. Sinceramente não o desejo ver transformado em futurista, e isso por uma razão simples. Sa ha no Brasil um grupo que honestamente se oppõe ao futurismo, este é, sem duvida, o grupo audacioso de S. Paulo, que vem pelejando com tanta belleza pelo resurgimento da literatura no Brasil. Elle não se filia a nenhuma escola; quer tão somente — peço attenção, meus senhores! — fazer arte nova, bem nova, novissima. Que ideal mais elevatado e menos sectario? Mas essa bôa gente dos periodicos nacionaes não comprehende semelhante coisa... Confesso que, mais de uma vez, ao levantar-me, tenho corrido ao espelho, e, num exame ansioso das linhas do meu rosto, pergunto a mim mesmo: «Será futurista?» A critica neste piz, é essencialmente confusa, e revolucio na de tal modo as mais limpidas açoes que a angustiosa pergunta já me tem penetrado fundamentalmente com a sua lamina fria... No Brasil, dorme-se modernista (sem escola) e acorda-se futurista (scravo do sr. Marinetti!).

Elis porque eu desejo ao sr. Henrique de Resende a ventura de realizar em paz a sua formação poetica. Dentro em pouco havemos de encontrar o com essa formação concluida «Turris eburnea» é uma estrea feliz. Revela nos um poeta gentil, que não se lamenta, em altos brados, de ter vindo com uma alma lyrica a um mundo tão prosaico. Evita os meandros da declamação e da rhetorica. Em muitos dos seus versos ha o mesmo senso de belleza mysteriosa, de ambientas discretamente fechados, que distingue por exemplo, a poesia de um Albert Samain. E é essa, afinal, a verdadeira poesia: a dos espiritos cujo orgulho repelle a promiscuidade facil, e que se fecham na sombra quietissima de parques legendarios.

Sará esse, porém, o traço definitivo do sr. Henrique de Resende? Não o creio: sua lyra tem outros acordos menos fidalgos; elle si interessa, de quando em quando, pelas existencias humildes que deslizam no seu caminho Estão, abandonada a sua torre senhorial, e o seu parque meditativo, e segue uma voz que lhe diz:

«Não repares em ti somente... Lança o teu olhar a teus irmãos tambem...»

Divisa, então, uma dolente «flor de ebano.»

«Passou... Toda de preto... A voz inda lhe escute...»

Faz-me mal vel-a assim...»

E experimenta, depazando com ou-

«Cinzas». Drama em 5 actos da Universal Films.
«A Gorgeta». Comedia em 2 actos da Century
«Revista O Iacon». Acontecimentos mundiaes.

tras visões, a mesma tortura de alguem que soffre o soffrimento dos outros. Mas eu não desejo estender-me em citações, mesmo porque não é meu intuito classificar o sr. Henrique de Resende. Quero dizer, simplesmente, do encanto que me offereceu uma rapida leitura do seu livro. E haverá nada mais delizioso que ler e recordar versos? «Tempo de prosa!» — dizem os pessimistas... «Tempo de poesia!» — digo eu, porque jamais houve tanta necessidade de poesia para consolar a miseria dos homens...

Carlos DRUMMOND

Conselho Deliberativo da Santa Casa

Do sr. major Delfino de Paula Ricard o recebemos a delicada communicação de que, em reunião do Conselho Deliberativo da Santa Casa de Misericordia desta cidade, realizada no dia 27 de janeiro ultimo, foi eleita a mesa administrativa que deverá durante este anno dirigir os destinos da Santa Casa. Essa mesa ficou assim constituída:

Sr. dr. Hugo Furquim Werneck, provedor; vice-provedor sr. major Lauro de Oliveira Jacques; secretario sr. Delfino de Paula Ricard o; thesoureiro sr. pharmaceutico Antonio Cesarino de Lima; syadic, Sr. Longombar do B. deira; procurador, dr. Claudino Pereira Fonseca Netto.

Os srs. Santos e Souza & Brown estabe ecidos com casa de comissões e rep esentações nest capital, á rua Espirito Santo 1477, tiveram a gentileza de offerecer-nos um tubo de compridos «Cessate», producto do Instituto Frender, de effeito seguro e rapido contra a dor, de que são unicos depositarios em nosso Estado.

Esse medicamento é empregado com resultado garantido nas constipações, gripe, accesso febris e de tosse, colicas de rim dor sciatica, rheumatismo, et

Os mesmos srs. offereceram nos ainda um vidro de «Formidoglyna», solução na gliccol de iodo e formol empregada com vantagem nas infecções em geral.

Gratos.

FRAQUEZAS DA SYPHIL

—Lygia, tendo fraqueza devida a sypphilis, tomou um vidro de Luetyl, ficou forte, augmentou 3 kts. e gastou Rs. 6\$000. Helena, tomou 10 tubos de outo depurativo, ficou no mesmo gastou Rs. 40\$000.

LUETYL, só em boas pharmacies.

ANEXO 45 – “Perfume”, *Diário de Minas*, 27 de abr. de 1924.

“Perfume”

Venho da regiões encantada; corri ao longo de jardins majicos; abraçei estatuas; debrucei sobre a agua fria dos tanques, e contemplei o desenhos das estrellas. Era meu companheiro nessa viagem um poeta.

Os poetas são ainda os melhores guias, desde Virgilio. E verdadeiramente, eu não sei ao certo si vi todas essas coisas maravilhosas, ou ao contrario, se ellas existiram somente nos labios desse poeta, que é perturbador, e conta lindas historias. Sim, é bem possível que me enganasse... Não seria, aliás, a primeira victima do sortilegio: em todos os tempos os poetas seduziram os outros homens com fabulas engenhosas, ás vezes tão bellas que faziam chorar. O divino milagre da poesia! O eterno milagre... Nós nos encontramos na vida com um grande e silencioso rebanho, tangido mysteriosamente para inconcebiveis destinos. De repente surge o pastor com a sua fructa, e logo se opera um prodigio: espiritos aereos circundam entre o céu e a terra, fadas emergem da correnteza, perfumes não presentidos enfeitam as folhas — e nós já não somos um grande rebanho estúpido, porém almas em extase!

Tenho nos olhos a nostalgia dos jardins que o poeta illuminou com as suas palavras de quebranto:

“A noite é um lago
de agua azul... de um reflexo vago...
onde as estrellas são lotus,
immutus,
ignotus...
O silencio, para falar
aos teus olhos vestiu-se luar...”

Reconheço agora que taes versos pertencem ao ultimo livro do sr. Onestaldo de Pennafort, e que a minha viagem foi somente ás paginas d’esse livro: “Perfume”. Nem por isso fico desconsolado. Ainda uma vez a illusão foi prodiga de bens, e valeu mais do que a realidade.

Gostaria de explicar as razões da sympathia com que a nossa mocidade distingue o sr. Onestaldo de Pennafort. Antes de tudo convém esclarecer que esta symoathia não é nenhum fetichismo, e que a nossa mocidade está longe de collocar n’os vos idolos no lugar dos que destruiu com immensa opporrtunidade. Lembro-me de haver dito jnum artigo ligeiro:

«Os homens de hoje não têm mestres. Quebraram as taboas da sabedoria, e com ellas fizeram um lume delicioso. Ninguém segue mais o exemplo das sombras amáveis do passado. Para que? Todos se contemplam no espelho, e a si mesmo se elegend mestres... Ha tantos discipulos quantos apostolos. Isso é divertido, mas exprime um trajice «memento» da alma collectiva?» E ainda ha pouco, um jovem amadurecido no commercio das idéas, e que é a nossa melhor intelligencia critica — o sr. Milton Campos — exclamava num bello artigo em “O Jornal”: Contra o mestre e sua ferula, o riso sadio e estridente do discipulo!”

Esta geração sente-se, pois, bem á vontade para estimar a poesia do sr. Onestaldo Pnenafort. Geração sem mestre, geração sem compromissos. São livres as predilecções. Apenas o bom gosto póde ditar regras, e o bom gosto não se engana jamais. Ora, a musa d’esse poeta corresponde exactamente ás nossas predilecções; somos nós que melhor podemos comprehendel-a, visto ser para nós que ella mais se desata em canticos. Formamos o nosso espirito do mesmo tempo que o d’o autor de “Perfume”, em circumstancias mais ou menos identicas, lutando com os mesmos empecilhos, e sorrindo o mesmo sorriso de melancolia. Sim! Sorriso de mófa e melancolia.

Vejam se não ó bem de hoje, se não está bem perto da nossa sensibilidade esta poesia harmoniosa e candulante:

“Estou cheia de amor:
minha bocca é uma amphora
que está cheia de mel...
Vem exgottal-a com o teu beijo!”

Ren
A Cen
dou, ante
cia de 1
11.525\$20
cobrados

ANEXO 46 – “Nacionalismo”, *Diário de Minas*, 25 de jun. de 1924.

Claros
ão minis-

Chronica

NACIONALISMO
A Oswaldo de Andrade

Um caixote de cerveja Antartica, sem tampa. Num dos angulos ha um prego enferrujado, e nesse prego está enrolado um barbante que o dono do armazem emprestou. Um menino de dois annos, vestido de camisola, está sentado no caixote, que funciona como carrinho. Outro menino, já de calças, puxa o barbante e corre. O caixote vae aos trambolhões, pela rua cheia de cascas de laranja. Brinque dos nacionalistas.

Carlos DRUMMOND

Viajantes

—
Pelo nocturno de 1
rou da Capital Fede
Samuel, Libanio, dire
ne do Estado.

—
Estão na capital os
José Moreira, residen
Espera, e dr. Romer
fa do Movimento da

—
Depois de curta per
ta capital, regressou
para o Rio de Janeir
millo Soares de Mou
Tribunal de Contas.

mingo 29 de Junho de 1924 N. 4.511

PARTIDO REPUBLICANO MINEIRO

BOLETIM ELEITORAL

A Comissão Executiva do Partido Republicano Mineiro, de acordo com as manifestações inequívocas do 5.º distrito eleitoral, vem recomendar o dr. José Braz Pereira Gomes para a vaga aberta na Câmara Federal pela renúncia do ilustre dr. Josino de Alcanlara Araujo.

O dr. José Braz Pereira Gomes, que tem assento na Câmara dos Deputados do Estado, onde exerceu com brilho e correção o cargo de 1.º Secretário, apesar de muito moço se impoz ao apreço e admiração de quantos têm tido a oportunidade de conhecê-lo e apreciar os seus raros predicados de espirito e de caracter.

A Comissão, pedindo para essa legitima candidatura o apoio de todos os correligionarios, confia que a mesma terá nas urnas brilhante e merecida consagração.

Belo Horizonte, 5 de junho de 1924.

Bueno de Paiva, presidente
Bernardo Monteiro
Ribeiro Junqueira
Bueno Brandão
Affonso Penna Junior
Fidre João Pio
Levindo Coelho
Getúlio de Carvalho
Waldomiro Magalhães, secretario.

Deixa de assignar o dr. Wenceslau Braz, em virtude de parentesco com o candidato.

As ideias do sr. Graça Aranha

Muita coisa se disse sobre a conferencia do sr. Graça Aranha, e muita coisa ainda por dizer. As idéas atrainham-se com inercível rapidez, e do seu choque ou da sua confraternização nasceram outras, novas e igualmente fecundas. Eis o motivo por que o autor de «Chausson», jogando com um numero de idéas relativamente pouco, conseguiu despertar um vasto movimento na consciencia de nossas «células». Esquemas abstracção dos doctos e injurias que silvam no ar em todas as direcções: o sr. Paulo Silveira deve ser considerado indifferente quanto ao sr. Osorio Duque Estrada. Assim, é forçoso convir que ha uma questão litteraria no Brasil, e que o sr. Graça Aranha precipitou a sua resolução.

De um lado está o elemento conservador de nossas letras, ciosamente de guarda nos thesouros de tradição divertida e mesquinha, e apegado a dogmas e preconceitos que morreram com o seculo XIX. Do outro lado está, por assim dizer, a parte mais fina da nossa juventude, que odia o seu espirito e a sua sensibilidade com formas novas de pensar e de sentir, e que nos impelle a acompanhar o rythmo da marcha intellectual dos outros povos. Ha passadismo, porém não ha futurismo. Aquelles que fazem da palavra «futurista» um nome de escandalo ou de ridiculo são destituídos de imaginação, e repetem a velha injuria dos coqueiros de Paris: «Sort de parassien, val...» E não ha futurismo porque não é com uma escola que se combatem escolas, nem curvado ao jugo dos mestres que se repelle a condição inferior de discipulo. Um observador de fusa generacões, passado o presente phenomeno de todos os tempos, com o interesse particular de envolver uma luta de principios. Para longe, polo, com os logares communs: «defesa dos idees sacrosanctissimos dos nossos avós», «vandalismo destructor do nosso patrimonio mental», e do outro lado, «guerra à cidadella quincentista», «a perniciosa influencia da Academia de Letras», etc., etc. Bem sabemos que os nossos avós não nos deixaram nenhum patrimonio artistico ou litterario, que ha muito estamos livres da influencia portugueza em nossas letras, e que a Academia é

uma inoffensiva e beatifica instituição.

A renovação que ora se annuncia com os primeiros fructos tinha que produzir-se fatalmente. Seria impossível continuarmos distanciados do jogo universal das idéas. Dahi não apparece o sr. Graça Aranha, a olhos desanuviados, como a encarnação de um Messias redemptor, em que começam a esbarrar todas as nossas esperanças. Longe disso. O sr. Graça Aranha teve o merito de transformar-se, tambem elle, e de estagar o seu passo academico. Está entre os novos mas não é um novo.

É um romantico, e do mais curioso romantismo, aquelle que procura esconder-se. Do seu romance á sua conferencia, não vas uma longa distancia, como parece á primeira vista: é o mesmo estylo ardente e colorido vestindo a mesma impetuosidade de pensamento. O autor chegou á «unidade infinita do cosmos», e ao «objectivismo dynamico» base artistica moderna, mas não corrigiu os seus tropos, o seu enthusiasmo, a sua rhetorica, o seu lyrismo — o seu infinito romantismo de idéas e sentimentos. «Il faut les Ecritures pour y trouver des allegories».

O grande erro do sr. Graça Aranha está em querer subordinar toda a nossa expansao intellectual aos imperativos da sua metaphysica. E nada mais vão que essa metaphysica. Procuramos distinguir no autor de «A esthetica da vida» o homem de doutrina e o homem de acção. O romantismo d'isto ultimo fala directamente ao nosso romantismo. O sr. Graça Aranha é um revolucionario sympathico. Mas a sua philosophia deixamos indifferente. Admiration o seu cosmos, sem integracão cosmica, seu terror cosmico, — variações fatigantes da mesma fatigada theoria.

Como accediar a universalidade d'esse objectivismo dynamico tão violentamente proclamado pelo poeta de «Chausson», se nelle não podemos ver mais que a affirmação de uma tendencia pessoal, o não a somma das tendencias collectivas? Onde esse objectivismo que elle não conseguiu encontrar mesmo nos poemas de Apollinaire, Jean Cocteau, Blaise Cendrars e Ivan Goll? O sr. Graça Aranha é mais feliz quando, apontando os males da mentalidade brasileira, accusa o «espirito dissolvente e vago» do nosso romantismo. E contra esse espirito que devem reagir os renovadores, violentando embora a propria psyché nacional. E contra a fatalidade d'esse espirito que devemos revoltar-nos todos. Es, por mim, confesso-me presa de suas garras: sou um neo-romantico, e não posso ser outra coisa. Entrevio uma honesta confissão ao admiravel verso do sr. Mario de Andrade: «Sou um tapieiro e um alandeiro!» Embora quasi nada tupa, todos nós tangemos o nosso alande.

Ougamos ainda a voz do confidencia que nos informa que «ser brasileiro não significa ser barba». De accordo. O erro é de muita gente boa, inclusivo o sr. Oswaldo de Andrade, um dos nossos mais luminosos espiritos. Mas ser brasileiro não é tambem vencer a natureza e sua metaphysica, e integrar-se ao cosmos, e essa é o erro do sr. Graça Aranha, espirito sem raizes na realidade. Ser brasileiro é ser romantico, — al de nós! Tentamos a coragem de abalar os impetos e os deliquios do nosso romantismo, e aereos ainda brasileiros, mas já de outro modo, e com uma feição definitiva. Esta, e o sr. Graça Aranha deve convencer-se d'isso, a nossa evolução mental não cabe numa formula, nem obedecerá aos caprichos de sua philosophia herbolante.

As conquistas dos novos autorizam-nos a suppor que a renovação terá por deuses seus maiores tropos. Trá sem mestres nem pastores que a orientem. A collaboração do sr. Graça Aranha, portanto, só lhe poderá ser útil na medida do seu desinteresse. Tendendo ao exercicio de um principado, é inacceptavel.

Nós não temos evoldido um boadinho... O bastante, por exemplo, para não admitir, como o conferencista da Academia, que «dos contatos que nos vem pelos sentidos, rejeitamos sentimentos vagos que nos levam à indifferenciação no todo infinito. E' a essencia da arte. O artista é aquelle que possui e transmite esses sentimentos vagos, transparentes, e realiza na obra de arte a fusão do seu ser no Universo». Esse trecho vale por toda a conferencia do sr. Graça Aranha. A essencia da arte não póde ser a vaga transmissao d'esses vaguissimos sentimentos oriundos de uma fusão metaphysica. Nós temos da essencia da arte uma concepção mais humana, e por isso, infinitamente mais livre. Passou o tempo dos doutores subtilissimos. E ainda bem!

A revolta do «immortal» contra a Academia de Letras é um acto de desassombro, — e só por isso a julgamos louvavel. Um academico de bons modos, e que parece haver esquecido a ingenua mania parnasiana (o sr. Amadeu Amaral), extrahida, não ha muito, o rigor dos ata-

A vida da cidade

O regulador da Central

Colocado na torre da Estação Central, com 3 excellentes mostradores que podem ser vistos de longe, em uma grande area, o relógio existente nessa repartição federal seria de grande utilidade ás pessoas que têm de embarcar e ás residentes nas zonas vizinhas, si regulasse Sim, si regulasse, porque está parado ou não regula direito. Ha quatro longos dias que o relógio parou nas 10 horas e nas 10 horas está.

Seria muito justo que o zeloso encarregado daquelle importante proprio nacional, tivesse andado e andado na hora e referido relógio.

Quanta gente não terá perdido o comboio, por confiar nelle?

E não é só isso: nas immediações da estação, na propria praça que tem esse nome, e na avenida do Commercio, fazem-se acidentalmente grandes servicos em que são empregados centenas de operarios. Ora todos esses homens do trabalho se utilizam do regulador da Central.

Fazer esse relógio regular é, pois, de interesse, assim para as pessoas que se utilizam das trens da nossa principal ferro-via e da Oeste de Minas, como para quantos trabalham nas vizinhanças do bellissimo edificio que ora ornamenta a praça da Estação.

Isto, aliás, é tão simples que, estamos certos, da melhor boa vontade do distincto sr. agente da estação da Central nesta cidade não deixará de attender a este apello, reflexo de innumeras reclamações que nesse sentido temos recebido.

F. M.

A audição de Aida Poggetti

Daremos mais de esnago uma noticia mais viva e extensa do que foi o concerto de canto de Aida Poggetti, realizado hontem no Theatro Municipal, perante uma assistência numerosa e culta.

Nesta nota ligeira, queremos apenas accentuar que a nossa sociedade praticou um acto de justiça, rendendo a essa artista de elite as suas mais altas homenagens.

Aida Poggetti é uma figura que pode brilhar nos melhores centros de cultura artistica.

E' uma garganta de crystal, como accentuou o orador que a apresentou, — rion de tonalidades e de expressão.

Foi por isso que a nossa culta platéa a aplaudiu dallramente na festa de hontem, que constituiu uma hora de inesquecivel belleza.

Pharmacias que se abrem hoje

Estação hoje abertas:

- Pharmacia Horizontina, rua Pouso Alegre, n.º 1.000.
- Pharmacia Central, rua Espirito Santo, n.º 277.
- Pharmacia Cassão, rua da Bahia, 105.
- Pharmacia Ladeira, rua São Paulo, 372.
- Pharmacia São Geraldo, rua Curytiba, 465.
- Pharmacia Foscolo, av. Afonso Pena, 311.
- Pharmacia Pasteur, avenida Paraná, 281.
- Pharmacia Vaz de Mello, rua Itapeoceras, 86.

que a suma simples e modesta sociedade litteraria. Dahi, estaria nas instigações do conferencista mudar uma academia de velhos em uma outra de novos? Desceria catechizar a Convenção dos esplendores da arte moderna? Com que fim? A verdade é que toda e qualquer construção litteraria, no Brasil, se fará sem o auxilio da Academia. Isto é uma velha certeza. Mas, não nos esqueçamos de que a Academia possui espiritos como o sr. João Ribeiro, o sr. Mario de Alencar e o proprio sr. Graça Aranha, e que com esses, individualmente, e prociuo contar sempre.

De tudo isso podemos concluir que a conferencia do autor do «Mazazarte» foi um lindo pretexto para uma peleja litteraria. E foi um excellentissimo assumpto: um assumpto melhor que a eleição do principo dos poetas brasileiros.

Carlos Drummond

ANEXO 48 – “Literatura poetuguesa – “A morte do imaginário” – João Barreira – Lisboa, 1923.

10 de 1924

N. 4.517

Gilka Machado

Uma notícia que hade, forçosamente, causar intenso entusiasmo no meio culto de Bello Horizonte é a annunciada visita a esta capital de Gilka Machado, essa poetisa de alta sensibilidade, cujos versos são a afirmação vigorosa de uma esthesia requintada. Quem, entre nós, não terá vontade de ouvir, ditos pela própria auctora, os versos nervosos de «Crystaes Partidos», «Estados d'Alma», «Mulher Nua» e muitos outros ineditos, além de produções em prosa dessa assignalada escriptora, que Julio Dantas, em chronica recente, classificou como a maior das poetisas brasileiras? De antemão pode-se afirmar que a iniciativa da secção mineira do «Circulo de Imprensa», convidando Gilka Machado para vir a Bello Horizonte, hade encontrar todo o apoio de nossa sociedade culta. Comquanto tenha Gilka Machado accedido ao convite que lhe dirigiu, por intermedio do dr. Claudino Victor, da directoria do «Circulo de Imprensa», no Rio, o nosso confrade sr. Moacyr Assis Andrade, em nome da secção mineira do «Circulo de Imprensa», ainda não está assentada a data dessa festa de intenso prazer espirital em que, entretanto, sabemos, tomarão parte elementos de destaque de nosso meio artistico e intellectual, especialmente convidados para esse fim

Seleçgem das mercadorias em, “stock”

Termina a 15 do corrente mez o prazo marcado pelo sr. Ministro d Fazenda para a sellagem, complementar ou integral, das mercadorias em “stock” cujo imposto foi alterado ou creado pelas leis orçamentarias para 1923 e 1924 e que tenham sido adquiridas antes da vigencia dessas leis

A aquisição dos sellos necessarios será feita na collectoria a cuja zona pertencer o negociante, mediante guia em triplicata.

De 1.º de agosto em diante, os mercadorias e contradas sem que estejam devidamente selladas serão apprehendidas e será lavrado o competente auto.

Objectos de adorno

De conformidade com a circular n. 36 do Ministerio da Fazenda de 30 de julho ultimo, os srs. negociantes de objectos de adorno ficam obrigados daqui por diante a fazer, no livro proprio e no qual é pago o imposto sobre esse artigo, logo após o estampilhamento, o resumo do movimento de estampilha, pela forma seguinte:

Sellos do mez anterior.....\$.....
Estampilhas compradas.....\$.....

Literatura portuguesa

“A morte do imaginário” — João Barreira — Lisboa, 1923.

Não é muito conhecido entre nós o sr. João Barreira, de quem talvez o grosso publico haja guardado apenas as traducções de Flaubert. Entretanto, que poderoso escriptoy é esse homem, e que voluptuoso é o commercio com seu espirito! Os unicos escriptores verdadeiramente contemporaneos são os escriptores dynamicos, que não adormeceram à sombra de valhas concepções nem de carunchosos postulados estheticos, num lamentavel fakirismo intellectual. São os escriptores-forças, eternamente inquietos e inquietantes, tornando a literatura um desdobramento da vida com toda a vertigem dos seus rythmos, e animando figuras e symbols com o desembaraço de deuses creadores. Os outros, romanticos de um falso romantismo, estylizadores de uma falsa tristeza, inadaptados, frustes ou vencidos, merecem a nossa admiração, porém jamais a nossa admiração. Não chegaremos a enquadrar o sr. João Barreira na primeira categoria, porém muito menos na segunda. Antes de tudo, não se pôde dizer que elle habite o mundo das idéas, por isso que frequenta mais habitualmente o mundo das formas. Será talvez o millesimo escriptor, depois de Theophile Gautier, para quem «o mundo exterior existe.» Ainda bem. Felicitoo por isso. Temos abusado escandalosamente do mundo interior. O proprio Maeterlinck, philosopho amavel e sensível aos felizes da terra e das coisas, é victima da nossa fadiga espirital. A necessidade de regressar ás formas claras, primitivas, e a primitiva alegria de viver! dir-se-ia que as bibliothecas escurecem o mundo, e destruíram a pureza dos nossos sentidos. Mas, não nos iludamos: esse desejo de retorno ás forças virgens do instincto e aos imperativos do mundo exterior é puramente superficial. Não voltaremos á natureza, o que seria um absurdo prosalytismo ás idéas do romantico Jean Jacques, no seculo da arte e do artificio, já penetrou a consciencia do homem moderno a desolante certeza de que a natureza é indifferente, para não dizer inimiga. A natureza não nos acolherá. Somos filhos prodigos sem esperança de reconciliação. D'ahi o nosso orgulho amargo, e — porque não affirmarmos? — a nossa força. Mais do que nunca o homem tem necessidade de pensamento, e mais do que nunca as idéas fazem volta ao mundo. Agora, por exemplo, no Brasil, não estamos assistindo a um impetuoso movimento de idéas?

O sr. João Barreira tem da vida a impressão de uma festa de luzes e formas; elle se agita ao meio dessas representações delirantes, e, agitando-se, realiza a sua obra literaria. Até que ponto o obscura «febre» do mundo objectivo? Pergunta para criticos rigorosos e graves. Contento-me em observar que os motivos do sr. João Barreira (tomo como exemplo «A morte do imaginário») são motivos essencialmente plasticos, ao contacto dos quaes a sua prosa adquire tonalidades de pintura e assume relevos de estatuaria. Corre em seus periodos uma luxuriosa embriaguez de vida, não da vida contingente e deformada de todos os dias, mas de uma outra, ardente e rumorosa, em que todas as horas são chelas de surpresas physicas. Tudo isso, é evidente, revela nas paginas castigadas de «A morte do imaginário» um artista vigoroso. Para o sr. João Barreira, «Renasçença» deve ser uma palavra magica... Mas, que digo? Elle está atrezado muitos annos, muitos se-

DE TUDO E DE

grante o arcebispo de Maria - lica, applaude essa iniciativa.

ou'os mesmo: sua mentalidade remonta aos dias mythologicos da Grecia. Neste seu livro, que me parece antes um conto allegorico, oppõe o espirito da arte christã ao espirito da arte do paganismo, dando ensejo a que um satyro de pedra «que não se imitara nunca com a ameaça das chimeras e gargalias, tocando inalteravelmente através dos seculos na sua flauta bucolica» pronuncie estas palavras reveladoras: «O grande Pan não morreu! Apollô vive ainda!» Será essa a philosophia do conto: a eternidade do helensismo? Prefiro acreditar que não; a fabula do sr. João Barreira terá o merito universal das fabulas; provará o que o leitor quizer.

O sr. João Barreira põe um esculptor trabalhando sob os influxos da inspiração religiosa; depois submete esse esculptor á tentação do paganismo; finalmente, faz-o succumbir «sentindo na bocca o travor da taça enfeitada», mas sob o perdão silencioso de uma Virgem Dolorosa que em tempos modelára. Eredo simples, mas com o merito de comportar a actuação de symboles sempre novos. Do jogo d'estes symboles, e não da finalidade moral do conto, depende a attracção que por ventura este nos desverte.

Como dizia, eu não creio que a concepção de belleza dos gregos tenha um character de eternidade. A bem dizer, nós temos da Grecia uma noção puramente lendaria, confundindo na mesma bruma os seus tempos heroicos e os seus tempos historicos. Athenas e Alexandria esão muito longe de nós e do nosso ephemero quotidiano. Fiquemos da Hellade a lembrança de uma terra em que a vida era bella e os homens cultuavam deuses benignos. Mas, isso foi ha tanto tempo! A vida moderna tem outras exigencias que não a contemplação de uma edade morta. O ideal estheticos dos gregos foi destruido. At de nós! — levamos para adiante, resignados. Certamente, não ha outra mais fragil e passageira do que

a belleza. Era, até bem pouco, uma idéa arrimada á idéa de arte. Vivem hoje dissociadas, graças á visão mais penetrante do espirito moderno: arte e belleza são, afinal, categorias independentes. Mas, tanto esta como aquella morrem todos os dias, victimadas pela dialectica dos doutores subtilissimos e pela fraca memoria dos homens. Cada civilização tem uma concepção do bello, e essa concepção varia de povo a povo, e de um individuo a outro. As coisas do espirito morrem antes que as dos sentidos. Pobre Keats, com a sua consoladora mentira! «Uma coisa da belleza não é uma alegria para sempre». Concorde commigo o sr. João Barreira: essa é uma verdade melancolica.

CARLOS DRUMMOND

Exposição em Pedro Leopoldo

Na granja Riachuelo, de propriedade do governo federal, situada no municipio de Pedro Leopoldo, realiza-se hoje uma grande exposição de animaes.

Para esse certamente foram convidados todos os membros do governo mineiro e outras pessoas gradas da capital.

Sahirão todos daqui hoje pela manhã, devendo regressar á tarde.

O julgamento dos productos apresentados começou a ser feito hontem, pela respectiva commissão examinadora.

Renda da Central

A estação da Central do Brasil, nesta cidade, arrecadou, ante-hontem a importancia de 18:097\$800, sendo 11:884\$300 de renda por fretes cobrados.

bre
der
var
são
col
OS
mi
col
mi
dir
I
os
res
tic
cio
ent
act
I
a c
pro
os
na
te
via
dich
Hel
lin
p
trab
dr.
da l
do c
a pr
são.
Te
cand
15 n
desc
inici
didat
niz c
Ce
rou s
dente
zel-o
em
sr. d

ANEXO 49 – “A mulher do elevador”, *Diário de Minas*, 10 de jul. de 1924.

dos Santos e
dos Santos.
mento
st e. Miguel Ca-
Rosa de Car-

mento.
erica. Feippe
e José Fraga da

imento.
mento. Candido
e Maria José da

mento.
argos
na. José Pereira
João Gonçalves

s. Americo Fran-
Joaquim Albano

miga. Olegario
Amorim e José
s.

Horizonte. Ra-
Ataliba Santos.

Chronica

A MULHER DO ELEVADOR

(A Emilio Moura)

A que ficou lá longe, na grande cidade.

A que eu vi apenas um minuto, um minuto somente, no elevador que subia...

Com que saudade inédita eu me lembro da que não foi nem uma sombra, uma sombra fugaz, no meu destino...

Da que ficou, sorrindo, com um pouco de mim, com um pouco de meu ser anônimo e vulgar a milhares de kilometros, na grande cidade...

Carlos Drummond

dr. Virgílio de Mello
tado ao Congresso
de talento, que já
lho um diário no R
dr. Mello Franco é
distinetas da Cam

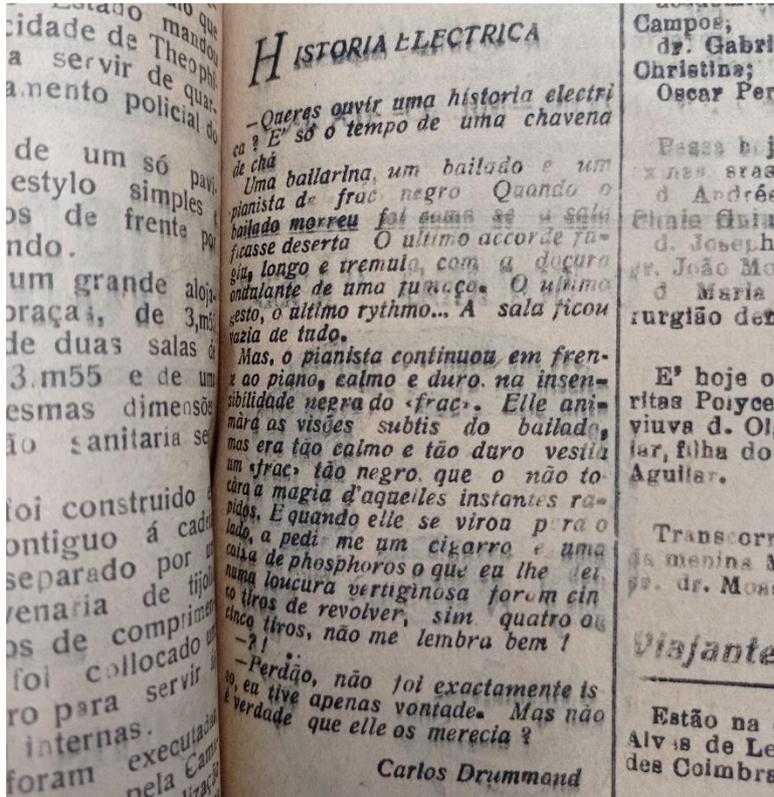
Nesta data fazer
dr. João Ribeiro
lustre mineiro, di
Mercantil;

dr. Pedro Raob
fessor da Escola
industrial nesta ci
dr. Mario Mag
de justiça em Mu
dro da Academia
tras.

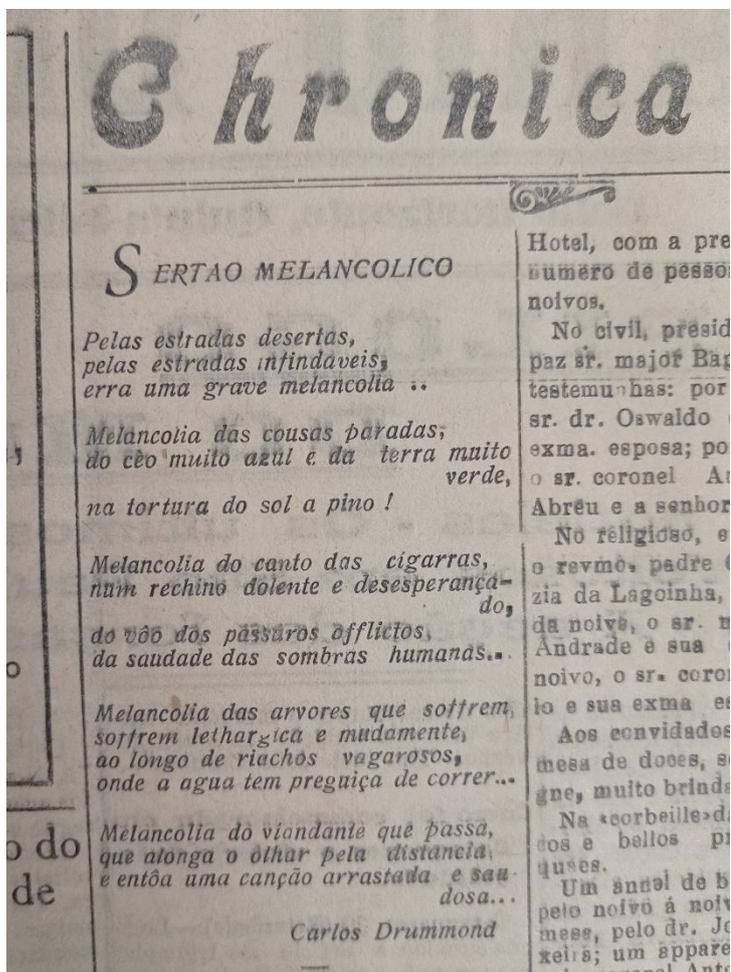
João Albano, fu
Alberto da Silva
rietario da Fabr
'A. Gualberto',
dr. João Teixeira
raba.

Passa hoje a da
ma. sra. d. Vitalia

ANEXO 50 – “História elétrica”, *Diário de Minas*, 25 de jul. de 1924.



ANEXO 51 – “Sertão melancólico”, *Diário de Minas*, 31 de jul. de 1924.



ANEXO 52 – “Viver”, *Diário de Minas*, 2 de ago. de 1924.



neumaticas
Tonificando
E COM O
JYÁ
A BARRA
SEMPRE
EM ESTAR

Chronica

VIVER

Minha alma espreita ao canto dos olhos: minha alma agita-se ao fundo da garganta. Mas, nem os olhos a denunciam, nem os labios a revelam. Vou atravessando a vida com a serenidade ridicula dos fantoches, sem tristeza nem odio, sem amargura nem extase. A's vezes, minha alma tenta debruçar-se nos olhos, mas recua; tenta subir à garganta, mas detém-se... E nem lanço ao mundo o olhar de ternura e perdão, nem pronuncio a palavra de bondade. Os homens passam por mim, e eu passo pelos homens. O olhar que trocamos é frio, como vaga a saudação que baluçamos. A's vezes qualquer coisa vai perturbar-me; qualquer coisa vai subir me aos labios e aos olhos mas os olhos se fecham e os labios distarçam. E nem me alegre e nem me enterneco: a bocca não sorri e os olhos não choram. Assim eu vou passando pela vida. Subito, uma mulher rôça por mim. Sinto cá dentro uma coisa subindo: talvez uma palavra de amor. A mulher se distancia, e nada perturba a minha mascara. Mas dentro de mim, a alma chora em silencio.

Carlos Drummond

Natalcias

paes da noiva.
ração de Jesus.
Aos presentes
finos sequilhoes.
Viam-se na
lindos presentes

Realizou-se a
ras da tarde, n
matrimonial do
lard, funcionari
Finanças, com
ches de Menezes
de Menezes, e
eiante de nossa
ma. esposa, d.
zes.

Os actos, tan
so, foram eslet
paes da noivo,
Norte.

Foram padri
rimonia religio
ma de Macedo
cumento e do no
Gomes, represe
Antonio Malard.

No acto civil
drinhos o dr.
sechora e o no
Sã Pires e a
Leal, represen
Carmen Leal.

Na corbeille
inumeros e ric

ca
erimentos des-
s:
aetano Rettori
de Andrade Ca-
pede.
Augusto Prado,
to ao pedido de
s passes, não.
reformado José

ANEXO 53 – “Cavalo Morto”, *Diário de Minas*, 16 de ago. de 1924.

DIÁRIO DE MINAS

gresso
ista

ta expressiva

hur Bernardes, pre-
blica, foi transmit-
telegramma:
nho a elevada hon-
car a v. exc. que
sessão solenne da
gresso legislativo do
lizada, foi por indi-
r Dino Bueno ape-
emente e entre ca-
ões a seguinte pro-
o, srs. represen-
deputados e se-
ros do Congresso,
sentantes dos pode-
ue todos nós nos
é, por um minuto,
cida homenagem ao
o Estado, pelo seu
eroísmo, pela sua
l, virtudes civicas
emente demonstrou,
mentos da lucte, e
óde salvar o Esta-
Republica, pela sal-
legal. Proponho
viemos o nosso re-
nosso jubilo e as
ações ao sr. presi-
ica, pela serenidade
calma confiante, e
acção com que deu
necessarias á prom-
o levante militar no
da ordem politica
ue enviemos as nos-

Chronica

CAVALLO MORTO

*Enlaçado entre os cipòs da mar-
gem do pantano, debate-se o bello ani-
mal, o grande e nobre animal de cri-
nas brancas*

O cavalleiro abandonou-o na hora
do perigo, e elle ahi ficou, tentando
em vão romper as lianas implacaveis.
E mais se debate e mais avança,
inconsciente, cego, desesperado, - para
as margens movediças.

O pantano è um verde lençol de cí-
ladas escondendo vibrões famintos e
lamacentos

O grande, o nobre animal de porte
legendario debate-se inutilmente, so-
bre a terra que lhe foge, entre os ci-
pós que o apertam num longo abraço.

E afunda se, e lentamente se afun-
da, branco e desesperado impotente,
exhausto, no verde lençol de aguas
paradas e folhas asperas.

As margens distanciam-se; o céu é
uma longingua mentira; o pantano
desfaz a sua immobilidade em circ-
los crespos; o cavallo desaparece. .
desapparece. .

Morre o branco animal de crinas
victoriosas.

Carlos DRUMMOND

Vae ter hoje
ensejo do seu
o brilhante in-
Campos, advo-
Boa Esperança
so de ferias n

Fazem anno
sr. Francisco
tincto ex com-
da secretaria
missão em La-
sr. Roque d
cio local;
coronel José
reire, collecto-
ria.

Passa hoje
mas. sras:
d. Nair Me
sa do dr. Jes
d. Regina
dr João Ara
d. Francis
sr. dr. Nicol

Agrade

O sr. majo
Couto, do alt
ca. dirigiu-ne

ANEXO 54 – “A voz de um destino solitário”, *Diário de Minas*, 14 de out. de 1924.

Francisco Sá

Sá, ministro
s de alguns
nesta capital,
o aniversa-
nda progeni-
ontem para o
cial, que par-
e 20.
a s. exc. to-
e com s. exc.
Rio.
nbarque a es-
a significativo
mero de pes-
evar votos de
sr. ministro e
esentantes do
á comparece-
do maior con-
sociedade.
boio deu o si-
i, ouviram-se
ncisco Sá.

anna e Daniel
iaram hontem

Chronico

**A VOZ DE UM DESTINO
SOLITARIO**

*Vesti de lyrios meu pensamento,
coroei de rosas minha imaginação,
e, num gesto de encantamento,
adornei de pedras raras meu coração.*

*Immaterializei-me!
E, immaterializado, fiquei a esperar
a graça de tua figura e teu amor.
Purifiquei-me!
Purifiquei-me todo, para gosar
d'essa felicidade o infinito amargor.*

E eternamente ficarei à tua espera...

*Tu não vieste. Tu não vens. Tu não
virás...*

Carlos DRUMMOND

Natalicios

Na data de hoje fazem annos:
capitão Afranio de Abreu, concei-

dr. Moac
Araxá;
jovem A
sr. Alfred
Passa h
ma. sra. d
esposa de
Faz ann
malista se
professor
Mathias E
tas felicit
ma e ger
no meio s

Agra

Do sr.
curador c
bemos de
mentos à
gistrámos
niversario

ANEXO 55 - "Poesia brasileira", Diário de Minas, 17 de out. de 1924.

Belo Horizonte, Sexta-Feira 17 de Outubro de 1924

batendo

carestia

ou—nem assim podia deixar— a melhor impressão pública— menos, está no dos atravessadores do rio de generos, a resolução do governo do Estado de vir contra das dificuldades em tem até agora debilito a ação.

providencias a que hontem nos, combinadas em lares meos, os srs. vice-presidente, terciario, os seus secretarios Estado e o Prefeito de Belo Horizonte, tendentes a conjurar a intemperista do preço da e de outras utilidades de mo forçado, definindo a ação do governo sob um aspeintamente pratico, vieram ritar fundas esperanças no do povo, que aguarda, ante, a ação administrativa largamente demonstrada nas das em vias de realização.

governo mineiro não deixou sua avilhança da fome nua na a situação dos lares meahabidos pela fortuna para sair, como he compete em caso, no de que se trata, que se quadra perfeitamente nos de praça publica, com as provisões adequadas.

ente da attitude do commercio, que sem mais cerimonia, ia ementando dia a dia o custo de lidades que constituem as badia alimentação das classes tos favorecidos, julgon chegada ora de intervir e o fez como, com a promptidão, a energe que as circunstancias reclaram.

propósito de alguns episoda de exploração que se tem em, já alguns colizes divaliam, com as necessarias minin, com a evidencição clamorosa a evidencição clamorosa abusos praticados á sombra liberdades de commercio, conrada na lei, de forma a perir todos os attentados que enlam os especuladores de levar lito, contra a bolsa quasi vado povo sacrificado á sua gaceta insaciavel.

Ampla é, com effeito, a maneio como se estabeleceu neste paela liberdade. Acima della, em, conclue o confiado, estão las imperativas de ordem e de tencia collectiva, que não de, nem podem ser malbaratas que o ditinho, organizado mechna de oppresão, profiza a certos felizardos, que o hejam com habilidade.

O governo mineiro, secundando xção do federal, comprehendido que a crise é um resultado factores virtualmente artífices, vai empenhando os mais arios esforços para combelotop todos os meios ao seu al, procurando conciliar inte e convenientias em jogo eante em que harmoniosas de produção, do com do consumidor. O povo

O Tempo

O tempo que, como hontem disse-mos, não havia assumido ainda attitudes definitivas, entra já a fazer fortes declarações, respeito á chuvia.

O dia de hontem decorreu sempre com prunadas de agua. Apenas de vez em quando o sol apparece. E á noite, com effeito, a chuva cahiu copiosamente.

Têm a palavra as capas e as galés chas...

Electricidade em Bambuhy

Os ruidosos festejos realizados para commemorar o acontecimento

Bambuhy, 14. (Diário). Terminaram hontem com um jantar offerecido pelo Presidente da Camara, dr. Gumercindo do Couto e Silva, ao dr. Dermal Senra, engenheiro chefe dos serviços de electricidade, — as festas commemorativas da inauguração dos serviços de electricidade de Bambuhy.

Esses festejos, que obedece-ram a um vasto programma, tiveram grande concurrencia, sendo assistidos por milhares de pessoas, vindas muitas de cidades vizinhas.

No dia 11 foram inaugurados o mata-ouro Municipal, o 1.º trecho da estrada de automoveis Bambuhy-Corrego Dantas e dois jardins publicos.

No mesmo dia, houve animado "match" entre o club local e o club de foot-ball de Santo Antonio do Monte, sendo victorioso o primeiro pelo "score" de 4 a 0.

No dia 12, pe'a manhã foi haitead num grande mastro de 20 metros de altura o pavilão brasileiro, sendo cantado o hymno nacional pelos alumnos do grupo escolar, acompanhado pela banda de musicos de Bambuhy e Campo Belo.

A's 8 horas realizou-se missa campal e benção da distribuidora.

A's 10 horas, por ordem do presidente da Camara, foram as festividades suspensas, para dar lugar ás eleições.

Realizaram-se estas com grande entusiasmo, recebendo o dr. Mello Vianna 857 votos para presidente do Estado, e o dr. Baeta Neves 604 votos para senador.

A's 4 horas, sessão solenne da Camara, ás 5 procição solenne da padroeira cidade Senhora Sant'Anna, sendo ás 7 horas, ligada a corrente electrica, no meio de grande regosio publico, sendo aclamados os nomes dos srs. Arthur Bernardes, Olegario Maciel, Mello Vianna, Daniel de Carvalho, Mario Biani, do presidente da Camara dr. Gumercindo Silva, Antero Torres, Florentino Magalhães.

A's 8 horas houve grande manifestação de dr. Dermal Senra, engenheiro que dirigiu todos os serviços, sendo entregue a s. s. pelo Presidente da Camara, um valioso presente.

Telegrammas retidos

Na respectiva estação acham-se retidos telegrammas para os srs.:

Simoni Lobo, d. Regina Bregner, Espirito Santo, 1478.

As 8 horas de trabalho

O dr. Jorge Street, industrial em São Paulo, interrogado por um jornalista carioca, sobre si a applicação da lei de 8 horas de trabalho em nossos grandes centros urbanos, tendo influencia na carestia da vida, assim respondeu:

"Sem duvida que ella ha de regir tambem sobre o custo de existencia, no sentido de mais o elevar."

Desde 1919, que temos no Brasil praticamente implantado o regimen das 8 horas de trabalho industrial.

Elle não está prescrite em lei, mas foi estabelecido por accordos directos entre as forças patronaes e as operarias.

Faizendo — he com franqueza, sou de opinião dos que entendem que esta lei não se coaduna com as necessidades de custo

Propositadamente, não achamos digno de comentario algum o acontecimento que presenciamos empolga uma das mais culias e lindas cidades fluminenses. Esse caso de propositadamente, não achamos digno de comentario algum o acontecimento que presenciamos empolga uma das mais culias e lindas cidades fluminenses. Esse caso de propositadamente, não achamos digno de comentario algum o acontecimento que presenciamos empolga uma das mais culias e lindas cidades fluminenses. Esse caso de

no scenario politico daquelle Estado e do paiz.

Propagandista sereno e convicto da Republica, procurou servir a sempre, com desinteresse e patriotismo, na sua longa carreira, que começou muito moço ainda, logo após a sua formatura na Faculdade de Direito de S. Paulo.

Foi uma figura de brilho no campo de ante-hontem, sempre recordado e de presidente do Banco do Brasil no governo Wenceslau Braz e o de ministro da Fazenda, no governo passado.

Ultimamente, elle, que era um especialista em questões economicas e financeiras, occupava o cargo de director da Sul America, sendo ainda chefe da Faculdade de Direito e da Universidade do Rio de Janeiro. Journalista, especialista em questões economicas e financeiras, exercendo com actividade a profissão, não só no Rio como em S. Paulo.

Era irmão do dr. Alvaro Baptista, ex-deputado federal e deixou diversas filhas, tendo contrahido nupcias duas vezes.

Eleição para senador federal

No proximo domingo realizava-se eleição para presencimento da vaga aberta na representação mineira no Senado Federal com o fallecimento do prelatado senador Bernardo Monteiro.

O nome indicado para a successão do saudoso politico mineiro é o do eminente leader da bancada mineira na Camara Federal, sr. dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Trata-se de um candidato de grande valor mental, de um parlamento de notavel e efficiente actuación quer nos postos de direcção que têm sido confiados ao seu talento e experiencia, quer nas diversas commissões de que tem sido membro, dos mais salientes, principalmente na Finanças, onde a sua collaboração, graças a seus conhecimentos profundos sobre o assumpto, tem sido mais do que proficua, desvelada e indispensavel.

Foi este, aliás, o criterio a que obedeceu a commissão do P. R. M. indicando-o para a cadeira vaga na bancada mineira no Senado da Republica, onde continuará a prestar os relevantes serviços que de sua capacidade e larga visão dos problemas nacionaes em foco pode e deve esperar ainda o paiz.

Poesia brasileira

Não nos iludamos com exterioridades: ainda não chegou o momento da poesia brasileira. O que se vem fazendo ultimamente, pertencendo relativo interesse, e obtendo maloz ou menor arto, não passa de experimentações. Os nomes dos experimentadores são conhecidos. Em todos elles se nota a educação e a formação europaeas, em alguns se observa um nido deção de animar visões e aspectos do panorama physico e social do paiz, em poucos esse desejo só vai convertendo numa aspiração tanto mais forte quanto mais inconsciente, em nenhum (e isto é satisfactorio) ha um hypocris respeito aos facticos valores do passado. Entre as turbas, reina a confusão. Falsos apostolos apregoaem formulas novas, paucissimas das ideias que se existem na mente dos ideologos. Aqui, desajaz lembrar o que recentemente escreveu Soares da La Valdeira, num excelente "compte rendu" da poesia em França, a saber que «como he natural do que parte la fait scientifique, le critique crée pour que part la fait littéraire». Nossas litteraturas, assim, com todos os seus mysterios, uma fantasia dos criticos. Chegamos, é facto, á comprehensão de muitos dos motivos necessarios: a necessidade de sermos brasileiros dentro do Brasil, na lingua de nossos paes, e na litteratura como na lingua. Mas, isso não se faz com um manifesto ou com a publicação de obras, nem sempre vivas, muitas vezes irregulares, e até mesmo inconscientes, da generosa e desinteressada, accentuando a cordialidade e a raia que se conseguem manter e estreitar entre as forças do Exercicio apertadas em Belo Horizonte e a Força Publica do Estado.

No quartel de 1.º e 3.º batalhão foi recebido pelos respectivos commandantes tenentes-coroneis Pedro de Albuquerque e Joviano de Melo, pelos fideias maiores Otavio do Amaral e Henrique Brandão e por todos os officiaes das unidades da Força Publica, tosnad durante a revista as bandas de musica de dois quartels, decorando-se alguns minutos um palestra com a officina, apresentando-lhes depois suas despedidas e seus votos de fallidias na carreira em que tanto elevam a classe a dignidade e o nosso Estado, pelo espirito de disciplina, de honra e de rigoroso cumprimento de deveres, ainda agora em sio Paulo e Mato Grosso tendo dezo uma pagina de orgulho e de gloria para o nosso Estado.

Em nome da officialidade e das graças, a todos os que se ar chaf de Policia apresento despedidas, responderem-lhe aquellos commuantes dizendo que vim com pesar seu afastamento da direcção geral da Força Publica e desejando-lhe felicidade em sua nova e elevada investidura e que nos offitamos de sua amizade e de suas sympathias e amizades que de todos lavava.

Acompanhado de toda a officialidade que o trouxe até a Praça do Quartel onde tomou o automovel dirigido pelo chefe de Policia em direccão ao Hospital Militar e de polia a Intendencia Geral da Força Publica, o sr. coronel Miller foi recebido pelo capitão dr. Waldemar Ribeiro, director, e por seus auxiliares. O sr. coronel Miller foi recebido pelo sr. major João Franco do O. G. U., de todos os que, bem como de outros empregados, se despediu, agradecendo-lhes as atencões e serviços que sempre lhes prestaram.

Dr. Homero Baptista

Com a morte do sr. Dr. Homero Baptista, occorrida ante-hontem, no Rio, desapareceu um vulto eminente da politica das lanchas e da mentalidade do Brasil.

Espirito dos mais lucidos e cultos entre os expoentes da nossa intellectualidade contemporanea, o ex-ministro da Fazenda do governo Epitacio Pessoa fez-se notar em todos os postos a que ascendeu no scenario politico, por uma visão clara e uma acção independente e digna de uma grande lustração de conducta.

Natural do Rio Grande do Sul, foi uma figura de tradiçã

Carinhosas demonstrações de apreço a s. ex.

Tendo de viajar no dia 21 do corrente para o Rio e dali para o Amazonas, em desamparo do ex-go de interventor federal naquelle Estado, o dr. Alfredo Sá, chefe da Policia, fez em nome do seu quartel de 1.º e 3.º batalhão da Força Publica, na sede da 8.ª Brigada de Infantaria do Exército, na Intendencia Geral da Força Publica e no Hospital militar do Estado.

No sede da 8.ª Brigada foi s. ex. recebido pelos coronéis Diogenes Tourinho e Teixeira Cardoso, major Frazonello, tenente Celso Resende e Roberto Santiago e outros officiaes da guarnição federal desta capital. A todos apresentados despedidas e agradecimentos extensivos á guarnição federal pelas atencões que lhe foram sempre dispensadas, accentuando a cordialidade e a raia que se conseguem manter e estreitar entre as forças do Exercicio apertadas em Belo Horizonte e a Força Publica do Estado.

No quartel de 1.º e 3.º batalhão foi recebido pelos respectivos commandantes tenentes-coroneis Pedro de Albuquerque e Joviano de Melo, pelos fideias maiores Otavio do Amaral e Henrique Brandão e por todos os officiaes das unidades da Força Publica, tosnad durante a revista as bandas de musica de dois quartels, decorando-se alguns minutos um palestra com a officina, apresentando-lhes depois suas despedidas e seus votos de fallidias na carreira em que tanto elevam a classe a dignidade e o nosso Estado, pelo espirito de disciplina, de honra e de rigoroso cumprimento de deveres, ainda agora em sio Paulo e Mato Grosso tendo dezo uma pagina de orgulho e de gloria para o nosso Estado.

... e a officialidade e das graças, a todos os que se ar chaf de Policia apresento despedidas, responderem-lhe aquellos commuantes dizendo que vim com pesar seu afastamento da direcção geral da Força Publica e desejando-lhe felicidade em sua nova e elevada investidura e que nos offitamos de sua amizade e de suas sympathias e amizades que de todos lavava.

RECORDAÇÕES ACADEMICAS

BACHARELANDOS DE 1924

J. U. de C.

VII

— Comprido como ninguém
e magro como um espeto,
si eu, acaso, o med' bem,
não cabe elle num soneto.

Dobro-lhe as pernas, porém;
com geito as junto e quieto,
e ellas quasi se contêm
neste segundo quarteto.

Curvo lhe o dorso atrevido...
e, quando penso que o apanho
nestes versos encolhido,

ah! meu Deus!— que coisa tétrica!—
delle ainda sobra tambem
p'ra um ponte de luz electrica!

A.

visão politica, de força constructora, e até mesmo de genio. Não encontraremos isso não!—o flo poderoso e iniludível de uma larga familia de espiritos dirigentes, de uma elite que se prolongue e se movimente através da nossa vida mental, e forme as intelligencias como quem cunha moedas. Depois d'isso, não nos detenhamos mais com a formação d'esse hypothetico genio brasileiro. Voltemos ao caso particular da nossa poesia, que tão cedo não será brasileira, se bem que floresça actualmente entre nós uma nova, deliciosa, fresca e expositiva poesia.

Nova em relação aos methodos e processos até então observados no pa'z. Velha, velhissima em relação ás construcções poeticas de Palazzeschi, Folgore e Govoni, na Italia; de Beaudouin, Cendrars, Morand e Vildrac, na França; e, mesmo na America do Sul, de Vicente Huidobro, apreçavel e pouco conhecido poeta chileno. Isto para não estabelecer um confronto com o syncretismo, o metabolismo, o druidismo de Max Jacob, e tantos mais... Sendo nova ou sendo velha, essa poesia que ahí está é deliciosa, fresca e expositiva, sob qualquer ponto de vista.

Esperemos, pois, que realize a sua verdadeira missão: encantar nos o espirito, e abrir caminho a novas e successivas experiencias, até que chegue o momento—vel-o á o sr. Barreto Filho, a mais joven esperança do nosso Parnaso?—em que possamos ler uma poesia typicamente, especificamente brasileira!

Enquanto isso, estimemos no seu justo preço esses poetas de educação estrangeira, românticos ou neo-românticos (diz a dita importam menos as classificações), ironicos ou commovidos, ingenuos ou revoltados, que encham de vezas harmoniosas o nosso de harmonioso momento. Não lhes peçamos mais do que podem offerecer-nos. Lembremo-nos que muitos não concluíram ainda a sua formação espirital, no sentido ri-

goroso da expressão, e, assim, não se libertaram completamente de preconceitos nocivos ou embaraçosos. Quem ousará negar-lhes modernidade? E essa modernidade está menos no feito desatado dos premas e no desarticulamento dos rythmos que numa concepção mais ampla e mais generosa da poesia. Esta já se mostra isenta dos grandes vicios que a torturavam até bem pouco: uma artificiosa rhetorica e uma desbragada eloquencia. Os nossos poetas perderam, com o preconceito da forma, o preconceito do logar-selecto, do assumpto nobre, e da composura imperturbavel. So o sr. Alberto de Oliveira cantava as deusas do Olympo, onde trovava Zeus Capitolino, o sr. Mancel Bandeira, poeta dos humildes e dos desvaireados, canta "os sapos que comem mosquitos". E aqui me occorre lembrar o riso ironico de muita gente que vê em semelhantes versos apenas uma "blague" sem sabor.

Por que não admittir, no caso presente, essa notação dos sapos, que apparecem aos olhos intelligentes como um pequenino quadro malicioso e humano? Por outro lado, que honestidade moveria os parnasianos quando estes falavam á nossa amargura real ou ao nosso tedio quotidiano, de visões de um Olympo livresco, mumificado nas paginas de Corumelin? Mas, nem havia "blague" nesse caso, nem exito no caso actual. Prefiro crer que haja evoluído a mentalidade dos nossos poetas, e refinado a sua esthesia, mereço de continuas acquisições.

Com effeito, quizes os vinculos que prendem a geração ora em actividade e as antecedentes? Pode dizer-se, de um modo geral, que estas em nada influíram sobre os moços de hoje. Ha, é facto, ligeiros traços de espirito de Cruz e Souza, em tal ou qual poeta, exaggerados pela carinhosa lembrança do sr. Nestor Victor, e pelo illustre sr. Ronald de Carvalho.

Seria mais acertado afirmar que a obra de Cruz e Souza correspondendo a umas tantas necessidades espirituas do seu o do nosso tempo, tem o seu prolongamento logico na obra dos nossos poetas modernos, sem que haja, porém, entre as duas, o parentesco do creador com a coisa creada. Cruz e Souza representa, obscuremente embora, um "momento" da poesia, ou melhor, da alma brasileira. Sua inquietação é ainda a nossa inquietação, e sua tragedia psychica vem até os nossos dias angustiosos, se bem que mais polida, mais "intellectualizada". Quanto de nós, porém, penetramos no bojo amargo dos seus leitros, e dissecamos o seu martyrio! A influencia, mesmo inconsciente, de Cruz e Souza permanece duvidosa.

A moderna poesia brasileira desenvolve-se, pois, singularmente isenta de compromissos e limitações. Se, em um ou outro caso, ainda conserva demasiado amor á musica e aos esplendores formaes, sua tendencia mais caracteristica é a de um livre, puro e festivo desabrochamento. Está longe o tempo dos torneios madri galescos, e das incursões á espessura prohibida dos bosques sagrados. Nem artificios nem mystificações. Já podemos repetir, com a velha canção franceza:

"Nous n'irons plus au bois,
les lauriers sont coupés!"...

E é forçoso convir que foram cortados opporunamente

CARLOS DRUMMOND



— PARA O BANHO —
EMBELEZAR A PELLE
BANHO DAS CRIANÇAS
BARBA, QUEIMADURAS
E QUAESQUER FERIDAS

USEM SEMPRE

"ARISTOLINO"

(Sabão liquido)

Noticias telegraphicas

Um mysterioso crime em São Paulo

São Paulo, 15. — Hontem a rua Vergueiro, nas proximidades do 5.º batalhão, estava em silencio e quasi deserta pelo frio que fazia, quando passou pela frente do quartel um automovel em desabalada carreira.

Inesperadamente, de dentro do automovel, foi precipitado ao meio da rua, um homem que ficou cahido, abandonado.

Emquanto isso, sempre em carreira vertiginosa, o mysterioso automovel proseguiu o seu caminho.

Pessoas que...

As denominações das

ANEXO 56 — "Anatole France", Diário de Minas, 26 de out. de 1924.

Anatole France

A morte de Anatole France, que o telegrapho só agora nos annos, é um acontecimento de vinte annos atrás.

Raramente na historia das letras se nos depara um caso como esse, de sobrevivencia á propria obra, que transformam o escritor numa figura eterna no tempo, de seu modo de proclamação, e assim a obra mesma obra o destino e a clava das coisas revoadas. Falar de Anatole France é falar de um «acontecimento» do espirito francez — e nem um vulto mais representativo que o d'esse valhido parvo e amoral — mas de um «momento» já fixado e já morto, que não enunciação no tempo, mas que se enunciação essa mesma obra o destino e a clava das coisas revoadas. Falar de Anatole France é falar de um «acontecimento» do espirito francez — e nem um vulto mais representativo que o d'esse valhido parvo e amoral — mas de um «momento» já fixado e já morto, que não enunciação no tempo, mas que se enunciação essa mesma obra o destino e a clava das coisas revoadas.



PARA O BANHO — EMBELLEZAR A PELLE — BANHO DAS CRIANÇAS — BARBA, QUEIMADURAS — E QUASEQUER FERIDAS — USEM SEMPRE "ARISTOLINO" (Sabão líquido)

Uma conferencia de João Luso. Belo Horizonte hospeda, desde hontem, o jornalista e escriptor João Luso, que fará hoje, no Theatro Municipal, uma conferencia sobre a littera «a mulher e as suas armas», a convite do Centro Academico da Escola de Engenharia.

Realiza-se hoje mais uma feira livre. Na praça Rio Branco, em frente ao mercado municipal, realiza-se hoje mais uma feira livre, na qual, além dos generos de alimentação cedidos...

Publicações. Recebemos: LOUDES, revista mensal de critica illustrada, que ha 12 annos apparece nesta capital...

Intervenção no Amazonas. O dr. Alvaro Baptista, que deverei seguir para o Amazonas a c. n. de breves dias, afim de assumir o cargo de chefe de Polícia d'aquelle Estado...

Brilhantina conc. Não causa caspa como a por isso. A' venda em Cia. de Perfum. Pedidos do Interior e qualquer outra casa.

Granado & Cia. Em a honra de convidar a distincta classe medica e pharmaceutica, bem como o alto commercio desta cidade, para assistirem á inauguração da sua filial instalada á rua Goyaz, 64, ás 2 horas da tarde de segunda-feira, 27 do corrente.

Reaffirmar de publico este appello necessario de que não tenham chegado a destino os convites expedidos. Belo Horizonte, 26 de Outubro de 1924. GRANADO & CIA.

Uma conferencia de João Luso

Belo Horizonte hospeda, desde hontem, o jornalista e escriptor João Luso, que fará hoje, no Theatro Municipal, uma conferencia sobre a littera «a mulher e as suas armas», a convite do Centro Academico da Escola de Engenharia.

João Luso, que possui um nome sobejamente conhecido e apreciado entre os nossos honras de letras, já esteve nesta capital, ha tempo, quando, na Faculdade de Direito, uma conferencia sobre o amor nas trovas populares.

O nosso meio culto, que teve a oportunidade de ouvir aquellas paginas cheias de belleza, deliciosamente repassadas de um humorismo fino, applaudiu então, com exultante entusiasmo, o scintillante escriptor, que agora de novo nos visita.

É natural, pois, que a nossa elite intellectual lhe reserve, desta feita, novas e eloquentes homenagens, ao ensejo da sua conferencia de hoje que vai ser, por certo, outra pagina de arte requintada.

Montem tivemos a honra da visita do victorioso homem de letras, que é um dos mais brilhantes redactores do «Jornal do Commercio».

Companheiro-o nesta visita o academico José Rocha Lagoa, presidente do Centro da Escola de Engenharia, que nos convidou para assistirmos á conferencia hoje de João Luso.

QUANTOS AUTOMOVEIS HA EM S. PAULO. Existem actualmente na capital de São Paulo 3019 automoveis particulares, 1851 de aluguel e 1208 de carga.

Realiza-se hoje mais uma feira livre. Na praça Rio Branco, em frente ao mercado municipal, realiza-se hoje mais uma feira livre, na qual, além dos generos de alimentação cedidos...

Publicações. Recebemos: LOUDES, revista mensal de critica illustrada, que ha 12 annos apparece nesta capital...

Intervenção no Amazonas. O dr. Alvaro Baptista, que deverei seguir para o Amazonas a c. n. de breves dias, afim de assumir o cargo de chefe de Polícia d'aquelle Estado...

Brilhantina conc. Não causa caspa como a por isso. A' venda em Cia. de Perfum. Pedidos do Interior e qualquer outra casa.

Granado & Cia. Em a honra de convidar a distincta classe medica e pharmaceutica, bem como o alto commercio desta cidade, para assistirem á inauguração da sua filial instalada á rua Goyaz, 64, ás 2 horas da tarde de segunda-feira, 27 do corrente.

Reaffirmar de publico este appello necessario de que não tenham chegado a destino os convites expedidos. Belo Horizonte, 26 de Outubro de 1924. GRANADO & CIA.

Chronica

A poetisa Mietta Santiago, de passeio ao Barreiro com algumas amigas, num desses últimos dias luminosos e encantadores, deixou sobre uma das mesas de trabalho do gabinete do sr. dr. Otaviano Maciel, então ausente e que quasi existiram, este soneto:

Essa montanha immensa que se alia Pela amplitude — num laghetto de sonho E que soberba o dorso verde ostenta, Rêde, fita, o meu olhar triste e ceia, Indiferente e imóvel — não recia A ansia infante de ver o olhar que ancia, Na eterna luz do meu olhar triste e ceia.

Natalícios. Prof. Anibal Mattos. Faz annos hoje o professor Anibal Mattos, nosso companheiro de jornal.

Visitas. Tivemos hontem a visita do dr. José de Paiva Oliveira e Antonio Leães Garcia, eguals no infante e este presidente da mesa de Ouidá.

Agradecimentos. Dirigi-nos nos cartões de agradecimento as noticias com que agradeceram o transcurso de seus anniversarios natalícios aos seus admiradores Claudio Prazeres e Alvaro Barreto.

Pelos cinemas. Guia dos Habitados. «A' antiga e moderna» (2 tomos, 1924) Cartologiamas.

Intervenção no Amazonas. O dr. Alvaro Baptista, que deverei seguir para o Amazonas a c. n. de breves dias, afim de assumir o cargo de chefe de Polícia d'aquelle Estado...

Brilhantina conc. Não causa caspa como a por isso. A' venda em Cia. de Perfum. Pedidos do Interior e qualquer outra casa.

Granado & Cia. Em a honra de convidar a distincta classe medica e pharmaceutica, bem como o alto commercio desta cidade, para assistirem á inauguração da sua filial instalada á rua Goyaz, 64, ás 2 horas da tarde de segunda-feira, 27 do corrente.

Reaffirmar de publico este appello necessario de que não tenham chegado a destino os convites expedidos. Belo Horizonte, 26 de Outubro de 1924. GRANADO & CIA.

Casamentos

Realizou-se hontem, ás 14 h na residencia da viuva Ribeiro Lutz, o enlace nupcial da senhora Maria de Jesus Ribeiro da Lutz com o sr. dr. João Guzman.

Visitas. Tivemos hontem a visita do dr. José de Paiva Oliveira e Antonio Leães Garcia, eguals no infante e este presidente da mesa de Ouidá.

Agradecimentos. Dirigi-nos nos cartões de agradecimento as noticias com que agradeceram o transcurso de seus anniversarios natalícios aos seus admiradores Claudio Prazeres e Alvaro Barreto.

Pelos cinemas. Guia dos Habitados. «A' antiga e moderna» (2 tomos, 1924) Cartologiamas.

Intervenção no Amazonas. O dr. Alvaro Baptista, que deverei seguir para o Amazonas a c. n. de breves dias, afim de assumir o cargo de chefe de Polícia d'aquelle Estado...

Brilhantina conc. Não causa caspa como a por isso. A' venda em Cia. de Perfum. Pedidos do Interior e qualquer outra casa.

Granado & Cia. Em a honra de convidar a distincta classe medica e pharmaceutica, bem como o alto commercio desta cidade, para assistirem á inauguração da sua filial instalada á rua Goyaz, 64, ás 2 horas da tarde de segunda-feira, 27 do corrente.

Reaffirmar de publico este appello necessario de que não tenham chegado a destino os convites expedidos. Belo Horizonte, 26 de Outubro de 1924. GRANADO & CIA.

ANEXO 57 – Serenata”, *Diário de Minas*, 18 de jan. de 1925.

Chronica

SERENATA

E as estrellas e os vagabundos...

*Liricamente, pelas esquinas,
os violões choram.. Velho thema!
E sobre o casario adormecido,
lentamente,
vae ondulado a angustia dos violões.*

Cigarras nocturnas, homens tristes...

*Uma janella aberta, um quadrado
amarello
na noite muito azul... Os violões ro-
manticos
têm mais desejo e mais saudade
e mais amor.*

Um auto passa: Fon-fon! Fon fon!

E cada vez mais tristes, os violões...

Carlos DRUMMOND

Visitas

A nossa rec
visita de desp
do Aristides C
presentante de
gresso Estadu
mais impressiv
todos o admh

O deputado
gressa hoje p
de reside e é

Manifes

Os morado
do á frente u
irão hoje, ás
«marche aux
grande manife
tenente Joqq
levantes serv
quelle distinc
como subdele

ANEXO 58 – “Sem consequências”, *Diário de Minas*, 24 de jan. de 1925.

...diversas, no
e 18 registros
2 em preparo.
Vermelho Ve-
vo, actualmente
deplro Raul Soa-
uito elevado o
civeis no ulti-
rimento telegra-
Soares foi o se-
expedidos 3777,
enda de.....

...a Villa, no mes-
6:100\$000.
da E. F. Leo-
portancia de...
idos o valor dos
o café e madei-
quaes são arre-
es de destino e
os em cerca de

**FEITO RAPIDO
GARANTIDO
STERICIA
CULOS DO
DO, RINS
XIGA-NO
RHEUMATISMO
LE ECZEMA
o eliminador
URICO
VEGETAL
DES THERA-
M OPERADO
S MILAGRES.**

19 - 2 - 1925
as e Pharmacias
DES & MARIN
HO DE JANEIRO

Cronica

SEM CONSEQUENCIAS

*Legenda à porta do paraíso, gra-
vada por um Adão como os outros:
Feliz, mas não resignado...*

Até hoje não me compreenderam.
Mas, também não me crucificaram.
Quanta generosidade nos meus seme-
lhantes!

As mulheres não me interessam.
Eu amo somente o amor... o amor de
raras mulheres.

Vinte annos depois:
—E o resto? Como sabes o resto?
Olha que eu nunca te quiz contar!
—Por isso mesmo que não me que-
rias contar, teus olhos viviam a di-
zer-me tudo.. Foi nas dobras do teu
silencio que eu soube o resto.

Viver! E ha tantos covardes que
têm esse heroismo!

No Brasil, fazer versos é ainda a
melhor maneira de não ser poeta.

—Sua profissão?
—Inventor.
—E que é que o sr. já inventou?
—Oh! Mas, tudo. Um aparelho
para extinguir o somno; um outro
para cultivar idéas; um terceiro para
concentrar a felicidade; um ultimo pa-
ra matar o tédio. Ahn...

—Que é isso?
—Nada, estou bocejando.

Natalicios

Faz annos hoje o deputado Mo-
destino Gonçalves, digno membro

chefe politico,
sita de despedi-
millo Chaves,
Congresso Est

Agradeci

Do revmo. p
recebemos um
mentos á notici
sagem de seu

Viajantes

Afim de tom
commemorati
matura, que re
de medicos de
tem de nocturn
fessores Borge
da Escola de M
e Samuel Libar
giene do Estad

Partiu hontem
destino á Ituy
Mineiro, o dep
ves.

Depois de br
tal, regressou
ma, na Matta I
da Silva Cunha
quella comarca

Viajaram hon
Para o Rio,
Ephigenio Salle
dr. José Renaul
Ulysses Horta,
beico, dr. Mari

—Para Ouro
Fernando de So
—Para Barbe
nio Pimenta e
—Para Julz d

ANEXO 59 – “A noite entre os enigmas”, *Diário de Minas*, 10 de fev. de 1925.

DIÁRIO DE MINAS

Brevemente



Urolithico

DE EFEITO RÁPIDO
E GARANTIDO
NA ICTERICIA
CALCULOS DO
FIGADO, RINS
E BEXIGA - NO
ARTHRITISMO RHEUMATISMO
NAS MOLESTIAS DA PELLE ECZEMA
O mais poderoso eliminador
do **ACIDO URICO**
MEDICAMENTO VEGETAL
CUJAS VIRTUDES TERA-
PEUTICAS TEM OPERADO
VERDADEIROS MILAGRES.

LUG. 1606 DE 10 - 8 - 1925

Nas boas Drogeries e Pharmacias
FABRICANTES: MENDES & MALIN
EXTRAIÇÃO: 1620 - 10 - 1925

Chronica

A NOITE ENTRE OS ENIGMAS

Passei a noite entre os enigmas. E volto desesperançado.

*Havia um, em fôrma de X, que des-
pizava entre meus dedos, com malícia,
e sorria zombeteiramente, murmurando:
«O pallido charadista ! Como elle
se aborrece !»*

*Havia outro, em fôrma de setta, que
me affligia os olhos com clarões mo-
mentaneos, orgulhosamente silencio-
so, e terrivel no seu silencio.*

*E outros havia, de fôrmas eterna-
mente mutaveis, que, transformando
se, deixavam escapar um zumbido ir-
rilante, feito da multidão de mil be-
zouros reunidos.*

*Passei a noite entre os enigmas !
Em verdade, minhas faces estão pal-
lidas ! E meus olhos estão fundos, e
minhas mãos tremem de frio ! Mais
uma noite perdida...*

*Mais uma noite fôra da razão, que
manda passar as noites sobre macias
almofadas, cingido a uma deliciosa
mulher ! No meu leito vazio, as ru-
gas das cobertas são melancolicas, e
parecem chorar a ausencia de um cor-
po de seda, eleito entre os mais. Va-
gam pelas paredes os ultimos fantas-
mas da minha noite de inquerito ao
desconhecido. E na sombra, eu per-
cebo ainda a face zombeteira dos eni-
gmas, — e no espelho, percebo a minha
face desesperadamente pallida, pallida
como a face dos mortos, e presa ás
correntes de sua desesperação !*

C. D.

Os sorteados militares não pagarão mais a taxa

Foi publicado o decreto n. 4 924 que revoga o de n. 4.370, de 19 de novembro de 1921, que fixou a taxa prevista no n. 56 do artigo 1º do decreto n. 4.230, de 31 de dezembro de 1920.

Segundo o dispositivo ora revogado, o sorteado não chamado para o serviço militar ficava obrigado a pagar a taxa de 100\$000.

Casamentos

Effectuou-se, no dia 8, mantina, o enlace nupcial Thales da Rocha Vianna, ro da Central do Brasil, dr. Domingos da Rocha vogado aqui residente e ma. esposa d. Maria Amcha Vianna, com a senhora Kubitschek Fonseca coronel Juellino da Ferro Junior, já fallecido, e ma. esposa d. Virginia F.

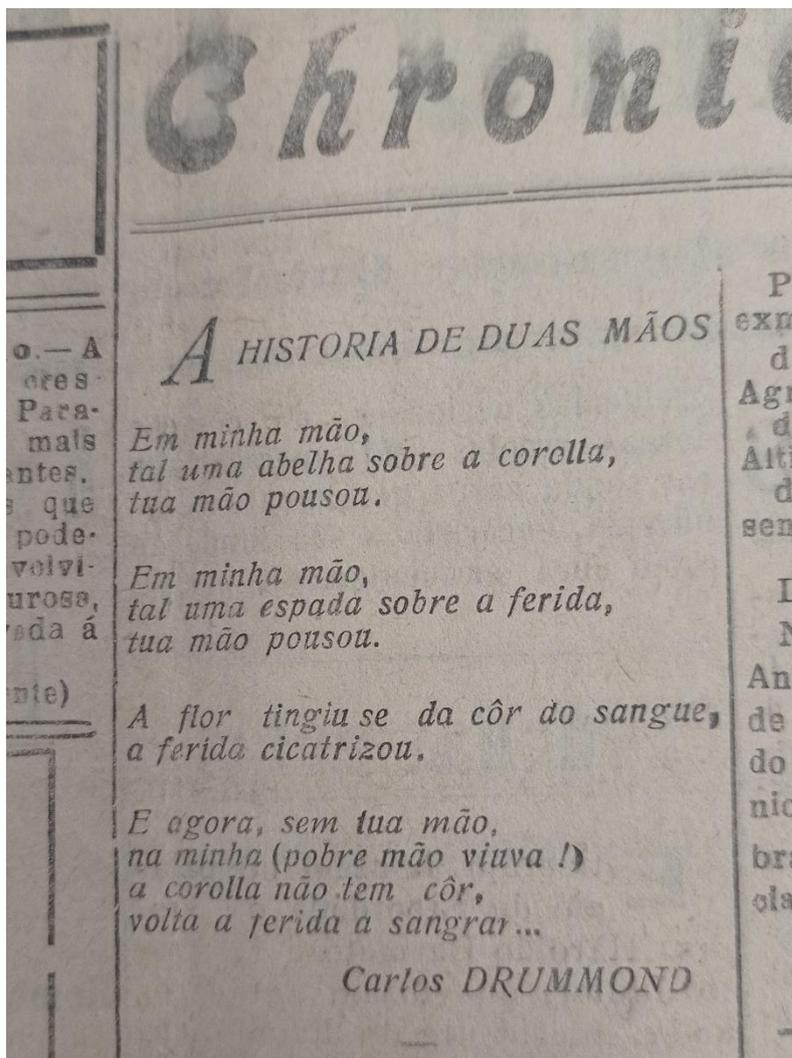
Ambas as ceremonias, na maior intimidade, tiveram paranympchos: por parte no civil, o sr. dr. Telleszes e sua exma. senhora Telles de Menezes; no dr. Victor de Freitas, residente da Central, neste d. Alzira Emilia Guerra.

Por parte da noiva, no professor Juscelino DerFonseca, presidente da Diamantina, e d. Mercez Paula; no civil, os sr. mate Fonseca e d. Maria de Figueiredo.

Os nubentes têm recebido meras felicitações, notadapta capital, residencia do da Rocha Vianna.

Theatro

ANEXO 60 – “A história de duas mãos”, *Diário de Minas*, 12 de fev. de 1925.



ANEXO 61 – “Pierrô patológico”, *Diário de Minas*, 20 de fev. de 1925.

Chronico

PIERROT PATHOLÓGICO

Pierrot, ultimamente, anda exquesito: não fala, não ri, não canta; até mesmo não se concebe como pode ficar assim; mas bebe e fuma diabolicamente.

De alegre que era, Pierrot passou a ser como um fantasma. Creio que alguém o abandonou, e elle anda agora adoidado e tristonho, com crises periodicas de asthma.

Elle agora como um trapo jogado à mercê do vento... Nada lhe importa; mesmo não fala. Ninguem lhe escuta um vão lamento.

Incorrigivel pobresinho, namora a sombra mentirosa d'aquella que o abandonou.

Quasi não dorme; anda magrinho! Tem rugas fundas de velhinho, - triste Pierrot..

Colombina está longe, perdida na volupia de outros braços.

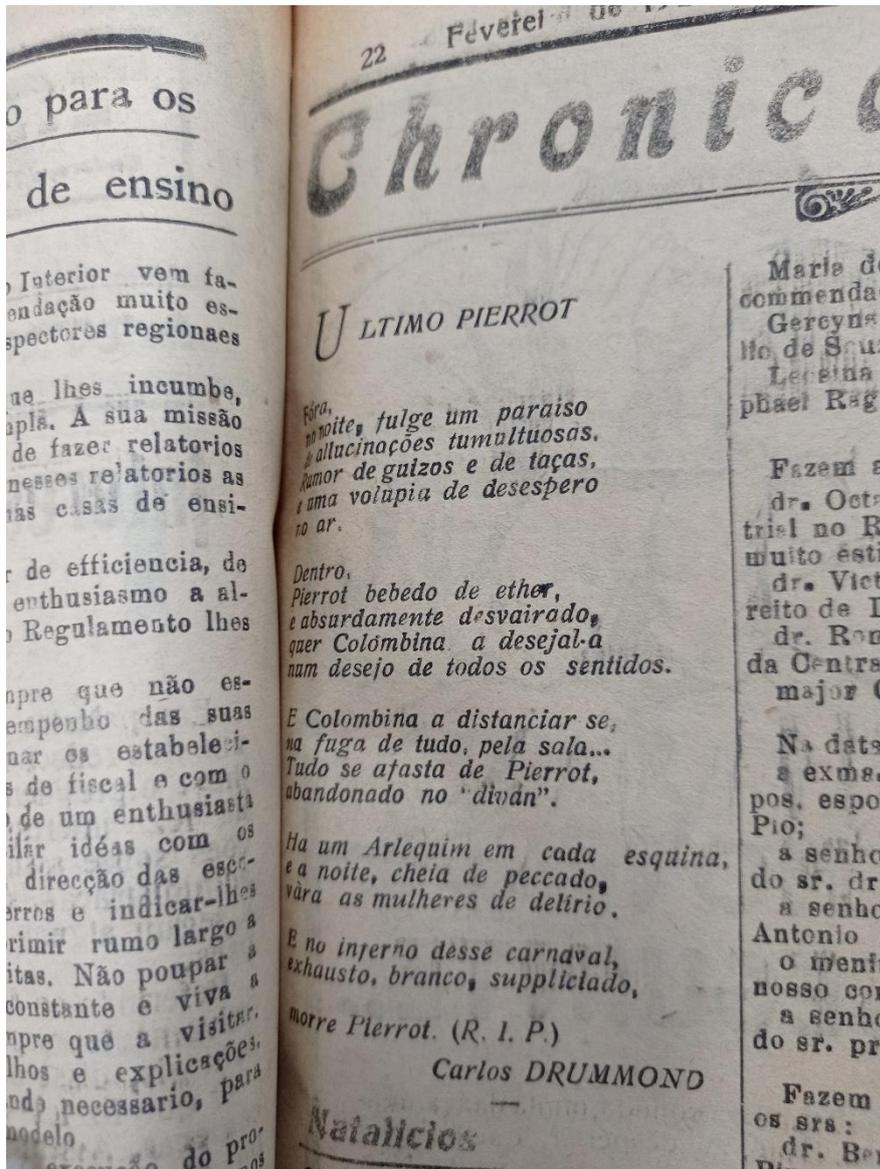
Como um chinês bebedo de opio, como um chinês de olhos perdidos, Pierrot anda a ver se esquece o corpo magro de Colombina, e o seu perfume de hellotropio, delicia mórna dos sentidos.

E o seu martyrio de somnambulo numa palavra se resume: Uma mulher logo se esquece, mas não se esquece um perfume...

C.

Ne
Josin
co d
por
conh
ta e
Na
sre.:
cor
Fons
capit
Dje
tal;
Ga
Gabi
Jo
Tr
da
bc, e
Lob
da
sr. d
Es
Act
do sr
empr
Estad
Souz
de Sc
VI
O i
super
Divin
transi
tem e
de no
O p

ANEXO 62 – “Último Pierrot”, *Diário de Minas*, 22 de fev. de 1925.



ANEXO 63 – “Ninguém sabe...”, *Diário de Minas*, 25 de abr. de 1926.

DIARIO DE MINAS

CHRONICA

NINGUEM SABE . . .

*Ninguém sabe quaes sejam
as vestes do Lutador:
si a armadura de aço
ou a tunica de linho,
E ninguém conhece ainda
as armas com que ha de vir
de muito longe o Lutador:
si a fina espada,
o malicioso punhal
ou a ternura de dois olhos man-
sosos.*

*Ninguém sabe quando o Lutador
virá á nossa presença:
talvez pela noite,
com passos macios de ladrão,
ou como um rei
com seu cortejo, pela aurora.*

*Ninguém sabe
o que irá fazer o Lutador:
desejado e temido,
tão silencioso
que o seu nome causa arrepios
e ninguém o murmura ...*

O Lutador vem coberto de sombra.

CARLOS DRUMMONDD

*

NATALICIOS

Faz annos hoje o deputado Pedro Dutra. Figura impressiva da Camara Mineira, pela sua intelligencia e pe-

dr. Benedicto Pereira
dente da camara de Gua-

Passa hoje a data na
exmas. sras.:
d. Zoraida Faria, espos
Nelson Baptista;
d. Georgina Lopes, es
dr. Americo Lopes.

Na data de amanhã f
sr. desembargador Morei
tos, illustrado membro
criminal do Tribunal
Magistrado de absoluta
e cavalheiro distincto, o
dor Moreira é muito
nossa sociedade.

Na data de amanhã f
os srs.:
major Domingos Sabi
tuado procurador de par
dade, onde conta numer
des;
pharmaceutico Affonso
Junior, secretario da cam
tim. municipio em que
circulo de amizades e di
gitima influencia;
dr. Custodio de Almei
juiz de direito de Leopol
José Pinto Coelho, func
secretaria da Agricultura
academico Orestes Dini
academico José Ameri
cedo.

Belo Horizonte, Domingo, 26 de Abril de 1925

Associação de Mães de Família

Vindo ao encontro das idéas contidas no Regulamento do Ensino, o sr. dr. Sandoval Azevedo, secretário do Interior, convocou as directoras dos grupos escolares e escolas leiladas da capital, para o fim de ser organizado um modelo de estatutos para a associação de mães de família que se fundarem no Estado.

Dessas reuniões, que tiveram também a presença do sr. director da Instrução, resultou a elaboração dos artigos, que a seguir publicamos.

Esboço de estatutos

Capítulo I

Da denominação, fins e sede da associação

Art. 1.º - Sob a denominação de "Associação das Mães de Família" de ... fica creada, neste log.r. que lhe serve de sede, uma associação de senhoras, com os objectivos seguintes:

- a) promover o progresso moral e mental do povo, agindo especialmente nas escolas;
b) estabelecer uma colaboração íntima entre o professorado e as mães de família, como base indispensável para a consecução do fim principal da sociedade;
c) prestigiar os professores, acompanhando-os com atenção e carinho no trabalho escolar, prestando-lhes todo o auxilio possível no caso de dificuldades e molestias;
d) cooperar para o augmento da matricula e da frequência nas escolas;
e) velar pela moralidade das crianças, quanto á frequência aos exames, á leitura de livros e jornais, á pratica de vícios como o alcool, o fumo, o jogo etc.;
f) cultivar o sentimento patriótico e o civismo do povo;
g) cuidar da Hygiene escolar e da assistência ás crianças pobres, especialmente os orphãos e abandonados.

Art. 2.º - Como meios e instrumentos de que se servirá a Associação, podem ser indicados, entre outros, os seguintes:

- a) espalhar impressos e boletins de estudo, informações e conselhos ás mães e aos professores, para a melhor direcção da infancia, em todos os pontos de vista;
b) promover propaganda em favor da boa imprensa, pela censura nos cinemas, pela prohibição da entrada de menores em tabernas, casas de jogos etc. pondo-se a sociedade em relação com outros que collimam os mesmos objectivos;
c) propor ao governo as medidas que julgar convenientes ao desenvolvimento do ensino e prestar ao mesmo as informações que solicitar;
d) auxiliar as Calzas escolares;
e) fornecer vestimenta e livros; organizar cantinas escolares e instituições como a sopa escolar ou o copo de leite escolar, para os alumnos pobres, etc. por meio das calzas escolares;
f) promover a aquisição de livros para serem dados aos alumnos nos exames por meio das calzas escolares;
g) colaborar com os professores na organização das festas civicas ou em benefício das calzas escolares;
h) empregar quaisquer outros meios proprios para a realização dos fins da sociedade.

Capítulo II

A cidade de ferro

Ha um ambiente de sonho em torno de certas cidades mineiras. Só o evocar-lhes o nome: Ouro Preto, São João d'El Rey, Diamantina - põe a nossa mente de visões maravilhosas, de um colorido e de uma sumptuosidade surpreendentes. Desenrola-se o cosorama da historia colonial, com todo o seu luxo bysantino, a sua crueldade, a sua febre de ouro e pedrarias, a sua poderosa atracção. Mas o espectáculo é curto, e logo nos deixa feridos de uma fina tristeza: a tristeza em frente das ruínas. Este passado está bem longe de nós, e da nossa hora apressada. Cumpre seguir o rythmo do tempo. De todos os lados estão gritando: Para a frente! O mo fixar-se eternamente debruçado sobre o esplendor de um tanto literário das coisas antigas, se as coisas de hoje polarizam a nossa atenção? As cidades historicas de Minas têm que se transformar em grandes emporios commerciaes ou industriaes. Não lhes basta a doce legenda com que perturbaram o nosso lyrismo. Já o silvo ironico das locomotivas corta o silencio resignado da seus meio dias, tanto em Diamantina como em Villa Rica. Desta ultima escreveu Rymundo Cordeiro: 'Aqui outrora retumbaram os carros de ferro'.

Os hymnos de hoje são bem outros, mas igualmente nos convidam ao maximo de acção e trabalho. Seria vitalizando as chamadas 'cidades mortas' que praticamos o verdadeiro tradicionalismo, cujo principio fundado nos ensina a renovar a tradição, e não a estratificar a. Seremos uma tradição amanhã: importa que reflectamos o espirito da nossa época, essencialmente constructores.

Escrevo estas linhas pensando em Itabira de Mato Dentro. Itabira não é bem o que possamos chamar uma cidade historica; está longe disso. Mas é, a muitos respeito, uma cidade tradicional. Nada lhe falta para que a denominemos assim; nem mesmo esse 'cheiro do passado', que onhe de melancolia o nosso olfacto. Ruas estreitas e tortas; casario colonial subindo pelas ladeiras; igrejas antigas onde dormem alfaias preciosísimas; e no alto, a grande serra, de fiancos lacerados pelos exploradores de ouro e de ferro. O povo é simples, desta simplicidade saudavel que Oliveira Vianna observou no temperamento dos mineiros, e que não quer dizer ingenuidade, nem significa hypocrisia. Cidade tradicional, Itabira é tambem uma cidade morta. O progresso fez até lá duas ou tres excursões esquivas e apressadas. O povo continuou bocejando, bocejando e dormindo, á sombra da imensa muralha de ferro. Entretanto, o povo sabe (e nós todos sabemos) que essa muralha constitue o maior e o mais prodigioso dos thesouros, e o repete (como nós todos repetimos) a phrase espantosa, segundo a qual «o pico de Itabira tem ferro sufficiente para abastecer quinhentos mundos durante quinhentos seculos...»

Seria inutil insistir quiz sobre a magnificencia de tanta riqueza, quiz sobre o inqualificavel abandono em que até agora jaziam. E digo 'até agora', porque, felizmente, a actividade dos nossos ultimos governantes se vem orientando no sentido de solucionar, de uma vez por todas, o complicado problema. Essa orientação culmina, de um modo luminoso, nos actos do actual presidente, o sr. Mello Vianna, que tomou a peito realizar a chamada

'chimera siderurgica', e por isso recebeu os applausos de todas as consciencias lucidas do país. Certo, não lhe escaparam as innumerables difficuldades que terá de vencer, umas inherentes á propria tarefa, e outras, bem diversas, levantadas pela eterna multidão de scepticos e desconfiados que notificam em jornais e conferencias.

Com effeito, já apregoam estes directores da opinião, que o desenvolvimento da metallurgia no Brasil, nos termos em que o concebeu o sr. Mello Vianna, é uma aventura insensata e infantil. Na melhor hypothese, falta a semelhantes profissionais o conhecimento tecnico da questão - isto é lamentavel; mais lamentavel ainda é que talvez não lhes escasseie o conhecimento mas a boa fé. De qualquer modo, a attitude do sr. Mello Vianna ergue-nos para uma região riquissima em possibilidades industriaes e impressões que quer intelligencia livre, essa attitude é de um silencio ineluctavel. No seu exito - que se baseia em dados rigorosos e mathematicos - está a segurança de dias melhores e mais risonhas para a Republica. A razão é simples. Pela fatalidade incoercivel de sua projecção no scenario brasileiro, Minas Geraes tem o seu progresso intimamente ligado ao progresso da faderação. Assim o impulso que o gigantesco mas tão sabiamente elaborado plano siderurgico virá trazer á economia mineira se reflectirá de maneira prodigiosa no organismo da nação combalido pelas vicissitudes politicas do momento. Longe de ser mineiro, o problema é nacional. E' verdade que não me posso furtar á tentação de encorar-o, na plenitude de suas promessas, com os olhos esparançados de um Itabirano em cuja retina se gravou a doce paisagem natal, mas que desejariam ver a sua terra transformada num formidavel centro de trabalho. Esta transformação em breve se realizará. E posso dizer que me commove a sua perspectiva.

Orgulho-me de pertencer a uma geração sadicamente nacionalista, que já se não compraz com os estereos jogos literarios, e que em todos os campos de acção coopera na formação de um Brasil mais forte e mais bello. Aos olhos d'essa geração, territorialmente analysada, nosso céu não tem mais estrelas que os outros céos, nem nossos bosques mais floresta que os outros bosques. O verdadeiro nacionalismo repudia a declamação e a rhetorica, e se apolha tanto nas virtudes como nos defectos do país: exalta aquellas e corrige estes com o mesmo imperturbavel senso critico. Alem d'isso, é uma geração sem compromissos politicos de qualquer especie; não milita nas esquerdas nem nas direitas. Contudo, o socialismo, ou melhor: uma attitude que ella despreza. Por isso mesmo, embora sem compromissos, é uma geração essencialmente politica, no melhor sentido da expressão. Para este grupo de mocços, a energia creadora do sr. Mello Vianna assume relevos surpreendentes. Reconhecendo o alcance de sua visão administrativa, é forçoso convir ainda que, uma vez levado a effeito o seu grandioso e patriótico intento, o sr. Mello Vianna terá ligado o seu nome ao maior e mais honroso empreendimento de toda a nossa historia republicana.

CARLOS DRUMMOND

Dr. Carlos D. Fernandes

Uma conferencia pedagogica desse notavel publicista parahybano

Belo Horizonte hospeda desde hontem o sr. dr. Carlos D. Fernandes, director da Imprensa Official da Parahyba, polygrapho maravilhoso que todo o país conhece, admira e reverencia.

Poeta de ampla e florida imaginação; romancista de poderosa penetração e de colorido inconfundivel, chronista, jornalista e orador, - o dr. Carlos D. Fernandes é um dos indices da cultura e da intelligencia nacional, festejado por toda a parte, porque reúne ás qualidades que o distinguem como homem de pensamento, o magico poder de seducção, que está no impressivo da figura apollinea e no encanto da sua comunicação como causer.

Tendo vindo do Rio de Janeiro em viagem de recreio, o Dr. Carlos D. Fernandes quiz visitar o nosso Estado, onde dispõe de numerosos admiradores, do que é prova o facto de ter sido, não ha muito, eleito membro correspondente da Academia Mineira de Letras, na Parahyba.

O Dr. Carlos D. Fernandes aqui fará duas conferencias: uma dedicada á mocidade gymnasial - O dever do momento, a effictuar-se na proxima segunda-feira ás 8 horas e meia horas, no Municipal, sendo a entrada franca; a segunda sobre o seu livro - A fazenda e o Campo, oferecida aos educadores mineiros.

Tatando-se de um grande espirito, moderno e bizarro como é o Dr. Carlos D. Fernandes, é de esperar que todo o Belo Horizonte intellectua accorra amanhã ao Theatro Municipal.

Hontem tivemos a visita do eminente homem de letras, acompanhado do dr. Paulo Haslocher, jornalista de rara vibração, muito conhecido em Minas.

Homenagem ao

ANEXO 65 – “Livros novos”, *Diário de Minas*, 4 de ago. de 1925.

No sollo verde do canteiro,
a linda espera o dia inteiro;
si volve a noite, espera em vão...
19-7-25.

Julinda de Alvim

Livros novos

Mario de Andrade: «A escrava que não é Isaura»—S. Paulo—1925.

Deus houve por bem desfalcicar Adão de uma costella, para criar a anedota do peccado original, a que faltava um personagem: Eva. Adão entregou a costella, viu a operação, e gostou. Pelo que resolveu criar também, e “tirou da lingua um outro ser”. Criou assim outra mulher, «humana, cosmica e bella», e collocou a no Ararat. Expulso do paraíso, notou-lhe a nudez, e deu-lhe uma folha de parrs. Oaim velo depois, e offertou-lhe «um velocino alvissimo». Vieram raças e mais raças; e todas cobriram a pobresinha com enfeites e mais enfeites. Finalmente, um vagabundo moço passou junto ao Ararat, onde, em vez do monte, encontrou uma confusa montanha de vestes e ornamentos. Deu um ponta-pé. «Tudo desapareceu por encanto. E o menino descobriu a mulher nua, angustiada, iguara, falando por sons muslozes, desconhecendo as novas linguas, selvagem, aspera, livre, sincera.»

A escrava chamava-se Poesia. O vagabundo, Rimbaud.

Eis como o sr. Mario de Andrade nos explica o titulo do seu livro, «A escrava que não é Isaura». Trata-se de um ensaio sobre a poesia modernista, apreciada em algumas de suas tendencias mais caracteristicas. Que dizer d'este trabalho?

E' sabido que o autor chocou profundamente os meios literarios do Brasil com a «Paulicéa desvariada». Uns puzeram em duvida a sua seriedade, outros o seu julzo. E assim, ora tido como «blaguez», ora como louco, o sr. Mario de Andrade preocupa muita gente que não é nem uma coisa nem outra... O facto é que o momento literario, neste palz, é de agitação, e mesmo de palção. Ha uma guerra, trincheiras, combates, futurismo e pasadismo. Quando se começar a ver claro, muita injustiça será corrigida, e um balanço imparcial das idéas dará a medida do que aproveitamos na peleja. Enquanto isso, contentemo-nos, como espectadores inevitavelmente suspeltos, a «torcer» pela nossa corrente preferida... Eu tenho a pequena valdade de ser franco e confesso que, embora não me interesse pelas estereis discussões de rotulos e marcas da fabrica, detesto a prosa do sr... (ponhamos João do Norte), e leio com volupia os desvarios do sr. Mario de Andrade. Pelo seguinte: O sr... (variemos para Laudellno Freire) é realmente muito sensato, e escreve coisas muito julzadas, mas, não tem um pinga de imaginação. Já o sr. Mario de Andrade será tudo o que os amigos

quizerem, mas tem imaginação; é alegre, forte, corajoso, estuante de selva intellectual. Que imaginação tem o sr... (digamos Osorio Duque), por exemplo? Que coisa tristemente sensaborona o seu «Reglstrô», com a sua respectiva palmatoria, e a sua obtusidade illimitada!

Não quero escandalisar os leitores do «Diario». Esta seccão não é minha, e se vim parar aqui foi apenas para fazer uma recommendação a meia duzia de pessoas. Sei que ha, espalhada em Bello Horizonte e outros recantos de Minas, meia duzia de creaturas curiosas do que é novo, do que é sincero, do que é bem intencionado. A essas eu recommendo «A escrava que não é Isaura». A's outras, não. As outras podem continuar a ler o seu Escrich ou o seu Humberto de Campos, no que fazem muito bem. Mas os curiosos... Ah! Os curiosos intelligentes de certo se deliciarão com estas paginas saudaveis e constructivas sobre: oconcelto de bellas artes e de poesia, destruição do assumpto poetico, descoberta da eloquencia, verso livre e rima livre, victoria do dicionarlo, analogia e paraphrase, substituição da ordem intellectual pela ordem subconsciente, associação de imagens, rapidez e synthese, poesia pam-psychica, simultaneidade ou polyphonsmo, musica da poesia, etc., etc. Dei o meu recado! Estou satisfeito, e desocupo a seccão.

C. D.

ANEXO 66 – “Passa uma aleijadinha”, *Diário de Minas*, 10 de nov. de 1926.

Diário de Minas

S O C I E D A D E

Passa uma aleijadinha

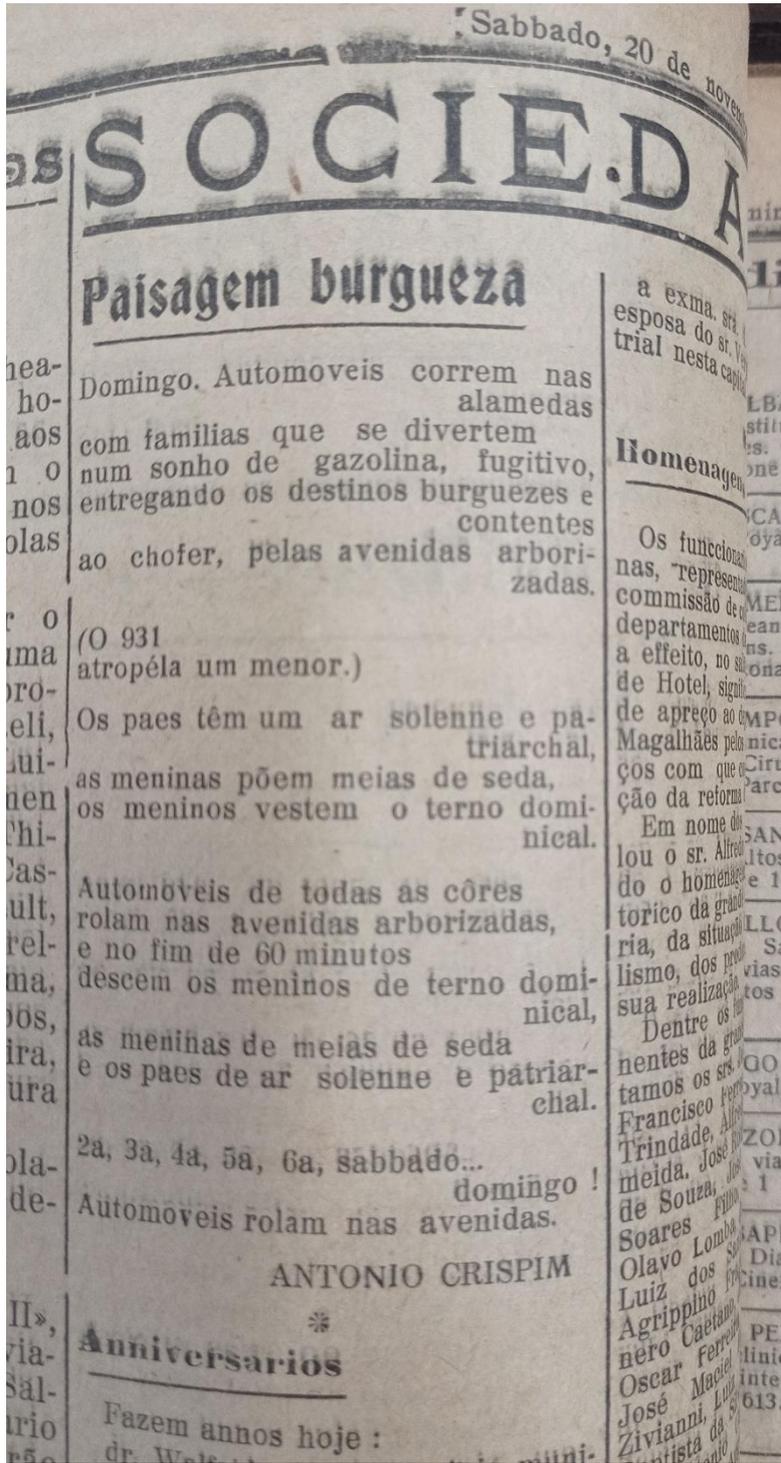
Passa uma aleijadinha,
toda curvada no seu vestido de chita
(uma coisa nas mãos do destino).
Vae apoiada ás muletas, que batem na calçada,
vae apolada, vae coxeando.

E ninguem a vê na sua tortura muito real,
ninguem a vê fugindo dos autos,
recuando, tropeçando,
insistindo.
Todo mundo tem pressa,
todo mundo tem negocios, amores, apperitivos a tomar.
A aleijadinha vae coxeando.

Subito, um bonde dispára.
A aleijadinha corre. As muletas caem.
Ella torce o corpo, desamparada,
e rôla nos parallepedos.
Mas logo se levanta (foi apenas um susto !)
acha uma muleta aqui, outra mais adeante,
e lá vae toda curvada, coxeando,
coxeando pela rua Goyaz.

CONSTANTINO SERPA

ANEXO 67 – “Paisagem burguesa”, *Diário de Minas*, 20 de nov. de 1926.



ANEXO 68 - "Dentro do baú", Diário de Minas, 30 de out. de 1926.

Dentro do baú

Só agora enxergo direito na minha infância pedaço de mim que se afastou sem ruído e volta hoje mansuetido. Foi menino calado, triste e frágilinho. Não sabia brincar. Só mais tarde aprendi, mas já era tarde e puz a meninice nos meus versos. "O que saudades que tenho da avó da minha vida!" Tenho saudades mesmo? Tenho e de boiar deserta que não dá nem mais para o sujeito, e leve que nem pena, e faz cecéja na gente, de leve, de leve. Chorei tanto, meu Deus! Porque imaginava histórias terribes, sombras, caranguejos, onças espiando debaixo da cama, esperando a hora em que eu dormisse pra me dar um bote, me estragarem! "Tá vindo, menino? Castigo da maceração!" Eui malcriado? Foi menino nervoso, triste, metido comigo mesmo, literário, isto sim. A história de Robinson Crusoe me comoveu tanto. Cheguei a cima das cativas coloridas do "Tio Tico". Quería ser ao menos Sexta-Feira pra ter um pedaço nas aventuras daquele homem admirável. E as aventuras enfileradas na minha frente, esses enreque. Meu irmão me chamava sorrateiro pra furtar jaboticas na hortã de D. Elisabeta. Não ia. Não era meião, não era vitioso: era o diabo da literatura. Acreditava mais nas histórias lindas que nas vividas. E o "Tio Tico" tinha pra mim uma voz mais doce que a da preta que me criou. O caculimbo da preta! Ela tinha um coração tão grande, tão grande que um dia arrebolando de tanto ser grande. O corpo preto esticado na chão, entre sulcos escuros e ladainhas resmungadas, no corredor que não acabava mais—que susto, meu Deus, que vontade de chorar até morrer porque a vida era triste e esse mundo não prestava e Deus deixou que a vida morresse! As namoradas que enlive eram moças feitas, que caminhavam pra casamento ou já tinham passado por elle de largo. Dellas eu gostava. E também de bonacas. Só que tinha vergulha de gostar e ficava espiando com um olho grande as bonacas importantissimas de minha irmã, gente seria, comportada, que não enfiava o dedo no nariz nem tirava banho de pé na vista dos outros, como fez minha prima Vituca, um dia que foi passear lá em casa, que horror! Bonacas, livros, janellas cerradas: Vi o sol no grupo escolar. Recreio. Não tinha mais pra fazer banho na barra e detestava a gymnasica. Primeiro aluno do grupo, e tão bem comportado! Preguiça de ser moleque, com muita vontade de pular e fazer besteira ardentio dentro de mim sem se descolhar. Quanto muito calado, ruimava piratas do Archipelago com bigodes de Julio Verne, caubos furando tripa-de-jaguncos da Bahia com pistolas deste tamanho, jaracis disfarçados em esquilinhos comendo carne hinda na beira do Ganges. Contudo, sensação, pulo, outro cenário; o collegio. A meninice ficou lá longe no baú do quarto dos fundos do casarão colonial, a vida foi clareando, clareando, mas luz chata espilhou sobre as minhas queixas, covardias e sustos. O menio desm não me orgulho calado e não volto mais... Pois hoje me bateu uma bruta saudade desse menu impossível desaparecido no baú. (Do livro medido "Cahno-cá-59)

JANUARIO BUENO

Os srs. Ophly Ribeiro e Floris Coelho da Fonseca acabam de adquirir o esplendido Hotel Bello Horizonte

O mais bem situado da capital, á rua Cates n. 479, prédio novo, arde de construído de accordo com as mais modernas exigencias e magnificamente mobiliado, dispondo de outras instalações, com serviço de elevadores electricos e todos os demais requizitos que o tornam um hotel moderado.

Assim aparelhado e oferecendo o

voe glorioso do "Jahu"

Os tripulantes do "Jahu" continuam retidos em Las Palmas

Las Palmas, 29 (AA)—Os heróicos tripulantes do "Jahu" continuam retidos aqui, em consequencia do mau tempo entre as Canarias e os Açores.

Noticias do Porto Praia dizem que o aliois, forte vento equatorial, corta os tropicos de leste para oeste, pelo que se torna perigosissima a travessia, actualmente.

Realizou-se hontem, ás 20 horas, no salão nobre da Escola Normal Modelo da capital, a interessante "Festa da Rosa", organizada pelo "Gremio das Graduandas", cuja actuação na vida escolar daquelle estabelecimento vem se fazendo sentir cada vez se mais intensa e benéfica, como elemento da vida e vibração do espirito da mocidade feminina, que ali se prepara para educar a infancia.

E outra não foi a impressão deixada na alma de quantos tiveram a fortuna de assistir a encantadora e delicada "Festa da Rosa", hontem realizada perante uma assistencia selectissima, que soube fazer justiça aos esforços despendidos por aquelles senhoras de aquelle gremio para proporcionar a nossa alta sociedade gozo artistico.

Foram applaudidos com entusiasmo Flausino Valle, que teve parte saliente nesse festivo, as encantadoras senhoras que se dansaram o "baillado classico", Teresinha Bolivar, a Varella, e as gentis e senhorinhas que executaram com tanta graça a "dança hespanhola".

Terminou o programma, executado magistralmente ao violino por Flausino Valle, acompanhado ao piano pela menina Teresinha Bolivar, entrega da rosa, distinctivo das graduandas normaes, a qual foi feita pela senhorinha Aildeya Ferreira, presidente do "Gremio das Graduandas" a feroicramista, senhorinha Amalia Brito, tendo ambas proferido nessa sollemnidade applaudidos discursos.

Mais uma etapa vencida pela Victoria a Minas

Antonio Dias, 29 (Do correspondente)—O lastrado da F. Victoria a Minas passou hontem a Cachoeira do Salto, e attingiu hoje o Posto Grande, a um kilometro da sede desta villa.

Carteira de "chauffeur"

Submetteu-se á assignatura do sr. delegado auxiliar a carteira do "chauffeur" João Rizzo.

Declarações do aviador Arthur Cunha sobre a partida do "Jahu"

Las Palmas, 29 (AA)—Os arrojados aviadores brasileiros estão gratissimos pelas homenagens que lhes estão sendo dispensadas e pelos auxilios do governo do Brasil e movimentos de todas as classes no Rio e S. Paulo. Recife, Santos e outras cidades.

Hontem á noite, o sr. Arthur Cunha, um dos aviadores do "Jahu" falando á imprensa, declarou que não podia ainda precisar com segurança quando continuaram o voo de Genova—Santos, dependendo unicamente das condições atmospericas do Atlantico.

O "Jahu", afirmou aquelle aviador, está preparado para decollar, a qualquer momento. O tempo aqui tem melhorado, sendo provavel que não haja necessidade de ser o aparelho transportado para a Bahia de Gandó.

Os tripulantes no "Jahu" dedicaram o dia de hontem na limpeza dos motores.

Sabão para barba

SO

"BEIJA-FLOR"

Não irrita a pelle suavizando a acção da navalha

A' venda em todo o Brasil

d. lopes & Cia.

SOCIEDADE

Elegia do rei de Sião

Pobre rei de Sião que morreu de amor por não ter um filho varão!

Pobre rei de Babilônia que morreu de amor, querendo, bonito, decorativo, que morreu especialmente para se casar com a filha do rei de Sião.

O filho que elle desejava, a filha que elle desejava, e o seu desejo de um filho era morto.

Pobre rei de Sião, que Camões deu a nome de Sião, e nomeava de Sião um filho varão.

De sua esposa real nasceu uma filha, e a filha, a rei cahi para tres dias, e os tres dias, hebeu um veneno terrivel, e morreu.

Sou coração emnegrecido de repente e o corpo ficou todo fofo.

Depois questraram o corpo fofo e a alma do rei de Sião fugiu este mundo.

Pobre reinado de Sião!

Arthritismo, RHEUMATISMO, CANCROS, YU BOUBAS, GARTHRIS, PANNDIS, EMPIGENS

TAYU

DEPURADOR, TORNICADO O SANGUE COM O

TAYU

em S. Paulo na BARRA TERES S. J. SAUBER & BEA ESTAR

Bello Horizonte terá um grande hotel

Estamos informados de que serão atacadas no proximo mez de novembro as obras de construção de um grande e moderno hotel nos terrenos da antiga praça do Mercado. Realiza-se, assim, uma das velhas aspirações da Capital.

Musica

George Marinuzzi

Conforme noticamos, ha dias, realiza-se hoje, no Theatro Municipal, o esperado concerto do illustre violinista patricio prof. George Marinuzzi.

Esteve com o concerto uma commissão de jurados, que se compoem de: Bach—Ciacoma (Violino só), Lalo—Symphonia hespanhola.

Segunda parte

E Guerra—Melodia, Mouret—Deux Bourrés, Moussorgsky—Las larmes, Kreisler—Schon Rosmarin, Hierro—Jota, Hauser—Rhapsodia hungara, Sarasale—Zigzaguescu.

Os acompanhamentos de piano serão executados pelo prof. Pedro de Castro.

O Concerto Symphonico de amanhã

Realiza-se, amanhã, ás 10 horas, no Theatro Municipal, mais um sarau promovido pela Sociedade de Concertos Symphonicos da capital.

No programma, que está sendo organizado pelo maestro Francisco Nunes, director do Conservatorio de Musica, salientamos, entre outros numeros, os seguintes:—Beethoven e For. Gint (Grieg).

BARYTONO FERREIRA DA SILVA

Este festejado barytono, que actualmente se achã na capital, contratado pela Empresa Gosa Nogueira, para o Theatro Avenida, um auto palco

Anniversarios

Fazem annos hoje os srs:

Dr. Abilio Machado, rector do Colégio de S. Rita do Sapucahy; Alvaro Santos, funcionário; Dr. Godofredo de Lima, advogado em S. Rita do Sapucahy; Dr. Alberto Gomes Ribeiro, camara municipal de Irapueta; Elto Moreira dos Santos; Cyro Vaz de Mello; Armando Diogenes de Andrade.

Faz annos hoje a exma. sr.ª D. Sylvia Felix da Silva, professora da Escola Infantil "Delfim Moreira".

Faz annos hontem o joven João Evangelista Berço.

Passa hoje a data natalicia da exma. sr.ª D. Maria Candida Lott, esposa do sr. major Herciliano Leitão.

Viajantes

Estive na...

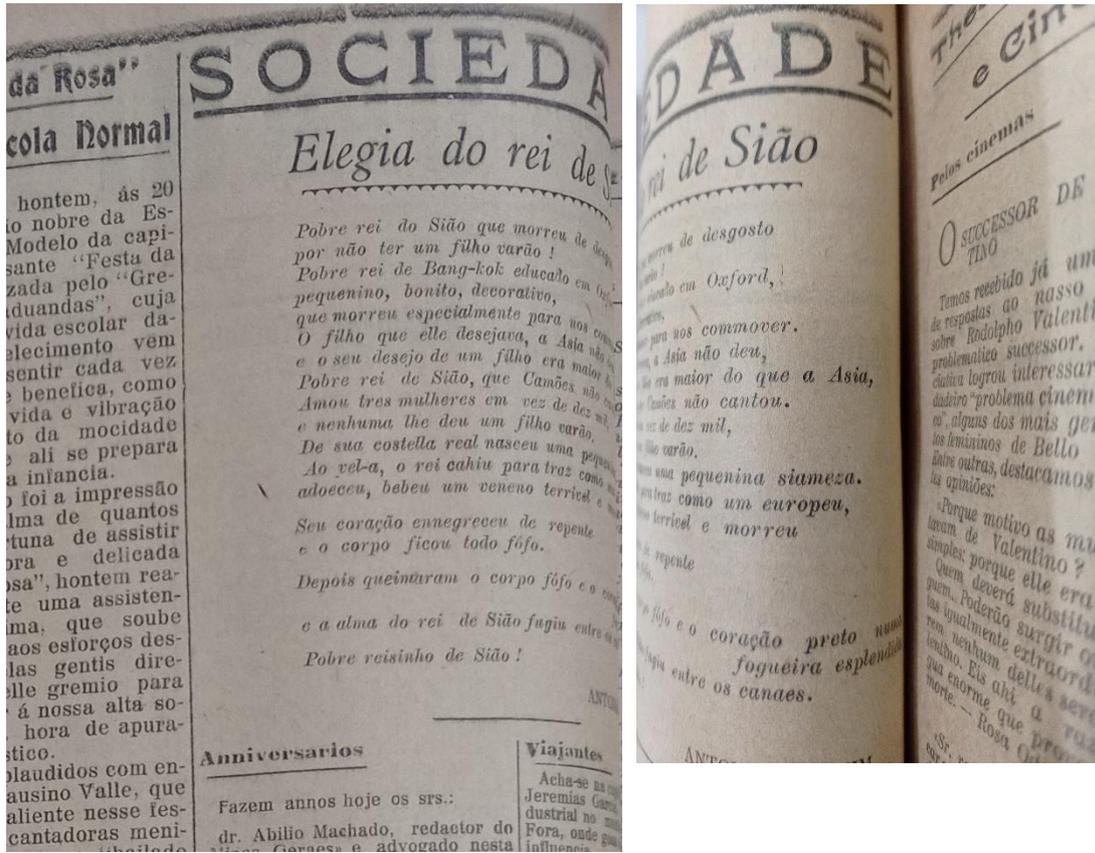
Pelos luto

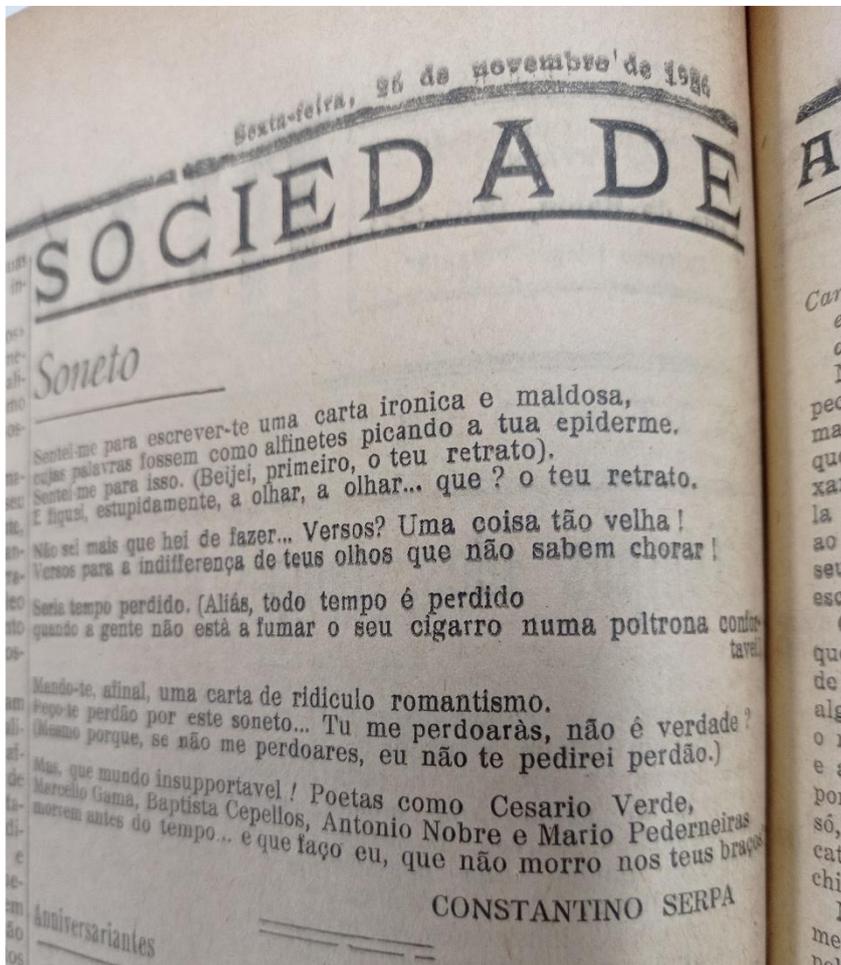
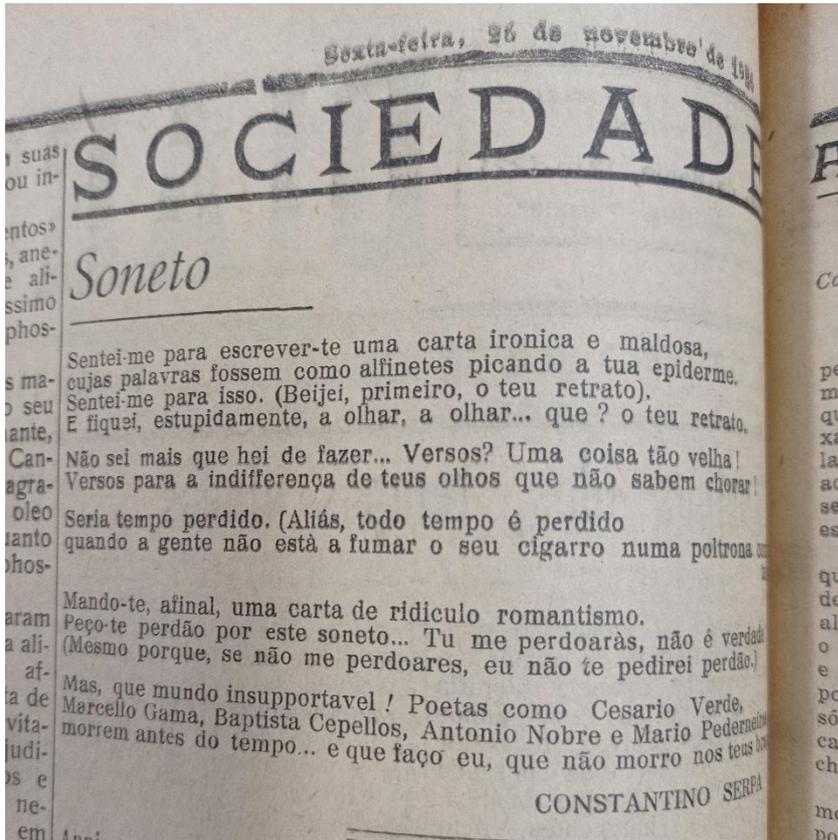
Estive na...

O Dia do...

Estive na...

ANEXO 69 – “Elegia do Rei Sião”, *Diário de Minas*, 30 de out. de 1926.



ANEXO 70 – “Soneto”, *Diário de Minas*, 28 de nov. de 1926.

ANEXO 71 – “O homem de preto”, *Diário de Minas*, 3 de dez. de 1926.

Sexta Feira, 3 de dezembro de 1926

não arredar-se
mos sentado, im-
ó, á espera de
n. 80 o levasse
a.
esse razão...

—
ogado um capi-
a inglez
arios) — Quando
hoje, na praça de
eu atogado o ea-
z sr. Jorge Jan-

S O C I E D A D

O homem de preto

O homem de preto olhou o re-
logio. Ainda não havia chegado a
hora. Tirou um cigarro do bolso.
O phosphoro illuminou a sua phy-
sionomia como uma idea. Da rua
vinha um borboricho longinquo:
appellos mysteriosos, sombras e
melancolias desorientadas abriam
azas de tragedia na sua vida.
— Porque iria fazer aquillo?
Equações dolorosas cahiam na
sua alma como perdigottos. Levan-
toui se e obrigou o relógio velho a
dar as doze badaladas muito conhe-
cidas das novellas impressionantes.
Um morcego zuniu no corredor vi-
zinho. E, depois, — o silencio... Sem
saber porque, elle pensou na cabel-
leira postica da italiana do 1.º an-
dar. Nunca mais a filha da italiana!
Contou tres vezes o numero de ci-
garros que aiada trazia no bolso.
Interessante: não eram treze! Foi
então que elle atirou um olhar rapi-
do para a folhinha: 13! Teve uma
sensação cabotina de vaidade. E
sentiu-se personagem de uma trage-
dia completa, em variadissimos
actos...

J. BUENO

*

Anniversariantes

De ante-hontem:
sr. José Maria Senna, auxlliar da

tambem a gravata, á
para collocal-a. E
sem collarinho, e sem
resta acabar de vez com
sa: com as botinas.
Guerra pois ás botinas
estão caceteando a

Visitas

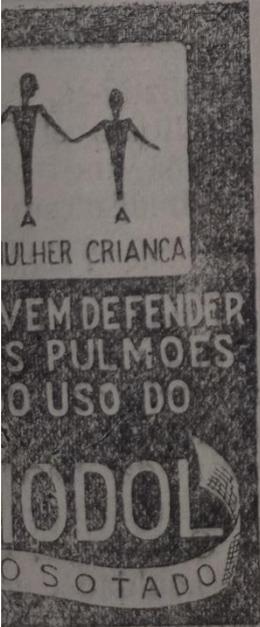
Houve nos hontem
visita a esta redacção
lio Machado, director de
Official, que veio agrada-
ferencias, aliás justissimas
pelo “Diario de Minas”
me, por occasião de sua
para occupar aquelle

Visitou hontem o “Di-
nas” o sr. dr. Hildebrando
Pontes, presidente da Soc.
Geographia e Historia
de Araxá.

Esteve hontem em
ção o sr. coronel Antão
des, chefe politico em
que nos apresentou as
didias por ter de segun-
aquella cidade. *

Viajantes

— Acha se nesta
Dias, representante da
panhia editora de S.
hontem



MULHER CRIANÇA
VEM DEFENDER
OS PULMOES
O USO DO
MODOLO
SOTADO

ue se desoc-

ANEXO 72 – “Família”, *Diário de Minas*, 4 de dez. de 1926.

Sabbado, 4 de dez

S O C I E D A D E

Família

ultimo, deu á
uma robusta
masculino.

a. Com um
ços a man-
tação, a to-
as todas do
ar emfim o
seria de sua
stante gizou
plano maca-
a executal-o.
gou de uma
tira de pan-
agasalhar a
nte—enrolou-
te, e apertou.
o fragil cor-
izasse, o que
ito. Feito isso,
usculo cada-
ão de roupas
o tragico em-
r de um bahu'.
a' hora do al-
u que ia sahir

uma amiga que
' patrão.

onfiou daquel-
ca em hora de
nais pelo de-

Tres meninos e duas meninas
sendo uma ainda de collo
a cosinheira preta a copeira mulata
o papagaio o gato o cachorro
as gallinhas gordas no palmo de
e a mulher que trata de tudo.

A espreguiçadeira a cãmã a gã-
gorra
o cigarro o trabalho a reza
a goiabada na sobremesa de do-
mingo
o palito nos dentes contentes
o gramophone rouco toda a noite
e a mulher que trata de tudo.

O agiota o leiteiro o turco
o medico uma vez por mez
o bilhete todas as semanas
branco! mas a esperança sempre
verde.

A mulher que trata de tudo
e a felicidade.

El caballero sentimental

*

Anniversariantes

De hontem :

to do seu prim
assim que o s
lizará hoje.

Viajantes

Vinda do Rio
a exma. senha
Mello Bernard
do sr. dr. Art
sidente da Re

Acompanha
rinha Eunice
se na capital.
Hotel, o sr. d
advogado em

— Acha-se
Generoso He
tuado e chefe
Bomfim.

— Vindo d
esta capital.

— Embarca
— para o
de Araujo e
— Ponte N
to Lobo.

— Ewban
nheiro J. A.
— Santa
Fonseca e

ANEXO 73 – “E o fim coroa a obra”, *Diário de Minas*, 21 de dez. de 1926.

do trate
tral

LECIDOS

A adminis-
do Brasil ex-
r:
ficam resta-
rens:
em todo o per-
2 não farão
ens S 1 e S 2,
a circulação
ette. Os trens
a circular em
essa circular,
até Lafayette e
estação de D.
s também as
s trens LP 3 e
entretanto, só
nunciada por
NP 1 e NP 2
das dos trens

do tratado
S O C I E D A D E

E o fim corôa a obra

Uma toada melancolica
sóbe no ar melancolico
melancolicamente...

Que melancolia !

.....

Accendei os vossos cachimbos !
Esvaziae os vossos copos !
Illuminae as vossas carrancas !

Acabou-se a poesia melancolica.

Antonio CRISPIM

Anniversariantes

De hoje :

dr. Themistocles Barcellos, enge-
nheiro;
dr. Epitacio Ferreira de Carvalho,
escrivão do 3.º officio judicial;
dr. Thomé de Vasconcellos, ad-
vogado em Ouro Preto;
sr. Eugenio Salles, funcionario
publico;
sr. Philogonio Soares, funciona-
rio da Secretaria do Interior;

cintho Campos, direc-
to Roentgen do Rio

Estão na cidade: m
ra, o sr. dr. Gabriel
Dores do Indaya os s
tico José Hemeterio
ronel Julio Ribeiro.

Acha-se na capital
o academico de Mau
vaes.

Acham-se ha dias
hospedados no Gram
Sylvio Marinho, prefe
queira e senhora.

Regressaram do Ri
deu Dias Maciel e se

De regresso de Cru
capital o dr. Lourenc
ves, director da Rede

Embarcaram hontem
—para o Rio, os srs
dino Lima, Victor Fre
de Lima, João Pinheiro
al de Sá e Silva a
nio

ANDE

ANEXO 74 - "Voto em separado", Diário de Minas, 5 de jan. de 1927.

A transformação da Delegacia do Tesouro em Inspectoria Fiscal

O organ official do Estado publico, ha dias, reproduzindo o honorem, por ter sahido com engano de copia, o regulamento da Inspectoria Fiscal do Estado de Minas Geraes, com sede no Rio. Essa Inspectoria não é mais que a antiga Delegacia do Tesouro de Minas, devidamente transformada e aparelhada para preencher os seus antigos e novos delicados misteres. Determinando essa transformação, o sr. Presidente Antonio Carlos e o dr. Gudestey Pires, Secretario das Finanças, deixaram os seus nomes ligados a uma obra de grande alcance para a vida financeira do Estado.



DR. GUDESTEY PIRES

Reparação de marcada importância no nosso mecanismo administrativo, a Delegacia do Tesouro necessitava, para melhor servir os nossos interesses, de submeter-se a um rigoroso e methodico plano de reorganização.

Esse plano ali está, objectivado com escripturo e intelligencia nos artigos, do regulamento ora publicado. Por esse regulamento, e de accordo com a limpa exposição de motivos do dr. Gudestey Pires, a Delegacia, com a nova denominação de Inspectoria Fiscal de Minas Geraes, no Rio, passa a exercer elevada missão de vigilância sobre a arrecadação de nossos impostos, que se pagam no Distrito Federal. Simultaneamente, livre das obrigações de thesouraria, occupase-a "na repressão dos contrabandos e na luta contra a evasão de rendas, subtil e multifórme".

O Banco de Credito Real, tomando asi os encargos de pagadora e recebedora, passará a ter sua agencia entregue a um director, funcionando no proprio edificio da Inspectoria.

Far-se-ão os recebimentos mediante guias expedidas pela Inspectoria. Para os pagamentos, a Secretaria emitirá saques directos contra o Banco, ou então o director da Inspectoria assignará cheques caso se trate de juros de apolices ou de vencimentos do pessoal.

Desapparecendo os logares de thesouro e de fiés, advenha uma economia para o Estado, de 23:268.900 annuos.

Os primeiros cofrendes e escripturarios da Inspectoria ficaram equiparados a seus segundos officiaes da Secretaria das Finanças. Desapparece o cargo de amanuense.

Mesmo levando em conta as equiparações, alias justissimas, ha uma economia de 7.750.000 para os cofres publicos.

Eis ali, em seus fundamentos gerates, o que é a importante reforma levada a effeito pelo illustre presidente Antonio Carlos, em collaboração com o seu esclarecido auxiliar da pasta das Finanças, dr. Gudestey Pires. Um acto como esse honra a administração que o concebeu e executou, e é um attestado eloquente do quanto é pujante e eficiente a mentalidade que predomina nas altas espheras administrativas.

Casas que se desocupam

Ao Desinfectorio desta Capital, foram entregues hontem as chaves das seguintes casas: Rua Claudio Manoel, 612; Alcm Parahyba, 303; Araguaia, 1.418; Francisco Soucaesau, 169; Alvares Maciel, 472.

Voto em separado

Nós pensamos muito antes de responder á pergunta do "Diário" sobre o principio dos poetas mineiros. Não vê que essa historia de principio dá um azar! Mas era urgente que o futurismo de Minas desenrolasse á clara luz desse, com a sua pata de elephante, uma opinião a respeito... Pata de elephante tá aqui. A gente tambem tem opinião, essa é boa. Bestinha talvez mas vinda lá do fundo incorruptivel do coração mais da intelligencia, e essa opinião é afinal tão respeitavel como a do dr. Vinicio Cavalcanti de Albuquerque, collega aqui do João Alphonsus no futebol com batina de Marianna. Vinicio vota em "Ninguem", ora "Ninguem" é muita gente que já abscotou mais de 10 votos nesse concurso engraçadissimo do "Diário". Pois nós queremos volta-pata de elephante tá votando—mas é num poeta que está muito longe de nós, que não nós conhece, que talvez mesmo faça questo fechada de não nos conhecer literariamente. Esse poeta que muitos acham pão e muitos acham sublime, nós não achamos elle nem uma coisa nem outra, mas apurei um bom poeta mineiro de Minas, prompto! E já vamos dizer porque.

Concurso pra principio da poesia em si esse candidato for o mesmo é bobagem essencial e respeitavel. Como que a gente pôde fingir que não põe repero nella? Tem de votar tambem, ut, si não quiser que Vinicio seja eleito o seu candidato maleico (porque nós sabemos que Vinicio tem o seu candidato guardado pro momento proprio).

Que coisa terrivel, meu Deus, ver o sinistro critico do nosso poeta mineiro de Minas, prompto! E já vamos dizer porque. Concurso pra principio da poesia em si esse candidato for o mesmo é bobagem essencial e respeitavel. Como que a gente pôde fingir que não põe repero nella? Tem de votar tambem, ut, si não quiser que Vinicio seja eleito o seu candidato maleico (porque nós sabemos que Vinicio tem o seu candidato guardado pro momento proprio).

Que coisa terrivel, meu Deus, ver o sinistro critico do nosso poeta mineiro de Minas, prompto! E já vamos dizer porque. Concurso pra principio da poesia em si esse candidato for o mesmo é bobagem essencial e respeitavel. Como que a gente pôde fingir que não põe repero nella? Tem de votar tambem, ut, si não quiser que Vinicio seja eleito o seu candidato maleico (porque nós sabemos que Vinicio tem o seu candidato guardado pro momento proprio).

Tivemos que escolher, pois, o nosso candidato nas lideiras do outro lado. Um nome appareceu logo, cheirando a rosas silvestres: Belmiro Braga.

Mas Belmiro, o delictioso Belmiro, não tem a preocupação absorbente e unica de ser um poeta mineiro. Farreia em outras paizagens e charlestona por outras terras. E é lyrico demais. O mineiro-mineiro não é muito lyrico não. Belmiro é. E ás vezes até meio complicado demais da conta. Mineiro é simples. Belmiro tambem, mas sua simplicidade é gostosa como uma pagar imposto na Collectoria Parnasiana, que toquia a pobrezinha, etc. Belmiro, excellent poeta mineiro, não é o mais mineiro de todos.

O mais de todos é esse que nós vamos votar nelle. Galma, minha gente! O nome even já. Se trata de um homem quieto no seu canto, que não dá entrevistas nem escreve artigos vinciancos. E o povo gosta nelle. Tem meninos, tem mulheres, tem velhos que estão votando nelle. Não é um bom signal? É. Esse poeta, que pertence á Academia Mineira de Letras,

não deve nada á Academia. Porque não ficou mais rico nem mais formoso entrando pra ella. O nome delle anda na bocca ingenua do nosso pessoal, tem já uns vinte annos. Certo dia um de no's entrou na livraria Alves e perguntou ao Kneipp: — Quem que vende mais aqui, dos poetas mineiros? Kneipp respondeu o nome delle. Seus livros se vendem que é um horror. Sem reclamação. Bom! Isso.

— Talvez não haja um estado no Brasil em que um livrinho delle não esteja guardado com amor numa estante escolhida. João Alphonsus, em Caravelas, ouviu da bocca de um prateiro uma quadrinha deste poeta.

Em Nova Friburgo, num hotel, um senhor falou assim a Carlos Drummond Andrade: — A poesia desse moço me fala de Minas. É a voz mais pura de Minas que eu já ouvi. De Fortaleza, Antonio Sales escreveu um dia a Pedro Nava:

— Vocês ali que cuidam de arte, deviam meditar nessa obra de uma tão encantadora cor local, de um regionalismo tão marcado e ao mesmo tempo tão extremo de vicios regionalistas.

Basta. A poesia delle, simples como as coisas simples, pôde ser repartida com todos como o pão da Biblia. E é pura que nem a agua das nascentes mais reconditas. Sem excessos sentimentaes, porque é o sentimento mesmo de Minas, profundo e calado. Bem mineira das alterosas.

Bem no's mesmos. Até agora não supplanada. Voltamos pois no sr. Abilio Barreto.

Bello Horizonte, 1. de Janeiro de 1926. Carlos Drummond Andrade, Eudilo Moura, João Alphonsus, Pedro Nava, Martins de Almeida

Advertisement for TAYVA medicine, listing ailments like Arthritismo, Rheumatismo, Cancros, Boubas, Dathros, Y Pannos, Empiagens, and Depurando e Tonificando o Sangue com o TAYVA.

O centenario de Beethoven

Segundo informam telegramas de Leningrado, o centenario anniversario da morte de Beethoven será allcomemorado com grande solemnidade. Pretendem organizar um cyclo de concertos symphonicos e oratorios do grande compositor allemão, e já se sabe que o sr. Otto Klemperer, o maior regente de orchestra da Allemanha, será director musical desse cyclo, que durará um mez mais ou menos, no Salao Philarmónico daquela cidade. Aem disso, o celebre quarteto Goznov, composto de músicos russos, executará um numero das sonatas de Sudwig Beethoven, e de outras musicas de camera. Os organizadores dessas festas commemorativas contam com o apoio do Governo do Soviet.

O PRINCÍPIO DOS POETAS MINEIROS

O plebiscito do "Diário de Minas"

- Voos apurados até hontem á: Belmiro Braga 820, Abgar Renault 653, Honorio Azevedo 495, Augusto de Lima 454, Renato Travassos 367, Juliano Alvim 345, Djalma Andrade 343, Marlo de Lima 335, Abilio Barreto 285, Henriqueta Lisboa 285, Celina Coelho, 221, Henrique de Rescos, 189, João Alphonsus, 180, Tiburcio de Oliveira, 162, Franklin de Magalhães e Minato Santiago, 150, Edmundo Lys, 124, Emilio Moura 130, Heitor Lima, 128, João Dorris Filho, Baptista Santiago e Franklin de Sales, 115, Grupy de Vasconcellos, 111, Pedro Nava, 110, Caio de Mello Franco e Mario Cassasia, 50, Lindolpho Xavier, 89, Gastão Friburgo e Lício de Souza, 87, Agenor Barbosa, Wellington Brandão e Carlos Drummond Andrade, 30, Mario Mendes Campos, 49, Alípio Machado e Horacio Guimarães, 45, Ramos Arantes, 47, Antonio Soares, 45, Walmar Coelho Pinto e Austen Amaro, 43, Eurico da Trindade e Noraldino Lima, 30, Oswaldo de Araújo e Carlos Gões, 35, Flausino Valle, 24, Archangetus de Guimarães, 32, Miguel Lopes, Dario de Alencar e Maria Rita Burnier, 10. E outros menos votados.

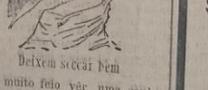
As purações ditas têm sido publicadas com alguns enganos, desculpavos devido ao extraordinario movimento do concurso. Desse modo, porém, observar o maior escripturario nessa operação, procuramos rectificar todos enganos com a maxima presteza. E assim que, em nosso numero de hontem, deixou de figurar o nome dos poetas Horacio Guimarães, com 47 votos e Austen Amaro, com 35.

E excusado acrescentar que toda a correspondencia do concurso está em nossa redacção, á disposição dos interessados e curiosos.

O Principe dos Poetas mineiros é...

Assinatura.....

As meças elegantes usam, "Magic"



Beleza seccar bem

É muito feio ver uma senhora em meça com seu vestido manchado pelo suor isto pode evitar-se usando o maravilhoso produto que supprime a transpiração das axillas evitando as manchas dos vestidos e o uso dos horribes sandores de borracha fazendo desaparecer até o mais offensivo odor que, ás vezes, com o prado, MAGIC é o unico garantido e inoffensivo á saúde pelos drs. Miguel Couto, Austreberto Terra, Aloysio de Castro e Wernneck Machado.

Será possível ter maior garantia que os nomes destes medicos, portuarias, peço do vidro \$100, pelo correio mais 25000, Poetas & C.

Festival infantil

Um grupo do senho da nossa sociedade a qual está á professorazinha Zenobia Corrêa R pretende realizar um infantil, amanhã, ás 2 no Salao de festas da Curitiba. Esse festival é um beneficio das obras de caridade da parochia de Ephigenia dos Militares, mente louvavel m tal mente, em grupo de senhor não tem poupadu estorço ra que o festival de an seja um verpaidero acontecimento.

Foi organizado o seu programma para essa festa: I parte: I - Quadrilha ceza; II - A promessa de galena, opereta em I; III - Os baleirinhos, cantata. Nesá intervallo serão dadas balas pelas meninas numero "Os baleirinhos" resultado será para o m fim deste festival.

2ª parte: I - Vendedor passaros, cançona; II - moleiros, bailado; III - canto do jardim, bailado sico. IV - Apotheose. As entradas para essa estão á venda na redacção "O Horizonte".

Anniversariates

De hoje: dr. Manoel Lagoeiro, advogado; dr. José Ribeiro Vianna, lunario da Secretaria da Camara; deputados e advogado; dr. José Arzembro de Moura, sidente da Camara de Dores d'ayá, e clinico aquella cidade; dr Pio Alves Pequeno, me em Barbacena; dr. Olavo Drummond, advog em Santos; dr. Armando Santos; senhorinha Cora de Freitas xeira, professora do grupo esportivo Maciel; senhorinha Marietta Santos, f do coronel João Xavier dos S; senhorinha Flora Joviano, f do professor Arthur Joviano, e professora no Rio; Berenice, filha do major Domingos Sabino.

De hontem: o deputado Fidelis Reis, repres de Minas na Camara Federal; dr. Mario do Carmo Rocha; senhorinha Palmyra Ribeiro, f do coronel José Ribeiro da Silva.

Bailes

A familia Pires e Albuquerque offerceu, hontem, ás pessoas e suas relações, uma elegante festina que terminou com um arado baile que se prolongou a altas horas da madrugada. A festa compareceram pessoas de no sa melhor sociedade, e o baile transmittido, não faltando mesmo, par maior brilho do sarau, a alegre ruidosa de uma orchestra finamente organizada para aquelle fim.

Advertisement for Sabonete DOLORE, priced at 7.00, available at Praça Tiradentes.

Advertisement for Sabonete DE Flava, with a list of ailments like Bronchites, Tosses, etc.

ANEXO 75 – “Pipiripau”, *Diário de Minas*, 30 de jan. de 1927.

Belo Horizonte, Domingo, 30 de Janeiro de 1927

ano Mineiro

itoral

ustificada, assim, a traços ra-
os, a elaboração da chapa, que
operou no ambiente de plena
monia e cordialidade, a que, de
muito, se acha affeita a nossa
tica, a Comissão solicita, pa-
os nomes escolhidos, como con-
mação de confiança contida nas
legações recebidas, o decidido
paro do eleitorado mineiro.
Belo Horizonte, 19 de janeiro de
27.

Arthur da Silva Bernardes.
Fernando de Mello Vianna.
Francisco Alvaro Bueno de Paiva.
Laor Prata Soares.
José Monteiro Ribeiro Junqueira.
Alio Bueno Brandão.
Padre João Pio de Sousa Reis.
Alfredo Sá.
Acivindo Eduardo Coelho.
Afonso Penna Junior.

—

PARA SENADOR FEDERAL

Dr. Arthur da Silva Bernardes.

—

PARA DEPUTADOS FEDERAES

1.º districto

Dr. Albertino Ferreira Drummond.
Dr. Cornelio Vaz de Mello.
Dr. Daniel Serapião de Carvalho.
Dr. Joaquim Ferreira de Sales.
Dr. José Alves Ferreira e Mello.
Dr. Mario Gonçalves de Mattos.

2.º districto

Dr. Francisco de Campos Valadares.
Dr. Francisco Peixoto Soares de Moura.
Dr. João Nogueira Penido.
Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.
Dr. Odilon Duarte Braga.
Dr. Sandoval Soares de Azevedo.

3.º districto

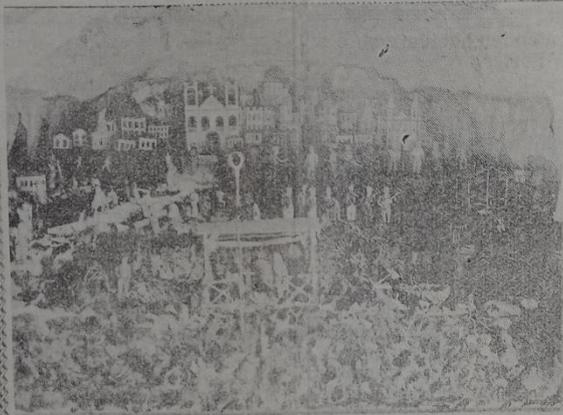
Dr. Augusto Gloria Ferreira Alves.
Dr. Emilio Jardim de Rezende.
Dr. Eugenio da Cunha Mello.
Dr. João Baeta Neves.
Dr. José Monteiro Ribeiro Junqueira.

4.º districto

Dr. Antonio Augusto de Lima.
Dr. Basilio de Magalhães.
Pharmaceutico João de Almeida Lisboa.
Dr. Raul de Faria.
Dr. Raul de Noronha Sá.

O presepe do Pipiripau

Vista do curioso presepe do Pipiripau, arma-
do na Floresta pelo sr. Raymundo Machado de Aze-
redo, mechanico da Empresa Gravatá, o qual convi-
dou o «Diario de Minas» para padrinho do mesmo.
A proposito desse presepe, o nosso collabora-
dor Antonio Cripim nos remetteu o poema que pu-
blicamos abaixo.



Pipiripau

*Os musicos tocam baixinho
uma suave musica fininha
que sobe prás estrelinhas
do céu pintado de azul.
Gira e regira na praça
A eterna zango-burriinha
— tão engraçadinha !*

*Olha a calma do pescador
pescando sempre o mesmo peixe
com o mesmo anzol*

Olha o barqueiro que não é Pedro...

*Os meninos perfilados germanicos
entram na igreja e saem depressa
E tornam a entrar.*

(E tornam a sair)

*A atmosphera febril de trabalho;
ferreiros sapateiros mevendo.
A calma das casas subindo a ladeira
descendo a ladeira e os bichos
candidos bichos de papelão
rodeando o menino Jesus que abençoatupulito
tuaio !]*

*Meus olhos mineiros
namoram o presepe
e dizem alegres: Mas que bonito !*

ANTONIO CHRISPIM

O Instituto Raul

CIFRAS E DADO

A directoria do Instituto Neuro-
Psychiatrico Raul Soares acaba t
de publicar o relatório de seu s
movimento no anno findo.
E' esse um documento de
grande interesse, e que vem pô
em foco a modelar organização
daquelle estabelecimento. Com ef-
feito, o Instituto Raul Soares
honra o nosso Estado. Sua crea-
ção, aparelhamento e manuten-
ção pelo nosso gove no constituem
um serviço inapreciavel presta-do
à communitade. Temos, emfim, ve
um hospicio de alienados que não
é um simples asylo como não é
tambem uma casa de supplicios. an
Ali os doentes são tratados com
carinho e cuidadosamente meli-
cados. O conforto, a ordem, o Pe
asseio reinantes no estabeleci-
mento são insuperaveis. Aquelle
enorme predio dotado de todos
os requisitos modernos de uma ca-
sa de saude não desperta nos vi-
sitantes impressões dolorosas ou
lugubres. E depois, ha a certeza
de que ali, o conforto material
se casa a um outro, bem mais
necessario, o conforto moral pro-
duzido pela extrema dedicacão de
todos os responsaveis pelos ser-
viços do Instituto. A' frente des-
tes, está o sr. dr. Alexandre
Drummond, o profissional com-
petente e o coração bondoso que
todos admiram, rodeado pelos
srs. dr. Galba Moss Velloso, ali-
enista de secção de homens, que
tem como assistente o academico
Coutinho Cavalcanti; dr Sylvio
Cunha, alienista da secção de
mulheres, que tem como internos
o dr. Francisco de Sá Pires e o
academico Augusto de Guimarães
pharmaceutico Cypriano Coutinho;
srs. Jannario Bittencourt econo-
mo-almojarife. e Pedro Bueno,
escripturario. Seria ocioso enca-

Recepção em Palacio

Conforme noticiamos, tera'
logar hoje a recepção que a
senhora Antonio Carlos ofere-
ce a' alta sociedade da ca-
pital.
A recepção sera' das 21 a's
24 horas e como na primeira,
não sera' exigido traje de
rigor.

O AGRIDOL pela sua facil as-
lação, simpelo grande valor dos
elementos que o compõem, é o re-
medio mais completo e de mais
seguro effeito no tratamento da

O DIA

perfeitamente enfrontados em
coisas musicas, consideram o
harmonium preferivel, na escola,

Alfonso SCHMIDT

Retrato

Elle cultivava a contradição discreta. Nunca teve opinião, ou melhor, teve todas as opiniões, mas pelo avesso. — Como eu gosto de Victor Hugo! dizia-lhe um senhor apoplectico. Elle concordava, achando Victor Hugo um genio, mas zombando discretamente dos genios. Si vinham dizem-lhe (sujeitos magros, quasi sempre) que Victor Hugo era uma besta, concordava ainda mas achando «traços bem empolgantes» no perfil daquelle «immensa cavalgadura romantica». E com isso, todos viviam contentes com elle, julgando-o o mais cordato dos homens, quando era o menos tolerante de todos. Tinha um sorriso para disfarçar a duvida e sabia embrulhar as negações entre as dobras de uma anecdota. Passou pelos homens distribuindo «sins» maliciosos, com uma cauda de reticencias que era um protesto sem escandalo.

A' força de divertir se com os outros, acabou por divertir-se consigo mesmo, experimentando na intimidade de seu espirito o punhal de dois gumes de sua dialectica. E morrendo, já não distinguia a propria sombra entre o círculo de sombra que o rodeava. Sorriu de si proprio, fez pi-lherias com as suas idéas mais sinceras e as suas emoções mais generosas, reflectindo-se em todas as posições, na face de todos os espelhos avivando, apagando e torcendo as linhas de sua personalidade. Assim, tendo possuido por tantos annos o demonio da ironia, acabou entre as suas garras, machucado e vencido. Uma lamentavel verdade, esta: os jogos do espirito são mortaes.

RODRIGO TOSTES

ANEXO 77 – “Pipiripau”, *Diário de Minas*, 6 de fev. de 1927.

que गया: São apenas dois os Jerônimo também mentos da Siab. Branca de Vasconcellos, FI-
Barões. "Nê" escravo.

Manifesto talvez
n.º 1.

Não sou modernista. Pouco importa vocês saberem o que eu sou. Mas a mim importa fazê-los saber. Não sou modernista. Porém não condeno o modernismo. Acho que elle, entre outros meritos de que possivelmente falarei ainda, tem este: revela toda uma casta de humoristas de primeira (Carlos Drummond Andrade, Manoel Bandeira, Mario Andrade, etc.). Porque, em verdade, o modernismo reciou a alegria e o desembarço estilísticos, e aí está o fructo mais saboroso dessa arvore que frondeja numa capoeira de ciprestes e outras arvores mais ou menos cemiteriais que é a nossa literatura. Mas ao lado dessa arvore, estão rebentando umas outras retorcidas e infecundas como pau de canela. São os modernistas metidos a cébo, que querem fazer do Brasil uma grande musa carregada de maracujás. Mocinhos que, a proposito de tudo, lá vem com golabás e getimons espanhados no quintal de Nãá Preciliana. Não admito que essa gente continue a bulir com os meus nervos. Não sou passadista. Do passado estimo muita cousa. Não vão pensar na guerra do Paraguay, como diz o professor municipal de Biquitós. Essa guerra foi uma vergonha para o Brasil. E foi uma guerra. Eu guerreio a guerra. Penso no passado, com ternura, quando me lembro das frutas que eu tirava, do meu, ao quintal do dr. Teófilo (que vocês não conhecem, mas foi um grande medico ubaense), nos banhos que eu tomava, escondido, nadando de estirão pelos ribeirões abaixo, com uma molecada peor do que eu. E nas meninas que cantavam cançõetas commigo, nos theatrinhos, ou dançavam de roda, em frente à minha casa, em Cataguazes, na rua do Pomba, naquellas noites de luar perfumadas a magnolia, como só as sabe ter Cataguazes. Não sou passadista. Nem supra realista, nem capitalista. Em Arte, todos os ismos são lanatismos. Ou burrismos. Eu quero a Arte fóra dos Chopins que nunca dedilharam, ou jamais compreenderam uma surdina de Chopin, e mais fóra, fórrissima desses Livrinhos decaladores da realidade, que passam por ella sem perceberem o quanto é ella fértil e imaginosa. Também não simpatiso com esses pequenos que, vendo passar uma locomotiva (elefante vertiginoso!) correm para os linguados de papel, no escriptorio, a registrar pressurosamente, na ancia da inspiração repressada, a imagem genial: "Pu-pu-pu-pu-ii-ii". Tenho birra especialisima aos oxijenadores de bonéças, marca Antonio Ferrajem. São, com o perdão da comparação, ruflões intelligentes de meninas modernas, que elles mostram à gula dos leitores lisidinosos como manjares sem sexo, pra gente devorar com a imaginação.

Mas o que é a Arte? perguntarão vocês. Francamente que não sei. E não preciso saber. Não se define a eternidade si não como sendo aquella abstracção que começou antes do principio e não acabará ainda depois do fim. Já me vou metendo a sabio, eu que me vanglorio de ser um burro intelligentissimo. Querja dizer que não sou modernista. E muito menos passadista. E muitissimo menos neutro. Este é o meu manifesto talvez n.º 1. Porque outros virão. Ou não virão. Crio que vi-

LITERATURA

PACATATU-CUTIANÃO
NOTA DA REDACÇÃO —
Sob este pseudonymo irreconhecivel se occulta um dos espiritos mais originaes de Minas, que vae realizando, numa cidade do sul do Estado uma obra rica de imprevisitas fulgurações. Aos leitores o trabalho de identiffical-o.

Cerra Mineira
Soberana do Azul, tuas montanhas Os espagos dominam, alterosas, Lembra-te as nuvens sylphides ex-tranhas, Coroadas de lírios e de rosas. Como é bom se viver no alto da serra, Nesta selvagem, rustica alegria! Devia se chamar a minha terra Arrabalde do Céu, oh, se devia!
PLINIO MOTTA.

Pipiripau
Os musicos tocam baixinho uma suave musica fininha que sobe prá's estrelinhas do céu pintado de azul. Gira e regira na praça a eterna zanga-burrinha —ão engraçadinha!
Olha a calma do pescador pescando sempre o mesmo peixe com o mesmo anzol.
Olha o barqueiro que não é Pedro...

Os meninos perfilados germanicos entram na igreja e saem depressa e tornam a entrar.
(E tornam a sahir.)
Atmosfera febril de trabalho; ferreiros sapateiros mexendo.
A calma das casas subindo a ladeira
descendo a ladeira
e os bichos candidos bichos de papelão rodeando o menino Jesus que abençoa aquillo tudo.
Meus olhos mineiros namoram o presepe e dizem alegres:
Mas que bonito!
ANTONIO CRISPIM.

Cuar
(A Pedro Nava)
Luar de Belo Horizonte no meu bairro, Esgorre leite pelas ruas largas e longas. Pelo queimado rosa dos telhados novos. Pelas ruínas embryonarias — andaimes e vigas — que vão plasmar-se em edificações espurias, em gritos architectonicos alheios, em negações architectonicas, para a futura cidade tentacular!
O luar tão lindo coando-se entre andaimes, o luar tão lindo sobre a cal em montes no chão...
O sr. Ramerrão, meu bom visinho, chega ao alpendre, de pyjama e chinellas, ao seu alpendre onde ha roseiras trepadeiras, em rosas tremulas todas hysterizandose como virgens

O Princ dos ro
Votos noite:
Honorio A Belmiro F Augusto d Abilio Bar Henrique Mario de l Djalma Tr Renato Tr Plinio Mot Tiburcio d João Alpha Heitor Liu Franklin d Caio de M Baptista S Wellington Agenor Ba Wulmar G Edmundo l Agrippa de E outros

O Prii Mineir
.....
Assignat
.....
A Princez as Poeti Votos apn noite:
Julinda Alvi

Facilite o compran etrico p
Lo RUA

ANEXO 78 – “Faleceu Osório Duque Estrada”, *Diário de Minas*, 8 de fev. de 1927.

GERENTE:
EDUARDO BARBOSA

Terça-feira, 8 de Fevereiro de 1927

N.º 5.300

O DIA

MINHA JANELLA

Disseram-me:
—Fabio, vem aqui. Vê o que se passa deante desta janella. Deste ponto, verás Bello Horizonte, Minas, o paiz, o mundo... Deante dos teus olhos, como em a tela de um cinema, verás muitas coisas deslizar, deslizar... Coisas, bichos, seres humanos. Successivamente, cidades, montanhas, planicies, desertos que te encherão de tristeza, pantanos que te farão temor, abysmos que te darão vertigens; o oceano, lagos, rios, aves, arvores, florestas, e aqui, e ali, por entre as folhas, ora flores, ora espinhos; gente a soffrer, gente a rir e a fazer rir, gente a fazer o mal, gente a fazer o bem; o inferno, o céu; e este, ora envolto em sombras, ora cheio de luz... Luz e sombras, tudo o que alegra e que entristece a humanidade, successivamente verás deslizar... E a tudo attentamente observando, com um lapis, neste canhenho, consignarás as tuas impressões, em linguagem simples, clara e concisa, destinando-as aos leitores do «Diario de Minas»... Aqui, ficarás, «toujours aux aguets»...

E eis porque, todas as manhãs, de uns dois mezes a esta parte, junto ao peitoril desta janella me vêem postado, sempre na mesma attitude, a ver, a observar, a meditar, a tomar notas... E essas notas, quotidianamente lançadas ao vento, não sei que effeito produzem, se passam despercebidas, se alguém as recebe com prazer, se deseja alguém que desapareçam...

O homem que escreve, já eu o disse, se não é lido, deve quebrar a penna, empregando em outro mistér a sua intelligencia. E é certo que não se lêem noventa por cento das litteraticas que os jornaes publicam. Os escandalos, os assassinatos, os roubos, os raptos, os reptos, as façanhas dos corruptos, é isso o que, na imprensa, mais desperta o interesse publico. Com raras excepções, perdemos o tempo os plumitivos, futuristas ou passadistas, rimadores ou

os, nem um acci-
ssos operarios?
progresso, de fa-
a electricidade
nvolvendo e to-
mento. Aproveitae,
e resultados com-
não vos faltarão.
ois, aos activos
s moraes, isto é,
e, tendo assento
votaram a lei n.
fevereiro de 1921,
ram; honra a esta
que deu adjutorio
amen de tal vulto,
s modestos opera-
força de vanta-
ica, esta necessa-
entar o capital e
dade dos melhora-
e faz jus. Esta' nos
o municipio uma
cachoeiras do Es-
la no inicio em
sufficiente para at-
ecessidades locais
annos.
commodidade está
a eletricidade
m grande parte,
o trabalho de ope-
ficando-lhes o es-
a nos fogões ele-
ferros, no asseio
s, pela vassoura
os hospitaes, na
raio x, as appli-
molestias rheu-
ralysias, le s õ e s
aplicação infalli-
sultado satisfacto-

fazer uma expo-
o andamento dos
a Hulha Branca,
o os aperfeiçoados
s inaugurados nes-
saria mostrar aos
o modo porque
s o dinheiro que
m. Não devo, en-
longar estas ob-
porque em occa-
a, no relatorio
envolverei a ma-

ecimentos da So-
dirigim de modo
o inclito e digno
agusto Vianna do
e, infatigavel, des-
plo, contribuiu ef-
com seu justo e

Falleceu Osorio Duque Estrada

«Falleceu hontem (5) ás 24 horas, em sua residencia, á rua Paysandú n.º 140, com a idade de 56 annos, o dr. Joaquim Osorio Duque Estrada, membro da Academia Brasileira de Letras e professor da Escola Normal desta capital.»

Este curto communicado da Agencia Americana deve ter causado emoção a todos quantos, neste Brasil a fóra, se interessam pelos nomes representativos da literatura nacional.

Porque Osorio Duque Estrada, que morreu no ultimo minuto da noite de sabbado, era bem um typo representativo dessa geração de intellectuaes brasileiros que começou a afirmar-se nos ultimos dias do imperio, que construiu na Academia a sua praça forte, que se apoderou de todos os jornaes e casas editoras e que, nesse largo espaço de tempo, manipulou, nem sempre com felicidade, mas incontestavelmente com esforço, o pensamento nacional.

Não é chegado o momento de fazer a critica dessa geração, que ainda domina em parte, que aparentemente domina ainda todas as posições, mas que vem sendo dizimada quer pelo tempo, inimigo teimoso, quer pelo ataque desassombrado dos novos valores litterarios congregados pelo modernismo. Mas já é possível e mesmo natural que se esbocem as linhas geraes dessa critica em torno da figura de Osorio Duque Estrada, o campeão das formas consagradas litteratura em nosso paiz. Osorio foi a maior figura da Academia, embora o menor academico de todos os 40 immortaes.

Numa pacifica associação que deve ler por norma de conducta a suavidade de trato, a elegancia de maneiras e a placidez de attitudes —oh o espirito academico, que coisa mais anatoliana—elle foi o cavalleiro desabusado, o impetuoso combatente que sahia fóra daquellas muralhas respeitaveis, onde se abrigava uma inoffensiva tertulia de clinicos e grammaticos, para dar combate na rua aos irreverentes e aos petroleiros da Regra. (A Academia Brasileira é uma praça forte por fóra; por dentro é como todas as academias, inclusive a Franceza, tirante Paulo Valery.)

Osorio era combativo por temperamento. Atacava os proprios companheiros de credo.

Investia contra os proprios companheiros de immortalidade. Antes da irrupção do modernismo, a Academia já tinha o prazer de possuir numerosos desafeitos: eram os inimigos pessoases de Osorio Duque

Estrada, o homem que se orgulhava de ser o «guarda nocturno das letras nacionaes» (guarda que não conseguiu perder nem um dos bam-bam-bans do modernismo!)

Osorio foi um combatente infeliz. Posso dizel-o sem offensa á sua memoria. Elle era cheio de antipathias e prevenções, como observou o necrologista d' «O Jornal». Descompoz meio mundo com uma amargura de doente incuravel do figado. A tal ponto que um dia se descobriu esta coisa inacreditavel: seus ataques vafiam por elogios. Livro de que elle falasse mal era livro de que se podia ler sem susto. E por outro lado, livro de que elle gostasse—porque Osorio como todos os espiritos combatidos, tambem era capaz de admirações—era livro que se podia jogar fóra. O que quer dizer que Osorio Duque Estrada era tao infeliz nas criticas pró como nas criticas contra.

Isso não impedia que os elogiados fizessem enorme cabedal do juizo critico de Osorio, que era copiado e posto novamente em circulação, até em folhas volantes, significando a consagração maxima. No fundo, o critico devia sorrir dos resultados de sua critica. Por que é impossivel que elle tivesse a alma tao azeda e tao sombria como a pintam os seus folhetins.

Um homem que tanto negou os outros por força que havia de ter o seu merito especial, o seu valor só seu, que lhe servisse de estalão para julgar das obras alheias. Teve? Osorio Duque Estrada desaparece sem deixar nenhuma obra que desafie os tempos.

Não se pode afirmar, mesmo, ella desafie o presente, acondicionada como está em grantes partes, nas columnas illegiveis do «Jornal do Brasil».

Elle foi por excellencia o negador. Negava tudo. Não se sabia bem porque negava, e talvez nem elle mesmo soubesse. Negava por negar.

Mas não sejam muito exigentes. Nessa propria capacidade infinita de negação está o melhor merito de Osorio Duque Estrada. Elle foi o formidavel operario de um edificio que não valia a pena de ser construido. Não sei explicar porque, mas a sua obra foi bella.

Numa terra de poucas letras, a sua figura de homem de letras é uma figura admiravel. Todo mundo sente isso. Por isto a noticia de sua morte provocou um grande susto, depois uma grande dor. Porque Osorio Duque Estrada era uma instituição.

ANTONIO CRISPIM.

ANEXO 79 - "Tudo preto", Diário de Minas, 11 de fev. de 1927.

Tudo preto

Eu também fui ver a Companhia Negra de Revistas que está ali no Municipal. Fui e gostei. Pela primeira vez tive a sensação do que pôde vir a ser mais tarde o theatro brasileiro purinho da gemma. Este theatro não será negro de todo, entretanto, será mestiço, como disse muito bem Prudente de Moraes, neto por occasião da estreia da Companhia no Rialto. Mas é incontestável que até agora foram os pretos que melhor o comprehendem. E a contribuição desses pretos já é inestimável. Não tem discussão, a Companhia Negra de Revistas foi um achado pra arte nacional.

Esou vindo a par aqui de uns senhores muito illustados, que já foram na Europa e trouxeram de lá um sorriso bestinha pra tudo que seja afirmação brasileira e estão agora jogando este sorriso pra cima de mim... Mas ninguém é obrigado a ler estas linhas e eu me dou por bem pago da massada de escrevelas si encontrar dez leitores que comprehendam o que eu quero dizer e talvez não diga por incapacidade, por covardia nunca.

A Companhia Negra de Revistas, que é um conjunto artistico muito superior aos das diversas companhias brancas, mulatas e até furtacões que nos tem visitado, commo-ven a minha sensibilidade graças a Deus bem viva e bem serlepe de brasileiro do interior. É possível ou melhor é certo que ella só tenha fallado a sensualidade vadia do maior numero.

Não contesio o direito que tem o maior numero de cataraphrodisiacos no palco, não nego que o palco é aphrodisiaco por natureza, toda arte bole com o sexo, etc, etc. Mas eu por mim fui ao Municipal ver e ouvir o canto e a dança dos pretos, — apenasmente. E si o que vi e ouvi não foi a verdadeira dança nem o legitimo canto brasileiro, nem por isto sahi menos satisfeito, porque não era possível exigir mais de uma companhia de formação recente, que é annual mais uma idea do que uma realidade. E que si for dirigida com intelligencia e amor será a coisa mais seria que ainda havemos de ver neste Brasil em materia de theatro.

Tomem nota.

A Companhia Jayme Silva representa um ponto de partida para não sei que admiráveis descobertas. Ella dá margem a um numero infinito de suggestões. Tem uma razão de existir. É toda um aspecto de nossa formação ethnica, toda uma faixa de nossa paizagem psychica que se destaca do conjunto e se anima para viver como arte.

O que me parece necessario para que ella exerça um papel decisivo na formação de nosso theatro é que os seus artistas se compenctrem de suas responsabilidades e procurem tirar dos seus elementos raciaes mais caracteristicos a originalidade e a razão de ser de seus espectaculos. Que estes elementos sejam os proprios elementos de sua arte. Que não se falsifiquem nem se idiotizem no plágio dos artistas brancos ou brancoides.

Esse cuidado de diferenciação ethnica em função do pigmento deve ser observado não só na propria arte de interpretar, de viver os personagens, como também nos vestuários, nas decorações, nos minimos detalhes do ambiente.

Eu sei que os scenarios de Jayme Silva revelam uma imaginação bem tropical. Mas não creio que elle se tenha perdido ainda na meditação dos motivos decorativos africo-brasileiros, tão difficeis da gente meditar neste paiz que não tem o amor de suas coisas nem a curiosidade de suas origens. A pobreza de subsidios deve ter o embaraço muito, obrigando-o a fantasiar ambientes brasileiros tão brasileiros como os impagáveis jardins de Versailles.

Em resumo, o que a Companhia Negra deve fazer é isso: trabalhar a sua materia de um charleston remotamente africano na sua intenção mas já adulterado pelos cabareteiros de Nova York, nos apresente uma dança de macumba flagrantemente vivida na aspereza de suas linhas bem definidas. E em lugar de vagos bailados montmartreiros que só servem para acoroçar masturbacões de adolescentes, nos dê por exemplo o "Bumba meu boi", com o sr. Mingote no papel de Matheus, que elle podia crear com uma felicidade bairra.

No dia em que a Companhia eliminar de seu repertorio toda revista contendo numeros pernesticamente brancos ou duvidosamente pretos, estou certo de que se poderá dizer com vaidade que já tem um theatro mestiço no Brasil.

E então será tempo dos brancos cuidarem do theatro lá delles.

Antonio Crispim.

P. S. Não sei si expliquei bem a minha idea de diferenciação do theatro preto pela exploração de suas originalidades ethnicas.

Quando affirmo que a Companhia não deve se importar com bailados de Montmartre e outras comidas estrangeiras, não quero dizer que ella deve cultivar o boçal, o grosseiro e o rudimentar. O preto também tem suas elegancias, ô! Tem uma elegancia retinha tão apreciavel como a branca, só que muitissimo mais rara pelos motivos que os senhores sabem. E essa elegancia, essa graça, esses ademanos do preto não é qualquer pessoa que os sabe apreciar os não. Precisa ter sensibilidade artistica pra ver estas coisas.

Oiha a observação exacta de Manoel Bandeira num baile de terceira gorda em que todas as raças e castas se misturam.

«A filha do usineiro de Campos tolha com repugnancia para a crioula imoral.

No entanto o que faz a indecencia da outra é dengue nos olhos [maravilhosos da moça.]

E eu não resisto á tentação de arrematar estas linhas com os versos batutas de Cendrars:

«Oh! ces nègresses que l'on rencontre dans les environs du village nègre chez les triquants qui aiment la percale de traite.

Aucune femme au monde ne possède cette distinction cette noblesse cette démarche cette allure ce port cette élégance cette nonchalance ce raffinement cette pureté cette hygiène cette santé cet optimisme cette inconscience cette jeunesse ce goût»

Ouviram? Nenhuma mulher no mundo.

A. C.

BREVEMENTE

OS CONCURSOS DO DIÁRIO DE MINAS

O Principe dos Poetas Mineiros

Votos apurados até hontem á noite:

Honorio Armond	4898
Belmiro Braga	4174
Abgar Renault	4100
Augusto de Lima	3974
Abilio Barreto	2988
Henrique de Resende	1937
Mario de Lima	1711
Ubaldo Andrade	1711

ANEXO 80 – “Belo Horizonte/ a Antonio Crispim” e “Caso”, *Diário de Minas*, 20 de mar. de 1927.

<p>presença e segurança. Convem, pois, ter um tubo de Phenaspirina em casa.</p>	<p>Antônio Lopes trata de tudo até que se apure inteiramente o seu caso.</p>	<p>Si algum desses jovens quizesse dar-me de publico uma noticia resumida e critica de suas aspirações col-</p>	<p>logar nenhum. CLAUDIONOR REZENDE</p>
<p>TOADA DA ESQUINA</p> <p>Pouco antes de meio-dia Senti que vinha. Esperei. Veio. Passou. Foi assim. Como si a Lua passasse. Por essa picada estranha. Que veio desde nascer.</p> <p>A redoma toda verde Do meu peito escureceu. Noite de Maio bondoso. Lá vai a Lua passando. Ha mesmo essa retratão Que me bola no pescoco O cache-col da Via-Lactea E a Lua na minha mão.</p> <p>Mas quando aqtao gosar O bello facil do luar. E passo a mão sobre os dedos... Tenho de disludir-me. Foi mentira dos sentidos, Foi o orvalho. Nada mais. Velo. Passou. Foi assim Como si a Lua...</p> <p>Suspiro tiquaui na infância. —Que querés, Mario?— Mamã, Quero a Lua!—Hoje é impossível, Já vai longe. Tem paciência, Te dou a Lua amanhã.</p> <p>E espero. Esperas... Espera... —Pinhões!</p>	<p>Novo silencio. Duas outras baforadas. O poente começava a ensangantar as águas. —Numa tarde destas, ouvi uma pilheria... E contou. Emlesmado no seu desalento, o moço não o escutou. A pilheria foi longa e preñhe de minucias picarescas. Terminou-a um riso desabalado que encheu de lagrimas os olhinhos infinitamente risonhos. —Boa, não é? O moço olhou-o como despertado de chofre: —Magnifico! E atirou-se ao rio. (1923)</p> <p style="text-align: center;">JOÃO ALFONSUS</p> <p>Scenario de infancia</p> <p>Sombra de troncos e exilios nos olhos parados, molhados. O banzo sortindo, chbrando na noite cantando na noite, e a noite sonora de banzo. (E as amplas campinas estereotipando o irremediavel exilio...)</p> <p>Nas noites sem lua os sacys iam espisar os quilombos envenenados, —gritinhos e falas vegetes no silencio encharcado das lianas— e voltavam pulando com tições accozos pelas chapadas.</p> <p>Mas a minha ama punha tudo isso nos caminhos da CAROCHINHA... (1926)</p> <p style="text-align: center;">ANDRÉ SILVANO</p> <p>A tocaia</p> <p>Uma moita esverdeou no crepusculo A tarde enche o sertão de uma poeira translucida e corada. Estrada encruzilhada. João Caco come passoca debaixo da moita, mas não faz barulho nem com a boca.</p> <p>O homem não veiu e não virá.</p> <p>E João Caco se prepara para voltar á casa do Coronel e aliviar-lhe que aquelle logar está de todo desmoralizado. (Da «Sonata dos Bagios»)</p> <p style="text-align: center;">WELLINGTON BRANDÃO</p>	<p style="text-align: center;">LITERATURA</p> <p>Minha religião:</p> <p>Quando nascer a aurora da Verdade —quando na terta o surto do Direito fôr rechazado — ao surto da Bondade e a «Lei-Morab» surgir em cada peito:</p> <p>Quando o Trabalho irmão da Caridade fôr o signal do Amor e do Respeito... Quando a sciencia fór na Sociedade causa de vida e não banal effeito...</p> <p>... Quando a Belleza—o Genio—e a Harmonia em cada ser crearem uma Unidade presa á dinamica social—o dia do Absoluto em Deus: terá surgido —feito das religioes unidas em igualdade pela Philosophia—e nesta — erguido!</p> <p style="text-align: center;">(1926)</p> <p style="text-align: center;">MIETTA SANTIAGO</p> <p>Meus filhos</p> <p>Meus filhinhos—que bellezal Quanta graça têm no olhar. São elles minha riqueza, Os encantos do meu lar.</p> <p>No seu brinquedo enlevado, Quando vejo o alegre bando, Min'alma voja ao Passado E com elles fica brincando.</p> <p>Ora brincam de «vendinha», Vendem pitadas de sal, De assucar e de farinha, As notas são de jornal.</p> <p>De chuchus fazem boiadas, Fazem cavallos, cabritos; Caudas, pernas fabricadas De pedaços de palitos.</p> <p>Este faz, que peralvilhol Papel de velho doutor. São de cabelos de milho As barbas de ruiva cor.</p> <p>Meu Deus, não ha quem não pane, Quando a orchestra formam—rara, De latas de kerzenze, De caudos de taquaral</p> <p>Bate a batuta o mais velho, Atordoa-nos sem dó, Ao nariz traz o fedelho O pince-nez da vovó.</p>	<p>minha bocca tem rugas. Velha cidade! Ac arvores tão repetidas. Debaixo de cada arvore faço minha cama, em cada ramo dependuro meu palletó</p> <p>Leitura de jornaes. Lyrismo: pelos jardins versalhes! ingenuidades de velocipedes.</p> <p>E o velho fraque na casinha de apendre com duas janellas dolorosas.</p> <p style="text-align: center;">CONSTANTINO SERPA</p> <p>Recordação</p> <p>Eis-me afinal na fazenda... Sou feliz!... E, enquanto scismo, Nesta placida vivenda, Ao meu olhar se desvenda O painel do bucolismo.</p> <p>E penso em tudo que é bello, Que me faz bem, que me inspira; E, neste viver singelo, Um que pracer, com que anheio Eu vibro as cordas da lyra!</p> <p>Sinto mesmo um grande alalo, — Saudades de um tempo antigo, Que fico sempre a lembra-o, Quando percorro, a cavallo, Este logar que bemdigo.</p> <p>Nesta serena guarida, Agora, que se me anfolha Tratar da alma combalida, O livro da minha vida Vou revendo, folha a folha.</p> <p>E volto o olhar, num aeno, Para as cousas desta herdade: O bosque, o rio sereno, Onca pescava, em pequeno... Oh! que longinqua saudade!</p> <p>Out'ora, que vida mansa! Que tão aculado e lindo! Oh! meus tempos de creança, Como os sinto na lembrança, Como um jardim, re florindo!</p> <p>E, como me lembro, quando, Entre risadas facetas, Eu corria, fragueando, Atrás do fulgido bando Das formosas borboletas!</p> <p>Recordando as minhas faltas, Inda ouço o rallo paterno, Quando eu, o rei dos peraltas, Subia ás arvores altas: — Este menino é um inferno!</p> <p style="text-align: center;">PLINIO MOTTA</p> <p>CASO</p> <p>«Coitado do homem feliz, coitado do homem feliz!» diziam quando elle passava. E elle passava, curvo e humilhado, junto das outras pessoas, que não eram felizes. Sua felicidade era gorda, vermelha e terivelmente cacete. Pisava-lhe os callos, amarrota-lhe a roupa, fazia com que elle comprasse só bilhetes brancos. Elle ia a uma cinema; e pensam que a sua felicidade cabia lá dentro? Queria tomar um bonde: e não havia logar no bonde para a sua felicidade.</p> <p>Uma noite elle tomou uma resolução heroica. Avançou para o caes, mirou as ondas, pensou o ultimo pensamento, e mergulhou na agua profunda. A felicidade cahiu-lhe em cima, puxou-o pelo cabellos, salvou-o da morte, condemnou-a á vida. Um caso perdido.</p> <p>E o piedoso lamento crecia no ar, immenso e lumbre, como um dobre de sinos, quando elle passava: «Coitado do homem feliz! Coitado do homem feliz!»</p> <p>Sua felicidade chamava-se Lolota</p> <p style="text-align: center;">RODRIGO TOSTES</p> <p style="text-align: center;">BELLO HORIZONTE</p> <p style="text-align: center;">(A Antonio Crispim)</p> <p>Meus olhos tem melancolias,</p>

ANEXO 81 – “Um caso sério”, *Diário de Minas*, 27 de mar. de 1927.

UM CASO SERIO

BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA — Notícias de São Paulo por António de Alcântara Machado — 1927

António de Alcântara Machado acaba de publicar um livro de contos: «Brás, Bexiga e Barra Funda». Um livro que não é um livro: que é um jornal. Contos que não são contos: que são notícias.

No prelacio, isto é, no artigo de fundo, António de Alcântara Machado explica isso direito.

E mais uma originalidade desse homem inteligentíssimo que tinha ensaiado antes, em seu primeiro livro, de viagem, uma técnica cinematographica e hoje ensaia uma técnica jornalística.

Assim cada livro novo delle é uma criação e portanto uma surpresa pros leitores.

Eu sou dos que entendem que cinema, jornal e livro são tres coisas completamente diferentes, cada uma com a sua esthetica e a sua expressão proprias. Mas não posso negar que o entrelaçamento dos generos está muito na orientação que vem tomando esse enfiado espirito moderno (não é ao do sr. Graça Aranha que tenho a honra de me referir, é ao tal de verdade).

António de Alcântara Machado não precisa pois defender-se. Nem explicar-se. O que não impede que o caminho em si seja falso ou pelo menos difficil de ser trilhado com proveito. Um jornal está cheio de drama, romance e poesia, não tem duvida nenhuma. Porem em estado de material. A simples transposição desse material não oferece nenhum interesse artistico. Um dos melhores poemas de Blaise Cendrars é a «Ultima hora», em que elle se limita a dispor em linhas mais ou menos symetricas as palavras dum telegramma de Oklahoma contando a fuga rocambolesca de tres presos da cadeia local. Sem nenhuma estylização. Que significa isso? Apenas uma «reússite» pessoal. O processo continúa sem valor.

O que vale é que, como Alcântara tem um talento damnado, o que nas mãos de outro poderia resultar num agente mecanico de macaqueação, nas delie fica sendo um instrumento segurissimo de que é possível extrair e de que extrae de facto offeitos surprehendedentes.

Ainal, o que Alcântara Machado queria mesmo era matar a literatura. Matou. «Brás, Bexiga e Barra Funda» é o melhor jornal até hoje apparecido no Brasil. Não tem um pingo de literatura. E' puro como Deus quer as almas. «Sem partido nem ideal. Não comenta. Não discute. Não aprofunda. Principalmente não aprofunda.»

Mas comenta sim, ora essa. O proprio facto de um homem se dispor a contar uma coisa indica nelle certo partidismo vigilante. Elle acha o facto digno de ser contado por conseguinte toma o partido do facto. Neste sentido, o noticiarista mais vagabundo é um critico porque exerce certo controle sobre os acontecimentos, curando seleccionando e expondo la da sua maneira. E sendo um critico, toma partido.

Por isso mesmo os senhores não acreditem muito na declaração, alias sincera, de António de Alcântara Machado. Si elle conseguiu fa-

zer obra de jornal com interesse artistico foi porque botou muito de si nas reportagens do jornal e se faz cumplice ou co-auteur dos acontecimentos.

A gente vê logo á primeira vista que Alcântara Machado tem uma bruta sympathia pelos seus personagens.

Esses personagens são os italo-brasileiros de S. Paulo, «os novos malmalucos»: o Gaetaninho, a Carmela, o ativador Aristodemo Guggiani, o barbeiro Nicolino, o joven industrial Adriano Melli, os esportistas Biagio e Rocco, o orphão Gennarinho, o vendeiro Natale Pienotto, o patriota Tranquillo Zampinetti.

Essa gente que entra com as suas côres bem vivas no arco-iris brasileiro sem precisão de expulsar as outras côres, já estão archivadas lá, é admiravelmente definida nos seus sentimentos, costumes, tendencias pela observancia insaciavel e pela expressão cortante de Alcântara Machado. O livro está cheio de vida e de vidas. Os personagens não perdem tempo em se explicarem; entram logo em acção. Só conversam aquillo que é preciso conversar. Alcântara Machado devia ter bancado o espiao mais sorrateiro do mundo pra colher flagrantes tão flagrantes. Vejam aqui o caso do Gaetaninho. Gaetaninho alimentava o sonho de acompanhar um enterro na boléa do carro, ao lado do cocheiro. Estava jogando futebol, a bola cahiu na rua, elle vac, foi apanhar a bola. Eis como Alcântara noticia o rolo: «Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou.

No bonde vinha o pae do Gaetaninho».

De sorte que o menino em vez de ir na boléa, foi dentro do carro, mettido num caixão. Só isso.

(Graças a Deus está se vendo que Alcântara não é reporter. Si fosse elle escrevia uma columna inteira de jornal e escangalhava com o caso).

Todas as outras noticias de «Brás Bexiga e Barra Funda» valem essa pela intensidade natural da anedota e pelo ambiente em que ella se desenvolve. Mas onde Alcântara foi batuta mesmo é naquelle formidavel «Corinthians (2) vs. Palestra (1)».

E' a descripção de jogo de futebol mais perfeita que eu já vi. Do ponto de vista do jogador como do torcedor. Todos os elementos de que o autor se aproveitou são essenciaes. Não tem uma só palavra inutil, uma só bola ao acaso:

«Biagio alcançou a bola. Ah, Biagio! Foi levando, foi levando. Assim, Biagio! Driblou um. Issol! Fugia de outro. Issol! Avançava para a vitória. Salame nele, Biagio! Arremetten. Chute agora! Parou. Disparou. Parou. Ah! Preparou. Exitou. Biagio! Biagio! Calculou. Agora! Preparou-se. Olha o Rocco! E' agora. Ah! Olha o Rocco! Catu.

— CA-VA-LO!
— Prrrr!
— Penalti!

(Cont. na 3a. pag.)

UM CASO SERIO

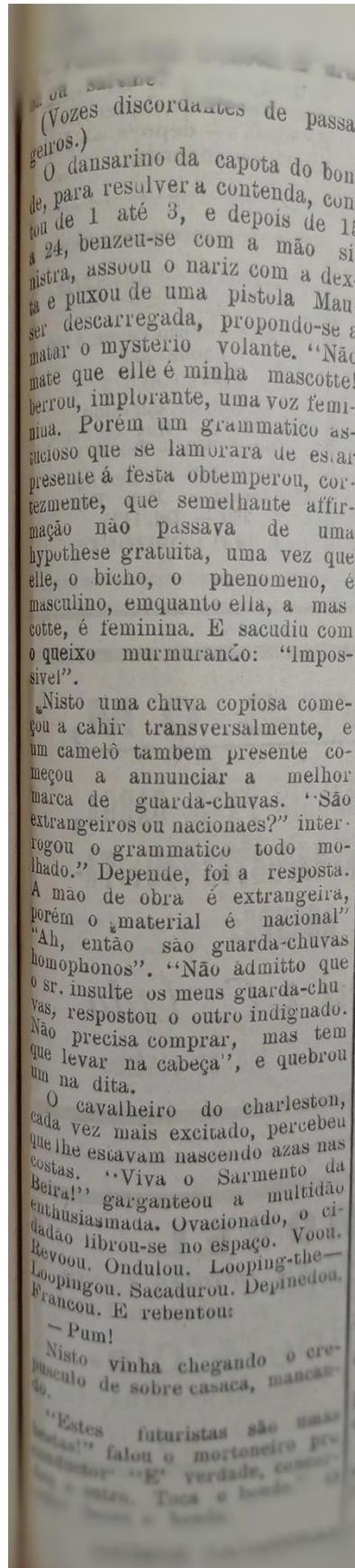
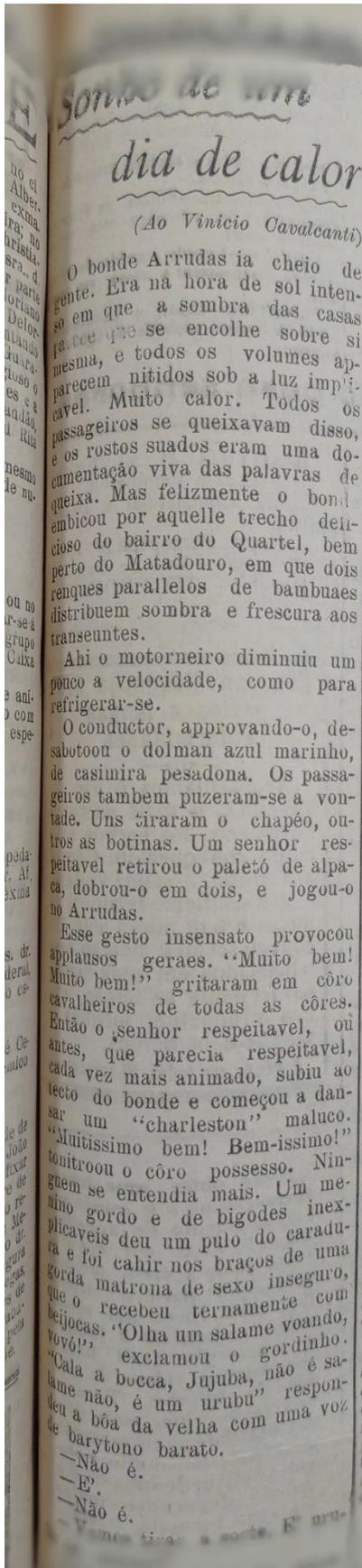
(Continuação da 2a. pag.)

A alegria dos victoriosos demandou a cidade. Berrando, assobiando, e cantando. O mulato com a mão no guindaste é quem puchava a laidinha:

—O Palestra levou na testa!
E o pessoal entoava:
—Ora pro nobis!
Ao lado de Miquelina o gordo de lenço no pescoço desabafou:
—Tudo culpa daquelle besta do Rocco!
Ouviu, não é, Miquelina? Você ouviu?
—Não liga pra esses trouxas, Miquelina.
Como não liga?
—O Palestra levou na testa!
Cretinos.
—Ora pro nobis!
Só a tiro.»
Os senhores já devem ter notado que António de Alcântara Machado é um caso muito serio.

ANTONIO CRISPIM

ANEXO 82 – “Sonho de um dia de calor”



30. 3 de Abril de 1927

N.º 5.330

tenario do café

da difusão do consumo da deliciosa bebida que representa uma grande parte do nosso futuro economico. Precisamos de ampliar de muito a literatura tecnica do café, até agora muito pouco tratada por especialistas de real merito. Ninguem ignora que o café possui um sem numero de detractores que lhe attribuem disturbios funcçoes, capacidade excessivamente toxica e outras virtudes negativas que a experiencia dos factos não confirma. As propriedades tonicis e. po'de mesmo dizer-se, nutritivas do café não podem mais ser postas em duvida. Ellas exercem uma acção benefica geral no organismo humano servindo, sobretudo, aos que dispendem grande energia cerebral. A caféina é como se sabe, um dos mais reputados cardiotonicos que se conhecem em materia medica. Desde que o uso da bebida não ultrapasse a dosagem physiologica não ha temer nenhum precalço para a saude do consumidor.

Essa caféina existe parte em solução livre, parte em combinações physicas ou chimicas com outras substancias, sendo que a grande maioria das pessoas toleram perfeitamente. sem qualquer disturbio funcional, a pequena dose desse alcaloide que o uso normal do café representa.

A divulgação desses dados scientificos significa uma excellente propaganda do café-bebida. Ha, ainda, quem mantenha o preconceito do terror do café, pela caféina que elle encerra e que deteminaria, segundo essas alarmantes visões, excitação lenta da actividade do musculo cardiaco. No estrangeira, ao envez desse preconceito, o que prejudica os negocios do café-bebida é o habito de sua adulteração pelos commerciantes e torreadores pouco escrupulosos. A esse respeito é oportuno lembrar a excellente iniciativa do Instituto Paulista de Café que mantém em algumas grandes cidades da Europa serviços especiaes de distribuição gratuita do nosso producto.

E' claro que o café preparado á brasileira e distribuido sem nenhum intuito mercantil de lucro immediato equivale a uma verdadeira revelação pa-

Um grande invento paraense

Bonde-Aereo

Telegrammas de Belem informam que com a assistencia do governador do Estado, do intendente de Belem, inspector da Alfandega, presidente da Associação Commercial, membros do Conselho Municipal, engenheiros, funcionarios publicos, industriaes e grande massa popular, o projecto engenheiro Henrique Santa Rosa effectuou, antehontem, a experiencia publica do bonde aereo de que são inventores privilegiados o mesmo engenheiro Santa Rosa e o seu collega dr. Castro Fonseca, residente no Rio. Depois de explicar os caracteristicos principaes da sua invenção e as condições de instalação da linha, as mais desfavoraveis para melhor prova do seu systema, o dr. Henrique Santa Rosa declarou dedicar a experiencia ao dr. Dionysio Bentes e á classe de engenheiros, na pessoa do intendente de Belem. Dado pelo governador o signal de partida, o bonde aereo, accionado por um motor electrico propulsor da helice, percorreu com brilhante exito, por diversas vezes, o circuito fechado da linha, sob applausos estrepitosos dos assistentes.

O governador, em eloquente discurso, felicitou o dr. Santa Rosa, que respondeu, agradecendo e fazendo votos pela continua prosperidade do governo do dr. Dionysio Bentes para maior felicidade e progresso do Pará.

O systema experimentado apresenta vantagens consideraveis, principalmente quanto á economia de sua instalação e rapidez de transporte.

O dr. Henrique Santa Rosa foi felicidissimo pela grande e selecta assistencia.

Sarmento de Beires reinicia o "Raid"

Telegrammas de Recife, chegados hontem a esta Capital, informam que Sarmento Beires e Castilhos já fizeram as despedidas para reiniciarem, amanhã, a continuação do raid com o valoroso «Argos.»

Esses heroicos conquistadores do ar mostraram-se penhoradissimos com a fidalga acolhida que ali tiveram.

A Semana Santa em Juiz de Fora

“Silhueta”

E' uma tristeza a vida das revistas em Minas, sejam ou não illustradas. Nenhuma dellas vive mais que a famigerada rosa de... (não convem completar-lhe o nome; todo mundo já sabe qual é.) Nascem e morrem com uma rapidez e uma naturalidade inauditas. E todo mundo acha isso muito direito.

Em 1914, tivemos a «Vita». Em 1915, a «Vida de Minas» e «A Vida de Minas». Em 1920, «Tank». Em 1921, «Revista de Minas». Em 1925, «A Revista». Isso para só dar meia duzia de exemplos, e só em Bello Horizonte. Porque os temos ás dezenas, aqui, em Juiz de Fora, no Triangulo, no Sul de Minas, etc.

Mas ha de sempre haver sonhadores, que são homens indispensaveis á evolução universal. E os sonhadores não desanimam. Prova: o apparecimento de «Silhueta» em Juiz de Fora.

«Silhueta», que é um bonito quinzenario dirigido por Edmundo Lys e J. Grugel Junior, já está no seu segundo numero. E' um pequeno recorde, mas é. «A Revista», de saudosa e futurista memoria, deu tres. «Silhueta», que cheira a modernismo, sem deixar de cultivar o passadismo, já deu dois. E é muito possivel que dê mais.

Este 2º numero de «Silhueta», está bem interessante. A parte propriamente mundana da revista não requer commentarios; a parte litteraria, esta, chama logo a attenção. Escrevem: José Gregorio, Theobaldo de Miranda Santos, Edmundo Lys, Valle Ferreira, Ruben Moreira, Ribeiro Couto e Mario de Andrade. Dois pesos pesados e varios outros pesos já bastante respeitaveis.

Caso «Silhueta» consiga disfarçar o seu rabicho pelo modernismo, sua victoria talvez «aconteça». Mas si disfarçar bem. Porque em Minas, modernismo ainda é peccado mortal... Haja vista a sempre mencionada e fallecida «A Revista», lembrem-se? a tal dos tres numeros. Não lhe faltou nem a consagração do ataque de gymnasianos reunos e perfeitamente imbecis.

Na livreria Alves, faziam-se «meetings» contra ella, «meetings» a que o innocente Kneipp assistia com o mais tolerante dos sorrisos. Um cidadão chegou a declarar no bar do Ponto que ia dar uma «surra nos redactores «daquella droga». Não deu. E nem a collaboração preciosissima do sr. Alberto Deodato salvou «A Revista...»

Edmundo Lys, torce cuidado com a sua revistinha tão sympathica que V. não me mandou e de que estou fazendo aqui uma reclame desinteressada. Toda revista apparecida em terra de Minas vae direitinho prá cova. E si for «futurista», como elles feimam em dizer, o caso é peor. Eu ajudei a enterrar uma. Conheço a escripta, portanto...

Edmundo Lys, não deixe «Silhueta» dar o prego. Não seria só um galicismo a menos. Seria tambem uma bonita revista a menos, num meio «tão pobre de letras e rico de treitas», como diz aqui o meu excellentissimo amigo e confrade cav. Vinicio Cavalcanti, a quem Deus guarde ainda por muitos e dilatados annos.

ANTONIO CRISPIM

ANEXO 84 - "A parábola do pai pródigo", Diário de Minas, 7 de abr. de 1927.

Regressou ontem a esta capital o presidente Antonio Carlos

S. Excia. teve carinhosa recepção



Presidente Antonio Carlos

Conforme antecipamos em nossa ultima edição, chegou hontem a esta capital, de regresso de sua triumphal excursão ao Sul de Minas, em carro especial...

Muito antes dessa hora, já a plataforma da Central e suas immediações regorgitavam de enorme massa popular que aguardava atenta e ansiosa, o desembarque do preclaro estadista...

que teve ensejo de auscultar de perto as necessidades de uma zona riquíssima e futura, favorecida pela presença em seu

sólo privilegiado de preciosas fontes hydro-mineraes, o egresso estadista, recebido pelas populações do Sul com as mais inequívocas demonstrações de carinho e de acatamento...

Melhorando os nossos rebanhos

O interesse que do actual governo mineiro está merecendo a pecuaria, sem duvida uma das industriaes mais promissoras do nosso Estado, reflete-se bem no carinho com que está elle tratando do melhoramento dos nossos rebanhos bovinos...

travel surto que vae dia a dia a nossa rodoviaria, ampliando a tragem em todas as direções...

CONDE DE AFFONSO CELSO

Bello Horizonte politico, social e intellectual preparava-se, hontem, para receber carinhosamente o sr. Conde de Affonso Celso...

Quem quer comprar vehiculos em boas condições?

Na garagem da Directoria de Hygiene e na Companhia de Bombas da Força Publica, acham-se encostada os seguintes vehiculos:

IMPALUDISMO... FERRES INTENSIVOS... PACHEXIAS... DIALLAS ESTERILIZADO

A parábola do pai pródigo

A evolução das legendas, myths e tradições, através dos seculos e dos povos, faz-se muitas vezes de maneira desconcertante para os individuos que amam reflectir sobre essas coisas...

DELO rigor das providencias tomadas

DELO rigor das providencias tomadas ha pouco, pelas autoridades sanitarias municipais do Distrito Federal, ante a denuncia de trabalho em uma casa de pasto...

Exoneração na Escola de Minas

Rio, 6 - Na pasta da Agricultura, foi exoneração, a pedido, o engenheiro Augusto Guignon do logar de professor de fundamentos da

O momento da aviação na Franca

Rio, 6 - Amanhã, ás 7 horas, o avião Saint Roman deixará o aerodromo de Paris com destino a S. Raphael, onde seu aparelho será collocado sobre

ANEXO 85 – “Antologia de pedacinhos de ouro”, *Diário de Minas*, 8 de abr. de 1927.

não de com-
Ha tradições
parecimento só
O trote acad-
s. Outra, pela
e oferece de
o arma de per-
ras completa-
de senso com-
z respeito aos
e Abril. Si es-
não passavam
gros pregados
o dia em que
cahiam quasi
dilha prepara-
timidade, hoje
viduos ha sem
têm servido do
var o susto e a
muitos lares.
merece, por
gaiato, que,
m os vesperti-
a triste lem-
onar a uma
isando-a de
que se achava
de casa, tive-
as decepadas
o, tendo sido
ompto Soccor-
que o aviso
na pilheria de
1.º de abril,
s e sofrimen-
senhora que,
correu assim
achava em ca-
certa de que
om um dos es-
ngentes para
mãe.
como commen-
arioca, define
e idéa de se-
ento, que po-
quencias mais
na simples cri-
paratorios
alo V. Cann-
agalbães e S.
sophia, His-
Instrucção Mo-
do Brasil e
star.
190, Esq. Tho-

nosso Estado e as demais uni-
dades da federação, o Brasil em
geral e os varios paizes sul-a-
mericanos.

Todos esses capitulos são
tratados com escrupulo e pro-

**Anthologia de pe-
dacinhos de
ouro...**

Si eu tivesse dinheiro, tem-
po e pachorra, havia de com-
prar uma resma de papel, tran-
car-me em casa e organizar
uma «Anthologia de Pedaci-
nhos de Ouro da Imprensa
Honesto do Brasil».

O titulo, agora qpe o escre-
vi, está e e parecendo um tan-
to longo, mas fosse elle kilo-
metrico e não seria ainda tão
vasto como essa planejada An-
thologia, que deve conter a
fina flor dos mencionados pe-
dacinhos de ouro. E a nossa
«imprensa honesta» é tão fer-
til nesse capitulo, benza te
Deus!

Não insistirei sobre a utili-
dade desse calhamaço em que,
por uns 5\$000, terá o leitor o
mais completo quadro de cos-
tumes politicos e sociaes que
até hoje já se traçou sobre a
terra do Cruzeiro. A obra va-
lerá pelo pittoresco, pelo co-
lorido, pela força e pela ver-
dade. E possível que tambem
pelo humorismo, si adoptar-
mos uma certa definição pess-
mista do humorismo, «processo
de conduzir á melancolia atra-
vés da graça», Porque afinal
a minha Anthologia será (ou
seria) um pouco triste: o que
é um motivo a mais para que
eu não a escreva nunca.

Emquanto não escrevo, colle-
cciono. Tenho aqui sobre a
mesa os «soi-disants» «orgãos
independentes», «os unicos que
dizem a verdade e vivem ex-
clusivamente do favor publico,
não se amesandando na cauda
dos orçamentos nem dobrando
a cerviz aos sorcoidos interes-
ses da plutocracia dominante»
(Este pedacinho já está archi-
vado).

São terríveis, esses palaci-
nos do bem e da moral. E são
inexgottaveis...

Munido de uma tesoura que
ainda não se fatigou de cortar,
vou archivando esses logares

CONCURSO CARNAVALESCO

docentes, Minas occupa o ter-
ceiro logar, o lugar que é ex-
tremamente honroso, si refle-
ctirmos bem na lição desses al-
garismos.

selectos do periodismo «que
não se vende». Jornaes amarel-
los, vermelhos, rôxos, pretos,
todo esse arco-iris da honra e
do caracter illustra a minha
modesta mesa de pinho Pa-
raná.

Ainda agora, acabo de pas-
sar os olhos por um vibrante
diario guanabario, em cuja
primeira pagina se alastra, en-
tre photographias sinistras, e
sob titulos sangrentos, um me-
moravel editorial. O leitor pa-
ciente faça o favor de ler este
pedacinho que nelle figura co-
mo uma perola na vitrina de
um joalheiro:

«A noite dos doentes do sif-
tio, dos phantasmas da legali-
dade, dos currupiras da Or-
dem, dos boi tatás da policia-
politica, devorou-a com volu-
pua a aurora boreal das li-
berdades amadas, a madrugada
sonora das revindictas insu-
ffocaveis, a manhã estival
dos protestos integraes!»

O melhor critico literario
que eu já conheci em minha
vida (depois do sr. João Ri-
beiro, e claro) foi um camara-
da que tinha sempre o cuida-
do de anotar na primeira pa-
gina dos livros: «Li e gostei»
«Li e não gostei», «Não li e
gostei», «Não li e não gostei»
Com uma dessas phrases, o tal
resumira todo o Sainte-Beuve,
fodo o Taine todo o José Veris-
simo e toda a critica feita
desde Adão até o sr. Tristão
de Athayde.

Eu queria ser esse homem
feliz para resumir em duas pa-
lavras a minha impressão
sobre aquelle pedacinho.
Como não sou, contento-me
em archivar-o na minha pro-
blematica Anthologia, que, si
fosse publicada, faria um suc-
cesso maluco.

Mas isso era si eu tivesse
dinheiro, tempo e pachorra...

P. S. Meu artiguete de hon-
tem sahi assignado por L,
quaddo a minha assignatura é
L. Não é a mesma coisa. O L
tem uma perna a mais, porém
o l é mais sympathico. l.

O sr. dr. Mar-
vedo, que viam
ço de policiamen-
tiu para Sao Ma-
rará por todo et
penho de import-
Secretaria da Se-

Durante a sua
mento será dirig-
manson Doyle, e
auxiliado pelo e-
de Moraes, post-
quella delegacia,
quim Pinto Ribei-

NOMES

Foram colloca-
ção o nome de «
Marcellino» ao tr-
rua Moraes e-C
logar denomina-
nome de «Rua Re-
partindo do larg-
morro de Santo-
direcção ao cami-
a Christo Redem-
cara do sr. José M-
«Rua Commenda-
di» ao trecho do
theus, antes chama-
partindo da rua
em direcção do
primeiro trecho.
terrenos do dr Jo-
Barão de Ibertiog-
da rua Ruy Bar-
ponte da Tapera
da rua Feliciano
no Procopio; e d-
Juiz de Fora á q-
da Sete de Setem-
ção aos fundos de
Leite, transversal
Parque.

HEITOR G

Tendo o director
incluido em sua
illustre jornalista
redactor chefe da
cial», para Juiz de
Commercial de Ju-
de hypothecar o se-
dicação recommen-
trade ao suffragio
ductoras.

**PREDIOS NOVOS
ESCOL**

O sr. dr. Loure-
engenheiro do Esta-
á co-struction do
vae servir de grup-
Matheus ainda este
Semana Santa.
Na mesma occasi-
construcção de dois
ro de Botantagua—
adaptados a grupos
Nessas predios ta-
las agrupadas ate

Para embellezar sua casa es-
colha um lustre do no-

Belo Horizonte, Domingo, 10 de Abril de 1927 N. 5.336

Conde de Affonso Celso

publicamos abaixo o discurso proferido pelo sr. Dario A. Magalhães...



Dr. Dario A. Magalhães

Conde de Affonso Celso, nesta homenagem que as letras de Minas rendem...

Conde de Affonso Celso, nesta homenagem que as letras de Minas rendem...

libertarias e das firmidáveis reações civicas, raça de martyres...

A resistência inesquecível da fé ia entretanto lentamente primando e enfraquecendo o espirito maligno e ameador.

No fundo do sub-consciente nacional já latejava uma força irresistível de reacção, fructo da fé convincente...

Subito houve o desencadear de uma avalanche avassaladora. O espirito joven, a mocidade brasileira sempre mocidade...

Nunca, como naquelle momento se fazia necessaria a cooperacao dos espiritos de fé. O magnetismo das idéas novas arrefecera.

Cabiu sobre a alma nacional o peso de um deserto acabrunhado. Renovou-se, então, o mesmo clamor inutil e insatisfeito...

Os descrentes e os negativistas. Ideias dizião-n'o sonhador, idealista utopico. Voltavam os seculares e desalentados...

Conferenciou hontem com o sr. presidente do Estado, esteve hontem no Palacio da Liberdade...

A partida da esquadra aerea italiana para a China Rio, 9- Informam de Londres que o Governo ordenou a partida da esquadra aerea...

O embaixador Nabuco de Gouveia activa os trabalhos do ramal que ligará Conceição à fronteira Brasileira no Estado de M. Grosso.

Rio, 9- O construtor Anibal propoz-se a terminar a construção do edificio da Maternidade de Lisboa, pela quantia de 1.550 contos de réis.

Rio, 9- O Ministro da Fazenda indetero o requerimento do sr. Vigario geral de Montes Claros, pedindo isenção...

Rio, 9- O Supremo Tribunal Federal em sua sessão de hoje, julgou a apelação civil em que é apelante Theodoro...

Naos de deportados e presos da revolta de fevereiro em Portugal existentes nas prisões desta capital, não seguirão para as comarcas...

Conhecções de Vestidos finos IRENE RIGOTTO PRADO - Tuppys, 270 -

O "Argos" adou a partida para hoje

Quando Broderes apparecia por contrar, Mis é possível que elle interesse ao primeiro ministro italiano...

Palacio da Liberdade

Conferenciou hontem com o sr. presidente do Estado, esteve hontem no Palacio da Liberdade...

Rio, 9- Informam de Londres que o Governo ordenou a partida da esquadra aerea...

O embaixador Nabuco de Gouveia activa os trabalhos do ramal que ligará Conceição à fronteira Brasileira...

Rio, 9- O construtor Anibal propoz-se a terminar a construção do edificio da Maternidade de Lisboa...

Rio, 9- O Ministro da Fazenda indetero o requerimento do sr. Vigario geral de Montes Claros...

Rio, 9- O Supremo Tribunal Federal em sua sessão de hoje, julgou a apelação civil...

Naos de deportados e presos da revolta de fevereiro em Portugal existentes nas prisões desta capital...

Conhecções de Vestidos finos IRENE RIGOTTO PRADO - Tuppys, 270 -

O "Argos" adou a partida para hoje

Quando Broderes apparecia por contrar, Mis é possível que elle interesse ao primeiro ministro italiano...

Homenagem ao dr. Daniel de Carvalho

No Automovel Club Realizou-se hontem, ás 10 horas no Automovel Club...

De 1.º de janeiro do anno proximo findo, o 31 de março corrente, o instituto e os estabelecimentos que...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Instituto João Pinheiro

No nosso illustre collega los «Minas Geraes» publica mensalmente uma estatística de pessoas que visitam este...

De 1.º de janeiro do anno proximo findo, o 31 de março corrente, o instituto e os estabelecimentos que...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Margarida Lopes de Almeida foi levar mais uma vez ao estrangeiro a alma delizosa da nossa poesia...

Publicamos abaixo o discurso proferido pelo sr. Dario A. Magalhães...

Publicamos abaixo o discurso proferido pelo sr. Dario A. Magalhães...

ANEXO 88 – “A verdade sobre as vitrolas”, *Diário de Minas*, 12 de abr. de 1927.

edora
con-
te da
umbra
o me
ido, a
nifica-
mena-

eflecti-
mação
tos ve-
renero-
directa-
ilhante

num re-
a bon-
imento,
im ami-
encan-
rir os
na acci-
ofessor,
advo-

ação, o
e, para
ra que
gular re-
s a esta
ltimas e
es está-

a amisa-
maravi-
talismans
Uma Noi-
a propria
transforma-
es em que
espelham
s côr de

ão e orga-
Club de
é menos
dedicados

ANDRADE

— ALFAIATE —

Rua da Bahia, 992 — Phone 45

do Ins
saudac
de Aff
O qu
nheiro,
o gran
Carlos!

Ha
publica
experin
retrahit
o seu s
que o
episodi
ta vida
e patrio

Não
ctor, a
car gl
que se
pela c
cumprid
o intuite
dade qu
o Insti
historico

Muitos
tuto co
do que
elles
possuiss
originae

Accrec
desprete
to, em l
recerá l
no vosso
honrada,
missão d

Com a
ração e
triota e a

A verdade sobre as vitrolas

A's poucas e invariáveis distrações bellorizontinas: o cinema, o baile, o foot-ball, veio ajuntar-se um novo divertimento compulsorio: a victrola. O bom cidadão do Curral del Rei, que vae todas as noites ao Odeon e uma vez por semana ao estadio do America (o America e o Odeon são dois campos de luta), e que dança nos dois clubs locais ou na sala de visita das familias que têm filhas para casar, está agora na obrigação de possuir em casa uma dessas machinas falantes, cujo preço vae de 100\$000 a 6:00\$000. Si elle for apenas funcionario publico, com familia grande e casa alugada, poderá comprar uma pequenininha, de 100 humildes bagares; mas si for capitalista, proprietario de lotes no Calafate, dono de Buick e de «bungalow», tem de cabir numa victrola assú de 6 contos dessas «com diaphragma n.º 15 de duraluminio, motor de corda dupla, parada automatica accionando com qualquer marca de disco, prato giratorio forrado de velludo verde, tampa semi automatica com quatro albens, tres depositos para agulhas novas e uma para as servidas» (copia fiel de um annuncio do «Minas»).

Agora, si o individuo não for nem millionario nem indigente, mas pender para uma dessas classes, póde escolher o typo de victrola que mais lhe convenha, por isso que as ha para medicos, engenheiros, bachareis, pharmaceuticos, dentistas, constructores, commerciantes, industriaes,

jornalistas, de todas as formas e até sem forma definitiva. O necessario, o obligatorio é comprar. Quem não comprar a sua victrola perde a sua expressão social. Desclassifica-se. Degringola.

Tenho ouvido commentarios encontrados sobre essa moda, tanto do ponto de vista dos melomanos como do ponto de vista dos surdos. Mas parece ser opinião geral que ella não é das mais baratas.

Um amigo explicava me hontem: O aparelho, em si, não é caro, e póde ás vezes ser util, como acontece com essas victrolas que fingem de mezas, de creados mudos, de cantoneiras, de machinas de costura e até de fogões. Sempre offerecem uma superficie lisa sobre a qual se podem collocar pelo menos um chapéo e uma caixa de phosphoros. O diabo são os discos. Compra-se uma victrola baratinha, typo Ford, por 100\$ e gasta-se logo outro tanto em discos. No primeiro mez, com meia duzia de Columbias e outra meia de Odeons, a festa se arranja. No segundo mez, o comprador começa a desconfiar que aquelles «charlestons» e aquelles barytonos italianos estão ficando paus. Compra outros. Mas o tempo e as melodias passam. Terceiro mez e terceira provisão de rodellas gravadas em portuguez, inglez, italiano, hespanhol e outras linguas menos confessaveis. A victrola vae ficando cara. O orgulho do comprador precisa ser mantido. Mais gastos. No oitavo ou nono mez, o imprudente abre fallencia.

Salvo si tiver morrido antes, de intoxicação por victrola, o que é mais do que provavel.

Confeçã
IRENE

da agonia

... de recolhimento, de... em que a alma ca... concentra na medi... desta tragédia do... a vista que ahi vai, e... mais uma vez a Igreja... na pompa e no symbo... seu ritual, as torturas... onia de Jesus, desde o... na sombra presaga do... do desenlace no alto... ato.

... duvida, a pagina mais... ante e mais formidave... stianismo, a ternura e o... comovente com que a... comemora todos os nu... drama desenrolado na... nua arida e secca dos a... de Jerusaleim, drama... da hoje, passados quasi... annos, nos enche de... e de respeito, têm a... applicação logica e natu... de ter vindo aquelle... mento abrir uma nova... as almas, formando-se... projectada pela cruz... ptor do Mundo, uma... ligião de amor, de paz... e de misericordia.

... o, o occaso daquella vi... se extinguiu num ma... ara resuscitar horas de... a alvorada de uma... do que se irradiou pe... inteiro, enchendo de... e de esperanças... as melhores num su... universal. Embora... disto, homens depoliti... cuseram, por todos os... ngular as consciencias... phos materialistas ten... trinas as mais estrano... rosivas - a figura de... luminosamente aureo... seu martyrio, continia... dos tempos sacudidos... vulsões de toda or... elevar os espiritos, a... ar as corações?

Horizonte, metropole de... do que faz timbre em... as suas crenças religio... uma vez affirma a... nção e no recolhim... que vae accompanha... ctos da semana da

... de ella, a Igreja procura... a seus fiéis o conhe... da obra de redempção... pelo Salvador, prepara... as almas para os fr... ctos abundantes... se podem esperar. As... brehumanas do Divino... são o grande thema... durante esses dias... nominaos «Semana... vidio aos fructos dos... illa para os verdadei... a fonte sempre re...

... omos, pois, reverentes... cruz e elevemos nes... corações em prece... s quaesquer preoccup... esquinhas que nos pos... der ao mundo dos in...

MARIA D. PEDRO II
... do de Janeiro, 620

mercados
... Os mercados funcio... da seguinte forma:
- Estavel, com o banca... 7/8 e o particular a...

... vel, com o tipo 7... 38\$200 por...

... Paralyzados com as... cotas/kg, por 60 kilos:
... 44\$ a 45\$; demer... a 38\$; mascavinhos... 38\$; mascavos, de 27\$...

... salmo, com estas... kg, ser... 30\$; primeiras...

de Minas

A conceituada Loteria de Minas continua distribuindo grandes sorteios tanto em Minas como no Rio e em outros Estados.

Ainda agora, foi pago em S. Paulo, por um dos agentes daquelle Companhia, um vigesimo bilhete n.º 2.620 premiado com 500.000\$000 na extração de 8 do corrente, a d. Bauri.

Pela mesma Companhia foi pago nesta capital o bilhete n.º 7.649 premiado com 50.000\$000 na mesma extração, ao Banco Commercio e Industria, por ordem de terceiros, residentes em Turvo, neste Estado.

Ja se sabe tambem que o bilhete n.º 15.020, premiado com 50.000\$000 na extração de 29 de março, foi vendido ao sr. Felício Felizola, residente em Franca, Estado de S. Paulo.

E é justamente pelo elevado numero de sortes grandes distribuidas e pela rigorosa fiscalização com que as mesmas têm sido pagas, e tambem pelo prestigio pessoal dos actuados directores daquelle poderosa Companhia, taes como os srs. B. Barbara, Baeta Neves, e ecl. Virgilio Machado, que a Companhia de Loterias de Minas geraes cada vez mais eleva e fortalece suas sympathias e seus creditos em todo o Brasil.

Concorre tambem para o bom nome da Companhia e para a confiança que a mesma inspira, a criteriosa fiscalizacao que, por parte do governo do Estado, junto a mesma vém exercendo os srs. drs. Candido Naves e Ethelbert Franzen de Lima.

FRANZ, NGLZ, LAIIM.
Reinício das aulas a 15 deste.
R. Tybiras, 633

de Minas

o automevel victorioso

(Communicado da Central Allemã do Fomento do Turismo, para o «Diário de Minas»)

Uma das mais formosas e afamadas regiões da Alemanha - o valle do Ahr, celebre pelos seus bons vinhos - tinha-se permitido até agora, limitando o exemplo de certos canhões suissos, o luxo de manter as suas estradas fechadas ao trafego dos automoveis, invocando como motivo principal para esta medida os prejuizos que a poeira levantada pelos autos podia causar aos vinhedos. A construcção, nas suas immediações, do grande antrodo Nürburging, onde se disputava d'agora em diante as corridas automobilísticas mais interessantes da Europa e o facto de ser o valle do Ahr uma das principaes vias de accesso a nova pista tornava impossivel manter o actual estado de coiza. Apesar dos protestos dos vinhateiros, as estradas do valle do Ahr serão abertas aos automoveis - não aos antigos - durante a proxima primavera. Porém as autoridades prometteram fazer desaparecer radicalmente a poeira das estradas do valle do Ahr antes de os automoveis poderem começar a circular por ellas. Não deixaria de ser conveniente que o exemplo do valle do Ahr fosse imitado em todas as estradas do mundo.

Só para os gordos? Só para os magros?

Não sei quem teve a extravagancia de affirmar serem os autores as creaturas mais felizes do planeta. Com certeza alguns que não chegam a possuir ne' ao menos ahi a les com leitores de que já falava Scindal. Mas, se assim é, bem que o tal nem pertence ao facto de que essa observação foi a tirada a publicidade. Mas não! Banal ou não, ella traz uma verdadeissima bem triste, que vive a ruem a tema de muita sensibilidade. Verdade de hontem e de hoje, do tempo em que havia escriptores abnegados que morriam de fome, em beneficio da gloria, como por exemplo... (eram todos, não eram?) - até de hoje, com o caso expressivo do sr. Luiz Carlos, que se vê obrigado, segundo parece, a ser muito mais funcionario da Central do Brasil do que mesmo poeta de verso. Quem tem o seu dinheiro vae a livraria e sae de lá com o livro que muito bem entendo. Está ahi a calamidade. Antigamente, parece, os autores não se preocupavam lá muito com isso. E a linha do tempo - a de não podermos evitar que certos individuos leiam os seus livros - não podem escolher os seus leitores. Quem tem o seu dinheiro vae a livraria e sae de lá com o livro que muito bem entendo. Está ahi a calamidade. Antigamente, parece, os autores não se preocupavam lá muito com isso. E a linha do tempo - a de não podermos evitar que certos individuos leiam os seus livros - não podem escolher os seus leitores. Quem tem o seu dinheiro vae a livraria e sae de lá com o livro que muito bem entendo. Está ahi a calamidade.

Na directoria de Viação e Obras Publicas

O director de Viação e Obras Publicas da Secretaria da Agricultura, baixou uma portaria sobre o pagamento de obras, em faz saber o que seguinte:

I - Todas as obras executadas por tabelas, empreitadas, ou ajustas, mesmo que sejam dadas pelos engenheiros ou conductores de obras do Estado a particulares, serão pagas directamente aos interessados, por meio de requisições contra o Thesouro do Estado.

II - Para regularização deste modo de pagamento, os engenheiros ou conductores, ao procederem a medição das obras, farão os interessados subscreverem as folhas de medição, pondo o «de accordo».

III - Os mesmos fiscaes nesta occasião, darão aos interessados declarações, segundo o modelo proprio, de que poderão receber no Thesouro do Estado as respectivas importancias, depois de revista e approvada a medição pela Secretaria.

IV - A Secretaria da Agricultura, depois de approvada a medição e autorizado o pagamento, emitirá um cheque, assignado pelo director de Viação e Obras Publicas, contra o Thesouro do Estado do mesmo, que será passado em talo proprio, segundo o modelo proprio, e será trocado pela declaração do engenheiro fiscal, nesta Directoria, mediante a apresentação do mesmo, será para a requisição de pagamento que se emittiu contra o Thesouro do Estado, a favor do portador.

O Santo Conselho e as questões politicas

Rio, 12 - Dizem telegrammas de Roma que a Congregação do Santo Conselho decidiu que os bispos têm poderes para proibir que os clerigos se envolvam em questões politicas.

ah! ? No entanto, não haveria coisa nenhuma, si cada leitor procurasse ler somente aquellas obras que foram escriptas para elle - Mas acoutece...

Conheço quem, no bonde, Bonde chelo, Chelismo. Pretendo de mim um senhor gordo e um senhor magro.

Voz outra vez do senhor gordo: - Esse paiz é uma droga... sim senhor... uma droga! Sorriso delicado do senhor magro.

De repente eu notei uma brochura linda nas mãos ruidosas do senhor gordo. Imagino logo algum panphletto violento «contra a tyrannia», «contra o azoraguge disso e daquillo», afinal livro «tiro e queda». Estiquei o pescoço sobre o visinho. Nada! Tornei a estical-o. LE «La amada Amovoz» do Amado Nervo. Hein? Sim, era a obra de Amado Nervo, não em carne e osso, mas em tinta e papel. Por sua vez o outro levava com carinho um outro volume que de certo iria ser devorado na Secretaria entre duas assignaturas de ponto. Eu olhei já prevenido. Era o «Meu libello» do sr. Mario Rodrigues!...

Conto o absurdo daquelle desentendo a um amigo com quem eu me encontrara logo depois, e lembrei-lhe o que me acontecera de certas obras.

E uma tristeza, você não acha?

O meu amigo voltou-se então para mim: - Pois isso! Si algum dia eu editas as minhas obras, eu terei o cuidado de escrever logo na primeira pagina, «So logo para os senhores gordos» ou «So para os senhores magros».

E eu uma risada triste.

Governmento de Minas

O sr. presidente Antonio Carlos assignou hontem os seguintes decretos:

Dispensando a pedido o commandante Real de San-Tiago Dantas cargo de director da mineraçãõ mineira do S. Francisco.

Exonerando, a pedido o insperctor escolar de Vicos, Adelfo de Santos Bicalho.

Declarando avviso, a pedido, o juiz de direito da comarca de D. Res do Indayá, bacharel Luis Daq da Rocha.

Nomeando: director da navegação mineira do S. Francisco, o commandante Joaquin das Chagas Moura; promotor de justiça da comarca de Oliveira, o bacharel Francis Martins de Almeida; juiz de direito da comarca de Mon Carmello para igual cargo na comarca de D. Indayá.

Transferindo a pedido: para o termo de Gyrimir o avaliador judicial do Ocreto, Plinio de Castro do termo suprimido de Campestre;

para o mesmo termo o contador-partidario e distribuidor, Gabriel Joaquin das Costa Junqueira, do termo suprimido de Campestre.

Concedendo licenças para tratamento de saude: de 60 dias, ao auxiliar juridico da Secretaria da Agricultura, bacharel Antonio José Moreira; de 90 dias, a professora do Instituto Góia Pirotto, Julia Cabral.

Provedo no serventia vitalicia: do officio de 1.º escrivão do judicial e notas e officio do Registre de imoveis do termo de Sabino-polis, Balbino Candido;

do officio de 2.º escrivão do judicial e notas e officio do Registre de imoveis do termo de Sabino-polis, Balbino Candido;

avaliador judicial do mesmo termo do Serrão, no districto da cidade de Sabino-polis, Gerardo Alves de Queiroz.

O gado argentino nos mercados de Portugal

Rio, 12 - Informamos de Buenos Ayres que segundo «El Diario» os centros pastoris estão procedendo a investigações sobre noticias de Lissaboa, que informam cogitar o governo portuguez da importação de gado do tsetsechocqua, em vista de gado ali chegar com sensivel diminuição de peso.

A exposiçãõ ibero-americana de Sevilha em 1928 e do Brasil

Rio, 12 - O sr. Ministro da Agricultura approvou as instrucções que devem ser observadas para os trabalhos preparatorios da representaçãõ do Brasil na Exposiçãõ ibero-americana de Sevilha, a verificar-se em 1928.

Acaba de ser intallado no edificio da Associação Commercial o commissariario geral da mesma exposiçãõ, sendo nomeados para o mesmo commissariario geral - sr. José Vergueiro Steidel, secretario - Herbert Schneider Mendonça; delegado para os Estados de Paraná, Sta. Catharina, Rio Grande do Sul, Goyaz, Mato Grosso, o sr. Arno Kander; delegados para Rio de Janeiro, E. Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, o sr. Victor A. Góia Ferraz e delegado para os Estados de Parahyba a Amazonas, o sr. Hannibal Porto.

O srs. drs. Abrããõ Leite e Adhemar Mello Franco tomam posse

Rio, 12 - O gabinete do sr. Ministro da Viaçãõ empousou solennemente nos cargos de director da Rede Viaçãõ cearense e director geral da Inspectoria da Navegação os srs. drs. Abrããõ Leite e Adhemar Mello Franco, respectivamente.

O dr. Adhemar Mello Franco occupava o logar agora transferido ao dr. Abrããõ Leite.

A presidencia da Camara e do Senado da Bahia

Bahia, 12 - Foram eleitos para presidentes da Camara e do Senado estaduais, respectivamente, os srs. Caio Moura e Frederico Costa. A Camara votou unanimemente uma moção de congratulaçãõ e applausos pela politica do Presidente Washington Luis, a qual, ao ser posta em discussãõ deu ensejo a que fallassem varios deputados da corrente Octaviano Mangabeira; os oradores salientaram a irreversibilidade da politica de Washington, pela elevaçãõ politica que s. exc. implantou.

Homenagem ao sr. dr. Mello Vianna

Na lista de pessoas que adheriram a manifestaçãõ feita domingo ultimo em mianse sr. dr. Mello Vianna, Elyceu Jardim, juiz de direito de Itaipua, ecl. Francisco Azevedo, Josiõ Vianna e Claudionor Martins.

Falleceu o fundador do Partido da Mocidade

Rio, 12 - Falleceu em S. Paulo o escriptor e jornalista sr. Paulo Gonçalves, fundador do Partido da Mocidade e redactor do O Estado de S. Paulo.

Estrada de automoveis de Manhuassu a São Mancel do Mutum

Pelo governo do Estado, foi declarada caduca a concessãõ de privilegio de trafego e subvencãõ kilometrica para construcção da estrada de automoveis de Manhuassu a S. Mancel do Mutum, passando pela Villa Rio José Pedro, feita aos srs. Guaraciaba de Aquino Afonso e José Camillo de Avelar.

Palacio da Liberdade

Conferenciaram hontem com o sr. Presidente do Estado os srs. secretarios do Interior e da Segurança Publica, e prefeito da Capital.

Em visita de despedidas do sr. Presidente do Estado, esteve hontem no Palacio da Liberdade o sr. Theodoros Bandeira, presidente da Camara de Tres Pontas; em visita de agradecimentos e despedidas, o dr. Antonio Ribeiro da Silva Braga, juiz municipal de Formiga.

Confecçãõs de Vestidos finos IRENE RIGOTTO PRADO

Prezas

Desde hontem, quarta-feira de cinzas, os tempos catholicos nos seus altares envolviam-nos em pesadas nuvens de crepúsculo que invadem os corações...

A venda da Mina da Passagem

De uma carta do sr. dr. Gomes Freire de Andrade extrahimos os seguintes topicos multo interessantes pela importancia da Passagem:

Minas do Gov. no de Minas

O sr. presidente Antonio Carlos assignou hontem, entre outros, o seguinte actus: De quando o dr. Theophilo Ribeiro, director do Bacia para darminas, assignou o expediente da Secretaria de Estado dos Negocios...

IMPALUDISMO. MALEITAS, SEZÕES, FEBRES, DOENÇAS, CÁBRES DE MEMBRADA, PULSAS, ETC. PILULAS EXP. DO SANTO.

Fallecimento de um ex-deputado paulista. Rio 13 - Falleceu em sua fazenda, em Coritiba, município de Petropolis, o sr. dr. Alberto Sarmento...

IMPRESA MINEIRA. O CORINTHO. E' este o titulo de um novo organo de publicação surgido, ha pouco na localidade do mesmo nome.

De pequeno formato, mas feito com capricho, o periodico em questão, cujos dois primeiros numeros acabamos de receber, tem como lema: "Tudo pela ordem e pelo direito em beneficio do povo."

A ORDEM, de Rio Novo, completou a 1.ª edição de seu 3.º anno de publicação, em 30 de setembro do municipio e da região em que circula.

Deu por esse motivo uma boa edição, colaborada com gosto e feita com capricho.

Judas

O destino de Judá Iscariote faz-nos mergulhar num abismo de espanto. Porque emfim esse homem surgiu para cumprir as profecias, era preciso que elle vendesse o filho de Deus por trinta dinheiros. Com a lingua e os cravos crucificados, o beijo do traidor é, assim, um dos instrumentos necessarios da Paixão Sem Judas, o mystrio que se cumpriu, o gero humano não learia salvo.

Essa fada de Judas perdeu a sua alma trahida pela salvação do mundo todo. Foi o primeiro a ser salvo, e o primeiro a ser perdido. Foi o primeiro a ser salvo, e o primeiro a ser perdido.

A paz universal e o cinema

Alguns films americanos provocam protestos na Alemanha. Telegrammas de Berlim informam que os fabricantes cinematograficos allemes iniciaram uma campanha activa contra a produção de certos films americanos que visam incitar os rancores da guerra...

Como primeiro passo na campanha a Associação pediu a Metro-Goldwyn que retire da lista o film "Mare Nostrum", sempre que isso seja permitido pelos seus compromissos com os exhibidores.

A Metro Goldwyn respondeu que era demasiado tarde para retirar o film, mas d-seja cooperar, no futuro, de boa vontade, para evitar a produção de films que possam incitar desavenças internacionais.

O jornal "Teglich Rundschau", cuja fonte de informação é o ministro das Relações Exteriores sr. Stresemann, em editorial publicado recentemente qualifica a resposta da Metro-Goldwyn como desfavoravel e insinua a conveniencia dos produtores allemes cortar as relações com os americanos...

A renda bruta da Central

Rio 13 - A renda bruta da Estrada de Ferro Central do Brasil, durante a ultima semana attingiu a importancia de 3.078.580\$359.

E. U. amadrigado ha 18 seculos. E, tu, amadrigado ha 18 seculos. E, tu, amadrigado ha 18 seculos.

essa. E, tu, amadrigado ha 18 seculos. E, tu, amadrigado ha 18 seculos. E, tu, amadrigado ha 18 seculos.

essa. E, tu, amadrigado ha 18 seculos. E, tu, amadrigado ha 18 seculos. E, tu, amadrigado ha 18 seculos.

Mais um principe

Com este titulo publica "O Muni-cipio de Rio de Janeiro" de S. Paulo, o seguinte artigo, assignado por J. M. M. inciaes que occellam o nome de um jovem e festejado intellectual mineiro residente em Talyca.

Si é verdade que Honorio Armond não seja dos mais divulgados do movimento cultural, não deixa de ser conhecido em centros de cultura, como o "Centro Culturalista" e o Rio de Janeiro.

Quando do apparecimento de seu segundo livro, esse admiravel escritor mineiro, de nome S. Paulo, o seguinte artigo, assignado por J. M. M. inciaes que occellam o nome de um jovem e festejado intellectual mineiro residente em Talyca.

Quando do apparecimento de seu segundo livro, esse admiravel escritor mineiro, de nome S. Paulo, o seguinte artigo, assignado por J. M. M. inciaes que occellam o nome de um jovem e festejado intellectual mineiro residente em Talyca.

Quando do apparecimento de seu segundo livro, esse admiravel escritor mineiro, de nome S. Paulo, o seguinte artigo, assignado por J. M. M. inciaes que occellam o nome de um jovem e festejado intellectual mineiro residente em Talyca.

Quando do apparecimento de seu segundo livro, esse admiravel escritor mineiro, de nome S. Paulo, o seguinte artigo, assignado por J. M. M. inciaes que occellam o nome de um jovem e festejado intellectual mineiro residente em Talyca.

Sarmento de Beires e suas impressões sobre o Rio

Rio, 13 - O victorioso commandante do "Argos" exteriori a sua viva admiração pelas surprehendedentes bellezas panoramicas do Brasil.

O valioso "az" irá daqui a S. Paulo, por trem.

Os aviadores lusos vão prestar bella homenagem a aviação brasileira, visitando o capitão Mario Barbedo que, ha annos, inutilizou-se n'um accidente de aviação.

Sarmento de Beires está hoje recolhido ao leito, ligeiramente enfermo.

Escotismo

Marcello Linhares e Adhemar Brant, dois intelligentes e correctos escoteiros, estiveram hontem nesta cidade, portadores de um gentilissimo convite do sr. Prof. Pereira da Silva para que visitassem o acampamento dos "Escoteiros do Gymnasio" e dos "Escoteiros Populares", em "Morro do Cruzeiro", onde os nossos bravos rapazes passarão as noites de sabado e domingo.

Neste ultimo dia o acampamento será honrado com a visita do exmo. sr. Presidente Antonio Carlos, em homenagem a quem será realizada ali uma bella festa desportiva, cujos melhores numeros serão constituídos por provas de adestramento feitas pelas nossas ditas companhias de escoteiros, sob a direcção do seu competente e devotado instructor prof. Pereira da Silva.

Procurem seus telegrammas

Na Estação Central acham-se retidos telegrammas para as seguintes pessoas: Theodorico, Porteiro Instituto Radium; Angelo Soter, Av. Dezenove; Vira, Rua Humanitaria 216.

FRANCEZ, INGLEZ, LATIM.

Relicão das aulas a 15 de set. R. Tymbaras, 6127

mitação não é ainda igualmente adorado pelos outros. Si foi um tanto aspero, culpe o chronista do "O Correo Paulistano" a inflexão, que geralmente preside a esses actos reflexivos.

INOVAÇÃO

Eu que não creio em ti, ó Nazarenc! Que a crenga para mim nada traduz, Mas que respeito o teu ideal sereno Todo leito de paz, de amor, de luz: Eu que sou transitorio e sou pequeno Gramo de pó que o vendaval conduz, Sou teu irmão, Rabbil tenho o vultozinho, Da esponja, tenho os cravos, tenho a cruz! Mas si és deus, na verdade, e si tu' Os corações e vês o mundo sondado Combate, que ha no meu de sonhador.

casos de enfermidades de respiratorias, taes como pneumonia, Bronchites agudas, tussis rebeldes etc. o ODDOL é de effeito assombroso.

gramma do Juiz de Fôxoxe não a infamsta noticia de haver fallecido anteriormente, em sua residencia, o sr. senador José Luiz Couto e Silva, figura de relevo do Senado.

senador Couto e Silva repentinamente, a's 11 horas da noite, do doctissimo, que era um juiz de merito e advogado de alta casa, a alta do do sso Mineiro, traços bem a sua illustração e ope- ração, tendo conquistado a admiração e a admiração de seus paes, assim como de seus paes, assim como de seus paes, assim como de seus paes.

nome figura na chapada pelo Partido Republicano Mineiro para renovar o Senado Mineiro, o que tanto era proficua a nação naquella casa de do estado, onde ia a uma vez o seu manovado.

nos chegado a ultimo telegramma em que annuntiam a luctuosa noticia de que faramos o seguinte hantando-nos de um tempo.

Entretanto, renasce com o trabalho prestes a paralyzar-se, a animação em um dos melhores districtos deste Municipio.

Respeitando velha tradição desta casa, o "Diário de Minas" não crederá amanhã e depois de amanhã.

Desde hontem que figura no cartaz do cine-theatro Capitão Hege em 6 actos, de Eduardo Gari do "O Martyr do Calvario" Montado com escrupulo e interpretado por bons artistas o conhecido drama sacro tem agradado em cheio Hoje e amanhã ainda será elle levado á scena, em duas sessões diarias, do 4.ª e 5.ª sessões ás 18.30, e ás 21 horas.

Faz o papel de Christo o actor Nogueira Sobrinho, que tem nella a criação original e forte.

Conferenciaram hontem com o sr. Presidente do Estado os srs. secretarios do Interior e da Segurança Publica.

Esteve hontem no Palacio da Liberdade o dr. Francisco Martins de Almeida, que foi agradecer ao sr. Presidente do Estado sua nomeação para promotor de Oliveira.

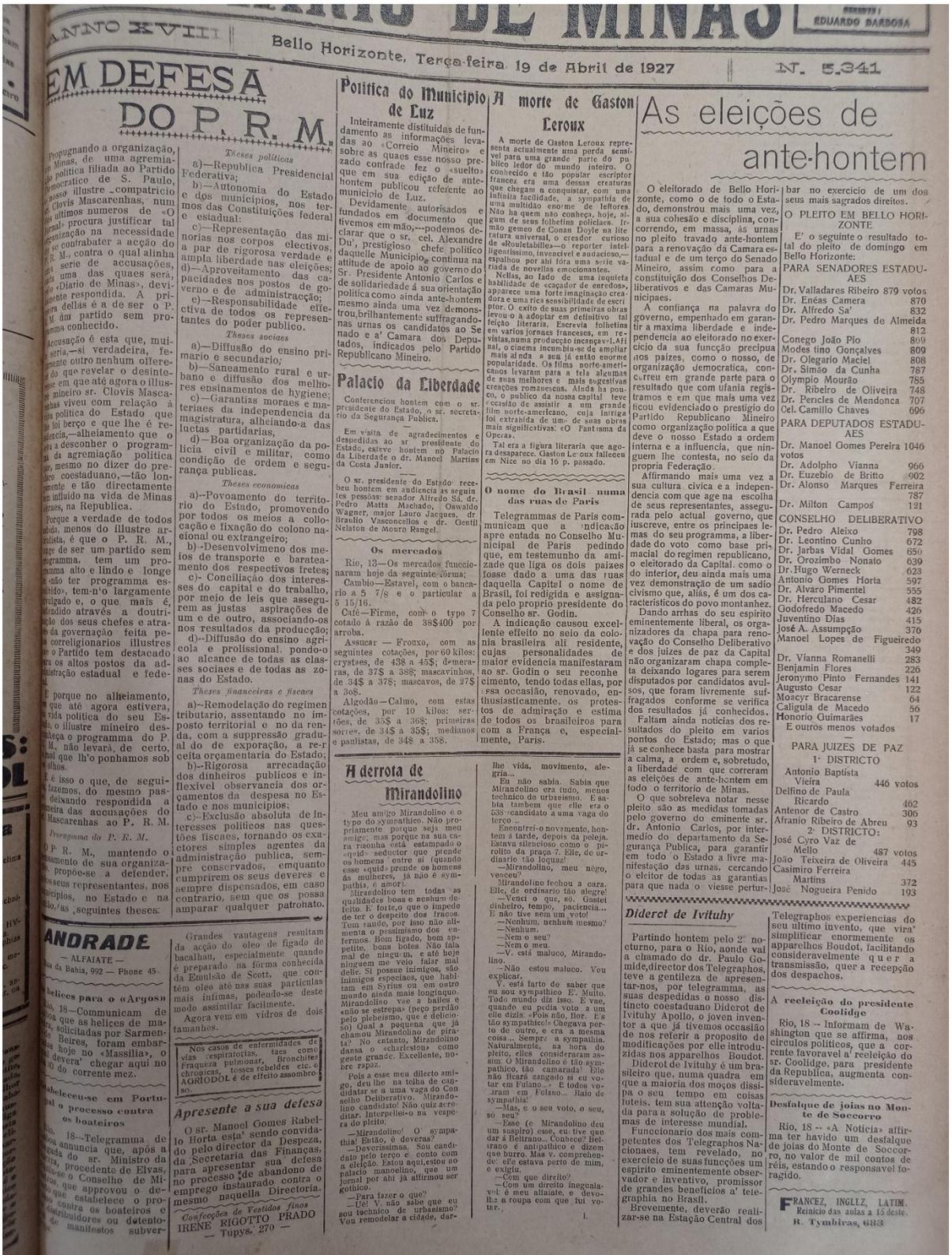
Palacio da Liberdade

Esteve hontem no Palacio da Liberdade o dr. Francisco Martins de Almeida, que foi agradecer ao sr. Presidente do Estado sua nomeação para promotor de Oliveira.

ANDRADE

ALFAIATE, rua 922 - Phone 45

Taubay, 11 - de 3 de 1927.



EM DEFESA DO P. R. M.

Propugnando a organização, Minas, de uma agremiação política filiada ao Partido Democrático de S. Paulo, esse illustre compatriota, Clóvis Mascarenhas, num dos últimos números de "O Estado" procura justificar a existência da necessidade de uma organização para combater a acção do P. R. M., contra o qual alinha uma série de acusações, todas uma das quaes será, em "Diário de Minas", devidamente respondida. A primeira delas é a de ser o P. R. M. do partido sem programma concluido.

- Theses politicas**
- Federativa;
 - Autonomia do Estado e dos municipios, nos termos das Constituições federal e estadual;
 - Representação das minorias nos corpos electivos, a par de rigorosa verdade e aproveitamento das eleições;
 - Responsabilidade efectiva de todos os representantes do poder publico.

- Theses sociais**
- Diffusão do ensino primario e secundario;
 - Saneamento rural e urbano e diffusão dos melhores ensinamentos de hygiene;
 - Garantias moraes e materiais da independencia da magistratura, alheando-a das luctas partidarias;
 - Boa organização da policia civil e militar, como condição de ordem e segurança publicas.

- Theses economicas**
- Povoamento do territorio do Estado, promovendo por todos os meios a collocação e fixação do colono nacional ou estrangeiro;
 - Desenvolvimento dos meios de transporte e barateamento dos respectivos fretes;
 - Conciliação dos interesses do capital e do trabalho, por meio de leis que assegurem as justas aspirações de um e de outro, associando-os nos resultados da produção;
 - Diffusão do ensino agrícola e profissional, pondo-o ao alcance de todas as classes sociais e de todas as zonas do Estado.

- Theses financeiras e fiscaes**
- Remodelação do regimen tributario, assentando no imposto territorial e no da renda, com a supressão gradual do de exportação, a receita orçamentaria do Estado;
 - Rigorosa arrecadação dos dinheiros publicos e inflexivel observancia dos orçamentos da despesa no Estado e nos municipios;
 - Exclusão absoluta de interesses politicos nas quaes-ções fiscaes, tornando os factores simples agentes da administração publica, sempre conservados, enquanto cumprirem os seus deveres e sempre dispensados, em caso contrario, sem que os possa amparar qualquer patronato.

Grandes vantagens resultam da acção do oleo de figado de bacalhã, especialmente quando é preparado na forma conhecida de Emulsão de Scott, que contém oleo até nas suas particulas mais finimas, podendo-se deste modo assimilar facilmente. Agora vem em vidros de dois tamanhos.

Nos casos de enfermidades de vias respiratorias, tics, como fraqueza pulmonar, bronchites chronicas, tosses rebeldes etc. o AGRIOLEO é de effecto assombroso.

Pois a esse meu dilecto amigo, deu-lhe na toalha de candidato-se a uma vaga do Conselho Deliberativo. Mirandolino não quiz aceitar. Interpelado na véspera do pleito.

Mirandolino! O sympathico! Estão o deves? — Deverissimas. Sou candidato pelo termo e de certo contarei a eleição. Estou aqui, estou no palacio municipal, que não tenho por ali já affirmado ser gothico.

Para fazer o quê? — Ué! Não sabe que eu sou tecnico de urbanismo? Vou remodelar a cidade, dar-

Política do Município de Luz

Inteira e distincta de fundamento as informações levadas ao "Correio Mineiro" sobre as quaes esse nosso prezado confrade fez o seguinte que em sua edição de ante-hontem publicou referente ao Município de Luz.

Devidamente autorizados e fundados em documentos que tivemos em mão,—podemos declarar que o sr. cel. Alexandre Dur, prestigioso chefe politico daquelle Municipio, continua na attitudde de apoio ao governo do Sr. Presidente Antonio Carlos e a solidariedade á sua orientação politica e ainda ante-hontem mesmo ainda uma vez demonstrou, brilhantemente sufragando nas urnas os candidatos ao Senado e á Camara dos Deputados, indicados pelo Partido Republicano Mineiro.

Palacio da Liberdade

Confereência hontem com o sr. presidente do Estado, o sr. secretario da Segurança Publica.

Em via de agradecimentos e despedidas ao sr. presidente do Estado, esteve hontem no Palacio da Liberdade o dr. Manoel Martins da Costa Junior.

O sr. presidente do Estado recebeu hontem em audiência as seguintes pessoas: Alfredo Sá, dr. Pedro Matta Machado, Oswaldo Wagner, major Luro Jacques, dr. Bráulio Vasconcelos e dr. Oenil Nelson de Moura Rangel.

Os mercados

Rio, 13—Os mercados funcionaram hoje da seguinte forma: Caxias de 43\$ a 45\$, demeraras, de 37\$ a 38\$, mescavinhos, de 34\$ a 37\$, mescavos, de 27\$ a 30\$.

Algodão—Calmo, com estas cotações, por 10 kilos: serfés, de 35\$ a 36\$; primeiras sortes, de 34\$ a 35\$; medianos e panistas, de 34\$ a 35\$.

A derrota de Mirandolino

Meu amigo Mirandolino é o tipo do sympathico. Não propriamente porque seja meu amigo, mas porque na sua cira rasonia está estampado o "quid" redutor que prende os homens entre si quando esse equid prende os homens ás mulheres, já não é sympathia, é amor!

Mirandolino tem todas as qualidades boas e nenhuma de feio. É forte, e o impelo de ter o despeito dos franceses, por isso não alimento o pessimismo dos vintemos. Bom humor, bom appetite, bons botos. Não fala mal de ninguém, e até hoje ninguém me viu falar mal d'elle. Si possui inimigos, são inimigos especiaes que habitam em Syrus ou em outro mundo ainda mais longinquo.

Mirandolino vive a beate e não se estrepas (pego perdido pelo plebeismo, que é bateso) Qual a penugena que já chamou Mirandolino de pirandolino? — O charlatanismo genio grande. Excellente, doutro tempo.

Pois a esse meu dilecto amigo, deu-lhe na toalha de candidato-se a uma vaga do Conselho Deliberativo. Mirandolino não quiz aceitar. Interpelado na véspera do pleito.

Mirandolino! O sympathico! Estão o deves? — Deverissimas. Sou candidato pelo termo e de certo contarei a eleição. Estou aqui, estou no palacio municipal, que não tenho por ali já affirmado ser gothico.

Para fazer o quê? — Ué! Não sabe que eu sou tecnico de urbanismo? Vou remodelar a cidade, dar-

As eleições de ante-hontem

O eleitorado de Belo Horizonte, como o de todo o Estado, demonstrou mais uma vez, a sua cohesão e disciplina, concorrendo, em massa, ás urnas no pleito travado ante-hontem para a renovação da Camara estadual e de um terço do Senado Mineiro, assim como para a constituição dos Conselhos Deliberativos e das Camaras Municipaes.

Em oitancia na palavra do governo, empenhado em garantir a maxima liberdade e independencia ao eleitorado no exercicio da sua função precípua dos pais, como o nosso, de organização democratica, concurreu em grande parte para o resultado que com ufania registramos e em que mais uma vez ficou evidenciado o prestigio do Partido Republicano Mineiro como organização politica a que deve o nosso Estado a ordem interna e a influencia, que ninguém lhe contesta, no seio da propria Federação.

Afirmando mais uma vez a sua cultura civica e a independencia com que age na escolha de seus representantes, assegurada pelo actual governo, que inscreve, entre os principaes lemas do seu programma, a liberdade do voto como base primordial do regimen republicano, o eleitorado da Capital, como o do interior, deu ainda mais uma vez demonstração de um sadio civismo que, aliás, é um dos característicos do povo montanhês.

Dando aristas do seu espirito eminentemente liberal, os organizadores da chapa para renovação do Conselho Deliberativo e dos Juizes de Paz da Capital não organizaram chapa completa deixando lugares para serem disputados por candidatos avulsos, que foram livremente sufragados conforme se verifica dos resultados já conhecidos.

Faltam ainda noticias dos resultados do pleito em varios pontos do Estado; mas o que já se conhece basta para mostrar a calma, a ordem e, sobretudo, a liberdade com que correram as eleições de ante-hontem em todo o territorio de Minas.

O que sobleva notar, especialmente são as medidas tomadas pelo governo do eminente sr. Antônio Carlos, por intermédio do departamento da Segurança Publica, para garantir o voto do Estado a livre manifestação das urnas, cercando o elector de todas as garantias para que nada o viesse perturbar.

- PARA SENADORES ESTADUAES**
- Dr. Valladares Ribeiro 879 votos
Dr. Enéas Camera 870
Dr. Alfredo Sá 812
Dr. Pedro Marques de Almeida 832
- PARA DEPUTADOS ESTADUAES**
- Dr. Manoel Gomes Pereira 1046 votos
Dr. Adolpho Vianna 906
Dr. Euzébio de Brito 962
Dr. Alonso Marques Ferreira 639
Dr. Milton Campos 131
- CONSELHO DELIBERATIVO**
- Dr. Pedro Aleixo 798
Dr. Leontino Cunha 672
Dr. Jarbas Vidal Gomes 650
Dr. Crozimbo Nonato 639
Dr. Hugo Werneck 623
Antonio Gomes Horta 597
Dr. Alvaro Pimentel 555
Dr. Hierculano Cesar 482
Godofredo Macedo 455
Juventino Dias 415
José A. Assumpção 376
Manoel Lopes de Figueiredo 349
- PARA JUIZES DE PAZ**
- 1º DISTRICTO
- Antonio Baptista 440 votos
Vieira 406
Delino de Paula 362
Ricardo 308
- Antenor de Castro 406
Afranjo Ribeiro de Abreu 93
- 2º DISTRICTO:
- José Cyro Vaz de Melo 487 votos
João Teixeira de Oliveira 445
Casimiro Ferreira 349
Martins 372
José Nogueira Penido 193

Telegraphos experiencias do seu ultimo invento, que virá simplificar enormemente osapparehos Boudot, facilitando consideravelmente a transmissão, quer a recepção dos despachos.

A recepção do presidente Coolidge

Rio, 18 — Informam de Washington que se afirma, nos circulos politicos, que a corrente favoravel a reeleição do sr. Coolidge, para presidente da Republica, augmenta consideravelmente.

Desfalque de joias no Monte de Socorro

Rio, 18 — A Noticia afirma ter havido um desfalque de joias do Monte de Socorro, no valor de mil contos de reis, estando o responsavel traído.

FRANCEZ, INGLIZ, LATIN.

Reinício das aulas a 15 de set. R. Tyubiras, 6433

ANDRADE
ALFAIATE — Rua da Bahia, 922 — Phone 45.

Medicinas para o "Argos"

18—Comunicam de Bahia que as helices de marinha, recolhidas por Sarmiento Berres, foram embarcadas hoje no "Massilia", o qual "devera" chegar aqui no fim do corrente mez.

Abelheceu-se em Portugal o processo contra os boateiros

18—Telegrama de Bahia anuncia que, após a morte do sr. Ministro da Fazenda, precedente de Elias, o Conselho de Minas, que approvou o decreto que estabelece o processo contra os boateiros e a distribuição ou detenção de manifestos subver-

ANEXO 93 – “O amendoim no cinema”, *Diário de Minas*, 24 de abr. de 1927.

estradas de ro-
tribuidas :
Branco, 30 ki-
da Chapada,
Cachoeirinha-
amal da Ca-
grande, 6.200.
gual, a ampli-
e distribuição
diversos bair-
observamos
que o julga-
sa não e una-
das essas ma-
s, que demon-
cidade de ad-
e integro.
ondeu-nos s.
rei nunca que
o temo explo-
quer caracter,
overno não ha
quanto faço,
divulgação.
defendido os
ro. Nos ca-
entos eu vou
icar os preços
mercadorias.
papelorio está
ncto, porque
fazem a di-
er dizer, paga-
contra factu-
tem-se benefi-
eis descontos,
Quem quizer
Uma das me-
meu governo
anqueando ao
de qualquer
nto em qual-
publica. Os
o estão todos
ido desta or-
enhuma hypo-
la. De qual-
io contei nun-
idade da im-
em do mais as
exame da mi-
estão acima
sinuações ou
feitos e despe-
xc., a quem
vas visitas.

23—A chancellaria do Para-
guay communicou á nossa delega-
ção que se apresentaram ás aucori-
dades paraguayas de Bella Vista 2
capiães, 4 tenentes e 48 soldados
revolucionarios brasileiros, que se ma-
nifestaram dispostos a trabalhar
naquelle paiz.

Os jurisconsultos americanos vão ser homenageados

Rio, 23—Está assim organizado o
programma das manifestações a serem
prestadas aos delegados da commis-
são de Jurisconsultos a se realiza em
em 26 do corrente: Recepção do sr.
e sra. Epitacio Pessoa no Hotel Glo-
ria; a 1. de maio, excursão ao Cor-
covado com um almoço nas Pain-
neiras, offerecido pelo Prefeito do D.
Fede al; a 8 corridas de gala no Jo-
ckey Club; a 13, almoço offerecido pelo
Ministro da Justiça no Palace Ho-
tel e a 21 jantar, no Itamaraty, offe-
recido pelo Ministro do Exterior.

O amendoim no cinema

Convalescido do discurso
academico do sr. Olegario Mari-
rianna, de que infelizmente
só li as 10 primeiras linhas,
fui h ntem á 2a. sessão do
Odeon. Estava cheia A sala
de espera...

(Mas os snhoves perdem o
seu tempo si estão pensndo
que lhes vou narrar alguma
scena de pugilato occorrida
no momento da entrada. As
lutas ali são tão communs
que ninguem mais pá reparo
n-das. Nem mesmos os con-
teutores. Empurram se e ata-
cam-se com a maior fleugma
deste mundo. Ha dias, eu vi
um menino assim, dando
coices e chifradas nas costas
de um senhor que estava na
frente e que não podia dei-
xar de ser seu pae. Digo que
era seu pae porque elle, por
sua fez, fazia o mesmo com
o cavalheiro que lhe ba rava
a entrada e que tinha ares de
avô.. Afinal, comparada com
a guerra europea, essa con-
fragração ciria do nosso ci-
nema elegante não vale na-
da.)

Com algumas escoriações
pelo corpo, o collarinho ama-
rotado, e sem bengala, con-
segui assentarme numa ca-
deira de sala de projecção,
bem por traz de uma colum-
na que me partia a tela no
meio. Isso era o menos. Mas
a um ligeiro movimento que

Amarrando requiao, em vez
sr. Salomão Dantas.

ALFAIATARIA D. PEDRO II
Rua Rio de Janeiro, 620

Para o logar de nuncio apostolico no Brasil

Rio, 23—Os jornaes vêm se occu-
pando com interesse das «démarches»
em torno do preenchimento
do logar de nuncio apostolico aqui.
Ha um anno, approximadamente,
verificou-se uma pequena divergen-
cia sobre essa escolha, tendo o mi-
nistro Mangabeira, assim que assu-
miu a pasta, providenciado sobre a
rapida solução do assunto. Os últi-
mos telegrammas de Roma relatam
que estão sendo ultimadas as «démarches»,
devendo estar o caso so-
lucionado por estes dias. A solução
deste constitue um notavel trabalho
diplomatico de nossa chancellaria.

Faltam os resultados de
cas, Mar de Hespanha
thias Barbosa, Rio Novo,
de Fóra, Rio Preto, S. J.
pomuceno e Ubá).

5a. CIRCUMSCRIPÇÃO

Amando Brasil,
Viviano Caldas,
A. Sá Fortes,
Flavio Mello Santos,

(Este resultado è apena
municipios Alto Rio
Mercês, Queluz (parte) e
dentes).

6a. CIRCUMSCRIPÇÃO

Abgar Renault
Jayme Pinheiro,
Washington Pires,
Paulo Menicucci.

(E' resultado dos muni-
de Bom Successo, Divino
Pitangy e S. João d'E
(cidade), faltando os de

7a. CIRCUMSCRIPÇÃO

Aristides Coimbra
Augusto Luz
Adelio Maciel
Francisco Lessa

(E' resultado dos muni-
de Abaeté, Luz e Mu-
nho, faltando os demais

8a. CIRCUMSCRIPÇÃO

Leão de Faria
José Christiano
J. Ribeiro da Luz
Domingos de Rezende

(E' resultado dos mun-
de Alfenas, Aguas Viri-
Conceição do Rio Verde
guassú, Tres Corações,
nha e Virginia).

9a. CIRCUMSCRIPÇÃO

João Beraldo
Annibal Assumpção
Lauro de Almeida
Pedro Dutra

(E' resultado dos mun-
de Cabo Verde, Caracól,
Branca e Santa Cathari

10. CIRCUMSCRIPÇÃO

João Henrique, 6,
Argemiro Rezende Costa
Virgilio de Mello Franco
Carlos Silva Campos,
(E' resultados dos mnr

fiz, qualquer coisa estalou no
chão. Não era estalo de pul-
ga quando morre, logo não era
pulga. Antes que o leitor fique
intrigado, eu digo o que era:
um monte de cascas de amendoim
depositado por um
amador qualquer dessa papi-
lionacea tão tropical.

Pelo salão a fora, espalha-
dos, outros montes iguaes la-
vavam um silencioso mas elo-
quente attestado de quanto é
apreciado o amendoim em
Bello Horizonte.

Aliás, apreciado com razão!
Amendoim é coisa muito boa.
Mas penso que o melhor logar
para se comer amendoim é
em casa. No cinema, não con-
vém, ao menos por causas das
cascas. Salvo si o cavalheiro ou
cavalheira guardar as cascas
no bolso, o que será facil, ou
si as engulir com a semente
(isso agora já é mais difficil
e me parece que perigoso).

De qualquer maneira, julgo
um excesso de amor pelo
amendoim comel o no cinema.
Excesso que pode levar a
resultados desastrosos, como
no caso de uma pequena lin-
da, que em plena fila do cen-
tro, uma noite dessas,—snhoves,
eu vi—foi obrigada a tirar
o sapato e as meias afim de
extrahir de sua rosea intimi-
dade uma casquinha impru-
dente que se introduzirá lá
por artes do capeta...

Amigos, comel o vosso
amendoim em casa, de pyja-
ma, chinillos e quarto fecha-
da.

ANEXO 94 - "Faites-les tomber du lit", Diário de Minas, 26 de abr. de 1927.

DIARIO DE MINAS

Peo Telegrapho

A cheia do Mississippi—Mais de 160 mortos—Eleva-se a 100 mil o numero de desabrigados

Rio, 25—Comunicam de Memphis, no Estado de Tennesa que, em consequencia da formidavel inundaçao, provocada pela cheia do Mississippi, ja se registaram, até agora, mais de 160 mortes, elevando-se o numero de desabrigados a mais de cem mil.

O sr. Flores da Cunha tenciona apresentar ao Congresso Nacional dois projectos

Rio, 25—Por telegramma procedente de Montevideo, sabe-se que o deputado Flores da Cunha, em palestra com um dos redactores de "El Imparcial", declarou que apresentaria ao Congresso Nacional dois projectos, um de amnistia geral a todos os implicados nos movimentos revolucionarios de 1922 a 1927, inclusivé os militares. Nesse projecto será declarada a impossibilidade aos amnistiados de exercerem cargos de commando, durante determinado tempo. O outro projecto mandará reduzir o imposto restrictivo de importação do gado uruguayo no Brasil, esperando que o Uruguay, em compensação, modifique as suas tarifas aduaneiras em favor do fumo, das madeiras e do matta do Brasil.

Os mercados

Rio, 25—Os mercados funcionaram hoje da seguinte forma: Cambio—Estavel, com a taxa de 5 7/8 para o bancario e a de 5 5/6 para o particular. Soberanos, 438. Vales, ouro, 4820.

Café—Sustentado, com o tipo 7 cotado á razão de 385700 por arroba. «Stock», 131.988 saccas. Assuca—Paralizado, com as cotações de 438 a 455 para os crystalls, e de 325 a 338, para os inferiores, por 60 kilos. Algodão—Calmo, com estas cotações, por 10 kilos: serfios, de 355 a 368; e os inferiores de 328 a 338.

Um grande incendio nos Estados Unidos—Mais de 100 mortos. Rio, 25—Comunicam de Detroit, nos Estados Unidos, que no pavoroso incendio, que se verificou no edificio da Briggs Manufacturing Company, fabricantes de carrocerias de automoveis, ja foram encontrados mais de cem mortos e 20 feridos. Presume-se que se acham ainda muitos mortos nas ruínas do grande edificio, pois nelle trabalhavam, na occasião do incendio, muitas centenas de operarios.

Uma verdadeira batalha naval assistida por cerca de 20.000 pessoas

Rio, 25—Noticias telegraphicas de Long Beach, nos Estados Unidos, dizem que cerca de 20.000 pessoas assistiram a uma verdadeira batalha naval entre uma canhoeira e uma possante embarcaçao contrabandista de alcohol, armada de canhões de tiro rapido. Finalmente, depois de um intenso tirocote, os contrabandistas tiveram calar as suas baterias, sendo a embarcaçao apreendida.

O reinicio do voto do «chahu» deve ser amanhã

Rio, 25—Telegramma de Porto Prata annuncia que os votos do «chahu», effectuados sabado e domingo, não foram satisfactorios, porque os tanques de gazolina não funcionaram com regularidade. Hoje o avião Ribeiro de Barros devia ter feito nova experiencia e si o resultado fosse positivo, reiniciaria o voto através do Atlantico.

Distribuição dos autos do inquerito sobre a morte de Conrado Niemeyer

Rio, 25—Foi hoje distribuido aos juizes da 1ª Vara os autos do inquerito sobre a morte de Conrado Niemeyer. Serve actualmente nessa vara, como promotor, o sr. dr. Góes de Faria, que acompanhou o inquerito.

Um membro brasileiro da Academia Internacional da França

Rio, 25—Comunicam de Paris que o sr. dr. Eutecio Pessoa foi eleito membro da Academia Diplomatica e Internacional da França, presidida pelo celebre internacionista Gabriel Hanotaux. Fazem parte dessa Academia os nomes mais em evidencia nos meios diplomaticos da politica internacional.

Os trabalhos na Commissão de poderes da Camara dos Deputados

Rio, 25—A 3a. Commissão assignou o parecer reconhecendo os diplomaticos pelo 2o. districto da Bahia. O sr. Facheo Vieira pediu vista do parecer, apresentando uma emenda que manda reconhecer o sr. Muniz Sodré. A 2a. Commissão, o sr. Mauricio de Lacerda, procurador do sr. Carlos Lima, insistiu na contestação do diploma do sr. Sergio de Loreto, que não replicou, tendo sido encerrado o debate oral.

Na 5a. Commissão foi relatado o caso do 6o. districto de Minas Gerais, tendo o sr. Azevedo Lima pedido vista do parecer para apresentar uma emenda, mandando reconhecer o sr. Leopoldino de Oliveira, em vez do sr. Fidelis Reis.

O regresso para o Rio do sr. ministro da Agricultura. S. Paulo, 25—O sr. ministro da Agricultura, depois de visitar Campinas e Jundiahy, onde foi alvo de carinhosas homenagens, regressou ao Rio, para attendere ao estado de saúde do sr. Presidente Carlos de Campos.

O estado de saúde do sr. Presidente Carlos de Campos

S. Paulo, 25—O boletim de 10 horas de hoje manifestou relativas melhoras no estado de saúde do sr. presidente Carlos de Campos, que passou a noite calmo, attendendo e respondendo a todas as perguntas que lhe faziam os medicos. A situação, porém, ainda é grave.

S. Paulo, 25—O boletim das 11 horas, diz que o estado do sr. presidente Carlos de Campos continua a melhorar. Foi necessario fazer-se nova punção lombar, que deu sahida a um liquido menos hemorragico.

S. Paulo, 25—Chegou esta manhã a Capital o sr. dr. Miguel Couto, especialmente chamado para attendere ao estado de saúde do sr. presidente Carlos de Campos. O illustre professor tem a reputação grave o estado do illustre enfermo.

Um «match» de «foot-ball» assistido por mais de 90.000 pessoas

Rio, 25—Telegramma de Londres annuncia que, em presenca do rei, altos dignatarios da corte, aristocracia londrina e 900.000 pessoas, realizou-se no Stadium Wemble a prova final do campeonato de «foot-ball» da Association da Inglaterra.

O «match» despertou grande entusiasmo em todos os pontos do paiz, principalmente no paiz de Galles, donde vieram milhares de pessoas. Bateram-se na pugna o Cardiff City, o Paiz de Galles e Woolwich Arsenal dali, terminando com a victoria do primeiro por 1 x 0.

A policia suspendeu a venda de ingressos a cerca de 250 mil pessoas que estacionavam fóra dos muros do Stadium.

Jogos de «foot-ball» em S. Paulo

S. Paulo, 25—Foi o seguinte o resultado dos diversos «matches» homtem realizados nos jogos do campeonato: Liga de Amadores S. Bento e Internacional 1 x 0; Silex e Antarcica 3 x 3. Informam de Santos que o Paulistano venceu por 4 x 0 o Club Hespánico, vencendo o Santos F. C. a Associação Portuguesa por 1 x 0.

Faites-les tomber du lit!

Mineiro, em geral, não gosta de viajar Eu, por exemplo, conheço o Rio apenas de informação, e a Europa de tradição. Aliás, deve ser muito caçeta conhecer a Europa de outra maneira. O cinema e os outros postais satisfazem a nossa curiosidade e nos evitam os aborrecimentos da viagem. Sem falar na economia do processo, pois hoje em dia quem tem capitais suficientes para empregar uma excursão a Sabard, não tem de beber agua do Kakente, deve levantar as mãos para o céu.

Além, esta introdução não tem nada que ver com o que pretendo contar e que me foi relatado por um amigo viajado em Paris. E antes uma desculpa de minha parte por não ser eu o viajante em questão.

Meu amigo estava em Paris em abril de 1925, quando se inaugurou a Exposição de Artes Decorativas. Como bom brasileiro, visitou e esmiuçou aquillo tudo, incluindo as suas impressões extranhas memorias em forma de epistola, que elle enviava de lá aos seus amigos de cá.

O Parque de Diversões atrahia-lhe particularmente a attenção. E no Parque de Diversões, um brinquedo inusitado, para creanças crescidas, que estava sempre rodeado de gente.

—Imagine V., explicava-me elle, piscando maliciosamente os olhos garbos, um scenario do quarto de dormir, sabe? com duas camas ligeiramente suspenas, sabe? e com duas meirês lindas mostrando os rostos e escondendo o resto sob as cobertas, sabe? Bem.

Mais deputados reconhecidos. Rio, 25—Foram hoje votados os pareceres das respectivas comissões reconhecendo os deputados diplomados pelo Espirito Santo e os do terceiro districto da Bahia.

A terceira comissão que estudou essas eleições negou attender o pedido de vista do sr. parecer requerido pelo sr. Bergamini.

Foi encerrado o debate em torno do reconhecimento do Maranhão.

Sobre as eleições do segundo districto do Ceará houve as replicas dos constantes Fernandes Tavora e Hermínio Firmeza, esse representado pelo general Potiguara.

O estudo da crise pecuaria gaucha. Rio, 25—Em sessão realizada na Associação dos Criadores de Porto Alegre, foi lida uma circular assignada por oito sociedades e setenta fazendeiros, dirigida aos criadores, convidando-os a comparecer ao Congresso da classe, onde será estudado o assumpto da crise pecuaria gaucha, motivada pelos contrabandos de xarque, a grande existencia de gado e a falta de numerario para o desenvolvimento dessa industria.

OS ESCOTEIROS DO GRAMBERY EM FESTA. Realizou-se sabado, as 16 horas, no colégio do Grambery, o Presidium, em homenagem, por delegação do director do Grambery, o prof. Theodoro Guimarães, que explicou o serviço de escotismo, em sessão de homenagem ao sr. dr. José Procopio Teixeira, presidente da banda do 10.º Ri.

EXPLORADORES DA RELIGIÃO. O conego Trajano Leal de Bomfim, secretario particular do Bispo do Rio de Janeiro, fez publico o seguinte aviso: «De quando em vez apparecem pevidos syrios e nas cidades, nos judiшердотs ou diácos, dizendo-se ximias para collegios, pedindo-se victimas da grande guerra. De ordem de...

Em cima de cada leite ha um alvo. Por dois francos você compra cinco bolhas de madeira, sabe? e adquire o direito de tirar um desses alvos. V. atrá bem no centro do alvo, sabe? Si attingir o centro, acerto!

—Acertando o leite dá uma camballota, e a gentili dormindo apparece no chão, enchecho e com uma canima yavolvida, quasi hypothetico. E o siccol Esse divertico. —E o siccol Esse divertico. —E o siccol Esse divertico.

—E o siccol Esse divertico. —E o siccol Esse divertico. —E o siccol Esse divertico.

Juiz de Fora dia a dia

PARA A FUTURA LOREJA DE S. JOSE. O sr. Pedro Rosa, industrial nesta cidade, acaba de ofertar a futura Igreja de S. José de Botafogana, uma linda imagem do Sagrado Coração de Jesus, que será solennemente enterrada no dia 1.º de maio proximo.

Capitães Juizdeforanos em pregados no Rio. Encontra-se nesta cidade, onde sua permanencia será pequena, o sr. J. Monteiro da Silva, representante da Lda., com o fim de negociar, em tes de terrenos de 10 x 50, situados E. F. do Rio de Ouro, distante 40 minutos de terra do Rio Janeiro.

De ante-hontem: Padre dr. Guilherme Porten, estimado prefeito do Collegio Arnaldo.

De ante-hontem: Senhora Ruth Pinheiro, filha da exma. viuva João Pinheiro.

De ante-hontem: Senhora Ruth Pinheiro, filha da exma. viuva João Pinheiro.

De ante-hontem: Senhora Ruth Pinheiro, filha da exma. viuva João Pinheiro.

De ante-hontem: Senhora Ruth Pinheiro, filha da exma. viuva João Pinheiro.

De ante-hontem: Senhora Ruth Pinheiro, filha da exma. viuva João Pinheiro.

SOCIEDADE

Gente nova. O nosso antigo companheiro Joaquim Soares Maciel, correspondente quin Soares Maciel, capital, e sua esposa, d. Nina M. Maciel, filha de... o sr. dr. Arthur Ingracio de Lima e de sua exma. esposa, d. Angelina Muzzi de Lima, com o nascimento do seu segundo filho, que receberá o nome de Arthur.

Está em festa o lar do sr. Alfredo Rougemont Sobrinho, commerciante nesta praça, e de sua exma. esposa, d. Aracy Rougemont, com o nascimento de mais um lindo menino que na pia baptismal receberá o nome de Zenith.

Anniversariantes. De hoje: Desambargador Moreira dos Santos, illustrado e digno membro da Camara Criminal do Tribunal da Realção.

Dr. Custodio de Almeida Lustosa, juiz de direito de Juiz de Fora. Major Doming S. Sabino, procurador de partes e cavalheiro largamente estimado nesta capital.

Phco. Afonso Lamounier Junior, residente em Bonfim. Sr. José Pinto Coelho funcionario da Secretaria da Agricultura.

Academico Orastes Diniz. Academico José Americo de Macedo. Sr. Othon Lanabio, representante da Casa Hasenclever do Rio.

As exmas. senhoras: D. Justa Paula de Andrade, esposa do sr. dr. Ovidio de Andrade. D. Maria Macedo Cerqueira, esposa do sr. dr. Gabriel Cerqueira.

As gentis senhorinhas: Maria Auxiliadora, filha da exma. viuva Bernardino de Lima. Alice, filha do sr. Eugenio Guadagnin.

De hontem: Sr. José da Silveira Gomes, funcionario da Secretaria das Finanças. Major Arthur Vianna, elemento de destaque do nosso alto commercio.

Sr. Aristides Nogueira Pires, funcionario dos Correios. Sr. Salvador Vaz de Mello. Cel. Cornelio Lacerda, presidente do directorio politico de Dores do Indaia.

Sr. José Americo Martins, funcionario da Inspectoria de Vehiculos. As exmas. senhoras: D. Zaida Faria Baptista, esposa do sr. dr. Nelson Baptista.

D. Georgina Lopes, esposa do sr. dr. Americo Lopes, advogado residente no Rio. Senhorinha Edith Lima, filha da exma. viuva o. Adalina Gosling de Lima.

Senhorinha Evangelina de Barros, filha do ministro Hesmenegildo de Barros, do Supremo Tribunal Federal.

De ante-hontem: Padre dr. Guilherme Porten, estimado prefeito do Collegio Arnaldo. Senhora Ruth Pinheiro, filha da exma. viuva João Pinheiro.

De ante-hontem: Padre dr. Guilherme Porten, estimado prefeito do Collegio Arnaldo. Senhora Ruth Pinheiro, filha da exma. viuva João Pinheiro.

TOSSOSE GRINDELIA. BRONCHITE ASTHMA COQUELUCE ROUQUIDAO. PEDIR "GRINDELIA".

Dyspepsia, azia, prisão de ventre. Bicarbonato Esterizado. Recomendado pela classe medica. Preço de venda em vidros bem fechados.

ANEXO 95 – “O melhor dentifricio do mundo”, *Diário de Minas*, 30 de abr. de 1927.

do Nacional
sobre
de Catias
reunção da
do Partido Re
foi indicado
Julio Pres
do Fernando
do Estado
essa presi
será homo
do Partido, a
maio próxi

das do século
aeronave e motor de sua in-
venção. Os aviadores brasi-
leiros foram hontem os primei-
ros aeronautas de uma nação
americana a voar sobre o
Atlantico Sul.

A hélice do «Jahu» rachou a 50
milhas de Fernando de Noronha
Rio, 29 -- Por telegramma
precedente de Fernando de

"GRINDELIA"
DE
OLIVEIRA JUNIOR

Compre um ferro electrico
para passar roupa.
Loth & Cia.
-- RUA TUPYS, 21 --

tomaram pe
pastores das
cto e multos
dos no des
obra a que
thodistas.
A' nolte oc
o seminaris
ab, discorre
temente sob
a Christo»,
passagam bi
contra em 5
vers. 35.

O melhor dentifri- cio do mundo

Nas minhas explorações pe-
las ruas da cidade, descobri
(ou talvez elle é que me des-
cobrisse) um camelot hespa-
nhol absolutamente gordo e to-
cante, de frac violaceo e pro-
nuncia rigorosamente má do
portuguez. Gostei desse ho-
mem. Porque era camelot,
hespanhol, esotraquecido e na-
cionalista. Lembro-me que, em
vez de «phosphoro», dizia «phô-
phoro». Então, por signal, com-
preendi a ociosidade e mes-
mo a inconveniencia da bôa
prodia. Um «phôphoro» é
muito mais pittoresco d' que
um «phosphoro»; igualmente
comprehensivel; e attrae mais
a attenção. Si os senhores não
acham, não faz mal, por isso
ninguem deixa de accender o
seu cigarro.

A coisa mais grave que esse
homem fazia, ou melhor: esse
camelot (porque um camelot
me parece muito mais rico de
originalidade) era introduzir
na bocca um legitimo, incon-
testavel ovo de gallinha, para
depois retirar pelo... pela...
pelos cauaes competentes, um
pintinho amarello, bonito e
piando. Trac vulgar, dirão os
technicos do illusionismo. Eu
só digo que me impressionou
muito pela unção e meticulosi-
dade com que foi praticado a
vista de nós todos, povo aman-
te dos bons trus, em cima de
um Ford de espola idescida,
numa rua central, entre bon-

des, mulheres, automoveis. Ha-
via no seu gesto simples de
metter o ovo na bocca e tirar
o pintinho lá em baixo, um
mundo de suggestões que, pa-
ra não cansar o leitor, deixo
de enumerar. Mas era o ges-
to da creação. E uma voz me
disse cá dentro:

«Este camelot é o poeta tra-
balhando a materia bruta da
sensação (ovo) e produzindo
o poema (piato). O material
poetico fez-se poesia. Creação.
Obra d'arte. Deante de uma
chusma de pacovios, um cida-
dão gordo realizou o grande
milagre da arte! Divino, isso».

O camelot sorria, triumphan-
te, illuminado directamente pe-
lo sol. Mas logo pegou no pin-
to, engoliu o coltado (toda
gente sentiu que a barriga
delle se dilatava com a intro-
ducção daquelle volume) e ti-
rou da outra extremidade...
um ovo. Riso, palmas, pilhe-
rias, e o camelot começou a
apregoar o melhor dentifricio
do mundo. Ah!, reflecti que o
homem revertêra o bello poe-
ma acabado a fórma primaria
de sensação. O piato voltára
a ser ovo... A primeira opera-
ção era constructiva, synthet-
ica, artistica; a segunda, dis-
sociadora, analytica, intelle-
ctual: anna palavra, critica.
Aquelle bemdito camelot me
déra as imagens successivas do
poeta e do critico. Comprei,
reconhecido, o melhor denti-
fricio do mundo. Não é o mel-
hor, não. Parece areia moída.
Mas recomme do aos senho-
res aquelle camelot integral.

Haverá cul
sendo a entr
nhões, inteir

«já começ

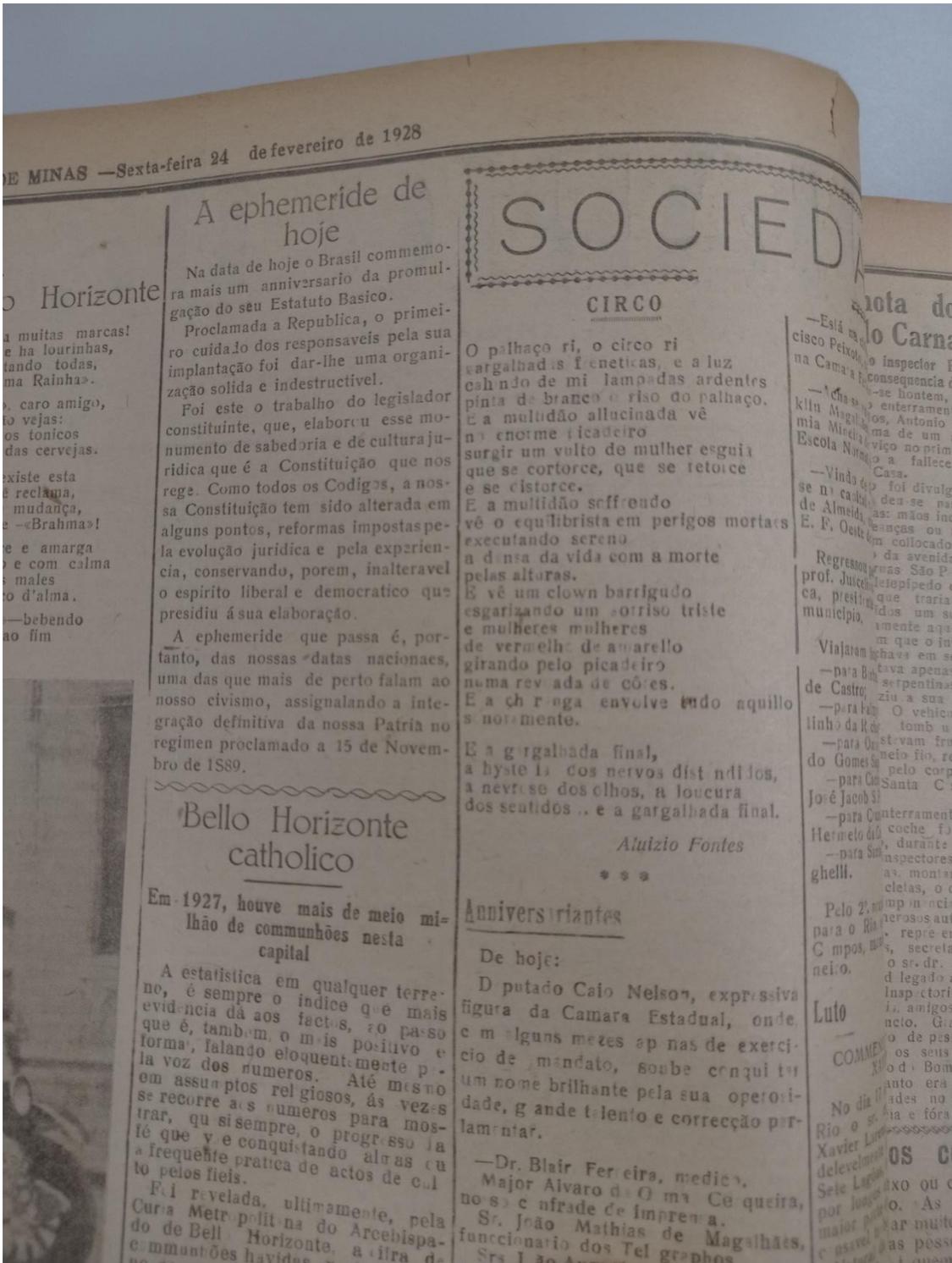
E' feio con
Ha comichõ
na ou «já co
toleraveis. I
acto mal edu
o unico recu
As pomadas
jentas, e di
minuar os pi

Estamos in
tencia de ur
nado «MITIG
cura, radica
este mal, e o
pelo profess
lo o melhor
te fim.

Na Direci- ção e Ob

O sr. Dav
contracto con
Agricultura
obras de col
scios e muros
annexo a par
Liberdade, pe

ANEXO 96 – “Circo”, *Diário de Minas*, 24 de fev. de 1928.



DE MINAS — Sexta-feira 24 de fevereiro de 1928

o Horizonte

a muitas marcas!
e ha lourinhas,
tando todas,
ma Rainha».

« caro amigo,
to vejas:
os tonicos
das cervejas.

existe esta
e reclama,
mudança,
e «Brahma»!

e e amarga
e com calma
e males
o d'alma.

— bebendo
ao fim

A ephemeride de hoje

Na data de hoje o Brasil commemo-
ra mais um anniversario da promul-
gação do seu Estatuto Basico.

Proclamada a Republica, o primei-
ro cuidado dos responsaveis pela sua
implantação foi dar-lhe uma organi-
zação solida e indestructivel.

Foi este o trabalho do legislador
constituente, que, elaborou esse mo-
numento de sabedoria e de cultura ju-
ridica que é a Constituição que nos
rege. Como todos os Codigos, a nos-
sa Constituição tem sido alterada em
alguns pontos, reformas impostas pe-
la evolução juridica e pela experien-
cia, conservando, porem, inalteravel
o espirito liberal e democratico que
presidiu á sua elaboração.

A ephemeride que passa é, por-
tanto, das nossas «datas nacionaes»,
uma das que mais de perto falam ao
nosso civismo, assignalando a inte-
gração definitiva da nossa Patria no
regimen proclamado a 15 de Novem-
bro de 1889.

Bello Horizonte catholico

Em 1927, houve mais de meio mi-
lhão de communhões nesta
capital

A estatistica em qualquer terre-
no, é sempre o indice que mais
evidencia da aos factos, e o passo
que é, tambem, o mais positivo e
forma, falando eloquentemente pe-
la voz dos numeros. Até mesmo
em assumptos religiosos, ás vezes
se recorre a s numeros para mos-
trar, qu si sempre, o progresso ja
fé que v e conquistando almas cu-
a frequente pratica de actos de cul-
to pelos fieis.

Foi revelada, ultimamente, pela
Curia Metropolitana do Arcebispa-
do de Bello Horizonte, a cifra de
communhões havidas...

SOCIETY CIRCO

O palhaço ri, o circo ri
gargalhadas feticas, e a luz
caindo de mi lampadas ardentess
pinta de branco o riso do palhaço.
E a multidão allucinada vê
no enorme picadeiro
surgir um vulto de mulher esguia
que se cortorce, que se tectoice
e se distorce.

E a multidão soffrendo
vê o equilibrista em perigos mortaes
executando sereno
a dança da vida com a morte
pelas alturas.

E vê um clown barrigudo
esgarizando um sorriso triste
e mulheres mulheres
de vermelho de amarello
girando pelo picadeiro
numa revada de côres.

E a ch raga envolve tudo aquillo
s no momento.

E a gargalhada final,
a hyste li dos nervos dist ndidos,
a nevri se dos olhos, a loucura
dos sentidos .. e a gargalhada final.

Aluzio Fontes

Anniversariantes

De hoje:

D putado Caio Nelson, expressiva
figura da Camara Estadual, onde
e m alguns mezes ap nas de exerci-
cio de mandato, soabe conqui ter
um nome brilhante pela sua operosi-
dade, g ande t lento e corrección par-
lamentar.

— Dr. Blair Ferreira, medico.
Major Alvaro do O ma Ce queira,
nosso confrade de imprensa.
Sr. João Mathias de Magalhães,
funcionario dos Tel graphos
Srs. João August...

nota do Carna

— Está ma...
cisco Peixoto...
na Camara...
inspector E...
consequencia d...
— se hontem...
enterrament...
os, Antonio...
ma de um...
vico no prim...
a fallece...
Casa.

— Vindo de...
foi divulgi...
deu-se pas...
as: mãos inc...
anças ou...
collocado...
da avenida...
de Almeida...
E. F. Oeste...
municipio.

Regresso...
prof. Juazei...
ca, prest...
município.

Viajaram...
behavi em se...
tava apenas...
serpentina...
zia a sua...
O vehicu...
tomb u...
st-vam fru...
neio fio, re...
pelo corp...
Santa C s

— para B...
de Castro...
— para...
linho da R...
— para...
do Gomes...
— para...
João Jacob...
— para...
enterrament...
coche fi...
durante...
— para...
inspectores...
as mont...
cletas, o...
mp ncia...
perosos aut...
repre en...
s, secreta...
o sr. dr...
d legado...
Inspctor...
ia, amigos...
nco. Gra...
o de pes...
os seus...
do Bom...
anto era...
ides no...
tia e fó...
No dia...
Rio o sr...
Xavier...
develm...
Seis Lag...
por Jun...
maior...
car muit...
e pass...
as pess...
queim...

ANEXO 97 – “Uma feia na multidão”, *Diário de Minas*, 1 de mar. de 1928.

Quinta-feira, 1 de Março de 1928

dade
sr. pre-
etario do

SOCIED

UMA FEIA NA MULTIDÃO

A que passou (não era bella) e sor-
riu sem malícia nem desejo
na rua tumultuosa entre autos e ho-
[mens

não era bella a que passou
mas sua lembrança ficou em mim
como um longo arrepio.

Ficou sosinha entre tantas
que amei um dia e não possui.
Porque sorriu sem malícia, sorriu
[sem desejo,
Sorriu mansamente um sorriso gene-
[roso

ao anonymo indifferente.
Como era bella a que passou !

Antonio Chrispim

Recepção em Palacio

Conforme antecipamos, realiza-se
hoje no Palacio da Liberdade des-

Regressa
cisco de E
ra, o sr. I
deiro na qu
cta irmã,
pos.

Regress
de Paraca
telho, sec
co daquel

Achi-se
Sebastian
Dores do

Regress
dayá o s
do Conse

Regress
Arinos S
da 2ª var

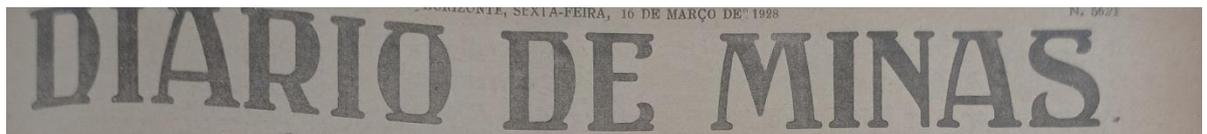
Viajou
sr. dr. A
Sobricho

recebeu
dr. Al-
Pereira,
Torquato
o Cana-
valho, dr.
Clarindo
o Teixei-
outinho e

os ao sr.
ram hon-
e os srs.
ano, pro-
el Virgilio
Sant An-
Publica.

lencia at-
pessoas:
nbargador
o Sá, dr.
olpho Ca-
Pedro Sil-
ra, Fran-
sor Firmi-
or Benja-

ANEXO 98 - "A arte de viajar", Diário de Minas, 16 de março de 1928.



ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO MINEIRO
Director - LEANDRO CASTILHO DE MOURA COSTA
REDAÇ. ADMINIST. E OFFIC.: RUA DA BAHIA, 1210 - CASTELO - END. TEL. "DIÁRIO" - CAIXA, 28 - PHONE 71

COMENTÁRIOS

Estado aos agricultores... diversos actos. Todos esperam pelo epilogo. Um filin paulista... Sr. um breve exhibido em S. Paulo...

Palacio da Liberdade

Em visita de agradecimentos ao sr. presidente do Estado, esteve hoje no Palacio da Liberdade o deputado Francisco Valladares. Esteve hontem no Palacio da Liberdade o cel. João José da Cunha Junjor...

Partido Republicano Mineiro da Floresta

Comunicamos do Partido Republicano Mineiro da Floresta, que no dia 11 de Fevereiro ultimo, foi eleito a novo directorio daquelle agremiação politica assim o seguinte: Presidente, Otacilio Negro de Lima...

Uma grande obra de assistência social

Os Patronatos Agrícolas em dez annos de actividade. Proteger a criança, assim o reconheceu as modernas democracias, é função primordial do Estado...

Monte Serrat

Monte Serrat, tem feito vibrar intensos nervos. A cidade revela-se um quadro de cadaver de uma mima agitada...

Portugal e a Liga

Por mais que Portugal affirme constantemente, o contrario com as mais esbuzcadas demonstrações de vitalidade, ainda existem por ali espiritos, certamente apaixonados...

Delas victimas da catastrophe de Santos

O Partido Republicano Mineiro da Floresta irá percorrer as ruas da capital um bando presteiro...

BREVEMENTE ANTOLO-A PORTAS GIA DE 4 MINEIROS

Recebemos a seguinte carta: O DIÁRIO DE MINAS, que limes sempre com grande prazer troque, em sua edição de 9 de corrente, dos comentarios que foram por sua vez muito commoçães...

A função social das Escolas Domesticas

Uma carta ao DIÁRIO DE MINAS. Recebemos a seguinte carta: O DIÁRIO DE MINAS, que limes sempre com grande prazer troque...

Sobre a mesa

Recobrem: O Jornal Boletim Industrial, vol. XII, nº 6 - Dezembro, 1927 - É mais um fascículo do boletim publicado por The Worthington Co. Incorportada...

A arte de viajar

Com a constante e sempre maior desenvolvimento de nossa rede rodoviaria, com a construção de novos trechos de estrada de ferro...

Loteria de Minas. Mais uma nota para... A Companhia Loteria de Minas Gerais pagou \$10 o bilhete numero 0215, premiado com 100000000 em extracção de 8 do corrente...

Horizonte. A nova directora do "Horizonte", que estava em férias, foi adalberto de abril proximo. Essa reunião foi realizada na assembleia de 24 de maio, na sede do clube recreativa da...

Horizonte. A nova directora do "Horizonte", que estava em férias, foi adalberto de abril proximo. Essa reunião foi realizada na assembleia de 24 de maio, na sede do clube recreativa da...

ANEXO 99 - "Desejo de glória", *Diário de Minas*, 17 de mar. de 1928.

BELLO HORIZONTE, SABBADO, 17 DE MARÇO DE 1928 N. 5622

DIÁRIO DE MINAS

M DO PARTIDO REPUBLICANO MINEIRO
— LEANDRO CASTILHO DE MOURA COSTA

GERENTE:
Eduardo do Almeida Barbosa

OFFIC.: RUA DA BAHIA, 1210 - 1220 — END. TEL. "DIARIO" — CAIXA. 28 — PHONE 71

chente, Santos abelada por uma catastrophe que ainda não teve o seu epilogo! Pelas estatísticas policíacas nunca houve, no Rio, tantos suicídios e crimes como neste começo de anno. De todas as partes do mundo só nos vêm notícias tristes. As páginas de telegrammas dos grandes diários estão a pedir uma tarja, tão funebres são as novidades que registram.

No Brasil um genio malfeizo anda a perturbar os espiritos e a incendiar os instintos.

Lendos jornaes, já saltimos indifferentes pelas narrativas que em outros tempos nos feriam os nervos. Apesar disso, nas folhas de hontem, entre outras notícias tristes, ha uma de fazer pavor: No districto de Bicas, no Maranhão, um velho de nome Francisco Cayana, matou e segou o sangue de um netinho de quatro annos. Ha ainda, mais um detalhe: o monstro guardou o corpo ressequido da creança para comel-o depois.

No inquerito, Cayana confessou o crime e disse não saber porque o comettiu. Só povo na sua philosophia fatalista, explica tudo isso. 1928, anno bisexto...

Monumento a Machado de Assis

Procrastinar, deixar para amanhã o que se poderia fazer hoje é, sabidamente, um defeito fundamentalmente brasileiro.

Si o singular humorista das *Memórias de Braz Cubas* e do *Dom Casmurro* pudesse, lá de onde se acha, ver o que actualmente se pas a respeito á erecção de sua estatua, stamos que havia de ter um daqueles sorrisos de indulgente ironia que ra um dos mais accentuados característicos do seu bizarro e original estilo literario.

A começar pela Academia Brasileira, de que foi elle o fundador e o primeiro presidente e que hoje inclinaria, graças á inespérta herança e um livreiro, nem ao menos fala em occorrer para a execução do monumento projectado, preferindo, rão se sabe bem porque, acceitar contribuições alheias e, mesmo assim, vae andando a execução do projecto — do é de sorte a provocar o sceotico humor do arguto prescrutador das fraquezas humanas.

Rica, nababa mesmo, tão rica que permittiu o luxo de arbitrar um *tou de presence* para os seus concicuos membros, á Academia pouco e custa á destinar uma verba, que

certamente não iria embrocá-la, para o resgate dessa divida que tacitamente contrahu para com o seu invidavel fundador. Cobia-lhe, certamente, como expoente da cultura nacional, a iniciativa des acto de justiça, cuja realiação se vae adian-do indefinidamente, tanto mais que é sabido que, com os milhões de que hoje destructa, só por si aquelle syllogeu poderia custear as despesas decor entes, no que allás, não faria mais do que cumprir o dever imperioso, que lhe a siste, de honrar á memoria e o nome do mestre immortel.

Agora, que nos círculos intellectuaes do paiz se volta a agitar a idéa de se erigir, numa das praças da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que Machado de Assis tanto amou em vida, é justo que a Academia Brasileira se mostre das mais interessadas em amparar a generosa idéa, contribuindo, por todos os meios ao seu alcance, para que ella se concretize quanto antes em realidade.

A pendencia daquelle syllogeu é occupado novamente pelo eminente poeta Augusto de Lima, que certamente tudo fará por que não seja a diada por mais tempo essa homenagem devida á mais original dos nossos escriptores.

Designação de um delegado auxiliar interino

Por acto de hontem, do sr. presidente do Estado, o sr. dr. Miguel Gentil Gomes Candido, delegado do 2.º districto policial da capital, foi designado para exercer, interinamente, o cargo de delegado auxiliar.

Escolas primarias em Sitio

O sr. presidente do Estado assignou, hontem, decretos creando duas escolas primarias annexas ao Instituto de Preservação de Menores, em Sitio, municipio de Barbacena, e nomeando as normalistas Maria da Conceição Pereira e Carmem Paolucci Fontana, professoras dos referidos estabelecimentos.

Palacio da Liberdade **Desejo de gloria**

Conferenciaram hontem com o sr. presidente do Estado os srs. secretarios das Finanças e da Segurança Publica e o director do Gabinete de Investigações e Capturas.

O sr. presidente do Estado recebeu hontem em audiencia as seguintes pessoas: desembargador Cleto Toscano, Leopoldo Lima, dr. Calmon Vianna, dr. Padro Nava, coronel Joaquim Toleantino, dr. José Teixeira Lima, Abelardo Lessa, dr. Domingos Novaes, Aristides Junqueira, Djalma Murta, dr. Salles Oliveira, dr. Gil Lemos, deputado Elpidio Cannabrava, dr. Moreira de Castro, coronel Henrique Lima, coronel Olympio Pimenta e dr. Claudemiro Ferreira.

Em visita de cumprimentos ao sr. presidente do Estado, esteve hontem no Palacio da Liberdade o dr. Alipio Goulart.

O sr. secretario da presidencia do Estado attendeu hontem ás seguintes pessoas: dr. José Maria dos Reis, d. Euridice Arantes, deputado Fidelis Reis, dr. M. V. Calmon Vianna, Amyntas Lobo, dr. Gil Morats de Lemos, cel. João Moreira Ribeiro, dr. Alipio Goulart, Francisco D.F. Mendonça Junior, dr. Francisco de Salles Oliveira, Saul Penna, José Cabral, Alvaro Vargens, Edie Rolleaux, d. Rosa Veneroso Camardelli, José Coelho de Lima, d. Maria Cesar de Oliveira, Edmundo L. Loures, Armando Machado Portella, José Gonçalves de Almeida, Romeu de Avellar, Elso Eiras de Souza, Raymundo Felicissimo, professor Francisco Rocha, Joaquim Quito Teixeira, d. Carolina Frezsz, Alfredo Duarte da Costa, Carlindo das Chagas Rocha, dr. Mineiro de Lacerda, dr. Claudemiro Ferreira, d. Anna Froltzein e Orlando de Magalhães Carvalho.

ANDRADE

ALFAIATE

Rua Bahia, 992

listas separadas para a applicação dos typos superiores. E como iniciou essa applicação segundo um plano claramente definido, partindo do centro commercial e irradiando-se pelas arterias mestras, dentro em pouco toda a cidade estará excellentemente servida.

Esse enlucamento é custeado pelos proprietarios, na proporção de dois terços do custo. Mas o pagamento da taxa é realizado em

Bello Horizonte

(DE UMA PALESTRA FEITA NO ROTARY CLUB)

... não teriam contribuido, tambem com parcela mais ou menos importante, para a orientação adoptada? ... Quer-nos parecer que sim.

... fosse como fosse, entretanto,

E é assim que todos os ramos da actividade edilicia se vêm contemplados por igual, desde o plano geral cujas arterias principaes são prolongadas na proporção das necessidades mais prementes, até á

... não seria permittido esperar-se não tivesse a agglomeração, como de facto tem, recursos e possibilidades garantidas. Bello Horizonte é um clima que a colloca entre as melhores de...

ANEXO 100 — "O caso da calça", Diário de Minas, 21 de mar. de 1928.

BELLO HORIZONTE, QUARTA-FEIRA, 21 DE MARÇO DE 1928
N. 5693
ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO MINEIRO
Director: LEANDRO CASTILHO DE MOURA COSTA
REDACT. ADMINIST. E OFFIC.: RUA DA BAHIA, 1210 - 1220 - END. TEL. "DIARIO" - CAIXA. 28 - PHONE 71

COMMENTARIOS

Estados mineiro
O ministro de que já
mente nos ocupamos,
de crédito, foi, se
comunicado feita ao
Estado, lançado a 9712
de New York, sendo in-
mente substituído, com
gratificação.

O EMPRESTIMO DE MINAS

Um dos elementos indispen-
sáveis para o desenvolvimento
de uma nação é a existência
de capitais em espécie. Sem o
elemento dinheiro não existe
força propulsora para as re-
alizações. As riquezas natura-
es dessas forças desproveti-
das possibilidades económicas,

Pela formação de per-
feitas donas de casa

Ha dias, este jornal publicava
uma carta que lhe dirigiu o sr. José
Alfredo Gomes em que este educador
mineiro clamava a atenção do pú-
blico para a singularidade e a utili-
dade dos fins que se propõe a Es-
cola Profissional de Economia Domé-
stica N. 5 da Apparecida, de
Brazópolis. Singularidade sim, por-

A Escola Profissional de Brazópolis constitui
um exemplo a ser imitado

racas diversas; métodos de melhora-
mento, produção e rendimento,
agricultura e agricultura, Agricultura
e horticultura; cuidados práticos do
quintal, do jardim, da horta; colheita
e utilização das frutas e legu-
mas. Psychologia estudo mais desenvolvi-
do dos phenomenos psychologicos;
afectiva, intellectual e activa.

Prados recebeu festi-
vamente o sr.
José Bonifácio

Prados, 20.—Pelo telegrapho—Domingo
ultimo, em companhia de al-
guns amigos seus, esteve em visita a
esta cidade o sr. deputado José Boni-
fácio, chefe da bancada mineira
na Camera Federal.

Uma festa no Grupo
"Silviano Brandão"

O Grupo Escolar "Silviano Brandão"
realizou, domingo ultimo, a inauguração
da galeria de leitura, em honra dos
seus benefactores e dos seus no-
vos pavilhões com uma festa es-
colar. Inicia-se a noite das 10 horas.

PRESIDENTE ANTONIO
CARLOS

S. excia. visitou hontem a cidade do
Pará de Minas

Atendendo a um especial convite
que lhe dirigiu o povo de Pará de
Minas, para visitar a vizinha cidade
de visitou hontem para all o sr. presidente
Antonio Carlos, acompanhado
do sr. assistente militar, sr. com-
mandante Oscar Paschoal, dos srs.
dres. Francisco Campos, secretario do
Interior, Gudestev Pires, secretario
das Finanças, Bias Fortes, secretario
da Segurança Publica, Abilio Macha-
do, director da Imprensa Official, de-
semburgo do Ranchei Mgalães, presi-
dente do Tribunal da Relação, depu-
tado Francisco Valladares, deputado
Lopes de Araujo, José Alves Ferreira
de Melo, Domingos Picorelli, repre-
sentante da directoria da "Oeste de
Minas" e Leandro Castilho de Moura
Costa, director do DIARIO DE
MINAS.

S. excia. que partiu desta capital, ás
8 horas da manhã, em trem especial,
teve um embarque concorridissimo.
Viam-se na gare da "Oeste", além
de altas autoridades civis e militares
funcionarios, jornalistas, representa-
ntes de todas as classes sociais, e
muitas outras pessoas de destaque
social de Belo Horizonte.

o regresso do sr. presidente Antonio
Carlos teve lugar hoje aos
9,45 minutos.

O caso da
calça

O caso da calça
descrepção dos
jornais do Rio, passou-se muito
simplicemente. O scenario foi um
estabelecimento de fabrico de calças,
senhoras e creanças.

O curso domestico desenvolve-se
em 4 annos, com os seguintes pro-
grammas:
1.º anno.—Religião, Moral e Civica
—Portuguez e Francês—Arithmetica
Geographia e Historia do Brasil—
Noções de phisica, chimica e histria
natural—Lições theoreticas de hygiene
geral—Noções de economia domestica
—Noções de historia artistico—Can-
to e musica vocal.

2.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º anno. —Portuguez e
Francês—Arithmetica e geometria
—Chirographia do Brasil—Historia
geral—Hygiene, solo, agua, atmos-
pheria, clima, alimentação, vestuario,
caso, o trabalho, o exercicio, a fadiga,
o calor, o descanso, o sono e o
sistema—Economia domestica: compo-
sico, classificação, valor nutritivo,
classificação dos principios alimenta-
res, preparação e limpeza dos legumes,
peixes, ave, etc; meios de preparar
as fructas; classificação das carnes
de cossique.—Agricultura e horticul-
tura: a terra arável; elementos cons-
tituintes; saneamento; elementos fer-
tilizadores; sistemas de cultura; a
horta; o jardim; o pomar; enxertia;
mergulho; plantas medicinas, poda,
reprodução natural e artificial.—
Psychologia; elementos.

3.º anno.—Aplicação das disci-
plinas do 1.º e 2.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

4.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º e 3.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

5.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

6.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

7.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

8.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

9.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

10.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

11.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

12.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 11.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

13.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

14.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º e 13.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

15.º anno.—Continuação das disci-
plinas do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º e 14.º annos a mis-
ma Fachographia e Psychographia.—Hy-
giene: a) no tempo e a) no espaço.
—Economia domestica: cuidados em
casos de envenenamentos, fracturas,
hemorragias, queimaduras, asphy-
xia, syncope, tétano, sifilicidas, mas-
sagens, antiseptia, asphyxia, lepra,
ra. pulso, etc. Economia domestica:
limpeza de casa e do mobiliario, dis-
posição, organização, conservação da
mobilia; organização do serviço da
casa; limpeza e arranjo da
casa; lavagem da roupa, enzoma-
gem, arte de comprar, contabilidade
domestica. Cozinha: conservas de
fructas, legumes e carne; cozinha
simples e cozinha fina; fabrico de do-
ces, pastéis, bolos e etc; compotas,
"marmeladas", etc. Zootecnia: o animal
domestico; moléstias e parasitas,

O EMPRESTIMO DE MINAS

Um dos elementos indispen-
sáveis para o desenvolvimento
de uma nação é a existência
de capitais em espécie. Sem o
elemento dinheiro não existe
força propulsora para as re-
alizações. As riquezas natura-
es dessas forças desproveti-
das possibilidades económicas,

De tal modo se portou, faz pro-
vas de valentia deu, que obteve o
grão de coronel da guerra da inde-
pendência.

Felizmente, ao infelizmente, parece
que de então até hoje foi a unica
filha de Eva que chegou, na carrei-
ra das armas, a esse posto eleva-
do. Já se fala, porém, que o policia-
mento, em alguns paizes, está acen-
do do fêro por mulheres. Ha policia
secretas de saias. Si as mulheres
enveredarem por esse caminho, e co-
meçam a quererem ingressar no exer-
cício e na policia, ai do homem,
pois nem mesmo esse recurso lhe
ficaria, mais quando não puder
apellar para outro meio de vida,
pois brevemente todos estarão acum-
barados pela sua doravante intima-
ção.

O brilhante resultado que
obteve a operação de crédito
realizada pelo governo mineiro
é, portanto, duplamente
admiravel.

Primeiro por que vem demon-
strar o alto interesse que os
capitalistas estrangeiros tem
com o desenvolvimento, e a
atenção que lhes mereça o
aproveitamento de nossas pos-
sibilidades. Depois pela facilida-
de com que o emprestimo
foi coberto e as excepcionaes
condições favoráveis em que
foi negociado, attestando a
maneira inequívoca a solidez
da confiança que inspiramos
aos capitalistas estrangeiros.

A applicação dos dinheiros
obtidos vai ser norteada pe-
los mais sadios interesses ad-
ministrativos. Basta que se fa-
ça realisar, entre outras, a in-
tencção que tem o governo em
melhorar os serviços electivos
de Belo Horizonte, obras nas
estações hydo-metricas e ap-
parelhamento das estradas de
ferro Sul-Mineira e Paracatu.

Se com essas tres pavimen-
tações se tem o governo pro-
blemas de impiorancia vital pa-
ra a vida. Estão, de qualquer
modo, impugna como medi-
da inadivã.

As communicações ferro-via-
rias, fontes de progresso per-
manente, pe ellas tem de ser
desenvolvidas e melhoradas por
serviços administrativos, pois
que a eficiencia da vida do
paiz depende grandemente
dellas.

O melhoramento das estações
hydo-metricas, além de ser
por si só, obra do maior rele-
vo, servirá, além disso, para
aumentar a vida de forastei-
ros e o consequente emprego
de estanhos no territorio do
Estado.

E finalmente, a reorganiza-
ção dos serviços electricos da
capital é acto cujo alcance, pa-
ra a cidade, é de primeira vital-
dade.

O desenvolvimento de Belo
Horizonte está ineluctavelmente
vinculado á eficiencia dos
serviços de electricidade.

Uma coisa não pôde existir
sem outra. Porti-não todos a-
queles que pugnam pela gran-
deza e prosperidade da capital
mineira não poderão deixar de
applaudir a utilissima applica-
ção que terá nella, parte do
emprestimo realisado.

O "Minas Gerães" na Exposição de
Imprensa de Colonia

Para serem enviados ao Pavilhão
Hispanol da Exposição de Imprensa
de Colonia, Alemã e do nosso colé-
gea "Minas Gerães" fônetico au-
toconsolido hispanol no Rio de
Janeiro tres volumes rigorosamente
elaborados em couro da Russia, con-
tendo as suas collecções dos meses de
outubro, novembro e dezembro do
anno de 1927.

Os referidos volumes deverão ser
remetidos para o Pavilhão de Imprensa
de Colonia, a 20 de novembro de 1927.

Empossou-se o novo
delegado
do 1.º districto

O sr. de Olavo Horta Drummond,
nomeado recentemente para o cargo
de delegado de policia do 1.º districto
desta capital, tomou posse, ante-
cedente, desse cargo, tendo lido a
carta de nomeação, e assumido a
gentileza de dirigirmos-lhe a sua posse,
officio communicando a sua posse.

Pagamento a pensio-
nistas da União

Foram expedidas ordens de paga-
mento, para o corrente anno, aos se-
nhores pensionistas do Thezouro Na-
cional, por intermedio do colé-gea pa-
ra a senhora Barbara (apostado),
Antonio Carreira de Lima, Diamantina,
d. Maria Santa Cruz Mestres, Pia-
nes, São João d'El-Rey, d. Aracy de
Calva Rêgo.

ANDRADE
ALFAIAE
Rua Bahia, 992

ANEXO 102 – “Outra história”, *Diário de Minas*, 24 de mar. de 1928.

BELLO HORIZONTE, SABBADO, 24 DE MARÇO DE 1928 N. 5629

DIÁRIO DE MINAS

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO MINEIRO
 Director: — LEANDRO CASTILHO DE MOURA COSTA
 C. ADMINIST. E OFFIC.: RUA DA BAHIA, 1210 - 1220 — END. TEL. "DIARIO" — CAIXA, 28 — PHONE 71

OS

QUAL A CULTURA QUE MAIS NOS CONVEM?

Algarismos que devem interessar aos proprietários rurais

O ultimo boletim de informações semanais da Sociedade Rural Brasileira traz um confronto curioso dos lucros de um proprietário rural, com café, com bananas, com milho e com a criação de bichos da seda. O confronto está estabelecido da maneira seguinte:

(Anno de 1927)

Café, 1.000 pés, 10 saccas, em côco, a 42\$	420\$000
Bananas, 1/4 de alqueire, 300 cachos a \$800	240\$000
Milho, 1 1/2 alqueires, 70 saccas a 15\$000	1:050\$000
Bicho da seda, 4 criações, com 5.000 amoreiras	2:348\$000

Desses calculos desencontrados, o articulista, cujos comentarios o boletim transcreve, procura mostrar a vantagem da cultura de amoreiras para a criação do bicho da seda. Mas, como no texto elle declara a área cultivada, que é de 1/2 alqueire de terra para o café, e um alqueire para as amoreiras, mais exacto será o confronto se reduzirmos tudo a uma área igual. Nesse caso teriamos:

Café, 1 alqueire, 2.000 pés, 20 saccas, em côco, a 42\$	840\$000
Bananas, 1 alqueire, 1.200 cachos a \$800	960\$000
Milho, 1 alqueire, 47 saccas a 15\$000	705\$000
Amoreiras, 1 alqueire, 5000 pés, 4 criações de bicho da seda	2:348\$000

Ainda assim, esses algarismos nada revelam de extraordinario com relação ao bicho da seda, porque, se nessa chacara, de terras talvez de infima qualidade, o plantador teve taes lucros, um terreno melhor, evidentemente, lhe garantiria no minimo 50 arrobas de café beneficiado por mil pés de café, e, nesse caso, vendido o café pelo preço actual, de 45\$000 a arroba, a renda bruta seria de 4:500\$000. Forçoso é convir em que, para só produzir 20 saccas em café, tendo 2 mil pés, precisava o cafetal ser dos mais ordinarios.

Para apuração de vantagens, cumpria ainda que se desse um balanço nas despezas de cada alqueire. O que não resta duvida porém, é que a cultura da amoreira para a criação do bicho da seda representa um negocio de primeira ordem já um respeito, nenhum algarismo é, nesse eloquente como o da distribuição de mudas daquela planta; buição em 1924; e 942.737, em 1927.

Ha, entretanto, outra cultura que não fica atrás da amoreira e do café. É a de laranjas. Admittindo-se uma laranjeira de um

O occaso de Clemenceau

Uma anecdota melancolica sobre o velho «Tigre»

George Clemenceau, cuja velhice já não pode interessar ao mundo como os destemperos jovens de Sandino ou as audacias viris de Mussolini, gosta de passar a toa, com um bom burguez, pelas ruas de Paris. Os jornaes francezes ultimamente chegados trazem, a respeito das caminhadas do «Tigre» sem garras, uma anecdota melancolica. Em principio os dois mez passados, dizem, elles, Clemenceau e eu dirigiu os seus passos para o jardim do Trocadero e Ahí, entre as flores escaudadas e



Clemenceau

mente cultivadas, encontrou-se com um «gardien de la paix» que era seu conterranco, e poz-se a conversar com elle.

—Então, ouvi que teu irmão ia candidatar-se ao conselho geral—fallou o antigo ministro.

—Dizem, sr. presidente, e parece que elle tem probalidades de ser eleito...

—Terei de o procurar, quando estiver eleito, para lhe pedir um obsequio.

—O senhor está graçaendo, sr. presidente, o sr. que...

—Eu cá sei o que digo. Outro dia, o porteiro de um prefeito perguntava a uma senhora que eu recomendará: «Quem é este senhor?»

—Como isso lhe deve ter aborrecido!

—Ao contrario, encantado. Esqueceram-me. Foi a unica coisa em que me sahi bem na minha longa carreira...

Combatendo a febre aftosa

Uma reunião dos representantes de diversas estradas de ferro

O sr. ministro da agricultura, seriamente empenhado na defesa dos nossos rebanhos e dos nossos productos, principalmente na campanha fortemente iniciada contra a febre aftosa, em execução, acaba de dirigir o seguinte officio ao ministro da viação secretario da viação nos Estados de S Paulo e da agricultura de Minas Geraes, e presidentes de Minas Geraes, e presidentes

Outra historia

O Brasil acaba de ter a honrosa visita do Tsar Fernando, da Bulgária. Esse senhor é, indubitavelmente, um rei autenthico. Ou foi, em todo caso rei de throno, corôa e barba. Como em qualquer baralho. Não é desses reis de assucar, reis do ferro de enganar ou reis de luca romana que nos costumam chegar, de vez em quando, pelo correio. O rei Fernando governou um patz e foi responsável por um sem numero de vidas e de destinos. Homem intelligente, letrado e ambicioso, a grande guerra encontrou-o do lado da Alemanha, poiz que elle suppoz facilmente victorioso.

As coisas se passaram, porém, de maneira differente, e o rei Fernando, appellidado «velho raposa dos Balkans», metteu-se num recolhimento mais ou menos anonymo, depois da perda do poder. São dessas estranhas injusticias do destino, que fazem mudar, na vida de um homem, até a propria idéa que elle possa suggerir deante da historia.

Com a Alemanha victoriosa o Tsar Fernando, da Bulgária, seria hoje um grande rei poderoso, respeitado e até heróico. Vencida a Alemanha, elle é apenas um cavalheiro barrigudo e barbado que vem passear na America do Sul, passagelero de um navio de segunda ordem. Mas o mais curioso na visita do Tsar Fernando, foi uma entrevista que elle deu ao «Diario-Nacional» de S. Paulo. Nesta entrevista, com uma deliciosa ingenuidade, o velho monarcha aposentado se refere aos nossos maus habitos de multrar os passaros e as borboletas. E a sua alma de poeta unindo-se a sua mentalidade de naturalista, revolta-se francamente contra esse proceder, que elle considera pouco explicitavel e selvagem. Então nós nos lembramos que esse homem magnanimo e caridoso, que chora sobre a morte de alguns passaros e alguns insectos, ha alguns annos atrás, assistiu, das janellas do seu palacio, á partida de milhares de jovens subditos, que iam morrer numa guerra com a qual nada tinham que ver. Assistiu sorridente e coçando a barba...

Eu tenho um amigo, poeta futurista, que chegou a escrever um poema sobre isso. Vale a pena transcrevel-o?

Era uma vez um tsar naturalista que caçava homens. Quando lhe disseram que tambem se caçam borboletas e andorinhas elle ficou muito espantado e achou uma barbaridade.

A.

A Escola Normal de Juiz de Fóra

O Congresso das Municipalidades Sul Mineiras

As theses a serem ventiladas em importante assembléa

O Congresso das Municipalidades Sul Mineiras, a reunir-se em V. nina, no mez de abril proximo, dará os seguintes assumptos da relevancia para a zona cujos resseses serão ali defendidos:

Secção unica—Agricultura, Publica e Finanças.

1a.) Sobre a imigração e contra a emigração (entendi dos governos dos municipios do Estado para o restabeleci da imigração e impedimen emigração).

2a.) Sobre o saneamento rural (revestimento e caiação gatorios, das casas de campo minos).

3a.) Sobre a prophylaxia de lestias contagiosas e especia da tuberculose e morpheia.

4a.) Sobre a defesa dos re —Regulamentação e pratica da defesa dos frebanhos (febre a).

5a.) Sobre a tarifa dos pr agricolas.

Theses:

1a. Secção—Instrução.

1a.) Do ensino em geral.

2a.) Da diffusão das escol fissionaes e do patronato colas.

3a.) Do ensino tecnico e cultura.

2a. Secção—Viação:

1a.) Das vias de commu transportes intermunicipaes.

2a.) Do livre transito n das de automoveis

3a. Secção — Agricultura e pesca:

1a.) Da conservação e das mattas (meios de for fornecimento de mudas e i premios pecuniarios, etc).

2a.) Da regulamentação e pesca.

3a.) Da defesa biologica vegetal (acção isolada ou cta dos municipios).

4a.) Dos fertilizantes e dores dos solos exgotados

5a.) Da protecção aos uteis á lavoura.

6a.) Da cooperação do pios com o Estado para a manutenção de monta com ctiores de raça.

7a.) Do auxilio dos para a formação de pra caes, para a fenação e

8a.) Da utilidade das regionaes, como meio de da dos productos dos mu

4a. Secção—Finanças:

1a.) Da intervenção d pios para a organização rural.

2a.) Das vantagens de zação d imposto sobre

5a. Secção—Obras Pub

1a.) Do urbanismo.

2a.) Da necessidade de dos municipios no ser

a Escola Normal de Indayá

o Campos e Cristiano Mativamente recebidos no este de Minas

ivo de Dóres do Indayá, falou o sr. dr. José Argemiro de Moura, presidente da câmara recebendo os visitantes. O orador acentuou a actuação do sr. Cristiano Campos em benefício da sua terra natal. O sr. secretário agradeceu em brilhante improviso.

Após as apresentações dos membros da comitiva às autoridades locais, formou-se extenso cortejo de automoveis, em direcção ao palacete do sr. Arlindo Valentim gerente do Banco Hypothecario, onde os srs. Francisco Campos, Cristiano Machado e Alberto Campos ficaram hospedados. Os demais membros da comitiva ficaram em outras casas.

A instalação da Escola Normal de Dóres do Indayá

18 e meio horas, ve ficaram-se a instalação da Escola Normal, um bello edificio que abrigava grande multidão. Aberto a sessão falou o prof. Dr. Manoel Caelo, o director da Escola que pronunciou o bello discurso. Em seguida falou o dr. Mauricio Ottoni inaugurando o salão de honra os retratos d'ssa presidente Antônia Carlos e Francisco Campos, executado s pelo pintor José Botelho. Finalmente, falou o sr. dr. Cristiano Campos, proferiu do eloquente discurso em cujo final disse que entregava em nome do governo a este laço o novo domus, sendo muito applaudido.

Manifestação ao sr. Cristiano Machado - Banquete ao sr. Francisco Campos - crianças nutras

Dóres do Indayá, 24 - Após a instalação da Escola, realizou-se uma manifestação da municipalidade ao prefeito Cristiano Machado, falando o sr. dr. Argemiro de Moura presidente da Câmara. O dr. Cristiano agradeceu em brilhante improviso. As 21 horas realizou-se o banquete de municipalidade ao sr. secretário do Interior e comitiva.

Oferecendo falou o dr. José Sattor, juiz de direito, que proferiu magnifico discurso. O sr. Francisco Campos agradeceu em excellent improviso. O b'nede em honra foi levantado pelo sr. Eduardo Barbosa ao presidente Antonio Carlos.

Após o banquete, verificou-se grande baile no salão do grupo teatral ao som de excellent jazz-band da F.ça Publica vindo de Belo Horizonte.

Hoje, pela manhã o sr. secretario percorreu varios pontos da cidade tendo visitado o serviço de abastecimento de agua e outros melhoramentos locais.

Musica

Concertos Symphonicos

Realiza-se hoje, ás 16 horas, no Theatro Municipal, mais uma daquellas esplendidas audições a que já nos habituou a sociedade de Concertos Symphonicos de Belo Horizonte.

Pelo programma organizado com o maximo gosto, pode-se julgar do que vai ser o concerto de hoje, em que tomará parte toda a sua magnifica orchestra, composta de 60 figurantes, sob a proficiente regencia do maestro Francisco Nunes.

DIARIO DE MINAS - Domingo, 25 de Março de 1928

EDISON-IDEAL

De dia, o sol tropical Inunda o mundo de luz... De noite, a lampada "ideal" O mesmo efeito produz...

PRODUCTO DA GENERAL ELECTRIC

Feminismo

Mais uma demonstração da capacidade feminina. Capacidade em todos os sentidos. Civil, familiar e muscular.

Uma senhora obteve judicialmente a deslização do patrio poder que cubia ao seu marido, e tomou conta dos filhos. Estes ficaram em companhia da mãe dela, e, por consequencia sogra dele. Ora, as sogras são tradicionalmente reconhecidas pelos generos como conselheiras, p'ora e recomendáveis. Dahi não se ter o pae, tornado por incapaz, se conformado com a situação e partido em busca dos filhos, que estavam em poder da mãe, cuja capacidade jurídica para exercer o patrio poder, fora reconhecida como sendo maior do que a do pae.

Valu-se enão o pobre Adão diminuido de sua problematica capacidade familiar. Esta tambem falta, vergonhosamente.

A sogra, em cujo poder se achavam provisoriamente as crianças, não se impressionou com os ares facinorados do pae e negociou o proximo a apelação do Conselho.

Lançou-se então o pae na ultima valvula de segurança para a dignidade do seu prestigio desrespeitado e desconhecido.

Melou-lhe o braço. Nesse terreno de argumentação mais solida e positiva, nem foi mais bem sucedido do que nos outros.

A suave senhora depois de reagir á altura da aggressão, e não contente com isso, foi mais longe.

Pegou num revolver e deu-lhe quatro tiros. Apenas. E pensam que a historia se resumiu nisso? O povo, atraído pelos estampidos, invadiu a casa. A senhora expulsou minuciosamente todos os que lá se achavam, inclusive os policiaes, e declarou que só iria a delegacia acompanhada pelo seu advogado. Depois, quando este lá chegou, encontrou a vestida, de chapéu na cabeça e tranquilla. Então verificou-se uma coisa edificante. Na policia, perguntada sobre os detalhes da sua acção e pelas causas que a impelleram a praticar o castigo, a senhora não negou nada. Ao contrario.

Declarou que nem sequer estava arrependida do que tinha feito, porque fora levada pela ternura do seu coração de mãe.

Manifestações da moderna feminista...

E' só estregar!

Conhecem-se varios processos para a cura da sarna ou "já começa", os d'essos e que se não pôde tratar a toda gente, já por ser de applicação para o campo, enfim, e a fizesse vitoriosa, subvertendo-a a acção-algo de maior...

Palacio da Liberdade

Com o sr. presidente do Estado conferenciaram hontem os srs. procurador e sub-procurador Geral do Estado.

O sr. presidente do Estado recebeu hontem em audiencia as seguintes pessoas: desembargador Cesar Franco, dr. José Cupertino Teixeira Fontes, Valerio Koszarowski, dr. Tancredo Martins, dr. Leon Renault, dr. Carvalho Mourão e dr. Felício Brandi.

Em visita de agradecimentos ao sr. presidente do Estado estiveram hontem no Palacio da Liberdade as professoras Stella Paixão e Myriam Ladeira.

Em visita de despedidas ao sr. presidente do Estado, esteve hontem no Palacio da Liberdade d. Luzia Ribeiro de Paiva.

O sr. secretario da presidencia attendeu hontem ás seguintes pessoas: Alberto Gomes Vianna, dr. Marciano Alves Mauricio, dr. Oscar Lamarca, prof. Anibal Mattos, Joseph Arelluis, d. Maria da Conceição Moreira, Miguel Antonio, dr. Paulo Garcia, José Bacia da Rocha, dep. Adolpho Vianna, dr. Tancredo Martins, d. Maria da Conceição Araújo, Arnaldo Carlos da Fonseca, Joaquim Silveira, Leonardo Motta, João Moreira Ribeiro, Belizario Pereira de Carvalho, Ivo Itacarense, d. Christina Theodora Moreira de Almeida, Gastão de Mattos, dr. Augusto de Magalhães Costa, Arlindo Araújo, d. Anyisa Rabello, d. Christina Moura, dr. Necessio Tavares, Geraldino da Costa Carvalho, dr. Felício Brandi, José da Silva Melheiros, Romeu de Avellar, dr. Athos Roche, Antonio Pimentel, José Fagundes Neto, dr. José Cupertino T. Fontes e d. Geny Fonseca.

PELO ESCOTEIRISMO

O VALOR DO ESCOTEIRISMO

O escoteirismo, a nobre escola de formação civica, moral e de robusto valoroso defensor de Mafeking na guerra dos Boers, tem tido, nos ultimos tempos, um vasto campo de acção, não só no Brasil, como em todo o mundo. E neste vasto campo de acção o escoteirismo tem agido de maneira admiravel na formação de jovens perfeitos, no physico e no moral.

Realmente, a mocidade actual, maxime a mocidade das escolas, precisava de uma associação, que a levasse para fora dos limites urbanos, para o campo, enfim, e a fizesse vitoriosa, subvertendo-a a acção-algo de maior...

SOCIEDADE

VOZ

Voz que me vem de um outro mundo de tão longe e de tão perto, pa a me guiar no caminho! Com que commoção eu te escito, com que profunda alegria silenciosa info-te vir sem saber como, ppa coer sem saber como -nefina e de flor escondida!

Em torno é a vida de todos os dias; nas ruas andam vehiculos barulhentos; nas officinas batem martellos e rangem as peças; tratam de commercio, d' amor e de politica; o trem leva gente pa a outras cidades. Sobre a repellicão da existencia que se estendem indifferentes os es aços [inatt] gveiva.

No entanto essa voz me diz bem cur [tras coisas] Essa voz me ensina que o infinito [não está naquelles espaços] e tam bem que a vida não é a vã agitação [da cidade].

Voz humilde e sofredora das palatinas [lras de Deus,] voz que me pede para ser bom.

Ribeiro Couto

Os vestidos «trapé»

Não existe costume que não possua um grande numero de vestidos, e não apenas na sua collação que para o dia quer para a noite. Estes vestidos são de um dos tipos de favoritos de moda e cada estabelecimento parecer um modo especial de se fecionarem os de tal sorte que cada guarda o cunho da sua personalidade. E assim que alguns costureiros imaginam o tipo, uma especie de feito com o volume do lado e que fica assim igual á da saia só banda. Noutros suspe-dia de um vestido, ao contrario, flogam a "drapéria", e de tal modo que o vestimento diversa, quasi longa e muito leve. Esg'suanhos são, não obticem por si mesmos em d'bras suas ves ao longo da saia. Muitos vestidos, tarde são cruzados na frente e formam a lva a a sim de um só lado fioso e que longe de tinar a silh e a ta lveza. Esg'so movimento se acha não somente n's vestidos de epeu setim, mas tamb n' nos outros; cu vimento á escurido e com um anha do formado de um...

Anniversarian

De hoje: Dr. Francisco Jessou d. Gyrn, Dr. Francisco de industrial, Dr. Ilean L. phylaxia Rural, Sr Sizefredo matlo do Banc du-tria, Academico Mzende, O joven Jo Abren, preparat, D. Vivi Camy do sr. dr José clinico nesta ca, D. Maria da c. llos M galbes dr. Mag lites, E. F. Oeste de D. Elvira cam sr. Washington D. Ma ia de U esposa do sr. Coelho, Sen. Jeronim Ju na, alama de E. Senhoihas de C. funcionaria da Correia.

De amanhã: Dr. Alvaro Bap torid de culta e acost'da pelos sa mores, e cavali tinoção.

Dr. Enock de C erivado do Tribu, Dr. Geison de ghehei-o Dr. Arthur de H dico, Sr. Odilon Barb officinas deste faz D. Nene Alvea nario da Impre- na espiri, Acido de E as Souza, nosso ex trab lio D. Flavia de Va A. Camillo de Va na espiri, D. Efigenia Aa posa do sr. dr. Ara

De hontem: Irma Maria Gabe mi ficana de Colla, Sr. Nene Alvea tont' Nene Alvea Secretaria das Sinb (Iba) de filha do sr. Sr. Souza. A mulher Maria sr. dr. José Da

ANEXO 104 - "Uma história dolorosa", Diário de Minas, 29 de mar. de 1928.

DIARIO DE MINAS - Quinta-feira, 29 de Março de 1928

Pelo Radio

de do Brasil perante a Liga
A «Westminster-Gazette», publica longa editorial, com respeito do sr. Octavio Mangabeira ao apelo da Liga...

A subscrição de Santos atingiu 1.660 contos.
Solitário com o juiz Mello Mattos

Rio, 28-O juriscônsulo Lacerda de Almeida, em longa entrevista concedida à «A Notícia», estudou o caso da portaria do sr. Mello Mattos e manifestou-se de pleno acordo com este juiz...

A cura da lepra
Rio, 28-O jovem médico brasileiro Felix Pedrosa, recém-chegado da Europa, onde conseguiu descobrir um processo moderno e eficiente para a cura do leproso...

Apunhado por um trem
Rio, 28-Hoje, na estação de Ramos, Elpidio Cunha, quando viajava em um trem da Leopoldina, saltou do comboio do lado entre a linha apunhando-o o expresso de Petrópolis...

Vae dançar 200 hors
Rio, 28-Charles Nicols, em companhia de abril, dançará 200 horas a fio, no teatro Casino, do Rio.

Campanha contra o jogo
Florianópolis, 28-A policia iniciou forte campanha contra o jogo, sendo varredas varias casas, onde se jogava vispora. Foram effectuadas varias prisões.

Um nascimento a bordo em aguas de Brasil
Rio, 28-A bordo do «Giulio Cesare», em alto mar, realizou-se o baptisado de uma criança, nascida a bordo, já em aguas brasileiras. A menina recebeu o nome de Giulio Cesarina.

O problema da exploração de petroleo
S. Paul, 28-O problema das explorações de petroleo no sub-solo paulista preocupa a attenção do actual governo do Estado.

Obstrução do Porto de Cabedello
Parahyba, 28-Foram iniciados os trabalhos de desbarratagem do porto de Cabedello, cuja entrada apresentava perigo para a navegação.

Elogiando os bombeiros de Bello Horizonte
Rio, 28-O «Globe» publica telegramma de seu correspondente noticiando um incendio em Bello Horizonte, elogiando muito os bombeiros que se apresentaram para combater o fogo.

debeis. Tribunal do jury

Uma historia dolorosa

Um jornal publicou ha dias um caso impressionante, que resultou da fraude imperdoavel de um inventor sem scrupulos e de ingenuidade de um milionario.
O juizo a cargo da sua injustiçada dramatica.

Depois de vastas hesitações, e accedendo a instantes pedidos da quasi victima, um dos mais auctores assistentes concordou em detoçar o revolver.

O juramento dos circumstantes foi indescritivel, ao verificarem que o inventor sahira ileso da prova, nada soffrera com o tiro e, mais do que isto, a borrhacha de que era feitor o seu collete, clasica e detidada, não apresentava nenhum vestigio de bala.

Finalmente Herr Frohm, depois de muito instado consentiu em vender o seu segredo por quinhentos mil marcos ouro. Feito esse negocio o inventor desapareceu, partindo para logar ignorado.

Alguns dias depois, um dos compradores da patente tendo dado uma festa em sua casa, resolveu fazer uma surpresa aos seus convidados.

Reuniu os todos, preveniu-lhes de que iam assistir a um espectáculo sem precedentes, arranjou as cadeiras em semi-circulo, forneceu refrigerios, distribuiu charutos. Depois de confortavelmente instalados todos os espectadores, o amphythion pherico retirou-se por alguns minutos, e voltou pouco depois, para deante da assistencia encandorada, erguer o collete magico.

Ninguem tinha ainda entendido essas manobras esdruxulas. Subitamente debaixo do olhar interessado dos presentes, dentro daquelle ambiente de espectacular sympathia, o amphythion pherico arrancou rapidamente de um revolver encostou o no peito, deu um tiro e cahiu para traz morto.

Logo é que foi o inesperado para todos, inclusive para o proprio fallecido.

E até hoje a policia allemã procura aquella aventura sem êxito, e crupulos, que, mais tarde, foi identificado, que tão facilmente puzera levas de dentro da cartola, que podia traçar, sem ninguém perceber, balas verdadeiras por bala de polvora secca, dentro do tambor de um revolver...

O que dizem nossos collegas
Um poeta mineiro
«A Causação», semanario que se edita na cidade mineira do mesmo nome, publica, na edição de 25 de fevereiro de 1923, o seguinte artigo do sr. João Alphonso de Albuquerque Coelho Pinto.

Sobre a mesa

Recebemos:
«Gazeta» Caracol, numero especial, commemorativo do anniversario natalicio do sr. dr. Orestes Gomes de Carvalho, presidente da Camara de Carvalho, município, transcorrida para aquelle municipio, no dia 22 do corrente mez. O bello e delicado homenagem ao zeloso e zeloso funcionario local, deu uma ex-agente executivo local, de muitas paginas, celerante illustrada, de muitas paginas, celerante illustrada, de muitas paginas, celerante illustrada...

«Sul America», Do sr. Joseph Arceles, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

Pelo telegrapho

Vae apparecer o jornal do Nordeste Mineiro
S. João Evangelista, 28-Deverá apparecer brevemente nesta cidade o «Nordeste», semanario independente, com um programma de defesa dos interesses da regio nordestina do Estado. Propriedade de uma sociedade anonyma, (bedecerá a direcção do sr. dr. Dermeval Pimenta, presidente da Camara deste municipio, e engenheiro, e dos srs. José Coelho de Moura Guimarães e Francisco Coelho de Moura.

«Nordeste», semanario independente, com um programma de defesa dos interesses da regio nordestina do Estado. Propriedade de uma sociedade anonyma, (bedecerá a direcção do sr. dr. Dermeval Pimenta, presidente da Camara deste municipio, e engenheiro, e dos srs. José Coelho de Moura Guimarães e Francisco Coelho de Moura.

«Nordeste», semanario independente, com um programma de defesa dos interesses da regio nordestina do Estado. Propriedade de uma sociedade anonyma, (bedecerá a direcção do sr. dr. Dermeval Pimenta, presidente da Camara deste municipio, e engenheiro, e dos srs. José Coelho de Moura Guimarães e Francisco Coelho de Moura.

SOCIETY SERENADA

de real p...
v, receb...
Gente na...
Acha se...
novo ag...
Lima, no...
balho e...
Magalhã...
mento do...
-Daill...
ança que...
s. Edelf...
Dalla G...
-O la...
Branco e...
mento da...
Noivos...
Esá e...
senho-i...
filha do...
sua esp...
na Agui...
Coelho, e...
Casamen...
ENLAC...
M...
Realiza...
o consor...
nha Ara...
fallecido...
Coelho e...
Renault...
cisco Rib...
ro civil...
filho do...
co Duarte...
Maria Jo...
Ambos...
ás 19 ho...
José Rem...
á rua T...
padrinha...
dr. Edga...
sephina...
o deputa...
de Silva...
Foram...
do novo...
Carlos e...
Andrade...
nault co...
Na re...
isticos e...
Hospite...
Pelo 2...
para Bart...
Uberaba...
da civil...
valho, s...
Viajara...
para o...
Lopes, A...
mos.
-para...
Ricardo...
Caldeira...
-para...
de Alme...
nha da E...
-para...
sr. dr. A...
-para...
eira de B...
Lartira...
ctu no q...
da Silva...
e Salles...
Candido...
Vasconce...
-para...
José Cam...
-para...
Francis...

Os conjunctos de crepe estampado constituem uma das grandes novidades da estação. Elles se prestam a cem combinações diversas e dão uma nota de grande finis a as reuniões...

«Sul America», Do sr. Joseph Arceles, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

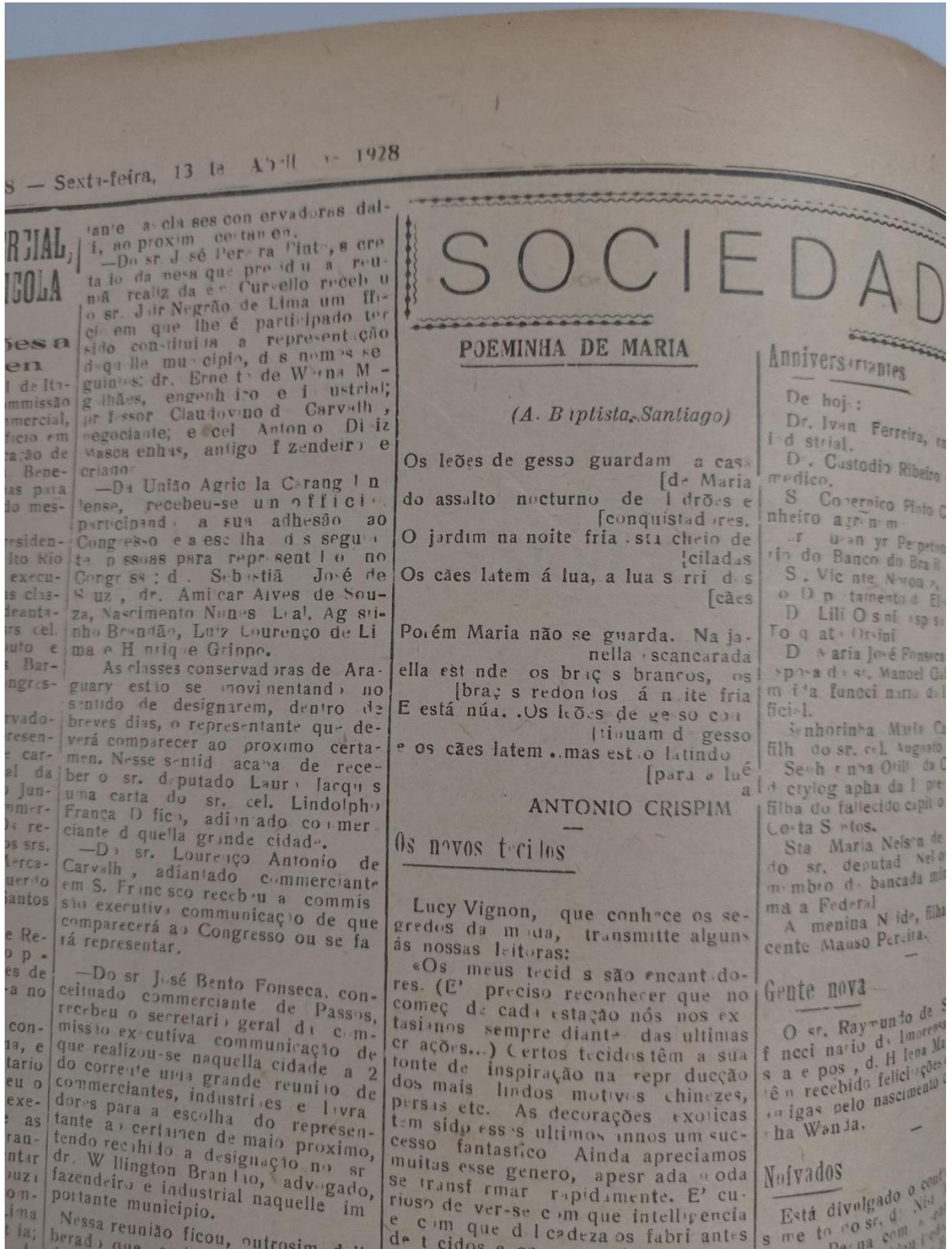
«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...

«Pharmacia», Do sr. Vicente Baptista, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho, insperado da Camara de Carvalho...



Sexta-feira, 13 de Abril de 1928

...a la ses con ervadoras dal...
 ...no proximo certamen...
 ...Do sr. José Pereira Pinto, s cre...
 ...ta io da mesa que preside a reu...
 ...nã realiz da e Curvello receb u...
 ...o sr. Jôr Negrão de Lima um fil...
 ...ei em que lhe é participado ter...
 ...sido constituida a representação...
 ...diquelle municipio, d s nomes se...
 ...guintes: dr. Ernesto de Wôrna M...
 ...gilhães, engenheiro e industrial...
 ...oressor Claudovino d Carvalh...
 ...negociante; e cel Antonio Di z...
 ...vasca enhas, antigo f zendeir) e...
 ...criador...
 ...Da União Agricola Carang In...
 ...ense, recebeu-se un offici...
 ...participand a sua adhesão ao...
 ...Congresso e a escola d s segu...
 ...ta p ssoas para represent lo no...
 ...Congresso: d. Sebastião José de...
 ...Suz, dr. Amicar Alves de Souz...
 ...za, Nascimento Nunes L'al, Ag sri...
 ...nho Brandão, Luiz Lourenço de Li...
 ...ma e Henrique Grippo...
 ...As classes conservadoras de Ara...
 ...guary estio se movimentand no...
 ...sentido de designarem, dentro de...
 ...breves dias, o representante que de...
 ...verá comparecer ao proximo certa...
 ...men. Nesse sentido acaba de rece...
 ...ber o sr. deputado Laur Jacqui s...
 ...una carta do sr. cel. Lindolpho...
 ...Franca D'ficio, adiantado comer...
 ...ciante d quella grande cidade...
 ...Do sr. Lourenço Antonio de...
 ...Carvalh, adiantado commerciant...
 ...em S. Francisco recib-u a commi...
 ...sio executiv communicaçio de que...
 ...comparecerá a o Congresso ou se fa...
 ...rá representar...
 ...Do sr José Bento Fonseca, con...
 ...ceituado commerciante de Passos...
 ...recebeu o secretari) geral d a com...
 ...missio executiva communicaçio de...
 ...que realizou-se naquella cidade a 2...
 ...do corrente uma grande reunio de...
 ...commerciantes, industriales e livr...
 ...dors para a escolha do represen...
 ...tante a o certamen de maio proximo...
 ...tendo recebido a designaçio no sr...
 ...dr. Wllington Branlio, advogado...
 ...fazendeiro e industrial naquelle im...
 ...portante municipio...
 ...Nessa reuniao ficou, outrosim...
 ...berad que...

SOCIIEDAD

POEMINHA DE MARIA

(A. B. Iptista, Santiago)

Os leões de gesso guardam a casa
 do assalto nocturno de ladrões e
 O jardim na noite fria está cheio de
 Os cães latem á lua, a lua sorrindo
 Poém Maria não se guarda. Na ja-
 ella est nde os braços brancos, os
 E está nua. Os leões de gesso con-
 e os cães latem...mas estão latindo
 [para a lué

ANTONIO CRISPIM

Os novos tecidos

Lucy Vignon, que conhece os segredos da moda, transmite alguns ás nossas leitoras:
 «Os meus tecidos são encantadores. (E' preciso reconhecer que no começo de cada estação nós nos exercitamos sempre diante das ultimas criações...) Certos tecidos têm a sua fonte de inspiração na reprodução dos mais lindos motivos chinezes, persas etc. As decorações exóticas têm sido esses ultimos annos um successo fantastico. Ainda apreciamos muitas esse genero, apesar da moda se transforamar rapidamente. E' curioso de ver-se com que intelligencia e com que delicadeza os fabricantes de tecidos...

Anniversariantes

- De hoje:
- Dr. Ivan Ferreira, etc
- Dr. Custodio Ribeiro
- S. Governico Pinto
- S. Vicente Nogueira
- D. Lili Osni
- D. Maria José Fonseca
- Senhorinha Maria C.
- Filho do sr. cel. Augusto
- Senhorinha Orli de C.
- Filha do fallecido capitão
- Costa Santos.
- Sta. Maria Nelson de
- do sr. deputad Nelson
- membro da bancada mit
- ma a Federal
- A menina Nida, filha
- cente Mauro Pereira.

Gente nova

O sr. Raymundo de S...
 f nccionario d Imorena...
 s a e pos, d. Helena Ma...
 tén recebido felicitações...
 igas pelo nascimento...
 ha Wanta.

Nalvados

Está divulgado o cont...
 me to do sr. d. N...
 Pauna com...

ANEXO 106 – “Poesia”, *Diário de Minas*, 21 de abr. de 1928.

...abbado, 21 de Abril de 1928

A EXCURSÃO

(Continuação da 1. pagina)

Agradecendo, o sr. presidente do Estado disse, em resumo, o seguinte: «Novamente resoavam gratamente aos seus ouvidos as palavras carinhosas dos seus caros conterrâneos do município de Machado, resoavam por intermedio do vice-presidente da Camara, na presença e com o applauso de um dos heroes daquelle dia memoravel, o dr. Edgar Vieira, bemfeitor de sua cidade natal.»

Campestre, 18— Partindo de Machado, o sr. presidente Antonio Carlos chegou a esta villa entre longas aclamações populares. Ao chegar s. exc. á casa onde se devia servir o almoço, o dr. Francisco Capobianco, em entusiastico discurso, deu pelo povo as boas vindas ao sr Antonio Carlos. Os alumnos do Grupo Escolar cantaram o Hymno Nacional, offerecendo flores a s. exc. uma menina. Pelo Grupo, saudou ao sr. Antonio Carlos a directora, d. Marietta Vianna.

Agradecendo, o sr. presidente Antonio Carlos, em breves e affectuosas palavras, disse que ás creanças enviava o seu osculo de carinho, ao mesmo tempo que á cada conterrâneo de Campestre abraçava cordialmente.

Seguiu-se o almoço offerecido pela Camara Municipal. Sentaram-se o nesa o chefe do governo mineiro, o presidente da municipalidade e exma. esposa, membros da comitiva e outras pessoas gradas.

SOCIEDADE

POESIA

Gastei uma hora pensando um verso que a penna não quer escrever. No entanto elle está cá dentro inquieto, vivo. Elle está cá dentro e não quer sair. Mas a poesia deste momento inunda a minha vida inteira.

Antonio Crispim

*
Para as creanças

Os pequeninos nunca são mais encantadores do que na intimidade da vida familiar. E' que, em casa, podemos vestil-os com toda a simplicidade que convem ás graças da infancia. Vestidinhos de «linon» ou «baptiste», trabalhados com a roupa branca, com «ajourés», pequenas dobras, alguns entremeios de renda fina e motivos frisados ou plissados a ferro. Ahi estão os mais bonitos vestuários para os pequeninos e os que são mais facéis de conservar, pois se trata quasi sempre de peças lavaveis em casa, na maioria dos casos. Um capitulo especial deveria ser dedicado ao avental que vae se tornando uma peça encantadora e quasi elegante, quando é combinado por uma mãe attenta e de bom gosto. Está sendo empregado no avental a «baptiste» lisa, em tons claros, taes como o rosa ou o azul pallido, e tambem

Bello Horizonte
sociedade re
ciará em sua
de chá-dan
A julgar p
em nosso m
se prever p
chave de ou
daquelle as
us'co
A nota
será o sort
relogio de
pres-ntes.
Esta red
ria do Clu

Gente nov
Está em
Gonçalves
Nifinegge
um meim
ceberá o

Noivados
Com a
zes, resid
t'actou c
Assis Ca
praça.
— Con
nhorinha
di no sa
Rezende
da secre

Congresso Commer- cial, Industrial e Agrícola

ANEXO 107 – “Cantiga da experiência”, *Diário de Minas*, 8 de mai. de 1928.

1928

nterior

SOCIEDADE

CANTIGA DA EXPERIENCIA

Eu me assentei á mesa dos deuses.
Os deuses todos babiam,
sorriam,
diziam coisas espirituaes.
Dei de hombros e voltei á vi'a.

Eu dormi no leito das deusas.
Todas as deusas me abraçaram,
todas me beijaram.
Dei de hombros, indiferente,
e voltei á vida.

Meus pés pisaram o barro dos ca-
minhos,
minhas mãos tatearam na sombra
e muitas vezes
as encruzilhadas me illudiram.

Comi raizes amargas e fructos ruins,
dormi sobre pedras innocentemente
e vi os homens e as mulheres.

Pois a vida me embalou.

Rodrigo Tostes

*

Anniversariantes

De hoje:
Faz annos hoje o sr. dr. Lyra
Castro, illustre ministro da Agricul-
tura, posto onde vem promovendo
com intelligencia e operosidade o
desenvolvime-to da economia bra-
sileira.

— para Santa Barbara
Waldo Pinheiro de Azevedo
— para Entre Rios, o sr.
F. de Almeida;
— para Joaquim Nabuco
Feliciano Gonçalves;
— para Barra do Piraí,
Valino Pereira da Silva;
— para Prudente de Moraes,
Henrique Carlos Moraes;
— para Ibitiré, o sr. D. C.

Pelo 2º nocturno
tem:
para o Rio, os sr.
Manoel de Gusmão Gusmão
da Silveira Sobrinho;
— para Juiz de Fora,
Carlos Monteiro de Moraes
no de Paiva;
— para Barbacena,
Bruno Junqueira;
— para Porto Novo,
Gos Canabrava.

Luto

D. ANNA SOARES
Falleceu ante-hontem
a exma. sra. d. Anna
Silveira, esposa do sr.
Procoio & Cia, dis-
tincto, pelas «crysolite»
possuia e cultivava
pela sua distincção
seus dotes de

ANEXO 108 – “Margarida”, *Diário de Minas*, 20 de mai. de 1928.

maio de 1928

la Liberdade

despedidas ao sr. pre-
do, estiveram hontem
liberdade os srs de-
cald e Raul Cobra,
amara de Borda da

no Palacio da Li-
ta de agradecimen-
ente do Estado, o
es.

mpimentos, foi re-
do sr. presidente do
reira Ribeiro.

no Palacio da
ta de cumprimen-
te do Estado, os
ra, Horacio M. de
dr. João Ribeiro

ta presidencia do
ntem ás seguintes
o Pinto Coelho,
do, cel. Raul Co-
Oswaldo Fran-
Santos, d. Coti-
Carlos Roscoe, J.
Catão Pinto,
Santos, Manoel
Felippe Parreira,
dor Moreira da
llela, d. Redu-
dr. João Alves,
cel. João do Ca-
a, d. Ermelin-
redo Cavarra,
Oliveira, João
Octacilio Ro-
conde Pereira
o Sigaud.

SOCIEDADE

MARGARIDA

Margarida já não vae á fonte,
Margarida agora vende flor,
uma florsinha branca, sem cheiro, sem graça,
que ella colloca no peito da gente e rindo pede uma

Margarida como está mudada;
hontem dava flor para o namorado,
hoje vende flor para toda a cidade;
só o riso é o mesmo (as mãos tambem são as mesmas)
a dona do riso e das mãos é que mudou.

Eu tambem quero comprar uma flor por muito dinheiro
eu que nunca fui namorado de você, Margarida.
Uma flor de papel, sem graça, sem cheiro,
mas que posta assim no meu peito (não sei porque)
pelas mãos bonitas e gostosas de você
fica sendo a flor mais bonita e cheirosa do mundo.

20 — 5 — 28

ANTONIO CRISPIM

Recepção em Palacio

Não tendo sido possivel realizal-a
na noite de 26 do corrente, por mo-
tivo da enfermidade do Sr. Presidente
da Republica, felizmente já em con-
valescença, terá logar hoje, das 21
24 horas, no Palacio da
a recepção

Vianna, Alfredo Carneiro
academico Ary Teixeira
—para S. Paulo, os srs
e Vito Tasanella;
—para Lafayette, o sr
Pereira Junior.

Enfermos

ANEXO 110 – “Sociedade”, *Diário de Minas*, 17 de jun. de 1928.

SOCIEDADE

Senhorinha F
fallecido cel. l
Os meninos
sr. dr. Ignacio
filho do prof.
Lima.

De amanhã:
Sr. Milton X
cionista da Se
Sr. Paulo Per
cionista da Se
D. Regina M
do sr. Francis
Coelho, funcio
A menina Alf
te João Furst.

Casamentos

**ENLACE VIA
RENAU**

Na residencia
sr. Heraldo de
2º officio, e d.
Aguiar, realizo
matrimonial do
Coelho, alto fu
tamento de Ele
nhorinha Vera
O acto civi
Moac

o homem disse para o amigo:
—Preve irei á tua casa
e levarei minha mulher.

O amigo arrumou a casa
e quando o homem chegou com a mu-
[lher

soltoz uma duzia de foguetes.

O homem comeu e bebeu,
a mulher bebeu e cantou,
os dois dansaram.

O amigo estava muito satisfeito.

Quando foi hora de partir
o amigo disse para o homem:
—Breve irei á tua casa.
E apertou a mão dos dois.

No caminho o homem resmungo:
—Ora essa, era o que faltava.
E a mulher ajunta: — Que idiota.

—A casa delle é um ninho de pulgas
—Reparaste os «beefs» pequenos?
—O piano ruim e a comida pouca.

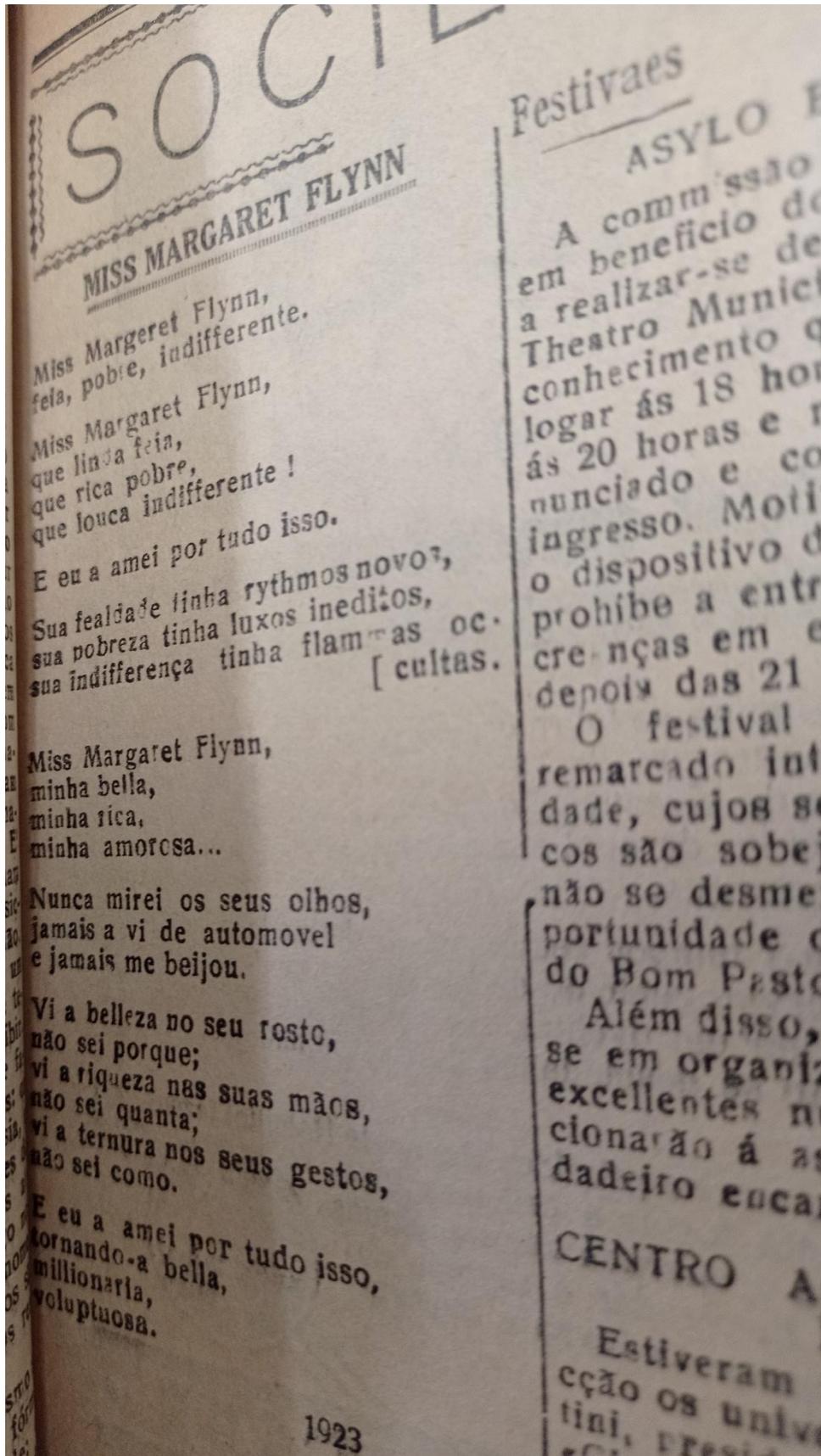
E todas as quintas feiras
elles voltam á casa do amigo.

Este ainda não pode retribuir a visita.

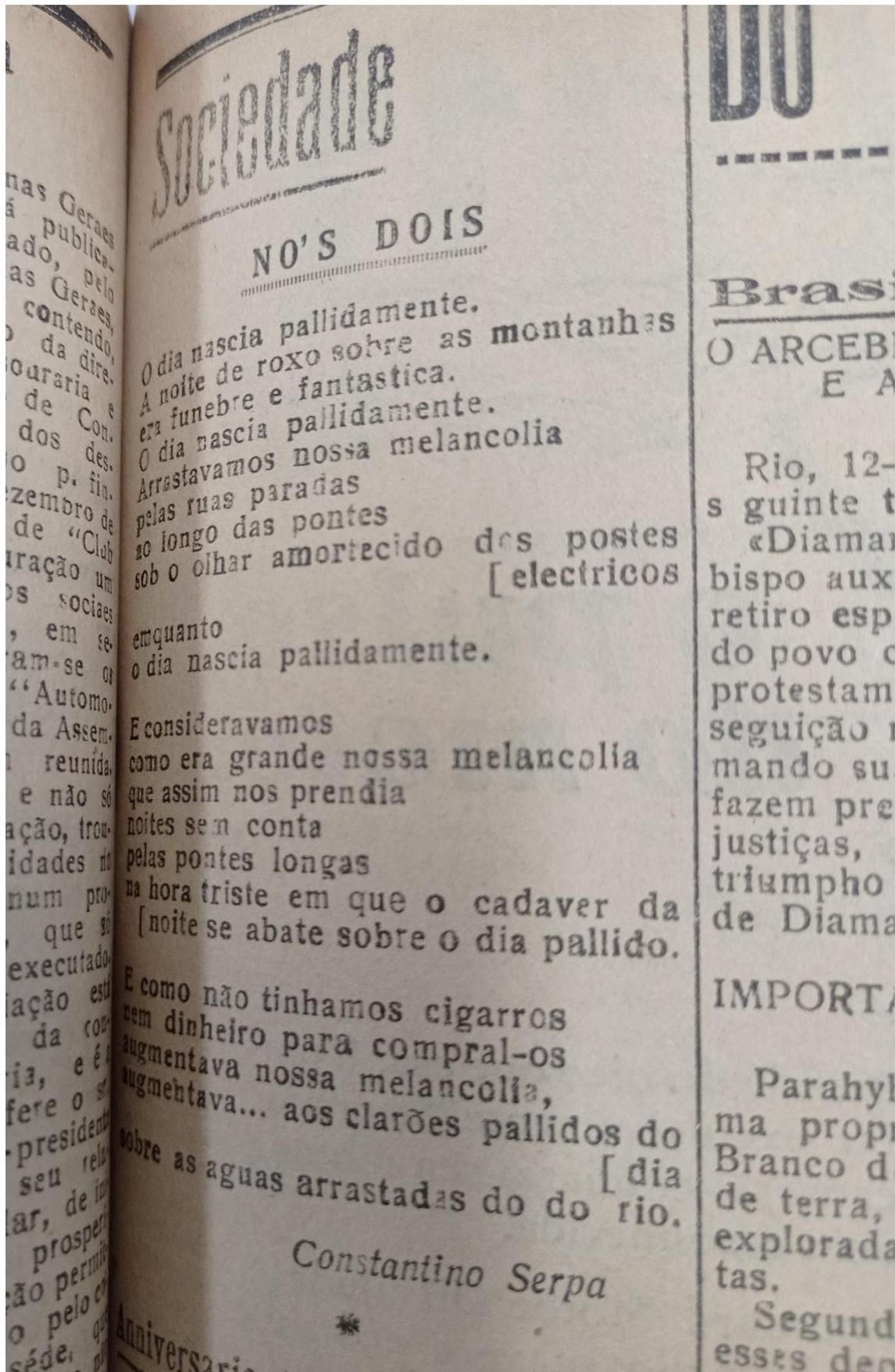
Antonio Crispim

*
o casamento...

ANEXO 111 – “Miss Margaret Flynn”, *Diário de Minas*, 28 de jun. de 1928.



ANEXO 112 – “Nós dois”, *Diário de Minas*, 13 de jul. de 1928.



ANEXO 113 - "Canção do grego desencantado", *Diário de Minas*, 1 de ago. de 1928.

DIÁRIO DE MINAS - Quarta-feira, 1 de agosto de 1928

SOCIEDADE

CANÇÃO DO GREGO DESENCANTADO

A João Dornas Filho

O' tocadoras de flauta, nos doces, nos apagados festins de Alexandria... Vós que tinheis o corpo branco como um [lirio], e vos perfumáveis de nardo, e sandalo e verbena! Ha muito que vos não ouço, ha muito tempo que, reclinado em meu leito de ros s, aguardo o vosso regresso!

E não vindes... E cantei em meus ouvidos a saudade de vossas [flautas], que ha tanto tempo me perturbarem... as vossas flautas harmo- [niasas...]

Es tonto esquecer, fugir ao vosso fiao sortilegio, ven e revém aos meus ouvidos a eterna musica mysteriosa

Tocadoras de flauta, nús, entre cochins de púrpura, sob o véo [dos incensarios] Oade, os vossos corpos de tonia espuma? e os vossos fragris in- [strumentos?]

Dade, a corôa de violetas? Ha muito que me fugistes, e ouço [ainda a vossa musica] e ha nos meus olhos a saudade infinita de vossas fórmãs.

Vinde, em theoria, cercar o meu leito desencantado de grupo triste, desencantado. E modulae as mais puras canções, e embale o meu somno, o grande somno em que vou mergulhar, o' tocadoras de flauta, leves e coolo-neticas!

ANTONIO CRISPIM

DR. URIAS BOTELHO

Telegramma transmittido da vizinha cidade de Santa Quitéria trouxe a infausta noticia do falecimento, occorrido ante hontem, ali, do illustre mineiro sr. or. Uijas de Mello Botelho, juiz municipal daquelle termo.

O distincto magistrado que acaba de d'aparecer no posto de juiz municipal de Santa Quitéria foi um nome de larga proleção na magistratura e na politica, tanto quando na presidencia de Minas o venerando estadista sr. dr. Wenceslau Braz desempenha o o alto cargo de chefe de Policia do Estado.

No Senado Estadual, foi o extinto uma figura de grande relevo, tendo, pela sua actuação brilhante e efficiente, conquistado a sympathia e a admiração de seus pares.

Advogado em Monte Santo, os seus «ladoyres» no foro daquella comarca o assignalaram desde logo como um caudilico dotado de excelente cultura juridica, tornando-se o lente escriptorio dentro em pouco um dos mais procurados da comarca.

juiz municipal de Caldas, acaba de encerrar a sua carreira publica no mesmo cargo, afastado nos ultimos tempos da actividade por se ter dedicado a lides da advocacia com o seu

Cinemas

O CARTAZ DE HOJE

GLORIA
«Pae sem sel-o!», por Harry Langdon, 6 actos da Metro Goldwyn.
«Que boa vida», 2 actos da Metro.

AVENIDA
«O jovial defensor», por Richard Dix, 7 actos da Paramount.
«O presente de elephante», 2 actos.

PATHÉ
«A lei do destino», por Tim Mac Coy, 6 actos da Metro Goldwyn.
«M. G. M. News».

AMERICA
«O crime de um beijo», por Antonio Moreno, 6 actos da Fox Film.
«Pagando e bufando», 2 actos.

FLORESTA
«Ladrão num paraíso», por Ronald Colman, 8 actos da First.
«Ouro roubado», 2 actos da Universal.

DEMOCRATA
«Prestigio social», por William Haines, 7 actos da Metro Goldwyn.
«Azares de cachorro», 2 actos da Metro Goldwyn.

As mecas elegantes usam. "MAGIC"

Deixa secar bem

E' muito feio ver uma senhora ou moça com seu vestido manchado pelo suor, isto pôd evitar-se usando o maravilhoso preparado MAGIC que é um liquido que suprime a transpiração das axillas evitando as manchas dos vestidos e o uso dos horriveis suadores de borracha fazendo desaparecer até o mais pequeno odor que, as vezes com o excessivo calor pôde fazer atraspiração. MAGIC é o unico infensivo á saúde e garantido pelos dres. Miguel Couto, Austreliano e Aloysio de Castro

SUBSTITUA O OLEO DE FIGADO DE BACALHÃO PELA

Excellente producto da sciencia franceza. Tonico reconstituinte para creanças e adultos: duas gotas representam uma colher das de sopa de oleo de figado de bacalhão e um vidro equivale a cinco garros. A MORUPLINE é de uma notavel efficacia para os casos de anemia, decaencia da nutrição, grandes depressões organicas e cada vez que se trata de reconstituir o organismo debilitado. Cêto agradável, digestão facil, maximo de acção com o minimo de volume. O estômago assimila-o perfeitamente. Prescrito em todas as exposições internacionais de medicina. Adm-se á venda em todas as pharmacies e quinquilhanias. Unico depositario: Sociedade Anonima Limitada, Rua Augusta 135, Rio de Janeiro.

Como Engordar?

Até certa data, o que havia de mais difficil, senão absolutamente impossivel, era as pessoas magras engordar rapidamente. Porém, uma descoberta recente da sciencia medica prova, que as vitaminas do oleo de figado de bacalhão e as da levedura, são precisamente os elementos, que as pessoas magras necessitam tomar para engordar.

Por isso, estas vitaminas extrahidas tem sido altamente concentradas nas Pastilhas BACALHÃO DO DR. RICHARDS, eliminando-se no mesmo tempo toda a parte desagradavel e indigesta do oleo liquido de figado de bacalhão. Nesta forma nova, o oleo é muito procurado, não pelas creanças. Temos o exemplo de um menino, que engordou 3 kilos em poucas semanas e ha o de milhares que engordaram de 1 a 5 kilos em pouco tempo. Cada pastilha tem o valor nutritivo de uma

ANEXO 114 – “Esperteza”, *Diário de Minas*, 19 de ago. de 1928.

S O C I E D A D E

ESPERTEZA

Tenho vontade de
— ponhamos amar
por esporte uma leura
o espaço de um dia.

Certo me tornaria
brinquedo nas suas mãos.
Apanharia, sorriria,
mas acabado o jogo
não seria mais joguete,
seria eu mesmo.

E ella ficaria espantada
de ver um homem esperto.

Antonio Crispim

Universariantes

De hoje:
Sr. Francisco José Bernardes, di-
rector do Grupo Escolar «Olegario

po de senhoras da
sociedade. Ficará
compensada a a
com que o meio el
aguardou o brilha
O festival terá i
A comissão org
exmas. senhoras qu
por essa festa de c
recerem ás 9 horas
Horizonte, e solicit
vos sejam ali entre
horas.

Festa de barraquin

Organizadas pelo
do Grupo Escolar «f
realizar se-ão, nos d
tembro vindouro, na a
ba, Barro Preto, fes
nhas em beneficio da
daquelle estabelecime
Esse genero de festa
sympathia da nossa
accorre aos logares
realizem, enchendo-os
ao mesmo t

Hori-

1.ª pag.

Carlos residente, a d' No-npos Li-to politico Francisco onio Mar-ereira de rs. Odo-José Gus-directorio

retario da r. Carlos nde obra está reali-itecendo a r. Djalma dos ne-

gricultura

vivos ap-

io da Agri-

quente im-

realização

não era de

la Agricul-

o Estado,

legitimas

na se des-

laboriosa e

onsiderações

ma rodovi-

oamento, o

icultura de

uella grande

mente, justo

e emprei-

aes, uns e

c. não me-

empenho de

e palmas co-

vras do ora-

Pinheiro Cha-

que atava um

da ponte, as

unidas de Rio

ne Nacional,

SOCIEDADE

GONFISSÃO

Meus olhos e lonias namoraram as velhas casas cahindo. Minhas mãos colonias acariciam os moveis pretos carun- [chados.

E as velhas mulheres? Meu coração colonial palpita de ter- [nura deante das velhas [mulheres de chale preto.

Porém minha roupa moderna collarinho, bengala, sapatos, fazem de mim um boneco muito se- [culo 20 dynamico, fivolo, cynico.

E' preciso... Puz antenas de radio em meu Sa- [bará.

Antonio Crispim

Os chapéus e a moda

Tratando de chapéus, escreve uma chronista elegante, que «s'y conaê»: «As fôrmas variam de fôrma, encantadoramente, sempre artisticas, e para todos os gostos.

A mania do feltro prepondera ainda, quasi se eternizando numa constancia irritante, variando apenas na modalidade reinadora de suas tintas oppostas, ou simplesmente graduada, as incrustações applicadas, de uma cor intensa sobre um fundo neutro.

Dominam as combinações duplas: vermelho-negro, azul marinho coral, amarello-granada, royo-«beije»...

As orelhas são muito en obertas, recordando as casquetes dos aviadores e a fonte se revêla airosamente livre, que á frente ou somente de um lado. As calotes contornam es-treitamente a cabeça, e quanta arte se divisa no feltro pregueado, afim de crear certa moldura digna de um lindo rosto de mulher faceira!

lindo rosto de mulher faceira! lindas, de um tom caracteristi-

Festas

FESTA DO MANACA'

A «Festa do Manacá» realizada domingo ultimo na Escola Infantil «Bueno Brandão», em beneficio da caixa escolar «Arthur Joviano» daquelle estabelecimento, revestiu-se de grande brilho. O máo tempo reinante na tarde de ante-hontem, não permittiu fof e executado todo o magnifico programma organizado para esse festival, o que obrigou suas promotoras a prolongal o para a tarde de hontem. Ambas as reuniões estiveram encantadoras.

FESTA DE NOSSAS FILHAS

O corpo docente da Escola Infantil «Delphim Moreira», está promovendo, para o dia 1.º de novembro proximo, a «Festa de nossas filhas», na qual tomarão parte as creanças daquella casa de educação.

Constará o interessante festival de dansas animadas, ballados typicos e fantasias, cujos ensaios estão sendo feitos com muito carinho e capricho. Dedicada aos paes dos alumnos e revertendo o seu rendimento aos cofres da caixa escolar do estabelecimento, a «Festa de nossas filhas» vai despertar o mais vivo inte-esse em nossa sociedade, além de constituir uma nota de fino bom gosto e prazer.

Homenagens

DR. JOÃO LADEIRA SENNA

Os alumnos da Escola de Odontologia e Pharmacia da Universidade, fizeram hoje uma manifestação ao sr. dr. João Ladeira Senna, director do estabelecimento, por motivo de sua brilhante actuação no Congresso Pharmaceutico recentemente realizado na capital de S. Paulo.

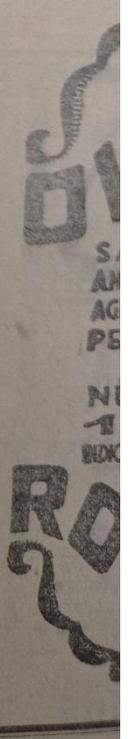
A's 19 horas os manifestantes dirigiram-se para a residencia do illustre professor. Ali chegados, falou em nome de todos o academico Luiz de Medeiros. Em seguida usou da

Impos

O publico tra um esp brac

A seccão da Delegaci sar o public do contra t percorrendo dando impo branca dess Consta qu Ponso Aleg para os lac talhão. Não mar-se Test

O imposto quer outro ser pago na quem pagar sôa terá ma vamente á Já foram policia, par dor.



DIARIO DE MINAS — Sexta-feira 26 de Outubro de 1928

S O C I E D A D E

A GRANDE LIQUIDAÇÃO

Exercício Publico do Conservatorio Mineiro

os annos de existencia, ral do Conservatorio Mi- sica no nosso meio vem amamente animadora, por elle estabelecimento vae para preencher cabalmen- fins. Desapparecem, si é existem, as deficiencias tuto em começo, e den- re, podemos affirmar sem ptimista, o Conservatorio cado na vanguarda dos nadores de verdadeira e tura musical. Essa nossa não implica in desmerecer a obra realiza- , já consideravel sob al- tos. Mas o que seria opti- ggerado é affirmar que houvesse sido creado já or eficiencia, desde logo contacto directo com os sicas de vida intensa e no Estado toda a effici- acional que é o principal a sua criação. Quando ação estadual passada to- fundação do Conserva- se via que essa medida a uma necessidade ur- ducação artistica e que, existira uma lacuna sen- osso meio, nesse particu-

respeita á eficiencia do orio, haja vi ta a realiza- gundo Exercício Publico os de piano, harpa e flau- á effeito hontem, ás 20 Theatro Municipal. Nu- selecta assistencia enchia o que demonstra o inter- sse na nossa sociedade por ova. Os numeros foram to- utados a contento, e al- no com perf-ição, como a a de Moszhowski (piano, a Rocha), “1ª. Arab sca”, o autor (No mi Maia), de chopin (Leopol fin), e o arranjo para tres flau- no. Aliás, não nos cabia ar excellencias nem falhas, eclalmente registrar com acontecimento e frisar que, acto, o exercicio poz em intelligencia a’lerta e de to-

gancia mental, e a que compareceu a elite de nossa sociedade.

Tomaram assento á mesa, rica- mente ornamentada com flores natu- raes, e em fórma de U, os srs: dr. Alberto Campos, por si e pelo sr. dr. Francisco Campos, dr. Gudes- teu Pires, dr. Djalma Pinheiro Cha- gas, representado pelo dr. Renato Martins, dr. Abilio Machado, dr. Lucio José dos Santos, dr. Gabriel Passos, deputado Abgar Renault, dr. Cunha Peixoto, dr. David Rabello, deputado Flavio Mello Santos, dr. Candido Naves dr. Affonso Dutra Nicácio, dr. Pedro Aleixo, dr. Milton Campos, dr. Arduino Bolivar, dr. Humberto Martins Vieira, dr. Ne- grão de Lima, dr. Dario Magalhães, dr. Cicero de Castro Filho, Antonio Galvador de Castilho, dr. Belliar Tinoco Mineiro. Candido Prado, Edua do Barbosa, por si e pelo prof. Francisco Falcão, dr. Ismael Liba- nio, dr. Samuel Libanio, Gamaliel Suaris, Alfredo Gomes dos Santos, deputado Eurico Dutra, dr. Carlos Góes, Renato Eloy de Andrade, José Donato da Fonseca, dr. José Eduar- do Amaral, Arthur Reis, Antonio Pinto de Moraes, dr. Manoel José de Oliveira, dr. Lauro Santos, José Nicolau de Faria, J. de Rezende Ju- nior, J. Alves Dias, Aureo Renault, Almir de Souza, João Lucio Brandão, dr. J Castilho Junior, dr. Luiz Gon- zaga de Mello, dr. Oswaldo de Arau- jo, prof. Anibal Mattos, dr. Noral- dino Lima, prof. Ramos Cesar, dr. Polycarpo de Magalhães Viotti, San- doval Campos, pelo «Minas Geraes», Armando Vaz pelo «Estado de Mi- nas», e José Quimaraes Alves, pelo DIARIO DE MINAS.

Ao «champagne» falou o sr. dr. Gabriel Passos, que, elogiou o homenageado fixando com traços finos e preciosos a personalidade do homenageado, cujos predica- dos de nobre intelligencia e firme caracter exalçou devidamente. Após os applausos que esse discu-so des- pertou, ergueu-se o homenageado, que com muita emoção, e em scin- tillantes palavras, agradeceu a lem- brança dos seus admiradores e am- gos, recebendo, tambem, numerosos applausos ao terminar.

Por ultimo, o sr. dr. Cunha Pei-

tos annos sional de cidadão d possuidor coração. tiu dolor da socie tambem r ceu o dr. onde cont ções.

Filho do nhos Pedro derneiras, distincão, la Poly-te

Foi dire eiro do I de Tecido engenheiro extenso tr Preto, obr brasileira.

Após lon haustivo, residir co Preto.

Deixa vi riqueta de filhos, já v Halfeld, d engenheiro e a senhor jornalista Laura Ped. Pederneira: nopolis, e Octavio, c publica, e neiras.

D. JO: Falleceu : tel, [a ex Romano, se e grandem sociedade q an'cs

Deixa a são as srs: valle, casada valle, propr no de And: Antonio Lim ciente, Alda casada com Almeida, fu Min s». Deit

O seu ent te hontem ás concorrido, p janumeras co

SENHORI

Occorreu te

Acabou, acabou a grande liquidação Na Casa dos Vestidos E voltou a continuação Freguezes bem servidos.

Acabou novatos, vieram novatos Com belleza e barateza Vestidos para visitar os Finados Da delicada seda franceza.

Pretos, elegantes e baratos Para allviar a tristeza E' só na Casa dos Vestidos A' Rua da Liberdade, 86.

Poema extrahto de um an- nuncio publicado na «Gazeta», de S. Paulo, em 5-11-927, por

Antonio Crispim

Tecidos lisos

A moda dos tecidos estampados não deixa desprezar os lisos. Muito ao contrario não ha mulher que não deseje ter em seu enxoval um destes vestidinhos simples, feito de um tecido liso e que são como um repouso entre tantos vestidos matizados.

E de todos os tecidos lisos que convem a estes vestidinhos, o «shantung» e a palha de seda, são os mais praticos e os mais agradaveis. Primeiramente é preciso dizer, porque são praticos; e esta considera- ção não é para se desprezar. O «shantung» e a palha de seda se lavam e engomam facilmente, os ves- tidos, blusas e palitós feitos destes tecidos conservam-se muito bem e é facil durante qualquer villeglaturá longinqua restituir-lhes a frescu- ra primitiva

O «shantung» tem de mais, a van- tagem de ser geralmente feito de cores vivas, muito bonitas e sedu- ctoras.

E' deveras um tecido para o sol com seus matizes frescos, claros e encantadores. O amarello, o verde, o róxo, o azul e o vermelho são os mais procurados e damos

ANEXO 120 – “1º de janeiro”, *Diário de Minas*, 1 de jan. de 1929.

DIÁRIO DE MINAS—Terça-feira, 1 de janeiro de 1929

1º de Janeiro

Antonio CRISPIM

A folhinha ingenuamente me deseja boas festas.
Mas quem fez a folhinha nem sequer me conhece.
Não é amigo nem inimigo;
um irmão que eu tenho, embora desconhecido.

Obrigado meu irmão de longe, meu camarada.
Estás a meu lado nesta manhã fria em que todas as coisas são
[novas,
em que a voz do padeiro vibra como a voz do profeta
[anunciando o paraíso
e as pessoas que vão pra igreja se abraçam como si todas
[fizessem annos.

Tomo café pensando em ti e parto contigo este bolo,
tendo cuidado de te dar o pedaço maior e mais cheio de
[passas.
Você gosta de muito assucar? Quem sabe si prefere café com
[leite?
Sem cerimônia, meu amigo.

Adeus. Leva estes doces pra guryxada.
Lembranças a tua patrão. Que dia mais bonito, hein?
É até o anno que vem.

Sociedade

Registro elegante

Hoje:
Recepção no Palacete, ás 14 horas.
No Gloria: «Amado será meu», por 9 actos da Univer Artists.
Amanhã:
No Gloria: «O cirle Chaplin, 7 acto Artists.

Anniversariantes

De hoje:
Dr. Antonio Pedro nheiro do Estado.
Dr. Joaquim de Sa dico oculista.
Sr. J. J. Carlos merciante.
Phco. João Fraterno
D. Etelvina Vivacqua sr. Antonio Vivacqua.
D. Amelia Garcia C sa do sr. dr. Francisc
Senhorinha Sylvia A Franco, filha do sr. c nio de Mello Franco.
Senhorinha Maria l cunhada do sr. dr. No Senhorinha Maria da tão, filha do fallecido Alves Catão.
Meilias Ivelte, filha Andrade.
De amanhã:
Dr. Oscar Negrão de dico legista da Policia vira da Faculdade de Me Poeta Gaslão Itabirario da Secretaria do In Sr. Jair Silva, nosso e redacção do Minas Gera Dr. Salomão de Vasco dico e advogado.
Phco. Saul de Aguiar em Aragnary.
Dr. Fernando Collaço vogado em S. Paulo.
Srs. José Fonseca e F. nosso commercio.
Sr. Mario Neves, tunc Banco Hypothecario e Agt D. Euphrosina Guimarães do sr. Francisco Guimarães
Senhorinha Aracy Fran

Embaixador Mora y Araujo

Continuação da 1a. pagina

inspiração ethnica e sentimental, impossível de se contrariar. Tudo uno os dois povos, pela harmonia da paz e, pela egual elevação de propositos na solução de problemas que dizem respeito ao progresso humano.

Muito já temos andado nesse caminho de cordialidade e de idealismo americano. Mas urge não retroceder; é preciso caminhar sempre, e cada vez mais.

Com este nobre pensamento, de abemos, que via Minas participar, era com vivo contentamento que, agradecendo a homenagem, saudava o presidente Antonio Carlos, que, folgava em proclamar, se tornara, de muito, pela austeridade das suas virtudes publicas e privadas, pelos seus idees democraticos, pelos seus serviços, talento e cultura, um nome exemplar de estadista, não apenas em Minas

Brasil

Rio de Janeiro

FALLECEU O DR. MOURA BRASIL
Rio, 31—Falleceu hoje nesta capital o grande medico oculista dr. Moura Brasil.

O SR. ARTHUR BERNARDES NO SENADO
Rio, 31 — O senador Arthur Bernardes esteve hoje no edificio do Senado, aonde foi agradecer á casa o ter-se feito representar no seu desembarque.

Avive a chamma da juventude

Doenças, excessos de trabalho, a borrecimentos e outros factores são a causa de seu enfraquecimento prematuro, impedindo-o de gosar a vida no seu esplendor. Os homens riem-se, as mulheres tem pena de si mas porque continuar n'estas miseráveis condições, quando o ELIXIR DE

Musica
ola diso-
em vez
por deva
templo
frequen-
professo-
es e alu-
foi um
o o pro-
endou
er para
ausa, o
xatras e
nstituto.
e entea-
abemos,
o prepa-
do de
ão, que
ta: é em
ou todo
que um
ramente
ncipios
tre ho-

OS
a
armonia
sempre

sa, uma
meios in-
teifarem os
teios, que
esse caso
ada; a tor-
café em
resolveria,
assumpto.
de in-
bo, cor,
depois de
o dos ca-
a e va-
reira, sob
difficuldade
ccionista
vontade
al gover-
do nesse
r, subju-
se lhe
ca cafe-
ampian-
viços do

ANEXO 121 – “Etapa I/a Aníbal Machado”, *Diário de Minas*, 8 de jan. de 1929.

ETAPA I
A Aníbal Machado

Um relógio aparentemente sem volume, mas que apresentava uma série de acontecimentos imprevistos, bateu 12 pancadas entre nós e aquela certeza. «E tempo de olhar a lua nova», disse meu pai como quem fecha a porta dos sonhos. Mas a atmosfera da noite tropical sendo extremamente densa, e não havendo nenhuma probabilidade de me tornar um homem de sentimentos finos, preferi acreditar num terremoto a três passos do cabaret mais próximo. Nisso uma luz dolorosa filtrou-se entre as venezianas. A vitrola tocava, tocava sempre um tango ilimitado parou de tocar; porém o tei que a agulha deixando de ferir o disco, qualquer coisa girava ainda nas camadas interiores produzindo um ruído irônico circular. Abaixo os fantasmas bem nutridos! exclamei com absoluta convicção. E também as tentações sem mortificações. O problema estava pois resolvido. Restava procurar uma mulher nua chamada Myroca. Ali naquele brejo o amigo encontrou a flor e o fruto pelos que suspiramos e de que desconhecemos a essência. Muito obrigado. É certo que girando sempre verifiquei que não era tão fácil como parecia aos marçianos obter o magestoso consentimento. Nesse transcurso mais que todos heroico olhei para meu pai que já estava a 200 milhas além da Mancha; e senti que o seu bordão ressoava nos caminhos adustos. A expiação de vossos pecados está próxima; olhai Jonas que vomita com asco a sua baleia. Outro qualquer tentaria exonerar-se de tamanha responsabilidade. Principalmente quando, como aqui, os assassinos são tão mal remunerados. Eu fiz a conta e vi que collocados todos os pronomes ainda me sobravam cinco. Cinco? Talvez cinco fossem demais. Ponhamos dois elefantes e dois cabritos montezes. Já não vejo motivo para o alarido com que esses homens neutros e escorregadios me recebem como «si entre elles e eu iniquidade.

Sou de opinião que as barreiras devem regressar á sua posição primitiva. E que os cavalleiros com os seus turbantes rubros farão melhor saide methodico. Uma ultima vez pensei em meu pai. Já era tarde. Na manhã seguinte soube que elle me nomeara capataz.

(Da «Viagem de Constantino»).

Antonio Crispim

Hora elegante

das 4 ás 5 da tarde... ali vão com a desculpa... compras; isso não importa, porém... porque a essa hora ellas não correm... absolutamente nada: correm... apenas os olhos pelas vitrines dos... e exhibem as mais bellas... «toilettes» que já vimos.

O bonde Paraúna, que sóbe Bahia ás 4 1/2 da tarde chega, ás vezes, a ser um acontecimento.

Senhoras Impeccavelmente vestidas e moças deslumbrante bellas.

Os estribos dos bondes é que sofrem o peso da admiração dos cavalheiros e a sua tenacidade para desparafusar um dito espirituoso, que cause boa impressão ás elegantes que vão dentro do vehiculo.

Pois é do bom tom; e nisso os nossos rapazes são inexcediveis.

Nossa hora elegante será a das 4 ás 5, na Avenida.

Registro elegante

Hoje:
No Gloria: «O preço da belleza», por Nita Naldi, 5 actos da British Continental.

Anniversariantes

De hoje:
 Acadêmico José Luiz Andrade Furtado de Mendouça.
 Sr. Geraldo Cabral.
 O joven Paulo Mello de Azevedo, estudante.
 D. Sylvia Gomes de Moraes, poetisa, esposa do sr. Antonio Pinto de Moraes, proprietario da Livraria Morsis.
 O menino Rondon, filho do sr. cel. Marinho Mario de Mendouça.

De hontem:
 O poeta Belmiro Braga, residente em Juiz de Fóra.
 Sr. Milton Prates, funcionario da E. F. Oeste de Minas, residente no Rio.
 Sr. Hermenegildo Chaves, redactor-secretario da «Cidade Verde».
 Cel. Francisco Franco de Almeida, inspector de rendas do Estado.
 Dr. Martins de Almeida, promotor de Oliveira e intellectual.
 Sr. Stenio Garcia de Paiva, do nosso commercio.
 D. Aurea Pimentel, esposa do sr. dr. F. Mendes Pimentel, reitor da Universidade de Minas Geraes.
 D. Adelaide Brandão, esposa do sr. dr. Lafayette Brandão, funcionario da Secretaria do Senado Mineiro.
 D. Luiza Tiburcio Tamm, esposa do sr. dr. Simão Tamm.
 Senhorinha Iracema, esposa do sr. N...

SERRA ESPOLADA

Sabbado ultimo, ciamos, teve logar, inauguração da sede do Clube, á av. E. A' mesma hora foi a directoria daquella do sobre o acto os chlo - Mario Salles a senhorinha Maria do clube e em nome dos Claros, sr. C. L. Logo após a posse foi inaugurada a sr. José Augusto V do presidente da foi feito debaixo de palmas.

Fizeram se representarem sr. secretario da Secretaria Publica e o Mineira, respectivo Olavo Prates e além de representarem capital.

As dansas que se fizeram á noite, foram «jazz» do Corpo de Bombeiros, cedido pelo Couto, não falamos do brilho que lhe foi forçados directores

Hospedes e viajantes

—pelo 2º nocturno barcararam hontem

—Para o Rio, os Euler, Benedito mund Brandão, Jo gusto Costa, tte. e a sra. Irma Jac

—Para S. Paulo, João dos Reis Brandão, Diva Carvalho B...

ANEXO 122 - "Ascanio Lopes: a morte do fino poeta, em Cataguases", Diário de Minas, 13 de jan. de 1929.

DIÁRIO DE MINAS - Domingo, 13 de janeiro de 1929

ventura. Nunca suppoz o George que um aeroplano de flores fosse, por si só, uma orquestra de "jaz". O consurdecedor da orquestra ca-barulho dos motores e das fezes com que o casal entre-s pontos e pedisse ao piloto sasso" o mais depressa pos-

sucesso dessa aventura veio que ainda vigorará por muito o velho hábito romântico das de nupcias para recantos e silenciosos. O vôo nupcial do com absoluto êxito pelas não pode, sem tristes conec- ser limitado pelas - teu amor a nupcias - continuará a ser per muito tempo o ideal de as namorados.

O plantão das farmácias

ão, abertas hoje, as seguintes acias:

rmacia Americana, - rua da 024; farmacia, Neves Brit- rua Pernambuco, 717; phar- Oeste - rua dos Caethés, farmacia, Oliveira, - Av. rno, 1545; farmacia, Dutra, enida Paraná, 219; farmacia, ebastião, - Avenida Paraope- 442; farmacia São Vicente, Cesará, 1.222; farmacia Cas- - rua dos Caethés, 632; phar- Lamartine, - Av. Brasil, farmacia Goulart, - rua Ita- 325; farmacia Nossa Senhora aparecida, - rua Pousa Ale- 1.463; farmacia Santa The- - rua Rio de Janeiro, farmacia Santa Magdalena, - ontagem, 122.

ansa-se facilmente?

as senhoras e moças que de- ter os olhos brilhantes, as fa- osadas e andar elástico, e dis- ir um bom apetite, sofrem, causa aparente, de um deca- is saúde. Cansam com facilidade tornam-se pallidas e extrema- e sensíveis. A não ser que se lia esta tendencia, tornam-se cas e nervosas, resultando de fraco e nervos mal tonifica-

tem ter herdado uma tendencia fraca saúde ou terem trabalha- a densa; temem estufado de- ou terem se aborrecido até no- da sua energia nervosa não fficiente para compensar o gas- to.

m de evitar um colapso com- é necessário conservar o san- guo e rico. As Pílulas Rosadas dr. Williams são es-ecialmente priadas para estes casos, por- tem simultaneamente no sangue s nervos, restabelecendo o ap- e, reforçando a digestão e to- ando todos os órgãos. As Pílu- osadas do dr. Williams desti- se igualmente a homens e mu- s, nas são especialmente úteis nhoras, por ser extremamente rante que em qualquer dos pe- as da vida feminina o sangue puro e rico.

as pílulas não são um tônico ir. Dão exactam-nte o auxilio sario para restituir a saúde ás asas e debilitadas.

O tachigrapho na sombra

-Bom tarde.
-Acho que boa tarde. (Pen- para puxar o relógio).
-Boa tarde: doze horas e quin- minutos. O senhor como é?
-Não vou: fico.
-Quer dizer que o sr. é mo Pedro. Primeiro: fico.
-Fico com os que ficam.
-Pausa para ir desca-

Sobre a mesa

VIDA NOVA

Apesar do título, não é relativa- mente nova essa revista, que já transpoz victoriosamente o seu 3º anno de publicação, offerecendo uma serie de numeros excellentes, quer pela confecção graphica, quer pelo texto, sempre variado e interessante.

Editada no Rio de Janeiro, sob a direcção do seu proprietario, sr. João de Abreu e tendo como gerente o sr. Pedro Tinoco do Amaral e como redctor o dr. Adamastor Ver- gueiro da Cruz, todos os seus nu- meros são portadores de escolhida collaboração litteraria e artistica fir- mada por nomes ha muito consa- grados no meio carioca.

Temos sobre a mesa todos os nu- meros publicados no anno proximo findo; esse interessante magazine.

Basta dizer que até dezembro ul- timo circularam 130 numeros dessa revista, para se avallar da aceita- ção da Vida Nova nos meios cultos do paiz.

Nos casos de enfermidades de vias respiratorias, taes como Fran- queza pulmonar, Bronchites chro- nicas, Tosses rebeldes, etc., AGRIO- BOL é de effecto asombroso.

Comunicações

Alves Nogueira F. Club

Segundo nos communicou o sr. Gil Alves, primeiro secretario, no dia 15 do mez p. findo realizou-se a eleição da nova directoria do Alves Nogueira F. C., de Sabará, a qual vai gerir os destinos do clube durante o corrente anno e se em- possou a 30 do mesmo mez, ficando assim composta:

Presidente, José Victor Hamacek, (releito); vice-presidente, Pedro Lu- cio Pereira; primeiro secretario, Gil Alves, (releito); segundo secretario, Gerardo Ferreira; primeiro thesourei- ro, Cicero Plinio de Menezes; se- gundo thesoureiro, José Lourenço de Oliveira e Silva (releito); e director tecnico, Alberto Alves Delabella.

Nas mesmas datas, tiveram lugar a eleição e a posse do Conselho De- liberativo, que ficou assim constitu- do:

Dr. Carlos Alberto Pinto Coelho, phico, João da Matta Lima, Joaquim Omar Pinto, João Hamacek, Antõnio Archanjão do Couto Lima, Fran- cisco Candido Camara e Mario de Moura e Casro.

ABRE E FECHA

Inumeras pessoas não podem sa- hir de casa quando querem, não po- dem ir a theatros nem a festas quan- do desejam. Isto porque são escrava- dos dos intestinos, que não funciona- nam com a necessaria regularidade.

A's vezes tudo depende de um «abre» e outras vezes de um «fecha». Affim de beneficiar as victimas des- ses dois estados oppostos, eis um conselho: tos que necessitarem de um «abre», lembrarem-se dos com- primidos Bayer de Isticla, e aos que necessitarem de um «fecha», lembrarem-se dos comprimidos Bayer de Eldofornio.

Com estes dois medicamentos, es- tá, pois, resolvida a questão intesti- nal do «abre e fecha».

inho cabelo é bessa. Quando eu tinha vinte e dois annos, tive febre palustre e depois del- va o cabelo começou a cair. Tive medo de ficar careca, mas não fiquei, não. Felizmen- te. Também si ficasse era a mesma coisa.

-Sem cabelo se vive da mesma maneira. Agora, sem estomazo não!

Ascanio Lopes

A morte do fino poeta, em Cataguases

Ascanio Lopes morreu ante-hon- tem em Cataguases.

Acontecimento esperado mas inteiramente absurdo. Ha oito mezes, que o admiravel poe- ta jazia num leito na sua aleg'e e quente cidade de Cataguases. Um leito e um clima que não eram os seus... Porque o lugar de Ascanio Lopes era na montanha, onde tra- balhava calado e forte, onde estu- dava coisas que fariam delle mais tarde um advogado, um juiz, um homem entre os homens, elle que era poeta, profunda, constitucio- nal, dolorosamente poeta.

Tinha 23 annos e não se poderia dizer que viveu, si não fosse a poe- sia, que inundou o seu minuto apres- sado sobre a terra. Aos 23 annos, a gente só sabe da vida aquillo que ella consente em divulgar - muito pouco - outro pouco de que se tem a intuição e mais nada. Este o ca- so do individuo é poeta. Este o ca- so de Ascanio Lopes, e dos que, como elle, conheceram a vida sem terem tido tempo para viver-a; dos que adivinharam. Os versos dos «Poemas Cronologicos» são adivin- ções, ou por outra, premios de lo- teria que Ascanio ganhou sem nun- ca ter comprado bilhete.

«Não tive essa infancia modestissi- ma de matinés de cinema e partidas de futebol. Eu fui a criança remelenta que as mães acariciam, que diverte as visitas com seus mo- dos de homem sensato.

«Na sala pobre da casa da roça Papae lia o jornal atrazado. Mãe cerzia minhas meias rasga- das a luz fraca do lampeão illuminava a mesa e deixava nas paredes um bordado de sombras. Eu ficava a ler um livro de histo- rias impossiveis - desde creança fascinou-me o mar- vilhoso.

A's vezes Mãe parava de costu- rar - a vista estava cansada, a luz era fraca e passava de leve a mão pelos meus cabellos numa caricia muda e silenciosa.»

Um menino diferente dos outros meninos, eis o que foi Ascanio Lo- pes. Predestinação. Porém o mais triste na vida dos predestinados é que a gente só vem a saber disso (o grande segredo) quando elles já se foram.

Ha menos de um anno nós o ti- nhamos em Bello Horizonte, discre- to, tímido, cheio de pudor e de delicadeza e inexprimiveis. Era uma alma toda em nuances, e so quem chegasse bem perto da sua affeição conseguiria observar a multiplica- de e a doçura dessas nuances.

Numa sala da Secretaria do Inter- rior ha uma mesa e debruçado so- brelha essa mesa um joven moreno e baixo trabalha; é o secretario do Conselho Superior da Instrucção; depois esta joven levanta-se, põe o chapéo, desce, toma o bonde; é o poeta Ascanio Lopes. A noite des- ce sobre a casa de pensão da rua Rio Grande do Norte em versos; a escreve os seus ultimos versos; a nile desceu de todo, já não ha tidiana para escrever, vida quoc- pnia para viver, tarefa nenhuma para levar a cabo. Discreto até o fim, Ascanio Lopes foi morrer em Cataguases.

Boa noite, Ascanio!

Antonio CRISPIM

N. da R. - O fallecimento de Ascanio Lopes, occorreu no dia 10, ás 4 horas da madrugada, em Cata- guases, cotizado os extima-

IDE

Bai

achai

servi

enciai

tifica

lonia

A

tida

leclim

to in

cos c

FALL

Bar

dade

Silva,

cathe

do G

padre

da, s

enter

arceb

tes, c

José J

SENT

MA

S.

prop

Electr

cipal,

acaba

a esta

sa hav

da Re

na cic

EMPC

I

Pita

comm

que t

resid

pio. (

Act

t

Em

decret

dor F

reto I

de Rec

Reci

Viann

ra exe

delega

da cat

do.

movid

até e

j rnal

sobre

cincoe

do m:

Re

CA

13-

Leongi

14-

crina-

15-

maro

16-

cello.

17-

pcio.

18-

rata.

19-

Martha

ANEXO 123 – “Diálogo dos burgueses no bonde”, *Diário de Minas*, 10 de fev. de 1929.

compareceram a partida de hon-
algumas das notas que o Clu-
loresta forneceu á imprensa: não
permittedo, em absoluto o uso
tas caras; o ingresso na séde só
Continua na 3.a pagina



*Bisnagas e serpentinas
Lança perfumes e "Rodos",
Plerrots e Colombinas,
Em cinzas acabam todos...*

martine, av. Brasil, 749;—Goulart,
rua Itajubá, 326;—Nossa Senhora
d'Apparecida, rua Pouso Alegre,
1.463;—Santa Therezinha, rua Rio
de Janeiro, 646;—Santa Magdalena,
rua Contagem, 122.

Diálogo dos burgue- zes no bonde

—Eu si fosse autoridade
prohibia o Carnaval.

Uma immoralidade!

—Peço permissão
para uma observação:

O povo tem direito de se divertir
ao menos nesses tres dias passageiros;

—O povo paga imposto, cavalheiro.

—Direito de se embriagar?

De cheirar lança-perfume?

De metter o pau no cobre?

E o bom senso?

Onde fica o bom senso, cavalheiro

—Com todo respeito

digo que não está direito.

Beber tres dias não é peccado.

Lança-perfume, dizem os chimicos,

não é o mesmo que ether sulphurico.

E gastar dinheiro, ora dinheiro

precisa circular.

Não ha remedio senão gastar.

—Muito me admira

que o sr., proprietario da casa «Ao

Ponto de Mira»,

estabelecimento assás conceituado

nesta praça,

se metta a fazer graça

com estes assumptos nada futeis

Inuteis! Inuteis

as suas palavras mal pensadas.

Eu sou um homem de convicções ar-

ragaldas?

e si fosse autoridade

prohibia o Carnaval.

Antonio CRISPIM

ANEXO 124 — "O crucifixo", *Diário de Minas*, 28 de mar. de 1929.

DE MINAS — Quinta-feira, 28 de março de 1929

S O C I E D A D E

O CRUCIFIXO

A CABEÇA VISTA DA DIREITA

De todo o corpo crucificado apenas a cabeça está livre.

Os espinhos com que se teve o cuidado de cercal-a tornam-lhe impossível qualquer apoio.

Durante tres horas ella reinou e rezou, durante tres horas vimos a face do Altissimo.

E' bem natural que tombe por fim, agora que a força a abandona.

Eis chegado o momento que pacientemente esperavamos:

Podemos encarar o Christo, agora que elle não nos olha mais.

Ell-o sobre a cruz, tal como estava, quando capitulou para sempre.

Por mais que façamos daqui por desnte, sabemos que não mudará.

Não levantará mais a cabeça: permanecerá na transfixão de seus pés e na extensão definitiva de seus braços.

Não mudará nunca mais esta especie de parcialidade.

Qualquer coisa que façamos, elle não virará para outro lado a cabeça que para o nosso lado se inclina.

Elle medita (sabia tudo com antecedencia) e suporta os quatro pregos para me esperar.

E' facilimo verificar que não se acha em condições de se defender.

A morte que está em mim, o amor que nelle está não fazem mais que um só sentimento.

Sua innocencia é o meu peccado, — ha entre nós isso de vital e de commum.

Si elle é o meu Redemptor, onde se passaria isto, caso eu não tivesse peccado?

Os pregos seriam menos duros ao corpo si eu mesmo não fosse tão vil.

A cruz é supportavel, mas como pesa com ella o que está ligado a mim pelo peso e pelo desejo!

Tudo o que de pesado ha nelle facilmente está em mim como um fructo que só cumpre recolher.

A CABEÇA VISTA DA ESQUERDA

Está escripto no livre da Genese, nessa historia que é toda cheia de mysterios,

Que José, depois da longa permanencia no Egypto, quando se lê que encontrou os irmãos,

Fez sahir toda a assistencia antes de lhes mostrar o rosto:

(*Egypto*, que quer dizer *as trevas* em hebreu, é esta terra por excellencia em que vivemos, miseravel e sombria).

Pois que não convinha que alguém estivesse presente nesse instante sagrado.

Do irmão que se virou para nós e nos convidou a encaral-o.

Assim quiz o Christo, porque o coração d'elles era forte (ou talvez um amor enorme fosse o motivo),

Só se mostrar cá em baixo do lado esquerdo a muitos santos e santas.

Tudo o que estes fazem, simula não ter reparado.

Quando rezam, dir-se-lha que escuta outra coisa e sua fronte permanece virada.

Mas elles comprehendem, sorriem, não se zangam com isso.

E voltam tranquillamente para a sementeira e para a vindima.

Porque para aquelle que crê, a fé é bastante.

O que a eternidade nos reserva, não ha necessidade de vel-o nesta vida.

Bons servidores, conheceis o vosso dever e é o sufficiente.

A luz necessaria está comvosco, e o caminho inteiramente traçado.

E quando o vosso Creador se volta para vós com uns olhos em que a colera não reside,

Elle não quer nem que os homens nem que os anjos sejam testemunhas deste momento.

(Traducção de A. C.)

Paul Claudel

Registro elegante

Hoje:
No O'ria: «Mar e Tormenta», Mac Gregor — 7 partes do *Programma Serrador*.

Sabbado:
Balle da mi-carême, no Automovel Clube, ás 22 horas.
Balle da mi carême, ás 22 horas no Clube Floresta.

Domingo, 31:
Concerto Symphonico no Municipal ás 16 horas.
Corrida de cavallos, ás 12 horas, no Prado, organizada pelo

Clubes

AUTOMOVEL CLUB

Será uma festa magnifica sabb do da alleluia na sede Automovel Clube.

Sustentando a nota de elegancia e distincção, que sempre em suas festas, a directoria religiosa associção desta capi providenciado para que na para o brilho da «soirée» carême», a principio por uma namentação especial nas dicias do clube, que deverão tar um lindo aspecto.

CLUBE FLORESTA

Sabbado de Alleluia o Clube restta offerecerá uma partida aos seus associados e distinctas familias que frequentam aquelle local.

Será uma festa de graça e to, para a qual a directoria muitas surpresas.

Banquetes

ANNIBAL MACHADO

Realisa-se no proximo dias 19 1/2 horas, no Automovel, o banquete que alguns amigos e admiradores do escripturista Anibal Machado vão offerecer-nifestando o seu regosio, que bem do meio intellectual Horizonte, por vel-o designa occupar a cadeira de littera mais abalizado estabelecimento de ensino secundario do Paiz.

Até hontem, as listas de nomes postas na Livraria Alves e no Automovel Clube, continham as seguintes assignaturas:

Drs. Francisco Campos, F. Pimentel, Milton Campos, Renaul, Mario Casasanta, Drummond de Andrade, Orsini de Castro, Antonio de Castro, Alvaro Mendes, tel. João Alphonsus de Guimarães, Dario de Almeida Magalhães do Balena, Alberto Campos, de Sá Pires, Garcia de Paiva, Navantino Santos, Raul Israel Pinheiro da Silva, José de Alkimin, J. Guimarães M. Elyseu Laborne, Alarico B. Moeqyr Andrade, Ild-fonso renhas da Silva, J. M. Clemente Camillo Pimentel, Epitacio de Carvalho, Eduardo Barbosa, cisco Silva, Euler Coelho, Netto, Aristides Magalhães Fe Abilio Machado, Orozimbo N. Francisco Negrão de Lima, H. que Costa, Celso de Castro, W. gton Pires e Mello Teixeira.

Hospedes e viajantes

Pelo 2.º nocturno, viajou h para Barbacena, o sr. dr. Jos nifacio Filho, official de gabinete secretario da Segurança Publica. — Seguiu hontem para Mariana o sr. dr. Antonio Affonso de raes, director da Secretaria de Segurança Publica.

— Embarcou hontem para B

SOCIEDADE

CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR

O amor me põe triste.
Desconfio que amor é uma doença.
Nunca ninguém me ensinou a amar.
Aprendi com a vida.
Quem sabe si meu amor é diferente dos outros?

Vou perguntar aos entendidos no amor
si meu amor é triste porque é só meu
ou si todos os amores são tristes por natureza:
Mas si eu apurar que o amor é um adoença
não tomarei nenhum remédio, nenhuma pilula milagrosa:
sou pharmaceutico,
tenho medo de peoar.

1925

Antonio Chrslpim

Segredos do toucador

Para o cabelo gorduroso - Bata-se uma clara ou duas de ovo, como para merengue. Uma vez que esteja no ponto, esfrega-se o cabelo e deixa-se secar. Escova-se depois com uma escova limpa e a clara cahirá como pó, branco e fino, deixando o cabelo esponsojo e secco.
Os hombros cahidos - Corrija seu porte, fazendo uns poucos exercicios, pela manhã, ante uma janela aberta "A quéda dos hombros se corrige do modo seguinte:

De pé, com os calcahares juntos, estendem-se os braços para a frente, com as palmas das mãos juntas; depois, abram-se os braços num amplo circulo, levando-os para traz o mais que se puder. Faça-se uma inspiração profunda ao estender os braços, contenha-se a respiração enquanto se abrem em circulo; depois exhale se lentamente ao baixar os braços. Repita-se uma duzia de vezes.

Para clarear os hombros - Se quando fôr ao baile, notar que seus hombros não estão tão claros como desejaria, aproveite a receita seguinte:

Ralam-se rabanetes frescos, até encher mais ou menos uma taça e deite-se numa taça de sôro de leite. Deixa-se durante vinte e quatro horas e cõa-se. Applica-se aos braços, hombros e collo, pela noite, deixando até o outro dia e lava-se com agua morna.

Registro elegante

dente e vice presidente do Centro Academico de Direito, alguns de seus amigos e collegas vão oferecer lhes brevemente, um almoço.
Encontram-se na Livraria Sant'Anna as listas de adhesões.

Clubes

AUTOMOVEL CLUBE

O Automovel Clube abrirá, amanhã, os seus luxuosos salões para a partida semanal dansante do costume. Será mais uma oportunidade para que nossa sociedade elegante se reúna num ambiente selecto e de alta distincção.

Isso, a partir das 22 horas.

CLUBE FLORESTA

A directoria dessa distincta sociedade, sempre esforçando-se no sentido de cumprir da melhor forma a sua finalidade social, artistica e recreativa, vae fazer realizar amanhã, ás 21 horas, na séde do clube, um concerto symphonico, com a colaboração de professores do Conservatorio.

Em seguida, haverá a «soirée» semanal

Hospedes e viajantes

Pelo 2.º nocturno, viajaram hontem:

Para o Rio, os srs. Benedicto Santos, Fabio Nelson de Senna, dr. Aluisio da Cunha Peixoto, José Aleixo Ribeiro, senhorinha Noemia Dantas, sra. dr. Coelho Junior, academico Dion Salles Coelho, major Miguel de Castro Ayres, M. Leão e dr. João Scott;

-para Lafayette, o sr. dr. Sylvio Goulart Bruno;

-para Porto Novo, o sr. dr. Oscar Pinto Corrêa;

-para Arrojado de Lisboa, o sr. dr. Adasmator Pereira Leite;

-para Juiz de Fóra, os srs. Benicio da Silva e Almansor Doyle Pereira;

-para Sítio, a sra. d. Cecilia Bandeira de Mello.

Luto

CEL HONORATO MARTINS BORGES

Comunicação vinda de Araxá trouxe a noticia do fallecimento ante-hontem, naquella cidade, do sr. coronel Honorato Martins Borges, que alli se achava em tratamento de saúde.

Tal noticia causou em Patrocinio, onde desde muitos annos o extincto era chefe politico de prestigio, uma profunda magua, porque o sr. coro-

MUSICA

O RELATORIO DA SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS

O relatório da Sociedade de Concertos Symphonicos de Bello Horizonte, referente ao anno de 1928, feito por seu presidente, dr. Carlos Góes, e lido na assembléa geral ordinaria de 20 de janeiro ultimo, acaba de ser publicado em um pequeno folheto, que nos foi remetido.

Vêm-se, nelle, elementos para avaliar da actividade artistica desenvolvida pela sociedade no ultimo anno, no louvavel afan da pratica e diffusão cada vez maiores da cultura musical, entre o nosso publico de elite. Assim, vemos que, em 1928, foram realizados 16 concertos, 12 ordinarios (privativos dos socios contribuintes) e 4 extraordinarios; houve, em media aproximada, 250 socios; verificaram-se duas assembléas geraes, uma ordinaria, outra extraordinaria, esta para discussão e alteração do regimento interno, etc.

Passando á parte financeira, ha dados que merecem registro, como a do dividendo estabelecido para os socios executantes; e desde a sua fundação até 1927, esse dividendo variou, indistinctamente, em quedas e elevações sem ordem chronologica de 1\$856 a 3\$614. No primeiro trimestre de 1928, subiu a 8\$277; no segundo, foi de 4\$241; no terceiro, de 3\$644, e do quarto, não consta no relatório. Não é, portanto, o resultado que seria de desejar-se, mas no ultimo anno o dividendo não desceu muito, e não é optimismo esperar que cresça, como desenvolvimento do quadro social no corrente anno. Aliás, esse dividendo não pode, em caso algum, ser tomado como pagamento, mas, sim, por uma especie do "jetra de pre-seuce" da Academia Francaza, não o da millionaria Academia Brasileira.

Em 1928, a receita bruta foi de 52:448\$700, de contribuições de socios e de subvenção estadual (12:000\$000). A despeza montou a 40:416\$770. No quadro social, são enumerados em destaque, como socio benemerito, o sr. presidente Antonio Carlos; socios honorarios, os srs. major João Libano Soares e professor Ladario Teixeira; socios equiparados os executantes, os srs. dr. Arduino Bolivar, professor Pedro de Castro, dr. Carlos Góes, Armando Dantas, Mario Pastore e Antonio Teixeira; como socio remido, o sr. Walter Ernest, por ter apresentado mais de cem socios contribuintes.

O relatório termina com o agradecimento do sr. dr. Carlos Góes ao director artistico da Sociedade e aos outros companheiros, pelo curso efficiente que prestaram á mesma, no periodo relatoriado.

Para diz resp synthese tos da

CE

Perten aves, por naltas.

Tem o ao grand so, priva se ave a o que m das, e p profunda

O com que, sem terra os trição.

Em se não daria ra para o

Habita gos, alim molluscos

Côres: ro.

Voz: A sua expr nós por

REP!

Passem escolhidos a cobra, lições bell

CROC

Pertene dem dos Animal

e respira intermedic

Seus m de quatro armados

pelle é col pessa com cõr mais

Sua cos do-se na t

ANEXO 126 - "Escapou de ser célebre", Diário de Minas, 13 de jun. de 1929.

Header of 'O DIÁRIO DE MINAS' newspaper, including date (13 de Junho de 1929), price (500), and staff names like Carlos Drummond de Andrade and Leandro Castilho de Moura Costa.

ESCOLHA DE "MISS" UNIVERSO E A SUA REPERCUSSÃO NO BRASIL

Resultado do concurso de beleza de Estados Unidos pode não ser a primeira vez que se viu uma menina americana...



Lise Goldarbeiter, 'miss' Universo

Luxemburgo, Espanha, Rumania e, finalmente, Estados Unidos, está trazendo o símbolo conquistado na semana...

COMO SE FEZ A PROCLAMAÇÃO DE "MISS" UNIVERSO

Galveston, 12 - As provas finais do concurso de beleza foram iniciadas há oito e meio horas...

Rumo a Birkenhead

O primeiro dia dos nossos escoteiros, após a chegada ao Rio de Janeiro, 11 de Junho...

"Acabo de cumprimentar 'miss' Austria pela sua escolha, tendo 'miss' Brasil a nosso lado..."

QUATORZE FIRMAS COMERCIAIS DE GALVESTON ORGANIZAM UMA EXCURSÃO AO BRASIL

Galveston, 12 - O interesse despertado pela presença da senhorinha Olga Bergamini fez com que 14 firmas das mais importantes do comércio local...

"MISS" UNIVERSO TELÉGRAFICA AO SEU PROGENITOR

Galveston, 12 - "Miss" Universo, logo que foi feita a telegraphou a seu pai, em Vienna, comunicando o resultado do pleito...

COMO O CORRESPONDENTE DA NOITE EXPLICA A DECISÃO DO JURY

Galveston, 12 - O correspondente da "A Noite" telegraphou para o seu jornal: "Compreendo que uma interrogação alçada para todos os espíritos..."

Os cariocas receberam a notícia com desapontamento

Censuras á attitude dos correspondentes telegraphicos brasileiros em Galveston

Rio, 12 - Durante toda a noite de ontem, enorme multidão esteve postada em frente às redações dos jornais...

Escapou de ser célebre

Essa menina brasileira que foi a Galveston, essa boa e ingenua menina que os nossos patriotas enviaram a uma praça norte-americana...

Dois mil universitários mexicanos em greve

DIVERSOS PROFESSORES DETIDOS COMO REFENS Mexico, 12 - Os estudantes em greve, cujo número sobe a dois mil...

Palacio da Liberdade

Confidência ontem com o sr. Presidente do Estado o sr. Mendes Pinheiro, Rector da Universidade de Minas Geraes...

Dr. Atílio Vivaqua

O secretario da Instucao do Espiritismo Santo em visita aos nossos estabelecimentos escolares...

Diário Mineiro

O "Diário Mineiro" que veio-hontem, augmenta o numero de matutinos publicados em Belo Horizonte...

OS QUE VIAJAM PARA MINAS

Rio, 12 - Seguram hoje pelo 1º no circuito os srs. Bruno Leite, Dario Machado e Oscar Pimenta...

CHEGA HOJE O DR. FRANCISCO CAMPOS

Rio, 12 - Pelo 2º nocturno seguiu para Belo Horizonte o sr. Dr. Francisco Campos, secretario do interior...

Argentina

O EMBAIXADOR RODRIGUES O ALVES EMBAROU PARA O BRASIL Buenos Aires, 12 - Pelo 0º illas, seguiu para o Rio o embaixador Rodrigues Alves e seu filho...

Incendio em uma fabrica de produtos de celuloza

Milão, 12 - A fabrica de produtos de celuloza da Companhia Colombiana foi destruída por um incêndio provocado por uma bombinha viciada...

Peru

O TRATADO DE TACNA-ARICA Lima, 12 - Segundo resolução do Conselho de Ministros, Tacna e Arica será ratificado pelo Congresso em sessão extraordinária...

AS - Sexta-feira, 13 de setembro de 1929

Irradiações da General Elétric

Uma serie de programmas sobre assumptos internacionaes

A estação de "broadcasting" W2XAF, onda de 31, 48 metros, da General Elétric Company, de Schenectady, N. Y. nos Estados Unidos começará a irradiar, a partir do dia 15 do corrente, os seguintes programmas:

Setembro 15—Dr. Harry Collings, da Universidade de Pennsylvania—sobre a America Central.

Setembro 16 Embaixado Mexicano—junto aos E. U. A.—sobre o Mexico.

Setembro 18—Embaixador Chileno—junto aos E.U.A.—sobre o Chile.

Outubro 12—Dr.L.S. Rowe, Presidente da Pan—American Union.

Novembro 15—Embaixador brasileiro—junto aos E.U.A. sobre o Brasil.

Irradiação especial, em 12 de outubro, programma musical, estação W2XAD, ondas de 19,56 metros. Estas transmissões se iniciarão ás 18 horas e 40 minutos, horas de Bello Horizonte.

Contra as candidaturas impostas e contra os conchavos politicos, maneja, como uma arma invencivel, o teu titulo de eleitor.

S O C I E D

V I C T R O L A

Ella se desmanchava na molleza de tango. A carne e o vestido cahiam aos pedaços pelo chão. Mas o rythmo da musica pegava nos molambos espalhados e de novo ella girava, girava triste, girava molle pelo salão.

A agulha não feriu mais o disco e a mulher voltou a ser mulher outra vez. Solida e confortavel, meio nua, muito bôa, muito gordinha, no divan. As pernas de fóra, esticadas e côr de rosa. Em baixo os pés brilhando como si os diamantes das fivelas fossem diamantes mesmo. Pediu um cigarro e deram. Pediu um phosphoro deram. Não pediu mas lhe offereram qualquer coisa inconveniente. Ella protestou, mexendo-se e os olhos vivam mais, vivam quasi tudo, francamente, abertamente, entre sedas exiguas e caras.

Então a agulha feriu de novo o disco mas ninguem não dançou mais não, todos estavam satisfeitos, e para que dansar?

Antonio CHRISPIM

Registro civil

1.º districto

No cartorio do 1. districto, foram registrado hontem, os seguintes nacemento:

Dilma, filha de Francisco de Alburquerque Sobrinho; Edson, filho de José Hermogenes:

No mesmo cartorio, foi registrado hontem, o seguinte casamento: Manoel Schmidt Pinto, com Marla José de Aguiar.

A plastica feminina através do tempo

Poder-se-ia, ao lado da historia da arte, inscrever a historia do corpo da mulher. Cada estylo, possuiu, ao mesmo tempo que uma linha architectural e um modelo de moveis, um feitio proprio de silhueta feminina. Houve a mulher Luiz Felipe cujos hombros nu's nos vestidos de baile eram arredondados como a redoma de vidro que...

Nolvados

São noivos sr. Armando nosso comp Magda de Helio de José Carneir

Clubes

Realiza-se resta, a patrau dansant miação vae primeiro ant dação. Para essa

tembrino da Guerra

De hoje:

Sr. Nic Grande H

D. Julia Julio Octa

D. Irace do major

D. Mari ni, esposa

Senhorin do corone

Senhorin mna do Co

de Jesus.

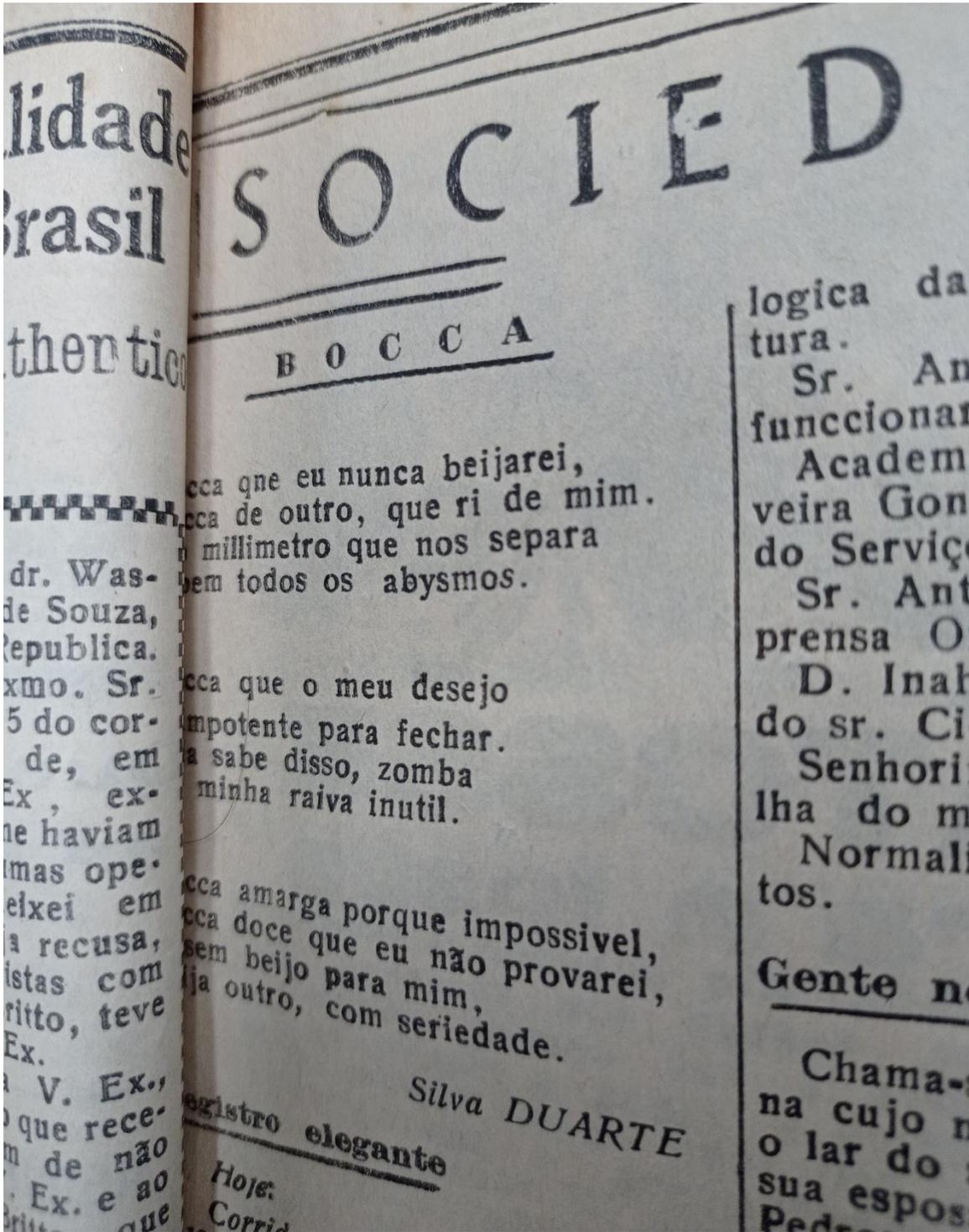
De hontem

Academ

D. Celia do dr. D do Estado.

Senhorin se, profess Santos», fi carense.

ANEXO 129 – “Boca”, *Diário de Minas*, 22 de set. de 1929.



DIÁRIO DE MINAS — Quinta-feira, 3 de outubro de 1929

SOCIEDADE

POEMA SOBRE UMA CASA

Minha casa é cercada de arvores.
Tem uma casuarina fina que canta
de noite
e sua voz é uma voz de aguas dis-
tantes.
Tem um pé de ameixa trançado de
herva de passarinho,
tem laranjeiras, tem mangueiras,
tem bananeiras.
E tem o céu largo nas janellas do
fundo,
céo virgem de aeroplanos,
onde nem Santos Dumont
nem este
nem aquelle (1)
nunca deram uma pirueta.
Céo que Deus fabricou especialmen-
te para as andorinhas
e para os papagaios de papel de
seda dos meninos que
fogem da escola.

(1) Collocar, aqui, os nomes dos avia-
dores famosos do dia.

Antonio CHRISPIM

Itabira, 1926

Educação feminina

A educação de apparencias que se
ministra ás nossas meninas anda
completamente errada.
O grande observador que é Ramalho
Ortigão traça em poucas lin-
has a condemnação desse erro. São
dignas de leitura as linhas abaixo:
«Nas altas classes as meninas são
em geral, mais instruidas do que os
homens
Sabem musica, sabem linguas, fa-
lam o francez, o italiano, escrevem
adoravelmente, no mais bello cur-
sivo inglez.
Têm incomparavelmente mais gra-
ça, mais agudeza, mais alegria e
mais espirito do que nós. Infeliz-
mente, porém, como ellas são edu-
cadas, em vista mais do exito e do
applauso na sociedade, do que do
lugar que têm de occupar na fami-
lia e na sua casa, faltam-lhes co-
nhecimentos praticos, noções positi-
vas, principios solidos que sejam a
a base e o ponto de partida do seu
criterio.
Os conhecimentos literarios que
recebem, aliás imperfeitos e super-
ficiaes não constituem para ellas ha-
bilitação domestica, uma utilidade
na familia.
A missão das mulheres modernas
é muito complexa. A vida democra-
tica das sociedades actuaes exige
das esposas os conhecimentos mais
praticos.
E preciso que possua todas as
noções de economia domestica, que
saiba escripturar as suas despesas,
dirigir os seus criados, alimenta- a

Sr. Carlos Ferreira Netto, func-
cionario da Secretaria da Agricul-
tura.
Tenente Francisco de Paula Gil
Junior, chefe de secção da Impren-
sa Official.
Sr. Fernando da Silva Barbosa,
fiscal do consumo.
Sr. Amyntas de Moraes Xavier.
D. Helena de Magalhães Santos,
esposa do sr. Casildo Santos, agen-
te da Cia. Electrica nesta capital.
Senhorinha Odette Baptista, filha
do sr. Alfredo Baptista.
Senhorinha Cleonia Rodrigues.
Menina Lygia, filha do livreiro
Antonio Pinto de Moraes.
Menina Marilde, filha do sr.
Georgino Alves.

De hontem:
Academico Antonio da Cunha Pei-
xoto, alumno da Faculdade de Di-
reito.
Sr. Aristides Ribeiro da Silva,
funcionario do Banco Hypotheca-
rio.
Sr. Joaquim Gomes da Silveira,
engenheiro agronomo.

Nolvados

Está contractado casamento entre
a senhorinha Clotilde Lopes Carril-
ho, filha do sr. Ramon Lopes Carril-
ho e de d. Clara Lopes Carrilho,
e o sr. Guilherme de Almeida Bar-
bosa, funcionario bancario nesta
capital.

Festas

RECEPÇÃO OFFERECIDA AOS ESTUDANTES PERNAM- BUCANOS

Revestiu-se de grande brilhantis-
mo a recepção que o Centro Aca-
demico da Faculdade de Direito
offereceu aos estudantes pernambucanos, ora em visit a esta capital,
nos salões do Jockey Clube de Belo
Horizonte.
A ella compareceram elementos
dos mais representativos de nossas
rodas sociaes, que, num ambiente
de alegria e animação, deram uma
acolhida festiva aos sympathicos e
talentosos moços das escolas de Recife.
Deu o prestigio de sua presença
á linda festa Academica de hontem
a poetisa Edelweiss Barcellos, Ra-
inha dos Estudantes.

Hospedes e viajantes

Viajou hontem para o Rio, pelo
2. nocturno, o general Diogenes
Monteiro Tourinho, commandante da
8a. Brigada de Infantaria.
—Pelo 1. nocturno, seguiu hontem
para Barbacena, o deputado
Amando Brasil, do Congresso Mi-
neiro.

EURYTHMI

GRIPPES NEVR

QUALQUER DÔR -

O C. ATHLETICO MINEIRO ENPRE THIANS, NO PROXIMO DIA 12, EM PALESTRA ITALIA VAE AO RIO COM O VASCO DA

A nota

Dois clubes da capital vão jogar
fora do Estado, no proximo dia 12,
feriado nacional.
Um, o Club Athletico Mineiro, em
São Paulo com o Sport Club Corin-
thians Paulista.
Outro, S. S. Palestra Italia, no
Rio de Janeiro, com C. R. Vasco
da Gama.

O Athletico Mineiro recebeu um
convite do campeão paulista para
enfrental o na capital paulista em 12
do corrente, em jogo revanche.
Com effeito, o Corinthians soffreu
do Athletico uma derrota, pela con-
tagem de 4x2, nesta capital, quando
aqui veiu inaugurar o estadio "Pre-
sidente Antonio Carlos".
Desejo de tirar a revanche da
quelle insuccesso, o Corinthians re-
solveu aproveitar a data do desco-
brimento da America para levar á
paulicéa o conjunto de Dalmy.
O convite foi logo accedido, tendo
o alvi-negro, no officio que dirigiu
em resposta ao clube paulista signi-
ficado a este a sua satisfação pela
oportunidade de retribuir a visita
dos campeões de São Paulo.

O Palestra Italia recebeu do Vas-
co da Gama comunicação de que
o espera tambem no dia 12, para a
realização do jogo nocturno já com-
binado de longa data.
Assim sendo, os palestrinos irão
estrear nas canchas cariocas, á luz
dos reflectores, enfrentando a po-
derosa esquadra vascaína, com a qual
empat. u, ha cerca de dois annos,
nesta capital.

Nós, e todos os mineiros, espera-
mos que os rapazes das Alterosas
saibam honrar nos campos de Sa-
Paulo e do Rio o nome glorioso de
Minas Desportiva.

GIL VAZ

TUR

Grande Pre

Está defini-
ra o proximo
grande premi-
no valor de
premios de 1
que se colloca
Serão dispu-
além dos nos-
ros Itamaraty,
e Preto, tres
cariocas: Patif-
tain, bons cor-
vencerem, dari-
nossos cracks
Além desse
dois de pu os
quaez correrá
vencedor, ali-
um para meios
Dado o intere-
tando nos noss
mesmo extra-tu-
rar seja a 14.
rada, coroada

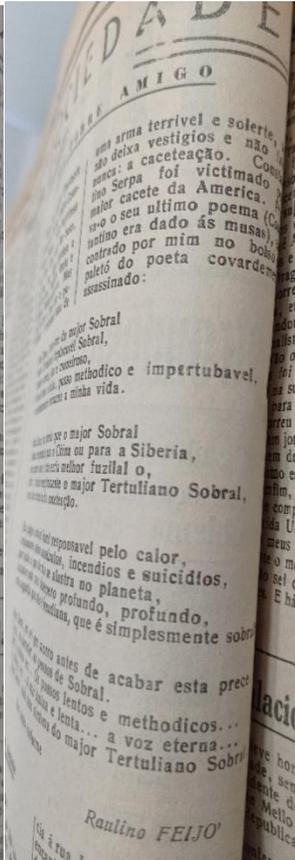
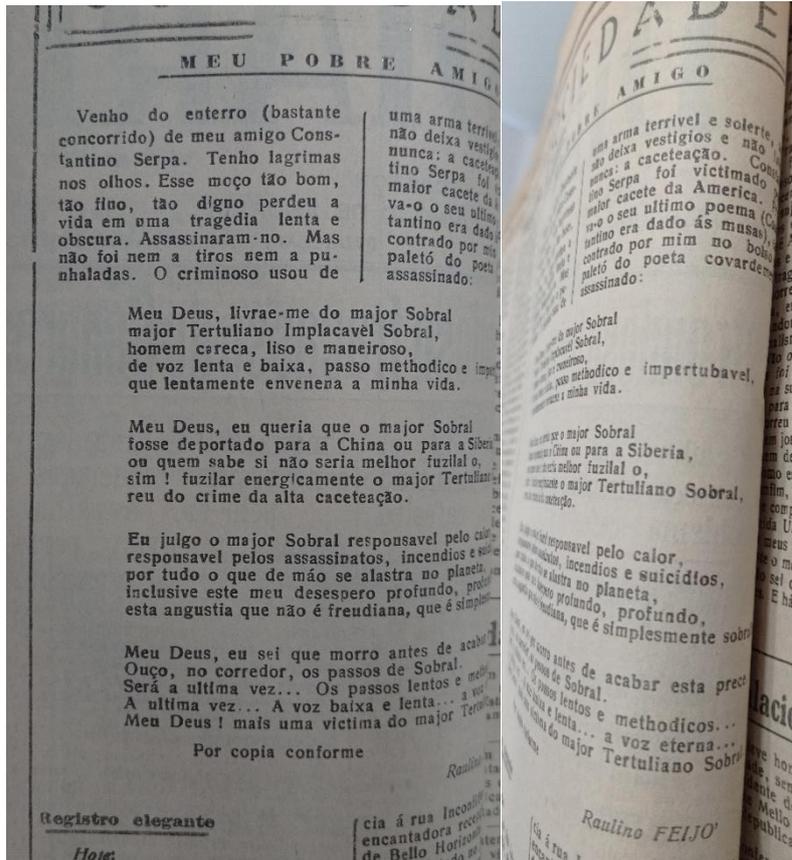
O SR MAUR

FALOU N
MU
Rio, 2—No C
Mauricio de
longo discurso
versario de Nil

OS QUE VIAJ

Rio, 2—Viaj
nocturno, es srs
mindo Tajan, J
rim, João Dias P
gal, dr. Ferreira
da Matta Macha
os sr. Alvaro M
sin, Edmundo D.
ler, Oscar da M
ros, Elpidio Ram
dr. Renato Lima

ANEXO 131 – “Meu pobre amigo”, *Diário de Minas*, 17 de out. de 1929.



ANEXO 132 – “Fala o pai de José/ a Ciro dos Anjos”, *Diário de Minas*, 9 de nov. de 1929.

animado de ca
tam pratic
zados
ticias de Sa
vas á crist
as. Os me
naes, não
lto. A ult
s que app
O disca
paulista, p
reire, no s
ha crise
om ironia
sympathic
Estado de
fé, limita
s títulos
cado dispo
foi cotid
379 sacca
Fechou
al de 6.411
ctoria e
n em silo

SOCIEDADE

FALA O PAE DE JOSE

A Ciro dos Anjos

—José, não ataque a vida nem chame as mulheres de literarias. Fique quieto ahí no canto, José, meu caro José, Josézinho, José. Quando você entrou, eu espiei em seus olhos e disse para mim: Vamos ter coisas. José, meu filho, quem te disse para confiar em teu pae. Quem é pae neste mundo, José. Ninguém é pae não. Os filhos quebram a cabeça por ahí, não escutam o conselho doce dos velhos e depois que a cabeça quebrou e que a canõa virou pedem a bençãam do pae... Mas o pae tambem está longe e não se lembra mais dos conselhos. Dá ontros. O' vida cheia de conselhos e de canõas viradas. (Você tem plena liberdade de olhar esse relógio ou de fingir que lê essa revista; á vontade. Até fumar). Mas você não percebe, filho meu, que as almas não se penetram, que não ha meios da gente se comunicar? Enquanto José farreia descurado com duzentos mil réis no bolso, o pae de José com dois contos (pausa) faz ou deseja fazer (reticencias). Bem, dê-me um cigarro. Assim, de frente e a cabeça alta. Você cortou-se fazendo a barba... Noto que já não estás muito comovido. Estás meio cynico e algo ameaçador. Não, arrogante. De qualquer maneira, como quem desafia a morte, o amor e outros poemas de Stechetti (Si te citei este poeta, meu filho, é porque elle foi um dos caminhos errados da minha mocidade. Podia citar Dante ou Luis de Camões; o essencial é citar). Quando penso que somos do mesmo barro, absolve-te immediatamente de todos os peccados, inclusive e principalmente os da carne. José, está se confessando humilde deante de você. O peccador sou eu. Mas não me olhe assim com e-sa cara. Não eu me confesso

D. Amasilles Andrade, viuva do desembargador Olavo Andrade.
D. Anna Vianna, viuva do cel. João Vianna.
Senhorinha Olinda Ferreira, farmacêutica, filha do cel. David Ferreira.
Senhorinha Adelaide Polizzi, funcionaria da Secretaria das Finanças.
Senhorinha Zezinha Baeta da Rocha, filha do senador Moreira da Rocha.
Menino João Jacques, filho do phco. Raul Castilho.
Menino Nivelandes, filho do sr. Aurelio Campos.
Menino Aloysio, filho do dr. Clemente de Faria.

Casamentos

ENLACE BRANCA RENAULT — J. ALBANO DE MORAES

Realizou-se hontem, nesta capital, o enlace matrimonial da senhorinha Branca Renault, filha do sr. dr. Léon Renault, director do instituto «João Pinheiro», e de sua exma. senhora, d. Maria José de Castro Renault, com o sr. J. Albano de Moraes, conhecido intellectual, assistente tecnico do ensino e universitario de direito.

O acto civil teve logar na residencia dos paes da noiva, á rua Bernardo Guimarães, tendo sido paranymphado, por parte da noiva, pela senhorinha Martha Neuschwander, sra. d. Pastorina Renault Furtado, srs. dr. Abgar Renault, Achilles Vivaqua e Aureo Renault; por parte do noivo, pelas sras. d. d. Carmen Tamm Renault, Ignez Brant Renault, e srs. drs. Léon Renalt e Attilio Meniconi.

A cerimonia religiosa foi celebrada na cathedral da Boa Viagem, sendo padrinhos da nubente os mesmos paranymphos do acto civil, e do nubente, sras. d. d. Maria José Renault e Maria Magdalena de Moraes.

o Taur
a Aca
a
o preenc
uiz Mar
a Academ
eleição
ndo eleito
storiador
piranga,
nte o poe
teve 14
no 2.
victorioso
e 20
sessão
o numero
cedeu
olega
Ma

P
e
C
pa
ba
lu
du
ric
rá
ac
se
tu
ta
no
Pa
en
to
en
di
At
pe
l
ex
ca
am
qu
Co
ca
pi
nb
co
s
Hu
tyr
F
tid
col
At
um

ANEXO 133 – “Cantiga de viúvo”, *Diário de Minas*, 9 de mar. de 1930.

MINAS Domingo, 9 de março

rio de João de Deus

SOCIEDADE

CANTIGA DE VIUVO

Foram padrinhos
S. Moreira, engenhe-
dente, e a senhora
filha do dr José de
Aos presentes foi
sa de doces.

Casamentos

Realizou-se, no di-
sado, na intimidad
da senhorinha Mar-
da, filha do sr. Jo-
Louzada e de sua s-
Dornas Louzada, e
Buchholz.

Foram testemunha
dr. Lucas Montei-
nhora, por parte de
José Lucio da Silva
parte do noivo
No acto religioso
nhos da noiva: o sr
e senhora; e do no-
cisco Bastos e
chholz.

Os noivos seguir-
cturno para o Rio,
nupcias.

Hospedes e via-

Pelo 2º nocturno
tem:
Para o Rio, os s-
Góes, V

Universidade de
Coimbra

Realizam-se hoje, as
aulas do pedagogo e
deus, promovidas pe-
la Universidade de
presidencia do Rei-
versidade.

Leonardo Coimbra,
uma conferencia na
tematica, em commem-
oratorio de João de

beta esta' enferma

A viuva do grande
Deus, sra. Guilher-
Ramos, foi atacada
e obrigada a reco-

rações na Bahia

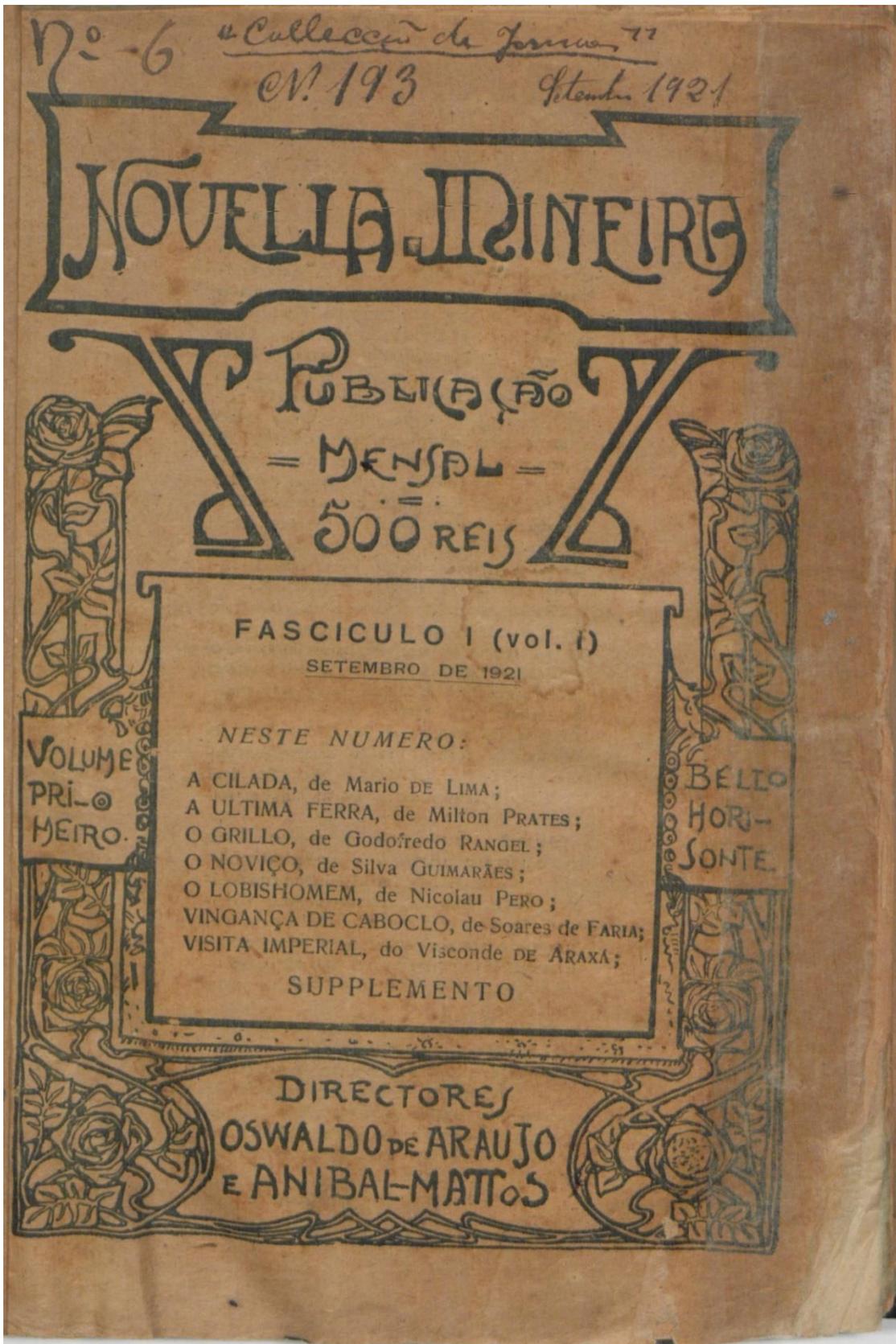
Associação dos Pro-
fessores commemora ama-
do do gra de peda-
gogo João de Deus, em
sua casa no Gabinete Portu-
guez.

Alberto de Assis, pre-
sente, fará uma con-
ferencia sobre a vida e a obra do
educador.

Registro elegante

Hoje:
No Gloria:
"Um cavallo em Broadway",
em 7 actos da Columbia Pictures
por Cullen Landis.

Publicações em *Novela mineira*
ANEXO 134



Novella Almeida
Publicação
trimestral

NESTE NUMERO :

Diario de um sceptico, de Nicolau Pero.

A estatua do escultor cego, de Carlos
 Drummond.

Amor de caipira, de Paulo Rehfeld.

Morrer sonhando, de Pinheiro Campos.

Ultima noite, de Manoel Pinto de Moura.

O imprevisto, de Anibal Mattos.

Chapellino vermelho, de Arthur Lobo.

SUPPLEMENTO

Fasciculo III (Vol. I) Novembro de 1921

Tiragem de 5.000 exemplares

Preço \$500

Aos candidatos á força e a energia muscular

A uma assimilação perfeita dos alimentos digerido pelo estomago, aconselha-se o uso do **VANATONICO** o regenerador moderno dos organismos fracos, que tem hoje o seu attestado na voz do povo.

Vanatonico é RECOMENDADO

- Para as senhoras magras e nervosas,
- Para as moças pallidas e doentes,
- Para as crianças magrinhas e rachiticas,
- Para os homens nervosos e enfraquecidos,
- Para os velhos exgotados e fracos.

Desenvolve as forças e aumenta os globulos sanguineos
USAL-O E UM DEVER. E NÃO USAL-O, UM CRIME

A'VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL

PEDIDOS A
ORESTE RODRIGUES & COMP.
BELLO HORIZONTE

LIVRARIA MORAIS

Livros francezes, americanos, argenti- nos, hespanhões, inglezes, italianos, portu- guezes, etc. Jornaes e revistas. Serviço especial de encomendas com a maior urgencia. Correspondentes em: Paris, Londres, Milão, Turim, Leipzig, Porto, Lisboa, Madrid, Buenos Aires, Nova York.
PAPERARIA E TYPOGRAPHIA
ANTONIO PINTO DE MORAIS

Av. Afonso Pena, 770 - Telephone, 461 - Belo Horizonte

TINTURARIA SANTOS DUMONT

LAVA-SE E TINGE-SE CHIMICAMEN- TE, POR PROCESSOS MODERNOS, FAZENDO QUALQUER CONCERTO :: COM PERFEIÇÃO E RAPIDEZ ::

Ernesto de Oliveira

RUA DA BAHIA N. 981
TELEPHONE 205 (CENTRAL)
- BELLO HORIZONTE -

CAFÉ GUARANY

DEPOSITO DE: Vinhos, Licores, Aguas Mineraes, Conservas finas, Cigarros, Charutos, etc.
CERVEJAS: Brahma Rainha, Teutonia, Bock-Ale, Brahma Porter, Bock-Crystal e MALZIBIER, propria para senhoras e pessoas fracos

VENDAS: Em caixa e em duzias. Entrega a domicilio

Pedidos para o Telephone N. 531

FILHOS PIANA
Avenida do Commer o, 447, 458 486 - Belo Horizonte

NOVELLA MINEIRA

Fascículo III (do 1.º volume) - Novembro 1921

	PAGINAS
DIARIO DE UM SCEPTICO Por NICOLAU PERO,	57
A ESTATUA DO ESCULTOR CEGO Por CARLOS DRUMMOND	59
AMOR DE CAPIRA Por PAULO REHFELD	62
MORRER SONHANDO Por PINHEIRO CAMPOS.	66
ULTIMA NOITE Por MANOEL PINTO DE MOURA.	68
O IMPREVISTO Por ANIBAL MATTOS	72
CHAPELLINHO VERMELHO Por ARTHUR LOBO.	77
SUPPLEMENTO	78



NUMERO MENSAL: 500 REIS

ASSIGNATURA (10 fasciculos - 1.º volume) 5800

Red. e administração: Rua da Bahia, 1210 - BELLO HORIZONTE - MINAS

ACABAM DE APPARECER:

OS BORRACHOS

ADMIRAVEL LIVRO DE NOVELLAS DE SILVA GUIMARÃES

IDÉAS E COMMENTARIOS

- LIVRO DE BELLISSIMAS CHRONICAS DE MARIO DE LIMA, DA ACADEMIA MINEIRA

CANÇÃO DA PRIMAVERA

PEÇA EM TRES ACTOS, DE ANIBAL MATTOS

A' venda na redacção da Novella Mineira e em todas as livrarias

A APPARECER:

"Quem deve perdoar", peça de ANIBAL MATTOS

Emquanto isso, o Chico-Tira-Couro, negociante na esquina, bate com as mãos ambas na barriga de burguez apatacado, olha para as corôas que estão de ha muito nas prateleiras á espera de enterros, e formula hypotheses:

— A viuva, uma; a Sociedade «Lyra da Madrugada», da qual o moço fazia parte, duas; os moços do futebol, tres... Tres vezes quinze, quarenta e cinco...

E dá ordem ao caixeiro para pôr de lado, desempoeirando-as...

O conego Mendonça, que estava a lêr um breviário ensebado, levanta-se, põe o livro de lado e passêa pelo quarto, a resolver um xis perturbador.

— Enterro com acompanhamento, cincoenta mil reis... O diabo era o suicidio, condemnado pela santa madre egreja...

Mas Tapioca, que é piedosa, não perdoaria ao padre vigario, se este se recusasse aos actos do seu mistér... Demais a mais, aquelle pobre moço, mais do que qualquer outro, precisava da misericórdia divina... Levava a agua benta, estava resolvido, e recebia os cincoenta mil reis, sem contar a lambugem da missa do sétimo dia...

E, vencidos os escrúpulos da consciencia, certo de que praticaria uma acção piedosa, arranjando para aquella alma infeliz um cartão para entrar no céu, o conego desce ao quintal a ver as suas gallinhas, — signal muito evidente de que sua reva, está satisfeito...

Só o dr. Captura, delegado de policia, que, com uma paciencia scherlockeana, estava no bilhar a carambolar com os amigos, quando soube da nova, fez um gesto de contrariedade, e guardou o taco.

Os serviços do dr. Captura, em Tapioca, se resumem em ir todos os dias 30, á hora certa, receber na collectoria estadual os quatrocentos mil reis que lhe paga o governo «para manter a ordem publica»...

Correndo á delegacia, o dr. vae a pensar na massada do processo: autuação, exame cadaverico, inquirição de testemunhas, relatorio e mais coisas, para acabar tudo, depois, com um «archive-se» do juiz...

Senta-se, accende um cigarro, e, com um gesto de impaciencia, bate com a mão no joelho, exclamando:

— Que espigal Preferia ser juiz de direito...

Á na casa da dor, no entanto, cirios lacrimejantes parecem chorar a morte daquelle moço numa quadra em que devia trazer a alma povoada dei lusões, e a pobre mãe, desolada, cabellos em desordem, debruça-se sobre o cadaver de seu filho, grande no seu infortunio, inconsolavel na sua dor...

A vida é assim, em Tapioca ou algures...

Do «Vida Simples»

Nicolau Pero.



A estatua do esculptor cego

POR CARLOS DRUMMOND

Que dia é hoje?

— 15 de março, terça feira...

Então, no grupo, alguém lembrou o Antonio. Havia cinco annos que o Antonio morrêra, exactamente num 15 de março. Fernando Sylvio, o poeta de cabellos grisalhos e mãos lyricas de madona, evocou, rapidamente, a ultima visita que fizera ao atelier do artista desaparecido. Fôra encontral-o numa desordem impressionante e dolorosa. Sem a previsão do fim proximo, o poeta havia tocado na dor do amigo.

— Hoje me arrependo de tal coisa, fez elle, mergulhando a sua linda mão esquerda nos cabellos desordenados. Todas as dores são mais ou menos anónimas, e não é natural que desnudem-nos a do proximo...

— Tudo por causa de uma mulher...

— Tudo por causa de uma estatua, corrigiu Alfredo Maia, o pintor. Porque—é preciso que v. saiba— dois milhões de mulheres não valem uma obra d'arte. Eu conheci bem o Antonio. Nasceamos na mesma cidade morta do interior. Exquisito, desde pequeno. Lembra-me que brincavamos juntos e que, no momento do entusiasmo, elle se deitinha, com imprevisto. «Porque não continuas?» perguntava-lhe. «Não é nada, não quero»—e corria. Era sempre assim: não concluia nunca os seus brinquetes. Gosava as alegrias pela metade, — não sei se fimiidez, se covardia. Fosse que fosse, apontavam-no a dedo,

na escola, como uma creança singular. Nos estudos, mediocre. E' que não parava numa pagina de grammatica: ia logo á outra, e ao fim, sabia pouco, naturalmente.

Antonio era magro, banal, antipathico. Juro que não tinha o menor traço de artista. E era-o como poucos!

Fernando Sylvio continuou.

— Ainda o outro dia, vi a Celina. Está esplendidamente bella, rapazes! Entre a Celina e a estatua... francamente, não saberia escolher.

Participando da roda havia um novo, o romanista Duarte, fremendo caçador de entredos. Ignorando a historia, quiz ouvir-a. Tinha uma infinida curiosidade dos seres e dos dramas... E foi o pintor que falou:

— Quando me disseram que o Antonio estudava escultura, achei estranho, e sorri. Regressava da Europa, com varios quadros na bagagem e um continuo sorriso sceptico nos labios. Poderia ser um esculptor aquelle rapazola meio maluco?

Em todo o caso, fui vel-o. Morava lá para a Cidade Nova, numa casa apertada e pobre, saturado da sua arte e do seu trabalho. Examinei-lhe, uma por uma, todas as creações. Eram exquisitas, um tanto originaes, mas de aspecto barbaresco e desconcertante. Antonio trabalhava muito, abandonando um esboço na idealização de outro esboço, multiplicando-se em tentativas, sempre insatisfeito...

«Tens talento, meu velho, lá isto tens, mas sê prudente, dizia-lhe eu. Tua phantasia é demasiado soffrega.

Faze que ella seja como aquella divina Prisioneira, de Berntann: toda nua, porém com os braços acorrentados...»

Antonio erguia os hombros, e, mandando Berntann ás favas, pegava no cinzel com furor. Por dias e noites era o mesmo delirio acciido e exhaustivo, num tumultuoso crescendo que aterrava. Succediam-se as maquetes: Uma alegria, na posição daquellas gloriosas figuras em marmore, de Auberlin, tinha no dorso uma graça violenta.

fa e nova; um *cupido* moderníssimo ria, com ingenuidade e cynismo, pisando os flancos de uma mulher adormecida; a *marcha para o ignoto* era um aglomerado confuso de homens e animas allucinados, que um veno desolante parecia fanger. E, finalmente, o *Anjo da Volúpia e da morte*, erguendo o bem alto uma foice coroada de rosas, dominava os vultos em derredor.

Alguns críticos affirmaram que Antonio cultuava com escandalo a rhetorica do gesto; que era artisticamente mal educado, e que suas figuras femininas podiam resumir-se numa só. Já então, em confidencia, elle me disse: do seu grande amor a «uma creatura de dezenove annos, nem morena nem loira, d'olhos impassíveis e physionomia serena». Amor velado, muito occulto e muito sentido, não de beatitude e extase, mas de cruciante exaltação. Queria-a como nunca ninguem quiz a uma mulher, pois fazia abstracção da sua alma e do seu corpo, para somente a desejar em *reflexo*, em *imagem*... De começo, fitava-a longos minutos no espelho, saboreando a *segunda presença* da amada como um sonho estonteante. Seguia-lhe a sombra, namorava-lhe romanticamente os retratos,—desenhava-lhe a carne. A impassível creatura, achava Antonio um grande maluco...

—Por sua causa eu me fiz escultor, confessou-me elle, um dia. Somente por sua causa... Não quero desajal-a e pos-suit-a senão no dominio do irreal, mas dentro da realidade artistica... O espelho mente, e tanto reflecte a minha Celina, como uma cadeira ou um lampeão... A sombra é uma caricatura da minha Celina... O retrato é uma falsificação da minha Celina... Preciso de alguma coisa mais, preciso de uma estatua...

Eu fiquei assombrado. Por causa de uma mulher um homem se fazia escultor! O *Cupido*, a *Alegria*, a *Marcha para o ignoto*, o *Anjo da Volúpia e da Morte*, todas essas coisas eram ensaios, esforços derramados, investidas esparsas! E tudo tendia para um só

fim, numa coordenação de esforços diversos...

O romancista Duarte arregalava os olhos, pasmadamente... Fernando Sylvio, com mais dois ou tres companheiros, bebia em silencio. E, com voz vagarosa, o outro continuou:

—Antonio decidiu-se, por fim, a tentar a estatua da *Serenidade*. Devia ser, conforme elle proprio me confiou, a representação, em marmore, do lindo corpo de Celina. E idealisava a *Serenidade*, creatura modelada em sonho, mãos languidamente perdidas em vertical, a perna esquerda recuada, numa expressão de tranquilla victoria sobre os sentidos... Vestindo-lhes as fôrmas puras, vestes brancas e esvoaçantes, muito leves, de indecisa transparencia...

—Realisal-a é toda a minha ambição, e eu suspeito que, além da estatua, conseguirei a loucureza... Disse-me isto um pouco tremulo. Retruquei-lhe que socegasse, que não valla a pena enlouquecer,—esta vida é tão deliciosa!

—Não estou a brincar, insisti elle. Dahi, uma grave molestia deu agora para aborrecer-me. E' coisa nos olhos—justamente nos olhos!—e tem um nome complicadissimo. Cada dia eu enxergo menos...

E cada dia trabalhava mais. Magro, morbidamente pallido, com olheiras baloando de róxo as pupilas fundas, teimava em gastar noites inteiras na feitura da obra monumental. E a cegueira vinha, a pouco e pouco.

Para Celina, transformada em modelo, eram irritantes aquelles longos momentos de *pose*, no *studio* silencioso. Essa creaturinha não deixa de ser um animal interessante. Foge ao commum. Porque, regra muito certa, as mulheres amam funcionalmente. Celina, ao contrario, ama displicentemente. Jamais a encontrei descabellada de ciume, hirta, furiosa ou gelada. Sempre impeccavel. Tratando-se de uma actriz, vocês comprehendem, é muito raro, isso... Os comediantes costumam transportar o palco para a vida quotidiana. Ella não adquiriu esse máo costume...

—E abandonou o Antonio.

—E' certo, deixou-o com um gesto muito frio e tranquillo.

Ainda me recordo da carta em que o pobre escultor leu a communicacão do rompimento. Mostrou-m'a varias vezes, numa doída mudez que era bem uma queixa abafada.

Esquecia-me de consolar-o—é, mais facil soffrer uma dor que epizigual—e, então, com um soluço a morrer na garganta, o Antonio teve uma palavra assim:

—E tu não sabes, juro que não sabes porque motivo eu soffro com toda essa historia: Não conclui a estatua!

Provavelmente, não a concluirei jamais... Celina foi-se embora, e cá estou eu, meio cego, entre pedaços de barro...

Vocês devem lembrar-se de como eu procurei o demonio da creatura. Fui desencaval-a em Santos, e não houve palavras que a fizessem voltar para junto do artista. Contando isso a Antonio, elle, que mergulhára num *laissez-aller* de abandono e renuncia, teve um assomo de revolta: procurou dominar aquelle desfalecimento, reerguer-se, finalisar a estatua. Já não via cousa alguma, porém veio ajudal-o um tacto finissimo, de perneio com a evolução dos outros sentidos, requintados com a cegueira. A obra sahia-lhe magnifica, a surtos largos, harmoniosa e imprevisita... Era qualquer coisa de espantoso, aquillo; o certo é que a *Serenidade* tomava feições singulares, emergia da massa informe, trabalhada pelas mãos tateantes do escultor. Elle se apossava, com medo de que a doenca viesse roubar-lhe para sempre aquelle segundo corpo de Celina. E a todo instante queria o meu applauso.

—Está magnifica, Antonio, dá assombro. Afinal, escutaste o meu conselho...

—Eu não escutei o teu conselho, meu amigo: ouço apenas a voz que grita dentro de mim... Isolei-me: não faço o que os outros fazem; sou um homem abandonado a si mesmo, entendes?

Mas, abatido pelo esforço continuo e immenso, elle foi tomado de uma grande excitação nervosa. Começaram as declamações deante da estatua, longos abraços, crises de ternura, exaltação. Parecia-lhe que a estatua o chamava a todo momento, impedindo-lhe de dormir e de comer. Queria-o só para ella, para as suas mãos protectoras, para o seu rosto de amante... Uma tarde, encontrei o *atelier* virado ao avesso: bustos quebrados, *maquettes* em pedaços, um horror! Que significa tudo isto? E o Antonio, com um sorriso:

—Significa somente que eu não farei mais nada! Celina pediu-me que destruísse tudo, e eu destruí...

De outra feita, fui achal-o abraçado á estatua, mordendo-lhe a bocca inerte com beijos furiosos. Não reparou em mim: era como se estivesse a sós com Celina. Jurou-lhe que só a ella amava, e não á outra, a banal, de carne impura...

Tudo acabou bem simplesmente. Pondo em ordem o *atelier*, o creado arredou a estatua para um lado.

Não a encontrando no lugar de sempre, o cego teve um pensamento desvaivado: Celina deixára-o, pela *segunda vez*!... Deixára-o em imagem, como o deixára em realidade... Era o fim irremediavel. Foz-se a chorar um choro de incrível desanimo. Tanto trabalho inutil, tanta canceira perdida... E que seria d'elle, agora? Que seria?

Alguns passos tremulos, e deu de chofre com a *Serenidade*... Cresceu-lhe dentro uma colera instantanea. Não queria que Celina voltasse, estava morta para elle... Recuou um instante. Depois, foi direito á estatua. Esbafeteou-a. Maguado com o choque, bateu-lhe mais, mais... Caiu sobre ella, derrubando-a...

O pintor Alfredo Maia finha os labios abertos, mas já não falava.

—E depois? E depois? gritou o romancista Duarte.

Novella Ameira

Publicação mensal

NESTE NUMERO:

- Eterna angustia*, por Aldo Delfino.
Joaquim do Telhado, por Carlos Drummond.
Aspiração, por José Testa.
Meia-noite, por Paulo Rehfeld.
Os românticos, por Theodoro Roberto.
Sombras que fogem, por Anibal Mattos.
Queimadas, por Nelson Faria.
Sonhando, por Breno Pontes.
Vicente Creoulo, por João Dornas Filho.
O bobo, por Avelino Foscolo.
Naufragio, por Bento Ernesto.
O avô, por Godofredo Rangel.

SUPPLEMENTO

Fascículo IX e X (Vol. I) 1922

Tiragem de 5.000 exemplares

Preço \$500

Novella Mineira

Fascículo IX e X (do 1º volume)—1922

ETERNA ANGUSTIA	
Por Aldo Delfino, da Academia Mineira de Letras.....	235
JOAQUIM DO TELHADO	
Por Carlos Drumond.....	236
ASPIRAÇÃO	
Por José Testa.....	242
MEIA NOITE	
Por Paulo Rehfeld.....	246
OS ROMANTICOS	
Por Theodoro Roberto.....	249
SOMBRAS QUE FOGEM	
Por Anibal Mattos.....	257
QUEIMADAS	
Por Nelson de Faria.....	257
SONHANDO	
Por Breno Pontes.....	261
VICENTE CREOLO	
Por João Dornas Filho.....	262
O BOBO	
Por Avelino Foscolo, da Academia Mineira de Letras.....	264
NAUFRAGIO	
Por Bento Ernesto, da Academia Mineira de Letras.....	265
O AVO	
Por Godofredo Rangel.....	266
Supplemento.....	267

E o cysne sabe por que canta, presentando delirios em que se despedaçam forças, em que rolam os seres aniquilados por luctas inúteis, em que ha pragas e lagrimas sarcásticas dos vencidos, que se não rendem, que está a propria vida!

Sempre, descendo, subindo, vem do espaço, vai para o espaço, o angustiado ancoito doloroso de existir.

Astros apparecerão nos céos, brilhando pelas noites em fóra, como diamantes engastados no azul esplendido...

Haverá dias de sol, flamantes de ouro, pomposamente radiantes, tão bellos como as noites...

Temporales de trovões terroristas encapellarão pelo alto as nuvens, apagando o luar, escurecendo dia...

E pelos seculos em fóra, sempre assim, na constante transformação das coisas...

E qual, no desespero do soffrimento, certa como a morte, só tu, ó Dor.

Na meditação, entretanto, da bem dita natureza, da nossa mãe commum, de tudo que se foi, de tudo que a nossa vista alcança, de tudo que estiver no futuro, quem descobriu jamais ou quem saberá onde se occulta a paz?

Quem sabe se a alma humana, que se revolta, o homem, enfim não é a consciencia do Universo que desperta, vê, medita, interroga e morre desesperado e sem alcançar a verdade?

O feroz enigma está ahí.

A liberdade do ser não existiu, não existirá jamais.

Só, forte, serena, impassível e muda, a Dor dominará o arquejar dos seres.

Si ha mais qualquer cousa além disso só Deus no mais retirado recanto do espaço azul, lá onde não chegaram por certo os olhos dos seculos passados, lá onde não irão as vistas dos vindouros, o sabe...

Aqui, ao impulso desconhecido e cruel somos atraídos através da existencia, como a onda, o astro, o raio, a pedra...

Aldo Belfino



JOAQUIM DO TELHADO

Conto de Carlos Drumont, que obteve o 1.º lugar no Concurso da Novella Mineira

De Joaquim Espiridião da Silva todo mundo dizia que era um maluco. E não era.

O cerebro regulava-lhe perfeitamente; os actos vinham-lhe direitinhos do cerebro, ordenados, arrumados e logicos.

E, entretanto, não havia quem o não chamasse de doido...

— «Coitado! dizia o boticario Ambrosio. E' completamente maluco. O

Joaquim destruiu o proverbio celebre: «Mens sana...»

Doido! Doido, porque?

Joaquim Espiridião da Silva residia num predio nem alto nem baixo, á rua do Alecrim,—uma casinha amarella, estragada, com um terreno ao lado para couves e aboboras. O numero... o numero, se a memoria não me illude, era 58. Ou talvez 57; isto não importa.

A' margem do terreno, quer dizer, encostada á parede da casa, Joaquim Espiridião tinha uma escada. Coisa naturalissima, não acham? Uma dessas escadas communs, banaes, universaes.

Muito bem.

Sabem porque adquiriu Joaquim o triste qualificativo? Apenas porque, todas as tardes, galgava os degraus de «sua» escada e ia encarpitar-se nas telhas mais altas de «sua» casa. E ahí ficava um tempo enorme, não raro até vir o luar, até se fecharem as portas, até o relógio da matriz badalar dez, onze, doze horas...

Innocentissimo habito! Não feria a constituição nem as posturas municipaes. Não arranhava a moral. Nem sequer damnificava as telhas do proprio individuo. Não, aquillo não erade louco. Joaquim era um homem normal; de dia, fazia sapatos, com proficiencia e honestidade.

Os pés dos seus clientes andavam satisfeitos; elle os servia bem.

Na qualidade de unico sapateiro do logar, poderia enfiar-se, majorat preços, explorar, e nada disso punha em pratica.

— «O, Joaquim, essa continha, tenha paciencia, não está certa. Eu lhe devo 30.000, e não 35...»

— «Como não está certa? Vamos a ver o meu livro, ha de estar certa, ha de estar...»

E sempre estava.

Um homem assim merecia mais consideração quanto integridade, do seu bestunto. Pois, quando teve idéa de passar as tardes no telhado, toda gente entrou de cochichar que o Joaquim ficára meio ruim da bóia. Meio ruim da bóia, uma bóia tão perfeita, tão lucida, uma bóia-chronometro!

O boticario Ambrosio, este, foi franco, impiedosamente. Correu á casa do rapaz, e não usou de euphemismos:

— «Ora, «seu» Quincas, mas que idéa é a sua de subir áquellas alturas? Você vê que isto é uma tolice? Já os garotos o ridicularisam, e sem ser para menos. Vamos, deixe-se disto, homem! Nada de maluqueiras!»

Joaquim agastou-se. Positivamente. Elle não era nenhum idiota, sabia dirigi-se, viver com bom senso. Tinha plena consciencia de suas acções. E nunca — nunca, nunca! — subira a um telhado qualquer...

— «Hein?! Você diz?...»

— «Digo que, até hoje, não sei o que é subir a um telhado. Por essa luz que nos alumia!»

O boticario vouu para a rua, embarafustando botica a dentro qual um foguete. Alarmadissimo, nem imaginam!

Então o facto foi considerado positivo; o sapateiro não regulava mais. De uma hora para outra, podia mesmo ter um accesso mais forte, e então...

— «Deus me perdoe! Um homem doido é um perigo, falava o coronel Mathias, presidente da Camara. Até hoje me lembro do Juca Faisca. Ah! Vocês não conheceram o Juca Faisca... Um rapazote vivo, esperto, ás direitas. Quería estudar d'ra doutor, o Juca... Pois, aos dezenove annos, deu um trambolho e ficou bôbo. De bôbo passou a doido roncava, elle, pé ante pé, chegou ao berço do irmão mais novo — de tres mezes de idade! — e...

— «E?...» perguntavam afflictos os ouvintes, como enxergando, desenhado no ar, o braço estendido e tragico de Juca Faisca

— «E e a creança não acordasse a choramingar, talvez que elle a tivesse estrangulado. Qual um homem doido é o diabo!» Joaquim Espiridião da Silva, notando a atmosphera hostil que se lhe creava em torno, quiz reagir. E reagiu. A um garoto pillerico, ministrou, com incrível rapidez, um tremendo ponta-pé nos fundilhos. A um vizinho, o Maneco de Souza, endereçou alguns sopapos violentos. Esteve vae não vae a comprar um revólver.

— «Para chumbar toda essa canalha que está inventando potôca a meu respeito!»

E, então, começaram a temel-o. Já não era o Quincas amigos de todos, o Quincas popular pelas boas qualidades. Mudára no conceito local.

—«Um desmiolado! Um sujeito perigosos!»

Sua noiva, a Ludovina das Mercês, uma guapa morena d'olhos em braza, foi dar-lhe com os ditos olhos mais em lagrimas do que em brazas, um noticia má. E era que o pae já não queria saber de casamento. Joaquim vibrou até ao fundo. E interpellou o velho.

—«Mas, se eu já disse que está acabado! Minha filha absolutamente não se casará com um homem nas suas condições. Quero um genro de juizo, não um doído como você!»

O sapateiro sentiu uma revolta oceânica subir-lhe por dentro, num minuto. Odiou o mundo inteiro — o mundo inteiro era a cidade — que o feria com uma accusação idiota.

Virou as costas á noiva derretida em pranto, e sahiu oppresso, agitado. A proporção que caminhava, ia-se-lhe a colera, vinha-lhe uma aguda tristeza. Uma vasta, uma immensa tristeza de victima innocente... Perseguiam-no com tanta crueldade! A elle, uma creatura inoffensiva, amavel, boa...

Subito, estacou. Uma suspeita... Seria por acaso, uma trama de inimigos?

Elle não tinha inimigos. Mas invejosos? Mas, despeitados? Talvez se tratasse de algum pretendente da Ludovina, um rival preferido, que, por isso mesmo, assoalhasse a perfida invenção. Podia ser. E talvez não fosse. Emfim...

—«Ora, bolas!»

Dizendo isto, sentiu-se alliviado. «Ora, bolas!» consola e applaca aborrecimentos intoleraveis. Ainda não repararam na virtude curativa de certas phrases?

As palavras que são remedios. Ha expressões que valem por laxativos. Chega a haver exclamações callicidas... A de Joaquim Espiridião expulsou a tristeza, varreu as sombras d'alma, dizimou as torturas moraes.

Foi perfeitamente calmo que elle deparou, ao limiar da casa, o seu unico irmão, o Affonso. Affonso fincára raizes num sitio distante oito leguas, e só apparecia na cidade para votar e bapti-

sar os filhos, — como eleitor e como pae christão. De ordinario, trazia mais filhos do que cedulas eleitoraes.

—«Olá! Temos por ahí mais um pinpolho, não?» perguntou-lhe o sapateiro num começo de sorriso.

—«Não, disse o outro, gravemente. E depois de uma pausa: Joaquim, eu venho á sua casa por um motivo serio. Até não podia largar a plantação, estive tudo a nascer, e eu ando occupadissimo. Mas o motivo é serio, Joaquim, muito serio o motivo...»

—«Se é serio, vamos entrando, que a porta não é bom logar para conversas serias.»

Entraram. Affonso abançou-se. Revirou os olhos pela sala modesta, pegou-se numa janella que recortava um trecho de horta, e foi desenrolando:

—«Correm por ahí uns tantos boatos a seu respeito. E máos. Bem máos. Chegaram até o meu retro, e franquearam-me a impressão. Disseeram-me por lá que você anda a fazer tollices de calibre e meio. Que vive empoleirado na chaminé, numa vida esquisita, d'andorinha ou morego. Que os moleques já o chamam de Joaquim do Telhado, que você é alvo de chacota geral, — emfim um rór de coisas! Ora, eu falei assim aos meus botões: O Joaquim é maior lá se governa. A mim me parece mentira o que as más linguas andam a rosnar. O mano sempre foi um sujeito tranquillo. Contudo, pôde bem ser que lhe desandasse a bóla, eu sei lá! Vae, resolvi sellar o burrinho e assumptar os factos mais de perto. Aqui me contaram gra-

ves...»

E calou-se, num embaraço de proseguir. Usara de linguagem demasiado fina e escorreita, e sentia o palavreado a esgotar-se-lhe, qual um vaso que se entorna... Demais, o irmão olhava para elle numa attitud de espanto indefinivel...

—«E então?»

—«Então, eu, na qualidade de irmão e irmão mais velho... você comprehendeu... preciso dizer-lhe que... que isto não vae bem...»

Fa sua voz tomou um accento commovido, que desarmou a indignação de Joaquim. Houve um silencio perturbador, esquerdo, de duas pessoas que não sabem o que se hão de dizer mais. Joaquim conseguiu romper-o:

—«Ora, afinal, vocês todos se enganaram.»

—«Nós todos, como?»

—«Você e os outros. Quero dizer: a cidade inteira, e você, que é meu irmão, e devia ser diferente dos outros... Sim, devia comprehender. Olhe, Affonso, eu estou com essa gente pela garganta. Qualquer dia a vomito, palavra! São insupportaveis, arre! Gritam-me que sou isto, sou aquillo... e sabem elles o que eu sou? Sabem? eu sou um philosopho.»

Grande pasmo de Affonso.

—«Mas um philosopho superior, que desdenha os livros e observa a humanidade. Eu me fiz, eu estudei commigo mesmo, que diabo! E, agora, já victorioso, elles me julgam doído! Ah! Cretinos! Imbecis!»

E o Affonso estupefacto:

—«Vou dizer tudo. Você ainda é meu irmão, creio. E, mesmo entre os seus bois e as suas gallinhas, conserva a intelligencia... E' possivel que me entenda. Se eu o contasse aos outros, elles me achariam mais doído ainda. Porque eu sou um sapateiro... Não tenho o direito de pensar! Sempre fui um observador, cá do meu canto, vendo tudo em silencio... Li um pouco, você deve lembrar-se. Aprendi umas historias, liquei, ajuntei factos e conhecimentos espalhados. Fiz tudo no ar, é verdade. Mas com um immenso desejo de aprender coisas novas. E creio que aprendi. Para ter uma idéa mais vasta do mundo, pensei em passear pelos campos, sentindo a natureza... Hein? Acha exquisto? Depois de algum tempo, já não havia logares desconhecidos. Foi então que resolvi... Sim, eu digo o resto, vá lá! Resolvi subir no telhado. Era uma idéa natural, tenho certeza... Lá de cima, estaria num nivel superior ao des-

ses pobres diabos de juizo: um horizonte mais amplo, idéas mais claras... A angaria que eu tinha de utilizar o cerebro! Pois subi. E gostei. E continuei. Ah, meu caro! O que se vê, o que se contempla dum telhado! Que logar extraordinario! Devo a minha sabedoria ás minhas telhas. Ensinaram-me o que nenhum livro contém. Houve antigamente um tal Platão, um tal Socrates... porque não tiveram a mesma sublime idéa? Teriam sabido muito mais! Muito!

Procurei guardar a todo o custo o meu segredo. Negava até a evidencia do meu habito. Importavam-me, por acaso, as galhofas dessa gente? O juizo que faziam de mim regulava com o juizo que eu fazia d'elles. Mas, depois... Começaram a ferir-me cruelmente! Repelli os ataques. Elles voltaram. Hoje, afinal succedeu a grande desgraça! Você ainda a ignora, vae agora sabel-a: perdi a minha noiva! A unica pessoa de que eu gostava sinceramente! E não morreu, Affonso, isto é que é o peor... Ainda estivesse morto! O pae é um idiota e o mo os demais; ella, uma coitadinha. e eu... Raio de sorte! Porque me prohibem de ser sabio? Porque não posso estudar a vida no telhado? Ah! Mas ainda tenho o meu segredo...»

—«Que segredo?» interroga o embacado Affonso.

—«O grande segredo da vida... Vou revelar-o, e você dirá si é grande ou mesquinho. Foi o telhado que m'o ensinou, porque foi lá que eu meditei tranquillo e superiormente. O mundo, meu caro, é uma enorme officina de sapateiro... Duh-da? Espanta-se? Ouça-me um pouco, tenha paciencia. Uma enorme sapataria. O sapateiro é Deus. Todos os homens são sapateiros. Ha os de fórmãs diversissimas, homens borzeguins, mulheres bonitas, gente de cano alto, creaturas de bico largo, seres de cano alto, creaturas de bico largo, sem duvida alguma; eu sou uma bota fina, comprida... Ora ahí está: Sapatos! Nada mais que sapatos! Até a Ludovina, afinal... Sim, porque ella não podia fugir á regra...»

Isto, para mim, que, infelizmente, cá em baixo, sou sapateiro. Para você, já o mundo é outro: uma vasta fazenda, cheia de bois e vacas... O opulento fazendeiro é naturalmente Deus. E para os outros? Que infinidade de mundos! Um mundo pharmacia, para o imbecil do Ambrosio, um mundo repartição para os funcionarios publicos, outro mundo-oceano, para os maritimos... Por ahi você vê quão divertido e pittoresco é o meu systema. Note a pasmosa variedade de formas: a gente mudando de profissão, muda de existência. E não ha sciencia que possa offender-se commigo: eu não ataco nenhuma, ignorando honestamente todas... A minha theoria é um facto! Ella explica os mais tenebrosos mysterios da humanidade. O que era absurdo passa a chamar-se logico. Um homem que vive no mundo da cozinha, tendo da vida uma noção puramente culinaria, é com razão, diverso do outro que habita o mundo do quartel... Que acha você? Que tal?»

Affonso não respondeu logo. Sentia-se achatado, litteralmente. Para que havia de dar o pobre do irmão! Para philosopho! Era boa... Nem por sombra duvidava mais da desgraça: era irremediavel, o irmão estava perdido... Cresceu-lhe n'alma, de improviso, uma piedade fraternal que até então desconhecera. Lasiçou a sorte de Joaquim pelo Joaquim mesmo, esquecendo o ridiculo que ella trazia á familia. E soffreu. Seus olhos pareciam querer cravar-se no trecho da horta que a janella punha desnudo, muito serios, muito fixos... Estava parafusando um meio de velar pelo irmão, futuro a dentro.

—«Acho que você tem razão. Mas, eu sou pouco illustrado, quasi não aprendi nada quando menino. Ora, tenho cá uma idéa. Você fecha as portas bem fechadinhas, e vai passar uns tempos no sitio, para me explicar tudo isso. Quer?»

—«Isto, não! Aqui mesmo posso explicar tudo.»

—«Lá na roça explicará melhor. E, dahi, você precisa de horizontes novos,

como disse. Vamos, aceite a proposta, homem!»

—«Não e não,» retrucou, firme.

—«Não, porque?»

—«Porque o meu telhado é tudo para mim. Jamais o deixaria, Affonso... Sim, to muito, mas sou franco.

O crepusculo descia, uma escuridão latente tocava a sala. Os dois homens voltaram á porta. Não tinham pensado em jantar, estavam absortos, calados. Na tarde quieta, que se desfazia em sombra a cidade era mais tranquilla, mais calma. Para o alto, os montes, de um verde abtido, cortavam nuvens vermelhas, espalramadas.

—«Adeus. Preciso voltar á casa. Hoje ha uma lua magnifica, vou aproveitar para a viagem. Você ainda não pensou a respeito da minha idéa; pense um pouco. Hei de apparecer para saber resposta. Adeus.»

Aperteram-se as mãos. Affonso gagueou os arreios, tocou. Já não sabia que fazer, sentia-se atrapalhado em frente ao Joaquim. O melhor era tornar a sitio, para resolver qualquer coisa.

Joaquim acompanhou-o com os olhos as ferraduras do burrinho resoavam nas pedras da rua, com um rythmo de marcha. Logo adiante, o cavalleiro sumia-se, numa esquina.

E o sapateiro immovel, como talhado em pedra... Chamassem-no em alta voz gritassem por elle—não responderia. Era uma abstracção, um adormecer de todos os sentidos, uma inconsciencia absoluta. Mas, bruscamente, minutos após, pareceu acordar. Entrou, muito lento, foi a quintal, poz a escada a prumo. Subiu de nove degrãos, galgou o beiral do telhado,—emfim contente, após o dia tão máo, a transvasar dissabores. As telhas estavam humidas da ultima chuva. E corregadilhas, mas sempre amigas... parecia-lhe.

Em baixo, dois ou tres garotos ensaiavam um riso de froça, maldosamente. Seis horas badalaram na igreja; o céo já deserto de passaros, soffria o de maio da luz.

Bem no alto, sentado, mãos no queixo, o pobre Joaquim Espiridião gosava as visões maravilhosas do seu sonho. Porque elle sonhava. Expandia-se-lhe o cerebro em transbordamentos de vastas idéas pulsava-lhe mais forte o coração, fineavam-se-lhe os olhos na alma occulta do universo. E novas idéas vinham dansar-lhe no cerebro cheio, em sarabandas de vertigem, estonteadoras. Naquelle momento, não era mais o curioso que procurava uma concepção definitiva do mundo; a concepção já lhe pertencia, inteirinha.

Cosava-a, agora, com uma volupia de requinte, num prazer absorvente, tentacular, pairando sobre a cidade banal... Affirmo-o com convicção: nessa tarde, Joaquim teve deante de si um espectáculo fantastico. Lia-se-lhe no rosto. De certo que lhe desfilava em frente o imenso exercito de sapatos que é a humanidade. Parecia estar a ver um infinito de botinas, em rodopio, em correnteza, em cataracta, em montanha. E sortia, espalmava as mãos, estendia os braços.

Aquillo era o mundo, e elle via tudo... A visão não se afastava em longes de fumo, tinha uma nitidez photographica. Modestas sandalias em que o pé deixaria um tom vermelho; botas erguidas, vindas de Russias longinquoas, ou ferradas, de far-west; sapatos finissimos, de uma seda que tinha reflexos instantaneos, com saltos de origem fidalga; bojudas

alpercatas de ventre aberto, burquezas e fortes; chinellos de trança, polyphommos; botinas de camurça, com o verniz dos bicos a reluzir intensamente... Tudo, tudo! E aquillo era a humanidade!

Na rua, a multidão agilada fazia um rumor surdo, confuso. Os homens graves do logar punham o nariz no ar, ainda mais graves; moleques riam. Todos falavam no Joaquim, e todos o fitavam...

—«Joaquim do Telhado! Joaquim do Telhado!»

Era a vaia em começo, lançada por dezenas de boccas vadias. Alguns, medrosos, ainda evitavam; outros applaudiam os mais vibrantes.

—«Joaquim do Telhado! Joaquim do Telhado!»

Joaquim Espiridião da Silva, em pé, só tinha olhos para a visão magnifica. Moveu-se, querendo ver de mais perto um esquivo sapatinho de creança, entre a babel vertiginosa... Foi quando sentiu na testa uma pancada funda. Meio tonto, cahiu de frente, e rolou, telhado abalxo. Um garoto jogára-lhe uma botina velha...

Estendido na calçada, como uma coisa morta, elle tinha ainda, nas pupilas um quer que fosse de encantamento... Mas, foi breve. Já o sangue, a jorrar-lhe da cabeça, fazia do seu rosto uma horrivel mascara, vermelha e tragica...



Publicação na Revista Raça

ANEXO 135 – Revista *Raça*, n. 13, jun. 2019, p. 32 -São Carlos/SP

Acervo de Octaviano C. Damiano – Fundação Pró-Memória de São Carlos

RAÇA **JUNHO**

E porque os seus próprios descendentes
embaldados da vertigem futurista do século ironizam
com indiferentismo a simplicidade feliz dos que
ainda soltam balões.

Passou o dia de S. João

O M A R

Academia Commercial de S. Carlos

Funciona á noite, das 7 ás 9, bem como o
Curso Anexo, destinado a preparar me-
lhor os alumnos que devem fazer o
Curso Commercial.

*Fundada e dirigida pelo prof. Cavillo
Borges, diplomado pelo Instituto Com-
mercial do Rio de Janeiro.*

Rua Conde do Pinhal, 49-A
Phone, 552 — S. Carlos

POEMAS PERDIDOS

*O poema das mãos soluçantes, que se
erguem num desejo e numa supplica*

Como são bellas as tuas mãos, como são
bellas as tuas mãos pallidas como uma canção
em surdina...

As tuas mãos dansam a dança incerta do
desejo, e afagam, e beijam e apertam...

As tuas mãos procuram no alto a lampa-
da invisível, a lampada que nunca será tocada...

As tuas mãos procuram no alto a flor si-
lenciosa, a flor que nunca será colhida...

Como é bella a volupia inútil de teus de-
dos...

*O poema das mãos que não terão outras
mãos numa tarde fria de Junho*

Pobres das mãos viúvas, mãos compridas
e desoladas, que procuram em vão, desejam em
vão...

Ha em torno a ellas a tristeza infinita de
qualquer coisa que se perden para sempre...

E as mãos viúvas se encarquilham, tra-
mulas, cheias de rugas, vastias de outras mãos..

E as mãos viúvas tactelam, insomnes,—as
frieorentas mãos viúvas...

*O poema dos olhos que adormeceram
vendo a belleza da terra*

Tudo elles viram, viram as aguas quietas
e suaves, as aguas inquietas e sombrias...

E viram a alma das paisagens sob o outo-
nno, o vôo dos passaros vadios, e os crepusculos
sanguejantes...

E viram toda a belleza da terra, esparsa
nas flores e nas nuvens, nos recantos de sombra
e no dorso voluptuoso das collinas...

E a belleza da terra se fechou sobre elles
e adormeceram vendo a belleza da ter-
ra...

CARLOS DRUMMOND

Mensalmente «Raça» apresentará paginas
selectas da mais proveitosa leitura. Entre os
collaboradores desta revista ha nomes de
grande evidencia nas letras do Estado de
São Paulo.

Dr. Antonio Alves Taranto

**CLINICA MEDICA E GIRURGICA DE
ADULTOS E CRIANÇAS, PARTOS E
VIAS URINARAS**

**TRATAMENTO DA SYPHILIS E SUAS COM-
PLICAÇÕES**

Ex-medico assistente do Instituto de Pro-
tecção e Assistencia á Infancia do Rio de
Janeiro do Dr. Moncorvo Filho

Attende chamados a qualquer hora do dia
ou da noite, dentro ou fóra da cidade.

RUA S. CARLOS, 126 — PHONE, 135

Publicações em *Gazeta Commercial*

ANEXO 136 – “As condições atuais da poesia no Brasil”, *Gazeta Commercial*, Juiz de Fora, 20 de jul. de 1924.



As condições actuaes da poesia no Brasil

com...
alimen...
mento...
anismo...
édica...
lissier...
arior...
post...
z Ver...
stra...
NDICAN...
cipres...
ço de sy...
s propos...
os estão...
tutos e...
idade...
nportam...
formul...
facio...
cia...
or escrip...
umpio...
para sy...
PESSOA...
missão...
relacion...
empregad...
durando...
os especia...
as notas...
MATERIAL...
missão...
ever rece...
r e relacion...
eres pert...
e, escrip...
ada um...
ENSINO PRA...
missão...
por deve...
pratico...
inspeccion...
colas, pro...
conferenci...
dos emp...
do serv...
o de paz...
bitaes e...

Emmudecida a lyra gloriosa de Olavo Bilac, operou-se no paiz uma grande transmutação de valores poeticos. Bilac foi, mesmo, o unico artista de mol-des parnasianos de que con-servamos o nome livre de irre-verencias. Preservou-o a alta nobreza dos seus versos, que não cedo não serão esquecidos. Se é volúvel a nossa memoria, nem por isso o cantor de Fernão Dias Paes Leme terá a sua obra exposta ao sarcasmo dos vindouros. E' que elle nos deixou mais de uma collecção banal de versos parnasianos: deixou-nos o arrebatamento tropical, o gosto enamorado da terra, e, ao fim, o seu cansaço, que era ainda o cansaço de um filho dos tropicos. Destino maravilho-so, o desse poeta! Não o poderemos conceber de outra maneira. Sente-se que Olavo Bilac preencheu o seu minuto com o maximo de acção e de sentimento, e deixou a vida desdobrar-se como uma succes-são de paizagens sempre no-vas, ao longo de uma viagem ardente mas orientada. Moço, agitou e soifreu os espasmos e deliquios de um temperamento de fogo. Foi vivendo, experi-entando os homens e as coi-sas, indagando, pedindo, can-tando. Ao morrer, poderia af-irmar que não falsificara o seu destino. Respeitamol-o com ra-zão. E quando não agissem ou-tros motivos, sua obra seria considerada ao menos pela fei-ção nacionalista de muitos dos nossos poetas, sabido que o na-cionalismo é, paradoxalmente, uma tendencia de peso na mo-derna literatura brasileira.

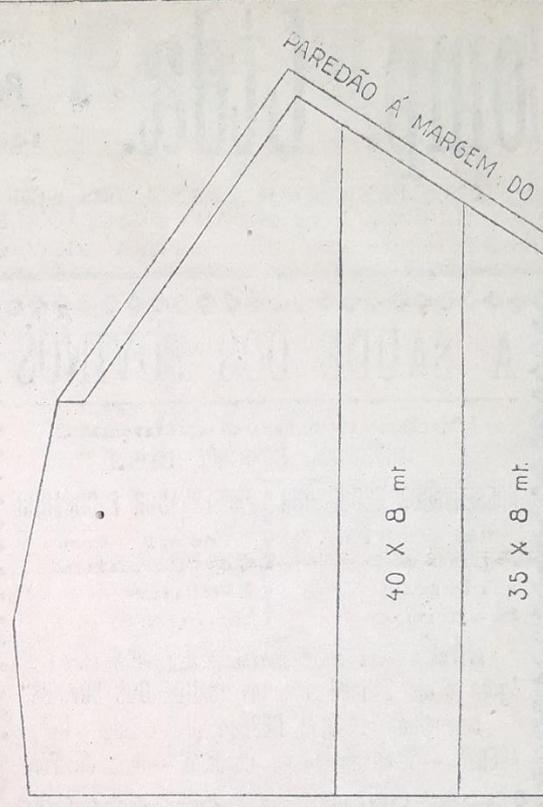
...o mesmo não acontece com o sr. Alberto de Oliveira, que vem sendo impiedosamen-te atacado, e a quem, em boa hora, não poderíamos dese-jar melhor sorte. Em nenhum ponto poeta a lyra parnasiana é mais insensível, nem corres-pondeu menos a nossas ne-cessidades espirituaes. Conden-ando a natureza mesma do seu espirito: espirito de escola, li-berado ao tempo, e que, logi-camente, passou com a sua es-cripção e o seu tempo. Das cu-riofiguras da sua geração,

de tudo, precisamos reformar essa idéa de nacionalismo, que interpretações viciosas tanto deturpam. Ou faremos isto, ou reinará um eterno *mal en-tendu*. Com effeito, não valia a pena fazer-se uma revolução literaria para voltar ás fórmula e preconceitos estheticos do sr. Coelho Neto e do sr. Catullo Cearense.

E' um falso nacionalismo, esse que enche as paginas in-toleraveis dos *Mané Chique-chique*, e nos manda cantar o boi, o café, a canna de assu-car e o caboclo dessorado. Contra o grupo sertanista de nossas letras de ha muito se vinha oppondo o grupo de es-criptoros urbanistas, cujo nome mais alto é Machado de Assis, e que dispunha da sympathia das nossas melhores intelligen-cias. Como seria lamentavel que reincidissemos no erro de fa-zer literatura com o sertão, in-culto, primitivo e rudimentar! Este perigo, felizmente, está afastado. O nacionalismo não irá degenerar em regionalis-mo. Ninguém poderá achar o sr. Monteiro Lobato um gran-de escriptor moderno, ou o sr. Cornelio Pires um admira-vel poeta reaccionario... Mas acontece que o nacionalismo, mesmo em suas modalidades mais amplas, é um principio anti-pathico.

Elle repugna aos espiritos sadios e lucidos. Admissivel na ordem politica, é de todo in-conveniente na ordem estheti-ca. E é um doce engano, esse de que teremos uma litera-tura genuinamente brasileira apenas com a utilização de motivos brasileiros. Assim, fa-zer poesia tropical á *outrance* é um ingenuo delirio. Os the-mas da poesia são universaes. As palmeiras de Gonçalves Dias não nos farão esquecer as paizagens "civilizadas" da Europa (e vice-versa).

E' a esse desvirtuamento da campanha modernista no Bra-sil que brilhantemente responde o sr. Guilherme de Almeida, o sr. Guilherme de Almeida, publicando as suas vivas e sa-borosas *Canções gregas*. Es-te poeta malicioso e ágil nos ensina que, sob o céu azul, e



MARGEM DA CENTRAL E LEOPOLDINA - FRE

Em vista das informações que pude colher, não p-cedem duvidas que alhures se têm levantado, sobre se p-temem a esta Canara, em qualquer parte, os terrenos q-limitam de um lado com o rio Parahybuna, de outro com-rua Halfeld, junto á ponte Arthur Bernardes, e de out-lado com a rua da Piaú, margem direita do dito r-que dos quaes é o em que se pretende edificar o pre-a que se refere este requerimento.

Por escriptura publica de 18 de março de 1920, f-ram elles adquiridos, de Francisco Napoli e sua mulhe-por d. Michaela Angela Garcia, que dividiu em lotes, d-quaes revendeu um ao supplicante: o em que ora se p-temende edificar.

Affirmam antigos moradores desta cidade, como o s-nhor Henrique Surerus, que, desde antes da construc-ção da linha da Estrada de Ferro Central, proximo do loc-o rio Parahybuna atravessava a actual rua Halfeld o mesmo ponto onde hoje se acha construida a ponte Dr. A-thur Bernardes e logo em seguida, em curva para a d-reita, demandava a Estrada União e Industria, hoje av-nida Quinze de Novembro, de onde, em curva para a esquerda, lançava-se no ponto onde hoje ainda corre, léste da linha referida da E. F. Central. O sitio onde e-nossos dias se acha o Hotel Central, estava, pois, á ma-gem direita do rio, e ahí se costumava abater gado pa-alimentação, como affirmou-me o venerando e emineu-sr. dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa, sem que houves-s-este matadouro publico ou pertencesse o terreno á C-

trajadores. das glandulas... em tuberculo... resultados: de hemopti... copiosas, de mensuruaes, leforças e aulte... elhada é de glandula mam... dia, durante ez. terapia não

Art. 31. A comissão do material tem por dever receber e guardar, conservar e relacionar todos os haveres pertencentes á sociedade, escrevendo o valor de cada um.

DA COMISSÃO DO ENSINO PRÁTICO

Art. 32. A comissão do ensino pratico tem por dever fiscalizar o ensino pratico do pessoal sanitario, inspecionar os dispensarios-escolas, promover e presidir as conferencias para a instrução dos empregados e auxiliares do serviço de saúde, em tempo de paz e de guerra, nos hospitais e sanatorios.

DR. EUGLYDES GOULART BUENO (Continúa)

os pe-
os

O INTERCAMBIO ARGENTINO

BUENOS AIRES, 19 (A. A.) — Segundo os ultimos dados do intercambio commercial da Argentina em 1923 subiu a 1.639 milhões de pesos, ou, notando-se o augmento de mais 274 milhões sobre 1922.

A.)— Chelal sete poportados em ante de Are... manifestaram politica da quem s imperia-

Placas Universal

J. Tardío—Juiz de Fóra

adeira
Fóra

Infracção da lei de vehiculos

Foram ajuizados, como infractores da lei de vehiculos, os carroceiros Sebastião Anastacio, da carroça n. 430, de propriedade do sr. Alexandre Leonello, e Manoel Francisco, da carroça n. 436.

a da
na

Mancaes de Esphera N. K. A.

J. Tardío—Juiz de Fóra

O jornal atampou a o rei, as. accor- nsa, o publica-

Furto de gallinhas

O sr. Alcides Alyes, residente á rua de Santo Antonio n. 597, queixou-se á policia de que os galunos penetraram no quintal de sua casa, ahi furtando varias cabeças de gallinhas.

NO
meio

Dr. José de Mendonça
Medico da Santa Casa
Com longa pratica no tratamento de molstias intrinas, especialmente de crianças, estomago, sypulitis e febres
CONSULTAS PELA MANHA E DE 11 ás 2 HOPAS DA TARDE
Residencia: rua do Espirito Santo, 379
Telephone, 178
Abatimento de 50 r. aos empregados do commercio e operarios
VIAJA PARA FÓRA DA CIDADE

Art. 31. A comissão do material tem por dever receber e guardar, conservar e relacionar todos os haveres pertencentes á sociedade, escrevendo o valor de cada um.

de escultor moderno, ou o sr. Cornélio Pires um admiravel poeta reaccionario... Mas acontece que o nacionalismo, mesmo em suas modalidades mais amplas, é um principio antipatico.

Ele repugna aos espiritos sadios e lucidos. Admissivel na ordem politica, é de todo inconveniente na ordem esthetica. E é um doce engano, esse de que teremos uma literatura genuinamente brasileira apenas com a utilização de motivos brasileiros. Assim, fazer poesia tropical á outrance é um ingenuo delirio. Os themes da poesia são universaes. As palmeiras de Gonçalves Dias não nos farao esquecer as paizagens civilizadas da Europa (é vice-versa).

E a esse desvirtuamento da campanha modernista no Brasil que brilhantemente responde o sr. Guilherme de Almeida, publicando as suas vivas e saborosas *Canções gregas*. Este poeta malicioso e agil nos ensina que, sob o céu azul, a alma dos homens tem mil e uma vivendas, e ama transportar-se ás mais diversas regiões. Certamente que a nós, filhos do tropico, ha de sorrir a sombra volupiosa dos grandes tinhorões, á margem da agua cantante dos correiros. Sob a luz recta do sol, emprehendemos jogos ardentes, numa extranha mistura de homens cor de bronze e animaes sarapintados. Mas em nosso espirito vadio erra a nostalgia de paragens longinquas, onde nunca estivemos e onde a nossa alma viveu alguns instantes inesqueciveis: Paris, Versailles, a Roma dos Cesares e dos papas, Athenas... Ninguem me fará entrar na cabeça que São João d'El-Rey vale Florença, e que o Aleijadinho é superior a Miguel Angelo.

O livro do sr. Guilherme de Almeida — *A frauta que eu perdi* — é tanto mais oportuno quanto chega num momento em que se vae crystallizando um injustificavel preconceito anti-hellenista. Seria ocioso rebater aqui esse preconceito. Todos nós sabemos que um poeta verdadeiramente moderno se aberra em todas as fontes de poesia. E justamente nisso elle se distancia do velho poeta, que cantava a Grecia mas não admittia a estrada de ferro. Nós, ao contrario, aceitamos Eleusis e o T. S. F.

Na *A frauta que eu perdi* haverá artificio, mas ha principalmente arte. Ninguem se engana, lendo esses versos luminosos e fortes: irecula no seu intimo uma seiva intensa de poesia. A primeira vista, o livro nos parecerá suspeiço; é um livro todo de canções gregas — lir-seia encorajado. Dizem que o fallecido Sully-Prudhomme fez um poema em doze cantos sobre a felicidade. São terriveis, os poetas assim; perdem os leitores pelo caminho. Este

cedem duvidas que alhures se tem levantado, temem a esta Camara, em qualquer parte, limitam de um lado com o rio Parahybuna, com Halfeld, junto á ponte Arthur Bernardes, e do outro lado com a rua da Piaú, margem direita um dos quaes é o em que se pretende a que se refere este requerimento.

Por escriptura publica de 18 de marzo ram elles adquiridos, de Francisco Napoleão por d. Michaela Angela Garcia, que divisa quaes revendeu um ao supplicante: o em tende edificar.

Afirmam antigos moradores desta e nhor Henrique Surerus, que, desde antes da linha da Estrada de Ferro Central, p o rio Parahybuna atravessava a actual mesmo ponto onde hoje se acha construido thur Bernardes e logo em seguida, em reita, demandava a Estrada União e In nida Quinze de Novembro, de onde, esquerda, lançava-se no ponto onde l léste da linha referida da E. F. Centra nossos dias se acha o Hotel Central, e gem direita do rio, e ahi se costumava alimentação, como affirmou-me o vene sr. dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa, porém, matadouro publico ou pertencess para Municipal. Desse sitio, narrou-m Surerus, in-se a pé até o Hotel das Na tida das diligencias da Companhia União existia onde é hoje a Tecelagem e Fiaç

Não é exacto, pois, que, do terreno edificar agora, o rio se lançasse directa da actual avenida Quinze de Novembro, principio supuz, caso em que elle dever mencionada terreno, que, portanto, se em grande parte como conquistado a quencia não é tambem exacto que a feita pela E. F. Central, para evitar

não é, porém, o caso do senhor Guilherme de Almeida, de quem cada canção tem para nós um encanto particular. A forma é secca e justa; as palavras são membros perfectos e ageis. E essa poesia não fatiga, porque é temperada por uma discreta emoção.

Não é muito diverso do senhor Guilherme o sr. Ronald de Carvalho, autor dos *Epigrammas ironicos e sentimentales*. É este um poeta que «lê os pensamentos de Epicuro», sabendo casar o desencantamento espirital á soffreguidão dos sentidos. Compra-se de referencia com o que elle diz serem «as coisas mais bellas que ha no mundo: as mulheres, as ondas e as arvores do meu paiz natal». Mas não é difficil achar no seu livro traços do espirito grego. Não nos esqueçamos que elle tem uma primorosa educação classica. A sua propria simplicidade é grega. Em frente a nossas paizagens, o sr. Ronald de Carvalho tem um sorriso de terra melancolia, mas nas dobras desse sorriso ha o quer que seja de ironico (ou seja illusão de um leitor malavisado). Como o sr. Guilherme de Almeida, elle é um voluptuoso, um amigo do sol e dos caminhos claros. Aliás, toda a poesia moderna está

cheia de des risonhas e dos *Epigrammas* de ind mesma, e «contenta- parencia- niense m medidas e Bem div verso de poetas br. de Andra *desvairad* ce que so é verdade não me pronuncia. O s lista urba de um criticos. tornou-se paulistau cidade, e vosas de a alma Já um e chuvilho as garçõ tam cur apressad o tedio lancelias: Mas um para um temos o chora, e outros e

reita pela L. F. Central, para evitar duas pontes quasi

Juiz de Fora, 12 de junho d

não é, porém, o caso do senhor Guilherme de Almeida, de quem cada canção tem para nós um encanto particular. A forma é secca e justa; as palavras são membros perfeitos e ageis. E essa poesia não fadiga, porque é temperada por uma discreta emoção.

Não é muito diverso do senhor Guilherme o sr. Ronald de Carvalho, autor dos *Epigrammas ironicos e sentimentales*. É este um poeta que «lê os pensamentos de Epicuro», sabendo casar o desencantamento espiritual á soffreguidão dos sentidos. Compraz-se de referenciar com o que elle diz serem «as coisas mais bellas que ha no mundo: as mulheres, as ondas e as arvores do meu paiz natal». Mas não é difficil achar no seu livro traços do espirito grego. Não nos esqueçamos que elle tem uma primorosa educação classica. A sua propria simplicidade é grega. Em frente a nossas paizagens, o sr. Ronald de Carvalho tem um sorriso de terna melancolia, mas nas dobras desse sorriso ha o quer que seja de ironico (ou seja illusão de um leitor malavisado). Como o sr. Guilherme de Almeida, elle é um voluptuoso, um amigo do sol e dos caminhos claros. Aliás, toda a poesia moderna está

cheia desse amor ás fórmulas risonhas e rutilantes. O autor dos *Epigrammas* sabe que «a vida é indifferente», e, por isso mesmo, «não implora a vida»: «contenta-se com ser uma apparencia». São de um atheniense muitas de suas palavras medidas e graves.

Bem diverso, infinitamente diverso de ambos e dos demais poetas brasileiros, é o sr. Mario de Andrade, autor da *Paulicéa desvairada*. Diz-nos elle: «Parece que sou todo instincto... Não é verdade. Ha no meu livro, e não me desagrada, tendencia pronunciadamente intellectualista.» O sr. Mario é um regionalista urbano, segundo a phrase de um dos nossos melhores criticos. Vivendo em S. Paulo, tornou-se o cantor das avenidas paulistanas. Eis ahi o poema da cidade, escripto pelas mãos nervosas de um homem que sentiu a alma polymorpha das ruas. Já um outro poeta cantara o chuvilho monotono de S. Paulo, as garças de cinza, onde palpitam curvas de costureirinhas apressadas, e que arrastam para o tedio e as lagrimas de melancolia: o sr. Ribeiro Couto. Mas um só poeta é bem pouco para uma grande cidade, e ahi temos o sr. Mario, que tambem chora, mas que experimenta outros estados de alma: «Garanto

que chorei, que cantei, que ri, que berrei... Eu vivo!»

Exactamente. Numa palavra: o sr. Mario de Andrade vive. É uma das necessidades da vida é fazer versos. A principio, elle os fazia bastante exactos, com rimas e hemistichios, e convenhamos que mediocres. O soneto que nos apresenta como typo é bem máosinho, benza-o Deus. Um dia, elle sentiu a allucinação da cidade cheia de fabricas, de trilhos e de mulheres venenosas. Tomou de um papel e escreveu a *Paulicéa desvairada*.

Carlos Drummond

(A concluir no proximo numero)

R. PETERSEN & COMP. LTDA.

Rio de Janeiro

RUA BUENOS AIRES, 178

CAIXA POSTAL 759

Representante em Juiz de Fora, á rua Barbosa Lima n. 247

Secção "WILHELM EISENFUEHR"

Machinas industriaes e ferramentas para officinas mecanicas, serrarias e carpintarias

Tarrachas para Ferro e Tubo

J. Tardio—Juiz de Fora

ANEXO 137 – “Condições atuais da poesia no Brasil (conclusão)”, *Gazeta Commercial*, Juiz de Fora, 22 de jun. de 1924.

DIRECTOR
JEFFERSON GUIMARÃES
GERENTE
JEFFERSON GUIMARÃES
 Redação e administração
RUA DR. FRONTIN N. 121
 TELEPHONE N. 103

ASSIGNATURAS
 ANNO 30000
 SEMESTRE 15000
 TRIMESTRE 5000
 Numero avulso, 200 reis

GAZETA COMMERCIAL
 ORGAN DO COMMERCIO, LAVOURA E INDUSTRIA — PROPRIEDADE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE JUIZ DE FORA

ANNO I Juiz de Fora—Terça-feira, 22 de julho de 1924 NUM. 115

Cerrando fileiras

No domingo, 13 do corrente, o Centro Civico Arthur Bernardes fez a primeira reunião para combinar os meios de lutar a actuação em defesa da legalidade e manifestar apoio e solidariedade ao governo da Republica na presente emergencia, em face do movimento sedicioso que se verificou na cidade de S. Paulo e em que tropas amotinadas commettent tropelias e espalham terror e a consternação á população ordeira e pacata da capital paulista.

Convidado por um dos membros da directoria, o meu amigo professor Lindolpho Gomes, compareci á assembleia; e compareci porque não queria perder a occasião de levar o meu apoio ao egregio cidadão que dirige os destinos do paiz.

Compareci porque não queria deixar passar a oportunidade de manifestar a minha solidariedade com o governo da Republica; compareci porque, não sendo ainda o governo querido, se utilizar dos meus serviços, em sua defesa, no theatro da luta, entendi que devia, por este meio, mostrar que estive inteiramente ao seu lado; e, em nome da ordem, do lado da legalidade, ao lado das autoridades legitimamente constituídas.

Depois do sr. dr. Pedro Marques, um dos brilhantes oradores da reunião, convidou os presentes a tomarem o seu lugar na mesa; accedemos ao convite attencioso e gentil. Não sou politico nem me interessava fazer politica; mas

Industria de malharia

FALTA DE FIOS NO MERCADO

DUAS OFFERTAS

A Associação Commercial desta cidade recebeu o seguinte telegramma:

«Dr. Clovis Mascarenhas — Juiz de Fora.

RIO, 18 — Offerecemos cem kilos de fio de 50/2 mako, mercerizado, penteado com a 31S, em nosso armazem, embarque immediato. — *Gracioso.*»

— Do sr. Ralph Olshburgh recebeu a mesma associação a seguinte carta:

«Rio de Janeiro, 18 de julho de 1924.

Exmo. sr. Clovis Mascarenhas — Associação Commercial de Juiz de Fora.

Exmo. sr. — Tendo lido na *A Noite* de hontem a comunicação que v. ex. fez á Federação das Associações Commercias do Brasil, sobre a falta de fio nesse mercado, devido á revolução em S. Paulo, venho comunicar que, achando-se actualmente aqui o senhor Atkinson, representante dos srs. Joseph Clay & Comp., de Bradford, importantes fabricantes de fio para malharia e

Os acontecimentos de S. Paulo

O comicio do Centro Civico

Arthur Bernardes -- Resposta do sr. presidente da Republica á A. C. J. F. -- Inferiores promovidos :: :: ::

Conforme estava annunciado, realizou-se hoje grande comicio pela legalidade, á elle comparendo verdadeira multidão, que vibrou de extraordinario enthusiasmo. O nome v. ex., do presidente Republica e Carlos Campos foram continuamente aclamados.

Falaram drs. Pedro Marques de Almeida, Cardoso Sobrinho, Machado Sobrinho, Pedro Vieira Mendes e sargento Wanderley dos Reis.

Saudações. — *Severino Costa, presidente.*

A Associação Commercial desta cidade recebeu o seguinte telegramma do sr. presidente da Republica:

«Rio, 17—Agradeço penhorado os seus confortadores protestos de solidariedade, nesta hora em que a patria exige

Cruz Vermelha Mi-

neira

Suspensão de

transações

R. PETERSEN & COMP. LTDA.
 Rio de Janeiro
 RUA BUENOS AIRES, 178
 CAIXA POSTAL 759
 Representante em Juiz de Fóra, á
 rua Barbosa Lima n. 247
Seção "ARMAS"
 Armas, munições e artigos de caça
 e sport. Com sortimento gran-
 de e sempre renovado de proce-
 dencia allemã, belga, norte-
 americana e hospañhola
 A casa está apta a receber en-
 comendas de armas e ape-
 trechos bellicos dos bata-
 lhões patrióticos

Estações de monta provisórias

Tendo os criadores mineiros srs. dr. Hugo de Andrade Santos e Raul Ribeiro do Valle solicitado a cessão, por empréstimo, de touros da raça Simmenthal, existentes na estação de monta de Juiz de Fóra, o sr. ministro da Agricultura autorizou a instalação nas fazendas dos mesmos criadores de estações de monta provisórias, nos termos das instruções approvadas por portaria de 25 de outubro de 1923.

Rectificadores Universal
 J. Tardir — Juiz de Fóra

Successão presidencial no Chile

SANTIAGO, 21 (A. A.) — Começou a agitar-se em todo o país a questão da successão presidencial da Republica. Entre os candidatos apontados figura o senador Ladisláo Errazurris, homem publico de real influencia.

O TEMPO

Observações effectuadas ás 9h.0 (correspondendo a 0h.00 Greenwich).
 Dia 21 de julho de 1924 :

Pressão barométrica a O.	711.4
Temperatura	7.2
Temperatura maxima	23.0
Temperatura minima	4.4
Humidade relativa	97
Vento	C
Chuva	Vespera 0 mm
Evaporação	(s) 1 mm 1
Insolação	(s) 7 hs. 1

Freza Universal
 J. Tardir — Juiz de Fóra

quanto não esses poemas. Néo-romantico é o sr. Olegario Mariano, mesmo nas paginas da *Cidade maravilhosa*. Apaixonado por todas as mulheres, nos seus versos não ha senão sombras femininas, e todas as suas palavras são de amor. E ás vezes frívolo, e muitas vezes mundano. São males da literatura de semanario. Perdoamo-lo pelo poder de seducção que ha em seus poemas. Nota-se que a sua imaginação não é contorlada pelos rigores de uma fina cultura. Não o perseguem duvidas metaphysicas. Mais do que nenhum outro, elle goza o doloroso momento que passa, com uma alegria caprina nos olhos. Mas os seus olhos também sabem commover-se, e desta mistura de desejo e commoção nasce o interesse de sua poesia.

O sr. Onestaldo de Pennafort, um dos nossos mais jovens poetas, encaminhou os primeiros passos na estrada do sr. Olegario Mariano. Já nos apparece, comtudo, em pleno desabrochamento da personalidade, no seu ultimo livro *Perfume*. Aproveitou-se das conquistas liberaes do movimento renovador. Mas, um tanto imprevisito, resuscita as fórmulas archaicas da poetica portugueza, e faz eclogas deliciosas... E' um poeta delicado, profundamente melancolico, tendo o gosto dos interiores em penumbra: ainda um néo-romantico, amando o «pavão branco do luar» e cantando a «lyrial princeza que espera um cavalleiro que não passa...»

Certo, não pertence a essa familia espiritual a sra. Cecilia Meirelles, que se afirmou com o *Nunca mais* e *Poema dos poemas*. Sua alma atormentada pede as consolações do extremo mysticismo, attingindo regiões hyperboreas a que, até agora, ninguem havia chegado em nossas letras. E não será a mais admiravel das nossas poetisas, essa que é, simultaneamente, a menos brasileira de todas? Falando em seu nome, somos irresistivelmente levados a evocar escriptores como Maeterlinck e Tagore, em que a sra. Cecilia Meirelles deve reconhecer almas inspiradoras da sua. Nos seus versos não ha o menor sentimento da terra. Sem ser um espirito exotico, é um espirito universal. Quantas coisas haveria a dizer sobre essa oppo-

que elle faz questio... mar idéas de barbaro. Acon- tece que o sr. Oswald de Andrade um barbaro corrompido pela intelligencia. No seu conflicto intimo, o eterno conflicto da imaginação com o sentimento venceu este ultimo. A tragedia é velha, e já foi sentida por Nabuco. No caso de que nos occupamos o barbaro venceu, mas ficou pervertido. Assim para justificar um plano de systematização poetica firmado em valores emocionaes (sentimento da terra, do passado da raça, etc.), teve o sr. Oswald que recorrer a sua imaginação, não de barbaro, mas de europeu exilado na America. E por mais que faça valer a sua innocencia de tropical, sua dialectica tem subtilidades de quem viajou as almas e os livros.

Em que consiste a poesia Páo Brasil? «A poesia Páo Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos canando na matta resumida das gaiolas, um sujeito magro com pondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente. O sr. Oswald de Andrade fala por figuras a um povo que ama e comprehende.

Falla a essa poesia o caracter de universalidade, sobrando-lhe os dotes de côr local e pittoresco. Insisto nesta idéa de que não podemos restringir ao panorama brasileiro a faculdade de nos offerecer suggestões intellectuaes, visto como elle não nos satisfaz, inteiramente. O feitiço da terra, que forma tão amaveis cadeias, não saberia vedar-nos ao olhar inquieto as insufficiencias e imperfeições que nos rodeiam. Esse estado de innocencia, que o sr. Oswald encontra em nossa condição de raça virgém, não poderá caracterizar a nossa poesia. Ainda uma vez somos forçados a reconhecer que a poesia é uma flor de cultura e requinte, e que, emfim, a materia poetica nada representa em relação ao espirito que a modela. A nossa poesia terá que receber ainda por muito tempo o influxo de correntes estrangeiras, sem que por isso ella se faça menos nossa. Gonçalves Dias, trabalhado por uma educação classica, respirando sob o estreito céu conimbricense, teve força bastante para animar alguns motivos brasileiros, e de tal sorte o fez que o seu nome é hoje respeitado por modern-

que elle faz questio... mar idéas de barbaro. Acon- tece que o sr. Oswald de Andrade um barbaro corrompido pela intelligencia. No seu conflicto intimo, o eterno conflicto da imaginação com o sentimento venceu este ultimo. A tragedia é velha, e já foi sentida por Nabuco. No caso de que nos occupamos o barbaro venceu, mas ficou pervertido. Assim para justificar um plano de systematização poetica firmado em valores emocionaes (sentimento da terra, do passado da raça, etc.), teve o sr. Oswald que recorrer a sua imaginação, não de barbaro, mas de europeu exilado na America. E por mais que faça valer a sua innocencia de tropical, sua dialectica tem subtilidades de quem viajou as almas e os livros.

passadistas. Que fresco e pureza de linhas na *Canção do exilio*, por exemplo, poema que é ainda o mais representativo de toda a no-

logo ao principio, os do nacionalismo. Esp e elles não terão escapado Oswald de Andrade quando o seu manifesto. I, pois, citar o ardente quando, num dos s *Correio da Manhã*, um pouco as s *O nosso trabalho* e a simples continua e mesmo chega a um caracter de tradição: o ritmo do indio negro; nas artes plasticas; na literatura, o *folklore*. E outra vez *Nenhuma fórmala contemporanea* expresso *Ver com olhos livres* a linha modesta e a segunda é de afirmação de liberdade. Confiemos, portanto, em todas as suas idéas e seus ideaes

Carlos Drummond
 para Estampa
 Batatas planta par

ha, e já foi sentida...
co. No caso de que...
pamos o barbaro...
ficou pervertido. Assim...
justificar um plano...
matização poetica firmada...
alores emocionaes (sent...
da terra, do passado...
ça, etc.), teve o sr. O...
que recorrer a sua imagi...
, não de barbaro, mas de...
eu exilado na America...
mais que faça valer...
nocencia de tropical, su...
ica tem subtilezas de...
viajou as almas e

que consiste a poesia...
Brasil? «A poesia Pa...
é uma sala de jantar do...
eira, com passarinhos...
do na matta resumida da...
, um sujeito magro com...
uma valsa para flautas...
cota lendo o jornal. No...
anda todo o presente...
Oswald de Andrade fal...
guras a um povo que as...
compreende.

a essa poesia o caracte...
versalidade, sobrando-lhe...
es de côr local e pitto...
Insisto nesta idéa de que...
demos restringir ao pa...
a brasileiro a facultade...
offerecer suggestões in...
aes, visto como elle não...
atisfaz, inteiramente. O...
da terra, que fórma tão...
s cadeias, não saberia...
nos ao olhar inquieto as...
ciencias e imperfeições que...
deiam. Esse estado de in...
ia, que o sr. Oswald...
ra em nossa condição de...
rgém, não poderá caracte...
nossa poesia. Ainda uma...
mos forçados a reconhe...
e a poesia é uma flor de...
e requinte, e que, emfim...
ria poetica nada representa...
relação ao espirito que a...
A nossa poesia terá que...
r ainda por muito tempo...
uxo de correntes estran...
sem que por isso ella se...
menos nossa. Gonçalves...
rabalhado por uma educa...
classica, respirando...
ito cõo conimpricense, teve...
bastante para animar...
notivos brasileiros, e d...
te o fez que o seu nome...
respeitado por modern...

ficiencia oro-valvular.
Huchard dizia que, salvo nos...
casos de pulso lento e de an...
gina de peito, a syncope não...
existe nas affecções cardiacas:
basta tratar o estomago que...
as syncopes desaparecem.
As depressões nervosas pro...
vocam a vertigem auricular.

tas e passadistas. Que frescura...
e que pureza de linhas na sua...
Canção do exilio, por exemplo,
esse poema que é ainda o mais...
representativo de toda a nossa...
poesia!

Alludi, logo ao principio, aos...
perigos do nacionalismo. Espero...
que elles não terão escapado ao...
sr. Oswald de Andrade quando...
elaborou o seu manifesto. Pre...
firo, pois, citar o ardente es...
criptor quando, num dos seus...
artigos no *Correio da Manhã*,...
restringe um pouco as suas...
idéas: «O nosso trabalho deve...
ser, pois, a simples continuação...
nacionalizante dessas tendencias...
já definidas e mesmo chegadas...
a um caracter de tradição: em...
musica, o rythmo do indio e o...
canto negro; nas artes plasticas...
a ingenuidade dos mulatos mys...
ticos; na literatura, o *folk-lore*.
Não se evitem, porém, novas...
informações.» E outra vez no...
manifesto: «Nenhuma fórmula...
para a contemporanea expressão...
do mundo. *Ver com olhos livres.*»
O primeiro trecho reduz o mo...
vimento a linhas modestas e...
mais accetaveis; o segundo é uma...
generosa affirmção de liberda...
de. Confiemos, portanto, no...
esforço dessa geração sem com...
promissos nem preconceitos:
nem todas as suas idéas são...
justas, mas os seus ideaes são...
luminosos.

Carlos Drummond

Prensas para Estamparia
1. Tardio - Juiz de Fora

Batatas para
planta

Encontram-se no Armazem
Quetroz. - Rua Baptista de O...
veira, 379.

ente da sociedade do presi...
Paragraphe unico. O reda...
tor-chefe, que é o presidente...
da commissão, será interina...
mente substituido por um dos...
membros, nomeado pelo presi...
dente da sociedade.

DR. EUCLYDES GOULART BUENO
(Continúa)

Polias de Madeira

1. Tardio - Juiz de Fora

BRASIL-FERRO-CARRIL

O n. 355, de 15 do corrente mez, d...
Brasil-Ferro-Carril, revista semanal...
de transportes, economia e finanças...
contém o seguinte summario:

Alguns dos mais importantes as...
pectos do relatório da missa in...
gleza.—A industria do papel no Ca...
nadá e as possibilidades do Brasil...
em materias primas.—A riqueza e a...
densidade demographica.—O imposto...
de renda e a agricultura.—A indus...
tria de laticinios na Dinamarca e n...
Brasil.—A reforma e institucional...
A funcção da engenharia sanitaria...
—A luz que agniza.—O Estado do...
Rio Grande do Sul.—Noticiario: Ne...
tas ferroviarias.—Navegação marit...
ma e fluvial.—Cães, cães e portos...
—Noticias e noticias.—Varias not...
cias.—Electricidade.—Obras publi...
cas.—Estradas de rodagem.—Indus...
trias extractivas.

“MINERVA”

o melhor relógio

PARA HOMENS E SENHORAS

Veiga, Evaristo N. vaes, Mar...
cisco de Brito, Alcides C...
Barbosa, José Alves de Sou...
derico Fign r.

Sirve-me do ensino para...
v. ex. ca pr testes da minha...
da e mui distincta conside...
Oscar Ferreira de Carvalho...
secretario.

W. PETERSEN & COMP. I...
Rio de Janeiro
RUA BUENOS AIRES.
CAIXA POSTAL 759

Representante em Juiz de F...
Rua Barbosa Lima n. 20

Secção “A C O”
Acos de todas as qualida...
e b tolas das unicas “BOE...
—Em Vienna—universalm...
te conhecidas e afamad...
2525252525252525

Mais um progresso pa...
cidade de Rio Novo

Sapataria Smart
O proprietario deste esta...
mento industrial participa so...
amigos e freguezes e ao publi...
geral que res. lveu incluir ann...
seu estabelecimento um dep...
calçados finos de diversas fa...
do Rio.

A distincta clientella enco...
um finissimo mostrario de ca...
finos para homens, senhoras e...
ças, bem como bellissimas al...
tas de verniz e de vaqueta esc...
sapatinhas para bebês. Tem ta...
um escolhido stock de finas me...
O proprietario, Agostino C...
A.

Tornos Mecanicos
Tardio - Juiz de Fora